

P. STEPHANE & JOSEPH PIAT



História de uma Família



História de uma Família

LIVRARIA APOSTOLADO DA IMPRENSA

BERTOLINI
OLIMPIA, SET/2009.

J. W. J. S.

A nossa muito estimada

D. Aneliêlia,

aferecemos esta pequena
lembrança.

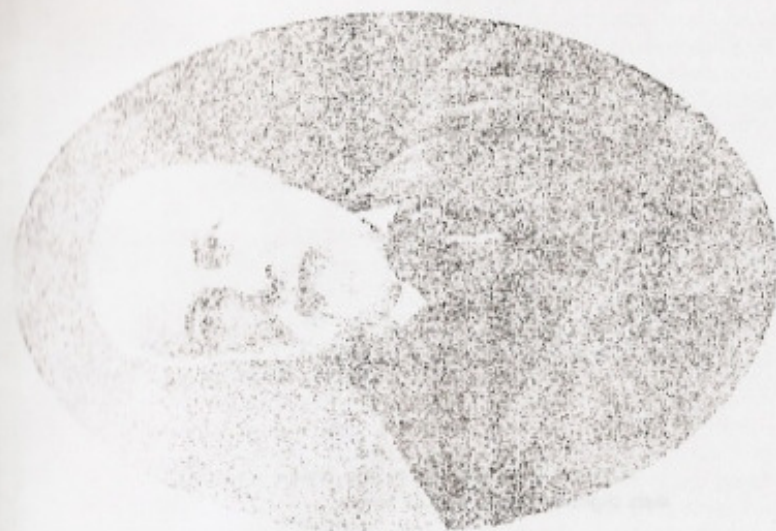
Caruêlo da S^{ma} Trindade
Petrópolis, 10 março 1953

HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA

Irma Maria Evangelista
da Assunção e. d.

R. Savi

Tradução autorizada pelo «Office Central
de Lisieux», com direitos exclusivos de
tradução e edição em língua
Portuguesa para Portugal e Brasil.



270

P. Stéphane-Joseph PIAT
O. F. M.

HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA

UMA ESCOLA DE SANTIDADE

O LAR ONDE FLORESCEU
SANTA TERESA DO MENINO JESUS

TRADUÇÃO DA 4.^a EDIÇÃO FRANCESA
REVISTA POR
MANUEL VERSOS FIGUEIREDO, S. J.



LIVRARIA APOSTOLADO DA IMPRENSA
RUA DE CEDOFEITA, 628 — PORTO

passo apressaria ao mesmo tempo o despedaçar do seu coração paterno e a sua solidão?

A estes exemplos de vida conjugal e de vida de família ajuntou V.^a Rev.^a os exemplos de uma vida laboriosa e de uma elevada consciência profissional, que hoje também é oportuno recordar para esclarecer e corrigir o procedimento de muitos leitores. Para tudo dizer numa palavra, é o retrato de dois modelos incomparáveis — para não dizer de dois santos padroeiros — que V.^a Rev.^a propõe à admiração e à imitação dos pais cristãos.

É-me permitido acrescentar que o talento do biógrafo e o entusiasmo visível que dirigiu a sua pena hão-de com certeza contribuir para o prestígio dos biografados e para o encanto e edificação do leitor? Seja-me dado sugerir a V.^a Rev.^a um alvitre: desejaria que uma ilustração escolhida e abundante viesse acrescentar às páginas já tão encantadoras do livro de V.^a Rev.^a o interesse da vida e da cor locais.

Julgo que um êxito semelhante ao da História de uma Alma acompanhará os esforços de V.^a Rev.^a e que um bem imenso provirá desta publicação. É nesta esperança que eu abençoo de todo o coração a iniciativa de V.^a Rev.^a pedindo-lhe que aceite os meus sentimentos da maior dedicação em Nosso Senhor.

Francisco Picaud

† Bispo de Bayeux e Lisieux.

Declaramos querer conformar-nos em tudo com os decretos do Sumo Pontífice Urbano VIII, submetendo à Autoridade da Santa Igreja todos os factos narrados nesta biografia, todos os juízos nela formulados e todos os termos de veneração que nela se empregam.

«Deu-me Deus um Pai e uma Mãe
mais dignos do Céu que da terra».

S.^{TA} TERESA DO MENINO JESUS

INTRODUÇÃO

A 13 de Julho de 1858 uniam-se pelos laços do matrimónio Luís Martin e Zélia Guérin. A 13 de Julho de 1927 Pio XI tomava extensivo à Igreja universal o Ofício e Missa de Santa Teresa do Menino Jesus.

A coincidência das datas sublinhava a seu modo a filiação espiritual que, ao reforçar os laços de sangue, unia, até na glória, a Taumaturga e seus Pais.

"Se não fosse esta, não existiria esse", dizia espiritualmente a mãe do futuro Pio X, aproximando a sua aliança de casamento do anel episcopal.

Sem a atmosfera patriarcal da rua de Saint-Blaise e dos Buissonnets, não teria sido tão direita a linha ascensional da Carmelita. Ela mesma tem o cuidado de no-lo notar na introdução da sua auto-biografia: "A flor que vai contar a sua história alegra-se com ter de publicar as delicadezas de Jesus absolutamente imerecidas... Foi Ele que fez com que nascesse em terreno santo e como que todo impregnado de perfume virginal; foi Ele que fez preceder o seu nascimento do de oito açucenas branquinhas".

"A natureza não opera por saltos". É por degraus que as camadas do solo se dispõem até ao cume das montanhas. A graça, sem ignorar as improvisações e as iluminações-relâmpagos, procede também, habitualmente, por ascensões regulares e normais. Deus, querendo elevar alguém aos cumes da santidade, prepara e dispõe antes cadeias de gerações. Raros são os gigantes da virtude que se erguem isolados e como que desarraigados do torrão familiar. Santo Aleixo, a viver no vão da escada e que se escapou de casa, na noite de núpcias, S. Francisco de Assis, amaldiçoado e deserdado pelo pai, Joana de Chantal, passando por cima do corpo do filho para entrar no convento, consideram-se seres excepcionais. A regra geral é o santo ser inicialmente modelado pelo ambiente familiar.

Destinada a ensinar ao mundo a arte suprema de divinizar

ou santificar a vida comum, Teresa de Lisieux não podia fugir à regra geral. Na origem da sua grandeza encontra-se uma dupla linhagem de cristãos de raça, e inclinados sobre o seu berço vemos dois rostos de santos.

O Cardeal Mercier alegrava-se com isto por ver no facto uma indicação da Providência e exclamava:

"Ah! que felicidade eu sinto por saber que ela é o fruto-prémio duma família exemplar! Não devemos cansar-nos de repetir isto em toda a parte".

Acusa-se facilmente a Igreja de reservar as honras litúrgicas às virgens, aos mártires, aos bispos e aos religiosos. Os casados só lhe seriam simpáticos depois de terem conseguido numa viuvez precoce uma certa reabilitação. Deixando de gracejar e sem mesmo consultarmos o calendário romano, o certo é que existe o preconceito — de que não é certamente culpada a Sagrada Congregação dos Ritos — que condena os casados, quando não à mediocridade, pelo menos a um fervor que fica no meio da vertente sem chegar à glória dos altares.

A maior parte dos livros de espiritualidade exalam um perfume monástico. Sentir-se-iam deslocados à cabeceira do leito conjugal. O casamento seria, porventura, segundo o dito famoso de Lacordaire, retomado lindamente por Pio IX, a armadilha onde estrebucha, fatalmente, qualquer sonho de perfeição?

Os Sumos Pontífices, ao exaltarem nos seus discursos e nas lições do breviário os pais que deram ao mundo "a maior Santa dos tempos modernos", corrigiram oportunamente tais juízos errados. O lar que assistiu ao desabrochar de Teresa entra hoje no seu caminho de glória. A auréola coroa, é certo, a fronte da filha; mas não envolverá no seu halo o pai e a mãe, inclinados para ela? Não é a vocação dos pais apagarem-se e passarem esquecidos, para não conhecerem outros triunfos senão os dos entes queridos a quem deram, com a vida, o melhor de si próprios?

Vista sob este aspecto, a publicação duma biografia do casal Martin, não era inútil. O drama sombrio que abalou a nossa existência nacional torna-a actualíssima. A família é a pedra fundamental da sociedade. Bem firme e marcada com o selo divino, assegura uma solidez inabalável ao edificio da pátria. Esfrangalhada pelo vento das paixões, corroída pela mancebia, pelo casamento meramente civil e pelo divórcio, apenas oferece à sociedade uma base precária, condenada a desfazer-se. A França reinava no mundo quando era o país dos lares estáveis e dos berços. O declínio inexorável principiou quando ela deixou desmoronar a casa e procurou diminuir as fontes da vida. Que vale o ardor no trabalho, a coragem física, o heroísmo militar, se a raça se entrega des preocupadamente ao suicídio colectivo que é o medo dos filhos?

Para refazer a pátria é preciso refazer a família. Católicos ou descrentes, todos os corações de patriotas concordam hoje neste ponto. O que os divide é a aplicação dos remédios. Alguns, querendo manter-se lógicos com o seu indiferentismo prático, fazem consistir a sua fé numa rede de instituições sociais e de medidas financeiras tendentes a aligeirar o fardo material que pesa sobre os ombros dos pais. Esta política é louvável e a ela aderimos de todo o coração. É necessário que os pais de famílias numerosas deixem de ser "os grandes aventureiros dos tempos modernos".

Mas, mesmo que se conseguisse para eles a satisfação plena dos encargos temporais, seria necessário, para que o seu exemplo fosse contagioso, vencer no coração do homem um obstáculo essencial — o egoísmo profundo que considera o filho como um estorvo. E não é uma política de natalidade de vistas curtas que pode sobrepujar este obstáculo; toma-se indispensável o recurso intensivo às forças espirituais. Um vasto inquérito nacional sobre as causas da diminuição da natalidade não levaria a colocar em primeiro plano o esquecimento das normas religiosas? A família ou há-de ser cristã ou deixará de existir. Ou a França regressa ao Evangelho ou continuará a resvalar para o abismo.

O gesto de S. Santidade Pio XII proclamando, por Breve de 5 de Maio de 1944, como padroeira secundária da França, a Santinha do Carmelo, convida o nosso povo, liberto finalmente do pesadelo da invasão, a dirigir-se em peregrinação a Lisieux, para ali encontrar o fio condutor da restauração. A cidade mártir apresentar-lhe-á como que uma viva imagem da pátria ferida. As dezenas de bombardeamentos que, de 6 de Junho a 22 de Agosto de 1944, desencadearam sobre a cidade normanda um furacão de ferro e fogo demoliram, de duas mil e oitocentas casas, duas mil e cem; de três igrejas paroquiais deitaram abaixo duas; arrasaram a maior parte das Casas Religiosas e mataram, além dumas sessenta religiosas, mais, da décima parte da população.

A Lisieux histórica ficou quase aniquilada. A Lisieux religiosa mantém-se de pé. Por um verdadeiro milagre, evidente para os olhares de quem passa, a pequena ilha teresiana constituída pelo Carmelo, pelo Eremitério e pela Casa de S. João, escapou à fúria destruidora e não perdeu nenhum dos seus habitantes. Mão invisível susteve o mar de chamas que devorava, totalmente, os arredores do Mosteiro. A centena de bombas incendiárias caídas no jardim do convento, os explosivos e obuses que atingiram telhados e paredes, apenas causaram prejuízos fáceis de reparar. Padres e Seminaristas da Missão de França puderam obviar a tempo ao incêndio que desde as habitações das Irmãs Rodeiras se dirigia ameaçador para a Capela das Relíquias.

A Basílica também se via rodeada de enormes covas, mas

sem que as partes vitais fossem atingidas. As freiras refugiadas na Cripta continuavam, debaixo da metralha, a sua missão de oração e de sacrifício, até que no domingo, 27 de Agosto, regressaram ao Claustro, acompanhando as Relíquias da sua gloriosa Protectora.

Os Buissonnets também saíram quase indemnes da ruína quase universal. Em Alençon a casa natal e o Pavilhão apenas sofreram leves escoriações⁽¹⁾.

Será temerário tirar destes sucessos um motivo para acreditar na intervenção vitoriosa da querida Santa a favor dum país, cujos destinos lhe estão confiados? Ela ensina-lhe que do imenso campo das ruínas materiais pode surgir o renascimento espiritual, se a alma regenerada dominar o corpo despedaçado. Ela diz-lhe que nada está perdido enquanto a fé em Cristo subsistir. Ela lembra-lhe que a riqueza essencial duma nação é o sangue generoso que corre nas veias dos seus filhos. Um grande número de monumentos que constituíam o objecto do nosso orgulho juncam hoje o solo. Há porém, infelizmente, outras regiões devastadas a que a nossa ligeireza liga muito pouca importância: as igrejas sem padres, as escolas sem Deus, os lares sem berços. Teresa aponta com o dedo essas zonas vermelhas onde está gravada a nossa decadência. E a seu modo diz-nos: "A civilização está em perigo. A sociedade abala. Apressem-se a regressar Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida. Ergam, quanto antes, o santuário desmantelado da família francesa. De lá virá para todos a salvação".

Foi para fomentar esta Cruzada, primeira condição do ressurgimento nacional, que os *Anais de Santa Teresa* publicaram a correspondência da Senhora Martin. É para tomar parte nela que, por nosso lado, tentamos esboçar o quadro do lar ideal onde Teresa floresceu.

Os princípios não bastam para galvanizar os corações. "Os exemplos vivos possuem outra força": Ilustram com o pormenor concreto; prendem ao real; sacodem a cobardia, mostrando as possibilidades. A ideia que obcecava Santo Agostinho no limiar da sua conversão é sempre actual: "Por que não hei-de eu poder o que estes homens e mulheres puderam?"

Para levar a cabo a biografia dos Pais da freirinha que foi Santa Teresa do Menino Jesus não nos faltaram documentos. A correspondência da Senhora Martin e a *História de uma Alma*

(1) A devastação que feriu Lisieux não poupou, ainda assim, totalmente as instituições consagradas à glória teresiana. A obra da Peregrinação sofreu duras provas. Perdeu doze edificios, entre os quais a casa dos Capelães e o Secretariado Central das Edições de Santa Teresa. Além disso, foram atingidos certos complementos acessórios da Basilica.

são fontes de valor excepcional. Haurimos muita coisa da Vida da Santa de Monsenhor Laveille. Cedendo às nossas instâncias o Camelo de Lisieux teve a amabilidade de ceder, para edificação de todos, alguns papéis secretos com alguns factos íntimos que a piedade filial gostaria de envolver num silêncio eterno. Esta colaboração confiada, além de constituir uma caução de preço inestimável para a nossa modesta obra, ficará marcada como uma graça especial que temos de agradecer à Providência.

O trabalho que lançamos à publicidade ganharia interesse se se apresentasse sob uma forma mais sintética, com a preocupação anecdótica e o desenrolar de pormenores próprios das biografias romantizadas, hoje tanto em voga. A probidade do historiador e também o desejo de facilitar os trabalhos ulteriores dos psicólogos e propagandistas do movimento em prol da família, levaram-nos a emprender a edição de uma vida completa, de ar um tanto austero. Talvez alguns censurem estes desenvolvimentos. Tal como aparece, na sua tentativa de compreender bem o espírito dum lar simpático, de lhe reconstituir o ambiente e de lhe colocar os heróis, este livro, assim o esperamos, poderá oferecer muitos exemplos aos militantes que, em todos os lugares, procuram dar à pátria não somente filhos, mas também e sobretudo caracteres, cristãos, apóstolos e, por que não? santos⁽¹⁾.

Roubaix, 3 de Outubro de 1944.
na festa de Santa Teresa do Menino Jesus.
na vigília da festa de S. Francisco de Assis

Fr. Stéphane-Joseph Piat
O. F. M.

(1) Foram feitas certas modificações nas datas atribuídas às Cartas de Santa Teresa do Menino Jesus citadas no presente trabalho. Anteriormente tínhamos seguido as datas marcadas na edição maior da *História duma Alma*, onde vários documentos foram reunidos sob a mesma indicação. A publicação da Correspondência Teresiana permitiu-nos inserir nesta edição as rectificações necessárias.

CAPÍTULO I

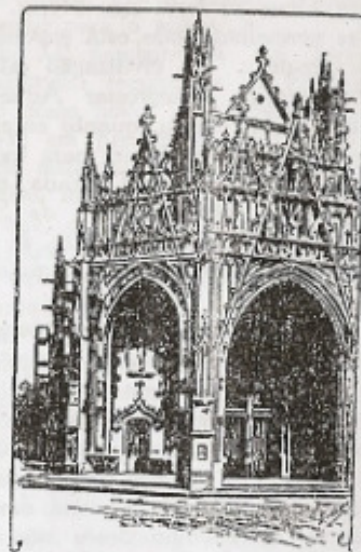
ORIGENS E PRIMEIROS PASSOS

ALENÇON — OS ANTEPASSADOS PATERNOS
JUVENTUDE DE LUÍS MARTIN — OS ANTEPASSADOS
MATERNOS — JUVENTUDE DE ZÉLIA GUÉRIN

A pequena distância dos Alpes Mancelles, no centro de uma campina alegre onde sobressaem as altas florestas de Perseigne, de Multonne, de Écouves, ostenta Alençon a sua graça indolente e quase aristocrática. As casas de andares mal aprumados, com galerias de vidros coloridos, e de travejamento saliente; os edificios públicos de estilo sóbrio e grave; os ribeiros ladeados de lavadoiros; as ruas calmas atravessadas pelas águas lodosas das ribeiras de Briante e de Sarte, dão-lhe uma fisionomia pitoresca e pacífica.

Cidade senhoril onde a pedra canta, pátria do sonho onde a madeira reza, uma distinção natural, um encanto subtil, imprimem-lhe um carácter da França de antanho.

A certas horas de recolhimento julgaríamos ouvir nos seus bairros quase desertos, os passos de ronda da policia de outros tempos e imaginaríamos ver deslizar a sombra discreta de Margarida, "a boa Duquesa". O urbanismo não desflorou o arcaísmo da Casa de Océ. Deixou ao Tribunal de Comércio o vetusto esplendor descrito num dos muitos



Portada da Igreja de N.^a Senhora
em Alençon

romances do pintor da *Comédia Humana* (*). O Hospital, a Torre Coroada, a Prefeitura chamam a atenção do turista, ao passo que o historiador gosta de interrogar as fachadas, contorsionadas e cheias de segredos, da rua Bonette e as lojas de venda da Judiaria.

Três igrejas se abrem ao peregrino: o santuário trémulo — hoje reconstruído — de S. Pedro; a igreja de S. Leonardo, que deve a sua restauração à Benta Margarida de Lorena; sobretudo a igreja de Nossa Senhora, amostra do estilo flamejante o qual, ao contrário da "filha do Rei", colocou por fora o melhor da sua beleza.

O pórtico de triplíce arcada, a lembrar com os seus torreões octogonais, com as suas balaustradas rendilhadas, com os seus frontões triangulares e com os seus mil arabescos a arte delicada das rendilheiras de Alençon, é de facto uma bela obra-prima.

Esqueçemo-nos do côro demasiado massivo e da torre sem elegância reconstruídos após o incêndio de 1744; quase que deixamos de admirar a audácia graciosa da nave, a magia dos vitrais a tal ponto nos sentimos fascinados pela página de pedra, escrita pelo génio de João Lemoine, na entrada do edifício, ao alvorecer do século XVI. É ali, realmente, que palpita o coração da cidade. É ali, diante de Nossa Senhora da Assunção — alguns, por certo bem entendidos na matéria, dizem: diante da Transfiguração —, é ali em frente dos santos personagens mutilados pelos Huguenotes e dos nichos vazios, que se aprecia o carácter íntimo da "provincia inalterável", como lhe chamava Balzac.

Mas a igreja de Nossa Senhora, tão rica em recordações esplendorosas do passado, entra de novo na história. A 13 de Julho de 1858, numa quarta-feira à meia noite — nessa época o facto não era insólito — Luís Martin e Zélia Guérin transpunham-lhe, em companhia de algumas pessoas íntimas, a magnífica portada. Singelamente, sem o menor aparato, uniram-se diante de Deus. Quinze anos mais tarde, a 4 de Janeiro de 1873, Teresa, o último fruto deste casamento, penetrava, por sua vez, sob a abóboda gótica, para receber o baptismo. Meio século depois, a imagem da Carmelita, beatificada a 29 de Abril de 1923, depois triunfalmente canonizada, figuraria entre a pléiade de estátuas de pedra, cinzeladas pelos estatuarios de antanho. Alençon será o berço de um renascimento espiritual.

(*) *Cabinet des Antiques* de Honoré Balzac (1799-1850).

* * *

Como preparação providencial deste nascimento encontra-se um nítido atavismo de bravura, de honra militar e de fé cristã. A lenda, que ronda sempre à volta da santidade, tentou macular os antepassados de Teresa. Mas o que conseguiu foi mover os pesquisadores de arquivos, os quais não tardaram em destruir as imputações caluniosas. Ao culto dedicado pela Carmelita a "seus pais incomparáveis", podia ela acrescentar o legítimo orgulho dos seus antepassados.

É em Athis-de-l'Orne, aldeia importante do distrito de Domfront, que os registos paroquiais revelam, desde o século XVI, a existência de muitas famílias Martin, e assinalam em 2 de Abril de 1692 a aparição da descendência incontestável de João Martin que havia de prosseguir até à data do baptizado de um pequenito Pedro Francisco Martin, em 16 de Abril de 1777. Os pais, que viriam a instalar-se mais tarde na Quentinière, habitavam nessa época à sombra do campanário (*). O tio materno e padrinho do recém-nascido, Francisco Bohard, "o avô Bohard" como era tratado na terra, devia à esplêndida coroa de catorze filhos e à sua intrepidez, a popularidade que faria dele mais tarde o administrador da comuna. Foi ele que no auge da Revolução escondeu em sua casa os sinos da igreja, não fazendo caso dos decretos atrabiliários dos jacobinos. — Aquilo é que era lúdica reacção camponesa: quanto mais a religião era perseguida mais ela penetrava fundo nas almas. Pedro Martin, precocemente privado dos esplendores da Liturgia, pôde, em compensação, apreciar o exemplo impressionante de uma fé que não queria morrer. E a carreira das armas não havia de embotar-lhe as convicções religiosas.

A 26 de Agosto de 1799 alistou-se no Regimento n.º 63 da 1.ª linha. Do exército do Reno a Belle-Ile-en-Mer, de Brest à frente da Bélgica, depois na Prússia, na Polónia e nas campanhas da França, seguiu alegremente a bandeira tricolor e a Águia imperial. Pelo caminho ganhou os seus galões. A Restauração promoveu-o ao posto de capitão. Com esse posto foi colocado na Legião distrital do Loire-Inferior, passou depois para o Regimento n.º 42, da 1.ª

(*) Tiveram quatro filhos: Pedro Francisco, Luísa Maria Henriqueta que casou com Luís Lemoine; Jacquelina que morreu ainda pequenita e Catarina que se uniu em matrimónio com o Senhor Dufay.

linha, aquartelado em Lião e por fim para o Regimento n.º 19 de infantaria ligeira ⁽¹⁾.

Foi em Lião que se ligou pela amizade com o capitão Nicolau Boureau, com cuja filha veio a casar. Nicolau Boureau, que se alistara como voluntário aos dezassete anos, tinha vivido, de 1791 a 1796, os episódios trágicos das campanhas revolucionárias. Em 1812 e 1813 participara nos reveses do Exército Imperial e experimentou na Silésia um duro cativeiro onde lhe morreu o filho que, aos doze anos e meio, fora aprisionado com ele. Por duas vezes,



Igreja de Santa Eulália de Bordéus

no decorrer da carreira, foi vítima de odiosas acusações, que o obrigaram a abandonar o exército. O processo referente ao assunto refuta vigorosamente essas alegações. Entre muitos outros, o Marquês de Averin, par de França, o senhor de Grandmaison, capelão do exército católico e real da Vendaia, dão testemunho da perfeita rectidão da sua vida. O pároco de Ainay testifica que "o Senhor Nicolau João Boureau, capitão, residente nesta freguesia, na rua de Vaubecourt, n.º 4, com a esposa e duas filhas, teve sempre um proceder orientado pelos ditames da honra, da prudência e da religião, e que esta respeitável família mereceu pelas suas virtudes, a estima e a admiração dos moradores da cidade".

⁽¹⁾ Pode ler-se em Apêndice, no fim deste livro, a lista do currículo militar do capitão Martin, assim como a cópia dum certo número de documentos dos arquivos (assentos de baptismo e de casamento) referentes aos ascendentes da Santa.

prejudicado por desastres financeiros, o nobre soldado não quis, por causa disso, deixar a sua prometida. Ele próprio contribuiu com a quantia fixada. O casamento realizou-se a 7 de Abril de 1818. Houve dele cinco filhos: Pedro, que havia de morrer muito novo, num naufrágio; Maria, morta aos vinte e seis anos; Luís, destinado a ser pai de Teresa do Menino Jesus; Fanny, que se despediu deste mundo aos 27 anos; e finalmente Sofia, falecida aos nove anos.

Luís José Aloísio Estanislau Martin ⁽¹⁾ nasceu a 22 de Agosto de 1823, na Rua Servandoni, em Bordéus. Foi logo baptizado em casa, visto que o baptismo solene deveria ser adiado até ao regresso do chefe da família.

Por essa altura o Senhor Martin, fazendo parte do regimento de infantaria ligeira n.º 19, encontrava-se em Espanha, de onde regressaria com a Cruz de Cavaleiro da Ordem Militar e Real de S. Luís ⁽²⁾. Como a campanha se prolongasse, o Padre Martegoute, capelão das prisões, procedeu às cerimónias complementares do Baptismo ⁽³⁾, a 28 de Outubro de 1823 na igreja de Santa Eulália, onde mais tarde, um monumento comemorativo recordaria o pai de Teresa.

O santo Arcebispo de Bordéus D. d'Aviau du Bois de Sanzay, entrevia, por certo, este futuro quando afirmava aos pais do recém-nascido: "Alegrem-se! Este menino é um predestinado!"

Os acasos da vida de campanha levaram a família Martin até Avinhão, depois a Estrasburgo, onde o Capitão desempenhou as funções de segundo Comandante de praça do Estado Maior. Quando se reformou, a 12 de Dezembro de 1830, foi à terra de seus antepassados que ele se dirigiu, para gozar do seu descanso. Quis tomar a ver a sua Normandia, Athis e a torre do campanário, cuja nostalgia o acompanhara por toda a parte. Contudo a nobre preocupação de educador levou-o a preferir Alençon, onde encontraria mais recursos para a instrução e colocação das filhas. Instalou-se a princípio na rua dos Tições; depois, em 1842, na rua de Mans, enquanto não ia viver com Luís na relojoaria que este veio a abrir na rua da Ponte Nova.

A aposentação representa, para o soldado de carreira, uma dura prova que pode atirá-lo para a sociedade sem ideal e sem

⁽¹⁾ Luís Martin, por devoção ao Apóstolo das Índias, gostava de acrescentar aos seus nomes o de Xavier.

⁽²⁾ Esta condecoração foi-lhe conferida por Carlos X a 20 de Agosto de 1824. Ver no Apêndice os textos das Cartas reais que lhe conferem esta honra.

⁽³⁾ Ver Apêndice IV.

razão de existir. O Capitão Martin era um crente orgulhoso da sua fé e um grande carácter. A fotografia que nos legou a sua imagem revela traços de homem de vontade, talhados como que a machado, lábios finos e cerrados; viveza no olhar de si imperativo. É realmente a máscara da energia inflexível e da rectidão intransigente que quadra bem ao oficial das guerras imperiais.

Uma senhora da alta sociedade de Alençon, que conviveu com ele muito de perto, traçou mais tarde este retrato às Carmelitas de Lisieux, netas do antigo soldado: "Era para nós objecto de admiração pela sua apresentação esmerada; tinha um ar muito distinto com a sua sobrecasaca ornada da faixa vermelha, que nesses tempos não se encontrava por aí a cada passo... Que ascendência de santos não têm na sua família!"

Os íntimos do Capitão Martin confessaram a emoção que experimentavam quando o ouviam rezar o Padre-Nosso. Como o capelão do Regimento lhe dissesse um dia que os camaradas se admiravam de o ver tanto tempo de joelhos, à Missa, depois da Consagração, respondeu-lhe sem pestanejar: "Diga-lhes que procedo assim porque tenho fé".

Para um homem desta ténpera o regresso à vida civil não podia ser outra coisa senão uma mudança de cenário. Saboreou cristãmente o ambiente pacífico da paisagem normanda. Refugiou-se no exercício mais cuidadoso dos seus deveres familiares, assim como na prática mais intensa das obras de piedade e de caridade, animado, é certo, pela corajosa esposa, cujo "valor extraordinário e belíssimas qualidades" reconhecia um dia a nora, a mãe de Teresa. Podemos encontrar um exemplo dos sentimentos que animavam o casal Martin nesta carta de felicitações, dirigida pelo Capitão ao senhor Nicolau Moulin, que ia ser seu sobrinho por afinidade.

"Louvado seja N. Senhor Jesus Cristo"

Alençon, 7 de Agosto de 1878.

Ex.^{mo} Senhor,

Recebi a sua carta pela qual verifico que a licença para o casamento, enviada por meu intermédio, lhe chegou bem às mãos. Enfim, graças a Deus, cumpri o melhor que pude a minha missão; agora só desejo de todo o coração que o nosso Divino Mestre se digne abençoar a sua união com a minha muito querida sobrinha, que sejam tão felizes quanto se pode ser neste mundo e que, no momento do último suspiro, Deus os receba na sua misericórdia e lhes dê lugar entre os bemaventurados...

Peço-lhe que me recomende, se faz favor, a seus estimados parentes e aos nossos. Cumprimentamo-los a todos com amizade...

Todo seu em Jesus e Maria

Martin".

Não é verdade que tais expressões epistolares revelam uma alma da velha cepa? Quem se lembraria hoje de escrever neste tom a noivos?

* * *

O Luisinho tinha só sete anos e meio quando veio de Estrasburgo. Conheceu muito cedo o ritmo entusiasta dos desfiles militares, o encanto do rancho e das fogueiras do acampamento, no tumultuar das manobras. Embalado pelas narrativas da epopeia napoleónica, criado ao som de pifaros e tambores, havia de conservar o gosto pelas viagens, o apreço pela carreira das armas, e não deixaria sem pesar o uniforme de filho de soldado.

Seus pais, que o estimavam com preferência, cuidaram com esmero da sua educação. Embora pareça não ter beneficiado, nessa data, do ensino secundário, iniciou-se, contudo, bastante no estudo da língua francesa, a ponto de poder apreciar a leitura dos autores clássicos. Isto permitir-lhe-á, mais tarde, condimentar com reminiscências literárias, as conversas familiares e escolher com gosto os livros da sua biblioteca.

Por que milagre este filho de soldado, de temperamento aventureiro, se orientaria para uma carreira tão sedentária? Por disposição pessoal Luís teria preferido a carreira militar, mas que coroa de louros se poderia conquistar desde que "o Outro" morresse no rochedo de Santa Helena? O instinto artístico, que veio a manifestar-se em desenhos de toque muito seguro, atraía-o para trabalhos de categoria. O seu prazer seria cinzelar objectos de valor. Durante uma permanência em Rennes iniciou-se na delicada mecânica de relojoaria. Verifica-se por alguns papéis de família que no decorrer dos anos de 1843 viveu na capital da Bretanha, em casa de um primo direito do pai, o senhor Luís Bohard, que exercia essa profissão na rua Bourbon, n.º 1. Foi nessa altura que Luís Martin se apaixonou pela alma bretã. Amava, como um filho de Armor

A terra de granito coberta de carvalhos.

A simplicidade daqueles costumes, a poesia agreste daquelas paisagens, a chama daquele temperamento místico, seduziam-no.

Gostava de usar o traje da região e interessava-se pelos segredos do folclore. Na sua bela voz bem timbrada cantava *O Bretão exilado* ⁽¹⁾ e o hino da Bretanha:

Salve, mãe dos heróis! Glória ao teu diadema ⁽²⁾.

A mãe respondia às missivas entusiastas do filho com cartas que em tom amável e com fraseologia própria da época, lhe dava judiciosos conselhos. A 23 de Agosto de 1842, ao mandar-lhe os parabéns pelo dia do santo do seu nome, escrevia:

"Tu és, meu querido filho, o sonho das minhas noites e o encanto das minhas recordações! Quantas vezes penso em ti, quando a minha alma, elevando-se para Deus, segue o impulso do meu coração e sobe aos pés do trono da Divindade! Ali, rezo com todo o fervor da minha alma, para que Deus derrame sobre os meus filhos a felicidade e a calma de que precisamos neste mundo tempestuoso... Sê sempre humilde, meu querido filho".

O pai, com um pouco mais de sobriedade, empregava a mesma linguagem e fazia preceder as suas cartas de uma nobre profissão de fé: "Seja Deus sempre glorificado e amado sobre todas as coisas!"

Conservamos desse período um curioso documento, que mostra, a par da formação técnica, a actividade do nosso herói no estudo. São dois cadernos volumosos, um dos quais truncado, infelizmente, que contêm uma colecção manuscrita de trechos escolhidos por ele e agrupados sob o nome de *Fragmentos literários*. A apresentação é perfeita: papel de excelente qualidade, pacientemente pautado a lápis, letra de calígrafo, títulos e sub-títulos em letras redondas, margem sempre respeitada, paginação exacta, extractos bem postos em relevo, índice cuidadosamente organizado; tudo revela a ordem, a limpeza, o método. A escolha das poesias e dos trechos em prosa é que é de um eclectismo desconcertante: os modernos lado a lado com os clássicos, tiradas insignificantes junto de verdadeiras obras-primas. Sente-se ali a mão do autodidacta ainda não iniciado nos trabalhos críticos, que não conheceu a formação clássica e aprecia a beleza dos assuntos e a nobreza dos sentimentos mais do que a elegância da forma.

⁽¹⁾ *Le Breton exilé.*

⁽²⁾ *Salut, mère des preux!... Gloire à ton diadème.*

Fénelon, Lamartine e Chateaubriand parece terem sido os seus autores predilectos. Do autor de *Atala* ⁽¹⁾ aprecia os amplos quadros fortemente coloridos e poderosamente evocadores. Sem sacrificar ao "mal do século", comprazia-se em citar o Epitáfio que termina a descrição das *Sepulturas campestres*:

*Fugido aos feros vendavais do mundo
Aqui se abriga um misero mortal,
Que aos bosques de cisnar triste e profundo
Já em vida ia confiar seu mal.*

No meio destas páginas de literatura, encontram-se, desgarrados alguns pensamentos heróicos de Duguesclin e também algumas orações que, pela sensibilidade e amor da natureza, revelam afinidades com as elevações do *Génio do Cristianismo*. É, porém, a piedade sólida e simples de Luís Martin que se denuncia nas palavras finais: "Glória ao Todo-poderoso e à Virgem Maria. Toda a terra glorifique ao Senhor!" Seria para satisfazer esta necessidade íntima de cantar a Deus na Sua obra, ou seria já por se encontrar tomado pela angústia do seu destino que Luís Martin se dirigiu, em Setembro de 1843, para as montanhas da Suíça? Um passaporte assinado pelo Prefeito do Ain, com a data de 6 de Setembro de 1843 e que, com os seus múltiplos carimbos e vistos constitui um magnífico documento de arquivo, mostra-nos o mancebo transpondo, no dia 13, a Ponte de S. Maurício, chegando a Berna dez dias depois, e em seguida dirigindo-se, por Basileia, a Estrasburgo. Entretanto o viajante armara em peregrino para tomar o primeiro contacto com o famoso mosteiro do Grande S. Bernardo, donde havia de saltar um dia a centelha da sua vocação. Uma florinha marcada com a data de 1843 e conservada entre as relíquias de família, evoca esta curta visita, sem lhe desvendar o segredo. Antes de iniciar uma fase nova da sua carreira, quereria, por certo retemperar-se numa atmosfera eminentemente religiosa.

A relojoaria é uma arte que requer longa aprendizagem e repetidas experiências. Aproveitando-se das relações que a família conservava em Estrasburgo, Luís Martin dirigiu-se a esta cidade, onde um amigo de seu pai, Aimé Mathey, tinha uma oficina. Ali teve ocasião de estudar minuciosamente a obra-prima de precisão e engenho que é o relógio da catedral e ao mesmo tempo aprendia a língua alemã.

⁽¹⁾ Romance de Chateaubriand em que se pinta um episódio da vida selvagem na América.

Este estágio, que deve ter durado dois anos, pouco mais ou menos, deixou-lhe recordações deliciosas. Quarenta anos mais tarde haveria de contá-las ainda a um amigo de infância, evocando partidas dos dois e os belos tempos vividos em Estrasburgo. Juntos galgavam os recantos mais pitorescos da linda Alsácia. Juntos mergulhavam naquelas águas límpidas. Certo dia o banho esteve para acabar tragicamente. O filho do Senhor Mathey perdeu o pé. Luís, que era bom nadador, correu, sem hesitar, em socorro dele. O outro, já dominado pelos reflexos dos afogados, agarrou-se-lhe ao pescoço, paralisando-lhe os movimentos, com risco de irem ambos para o fundo. Sem o extraordinário sangue frio do salvador não teria sido possível encontrar senão dois cadáveres!

Tendo sido recebido e tratado como pessoa de família, Luís Martin ficará sempre fielmente reconhecido aos seus hospedeiros. Com muito gosto voltará de quando em quando a visitá-los.

Vinte e cinco anos mais tarde, por ocasião de uma visita a Paris, dando uma fugida até ao Reno, anotecera-lhe avistar na montra uma chave de relógio do último modelo; apresentando-se como um comprador vulgar, vai cair logo nos braços do seu amigo Mathey e da família.

Uma só coisa o desola: é ver aquelas boas criaturas, crentes, mas não praticantes, "continuarem o seu caminho, sem se preocuparem com o que as espera". Muito fez ele pela sua conversão! Uma indiferença daquelas gela-o, a ele que, sentado à mesa de trabalho, se põe agora a cogitar em dar-se todo ao Senhor.

Antes de contar esse novo episódio, temos de apresentar ao leitor aquela que Deus destinara a Luís Martin para companheira da sua vida.

* * *

Zélia Guérin recebera igualmente logo no berço, a dupla herança das tradições religiosas e da coragem militar.

O pai nascera, mesmo no alvorecer da Revolução, a 6 de Julho de 1789, em Saint-Martin-l'Aiguillon, no Orne. Gostava ele de relembrar, entre as recordações de infância, as incursões sacrílegas dos "azuis", as igrejas fechadas, as missas clandestinas, e as mil habilidades empregadas para salvar os padres não ajuramentados. Seu tio, o Padre Guilherme Maria Guérin, era destes. Escondiam-no no sótão da casa e o pequeno Isidoro era incumbido de o acompanhar nas caminhadas apostólicas através dos campos. Certo dia em que soldados furiosos invadiram a casa e a revistaram de alto a baixo, o padre, sem outro recurso mais que o de se refugiar na masseira do pão, ficou devendo a vida à presença de espírito do miúdo que, mal a tampa se fechou, sentou-se em cima dela

como se nada fosse com ele, começou a dispor depois os brinquedos e com as suas risadas desconcertou as pesquisas.

Ao confessor da fé não faltava audácia. Atacado por três vândios, certa ocasião em que levava o Sagrado Viático a uma casa pobre, depôs o Santíssimo Sacramento sobre um monte de pedras, dizendo baixinho: "Meu Deus, ficai aqui sòzinho, enquanto eu me ocupo com aqueles". Depois, correndo direito aos agressores, agarrou-os, um após outro, atirou-os sem cerimónia para um charco pouco profundo que havia ali perto, donde depois saíram encharcados e envergonhados, enquanto ele tornava a pegar no seu divino fardo e prosseguia, em paz, no seu caminho.

Cercado por todos os lados, o Padre Guérin foi apanhado, finalmente, perto de Ecouché, a 4 do Germinal, ano IV (1795). Encerrado em Bicêtre⁽¹⁾, foi deportado para a ilha de Ré onde conheceu os horrores do regime de represálias reservado aos não ajuramentados, e por certo deve atribuir-se a sua libertação à reacção do Termidor. Tomamos a encontrá-lo pároco de Boucé, no Orne, de 1802 a 1835.

Quanto a Isidoro Guérin, a ordem de alistamento apanhou-o por altura dos 20 anos. Alistado a 6 de Junho de 1809 no regimento de linha n.º 96, entrou nos primeiros combates em Wagram. Transferido para a divisão Oudinot, participou nas duras operações do exército de Espanha, na derrota de Vitória, na batalha de Tolosa. É por este motivo que receberá de Napoleão III a Medalha de Santa Helena... A queda do primeiro Império fá-lo voltar para casa, mas ele prefere o movimento, a agitação, a vida árdua de soldado. Alista-se na polícia a pé, em 1823 passa para a polícia a cavalo e, depois de um estágio na Companhia da Venda, é colocado, a 23 de Fevereiro de 1827, no destacamento da Companhia do Orne (2.ª legião) com sede em Saint-Denis-sur-Sarthon.

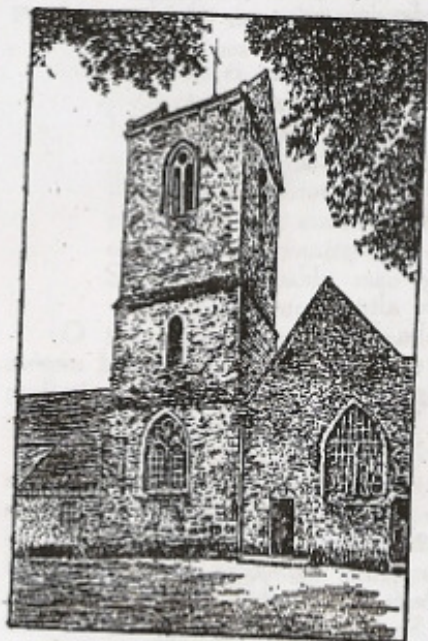
Pretendem, por várias vezes, promovê-lo a Capitão, mas ele recusa obstinadamente. Os galões, nessa época, davam mais honra que proveito. A bolsa modesta não lhe permitiria cobrir as despesas de tal posto. É que fundou um lar e não tenciona furtar-se à chamada dos berços. A 5 de Setembro de 1828, na humilde igreja de Pré-en-Pail em Mayenne, casou com Luísa Joana Macé que havia de lhe dar três herdeiros: Maria Luísa e Zélia, que se seguirão com dois anos de intervalo, e Isidoro, nascido dez anos depois e que veio a ser o menino amimado da casa⁽²⁾.

⁽¹⁾ Aldeia onde está instalado um grande hospício de doentes e loucos.

⁽²⁾ Um breve apontamento editado pelo Cônego Chantepie, pároco de Nossa Senhora de Laval, dá-nos um dos ramos da árvore genealógica de Santa Teresa do Menino Jesus, desde Luísa Joana Macé até Nouël Macé, morto em Horps em 1715, com 65 anos. Este ramo desenvolve-se todo ele em terras de Mayenne.

A residência familiar fica situada na Ponte, na aldeia de Gandelain na estrada nacional de Paris a Brest. Como o lugar, devido à vizinhança de S. Denis-sur-Sarthon, era assistido pelo clero desta freguesia a que desde então ficou anexada, foi por isso que nesta igreja se baptizou, na véspera do Natal de 1831 e no dia imediato ao do nascimento, Zélia Maria Guérin, a futura mãe de Teresa. Em 1931 inaugurar-se-á num só monumento a estátua da Santa e uma placa a recordar, junto à pia baptismal, o

centenário do nascimento para a graça, daquela que a fez nascer para este mundo.



Igreja de S. Denis-sur-Sarthon

Os primeiros passos da menina foram toldados de melancolia. Era de complexão delicada e entre os sete e doze anos andou quase sempre doente. Conheceu o tormento das constantes enxaquecas a apertar e a tornar pesada a cabeça; e depois atravessou uma crise ainda mais séria. Encontrou ela sempre em casa todas as delicadezas de carinho por que secretamente suspirava a sua sensibilidade exacerbada ainda pelas dores físicas?

O Senhor Guérin era o modelo do homem honrado, de honestidade proverbial, impregnada de espírito cristão. Na fotografia que dele se conserva, pelo trejeito dos lábios e pela expressão dura da fisionomia adivinha-se-lhe o carácter íntegro e um pouco difícil; a rude carreira de polícia deve ter desenvolvido nele, como uma espécie de deformação profissional, o hábito de mandar e os modos duros. Contudo era amigo das filhas e elas dele. Da mãe é que Zélia teve mais que sofrer. A Senhora Guérin, dotada de uma fé capaz de transportar montanhas, não possuía o tacto psicológico, dom dos verdadeiros educadores. E, apesar da temura sincera pela filha, esta falta de tacto psicológico levá-la-á a ferir dolorosamente uma alma de uma excepcional delicadeza. A criança parece ter recebido poucos carinhos. Ela que havia

de embalar, vestir, acarinhar com tanto amor as suas nove bonecas vivas, não saboreou, como saborearam as crianças da sua idade, a doçura de fazer de mãezinha. Talvez haja de encontrar-se a razão disto no severo espírito de economia que regulava absolutamente o orçamento doméstico; talvez também um certo rigorismo a privasse sistematicamente desses mil "nadas" que dão aos primeiros anos os encantos do sorriso e a poesia do sonho. "A minha infância, a minha juventude, confessará ela mais tarde, foram tristes como uma mortalha, porque se a ti a mãe te amimava, para mim, como sabes, era severa demais. Ela, que era tão boa, não sabia lidar comigo e, por isso, o meu coração teve de sofrer muito" ⁽¹⁾.

Isidoro era mais amimado do que conviria. Dotado de vivacidade de espírito, de temperamento decidido, de carácter alegre e um tanto combativo, sabia atrair as atenções e conseguia ser depressa desculpado. Perdoavam-lhe facilmente as travessuras e garotices. Um dia em que de castigo estava fechado na cave, por ter feito qualquer traquinice, que lhe havia de lembrar? Abre a torneira da cidra e começa a gritar com toda a força a proeza para apressar assim a hora da libertação.

De outra vez em que vagueava pela praça do mercado, atreveu-se a furtar maçãs da tenda de um negociante de fruta. Nesse dia, ainda assim, travou conhecimento com as mãos da mãe e teve de restituir imediatamente os frutos roubados.

Mas se o regime de preferência instituído a seu favor não alterou a afeição profunda que Zélia lhe dedicou sempre, nem por isso contribuiu menos para criar em casa uma espécie de mal-estar cruelmente penoso para a rapariga. Esta consolava-se, com a amizade de particular confiança, que a unia à mais velha, a Maria Luísa. Encontrou também conforto junto daquelas que foram escolhidas para a educar. O Senhor Guérin, que sentia no mais alto grau a preocupação das responsabilidades, não hesitava em fazer os maiores sacrifícios para assegurar o futuro dos filhos. Em 1843, vendo aproximar-se o momento da reforma definitiva, após trinta e nove anos de serviço, vendeu a sua propriedade de S. Dinis e, a 9 de Fevereiro, comprou, em Alençon, na rua de Saint-Blaise, n.º 36 (hoje 42) uma moradia confortável, apesar de exígua, que tencionava ampliar mais cedo ou mais tarde. Em 10 de Setembro de 1844, tendo passado à situação de reforma com uma pensão de 297 francos por ano, instalou-se ali com todos os seus. Ao passo que ele se dedicava, como amador, a alguns trabalhos de marce-

⁽¹⁾ Carta da Senhora Guérin ao irmão, de 7 de Novembro de 1863.

naria, a esposa abria um modesto café que pouco durou, dando, aliás, escassa receita, pois que os ares moralizadores da Senhora Guérin não eram de molde a atrair ou conservar a clientela.

Esta transferência de uma aldeia ignorada para a sede do distrito ajudou a resolver convenientemente o problema escolar. A cidade tinha muitos estabelecimentos de ensino.

Isidoro, quando chegasse à idade, frequentaria o liceu. As duas irmãs foram entregues, como externas, às religiosas dos Sagrados Corações, da rua de Picpus, que ali mantinham o Convento da Adoração Perpétua. Esta casa fora fundada em 1828, pela Reverenda Madre Henriqueta Aymer de la Chevalerie, cujo processo de canonização foi já introduzido em Roma. Gozava ela de grande reputação por aquelas redondezas. Zélia recebeu lá uma sólida formação de que mais tarde havia de dar provas no esmero da sua correspondência. Ela mesma, recordando os seus êxitos literários, confidenciaria em tom de brincadeira a seu irmão: "Outrora eu tive o primeiro prémio de estilo. Em onze composições fui eu, dez vezes, a primeira. E era da primeira divisão e da classe das maiores. Podes calcular a capacidade das outras!..."⁽¹⁾

Mas mais do que os elementos dessa cultura humana devia a menina Zélia auferir do contacto com as religiosas o espírito de fé e a perfeita instrução religiosa de que viria a dar tão belas provas no governo da sua casa. E pelo convívio com esta fervorosa comunidade chegou a conceber, um dia, a esperança de se consagrar a Deus na vida religiosa. A Providência, que preparava de longe o berço de Teresa, orientava Zélia Guérin para Luís Martin, submetendo-os ambos às mesmas experiências de aspiração a um desprendimento completo.

CAPÍTULO II

À BUSCA DO IDEAL

LUÍS MARTIN NO GRANDE S. BERNARDO
O RELOJOEIRO DA RUA DA PONTE NOVA
ZÉLIA GUÉRIN RENDILHEIRA—O ENCONTRO PROVIDENCIAL

Foi no começo do outono de 1845 — sem que possamos determinar a data precisa do facto — que Luís Martin se decidiu a dar seguimento ao seu projecto de vida mais perfeita. Completara vinte e dois anos. Chegara para ele a hora de escolher entre o casamento e o serviço do altar. Optou pelo claustro.

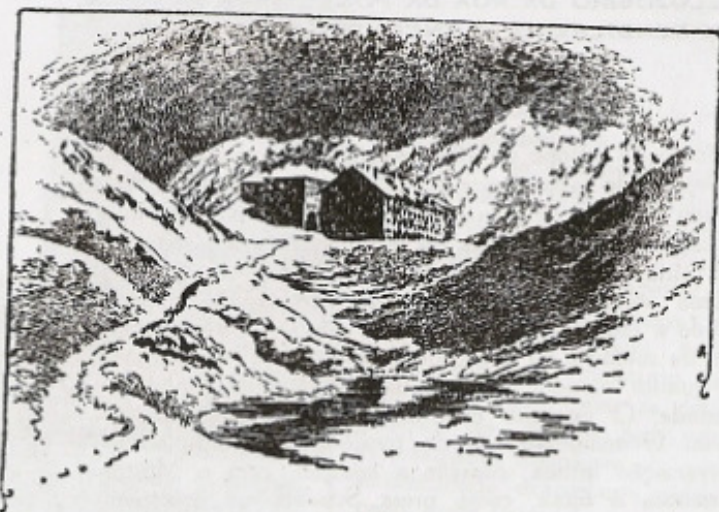
Possuía uma sólida formação religiosa. O capitão Martin tinha-lhe ensinado a entregar-se a Deus sem reservas, numa doação total, à maneira de soldado, ou antes, de combatente. A comunhão, tão frequente quanto o permitiam os usos do tempo, tinha-lhe apurado a piedade. O contacto com a fé bretã e alsaciana só podia fortificá-la. O temperamento de tendências contemplativas levava-o à conversação íntima, coração a coração, com o Mestre interior que arrebatava a alma, como presa Sua. E ele deixou-se arrebatar.

Para que lado havia de se dirigir? Contemporâneo do alvorecer do romantismo, iniciara-se Luís, precocemente, no culto da natureza. A majestade de um pôr do sol, os murmúrios da floresta, o marulhar das vagas, convidavam-no a um recolhimento que se assemelhava à contemplação. Este apaixonado de Chateaubriand e de Lamartine era, além disso, um cristão habilitado à leitura da Bíblia. Sensível às belezas da "terra camal", depressa as ultrapassava, para cantar ao modo franciscano, "o hino das criaturas". Gostaria de estabelecer o seu retiro num desses sítios grandiosos onde a própria paisagem eleva os olhares para o céu. Soubesse ele, além disto, de um Instituto onde a actividade impregnada de oração pudesse satisfazer o ardor cavalheiresco, que sentia palpitir dentro de si, o atractivo da aventura e o gosto do perigo... e estava feita a escolha.

Seria guiado neste caminho pelo seu director espiritual ou por

⁽¹⁾ Carta da Senhora Martin a seu irmão, de 12 de Novembro de 1863.

algum turista regressado de além-montes? Actuaria nele, irresistivelmente, a recordação da viagem realizada dois anos antes? O certo é que julgou encontrar no Eremitério do Grande S. Bernardo a realização plena do seu ideal. Lá no alto, na cadeia dos Alpes Peninos, a 2.472 metros de altitude, no cimo da garganta que separa o Valais Suíço do vale de Aosta, confiado aos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, fica o hospício de Mont-Joux, ali erigido, há nove séculos, por S. Bernardo de Menthon. Depois de, lá no alto, no meio da sua paisagem fantástica, cantarem os louvores de Deus, os grupos de religiosos salvadores seguem, guiados pelo faro dos cães, através das geleiras, por frios rigorosos de vinte



A Hospedaria de Mont-Joux, no Grande-S. Bernardo

graus negativos, a socorrer as vítimas de avalanches ou os viajantes perdidos na neve. Esta combinação de vida claustral, de oração poética e de caridade heróica não realizaria bem o sonho de Luís Martin?

O facto é que, em Setembro de 1845, segundo todas as probabilidades, toma o bordão de peregrino ⁽¹⁾ e, de Estrasburgo,

⁽¹⁾ Guiado pelo passaporte a que atrás se fez referência, o Prefácio da *História de uma Alma* tinha fixado em Setembro de 1843 o pedido de admissão de Luís Martin no Grande S. Bernardo. O depoimento recente de certas notas íntimas obriga a situá-lo dois anos mais tarde, visto que a primeira viagem teve, segundo todas as probabilidades, um carácter puramente turístico.

onde sem dúvida pára, dirige-se, ora a pé ora em diligência, à fronteira da Suíça. O caminheiro de Deus extasiava-se diante de tantos esplendores semeados como que a mãos cheias pelo caminho. A sua alma agradecida encontrava em tudo um tal alimento que, por vezes, era obrigado a parar e a chorar de comoção e de alegria. Cansado do mundo, como Dante, mas sem ter conhecido a existência atormentada do grande Florentino, o que ele vinha mendigar à porta do Mosteiro era "a Paz".

O Prior recebeu benévola e aquele mancebo, cujo olhar tinha um não sei quê de límpido e de exaltado, ao mesmo tempo. Interrogou-o a respeito dos motivos que inspiravam a sua resolução, a respeito da família, e a respeito dos seus antecedentes. Edificado quanto a este ponto, inquiriu acerca dos estudos e depressa verificou que o visitante não tinha percorrido o ciclo de formação clássica.

Luís Martin teria esperado talvez remediar ali mesmo essa deficiência? O certo é que ficou extremamente desconsolado quando o religioso lhe respondeu que o conhecimento do latim era indispensável para ser admitido entre os religiosos e o convidou a voltar para casa, para lá continuar o estudo das humanidades. Foi com a alma de exilado que Luís desceu o flanco da montanha. Até ao fim da vida, conservará no coração a saudade do Eremitério e a visão nostálgica da cela onde se vive "só com o Só ou com o Único necessário".

Naquela ocasião julgou tratar-se de um simples adiamento. No regresso a Alençon confiou os seus desígnios ao Deão de São Leonardo, que aceitou o encargo de o orientar na sua realização. Os assentos das contas meticulosamente registadas, dia a dia, marcam desde 16 de Outubro de 1845 até aos princípios de Janeiro de 1847, compras frequentes de manuais escolares e de autores latinos, gregos e franceses. Verifica-se igualmente a frequência regular de um curso ao preço de um franco e meio cada lição, em casa de um certo senhor Wacquerie. Podem contar-se cento e vinte lições, com uma interrupção, registada, como tudo o mais, com todo o cuidado, de 18 de Maio a 23 de Junho de 1846. As páginas relativas ao primeiro semestre de 1847 não fazem já qualquer alusão a honorários de professores ou a despesas de livros. Pelo contrário, a menção da troca de um dicionário latino-francês, leva-nos a crer que os estudos haviam sido postos de parte. Foi nesta época que a doença obrigou o mancebo a dizer adeus aos seus queridos livros e a ocupar-se de trabalhos menos absorventes. No facto viu ele uma indicação providencial e resolveu voltar aos seus instrumentos de relojoaria.

De certo para completar a aprendizagem dirigiu-se então para a Capital. Tinha ali algumas relações de parentesco e de amizade:

a avó, a Senhora Boureau-Nay, que contava setenta e quatro anos e vivia duma pensão paga pela família; o tio por afinidade, Luís Henrique de Lacauve, coronel reformado, que habitualmente residia em Versalhes e o filho deste, Henrique de Lacauve, aluno da Escola Militar, unido a Luís Martin por amizade realmente fraternal, e que partiria para a África a 14 de Dezembro de 1848 ⁽¹⁾.

A permanência em Paris, que parece ter durado dois ou três anos, foi a prova decisiva para a fé do nosso herói. O espírito volteriano, que presidia ao advento da Monarquia de Julho, dominava ainda nos meios intelectuais, apesar da vigorosa contra-offensiva de Lacordaire e de Montalembert. As classes dirigentes, obedecendo à palavra de ordem de Guizot: "Enriquecei", continuavam surdas aos rumores de revolta que subiam das massas populares.

Frederico Ozanam lançava em vão o seu grito de alarme para chamar a atenção da opinião pública sobre o perigo social e sobre a miséria espiritual e material do proletariado; será necessário a sangrenta agitação de Junho de 1848. Mas, entretanto, Paris, não acredita no perigo e diverte-se.

Luís Martin vai entrar em contacto com o perigo. Uns desconhecidos, explorando a sua natural generosidade, convidam-no a fazer parte dum club filantrópico aparentemente dedicado a obras de caridade. Averigua mais a fundo o valor da identidade deles e descobre que, na realidade, trata-se duma sociedade secreta. A sua lealdade revolta-se. Só gosta da luz. As obras das trevas é que buscam as trevas. Rejeita resolutamente esses convites e salva a sua liberdade.

A distinção natural e o encanto da sua pessoa expõem-no a

(1) O Coronel do Estado Maior, Luís Henrique de Lacauve, conquistara, aos vinte e seis anos, o posto de capitão e a condecoração de Cavaleiro da Ordem de S. Luís. Combateu no Exército Real da Vendéia, foi aprisionado pelos ingleses a bordo do navio corsário Duguay-Trouin, de que era segundo Mestre de Armas; e conservou-se, durante o Império, fiel à causa legitimista. Depois da Restauração regressou ao serviço activo e vêmo-lo participar brilhantemente na Campanha de Espanha. Conservamos uma colecção de cartas suas, de belo estilo francês, que incutem ao filho o culto das virtudes militares e da fé cristã. As lições não foram perdidas. Henrique Carlos de Lacauve devia fazer também uma carreira magnífica, tomando parte em diversas campanhas de África, sendo ferido em Saint-Privat e acabando no posto de Comandante de Batalhão e com o título honorífico de Oficial da Legião de Honra. A tradição patriótica perpetuou-se nobremente na família que deu a Deus Santa Teresa do Menino Jesus. Um sobrinho neto, por afinidade, do Senhor Luís Martin, o Comandante de Esquadrão Bruneau, depois de ter alcançado a Cruz de Guerra em 1918, com 21 anos, havia de cair gloriosamente, a 30 de Maio de 1940, na defesa de Dunquerque, tendo merecido uma esplêndida citação póstuma.

solicitações de outro género, que só a sua fé robusta ajudará a repelir. Mais tarde falará disso em confidência a sua esposa, que daí tirará partido para acautelar o irmão mais novo, que se encontrava então na capital a tirar o curso de medicina.

"Estou numa grande inquietação por tua causa — dizia ela —. Meu marido faz-me a cada passo tristes profecias. Como conhece Paris, diz-me que te hás-de ver a braços com tentações a que não poderás resistir, porque não tens uma piedade sólida. Conta-me o que se passou com ele próprio e quanta coragem lhe foi necessária para sair vitorioso desses combates. Se soubesses a que provas esteve sujeito !..." ⁽¹⁾.

Adivinha-se a alegria com que Luís Martin se arrancou a tal meio para regressar ao ar sadio da Normandia. Encontrava-se em plena posse da sua arte. Apreciava nela a preocupação do pormenor, o sentido da exactidão, a delicadeza realçada pela nota artística. Ele, que contemplava extasiado a harmonia do mundo sideral em que se diverte o poder do "Divino Relojoeiro", manejava com igual temura as peças minúsculas de uma mecânica de precisão. A sua consciência profissional tirava daí uma alegria entusiasta que o assemelhava, pelo gosto do trabalho acabado, aos briosos artífices da Idade Média.

Uma santa senhora de Alençon, Felicidade Baudouin, que tinha por ele grande consideração, ajudou-o a estabelecer-se nesta cidade. A 9 de Novembro de 1850 fez a aquisição de uma casa situada na rua da Ponte Nova, n.º 15, e aí instalou a sua oficina de relojoaria a que mais tarde anexou uma montra de joalharia. Ficava na freguesia de S. Pedro, nas proximidades da ponte que transpõe o Sarthe, em direcção a Montsort. O bairro, um pouco afastado, só se animava em dias de mercado, e mesmo assim sem febre nem precipitações, pois que a cidade raras vezes perde o seu ar de tranquila dignidade. O prédio era vasto e possuía um jardimzinho. O Capitão Martin e sua esposa ali viveram com o filho.

Inaugurou então a existência laboriosa, metódica e quase monástica que devia levar perto de oito anos. De estatura elevada, apuro de oficial, fisionomia simpática, fronte vasta e descoberta, tez clara, um belo rosto oval emoldurado de cabelos castanhos, nos olhos escuros uma chama suave e profunda, havia nele um misto de fidalgo e de místico que não deixava de impressionar. Uma rapariga muito rica, amiga da família, tinha pensado em casar

(1) Carta da Senhora Martin a seu irmão, de 1 de Janeiro de 1863.

com ele. Mas ele furtou-se à solicitação. Pretendia reservar a sua liberdade para Deus. A oficina transformara-se num retiro claustral onde prolongara interiormente o sonho tão cedo desfeito. O trabalho minucioso exige recolhimento e silêncio. Nada mais favorável à evasão para o Altíssimo.

Ao domingo a porta do estabelecimento mantinha-se obstinadamente fechada. Luís entregava-se com os seus aos exercícios de piedade. À maneira de distração, juntava-se facilmente a um grupo de amigos pertencentes à burguesia de Alençon e a que



A casa do Sr. Martin, na Rua da Ponte Nova

chamavam familiarmente, devido ao nome de um dos dirigentes, o *Círculo Vital-Rouet*.

Juntavam-se num local da rua de Mans, muito perto da capela de Nossa Senhora do Loreto, de acordo com o Deão de S. Leonardo, o Padre Hurel; ele concorria com a sua nota pessoal de fé intransigente e de caridade comunicativa.

Certo dia em que, num salão, ou por levandade ou por snobismo, ou por infiltração de liberalismo de espírito, se entregavam a experiências de mesas falantes, a presença dele impediu que a sessão tomasse um rumo ordinário. Quando se apresentava o ensejo, afirmava que as manifestações espíritas, mesmo que não dependam sempre, necessariamente, de intervenção do demónio, oferecem-lhe todas, pelo atractivo mórbido do maravilhoso, ocasião

de entrar em acção. É extremamente difícil, neste domínio, estabelecer fronteiras entre os fenómenos naturais e as proezas do príncipe das trevas. A princípio rejeitou o convite e, depois de vivas instâncias, apenas consentiu em comparecer com a condição de assistir como mero espectador passivo. Esta atitude de desaprovação indispos certas pessoas que, alegando o carácter inofensivo da experiência, insistiram para que se lhes juntasse. Ele recusou terminantemente e pôs-se a orar interiormente, para que a tentativa falhasse se o espírito mau lá estivesse metido. A mesa, nesse dia, manteve-se rebelde e os levianos acusaram "o santo homem" de desmancha-prazeres, ao passo que os mais sensatos tiraram do caso uma boa e oportuna lição.

Sem se furtar aos jogos de sociedade, no meio da qual a sua alegria franca e a sua perfeita urbanidade eram apreciadas por todos, Luís Martin preferia-lhes, contudo, os longos passeios. Como artista, saboreava as grandes caminhadas a pé. Dirigia-se para os arredores de Saint-Cénery, tão apreciados pelos pintores de fama, ou para o meio dos arvoredos magníficos da floresta de Perseigne. Ou então, adoptando de preferência hábitos sedentários, instalava-se na margem duma lagoa ou duma ribeira abundante em peixe, e, pacientemente, lançava o anzol.

A pesca constituía o seu passatempo favorito. Conhecia-lhe todos os segredos. No isolamento misterioso dos bosques normandos, em frente das águas tranquilas onde por vezes vogavam cisnes, o seu temperamento contemplativo expandia-se com delícia. Apreciava, como filho de Deus, os gorgeios e trinados das aves, orquestrados pelos ruídos do vento na folhagem. À tardinha arrancava-se à impressionante sinfonia agreste para levar às Clarissas de Alençon a abundante fritada, prova da sua habilidade. Na ocasião própria levava para casa algumas peças de caça, pois uma licença para isso prova-nos que ele não era estranho às aventuras cinegéticas.

Um dia quis arranjar uma espécie de vivenda solitária onde pudesse instalar os seus aparelhos de pesca, tratar a seu tempo do jardim, apesar de não ter muito gosto pela jardinagem, e entregar-se com vagar ao prazer das leituras elevadas e à contemplação. Para isso, a 29 de Abril de 1857, adquiriu a pitoresca propriedade do Pavilhão, na rua dos Lavadoiros, no bairro da Sénatorerie, no extremo sul da cidade, junto do ponto onde as águas do Sarthe se ramificam em vários braços. Fica à beira do caminho, rodeada dum lindo pedaço de terra, e consta de uma torre hexagonal com rez-do-chão e dois andares aos quais dá acesso uma escada exterior que vai ter a um balcão do primeiro andar; depois interiormente há uma escada de madeira em caracol.

Penetremos no edifíciozinho. Mobiliário reduzido: umas poucas de cadeiras, uma mesa sobre a qual se vêem marcados com registos alguns livros de portada austera; a um canto linhas de pesca, uma rede, um cesto; nas paredes um crucifixo, imagens piedosas e máximas ali colocadas pelo próprio mancebo: "Deus vê-me—A eternidade aproxima-se e nós não pensamos nisso—Bemaventurados os que guardam a lei do Senhor—Deus me defenda dos Seus juízos!"



O «Pavilhão», no tempo de Sr. Martin

cópia, não destituída de elegância, da obra executada em prata por Bouchardon, para a igreja de S. Sulpício, de Paris, e que desapareceu nos horrores da Revolução. Esta estátua, que tem 90 centímetros de altura (mas tão pesada que é capaz de carregar bem um homem robusto) representa a Imaculada, envolvida em artísticos panejamentos, de mãos estendidas como que a espalhar graças. A importância desta imagem vem-lhe do papel que ela desempenhou na vida da família Martin, porque, depois de ter presidido à cura miraculosa de Teresa, há-de, um dia, figurar triunfante, sob a invocação de *Virgem do Sorriso*, em cima da uma que encerrará as reliquias da Santa.

A casa não se assemelha nada a uma residência de rapaz solteiro. É, antes, o templo da austeridade. Uma senhora um pouco mundana, que um dia ali foi com a filha mais velha do senhor Martin, saiu precipitadamente: "Oh! Maria, até sinto arrepios nas costas!... Se fôssemos para o jardim!"

O solitário apenas tinha a companhia de uma galga que um dia, ao festejar a sua chegada, subiu até ao balcão e tanto pulou que caiu na rua e quebrou as patas.

O recinto à volta do Pavilhão era na mesma. Luís semeou lá algumas flores. Mais tarde plantará no centro uma nogueira, que crescerá junto do pinheiro. Ao fundo colocou a imagem de Nossa Senhora que lhe fora oferecida pela Senhora Baudouin. É uma

Por então—e é a única mágoa que dá à mãe—Luís não pensa de modo nenhum em formar família. O trabalho, a oração, as boas obras, as distrações sãs e as leituras sérias chegam para lhe encher bem a existência. Quem sabe se não conserva ainda no profundo da sua retina a imagem das geleiras e dos picos dos Alpes, onde a sua coragem temerária aspira a acudir aos sinistrados da montanha? Não conservará ele, com extremos cuidados, até ao fim da vida, a florzita agreste colhida um dia no flanco do São Bernardo e que para ele simboliza tanta coisa?

...

Zélia Guérin passará por uma decepção do mesmo género. O seu coração prodigiosamente sensível poderia ter cedido prematuramente ao apelo das criaturas. A formação recebida no lar, a vigilância um tanto desconfiada que a cercava e, ainda mais, o instinto duma natureza espontaneamente recta e piedosa, protegeram-na eficazmente. Foi para Deus que ela dirigiu toda a sua capacidade afectiva. Maria Luísa, a amiga confidente da sua alma, comunicava-lhe os sonhos de vocação religiosa suspensos, de momento, pela necessidade de ajudar a mãe no governo da casa. Zélia, mais livre que a irmã mais velha, quis ir antes dela. O temperamento levava-a a preferir a vida activa; a ternura compassiva atraía-a para junto dos doentes e dos deserdados da sorte. Pretendeu, pois, o hábito das Irmãs de S. Vicente de Paulo. Foi para dar parte dessa intenção que ela se apresentou no Hospital de Alençon, acompanhada da mãe. Notar-se-iam algumas reticências nos lábios maternos? Pareceria demasiado precária a saúde da postulante? Ou, mais simplesmente, uma intuição sobrenatural faria conhecer à Superiora os verdadeiros desígnios de Deus sobre a rapariga? O certo é que a entrevista não deu o resultado desejado. A Superiora, sem hesitar um momento, respondeu ao pedido de admissão que não era essa a vontade divina. Embora triste, Zélia não podia deixar de se curvar ante afirmação tão categórica. Daí em diante limitou-se a elevar ao céu esta súplica cheia de simplicidade: "Meu Deus, visto que não sou digna de ser vossa esposa, como é minha irmã, para cumprir a vossa santa vontade abraçarei o estado do matrimónio. Dai-me, então, eu vo-lo peço, muitos filhos e fazei que todos Vos sejam consagrados". Apesar destes desejos, ela sofrerá ainda por muito tempo a obsessão do claustro, e quantas vezes, no decurso da sua vida, não nos dará ela a impressão de trazer a cingir-lhe a fronte o toucado branco das Irmãs da Caridade, tanta era a sua dedicação ao serviço dos humildes.

Tomava-se necessário preparar o futuro. Os magros recursos

do oficial reformado não podiam chegar para constituir o dote da filha e custear a educação do mais novo que, em vista de se destinar às profissões liberais, devia ir dentro em breve para o liceu. Zélia confiou à Santíssima Virgem esta incerteza do dia seguinte. A resposta chegou-lhe a 8 de Dezembro de 1851, sob a forma de uma voz interior que, durante um trabalho absorvente e que de nenhum modo favorecia a auto-sugestão, lhe disse de maneira muito distinta: "Dedica-te ao Ponto de Alençon". A rapariga viu nisto a ordem do céu e, sem demora, tratou de a executar. Já durante os seus anos de estudo aprendera os rudimentos da indústria que dava fama à cidade. Para aprender a arte a fundo, entrou para uma escola de rendilheiras onde se ensinavam, com método, os mil segredos da profissão.

Trata-se de uma arte das mais subtis. Napoleão ficou extasiado com ela e Maria Luísa ainda mais, quando a berlinda imperial levou destas rendas para Paris em 1811. Tudo foram admirações dessas operárias de mãos de fada que, de manhã até à noite, como diz a canção do poeta Le Vavas seur,

*Entrelaçam a brincar,
Com seus lindos dedos gráteis,
Sem recurso aos bilros fáceis,
Lindas flores de encantar.*

O apadrinhamento histórico do famoso Ponto de Alençon caberia à Beata Margarida de Lorena. Esta antepassada de Henrique IV, nora do "Gentil Duque" que foi o companheiro de armas de Joana d'Arc, não se limitou a administrar o ducado durante vinte anos, com tal sensatez e condescendência que lhe deram o nome de "mãe de toda a caridade". Antes de acabar como Clarissa em Argentan, a 21 de Novembro de 1521, enriqueceu igrejas e mosteiros com bordados de mérito incalculável, feitos por ela com todo o carinho e que lhe dão direito a ser considerada legítima ascendente das nossas modernas rendeiras. Mas o patronato técnico das rendas pertence, incontestavelmente, a Colbert, que, pelo ano de 1664, mandou vir de Veneza trinta operárias hábeis no manejo da agulha.

A renda faz-se às tiras de quinze a vinte centímetros, sobre um pergaminho, perfurado segundo o desenho a reproduzir, e forrado de tela. Emprega-se fio de linho da melhor qualidade e extremamente fino. Feito o desenho, a tira passa de mão em mão, conforme o número de pontos que o formam, que chegam a ser nove e cada um constitui uma especialidade. Feito isto, é preciso soltar cada tira, desfazer todos os pontos inúteis, reparar as inevitáveis rasgaduras e finalmente proceder à junção das tiras,

trabalho do mais delicado que há feito com agulhas quase imperceptíveis e com fios cada vez mais finos. A incrível variedade dos processos, a escala graduada dos "cheios" e dos "tons" fizeram do Ponto de Alençon o enfeite sem rival dos guarda-roupas reais.

Zélia Guérin não tardou em adextrar-se neste prodígio da arte feminina. Conservaram-se algumas "tiras" executadas por ela, que são puras maravilhas de agilidade quase aracneana. Parece que



Uma tira de Ponto de Alençon, fabrico da Sr.^a Martin, reduzida a metade do tamanho.

saiu da escola antes de completar o tempo habitual. A sua natural beleza, a sua vivacidade de inteligência, o dom de simpatia que irradiava no mais alto grau, não podiam passar despercebidos. Quando notou, à sua volta, as amabilidades excessivas de um patrão, decidiu dar por terminada a experiência e estabelecer-se por conta própria, continuando, é claro, a aperfeiçoar a sua formação, frequentando um outro dos numerosos cursos profissionais abertos na cidade.

Pelos fins de 1853 estabeleceu-se como "fabricante de Ponto de Alençon", segundo demonstram os seus documentos de identidade civil. Isto não significava a abertura de uma oficina. O Ponto é uma obra-prima colectiva, mas que não exige a simultaneidade do trabalho em grupo. Exige sim, em quem empreende esta indústria, iniciativa e diligência para recrutar as operárias, para receber a

clientela, para distribuir as encomendas, para fornecer às operárias que trabalham nas suas casas o material necessário à execução da sua especialidade, para vigiar a passagem das tiras de uma para outra, para coordenar e corrigir o conjunto, para assegurar finalmente a colocação lucrativa. Alençon é o coração das rendas, mas à volta, nas proximidades, em Damigny, em Gandelain, em Roche-Mabile, desenham-se os graciosos arabescos, cuja magia contrasta com o ambiente rústico.

*Nos vetustos casais de madeira
fazem rocas de há muito olvidadas;
Mas agulhas no ritmo apressadas
Dedos picam gentis de rendeira.*

Zélia Guérin instalou o escritório na sala da frente na casa da família sita na rua de S. Brás. As quintas-feiras permanecia ali à disposição das operárias, entregando, recebendo e regulando o trabalho. Em geral reservava para si a reparação do tule, remediava os estragos que se davam inevitavelmente no decorrer das múltiplas manipulações e, se era necessário, procedia ao invisível ajustamento das tiras, escolho e triunfo das mais hábeis.

Pode afirmar-se sem exagero que era exímia neste trabalho tão especializado que exige vista perspicaz, grande habilidade e gosto primoroso. Era com carinho que se entregava a tal tarefa, ela que dirá um dia numa carta: "O meu único gosto é estar sentada junto à janela a ajuntar o meu Ponto de Alençon". As peças saídas das suas mãos serão logo classificadas como das mais belas e vendidas por alto preço, assegurando, assim, o crédito e a prosperidade da casa.

A parte estritamente comercial interessava-a menos, o que explica decerto o facto de ter deixado de trabalhar por sua conta desde 1856 a 1863 e ter recebido trabalho da casa Pigache. Ao princípio, quando se tratou de arranjar clientela e houve necessidade de entrar em relações com os armazéns de Paris, a juventude de Zélia Guérin retraiu-se. Foi a mais velha que, dominando a própria repugnância, se ofereceu para a substituir. Acompanhada pelo pai, Maria Luísa fez uma viagem de negócios a Paris. Os seus passos, coroados de êxito, garantiram o lançamento da empresa, mas apanhou por essa ocasião um resfriamento que lhe ia sendo fatal, a julgar por esta passagem duma carta que a Senhora Martin escreveu nas vésperas de morrer, à filha Paulina, a 22 de Março de 1877:

"Espero que Nosso Senhor irá fazer por mim o que fez pela tia, que há vinte e oito anos esteve desenganada dos médicos. O doutor dissera a minha mãe que a filha

não devia ter mais de três meses de vida. Mas ela rezou e fez uma novena a Nossa Senhora de La Salette para alcançar a graça de morrer religiosa. E apesar do mal não ter nunca desaparecido, o certo é que ainda viveu vinte e quatro anos".

* * *

A partir deste ano de 1853 os destinos das duas irmãs iam divergir sem nunca se alterar a amizade e a confiança que as unia. Maria Luísa ou, para lhe dar o nome familiar por que a tratavam na intimidade, Elisa, vai dirigir-se, com um esforço constante, para o claustro. Desde criança que afastou de si, com indomável energia, até a sombra do mal. O abuso deste argumento peremptório: "Isso é pecado" chegou a desenvolver nela uma delicadeza que roçava pelo medo e virá a degenerar em escrúpulos.

Foi pelo Apocalipse que aprendeu a ler. Quando ia com a mãe à igreja julgava-se obrigada a percorrer o seu missal sem erguer os olhos e passava a Missa a reler muitas vezes as orações do Ordinário. Faltou à sua infância a livre expansão própria de uma educação onde dominasse o amor.

Dois anos que passou com as Religiosas da Adoração Perpétua abriram-lhe os horizontes da vida claustral. Por sua vontade ter-se-ia feito imediatamente religiosa. Mas foi necessário, antes, servir de segunda mãe do seu irmão Isidoro. Depois em 1853, logo a seguir ao termo da viagem a Paris, deu-se a primeira crise de tuberculose de que haviam de ficar sempre vestígios. E o moral não ficou menos abalado. Durante cinco ou seis anos foi assaltada por dúvidas e inquietações de consciência que não contribuíram pouco para lhe minar a saúde. Andava, por isso, como ressequida. Por aspirar, nessa época, a seguir a Regra austera das Clarissas, cometeu, para mais, a imprudência de praticar excessos em penitências que lhe esgotaram as forças. Por alturas de 1856 deve ter-se dado uma grave recaída pulmonar.

Heróicamente tenaz, transpôs, vitoriosa, todos os obstáculos e, liberta de encargos familiares, livre das angústias interiores, suficientemente restabelecida de saúde, poderá bater à porta da Visitação de Mans, a 7 de Abril de 1858, com este lema bem gravado na alma: "Venho para aqui para ser santa".

Tinha então vinte e nove anos. Esperava-a uma última prova, a mais terrível. Prevenida dos sintomas de tuberculose que se tinham manifestado na rapariga em anos anteriores, a Superiora notificou-lhe a impossibilidade de a conservar entre a Comunidade. Mais uma vez Maria Luísa solicitou e obteve um milagre. Durante os poucos dias de prazo que lhe foram concedidos, manifestou tanto zelo pelo seu trabalho de roupeira,

tanto fervor pela oração, tanta aplicação em obedecer à Regra, que a Madre Teresa de Gonzaga de Freslon de tal sorte se impressionou que a admitiu no noviciado entre as "Irmãs agregadas" livres da obrigação do coro. A sua mãe, que viera de Alençon para a levar consigo, sentiu-se igualmente desarmada por tanta coragem. Estava ganha a batalha.

Zélia tinha-lhe seguido os passos com fraternal ansiedade. Incompreendida da mãe, tinha-se refugiado, com uma espécie de affecto impetuoso, na intimidade da irmã mais velha, tão previdente e tão boa, que lhe recebia todas as confidências. Eram inseparáveis, no rigoroso sentido da palavra. Vinte anos depois, quando a Visitandina morreu santamente, a Senhora Martin evocou essas recordações numa carta dirigida a Paulina: "Eu era tão amiga desta minha irmã! Não podia passar sem ela. Um dia, pouco tempo antes de ela ter partido para o convento, estava eu a trabalhar no jardim; mas ela não estava comigo. Não pude conservar-me sem ela e fui procurá-la. Ela então disse-me: — Que há-de tu fazer quando eu cá não estiver? — Respondi-lhe que me iria embora também. Na verdade parti, passados três meses, mas não pelo mesmo caminho" (1).

Na hora dolorosa em que se separou daquela que era na verdade a alma da sua alma é que Zélia Guérin vai ver surgir diante de si, de repente, a perspectiva do casamento. Pensaria nele, de facto, ou sofreria ainda, inconscientemente, a atracção do hábito e do consequente recolhimento? De estatura um pouco abaixo da mediana, de rosto muito lindo e expressão extremamente pura, de cabelos castanhos despreziosamente compostos, de nariz comprido e harmonioso de linhas, de olhos negros, cintilantes de decisão e onde por momentos passava uma sombra de melancolia, Zélia tinha dotes para poder agradar. Tudo nela era viveza, delicadeza, amabilidade. Dotada de espírito alegre e culto, de grande sentido prático e de nobre carácter e sobretudo de fé intrépida, era uma mulher superior que devia atrair as atenções.

Uma senhora da sociedade, que vivia em Paris, quis levá-la consigo e apresentá-la nos salões. A proposta fê-la sorrir: não gostava de se exhibir. Mas eis que a Providência se mete no caso por meio duma senhora de bom senso empenhada em casar o santo do seu filho, entusiasmado demais com o celibato.

A esposa do Capitão Martin não se consolava de ver o filho, que não tardaria a fazer trinta e cinco anos, enterrar-se na piedosa solidão da relojoaria da Ponte-Nova e do Pavilhão. Censurava-o affectuosamente, mas ele não dava mostras de se impressionar.

(1) Carta da Senhora Martin a Paulina, de 4 de Março de 1877.

Nos cursos profissionais que ela frequentava nos momentos disponíveis, para se especializar nalgum dos pontos da célebre renda e assegurar à família recursos suplementares, encontrara-se, lado a lado, com Zélia Guérin e notou as sérias qualidades da rapariga, envolvidas em tantos encantos. Não seria aquela a esposa ideal para o filho? A pouco e pouco insinuou-se-lhe no espírito e conseguiu abalar uma resistência que parecia invencível.

Uma intervenção misteriosa facilitou a aproximação. Um dia em que Zélia Guérin passava pela Ponte de São Leonardo, cruzou-se com um mancebo, cuja nobreza de fisionomia e dignidade de maneiras e modos reservados a impressionaram. Neste instante uma voz interior segredava-lhe: "Foi este que eu preparei para ti". Informou-se discretamente a respeito da identidade dele e começou a conhecer Luís Martin.

Os dois jovens depressa se apreciaram e amaram. O seu acordo moral estabeleceu-se tão depressa que os esponsais vieram selar, sem demora, o mútuo compromisso, e três meses depois do primeiro encontro puderam unir-se diante de Deus.

A 13 de Julho de 1858 — para não falar no registo civil que apenas representava, aos olhos deles, um odioso contrasenso, nas palavras, e uma formalidade vã, na realidade — fizeram os seus mútuos juramentos na esplêndida igreja de Nossa Senhora. O Padre Hurel, Deão de S. Leonardo, que, certamente, haveria aprovado o projecto com a sua autoridade de padre espiritual, recebeu o consentimento dos noivos. A cena passou-se à meia noite, na mais rigorosa intimidade, como que para não saborearem da cerimónia senão o perfume cristão e talvez também porque as grandes obras de Deus se operam no silêncio nocturno, e a união de que havia de nascer a Santa de Lisieux tinha o selo da grandeza.

O prédio da rua da Ponte-Nova tinha sido preparado à pressa para receber o novo casal. Como se tratava de uma casa vasta e com entrada particular, prestava-se à coabitação de duas famílias em perfeita independência, sem prejuízo do espaço reservado à oficina de relojoaria e ao armazém de joalharia.

Os pais do senhor Martin instalaram-se no primeiro andar. Zélia transferiu o escritório para a nova casa. Viveria assim perto dos seus, visto que apenas ficava separada da rua de S. Brás por um pequeno troço da Rua Grande (1).

(1) Nesta monografia duma perfeita família francesa não ficará deslocado observar que Zélia Guérin trazia a seu marido cinco mil francos de dote e sete mil de economias pessoais. Luís Martin, por seu lado, tinha vinte e dois mil francos de economias, além de uma instalação profissional completa e duas propriedades absolutamente livres de encargos e mobiladas, a da Ponte-Nova e a do Pavilhão.

tanto fervor pela oração, tanta aplicação em obedecer à Regra, que a Madre Teresa de Gonzaga de Freslon de tal sorte se impressionou que a admitiu no noviciado entre as "Irmãs agregadas" livres da obrigação do coro. A sua mãe, que viera de Alençon para a levar consigo, sentiu-se igualmente desarmada por tanta coragem. Estava ganha a batalha.

Zélia tinha-lhe seguido os passos com fraternal ansiedade. Incompreendida da mãe, tinha-se refugiado, com uma espécie de afecto impetuoso, na intimidade da irmã mais velha, tão previdente e tão boa, que lhe recebia todas as confidências. Eram inseparáveis, no rigoroso sentido da palavra. Vinte anos depois, quando a Visitandina morreu santamente, a Senhora Martin evocou essas recordações numa carta dirigida a Paulina: "Eu era tão amiga desta minha irmã! Não podia passar sem ela. Um dia, pouco tempo antes de ela ter partido para o convento, estava eu a trabalhar no jardim; mas ela não estava comigo. Não pude conservar-me sem ela e fui procurá-la. Ela então disse-me: — Que há-de tu fazer quando eu cá não estiver? — Respondi-lhe que me iria embora também. Na verdade parti, passados três meses, mas não pelo mesmo caminho" (1).

Na hora dolorosa em que se separou daquela que era na verdade, a alma da sua alma é que Zélia Guérin vai ver surgir diante de si, de repente, a perspectiva do casamento. Pensaria nele, de facto, ou sofreria ainda, inconscientemente, a atracção do hábito e do consequente recolhimento? De estatura um pouco abaixo da mediana, de rosto muito lindo e expressão extremamente pura, de cabelos castanhos despretensiosamente compostos, de nariz comprido e harmonioso de linhas, de olhos negros, cintilantes de decisão e onde por momentos passava uma sombra de melancolia, Zélia tinha dotes para poder agradar. Tudo nela era viveza, delicadeza, amabilidade. Dotada de espírito alegre e culto, de grande sentido prático e de nobre carácter e sobretudo de fé intrépida, era uma mulher superior que devia atrair as atenções.

Uma senhora da sociedade, que vivia em Paris, quis levá-la consigo e apresentou-a nos salões. A proposta fê-la sorrir: não gostava de se exhibir. Mas eis que a Providência se mete no caso por meio duma senhora de bom senso empenhada em casar o santo do seu filho, entusiasmado demais com o celibato.

A esposa do Capitão Martin não se consolava de ver o filho, que não tardaria a fazer trinta e cinco anos, enterrar-se na piedosa solidão da relojoaria da Ponte-Nova e do Pavilhão. Censurava-o affectuosamente, mas ele não dava mostras de se impressionar.

(1) Carta da Senhora Martin a Paulina, de 4 de Março de 1877.

Nos cursos profissionais que ela frequentava nos momentos disponíveis, para se especializar nalgum dos pontos da célebre renda e assegurar à família recursos suplementares, encontrara-se, lado a lado, com Zélia Guérin e notou as sérias qualidades da rapariga, envolvidas em tantos encantos. Não seria aquela a esposa ideal para o filho? A pouco e pouco insinuou-se-lhe no espírito e conseguiu abalar uma resistência que parecia invencível.

Uma intervenção misteriosa facilitou a aproximação. Um dia em que Zélia Guérin passava pela Ponte de São Leonardo, cruzou-se com um mancebo, cuja nobreza de fisionomia e dignidade de maneiras e modos reservados a impressionaram. Neste instante uma voz interior segredava-lhe: "Foi este que eu preparei para ti". Informou-se discretamente a respeito da identidade dele e começou a conhecer Luís Martin.

Os dois jovens depressa se apreciaram e amaram. O seu acordo moral estabeleceu-se tão depressa que os esponsais vieram selar, sem demora, o mútuo compromisso, e três meses depois do primeiro encontro puderam unir-se diante de Deus.

A 13 de Julho de 1858 — para não falar no registo civil que apenas representava, aos olhos deles, um odioso contrasenso, nas palavras, e uma formalidade vã, na realidade — fizeram os seus mútuos juramentos na esplêndida igreja de Nossa Senhora. O Padre Hurel, Deão de S. Leonardo, que, certamente, haveria aprovado o projecto com a sua autoridade de padre espiritual, recebeu o consentimento dos noivos. A cena passou-se à meia noite, na mais rigorosa intimidade, como que para não saborearem da cerimónia senão o perfume cristão e talvez também porque as grandes obras de Deus se operam no silêncio nocturno, e a união de que havia de nascer a Santa de Lisieux tinha o selo da grandeza.

O prédio da rua da Ponte-Nova tinha sido preparado à pressa para receber o novo casal. Como se tratava de uma casa vasta e com entrada particular, prestava-se à coabitação de duas famílias em perfeita independência, sem prejuízo do espaço reservado à oficina de relojoaria e ao armazém de joalharia.

Os pais do senhor Martin instalaram-se no primeiro andar. Zélia transferiu o escritório para a nova casa. Viveria assim perto dos seus, visto que apenas ficava separada da rua de S. Brás por um pequeno troço da Rua Grande (1).

(1) Nesta monografia duma perfeita família francesa não ficará deslucido observar que Zélia Guérin trazia a seu marido cinco mil francos de dote e sete mil de economias pessoais. Luís Martin, por seu lado, tinha vinte e dois mil francos de economias, além de uma instalação profissional completa e duas propriedades absolutamente livres de encargos e mobiladas, a da Ponte-Nova e a do Pavilhão.

CAPÍTULO III

A VOCAÇÃO PARA A VIDA DE FAMÍLIA

PRELÚDIO VIRGINAL — PRIMEIROS NASCIMENTOS
MARIA, PAULINA, LEÓNIA, HELENA
A SENHORA MARTIN E A SUA CORRESPONDÊNCIA
A AMIZADE FRATERNAL AO SENHOR GUÉRIN

A cena digna da *Legenda Áurea*, com que abre a monografia da família Martin, é de linhas tão puras, que a pena, ao descrevê-la, tem receio de a macular. Vimos os sentimentos com que o mancebo se encaminhava para o casamento. Amara o celibato, não como garantia de independência e de isolamento egoísta, mas como exercício de um teor de vida mais livre de encargos físicos. Se acabara por se render aos argumentos maternos, o fundo místico do seu ser conservava afinidades tenazes com o ideal monástico. A nobreza entrevista na alma da noiva, levou-o a conceber a esperança de estabelecer entre os dois, à maneira da mártir Santa Cecília e de Valeriano e dos Santos Elzeário de Sabran e Delfina de Glandève, terceiros franciscanos, uma dessas uniões absolutamente fraternais, em que as almas, transpondo o domínio dos sentidos, se fundem, para se elevarem para Deus em todo o dinamismo dum amor divinamente purificado.

Estudou minuciosamente o valor teológico dum casamento nessas condições, como o atesta a seguinte nota, copiada por sua mão nessa época e encontrada entre os papéis íntimos:

"Da doutrina da Igreja a respeito do Sacramento do matrimónio.

O laço que constitui este sacramento é independente da consumação do mesmo. Temos prova evidente desta verdade na Santíssima Virgem e S. José que apesar de legitimamente casados conservaram continência perpétua. Estes ilustres esposos tiveram depois por imitadores muitos santos que, mantendo a virgindade no casamento se limitaram à pura união dos corações, renunciando, de comum acordo, ao comércio carnal que lhes era permitido. Estes

casamentos tinham tudo quanto era essencial à sua validade e ainda a vantagem sobre os demais de representarem de modo mais perfeito a união casta e absolutamente espiritual de Jesus Cristo com a sua Igreja".

Partilharia Zélia Guérin das opiniões do esposo? Logo que teve de renunciar à esperança da vida religiosa, sem todavia se desprender da secreta atracção que por ela sentia, despertou nela um forte instinto de maternidade. A sua única ambição era a de ter muitos filhos e de os dirigir todos para Deus. Mas, por muito incompreensível que isto pareça aos nossos espíritos modernos, ela apenas conhecia muito imperfeitamente o mistério da vida.

Não havia então manuais de preparação para o casamento. Não estava na ordem do dia o problema da iniciação sexual. Era um assunto completamente banido das preocupações dos estabelecimentos de ensino e que, nos meios herméticamente fechados da burguesia cristã, se pretendia afastar da curiosidade da gente nova. A educação dura dada na família Guérin não era de molde a facilitar as necessárias expansões em tal terreno.

Compreende-se que nestas condições uma alma de limpidez cristalina chegasse à hora do casamento sem ter sido previamente advertida de todos os deveres e responsabilidades que ele acarreta; e alguns exemplos destes conhecemos passados entre as nossas avós.

A plena revelação feita num momento provocou em Zélia Guérin como que um pudico receio das coisas carnaes e levou-a a corresponder às íntimas aspirações do marido. A irmã Visitandina recebeu logo a confiança dessa decisão. Como tudo nesta união foi impregnado de piedade, no próprio dia do casamento os recém-casados fizeram a viagem a Mans para se recomendarem às orações daquela que tratavam vulgarmente por "santinha". Essa primeira visita ao mosteiro logo a seguir a um tal choque psicológico, avivou na Senhora Martin a nostalgia do claustro e provocou uma crise de lágrimas que, dezanove anos mais tarde, revelou a sua filha Paulina numa carta redigida nos seguintes termos:

"Posso dizer que chorei nesse dia todas as minhas lágrimas, mais do que tenho chorado em toda a minha vida e do que todas, as que hei-de chorar. A minha querida irmã não sabia como me havia de consolar.

Não era porque me desgostasse vê-la ali, não, pelo contrário, mas o meu desejo seria estar lá também. Comparava a minha vida com a dela e cada vez chorava mais. Enfim, durante algum tempo não tive pensamentos e afectos que não fossem para a Visitação, lá muitas vezes visitar minha irmã e junto dela sentia uma calma e uma paz impossíveis



20 - Zélia Guérin e a irmã Visitandina, antes do seu casamento. A irmã Visitandina, antes do seu casamento. A irmã Visitandina, antes do seu casamento.

de exprimir. Quando me vinha embora sentia-me tão desgraçada por estar no mundo! Como eu queria esconder a minha vida junto dela!

Sendo, como és, tão amiga do teu pai, minha querida Paulina, poderás imaginar que eu lhe dava desgostos e que lhos tinha dado no dia do casamento. Mas não é verdade. Como tinha gostos semelhantes aos meus, ele compreendia-me e consolava-me o melhor que podia. Penso até que a nossa mútua afeição aumentou por isso. Os nossos sentimentos estavam sempre de acordo e ele serviu-me constantemente de amparo e consolação" (1).

Os dois esposos, de facto, apreciavam mais, dia a dia, o encanto da sua temura espiritualizada. A irmã mais velha manifestava a satisfação que isto lhe causava. Numa carta de 27 de Julho de 1858 escrevia à mais nova:

"Estou contentíssima por ver que és feliz e não tenho palavras para exprimir o reconhecimento que dedico à respeitável família em que entraste, por todas as atenções de que te cercam".

Aludindo ao "segredo" que lhe fora confiado, alegrava-se por ver que Zélia e aquele que passara a considerar "como um irmão" adoptavam um estado tão perfeito".

Antes de encerrar este gracioso episódio será interessante examinar as razões profundas que o motivaram.

Podemos, sem dúvida, ver nele apenas um sonho, com seu quê de utopia junto a uma desconfiança excessiva de tudo o que se refere aos sentidos e ir mesmo até à condenação dos sistemas de educação truncada dessa época. Não será, contudo, mais prudente, encarando a maravilha de santidade que veio a nascer desta união, acentuar a conveniência sobrenatural de tais prelúdios? (2).

O casamento tem um fim pessoal: a expansão total dos cônjuges que se auxiliam mutuamente para realizarem a sua missão na unidade da sociedade familiar. Nada mais eficaz para isso do que o estágio feito pelos dois nos cumes da continência, onde as almas mais libertas, realizam intensamente a sua comunhão moral.

(1) Carta da Senhora Martin para Paulina, de 4 de Março de 1877.

(2) Para se ver como o egoísmo estava bem longe da resolução de se absterem das relações conjugais basta notar que logo no começo da vida matrimonial receberam em casa e aí conservaram durante alguns anos um rapazinho de 5 anos cujo pai acabava de perder a esposa e ficara com onze filhos.

O casamento tem um fim social: a contribuição dada à colectividade nacional por essas energias ontem individualizadas, hoje decuplicadas pela união. E além destes fins e acima de todos os mais, o fim essencial: o dom da vida, o desenvolvimento da criança, a formação do homem.

Que noviciado poderia ser mais profícuo, neste particular, do que o tempo de recolhimento, de oração e de sacrifício em que o espírito, dominando o instinto, o mantém subjugado? Não; a resolução do casal Martin, não era aabalada romântica para um idílio precipitado; era a providencial preparação de uma raça santa a mais não ser. Deus que fez com que Seu Filho nascesse em terra virgem, não quis confiar Teresa do Menino Jesus senão a pais que, por terem praticado a virgindade, fossem capazes de lhe compreender o esplendor.

* * *

Após dez meses de vida comum a intervenção oportuna do confessor levou o casal Martin a modificar o seu modo de ver e a realizar por modo diferente a missão que o Céu lhes destinara. A concepção que formavam do casamento tomou-se mais ampla. Compreenderam que, segundo a frase do Padre Sertillanges, "a carne colocada no seu lugar não ofusca o espírito; serve-o". As primitivas repugnâncias cederam o lugar à compreensão plena da união transmissora da vida em que a teologia católica vê, não só o meio ordenado por Deus para perpetuar a raça e povoar de eleitos o Céu, mas também o símbolo concreto da unidade conjugal, a expressão perfeita do amor sem reservas que liga entre si os cônjuges, numa palavra, o sinal sensível do dom total que um faz ao outro de todo o seu ser em ordem a "mutuamente se ajudarem a ir até Deus", como diz S. Francisco de Sales ⁽¹⁾.

(1) Teresa havia de passar mais tarde por uma evolução semelhante. "Quando era muito pequena, declarou ela, desgostava-se por ter um corpo; não me sentia à vontade dentro dele e dele me envergonhava". Maria, sua irmã, contou que durante a doença que teve aos nove anos, a criança a custo suportava que a despiassem para lhe aplicarem o tratamento hidroterápico prescrito pelo médico. Com o decorrer do tempo veio a avaliar com mais exactidão as relações entre a "irmã Alma" e o "irmão Corpo". A Reverenda Madre Inês de Jesus — a sua "mãezinha" — fez o seguinte depoimento a este respeito no Processo de Canonização:

"A Serva de Deus era muito simples, completamente ignorante do mal, receosa de o descobrir, conforme confessou na sua Vida. Tinha confiado a guarda da sua pureza à Santíssima Virgem e a S. José. Mais tarde compreendeu que tudo é puro para os puros. Vendo que

O que sobretudo influiu no casal Martin para que interrompessem a sua santa experiência foi a santa ambição de dar filhos e filhas ao Senhor. Não poderiam reviver a visão do convento e do altar que lhes encantara a juventude, numa posteridade preparada pelas suas mãos para o serviço de Deus? Que feliz compensação num destino destes: os filhos penhor e fruto do seu amor, incarnação viva e síntese do seu ser, objecto da sua comum dedicação, ocuparem os seus lugares para se consagrarem ao Altíssimo e darem assim ao matrimónio um prolongamento sacerdotal e religioso! Era, na verdade, uma perspectiva própria para exaltar e fazer vibrar aqueles corações de cristãos. Tal perspectiva podemos arriscar-nos a dizer que os reconciliou com as mil dificuldades materiais da vida conjugal. Não será esta magnífica rectificação de sentimentos o que se depreende do final da carta já citada, como conclusão das confidências feitas a Paulina? — "Logo que tivemos filhos as nossas ideias mudaram um pouco. Só vivíamos para eles, constituam eles toda a nossa felicidade e nunca tivemos outra. Nada nos custava já; a vida não nos parecia difícil. Para mim eram eles a maior das compensações e por isso desejava ter muitos, a fim de os criar para o Céu".

O senhor Martin e a esposa tinham descoberto desde então, por assim dizer, no coração do sacramento, o seu centro de equilíbrio e a sua fonte de perfeição.

Pouco a pouco os sonhos de evasão para um estado mais perfeito foram-se desvanecendo. Não era apesar do casamento, era no casamento e pelo casamento que iam santificar-se, apresentando um modelo não menos heróico, mas de nível mais acessível do que aquele que primeiro haviam sonhado. Viriam a demonstrar que a vida conjugal não é o cabo das tormentas onde vem naufragar toda a dedicação e todo o desejo de santidade, mas o ponto de partida para uma ascensão mais ardente, porque é feita de companhia. A natureza, subordinada ao ritmo da graça, longe de retardar a esta o andamento dá-lhe mais ardor. Pelo facto de o pecado original ter perturbado a harmonia do plano divino, não se deve olhar com pessimismo para a obra do Creador. Mutilado

ela tinha o conhecimento das coisas da vida perguntou-lhe quem a tinha instruído a esse respeito. Ela respondeu-me que o encontrara, sem o procurar, na natureza, observando as flores e as aves e acrescentou: "Mas a Santíssima Virgem também sabia tudo. Pois não disse ao Anjo, no dia da Anunciação: 'Como pode ser isso, se eu não conheço homem?' Não é no conhecimento das coisas que está o mal. Nosso Senhor não fez nada que não fosse muito bom e muito nobre. O matrimónio, para aqueles que Deus chama a esse estado, é belo; o que o desfigura e o mancha é o pecado".

e decaído quando o egoísmo o torna estéril, o lar enobrece-se quando realiza os desígnios de Deus. A responsabilidade da família ergue-se às alturas de vocação.

O Senhor Martin e a esposa estão agora preparados para a "grande travessia". À noite, depois de um dia de trabalho pesado, os pensamentos, as conversas, as orações vão completamente para o pequenino ser que está para vir. A mãe, recolhendo-se cada vez mais, vive espontaneamente o programa que Monsenhor Gay apresentava, nessa ocasião, às senhoras cristãs:

"Principalmente nos meses, que precedem mais de perto o nascimento, seria necessário que a jovem mãe conservasse a sua alma como que impregnada de Deus, cuja obra, cuja imagem, cujo bem — o filho — ela traz dentro de si. Seria preciso que ela fosse para o produto das suas entranhas um templo, um santuário, um altar e uma espécie de tabernáculo; que possuísse, por assim dizer, a vida de um sacramento vivo, de um sacramento em acto, mergulhando no próprio seio de Deus que realmente a constitui e a consagra como tal, para nele sorver as energias, as claridades, as belezas naturais e sobrenaturais que Ele quer comunicar, precisamente por meio dela, à criança que nela vive e que vai nascer".

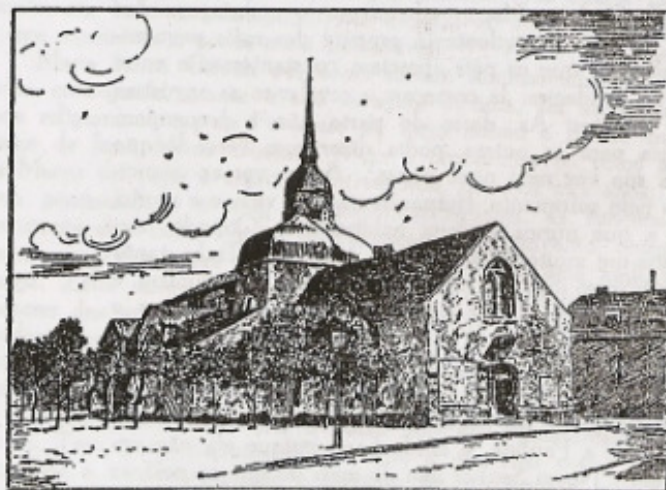
Foi fixada na vida dos dois esposos a orientação definitiva. Conhecerão a fase alegre, assinalada por quatro nascimentos; a fase laboriosa, com mais cinco nascimentos, seis mortes, tribulações entremeadas de sorrisos; conhecerão a fase dolorosa, com o calvário e com o sublime sacrifício dos pais a terminar depois na fase gloriosa no dia em que Teresa, a derradeira conquista do seu amor, lhes levará o nome aos altares.

• • •

Foi no dia 22 de Fevereiro de 1860 que a Senhora Martin experimentou o orgulho de ser mãe. Ainda se sentia estremecer de alegria sete anos mais tarde, quando, para animar a cunhada lhe recordava o acontecimento: "Não será isso que me conta um indício de que está para ser mãe? Quantos pequenos cuidados com que é necessário contar, mas também quantas alegrias no meio deles! Pelo meu pai soube que se tem sentido doente. Também assim andei quando foi da minha primeira filhinha. Julgava-me perdida e chorei, eu que tanto desejava um filho! Mas nem por isso a criança deixou de nascer e era bem forte" (1).

(1) Carta da Senhora Martin a sua cunhada, de 13 de Janeiro de 1867.

Durante a expectação ansiosa, tinham organizado meticulosamente, como sabem fazer os jovens casais, as futuras tradições do lar, o código ou, se preferem, o ritual cristão dos nascimentos. A Rainha do Céu seria a padroeira da filha mais velha e daria o nome a todos os outros, sem distinção de sexo, embora, para os distinguir, por assim o requerer a boa ordem, tivessem de ser designados pelo nome do padroeiro secundário. O primeiro rapaz seria colocado sob a protecção de S. José. Afora estas regras gerais, dar-se-ia por deferência, o nome do padrinho ou da madrinha. Esta lei, a que se obedecia escrupulosamente impôs ao Senhor



Antiga Igreja de S. Pedro de Montfort, em 1860

Martin a renúncia ao nome de Ivone, que ele gostaria de dar a uma das filhas, como recordação da sua querida Bretanha, onde este nome é muito popular.

O baptismo realizar-se-ia no próprio dia do nascimento, no dia seguinte o mais tardar conforme as leis da Igreja que quer afastar dos recém-nascidos o perigo de morrerem sem a esperança do Céu e também pelo desejo de os pais verem os seus próprios filhos tomarem-se filhos de Deus o mais depressa possível. Quando o senhor Martin acompanhou a filha mais velha, Maria Luísa, ao baptistério da velha igreja de S. Pedro de Montfort, o sacerdote sentiu-se impressionado com a expressão radiante do seu rosto. "É a primeira vez que V. Rev.^a me vê num baptizado, exclamou ditoso o pai, mas não há-de ser a última!"

De facto, no dia 8 de Dezembro do ano seguinte, a jovem

mamã, recordando a graça obtida nove meses antes em igual dia, voltou-se para a Virgem Imaculada a pedir o favor de um segundo nascimento.

No dia 7 de Setembro de 1861 Maria Paulina aparecia neste mundo. Depois, a 3 de Junho de 1863, a Maria Leônia, cujo baptizado no dia seguinte, coincidiu com a festa do Santíssimo Sacramento.

Com esta começaram as inquietações maternas. Era uma lourinha de olhos azuis, de constituição muito frágil e formando perfeito contraste com as mais velhas, pequenitas morenas e cheias de vivacidade.

Nas cartas da Senhora Martin adivinha-se a embriaguez das primeiras carícias, os olhares vigilantes à espreita dos mais pequeninos gestos, do balbuciar que os pais apreciavam constantemente entre si, à noite, à luz do candeeiro. Já começam a revelar-se as angústias da assistente de doentes. As dores do parto não a preocupam nada. Se as receia para as outras, podia dizer com verdade que "quando chega a sua vez nem nisso pensa". Agora ver as criancinhas martirizadas pelo sofrimento, flutuando entre a vida e a morte, era uma tortura a que nunca poderia habituar-se. "Quando criei a mais velha sentia-me muito feliz. Era tão saudável! Tinha tanta vaidade nela que Nosso Senhor não permitiu que isso durasse e todos as outras filhas que tive depois custaram muito a criar e deram-me sérios cuidados" (1).

"A minha Leôniazinha já fez nove meses e segura-se muito menos de pé do que a Maria aos três meses. A pobrezinha é muito franzina; tem uma espécie de coqueluche crónica que não é tão forte como a que teve a Paulina, e ainda bem, porque ela não era capaz de a aguentar e Nosso Senhor não dá mais do que as pessoas podem suportar" (2).

Quando a Maria Helena nasceu, a 13 de Outubro de 1864, a mãe não pôde gozar a alegria que tanto apreciava, de a amamentar, pelo menos em parte. A sua saúde atravessava períodos de depressão. Não tardariam a aparecer os primeiros sintomas do mal que um dia havia de vitimá-la. Foi preciso entregar a criança a uma ama. Problema difícil. O senhor Martin era muito exigente neste ponto. Entendia que na escolha das amas o inquérito devia ter em vista tanto a moralidade como as condições de higiene física. Pois não é a alma da criança pequenina uma placa sensível extremamente impressionável, onde os traços iniciais se gravam de modo indelével para toda a vida?

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de Maio de 1868.

(2) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 11 de Março de 1864.

As visitas à filhinha contaram-se, desde esse momento, entre as horas mais deliciosas durante as quais a mãe experimentou o êxtase da maternidade. É digno de se ler o relato que delas faz nas suas cartas ao irmão: "Quarta-feira passada fui ver a minha Helenazinha. Parti às sete da manhã e fiz a viagem à chuva e ao vento, tanto para lá como para cá. Imagina a minha canseira durante a caminhada. Mas sentia-me animada pela lembrança de que daí a pouco ia ter nos braços o objecto do meu amor. A minha Helenazinha é uma joia, linda que é um encanto" (1).

"Não me lembro de ter sentido nunca uma tal impressão de felicidade como quando peguei nela ao colo e quando ela se sorriu para mim tão graciosamente que me parecia estar a ver um anjo; enfim, não te posso explicar: penso que ainda não se viu nem se tomará a ver uma criança tão encantadora. Quando terei eu a felicidade de ter constantemente junto de mim a minha Helenazinha? Não me posso convencer de que me cabe a honra de ser mãe de uma criatura tão deliciosa!... Não tenho motivo de me arrepender de ter casado, vamos lá. Se visses as duas mais velhas como estavam hoje bem vestidas! Toda a gente as admirou sem lhes poder tirar os olhos de cima. E eu a observar, radiante, dizia comigo: São minhas! Ainda tenho mais duas que não estão aqui: uma linda, outra menos linda, a quem eu quero como às outras, mas que não me dará tanto gosto" (2).

As últimas palavras referiam-se à Leônia, cujo temperamento difícil inquietava já a mãe e que havia, aliás, de desmentir o prognóstico e, por um magnífico esforço, enobrecer, com as suas virtudes, a coroa materna.

Esta profissão de fé que, em sinceridade e em sentimento, quando não tem valor artístico, iguala as melhores páginas de Vitor Hugo, revela-nos a lástima que causaria à Senhora Martin a mulher boneca que receia as deformações e só cuida do colorido da sua pele e da sua linha. Como lhe teria provocado sorrisos o aposento mimoso onde tudo gravita em volta do herdeiro único, ídolo e tirano ao mesmo tempo! Um dia, quando lhe davam a surpreendente notícia de que uma mulher da região tinha tido três gémeos, exclamou: "Oh! que mãe tão feliz! Se eu tivesse ao menos dois gémeos! Mas nunca hei-de saber o que é tal felicidade!". O que ela prefere acima de tudo é a vigília à volta dos berços, os vagidos dos recém-nascidos, é o mágico despertar dos bebés que se agitam, chilreiam e brincam à sua roda, não lhe dando um momento de repouso, crivando-a de perguntas, comendo-a de beijos.

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 5 de Março de 1865.

(2) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 23 de Abril de 1865.

As cartas por ela escritas estão cheias das palavras encantadoras e dos gestos ingênuos que valem mais, aos seus olhos, do que o descobrimento dum mundo. Isidoro Guérin inquiria ansiosamente sobre tudo o que diz respeito a Paulina, sua afilhada. Na carta do dia de Ano Novo descreve-lha assim: "Nem calculas como é gentil e meiga. Manda-te muitos abraços a cada passo, sem lhe dizermos nada. Manda beijinhos ao Menino Jesus! Não fala mas compreende tudo. Enfim, é uma maravilha! Depois, são reflexões engraçadas. Na Sexta-feira Santa, em pleno ofício, agitando uma estampa de papel que lhe deram, em que estava representada uma religiosa da Visitação, gritava com quanta força tinha: "Olha a minha tia!". Depois, com um retrato do padrinho na mão, arrelia a mais velha, com uma questão de estética:

"Olha o meu padrinho, tão lindo o meu padrinho! tem cabelos na cabeça, e o teu não" ⁽¹⁾. — "Queres crer, — sublinha de outra vez a ditosa mãe — que já gosta de andar bem vestida? Quando lhe dizem que vai passear encaminha-se a toda a pressa para o armário onde está o vestido melhor e estende a carita, dizendo: "Lavar-me!" "Acho tudo isto maravilhoso, como se não fosse uma coisa normal" ⁽²⁾.

Para esta mãe que nunca regateou com a vida, a maternidade não é um fardo que se teme, nem um percalço que se suporta. É uma renovação, um desabrochar, uma transformação. A obra-prima da mulher é a criança.

• • •

Neste capítulo a Senhora Martin deixou-nos mais do que uma obra de literatura, deixou-nos um documento humano: a correspondência admirável em que revela, dia a dia, as suas impressões, os seus projectos e os seus sonhos.

Trata-se de cerca de duzentas cartas que a piedade filial guardou como uma preciosidade e que vão de Janeiro de 1863 a 16 de Agosto de 1877. Ditou-as apenas o espírito de família. Vivía longe de Isidoro Guérin, retido primeiro em Paris, pelos estudos, depois em Lisieux, pela farmácia; vivia longe da "santinha de Mans", encerrada no seu convento; mais tarde, achou-se separada de Maria e de Paulina, alunas internas na Visitação. Era

⁽¹⁾ Carta da Senhora Martin ao irmão, de 12 de Janeiro de 1865. O padrinho de Maria era o seu avô, o Senhor Guérin.

⁽²⁾ Carta da Senhora Martin ao irmão, de 5 de Abril de 1863.

necessário transmitir-lhes algumas "faulhas do lar". O pai, como todos os homens, tinha muita preguiça de escrever — quantas vezes a mulher o repreendeu em vão! — e por isso era a mãe que pegava na pena. Eis a razão por que a sua personalidade, em todo este período, se revela plenamente, relegando um pouco para segundo plano a actividade não menos fecunda do Senhor Martin, e o seu papel primacial na direcção da casa.

Nesta colecção epistolar verificam-se algumas falhas. Perderam-se as cartas que preparavam a Maria para a primeira comunhão, as que diziam respeito à morte do pequenino José Maria Luís e finalmente toda a correspondência dirigida à irmã mais velha — o que representa a perda mais lamentável.

Maria Luiza Guérin ou, como diziam familiarmente, a Elisa, tinha conseguido, graças à sua coragem heróica, ser admitida na vida religiosa. A 24 de Fevereiro de 1859 tomou o hábito com o nome de Irmã Maria Dositeia. Veio a pronunciar os votos a 12 de Março de 1860 e exerceu, em seguida, durante seis anos, com uma pontualidade e uma dedicação admiráveis, as funções de Assistente da Madre Mestra do Noviciado. No convento, como no mundo, continuou a ser para a mais nova mais que uma irmã, uma amiga. Zélia abre-se com ela com toda a simplicidade. Com o decorrer dos anos a intimidade revestir-se-á de um matiz superior. Predominantemente espiritual seria ele a julgar por esta frase lançada num bilhete para o irmão, em tom meio sério, meio jocoso e como por brincadeira: "Já não sei o que te hei-de dizer mais. Mas se visses a carta que escrevi à nossa irmã de Mans ficavas com inveja. Tem cinco páginas. Mas é que a ela digo coisas que te não digo a ti. Conversamos a respeito de um mundo misterioso, angélico; contigo tenho de falar da lama da terra" ⁽¹⁾.

Mas aí! A Visitandina não transigia nunca com o sacrifício. Deve ter lançado ao lume a preciosa colecção, porque não se encontram vestígios dela; e não se pode deixar de lastimar uma renúncia tão radical que nos priva de documentação única sobre a vida interior da mãe de Teresa.

Apesar destas lacunas a correspondência da Senhora Martin constitui um tesouro inestimável. Não discutimos o seu valor literário. Escritas à pressa, ao correr da pena, sem correcções quase, por uma mulher esmagada de fadiga ao cabo de semanas de trabalho extenuante, estas cartas são absolutamente desprovidas de pretensões. Não aspiram, nem ao de leve, a obras de arte. Contudo até sob este aspecto possuem um certo mérito. Salpicadas frequen-

⁽¹⁾ Carta da Senhora Martin ao seu irmão, de 5 de Março de 1865.

temente de expressões verdadeiramente felizes, têm movimento, calor, vida. Aqui e além fazem pressentir a mão da Santa do Carmelo, com o seu estilo fluido, com o dom das imagens, com a precisão elegante e com a melancolia sobrenatural onde se sente a nostalgia da exilada.

Estas cartas valem ainda sob outro aspecto: pela frescura e delicadeza das anedotas, pela espontaneidade encantadora e pelo à-vontade tão natural, pelas expressões de ternura ingênua e de sensibilidade ardente, numa palavra, por uma espécie de facilidade bem feminina em traduzir, no quadro concreto quotidiano da vida familiar, os mais delicados sentimentos. O perfil da mãe cristã desenha-se nelas em toda a sua nobreza; amável, alegre, prática, infatigável, inimiga do diletantismo e da complicação, humilde na confissão das suas impaciências e temores, com os pés solidamente assentes no chão e o olhar fito em Deus, crente sem beatice, fervorosa sem iluminismos e sobretudo boa, infinitamente afectuosa e dedicada, sem degenerar em bonacheirona. O espírito de fé, sempre subjacente, aflora de quando em quando com uma discrição admirável, à maneira de lençol de água profunda que só espera, para surgir e brotar, um movimento propício do terreno.

Se é necessário, uma vez que outra, repreender o Isidoro, fá-lo decididamente e sem palavras melifluas. Não há nela nada do trémulo piegas que torna tão insuportáveis as cartas das falsas devotas. Nada daquele desejo de edificar que, segundo a linda expressão de Teresa, faz de certas correspondências epistolares "uma troca de moeda falsa". É já a *História de uma Alma* ou antes o *Quadro dum Lar*.

• • •

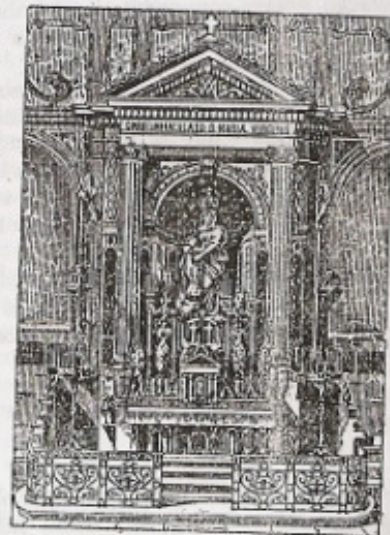
As cartas para o irmão mostram talvez melhor o estilo característico da Senhora Martin. Zélia era para ele a irmã predilecta com quem brincava e discutia de bom grado. Reinava entre eles o regime da mais decidida amizade e da franqueza mais absoluta. Gostavam de dizer um ao outro as verdades, prontos sempre a ficarem ainda mais amigos depois da pega. É nisso que consiste o encanto duma correspondência que, pelo seu carácter de frescura e ternura fraternal, pôde ser comparada às cartas de Luís Veuillot a sua irmã Elisa.

Quando a irmã mais velha, por ter ido para a vida religiosa, teve de espaçar a correspondência com a família, foi a mais nova que se arrogou o direito de pregar um bocado de moral ao Isidoro. E bem o precisava ele. Dotado de coração generoso e leal, mas de piedade superficial, de espírito fútil, de carácter ainda agorotado

apreciava a sociedade, onde não tardaria a alcançar êxitos. Os estudos de medicina obrigaram-no a frequentar os meios cépticos e levianos da capital, que não deixaram de oferecer perigos aos seus vinte e dois anos feitos havia pouco. No dia 1 de Janeiro de 1863 a Senhora Martin escrevia-lhe uma carta alarmada:

"Desejo-te muito bom ano e faço votos de todo o coração para que tudo te corra bem e assim será se tu quiseses: isso só depende de ti, porque Nosso Senhor protege todos os que têm confiança n'Ele e nunca ninguém foi por ele abandonado.

Quando penso no que Nosso Senhor, em quem pus toda a minha confiança e em cujas mãos entreguei o cuidado dos meus negócios, tem feito por mim e pelo meu marido, não posso duvidar de que a Sua divina Providência vela com um cuidado especial pelos seus filhos".



O Altar Privilegiado de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris

Depois de lhe ter apontado a experiência do marido que afrontara vitoriosamente perigos semelhantes, conclui com estes conselhos instantes:

"Faze como ele, peço-to eu, meu querido Isidoro. Reza, para não te deixares arrastar pela torrente. Se caís uma vez, estás perdido. No caminho do mal, como no do bem, o que custa é o primeiro passo: depois somos levados pelo impulso.

Se consentires em fazer uma coisa que te vou pedir e em ma ofereceres como prenda de Ano Bom, ficaria mais contente do que se me oferecesses toda a cidade de Paris. Eu te digo: moras muito perto de Nossa Senhora das Vitórias. Pois bem: entra lá ao menos uma vez por dia para rezar uma *Avé-Maria* a Nossa Senhora. Verás como Ela há-de proteger-te de um modo muito especial e como te alcançará êxitos neste mundo, para te dar depois uma eter-

nidade feliz. O que te digo não representa de modo algum uma piedade exagerada e sem fundamento; tenho motivos para depositar confiança na Santíssima Virgem, a quem devo favores que só eu conheço.

Bem sabes que a vida não é longa. Tu e eu não tardaremos a chegar ao termo da vida e felicitar-nos-emos então por termos vivido de modo a não tornarmos muito amarga a nossa última hora.

E agora, se tens mau coração ri-te de mim; mas se não tiveres hás-de dizer que tenho razão".

Isidoro Guérin não tinha mau coração. Talvez fizesse um bocadinho de troça da eloquência desmancha-prazeres da sua pregadora, mas nem por isso lhe recebeu menos gentilmente as exortações. E com não menos alegria recebeu os "múdos de pato, os frascos de doce" que moderavam a acidez da ralhada. Desde a morte da mãe era Zélia que o fornecia de mimos e lambarices de todo o género. Em paga ele tinha de ir, por ela, levar uma vela e acendê-la, a Nossa Senhora das Vitórias.

Os êxitos alcançados nos exames eram festejados em Alençon com lágrimas de alegria. A Senhora Martin, que mobilizara em favor dele as orações das Clarissas, atribui a si parte do triunfo. Este é festejado com um banquete em família.

Estavam impacientes por ver chegar o feliz laureado: "Se puderes vem depressa, como tencionavas; havemos de nos sentir bem um junto do outro. Não deixaremos de questionar um pouco, segundo o costume, mas até servirá de distração e de passa-tempo l..." (1)

Ora, não vai Isidoro lembrar-se de casar com uma rapariga de qualidades mais aparentes que sólidas e que, de mais a mais, não dava importância às suas cortesias! Uma correspondência de jornal sobre um facto qualquer da vida de Alençon oferece-lhe ocasião de o elucidar sobre a fragilidade da ventura humana. Citá-lo-emos por extenso. A amostra permitirá apreciar a solidez da fé e a vivacidade da pena da narradora:

"Não sei se conhecestes o Senhor Ch... que foi dono do moínho grande e que era casado com uma irmã da Senhora L... Pois bem: este senhor Ch... e a mulher construíam uma casa magnífica, mesmo em frente do Café do Renascimento. Esta casa era já a delícia dos dois.

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 17 de Janeiro de 1864.

Faziam tenção de mudar para ela pelo S. João e não sair de lá senão por sua morte. A senhora, principalmente, sentia-se tão satisfeita por ir viver para lá que dizia a toda a gente: "Oh! meu Deus! que feliz que eu sou! Não me falta nada: tenho saúde, tenho riqueza, compro tudo o que me apetece, não tenho filhos que me perturbem o descanso, enfim, não conheço ninguém com tanta sorte como eu". Ora, sempre ouvi dizer: "Ai de quem fala deste modo!" E, meu caro amigo, estou tão persuadida disto que te acabo de dizer, que em certas épocas da minha vida em que eu me julgava realmente feliz não era sem tremer que eu pensava nisso, porque é certo e provado pela experiência que a felicidade não é deste mundo... Não, a felicidade não é deste mundo, e quando tudo prospera é mau sinal. Deus, na Sua infinita sabedoria, assim o quis, para nos recordar que a terra não é a pátria verdadeira.

"Mas voltemos à nossa história:

"No Sábado, pelas seis horas da tarde, o Senhor e a Senhora Ch... foram visitar a sua esplêndida moradia e passar a tarde com os parentes no Café do Renascimento. Pelas oito e meia o marido disse à esposa: "Tenho de pôr uma carta no correio e já é tarde; vem comigo". Partiram imediatamente e ao regressarem, disseram: Para chegar mais depressa vamos pelo atalho que atravessa o nosso jardim. De facto o jardim dava para aquele sítio e terminava mesmo em frente do Café onde estavam à espera deles. Mas ao cabo do jardim andavam a abrir uma fossa e era preciso passar de lado, por cima de umas tábuas. Como já não se via bem, o marido aproximou-se demais e caiu lá dentro. A seguir caiu a senhora, arrastando consigo uma pedra que matou o marido. Chamou por socorro e acorreram aos gritos. A ela encontraram-na gravemente ferida e levaram-na para casa da irmã onde expirou daí a uns dez minutos.

Por volta das nove horas e meia olço muitos passos junto de casa e forte vozearia. Vou a ver: transportavam os corpos em duas macas. E aqui está a história dum casal tão feliz!..." (1).

A imagem macabra que põe termo à narrativa não conseguiu corrigir os frívolos pensamentos do Isidoro. Pensava constantemente

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, em 28 de Março de 1864.

num casamento brilhante. A Senhora Martin preferia que ele fosse padre e sacrificaria gostosamente "toda a sua parte da herança" a este sonho. Teve de confessar por fim que esse seu desejo era quimérico. "Posso perder a esperança. Enfim, já se têm visto milagres tão grandes, mas não maiores!" Quanto à união projectada era uma tomosia. A irmã acabou por se zangar... e aproveitou a ocasião para traçar um esboço da esposa ideal, onde, sem dar por isso, se desenhava a si mesma, traço por traço:

"Parece que continuas a pensar na menina X. Creio que enlouqueceste. Tenho para mim que hás-de fazer um disparate, quer seja com ela quer com outra, porque não te preocupas senão com coisas fúteis, beleza, fortuna, etc., sem te preocupares com as qualidades que constituem a felicidade de um marido ou com defeitos que originam a sua desolação e ruína. Sabes bem que nem tudo o que luz é ouro. O essencial é procurar uma mulher caseira que não tenha medo de sujar as mãos no trabalho de casa e que não aprecie a moda senão como se deve apreciar, que saiba criar os filhos no trabalho e na piedade. Uma mulher destas era capaz de te fazer fugir, porque não brilha aos olhos do mundo mas as pessoas de senso haviam de preferir uma assim sem nada de seu, a outra com cinquenta mil francos de dote e sem estas qualidades. Mas havemos de tomar a falar nisto" (1).

A repreensão de certo, haveria sido inútil se a Providência não tivesse arranjado um desvio oportuno. Em 1865 Isidoro, com grande decepção da família, interrompia bruscamente os estudos de medicina e resolvia estabelecer-se como farmacêutico. Trata de readquirir a casa Fournet em Lisieux. A irmã, a princípio, afligiu-se. Queria-o mesmo ao pé de si, em Alençon, ou então em Mans, perto da "santinha". Mas a setenta léguas de distância! Era obstáculo insuperável para uma pessoa sobrecarregada de encomendas e com quatro filhos nos braços. "Visto isso, digo-te adeus para sempre e de certo não nos tomaremos a ver senão no outro mundo, porque durante a minha pobre vida, que não há-de durar muito, não terei tempo de te ir visitar... Contemplarei o teu retrato, o que, para consolação, é pouco... Enfim que isto não te faça desviar do teu caminho nem te afaste de onde tu julgares poder criar uma boa situação..." (2).

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 14 de Julho de 1864.

(2) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 7 de Novembro de 1865.

A solução pareceu vir do céu, tão bela ela foi. O senhor Guérin arranhou uma assentada "o negócio e a noiva". A 22 de Abril de 1866 instalou-se em Lisieux, num prédio grande, situado à esquina da Praça de S. Pedro e da Rua Larga (hoje Praça Thiers e Rua Henry Chéron) num lugar concorrido onde, desde 1550 — segundo o testemunho verídico de uma lista autêntica — se sucedera uma cadeia ininterrupta de farmacêuticos e boticários (1). A 11 de Setembro de 1866 casava com a filha mais nova do dono da casa, Cecília Fournet (2). A rapariga aparentada com as melhores famílias da região, aliava a uma rara combinação de doçura e piedade uma admirável segurança de pensar e um equilíbrio moral a que dava extraordinário relevo a graça dos seus dezanove anos. Não tardou em alcançar uma influência decisiva sobre o marido, ajudando-o a despertar e a disciplinar recursos ainda inexplorados duma natureza opulenta, contribuindo bastante para fazer dele o cristão exemplar e militante que viria a desempenhar um papel de primeira plana em Lisieux.

A Senhora Martin, impedida pela iminência de um quinto parto, não pudera assistir ao casamento. Em compensação preparou aos recém-casados uma recepção entusiástica. As qualidades da cunhada encantaram-na, simplesmente. Não se cansava de a elogiar! Até que enfim viu o seu Isidoro em boas mãos! Já não tinha necessidade de o repreender. Quando muito, à maneira de gracejo, e para não perder os hábitos antigos, enviava-lhe de vez em quando uma



A Farmácia do Sr. Guérin, em Lisieux

(1) Infelizmente a farmácia Guérin desapareceu durante os bombardeamentos de 1944 que destruíram bairros inteiros em Lisieux.

(2) Estava aparentada com Thomas-Jean Monsaint, antigo pároco de Orbec-en-Auge, depois da paróquia de S. Roque, em Paris, que foi assassinado na Abadia a 2 de Setembro de 1792. Cfr. Joseph Grant, *Les Martyrs de Septembre 1792*, à Paris.

frecha envolvida em bom humor. Por então tinha apenas um desejo: comunicar ao novo lar as relações de calorosa intimidade que a uniam ao irmão. Era neste intuito que ela lhe escrevia a 18 de Novembro de 1866:

"Faz-me pena ver que continuas a pensar nas questões que tivemos um com o outro. Tudo isso não quer dizer nada e há muito que o esqueci. Conheço-te de há muito e sei que tens bom coração e que me queres. Tenho a certeza de que não me abandonarias no caso de precisar de ti. A nossa amizade é sincera: é verdade que não consiste em belas palavras, mas nem por isso deixa de estar solidamente construída sobre pedra e nem o tempo nem os homens nem mesmo a morte conseguirá nunca destruí-la.

O casamento não deve servir para separar os corações e estou bem persuadida de que a tua afeição por mim é sempre a mesma. Quanto à minha, duplicou: quero-te muito, como sempre; e à minha querida cunhada quero tanto como a ti. Não calculas quanto me sinto feliz por teres feito tão bom casamento. Antes do teu casamento sentia, como te disse muitas vezes, grandes preocupações por causa do teu futuro, mas agora acho que está assegurada a tua felicidade. Penso que, "sempre tiveste sorte e que Deus te protegeu incessantemente de maneira visível" como o repete também a nossa irmã de Mans".

Os laços entre as duas famílias iam estreitar-se de cada vez mais; estabeleceu-se entre elas uma correspondência regular que aproximava as almas e fazia reviver, de um e de outro lado, as mil cenas da vida comum. Tais páginas onde passará como num filme, a vida do lar, vão formar uma documentação preciosa para os capítulos seguintes.

CAPÍTULO IV

NOBREZA E SERVIDÃO DA FAMÍLIA

O LABOR PROFISSIONAL
PRIMEIROS SINTOMAS DA DOENÇA DA SENHORA MARTIN
NASCIMENTO E MORTE DE JOSÉ MARIA LUÍS
E DE JOSÉ MARIA JOÃO BAPTISTA
DOENÇA E MORTE DO PAI DE ZÉLIA, O SENHOR GUÉRIN
DOENÇA DA VISITANDINA - NASCIMENTO DA CELINA
MORTE DA HELENA

Quem não receia os berços tem de amar o trabalho. Enfrentar com alegria o dever conjugal é sujeitar-se a múltiplos cuidados, aos longos dias de labor, numa época em que todas as condições da vida social estão concebidas e estão adaptadas à medida mesquinha do indivíduo. Com uma leviandade aterradora para quem quer reflectir um pouco, a França do século dezanove, "a França eterna" dos poetas e dos discursos oficiais instalava-se comodamente numa política de desnatalidade como se tivesse renunciado a perpetuar-se. Aceitar a família numerosa num ambiente destes, correspondia a uma vocação ao heroísmo.

O senhor Martin e a esposa não recuaram diante da perspectiva. Para dizer a verdade, a dificuldade, se existia, não os colocava ante um problema. Nunca leram Malthus. Ainda não se ouvira falar de Ogino⁽¹⁾. Por um certo tempo puderam "realizar" o esplendor de uma união santificada pela continência voluntária. Nem mesmo lhes ocorreu a ideia de frustrarem a natu-

(1) Com estas palavras o autor não pretende condenar o método chamado de Ogino-Knaus. A este propósito diz Pio XI na encíclica sobre o matrimónio cristão, *Castí Connubii*, de 31 de Dezembro de 1930: "Também não diremos que procedem contra a ordem da natureza os esposos que fazem uso do seu direito na forma devida e natural, ainda que por certas causas naturais quer do tempo quer de outros defeitos, não possam dar origem a uma nova vida. De facto, quer no matrimónio quer no uso do direito conjugal, há também fins secundários, como são o mútuo auxílio, o fomento do amor recíproco, o acalmar da concupiscência, fins de modo nenhum vedados aos cônjuges, uma vez que fique salva e incólume a natureza daquele acto e portanto a sua subordinação ao fim primário". (Tradução do Mensageiro do Coração de Jesus). N. do t.

zeza ou de atentarem contra o plano divino. Os filhos nasciam: eram acolhidos como uma bênção do Céu, e, em razão do mandato confiado, lá se arranjavam para os alimentar, para os vestir, para os educar, para os dotar. Deus, que impunha a tarefa, daria os meios...

Entretanto lidavam sem descanso. O estabelecimento de ourivesaria tinha cada vez mais fregueses. Os clientes sérios preferiam aquele comerciante afável, de probidade legendária, que, nem por uma fortuna, violaria o descanso dominical. Nas outras joalharias era ao Domingo que a animação redobrava, que as vendas atingiam o auge.

Os camponeses iam a Alençon fazer compras, fornecer-se para casamentos e para fazer presentes. Dirigiam-se habitualmente ao grande armazém do Barateiro, na rua da Ponte Nova e depois encaminhavam-se, instintivamente para a relojoaria situada mesmo na frente. Mas encontravam a porta fechada. Impacientavam-se, mas em vão. A ordem era inviolável: se queriam comprar bugigangas, relógios, jóias, que fossem a outro lado. Ali respondiam-lhes com as palavras de Joana d'Arc ligeiramente modificadas:

"É o dia do Senhor: só o Senhor Deus será servido".

Os amigos do Senhor Martin consideravam isto um exagero. Achavam que não havia de desprezar assim as leis da concorrência. A casa tinha uma entrada particular. Pois que abrisse no corredor uma porta lateral por onde entrassem disfarçadamente os compradores excepcionais: assim o santo homem salvaguardaria os interesses e as aparências. Mas ele respondeu sem hesitar que preferia perder algumas boas oportunidades de negócio e atrair sobre os seus as bênçãos do Alto. O confessor, abordado, com certeza, por algum íntimo, e impressionado pelos argumentos expendidos, insistiu, por sua vez, com o Senhor Martin para que o comércio não paralisasse, ao menos pela manhã. Não foi mais feliz que os outros e apenas pôde admirar a magnífica intransigência na fidelidade ao preceito divino.

Por seu lado a Senhora Martin continuava corajosamente com o negócio do "Ponto de Alençon". Tanto para ela como para as operárias, que todas as quinta-feiras lhe levavam as suas tiras, tratava-se de uma indústria caseira, perfeitamente compatível com as obrigações familiares. Nem de outro modo se teria metido neste negócio pois considerava que o lugar da mãe é no lar e que, afastando-se a mãe, não há ninho, não há passarinhos.

O concurso do Senhor Martin, principalmente a partir do ano de 1863 em que, segundo parece, a mulher recomeçou a trabalhar por sua conta, permitiu uma rápida expansão da clientela. Ele não gostava da correspondência comercial, mas não hesitava em fazer o trabalho de guarda-livros. Dirigia-se frequen-

temente a Paris onde tratava com os vendedores, comprava matérias primas, recebia encomendas, efectuava entregas importantes. Os gostos de contemplativo não prejudicavam nele a habilidade do homem prático: alcançava êxitos que maravilhavam a esposa. O artista, que sempre nele existira não tardou a apreender a alma da renda. Esse trabalho de delicadeza e paciência não anda muito distante do da relojoaria. Um e outro actuam sobre os infinitamente pequenos.

Encarregou-se pois, de escolher os modelos, de mandar compor os desenhos. Reservou até, para as suas horas livres, a operação de fazer os "piques", que consiste em perfurar os desenhos traçados, sobre um pergaminho, previamente colorido de verde, para atenuar a fadiga dos olhos. Esse trabalho que se executa em cima de uma almofada, com uma agulha especial que permite furar o pergaminho sem o rasgar, é dos que exigem vista firme e segurança de mão. Não é pois sem motivo, como se vê, que o papel comercial tem o timbre "Luis Martin. Fabricante de Ponto de Alençon".

A esposa tinha, contudo, a parte principal. Na estação morta preocupava-se com a sorte do pessoal. Quando afluiam as encomendas — e com esta clientela de luxo tratava-se sempre de negócios a curto prazo — não se poupava a vigílias. "É o maroto do Ponto de Alençon que me torna a vida difícil, suspirava ela. Quando tenho demasiada afluência de encomendas sou uma escrava, mas da pior escravidão. Quando não há trabalho e me vejo com encargos de vinte mil francos às costas e sou obrigada a dispensar operárias que me custaram tanto a encontrar e que tenho de mandar para outros fabricantes, há uma certa razão para me atormentar e por causa disso sofro pesadelos! Mas então? Não há remédio senão resignar-nos e encarar o caso e mais corajosamente possível".⁽¹⁾

O Senhor Martin ainda mostrava mais filosofia. A sua única preocupação consistia em evitar todas as dívidas e em saldar as facturas a pronto pagamento. Considerava como um crime social os atrasos de pagamentos, com prejuízo dos trabalhadores e fornecedores, cujo crédito é limitado e aos quais tal procedimento pode levar à catástrofe. As filhas, mais tarde, tiveram ocasião de testemunhar que ele citava frequentemente a palavra que Tobias dirigia ao filho e que ele tinha tomado por lema: "Sempre que um homem tenha feito um trabalho para ti paga-lhe logo o salário e que o salário do trabalhador não se conserve nem um só instante em tua casa".

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 7 de Novembro de 1863.

E para reforçar as suas palavras contava a história lamentável de uma modista viúva, cujo trabalho diário era o único ganha-pão e que a custo conseguia criar quatro filhos, o mais novo dos quais contava apenas dois anos. Dia e noite manobrava a agulha como aquela costureira da célebre canção inglesa, que cosia a própria mortalha. Mas aí! As grandes senhoras para quem ela trabalhava, ou fosse por descuido ou por falta de orientação, adiavam indefinidamente a liquidação das suas dívidas. Por mais que batesse às portas, sempre a mandavam voltar outro dia. Chegou um dia em que, tendo esgotado todos os recursos, se viu reduzida à extrema miséria.

Sacrificou-se pelos filhos até à última e por fim morreu de consunção, vítima das suas clientes devedoras.

Quando o Senhor Martin relatava este caso, que se passou realmente, vibrava na sua voz uma comoção indignada. Exigia, pois, que se pagasse sempre prontamente "para não reter injustamente uma soma devida ou um salário ganho e não se expor a exceder, por inadvertência, os próprios recursos".

A Senhora Martin impregnava as relações com as operárias do mesmo sentido social: ao Domingo, depois das vésperas, visitava as doentes e preocupava-se com as suas necessidades. Ambos se empenhavam em transfigurar com o seu espírito sobrenatural a monótona labuta diária numa obra divina. A missa a que assistiam todas as manhãs ensinava-lhes a fazer de Deus o centro de todo o dever de estado e a transformar este em autêntica oração ou, como alguém disse audaciosamente, em "oitavo sacramento".

Teve a intuição disto um certo viajante da região do Norte que, regressando de Alençon, dizia a sua filha: "Toma, ofereço-te um relógio que comprei a um Senhor Martin, que me causou muita impressão: é um santo". O referido relógio — foi um religioso missionário que notou esta particularidade interessante — veio a dar provas de longevidade notável. Só desapareceu com o bombardeamento de Merville em 1917.

Esta honestidade, esta consciência profissional, conquistaram a abastança para o lar. Não era que a apreciassem por si mesma estes cristãos que repetiam frequentemente o versículo da Imitação: "Ter bens do mundo em abundância não constitui a felicidade do homem; basta-lhe a mediocridade". Apenas viam nela um meio de assegurar educação esmerada aos filhos.

A fortuna adquirida lentamente à custa de trabalho estava livre dos perigos da desvalorização da moeda e menos sujeita às tentações de fácil aumento por meio da especulação. Nessa época de estabilidade financeira, uma vez equilibrado o orçamento anual, era possível empregar o excedente em colocações de previdência familiar e assegurar um capital, cujas rendas garantiam a segurança da

velhice. O quinhão dos pobres, o quinhão das obras, a parte do Senhor figuravam no livro de Contas em grandes quantias. Como havemos de ver, o espírito de economia e de previdência aparceirava com a mais liberal das generosidades.

* * *

Lado a lado com a página do trabalho folheamos a página das lágrimas. Em Maio de 1864 escrevia a mamã ao irmão:

"A minha Leôniazinha não cresce muito; parece que não quer andar. Não engorda nem aumenta, apesar de não se poder dizer que seja uma doente; mas é muito pequenina e muito fraca. Teve o sarampo há pouco; sofreu muito dele e teve convulsões violentas". Repetiam-se os sintomas mórbidos: contínuas pulsações cardíacas e inflamações intestinais.

Em seguida sobreveio-lhe um eczema purulento que lhe cobria o corpo e a deixou em estado lastimoso: a criança esteve dezasseis meses, por assim dizer, entre a vida e a morte.

Para alcançar a cura os pais revolveram céu e terra. Invo-caram a ciência médica do Senhor Guérin... mas não as suas orações, porque nesse tempo a Senhora Martin podia mandar-lhe dizer, maliciosamente, que não tinha grande "confiança nas reli-quias dele". Quando a pequenita parecia desenganada suplicaram a Deus: "Se algum dia há-de vir a ser santa, salvei-a".

O pai, cujo desporto favorito eram as longas caminhadas e que gostava de percorrer os belos caminhos da França, como um caminheiro da Idade-Média, embriagado de fadiga, de espaço e de oração, pôs-se a caminho, a pé, numa peregrinação a Nossa Senhora de Séz. Chegaram reforços, vindos de Mans, sob a forma de uma novena à vidente de Paray-le-Monial, recentemente bea-tificada. E ao cabo dos nove dias-graças à Beata Margarida Maria e à Irmã Maria Dositeia! — eis que a Leônia que ainda ninguém vira pôr-se de pé e segurar-se nas pernas "corre como um coelho" e mostra uma "agilidade incrível".

Agora era a saúde da mãe que inspirava receios. A 23 de Abril de 1865 confiava-os ela ao irmão com a franqueza e a coragem habituais:

"Como sabes, quando era ainda rapariga bati com o peito na esquina duma mesa. Nessa altura não se fez grande caso, mas agora tenho um caroço no seio que me causa preocupações, principalmente desde que me provoca algum sofrimento. Contudo quando o apalpo não me doi nada; mas todos os dias e muitas vezes por dia me sinto dormente. Enfim, não sei que diga, mas a verdade é que

me faz sofrer. Que fazer a isto? Estou bem atrapalhada. Não é porque uma operação me faça recuar, não; sinto-me inteiramente disposta a fazê-la, mas é que tenho só meia confiança nos médicos de cá. Gostava de aproveitar a tua estada em Paris, porque nestas circunstâncias podias ajudar-me muito. Só há uma coisa que me detém: como se havia de haver o meu marido durante esse tempo?"

Que respondeu aquele que, em tal assunto, era quem mandava na família? Adivinha-se, pelo tom das cartas seguintes, que o Senhor Martin, ansioso, também consultou por seu lado e que desejava encontrar-se depressa com o cunhado para se informar do tratamento mais seguro a seguir. Depois fez-se silêncio sobre o caso até à fatal explosão da doença, onze anos mais tarde. Porquê esta despreocupação? Que argumentos teriam sido invocados para afastar a intervenção cirúrgica? Neste ponto encontramos reduzidos a hipóteses. É evidente que a cirurgia do tempo apenas conseguia, nestes casos, resultados precários e ilusórios, às vezes mesmo, perigosos, dolorosos quase sempre. Não possuía ainda nos Raios X o meio capaz de completar o trabalho do bisturi com o saneamento metódico dos tecidos mais ocultos. Em resumo, hesitaram, esperaram, utilizaram, talvez, na ocasião, algum remédio externo e deixaram passar a oportunidade.

Um luto de família ajudou também, com certeza, a descurar o assunto. Na época em que a Senhora Martin descobriu os prodromos da terrível doença que a havia de levar, expirava o sogro, suavemente, nos aposentos que lhe haviam sido reservados na rua da Ponte Nova. Robusto como um carvalho, o Capitão suportava alegremente o peso dos seus oitenta e oito anos, edificando a cidade tanto com a alta dignidade da sua figura ancestral como pelo seu zelo caritativo e piedoso. Em Abril de 1865 caiu súbitamente ferido de hemiplegia. O médico dava-lhe quinze dias de vida.

A agonia prolongou-se por mais de dez semanas, durante as quais, o ancião, meio paralítico, deu mostras de extraordinária lucidez e de admirável espírito de fé.

A 27 de Junho de 1865 a Senhora Martin participava a morte ao irmão:

"O meu sogro morreu ontem, à uma hora da tarde. Recebeu os sacramentos, na quinta-feira passada. Morreu como um santo: tal vida, tal morte. Não era capaz de imaginar que isto pudesse causar-me tanta impressão: estou aterrada.

A minha sogra, coitadinha, durante dois meses e

meio, passou as noites a tratar dele, sem consentir que ninguém a ajudasse. Foi ela que o amortalhou e que, desde a hora da morte, o velou dia e noite. Enfim, tem uma coragem extraordinária e belíssimas qualidades.

Confesso-te que me apavora a morte. Vi ainda agora o meu sogro. Tem os braços tão hirtos e o rosto tão frio! E lembrar-me de que hei-de ver assim os meus ou de que hão-de eles ver-me a mim assim!...

Se estás habituado a ver a morte, eu é que nunca a tinha visto de tão perto".

Pressentiria a Senhora Martin, ao escrever estas linhas, que teria de se familiarizar mais do que qualquer outra pessoa, com "aquela a quem ninguém abre a porta de bom grado" como diz Dante? De 1865 a 1870 teve de se inclinar sobre seis caixões.

...

Por então era noutro berço que ela pensava. Todas as noites, a pedido dela, as mãos das pequenitas juntavam-se para pedir a S. José um irmãozinho que um dia oferecesse a Hóstia Santa e fosse para terras distantes evangelizar os pagãos. O Santo Carpinteiro deixou-se enternecer e deu o seu nome ao recém-nascido. A 20 de Setembro de 1866 Maria, Paulina, Leônia e Helena saudavam a vinda de José Maria Luís com exclamações ingénuas de encantamento.

A mãe exultou de alegria. Com encantadora simplicidade confiava o seu entusiasmo ao Senhor Guérin: "Oh! que lindo rapazinho! Como é grande e forte! É impossível desejar mais. Nunca nenhum dos meus filhos, a não ser a Maria, nasceu tão bem. Se soubesses como gosto do meu Josézinho! Satu-me a sorte grande, segundo creio!"⁽¹⁾ E ao marido, que compartilhava do seu orgulho e das suas esperanças, afirmava com maternal vaidade: Olha que mãozinhas tão bem feitas! Como há-de ser lindo quando subir ao altar ou ao púlpito! E já se antevê confeccionando para o dia da ordenação uma alva em Ponto de Alençon, que será uma obra-prima digna do Sumo Sacerdote.

Mas aí! O belo sonho não tardaria a desvanecer-se. Foi preciso colocar o menino a criar a alguns quilómetros dali, em casa de uma honesta camponesa de Semallé, a senhora Taillé, a quem chamavam "a Rosinha".

⁽¹⁾ Carta da Senhora Martin ao irmão, de 18 de Novembro de 1866.

No dia de Ano-Bom veio passar umas horas a casa e a família fez-lhe uma festa. A Senhora Martin, que se lembrava de nunca ter tido bonecas, divertia-se deliciosamente com esta:

"No dia de Ano Novo vesti-o como um príncipe. Gostava que o visse tão lindo e a rir com tanto gosto! O meu marido dizia-me que "eu o mostrava como se mostra um Santo nas procissões".

Na verdade mostrava-o a todos como uma curiosidade. Mas... — ó vaidade das alegrias deste mundo! — no dia seguinte às três horas da manhã ouvimos bater à porta, com muita força. Levantámo-nos, abrimos e disseram-nos:

"Venham depressa, que o menino está muito mal e receia-se que morra". Pode calcular que o tempo para me vestir não foi muito. Meti-me ao caminho campos fora, por uma noite fria, apesar da neve e da geada. Não pedi ao meu marido que fosse comigo, porque não tinha medo e era capaz de atravessar uma floresta sózinha; mas, sacrificado como é, não quis que eu fosse sem ele". (1)

Tratava-se de um ataque de erisipela que depressa foi dominado. Mas a criança começou a definhir. A 14 de Fevereiro de 1867, em circunstâncias que ficaram ocultas porque a correspondência, neste ponto, apresenta lacunas a Senhora Martin sofreu o seu primeiro luto materno. Com a alma despedaçada partilhava da resignada confiança em Deus do esposo, cuja força e serenidade nunca se afirmavam tanto como no meio das provas mais trágicas.

Logo no dia imediato partiam da Visitação estas palavras de conforto:

"Querida irmãzinha. Recebi o teu telegrama ontem à noite, às cinco e meia. Já o nosso anjinho estava no céu.

Como hei-de eu consolar-te, minha querida irmãzinha? Eu também tenho necessidade de consolação; toda eu tremo, e contudo sinto-me resignada com a vontade de Deus. Ele no-lo deu. Ele no-lo tirou; bendito seja o Seu santo nome! Esta manhã, na Sagrada Comunhão, pedi tanto a Nosso Senhor que não nos levasse aquele menino a quem, aliás, só queríamos criar para a Sua glória e para a conquista das almas! E pareceu-me ouvir interiormente esta resposta: que queria as primícias e que te daria mais tarde outro filho que havia de ser como nós desejamos".

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 13 de Janeiro de 1867.

Os corajosos cristãos eram capazes de compreender esta maneira de falar. Iam habituar-se a viver lado a lado com os desaparecidos, que tratavam como "os verdadeiros vivos". A Helena sofria de uma otite que os médicos não conseguiam debelar. A mãe procurou o remédio mais acima: "Tive a inspiração de me dirigir ao meu Josézinho, morto há cinco semanas, escreve ela. Peguei na criança e ensinei-a a fazer uma oração ao irmãozinho. No dia seguinte pela manhã o ouvido estava completamente curado, o corrimento parara de repente e a menina nunca mais sentiu nada. Ainda alcancei outras graças, mas não são tão sensíveis como esta". (1)

O que ela queria sobretudo era "o seu padre", "o seu missionário". Nessa intenção voltou-se para S. José: fez-lhe uma novena que acabou no dia da sua festa, a 19 de Março de 1867. E a 19 de Dezembro do mesmo ano — não pode haver maior pontualidade — vinha um graciosíssimo bebé, José Maria João Baptista, a aumentar a família. Não foi sem custo. "É muito forte e muito vivo, escrevia a Senhora Martin, mas passei um mau bocado e a criança correu os maiores riscos. Sofri durante quatro horas dores tão violentas como nunca sentira. O pobrezinho estava quase asfixiado e o médico baptizou-o antes de nascer". (2)

Esta criança era uma verdadeira joia, com o seu lindo riso cristalino, com as suas mímicas expressivas e com a maneira já inteligente com que se interessava pelas ruidosas brincadeiras de Maria e de Paulina, sua madrinha, que era doida pelo afilhado.

Havia de seguir rapidamente o caminho do mais velho.

A "Rosinha" ao levá-lo para a sua casa da aldeia não ocultava as apreensões que sentia. A mãe experimentava alternativas de esperança e de temor.

"É mimoso como uma flor, ri como um bemaventurado, até se engasgar. Queria que Nosso Senhor mo não levasse, peço-lho e suplico-lho todos os dias; contudo, se Ele quiser, que remédio senão resignarmo-nos?" (3) Apesar de uma tarefa doméstica e profissional capaz de arrasar três como ela, suspirava pelo momento em que o bebé, depois de desmamado, pudesse voltar para casa. "Tratar dos meus filhos é um trabalho tão agradável! Se não tivesse mais nada que fazer parece-me que era a mais feliz das mulheres. Mas não podemos deixar de trabalhar, o pai e eu,

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 17 de Outubro de 1871.

(2) Carta da Senhora Martin ao irmão e à cunhada, de 21 de Dezembro de 1867.

(3) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 14 de Fevereiro de 1868.

para lhes ganhar o dote; senão, quando forem crescidos, não vão de sentir-se contentes connosco". (1)

As ilusões desfaziam-se rapidamente. A criança definhava de semana para semana. Três meses de bronquite acabaram de lhe destruir o organismo frágil. A Senhora Martin percorria, duas vezes por dia, às cinco da manhã e às oito da noite, o caminho de Semallé, para assistir, sem nada poder fazer, às cenas de tosse e de opressão. Por meados de Julho, aproveitando melhoras ligeiras, levou a criança para casa, mas não tardou a declarar-se uma crise intestinal.

"Sinto-me realmente desanimada, suspirava a pobre mãe; já nem tenho forças para tratar dele. É de cortar o coração ver um pequenino sofrer tanto. Chora e geme constantemente. Há quarenta e oito horas que não prega olho. Faz-se num arco com a força das dores". (2)

O desenlace do drama deu-se a 24 de Agosto de 1868, segundo este bilhete, pungente na sua sobriedade: "O meu querido Josézinho morreu-me nos braços esta manhã às sete horas; estava eu só com ele. Passou uma noite de cruel sofrimento e eu pedia, com lágrimas, que Nosso Senhor o levasse. Foi um alívio quando o vi dar o último suspiro". Colocou-lhe na fronte uma coroa de rosas brancas, deitou-o no caixão pequenino e, intrépida na sua fé, conservou-o junto de si, até ao fim, no escritório onde recebia as operárias".

As vezes soluçava: "Meu Deus! então há-de ir para debaixo da terra? Mas, visto que assim o quereis, faça-se a Vossa vontade!"

Apenas foi prevenida, a religiosa de Mans lançou sobre esta nova provocação a mesma esperança profética duma compensação misteriosa: "Oh! sim, os designios de Deus são impenetráveis!... Esta vida é cheia de misérias e tu, querida irmã, já tens sofrido algumas. Mas o fim há-de chegar e a medida das tuas alegrias há-de ser a que serviu para te medir as aflições. Acredita nisto sem a mais ligeira dúvida: agora semeias nas lágrimas, mas hás-de recolher na abundância da alegria do Senhor!" Uma comparação poética colhida em S. Francisco de Sales sugere a adesão sem reserva à mão divina que magoa para curar:

"Quando o dono do pombal vai tirar os borrachinhos, as pombas não opõem resistência; mas, se fosse outro queixavam-se".

Ora foi na verdade o Senhor do pombal que veio buscar o

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 14 de Abril de 1868.

(2) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 23 de Agosto de 1868.

seu pombinho para o paraíso; portanto devemos anuir, com todas as nossas forças, às Suas vontades".

Ensinados pelo duplo luto, o Senhor Martin e a esposa elevaram-se cada vez mais na conformidade com o plano providencial. Não pretendiam de aí em diante impor ao Senhor suas maneiras de ver. Deixariam de pedir o apóstolo tão cobiçado. Contavam ainda com mais nascimentos. A mãe, falando dos filhos, dizia:

"Não desespero de ter mais três ou quatro". (1) Mas confiar-se-iam, desde essa hora, cegamente, à discrição do "Senhor do pombal". Conservavam toda a sua confiança em S. José, apesar da Visitandina, na perspectiva de outro nascimento, ser partidária do nome Francisco, como se o bom de S. José tivesse alguma responsabilidade na morte prematura dos seus dois pupilos. Neste ponto não cediam. A Senhora Martin contando a pretensão da irmã a propósito do rapaz, que estava para nascer, concluía terminantemente: "Respondi-lhe que, morresse ou não morresse, havia de se chamar José". (2)

Não é verdade que não se pode levar mais longe a simplicidade na confiança?

Mais outra provação despontava no horizonte. O Senhor Guérin, pai de Zélia, que recebera em 1865 um aviso depressa esquecido, sob a forma de inchação da perna com ameaça de paralisia, estava nas últimas quando o segundo José expirou. Ocupava ele na vida da Senhora Martin, um lugar considerável. Nunca, por assim dizer, tinha saído de ao pé dele. Quando, em 1859 (3) lhe morrera a esposa, a filha tinha-o instalado na rua da Ponte Nova, a dois passos da casa dela e tratava-lhe de tudo, rodeando-o de comodidades. Por sua vez o ancião, que noutro tempo fizera a sua própria mobília, colocou esse talento de marceneiro ao serviço da filha mais nova. Seis anos depois, quando a casa da rua de S. Brás foi desocupada e ele pensou em voltar para lá, ela organizou uma conspiração para o dissuadir. Não podendo decentemente alegar que ele tinha necessidade dos filhos, afirmava, convicta, que ela não podia passar sem ele. O Senhor Martin

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de Maio de 1868.

(2) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 1 de Março de 1873.

(3) A Senhora Guérin morrera de congestão pulmonar, a 9 de Setembro de 1859, com 55 anos, na casa da rua de S. Brás.

ajudou. O Isidoro concorreu com uma carta bem redigida e a Visitandina com a força das suas orações. Enfim, importunado pela filha "cansado e vencido por aquele dilúvio de palavras", o velho reformado cedeu e deu o seu consentimento nestas palavras adoçadas por um sorriso: "Deixai-me em paz!"

Em Dezembro de 1866 tomou-se uma decisão mais radical. Houve crise de criadas em casa do Senhor Guérin. Só havia para ele uma forma de resolver o problema: ir viver com a família. A solução não podia deixar de perturbar os hábitos domésticos: mas a piedade filial não recuava ante esse género de considerações. Era uma nobre servidão da vida de família à qual não podiam, como cristãos, deixar de se submeter. O Isidoro foi encarregado de dar a primeira batida por ser o que tinha mais entrada com o pai.

"Sugere-lhe — escrevia a Senhora Martin — que não tome outra criada e que venha viver connosco, pois nem podes imaginar os aborrecimentos que tenho para lhe arranjar pessoas sérias e dedicadas. O meu marido concorda com esta combinação. Num cento não se encontraria um tão bom como ele para o sogro. Bem sabes que o nosso pai é excelente, mas tem já umas rabugices de velho. É preciso que seus filhos lhas suportem e eu estou decidida a isso. Se vivesses aqui ele ia morar contigo, porque gosta mais de ti do que de mim. Mas para não mudar de terra terá de ficar em nossa casa até ao fim da vida". (1)

Desde essa data ver-se-ia naquele lar o soldado altivo que sob uns ares sobranceiros de antigo polícia ocultava um coração sensível. Gostava da filha, mas sem lho dar muito a entender e ajudava-a por todos os modos. Amimava as netas principalmente a Heleninha que lhe fazia carícias especiais. Chegada a ocasião, zangava-se e ralhava, quando as pequenitas o atordoavam com gritos ou questionavam na altura de se abrir um pacote de prendas. À noite, sentado a fumar o cachimbo ao canto da lareira, recordava a deslumbrante cavalcada do "Petit Caporal" (2) e as suas próprias aventuras. A sensibilidade, ordinariamente disfarçada sob uma aparência um pouco áspera, expandia-se ao receber alguma carta onde o Isidoro lhe contava o seu idílio incipiente. Tinha muito orgulho no filho, na sua ciência, nos seus êxitos. Sofreu também

a influência do encanto da nora e não se cansava de dar graças a Deus por aquele casamento que lhe agradava plenamente.

A fazer setenta e nove anos quando as crises de falta de ar, complicadas com um antraz, o puseram a dois passos da sepultura. A Senhora Martin, que mandava para Lisieux as informações relativas à doença, acrescentava, dirigindo-se ao irmão:

"Não estejas em cuidado. Estou constantemente junto dele e não o deixo, a bem dizer. Sou eu que lhe faço o curativo duas vezes por dia. Dou-lhe as coisas melhores que me vêm à ideia.

Coitadinho do nosso querido pai, que pena ele nos faz! Mas tudo suporta com muita paciência..." (1)

Após algumas semanas de tranquilidade o mal redobrou subitamente. O senhor Guérin foi chamado a toda a pressa. A Visitandina mandou uma imagem em que escreveu: "Querido Pai, a morte é um sono, é o fim do dia em que a alma vai receber o prémio do seu trabalho, o fim do exílio após o qual o filho encontra um Pai amado com ternura". Quanto aos últimos sacramentos já os tinha recebido. A Senhora Martin, segundo a sua expressão, "preocupou-se" com eles ainda antes que o médico denunciasse a gravidade do caso. O medo do Padre, o receio de afligir o moribundo, eram coisas desconhecidas para estes crentes de rija tempera. O seu único receio era ver a Extrema-Unção adiada demais e os seres amados partindo de surpresa sem terem recebido o viático.

A 3 de Setembro de 1868 comunicava ela, solícita, à cunhada a notícia do desenlace que se dera mesmo de manhã. Falava com ternura do defunto: "Tenho o coração despedaçado de dor e ao mesmo tempo cheio de celeste consolação. Se visse, minha querida irmã, as santas disposições com que ele se preparou para a morte! Às três horas ainda fazia o sinal da cruz. Tenho esperança e até certeza de que o meu querido pai terá sido bem recebido por Nosso Senhor. Oxalá a minha morte venha a ser semelhante à dele".

Por muito que se afirmasse "habituada à dor" este novo golpe, coincidindo com a desapareição do segundo José, deixou-a como que atônita. (2)

"Ontem, escreveu ela, fui ao cemitério. Quem me tivesse visto poderia dizer: aqui está a pessoa mais indiferente do mundo.

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 8 de Junho de 1868.

(2) O Senhor Guérin foi enterrado no cemitério de Nossa Senhora, em Alençon, donde os seus restos foram transferidos, em 1894, para o jazigo do Senhor Martin, em Lisieux.

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 23 de Dezembro de 1866.

(2) Nome familiar dado a Napoleão Bonaparte pelos seus soldados.

é muito útil às minhas filhas. Só de pensar nisso o coração se me entristece.

Não sei como hei-de ter coragem de voltar à Visitação quando ela já lá não estiver". (1)

De facto tratava-se de uma tuberculose de evolução lenta que permitia contar com algum tempo de vida. Aproveitaram-no para proporcionar à doente uma derradeira consolação — preparar a Maria para a primeira Comunhão, cuja época seria antecipada.

Por este tempo a Senhora Martin escreveu à educanda uma série de cartas tão belas e tão profundas que as próprias religiosas tomavam conhecimento delas com piedosa avidez. A filha considerava essa colecção como o seu mais querido tesouro e, como não queria separar-se delas, levava-as consigo para casa nos períodos de férias.

Mas, aí! um dia verificou, desolada até às lágrimas, que o precioso maço tinha desaparecido. Luisa, a criada, que não dava atenção a essas coisas, tinha-as aproveitado para acender o lume!

Um dos conselhos mais veementes que a mãe dava à filha era o de arrancar a Deus a cura da irmã Maria Dositeia. "No dia da primeira Comunhão, repetia ela a cada passo, alcança-se tudo o que se pede". A criança assim o entendeu. Aprendeu o catecismo com um entusiasmo sem igual. Realizou uma verdadeira ofensiva de orações e sacrifícios. "No íntimo da minha alma, contou ela mais tarde, pensava que Jesus tinha feito crer a todos que minha tia ia morrer, por ter pressa de se dar a mim: este pensamento enchia-me de alegria".

Quanto ao milagre, era como se já o visse feito. A enfermeira ia-a quase escandalizando ao convidá-la a aceitar a vontade divina. Onde iríamos parar com raciocínios desses? Nunca se alcançaria nada. O que ela queria, na ingénua teimosia da sua lógica infantil — e vamos lá que, à parte a forma, os teólogos não teriam grande dificuldade em lhe dar razão — "era, se fosse necessário, fazer mudar a vontade de Deus". S. José servia-lhe de advogado. A cada crise da doença, subida de temperatura, hemoptise, sufocação, lançava para a imagem um olhar de meiga censura.

Chegou enfim o grande dia. Era o dia 2 de Julho de 1869. A Maria ainda não tinha nove anos e meio. A mãe estava na primeira fila. Sentia-se compensada de todos os seus desgostos. Gozava cristãmente uma das mais puras emoções maternas. "Se soubesse, escrevia ela, falando da filha, como ela estava bem disposta: parecia uma santinha. O senhor Capelão disse-me que



O Sr. Luís Martin ao lado de Maria



Mãe e filha
A Maria Martin, filha de Sr. Luís Martin, ao lado da mãe
em 1869, ao lado do Sr. Luís Martin, ao lado da mãe

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão e à cunhada, de Janeiro de 1869.

Estava ajoelhada junto da sepultura do meu pai, mas não podia rezar. Alguns passos adiante ajoelhei-me sobre as dos meus dois anjinhos: a mesma indiferença aparente. Percorri um caminho por onde tinha passado há cinco semanas, com o meu filhinho e o meu pai, e não sou capaz de lhe dizer o que senti: Não dava atenção a nada do que se passava à minha volta, mas olhava para os lugares onde o meu pai se tinha sentado. Conservava-me para ali, de pé, quase sem pensar. Nunca na minha vida sentira o coração tão apertado. Quando cheguei a casa não pude comer e parecia-me que, daí em diante, todas as desgraças, fossem quais fossem, me deixariam insensível". (1)

As reacções dela eram, aliás, sempre cristãs. Encomendou imediatamente, cento e cinquenta missas por alma dos pais e fez o propósito de mandar celebrar muitas outras. Ofereceu pelo extinto todas as suas obras satisfatórias e os sofrimentos de toda a vida. Fez, até, o acto heroico a favor dele. Nas cartas para o irmão não se cansava de evocar aqueles que ambos choravam:

"Quantas vezes desejava que estivesse aqui para me falar do pai! Como o nosso querido pai morreu santamente!... Lembra-te da expressão com que nos apertou a mão na véspera da morte? Parecia um santo. Se Nosso Senhor me escutasse levava-o ainda hoje para o Paraíso; se fosse eu levava-o para lá. O nosso querido pai não estava habituado a sofrer. Por mim não tenho medo de ir para o Purgatório, porque me parece muito natural sofrer. Se Nosso Senhor quisesse, eu aceitava a combinação de sofrer o Purgatório do meu pai e o meu; gostava tanto de saber que se encontrava na bemaventurança!" (2)

• • •

Estava escrito que aquela heroína do dever familiar nunca poderia saborear com vagar as suas recordações, nem apoiar-se demoradamente sobre as suas cruzes. A vida levava-a num ritmo vertiginoso, criando todos os dias novos episódios que tinha de enfrentar. Por agora tratava-se daquela que desde a infância fora o eco fiel da sua alma, sua irmã Elisa.

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 7 de Setembro de 1868.

(2) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 1 de Novembro de 1868.

No princípio de Outubro de 1868 o Senhor Martin, apesar de sentir dolorosamente a separação, por muito rápida que fosse, de qualquer pessoa da casa, tinha-se decidido a internar num colégio as filhas mais velhas que tinham nessa altura oito anos e meio e sete anos. Pretendia aliviar, por este modo, o trabalho da esposa, cuja saúde não deixava de lhe causar inquietações. Queria também aproveitar a presença da cunhada em Mans para assegurar às



A Visitação de Mans, Fachada do mosteiro que dá para o jardim.

pequenas, pela influência directa "da santinha", o benefício de uma educação particularmente esmerada. Anexo à Visitação havia um instituto de ensino frequentado por um grupo de alunas pertencentes ao meio da alta sociedade. A Maria e a Paulina deveram à intervenção da tia o serem admitidas nesse número. Foi necessária toda a ternura maternal da Irmã Maria Dositeia para atenuar o sacrifício pungente da saída de Alençon. Mas no final do primeiro trimestre, quando a Senhora Martin ia buscar as filhas para as férias do Ano Bom e se preparava para a dupla alegria de as levar para casa e de conversar com a irmã, encontrou esta num estado lamentável de opressão, sem voz, gasta por uma série de bronquites que não podiam deixar de a levar à sepultura. "É com a maior mágoa que vejo isto, — escreveu ela imediatamente para Lisieux. — Se a perder perderei tudo, porque quero-lhe muito e

estava muito satisfeito com ela e conferiu-lhe o primeiro prêmio de catecismo. Passei em Mans os dois melhores dias da minha vida! raras vezes experimentei tamanha felicidade. A minha irmã sentia-se melhor. A Maria dizia-me que havia rezado tanto pela tia que tinha a certeza de que Nosso Senhor a escutara". De facto a cicatrização das lesões pulmonares operou-se rapidamente. A religiosa que não vira, sem uma certa melancolia, adiar a data fatal, havia de dizer mais tarde à sobrinha: "A ti é que eu devo sete anos de vida". A pequenita por seu lado, atribuía as honras da cura a S. José e, em sinal de reconhecimento, quis tomar na Confirmação o nome de Josefina.

* * *

Esta primeira Comunhão aumentou a série das cerimónias e das festas em que cada uma das filhas é sucessivamente a protagonista.

Estas festas, entremeadas de alegres aniversários, constituem para os pais uma perpétua renovação e são para a vida de família um alimento permanente, uma espécie de ciclo litúrgico onde a alma comum se reafirma e se retempera constantemente.

Dois meses depois o Senhor Vital Romet e a Senhora Guérin acompanhavam à pia baptismal a pequena Maria Celina, que, em virtude de uma tolerância eclesiástica dessa época, tinha recebido a água do baptismo no próprio dia do nascimento, 28 de Abril de 1869. Muitas preocupações rodearam aquele berço! Ainda profundamente dorida dos lutos recentes, a mãe escrevia ao irmão, pouco antes do parto:

"Apesar do que possas dizer, ainda havemos de ter um filho! Isto é que é certo, a não ser que me aconteça alguma desgraça antes. Mas se Nosso Senhor me quiser levar mais este, peço-lhe que o não deixe morrer sem baptismo, para que eu possa ter ao menos a consolação de ter três anjos no Céu..." (1)

"Nem pode imaginar como me sinto aflita pela sorte deste pequenino ser que espero; afigura-se-me que o destino dos dois últimos será também o seu; vivo num constante pesadelo.

Julgo que a apreensão será pior que o mal. Quando as desgraças chegam resigno-me com facilidade, mas o receio

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 1 de Novembro de 1868.

é para mim um suplício. Esta manhã, durante a Missa, tive idéias tão negras a este respeito, que me sentia completamente desorientada. O melhor é entregar tudo nas mãos de Deus e esperar os acontecimentos com calma e com confiança na bondade de Deus. É o que vou tentar fazer". (1)

Contudo o desejo e o orgulho de ter filhos eram tão fortes nela, que, dando notícias da Celina ao marido, que saíra em viagem de negócios, não pode deixar de acrescentar: "Não debes preocupar-te com a questão dos filhos; infelizmente já não terei mais com certeza. Sempre esperava ter um rapazinho, mas se Nosso Senhor não quer resigno-me com a Sua vontade". (2)

Custava-lhe tanto separar-se da pequenita quando começava a "balbuciar" e a "andar de gatas!" Desta vez também teve de recorrer a outra pessoa e recomendar as peregrinações maternas a caminho de Semallé. "Já tive bastantes apoquentações por causa desta criança, escrevia ela. Sinto que me gasto e tenho a impressão de que não hei-de viver muito tempo. Durante os seis dias em que tratei da pequenina, tive sempre febre". (3)

Por fim tudo pareceu dispor-se bem. A saúde restabeleceu-se, as contrariedades cessaram, o comércio ia regularmente e o médico já não punha os pés na rua da Ponte Nova.

Apaziguada e como que admirada desta felicidade sem nuvens, a Senhora Martin escrevia à cunhada: "Por agora não tenho falta de nada senão de aflições!" (4) A calma havia de ser de pouca dura.

Entre as pequeninas que alegravam o lar, a Helena parecia marcada com um sinal misterioso. Era "encantadora", "fresca como uma rosa da manhã", tão meiga quanto se poderia desejar e duma inteligência precoce que lhe dava às palavras um encanto incomparável. A fotografia reproduz-lhe as feições delicadas e um véu de gravidade na fisionomia, que fazia pressentir o além. Sem que a família desse por isso minava-a surdamente uma espécie de quebranto. E a 22 de Fevereiro de 1870, após uma crise que só durou um dia e sem que o médico tivesse adivinhado a gravidade do mal, foi tocada, também pela asa negra da morte. A mãe, que se censurava ásperamente por este desenlace inespe-

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de Fevereiro de 1869.

(2) Carta ao Sr. Martin, 1869.

(3) Carta da Senhora Martin ao irmão e à cunhada, de 29 de Agosto de 1869.

(4) Carta da Senhora Martin à cunhada, Outubro de 1869.

rado, traçou, por sua própria mão, este quadro patético dos derradeiros momentos:

"Olhava para ela, tristemente. Nos olhos embaciados já não havia vida e eu pus-me a chorar. Ela, então, rodeou-me o pescoço com os dois bracinhos e consolou-me o melhor que pôde. Durante esse dia dizia constantemente: Minha pobre mãezinha que esteve a chorar!" Passei a noite ao pé dela: noite muito má. De manhã perguntá-mos-lhe se queria tomar o caldo; disse que sim, mas não o podia engolir. Contudo fez um grande esforço, dizendo-me: "Se eu o tomar gostas-me mais?"

Tomou-o todo, mas em seguida sofreu horrivelmente e não sabia o que havia de ser dela. Olhava para uma garrafa de remédio que o médico tinha receitado e queria tomá-lo, dizendo que, quando tivesse bebido tudo ficaria curada. Depois, pelas dez menos um quarto, disse-me: "Sim, daqui a pouco vou ficar curada... sim, agora mesmo..." Neste instante, enquanto eu a amparava, a cabecinha tombou-lhe para o meu ombro, os olhos fecharam-se-lhe e daí a cinco minutos já não existia...

Senti uma impressão que nunca mais poderei esquecer; não contava com este desenlace repentino e o meu marido também não. Quando chegou a casa e viu a filhinha morta, desatou a soluçar, exclamando: "Minha querida Helena! minha querida Helena!" Depois oferecemo-la ambos a Nosso Senhor... Antes do enterro passei a noite junto da minha querida filhinha que estava ainda mais bela depois de morta do que em vida. Fui eu que a amortalei e pus no caixão; julguei que morria, mas não quis que outras mãos lhe mexessem". (1)

Foi uma enorme desolação em toda a família. No colégio as mais velhas choravam a preferida de todas. O pai sentia-se atingido nas fibras mais íntimas do coração. Nunca mais a imagem desta filha se lhe apagará do espírito. Muitos anos mais tarde o ouvirão trautear as estâncias melancólicas da maviosa e romântica canção de Chateaubriand:

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão e à cunhada, de 24 de Fevereiro de 1870.

Quem me dera de novo a minha Helena,
A montanha, o carvalho secular!
Cada dia que passa, dor e pena
Me traz o recordar...

A Senhora Martin lamentava-se, desolada:

"Às vezes tenho a impressão de que vou acabando lentamente como a minha Helenazinha. Garanto-te que não tenho nenhum apego à vida. Desde que perdi esta filha sinto um desejo ardente de a tornar a ver; mas como as outras têm necessidade de mim, por causa delas peço a Nosso Senhor que me dê ainda alguns anos de vida.

Tive muita pena dos meus dois rapazinhos, mas a perda desta causou-me ainda maior desgosto. Agora é que eu começava a apreciá-la, tão meiga, tão desenvolvida para a idade! Não se passa um minuto em que não me lembre dela. Bem dizia a Religiosa que lhe dava lição, que as crianças como ela não eram para este mundo. Enfim, sei que está no Céu, mais feliz do que nesta vida, mas quer-me parecer que toda a felicidade se me esvaiu". (1)

Conseguiu, ainda assim, refazer-se. Da Visitação veio-lhe uma mensagem de esperança que, a distância, agora se nos apresenta como a alvorada anunciadora da glória de Teresa:

"Ó minha querida irmãzinha! como me sinto feliz por verificar a tua fé profunda e a tua resignação! Não tardará que tomes a ver aqueles por quem choras. Crê que há-de ser bela e muito bela a tua coroa. O teu coração está como esmagado por uma prensa, mas pela tua conformidade com todas as vontades divinas, sai dele um bálsamo que consola o Coração de Deus...

A tua fé e confiança inabaláveis e constantes hão-de ter um dia a sua recompensa magnífica. Podes ter a certeza de que o Senhor há-de abençoar-te e que a medida com que mede as dores há-de servir para as consolações que te estão reservadas. Pois se, Nosso Senhor, satisfeito contigo, quiser dar-te o grande santo que tanto desejaste para glória Sua, não te sentirás bem recompensada?"

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 27 de Março de 1870.

E depois num lar muito povoado não há tempo para se afundar a gente no desgosto. O curso da vida segue sempre e tudo leva diante de si. Os lugares vagos iam-se preenchendo automaticamente; e os pais, que conservavam gravadas na retina as feições queridas dos desaparecidos, consagravam-se aos que lhe ficavam, unindo, em magnífica solidariedade, a família terrena e a família que vivia no mundo melhor, sendo esta que protegia a outra.

A Senhora Martin teve um dia a intuição e como a sensação física desta comunhão entre os vivos e os mortos. Recordando-se duma mentira leve que a sua Heleninha dissera um dia, repreendia-se amargamente por não ter pensado em a levar a confessá-la. A ideia de que por causa daquela negligência involuntária talvez a filha sofresse as penas do Purgatório, era-lhe insuportável. Para sacudir esta obsessão foi ter com a imagem de Nossa Senhora considerada como imagem da família, cujos dedos partidos à força de beijos, tinham sido consertados e substituídos mais de uma vez.

Veio logo a resposta da Imaculada: uma voz misteriosa, de infinita doçura, murmurou: "Está junto de mim". Ovindo estas palavras desvaneceram-se as angústias e uma alegria indizível invadiu a alma daquela mãe que sentiu redobrar o apreço pela sua sublime vocação.

Tranquilizada, consagrou então toda a sua ternura à Celinazinha. Levou-a para casa.

"Sempre nos consolará vê-la aqui... — escrevia ela —. Além disso não há maneira de me habituar a ver só uma filha a meu lado, na rua". (1)

O Senhor Martin ficou muito contente com esta resolução. A pequenina tinha para ele atracções especiais. "Quando ele cá está ninguém a segura: grita com quanta força tem para ir para ele e, se é preciso tirar-lha, tem de ser arrancada". (2)

Seria isto como que um longínquo prelúdio daquela noite dolorosa em que, humilhado, o pai encontraria em Celina o anjo custódio da sua velhice?

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 6 de Março de 1870.

(2) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 10 de Junho de 1870.

CAPÍTULO V

A CASA SOB O TEMPORAL

NASCIMENTO E MORTE DE MARIA MELÂNIA TERESA
ALENÇON DURANTE A GUERRA DE 1870
AMEAÇAS DE CRISE SOCIAL — CORAGEM DE UMA MÃE

O ano de 1870 raiou para a França sob auspícios funestos. Gasto pela aventura, pela utopia e pelos desastres, o Império tomado "liberal" perdeu em autoridade sem ganhar em popularidade. Napoleão III, minado pela doença e mais indolente do que nunca, era o juguete das próprias ilusões. Os católicos olhavam, ansiosamente, para o lado dos Alpes, onde os herdeiros do pensamento político de Cavour sonhavam com a realização da unidade italiana estabelecida sobre as ruínas dos Estados Pontifícios. Os patriotas, clarividentes, viam na linha do Reno, um grande ponto de interrogação pois para além dela vibrava a Prússia, nas mãos do Chanceler de Ferro, como um arsenal em plena actividade. Os mais lúcidos observadores da vida social assustavam-se por verem amontoar à volta de Paris, um proletariado em pé de guerra, entregue à miséria, à imoralidade, à impiedade e servindo de argumento aos que apregoavam a revolução. Outrora dizia-se: "A França aborrece-se".

Agora a palavra era: "A França inquieta-se".

A Senhora Martin deixava para os homens a preocupação de resolver tais problemas. Quanto a ela o que a absorvia era a sua bela tarefa, de "mãe dos vivos". Sentia-se estremecer ante uma nova esperança de maternidade.

"Sinto-me satisfeita, escrevia ela à cunhada, ao pensar que no mês de Agosto próximo havemos de ter cada uma um rapazinho, pelo menos assim espero. Mas, rapaz ou rapariga, havemos de aceitar com reconhecimento o que o Senhor nos der, porque Ele sabe melhor que nós o

que nos é preciso. ⁽¹⁾ O que me aflige é pensar que também tenha de pôr esta filha na ama: é tão difícil encontrar pessoas capazes!

Gostava de ter a ama em casa, mas tenho já tanta gente, que é impossível! Enfim, penso que Nosso Senhor há-de ajudar-me; Ele bem sabe que não é a preguiça que me impede de criar as filhas, porque não tenho medo aos trabalhos. Ontem falei de si à Senhora Y. Ela considerava-a a si muito feliz e disse-me que gostava de estar no seu lugar. Há quem a aconselhe a uma viagem a Lourdes, para alcançar a graça de ter filhos, mas ela diz que não quer, porque tem medo de vir a ter muitos; e como prefere a tudo o prazer, antes quer não ter nenhum do que ser escrava deles". ⁽²⁾

Sob a suave ironia da frase adivinha-se até onde ia a reprovação da Senhora Martin para com esta cobardia diante da vida. Os cálculos neo-maltusianos pareciam-lhe sujeitos a maldição. Era a abdicação de uma grandeza, a mutilação dum ideal. Adoptava como sua a ardente súplica de Vitor Hugo:

*Preservai-me, Senhor, e aos meus amigos,
Meus pais, irmãos, meus próprios inimigos
No mal a triunfar,
De ver sem flor o estio que recreia...
Aves sem ninho, abelhas sem colmeia
E sem filhos o lar.*

Foi em pleno ardor da luta que a Maria Melânia Teresa nasceu, a 16 de Agosto de 1870. Logo no dia seguinte o primo Henrique de Lacauve, que havia de ser padrinho, foi ferido na batalha de Saint-Privat. Não chegaria a ver a afilhada e manifestou a mágoa que isso lhe causava numa carta comovente, escrita do cativeiro, àquele a quem tratava por "Meu bom irmão Luís".

A mãe, mais corajosa que nunca por ocasião deste oitavo nascimento, tentou, em vão, criar a filha. Queria, pelo menos, uma ama que viesse viver para a rua da Ponte Nova, afim de

⁽¹⁾ A Senhora Martin havia de se referir outra vez a esta ideia numa carta dirigida à cunhada a 23 de Agosto de 1870, depois do duplo nascimento da sua Maria Melânia Teresa e de Maria Guérin. Pouco se lhe dava que tivesse vindo uma rapariga em vez do rapaz esperado. "Se for como eu, não se há-de afligir com isso, pois nunca tive um momento de desgosto por esse motivo".

⁽²⁾ Carta da Senhora Martin à cunhada, de 12 de Fevereiro de 1870.

poder vigiar o seu tesouro. Mas todas as tentativas foram improtuas. Foi obrigada a recorrer a uma mulher que morava na rua da Barra, em Alençon, e que iludiu vergonhosamente a sua confiança, deixando definhir a pequenina. Tiveram de a trazer para casa. O Senhor Martin, por alta noite, foi procurar outra ama em Hérouville, mas encontrou-a doente de cama. A pobre mãe, que mencionava todas estas peripécias e via a sua Teresa expirar-lhe no regaço depois de duas horas e meia de agonia, descrevia assim a morte que sobreveio a 8 de Outubro de 1870: "Não pode imaginar quanto ela sofreu! Sinto-me na maior desolação: amava tanto esta filha!"

A cada novo luto afigura-se-me que quero mais ao filho que perco do que aos outros. Esta era graciosa como uma flor e além disso era eu sôzinha que tratava dela: Como eu queria morrer também! Há dois dias que me sinto muito cansada: Não tenho comido quase nada e estive levantada toda a noite, mortalmente inquieta". ⁽¹⁾

Desabafava também numa carta para o irmão: "Era uma pequenina tão linda! tinha uns olhos como nunca se vêem em crianças desta idade, e feições tão finas! E lembrar-me eu que me fizera morrer de fome! Não é horrível? Nem imaginas a alegria que eu sentia por ser eu que criava a minha filhinha.

Julgava-me tão feliz que até parecia que era a primeira que tinha... Enfim, acabou-se tudo, já não há remédio, mais vale resignar-me. A minha filha é feliz e isso é o que me consola". ⁽²⁾

O instinto maternal refugiava-se nas que lhe restavam e ela continuava, encantadoramente: "A Celinazinha é muito meiga e começa a ter muita graça no que diz. Estes dias lastimava a perda da minha Teresinha, dizendo: "Minha filhinha!" A Celina, julgando que chamava por ela, vinha logo agarrar-se a mim. Procura a irmazinha por toda a parte e pergunta a cada passo por ela".

Os que não conhecessem a Senhora Martin poderiam julgá-la insensível: com os choques violentos era incapaz de chorar. Dominava tão bem a dor que entregava-se a todos os seus trabalhos habituais como se nada fosse com ela. Só os íntimos percebiam a tortura interior. Daí em diante, quando a família ia ao jardim público chamado *Os Passeios*, hesitava em passar do lado da rua da Barra, cuja vista, e mesmo só o nome, despertavam a lembrança da ama criminoso e faziam vibrar todas as fibras doloridas da mãe.

⁽¹⁾ Carta da Senhora Martin à cunhada, de 8 de Outubro de 1870.

⁽²⁾ Carta da Senhora Martin ao irmão, Outubro de 1870.

a ponto de lhe tomar odiosa. Os parentes assustavam-se com esta avalanche de aflições que punham em risco uma saúde já tão vacilante. A piedosa Visitandina por ocasião da festa de Todos-os-Santos desse ano lúgubre, dirigia à irmã alguns excerptos reconfortantes respigados no decorrer das suas leituras:

"Quero dizer-te uma coisa que te há-de fazer bem. A Venerável Margarida do Santíssimo Sacramento, Carmelita de Beaune, dizia que "os Santos Inocentes têm um grande poder no Céu e que as crianças mortas depois do Baptismo formam a sua corte".

O Padre Faber declara "que eles formam, na Igreja católica, uma secção à parte onde Deus é continuamente amado e servido por forma admirável que nós não podemos conhecer, mas é muito semelhante ao Reino dos Anjos". E noutra parte diz o mesmo autor: "algumas crianças pertencem só a Deus (são as que tira deste mundo); no Céu querem mais às mães do que os outros filhos. Bemaventuradas as mães que têm tais filhos a quem podemos chamar as flores primaveris de Deus". Por isso tem coragem, minha querida irmã; os teus filhos estão hoje no Céu, com todos os Santos, e rodeiam o trono do Cordeiro, cheios de alegria por terem abandonado o mundo sem lhe ter experimentado os perigos".

A Senhora Martin comungava plenamente nestas ideias sobrenaturais: "Quatro dos meus filhos estão já em bom lugar, escreveu ela um dia, e as outras irão também, certamente, para esse reino celeste, mais carregadas de méritos, visto haverem combatido mais tempo". (1)

É numa carta para a cunhada que ela manifesta o fundo do seu pensamento a este respeito. A Senhora Guérin tinha dado à luz um filho que morreu logo a seguir. Para consolar essa mãe enlutada a Senhora Martin encontrou notas de temura e de beleza inigualáveis:

"Aflige-me profundamente a desgraça que acaba de a ferir e que tanto a faz sofrer. É um dos seus primeiros desgostos, minha querida irmã. Que Nosso Senhor lhe conceda a resignação à Sua santa vontade. O seu filhinho está junto d'Ele, vê-a e ama-a; um dia há-de ir ter com

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 4 de Março de 1877.

ele. É uma grande consolação que eu já tenho sentido e sinto ainda agora. Quando fechava os olhos dos meus filhinhos e os metia no caixão, experimentava uma grande dor, mas sempre conformada. Nunca lamentava os trabalhos e preocupações que tinha sofrido por eles. Muitas pessoas diziam-me: "Mais valia não os ter tido". Mas eu não podia suportar esta maneira de falar. Não pensava que os trabalhos e preocupações pudessem comparar-se com a felicidade eterna dos meus filhos. E depois, eu não os tinha perdido para sempre: a vida é curta e cheia de miséria, e havemos de nos encontrar lá em cima.

Foi, sobretudo, quando morreu o primeiro, que eu senti mais profundamente a felicidade de ter um filho no Céu. Nosso Senhor provou-me de maneira bem sensível que aceitava o meu sacrifício. Obtive por intermédio daquele anjinho, uma graça bem extraordinária". (1)

Conta neste ponto, a cura da Heleninha, já mencionada anteriormente no decurso desta narrativa, por intercessão do irmãozinho falecido recentemente. A conclusão impõe-se por si mesma:

"Bem vê, minha querida irmã, é um grande bem ter anjinhos no Céu, mas nem por isso é menos doloroso para a natureza ficar sem eles: são as grandes dores da nossa vida".

Sully-Prud'homme viria a aproveitar este tema, a orquestrá-lo, a revesti-lo da magia do ritmo, do brilho da imagem, para cantar a eterna sobrevivência dos filhos desaparecidos:

*Azuis ou negros, bem-amados, lindos,
Abertos já à sempiterna aurora,
Os olhos que se cerram, de além campa
Continuam a ver-nos muito embora!*

Apesar de todo o prestígio da arte, o vago espiritualismo do poeta não atinge a emoção desta cristã que, ao olhar para a cruz, se encontra com os seus mortos.

* * *

De aí a pouco foi pelo luto da pátria que tiveram de chorar. A máquina militar, hábilmente montada por Bismark, Ronn e von Moltke, esmagaram rapidamente as tropas francesas apesar da sua louca bravura. O assalto a Metz, a capitulação de Sedan, a queda do Segundo Império marcavam as fases dos desastres da

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 17 de Outubro de 1871.

França. Para acudir a Paris, sitiada, o Governo da Defesa Nacional improvisou tropas com uma rapidez desconcertante. Foi assim que o Oeste entrou progressivamente na zona de operações, seguindo a sorte diversa dos dois exércitos do Loire. Tratava-se, aliás, mais de incursões inimigas e de razias do que de uma ocupação em massa. Não se chegara ainda ao choque implacável da guerra total mobilizando milhões de homens e sujeitando toda a região vencida a uma dominação apertada.

Desde meados de Novembro que o Orne vivia em contínuo alerta.

A Senhora Martin referia-se a esse assunto numa carta para a cunhada que se poderia julgar datada de Junho de 1940, visto que "a história é uma perpétua repetição".

Esse documento, escrito aos clarões da invasão e repassado de verdadeira angústia patriótica, é ainda assim, temperado com uma ponta de malícia. Nem no extremo perigo a alegria francesa perde nunca os seus direitos:

"A 22 deste mês tivemos um alarme de respeito em Alençon; esperava-se que os Prussianos chegassem no dia seguinte. Pouco mais ou menos metade da população deixou as casas. Todos escondiam os seus tesouros. Nunca vi tamanha desolação. Um senhor nosso vizinho escondeu tão bem as suas coisas que depois já não conseguia dar com elas. Foram três a cavar toda a manhã para encontrarem outra vez o esconderijo!

Eu, como já nada me assusta, não tive muito medo. Se tivesse tido vontade de fugir ia direita a sua casa, mas o meu marido ficava bem atrapalhado sozinho, e eu estaria com isso muito inquieta. O melhor ainda era ficar.

Os Prussianos foram para Bellême e para as aldeias vizinhas e fizeram grande quantidade de requisições, mas uma teve o seu lado cómico. Imagine que tiraram um porco a um pobre homem que defendia o animal com uma coragem sem exemplo: se fosse por um filho não teria lutado mais. Quando o porco já estava bem amarrado em cima de um cavalo, o bom do homem pôs-se a puxar pela cauda deste com quanta força tinha; e com ela teve de se contentar, porque o soldado, para se ver livre dele, deu um golpe com o sabre, de modo que a cauda do animal ficou na mão do camponês!

A saída de Bellême quando se encaminhavam para Alençon, passaram por Mamers, depois bifurcaram e dirigiram-se para Mans. Eram vinte mil". (1)

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 30 de Novembro de 1870.

Depois todas as inquietações maternas tinham por objecto a Maria e a Paulina que estavam no colégio. Era impossível ir buscar as filhas. O caminho de ferro fora requisitado pela tropa, os caminhos não eram seguros e estavam atravancados de carros.

O Senhor Martin, por seu lado, tinha sangue de soldado nas veias. Sentia na sua carne a humilhação da pátria e por vezes, apesar dos seus quarenta e sete anos punha-se a lamentar não poder combater no exército regular: "Ainda podia dar-se o caso, escrevia a esposa, de chamarem às fileiras os homens de quarenta a cinquenta anos e eu já quase contava com isso. O meu marido não se preocupa com o caso nem pediria dispensa e diz muitas vezes que, se estivesse livre, não tardaria a alistar-se nos voluntários". (1)

Esta perspectiva era dolorosa para a Senhora Martin; todavia aceitava briosamente o sacrifício. Sabendo que uma senhora da cidade conseguiu esconder o marido para o furtar à mobilização, exclamou: "Será possível praticar uma acção dessas?" Além de ser herdeira duma tradição militar, possuía a coragem natural: sentia horror pela cobardia.

Entretanto as autoridades dispunham a defesa de Alençon. Para vigiar os movimentos do inimigo colocavam patrulhas de exploradores na floresta. Tratava-se de voluntários que a pena de Déroulède havia de exaltar.

Com risco de ser fuzilado se o apanhassem, o Senhor Martin acompanhou-os, juntou-se com eles e não voltou senão depois de cumprida a missão, quando a ameaça de invasão alemã fora afastada momentaneamente.

Não tardou que os acontecimentos se precipitassem.

Reagrupando a ala esquerda do exército do General d'Aurelles de Paladine, destruída em Beaune-la-Rolande e em Loigny, Chanzy dirigiu, durante cinco semanas, de Marchenoir até ao Sarthe, aquelas operações terríveis que o Supremo Estado Maior alemão designou com o nome de "retirada infernal". A Senhora Martin não podia mais: acabou por ir buscar as filhas que já não considerava em segurança na Visitação. A 30 de Dezembro descrevia essa aventura à cunhada:

"Tristeza e devastações é só o que se vê: o coração sente-se oprimido. Na verdade nunca houve tantas desgraças como agora. Mas na nossa cidade ainda não é nada: só quem vai a Mans pode fazer ideia da desolação

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 30 de Novembro de 1870.

que esta triste guerra acarreta. A minha irmã contou-me coisas que fazem sangrar o coração. Os doentes, coitados, morrem aos milhares; só no Hospício de Mans chegam a enterrar oitenta por dia e vêm-se ambulâncias por toda a parte: o Liceu e os Conventos foram obrigados a recebê-los. Um quarto de hora antes de eu chegar as autoridades municipais tinham ido prevenir as religiosas da Visitação de que lhes iam mandar trinta doentes... Além das ambulâncias improvisadas de Mans vê-se a Cruz Vermelha em todas as ruas. Quase todas as pessoas ricas têm doentes em casa, até a Senhora D. que recebeu um soldado a morrer, com desenteria. Grassa a varíola por toda a parte".

O círculo de ferro estreita-se mais e mais à volta de Alençon. O segundo exército do Loire foi esmagado, em frente de Mans, a 11 de Janeiro de 1871. Os restos dele foram repelidos para Laval, onde uma intervenção celeste sustou o avanço inimigo. Coube ao departamento do Orne a vez de ser invadido. Na capital deste tudo era já desatar as mochilas. O Prefeito deu ordem de minar as três pontes. Nesse sentido faziam-se activamente os preparativos mas estes foram interrompidos daí a pouco devido a uma petição da cidade. A família Martin, que habitava a poucos metros da Ponte Nova, na expectativa da explosão, instalou o seu quartel general na cave, para onde as pequenitas mudaram os banquinhos e os livros de estudo.

Foi convocada a guarda nacional. Ainda havia quem acreditasse na eficácia do "levantamento em massa" e que, para fazer frente à ofensiva inimiga, bastaria armar à última da hora aqueles a quem chamavam os "milicianos", homens mas não soldados. Numa carta de 17 de Janeiro a Senhora Martin evoca essa luta desigual:

"É geral a consternação entre os habitantes. Os nossos mobilizados foram bater-se contra os Prussianos que estavam a uma légua da cidade. Até às seis da tarde ouviu-se a artilharia em três lados diferentes: na estrada de Mamers, na estrada de Aunay e na de Mans.

Era uma pena ver como os nossos pobres soldados voltavam: uns sem pés, outros sem mãos; vi alguns com o rosto todo ensanguentado. Enfim, há tantos feridos que as ambulâncias estão todas cheias. Não se sabe o número dos mortos entre os quais se contam muitos voluntários.

Quando há tão poucos homens, para enfrentar o inimigo, faz sentido mandá-los assim para a carnificina.

a lutar com um exército como o que vimos? Ninguém faz ideia do que era. Os Prussianos têm uma máquina de guerra formidável. É qualquer coisa bem sinistra ver aqueles batalhões com bandeiras negras e com uma caveira nos capacetes. Como pode admitir-se que haja quem não reconheça nesta guerra um castigo?"

Houve um rápido bombardeamento e arderam muitas casas e um depósito de madeiras. A família Martin refugiou-se na cave, enquanto os projecteis caíam nas proximidades e um estilhaço despedaçava uma frontaria vizinha. Não tardou que os Alemães entrassem na cidade. Durante muitas horas desfilaram na rua da Ponte Nova. Eram uns vinte e cinco mil. Exasperados com a resistência condenaram a cidade a pagar uma enorme contribuição de guerra. O administrador, Eugénio Lecointre, recusou estôdicamente. Como o ameaçassem de pôr a saque a cidade, como represália, respondeu com energia: "Aqui estão as chaves da minha casa. Comecem por mim! A força vence o direito". O vencedor, impressionado com tal atitude, transigiu.

Ainda assim não houve remédio senão hospedá-los. A Senhora Martin aproveitou o restabelecimento do correio para enviar a Lisieux bastos pormenores sobre aqueles dias lamentáveis.

"Na segunda-feira, pelas três horas, todas as portas foram marcadas com determinado número de soldados inimigos que tinham de receber. Um sargento muito alto veio pedir para vistoriar a casa. Levei-o ao primeiro andar e disse-lhe que tinha quatro filhas. Felizmente para nós, não pretendeu subir ao segundo andar. Por fim destinaram-nos nove e não há razão de queixa; aqui no bairro, alguns pequenos comerciantes, só com dois compartimentos, tiveram de receber quinze, vinte e até vinte e cinco...

Não faço cerimónia com eles; quando me pedem demais digo-lhes que não pode ser. Esta manhã trouxeram carne que chegava para sustentar trinta pessoas; estamos a tratar de lha cozinhar.

Tivemos de lhes deixar livre o primeiro andar e de nos arranjar no rés-do-chão. Se lhe fosse a contar tudo fazia um livro.

A cidade recusou-se a pagar a quantia que lhe exigiam e fomos ameaçados com represálias. Por fim o Duque de Mecklemburgo contentou-se com trezentos mil francos, por receber além disso uma enorme quantidade de material. Requisitaram todo o gado dos arredores. Agora não se

encontra leite em parte alguma. Que há-de ser da minha Celinazinha que tomava um litro por dia? E como se arranjarão as pobres mães com filhos pequeninos? Em nenhum talho se encontra carne. Enfim é uma desolação na cidade. Toda a gente chora menos eu". (1)

O que a Senhora Martin não diz é que tanto ela como o marido sabiam aliar, com o seu patriotismo sobrenaturalizado, uma coragem que enfrentava o perigo, a um sentimento de humanidade que excluía todo o ódio. E assim, entre os nove soldados aboletados na casa, a esposa distinguiu um mais simpático e delicado, e que parecia trazer impressa no rosto a pena de se sentir exilado, longe dos seus. Não hesitou em travar conversação com ele e até em lhe dar, em segredo, algumas guloseimas, com o que ele se mostrou muito sensibilizado.

O Senhor Martin, por seu lado, esforçava-se por impedir os assaltos e por desviar do estabelecimento as requisições abusivas. Como um alemão lhe quisesse tirar um objecto de joalheria, ele interpôs-se enérgicamente, dominou a resistência, pô-lo fora e apresentou queixa. Sabendo no dia seguinte, que, para exemplo, acabava de ser fuzilado um soldado, por feitos análogos, dirigiu-se novamente às autoridades para obter o perdão daquele que denunciara. Este Francês conservava, ante o inimigo, o coração sensível e bom do homem da sua raça, requintado, ainda, pela caridade de cristão.

A prova nem por isso era menos cruel para aquele filho de oficial, habituado a ouvir, desde os primeiros passos, as estâncias da Lenda napoleónica. "Meu marido anda triste, sublinhava a Senhora Martin, a 17 de Janeiro; não pode comer nem dormir. Parece-me que vai cair doente".

No mesmo dia em que escrevia estas linhas dava-se um acontecimento misterioso que reanimava a confiança na alma dos católicos. Assim que teve conhecimento do facto, pelo jornal, não pôde de deixar de chamar o marido, para lhe anunciar, com comoção, a boa notícia: "Nossa Senhora apareceu em Pontmain; estamos salvos!"

Efectivamente a autoridade religiosa, dentro de breve prazo, confirmou aquele rumor. No dia 17 de Janeiro de 1871, à noite, algumas crianças do lugar de Pontmain, a seis kilómetros ao sul de Landivy, avistaram no Céu cravejado de estrelas uma linda senhora vestida de azul, que só podia ser Nossa Senhora, ao

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 17 de Janeiro de 1871.

mesmo tempo que, por debaixo dos pés dela, mão invisível traçava em letras de ouro:

"Rezai, meus filhos, Deus há-de escutar-vos dentro de pouco tempo. O meu Filho deixa-se enternecer".

Nesse mesmo dia, em Saint-Brieuc, a Arquiconfraria de Nossa Senhora da Esperança, fazia um voto solene ante a sua Padroeira, pedindo que protegesse a Bretanha das vagas da invasão, ao mesmo tempo que no santuário parisiense de Nossa Senhora das Vitórias, se faziam também preces públicas, reforçadas por um compromisso oficial, a solicitar o fim da guerra. Ora na



Visão geral da Pontmain na noite da Aparição, a 17 de Janeiro de 1871.

própria noite da aparição, a 20.ª divisão, comandada pelo general von Schmidt, que se dispunha a penetrar em Laval, defendida apenas por uma ténue cortina de tropas, recebia, sem justificação aparente, ordem inesperada para retroceder. O avanço fora detido, ia começar o refluxo. O solo da Bretanha continuava inviolado. Dez dias depois dava-se o armistício, logo seguido pelos preliminares da paz e depois pelo Tratado de Francfort.

Foi preciso nada menos que esse sorriso dirigido pelo Céu à França para despertar o optimismo no lar da rua da Ponte Nova. O balanço da guerra revelava perdas materiais: o prédio "num estado lastimoso", contas não saldadas, o comércio afectado momentaneamente. Os hábitos de ordem, de economia, de trabalho, que reinavam em casa, não tardariam a reparar essas brechas.

As feridas morais eram mais profundas. O Senhor Martin chorava pela admirável Alsácia que fora o encanto da sua juventude e por Strasburgo, a jóia do Reno, com a sua flecha aérea onde as cegonhas fazem os ninhos. Quando apareceu a linda canção

de Soubise: "É uma ave que vem da França" (1) classificou-a em primeiro lugar no seu repertório. O patriotismo não era, para ele, uma emoção passageira. Acreditava no seu país, na sua grandeza, na sua missão. Muito sofreu — e a esposa exprimiu numa carta a comum indignação — quando, logo a seguir àqueles desastres, não acharam meio melhor para pagar a indemnização de guerra, do que organizar em Lisleux e Alençon uma cavalcada com baile de máscaras, largamente anunciada... a dança sobre as sepulturas.

* * *

A correspondência da Senhora Martin no decorrer dos três anos seguintes revela, de maneira interessante, o mal estar geral e a angústia dos crentes. Atordoada pela derrota a França procurava reconquistar o equilíbrio. O poder era disputado pelos partidários do Conde de Chambord, pelos partidários da casa de Orléans e pelos republicanos. O proletariado parisiense que saiu do cerco com os nervos doentes e como que devorado pela obsessão do cerco suscitou contra Thiers o Governo da Comuna e prolongou a insurreição por mais de dois meses, até ao massacre dos reféns, às sinistras aventuras dos incendiários e à terrível repressão que se seguiu. A sombra de inúmeros mal-entendidos desencadeia-se no país uma onda de anticlericalismo ao mesmo tempo que a questão social, que continuava sem solução, oferecia aos adeptos do marxismo terreno de fácil propaganda.

Em certos meios conservadores sentia-se perpassar um grande medo. Entre os católicos militantes dava-se uma espécie de tendência mística, acompanhada de um formigar de profecias à margem e fora mesmo da aprovação da Hierarquia.

Ao mesmo tempo era esta a hora em que tomava vulto, com o apoio do cardeal Guibert, a fórmula do Voto Nacional que viria a terminar pela edificação do Santuário de Montmartre. Foi a época das grandiosas manifestações de fé em que era evocado o heroísmo dos zuavos de Charette, em que se rezava pelo "Papa cativo" e em que se cantava: "Salvai Roma e a França, em nome do Sagrado Coração".

Na cidade de Alençon, capital do departamento, toda aquela efervescência encontrou logo eco. A nobreza e a alta burguesia, que detinham as alavancas do comando, pareciam dominadas pela

(1) "C'est un oiseau qui vient de France".

obsessão da revolução. Gastavam-se em lutas estéreis à volta da bandeira branca. Quanto à chama cristã, a sua vivacidade era só de superfície, mais cintilante do que calorosa, mais de protestos do que interior. Nos salões, ao lado de certos vestígios de espírito volteriano, flutuava como que um ar bafiento de galicismo.

Encontram-se até adeptos retardatários da Antiga Igreja, que se negavam a aderir a vários artigos do dogma. Por outro lado os preconceitos de casta, tenazes naquele recanto provinciano, provocavam, como reacção, o ódio dos elementos populares. Desenhava-se a linha divisória que não tardaria a separar as "duas França".

Não deixa de oferecer interesse ver como, numa hora destas e em tal ambiente, reagiria o sentido sobrenatural da família Martin. Informada do desenlace da "semana sangrenta" a mãe escreveu para Lisieux, a 29 de Maio de 1871: "Passo bem de saúde, mas não de espírito principalmente esta manhã. O que se passa em Paris enche-me a alma de tristeza: acabo de conhecer a notícia da morte do Arcebispo e de sessenta e quatro padres fuzilados, ontem, pelos comunistas. Sinto-me profundamente abalada".

O termómetro da Bolsa baixou logo, os créditos congelaram-se, tomou-se impossível dispor dos capitais.

Era o que menos importava: "Quando passar esta tormenta juntaremos os restos do que tiver ficado e arranharemos meio de viver com esse pouco". (1) Contudo era necessário pensar nas filhas. Os prognósticos eram tão negros e tão precisos, que, mesmo à custa de enormes sacrifícios, todos se esforçavam por obter o pagamento imediato das letras.

A boca pequena circulavam boatos que fixavam datas de trágicas ocorrências. A Senhora Martin, impressionada a princípio na sua sensibilidade de mulher, tomou-se cada vez mais céptica ao ver que os prazos marcados falhavam. O seu bom senso depressa começou a trocar dos augúrios. "Estou bem decidida a não me fiar em nenhum profeta e em nenhuma profecia."

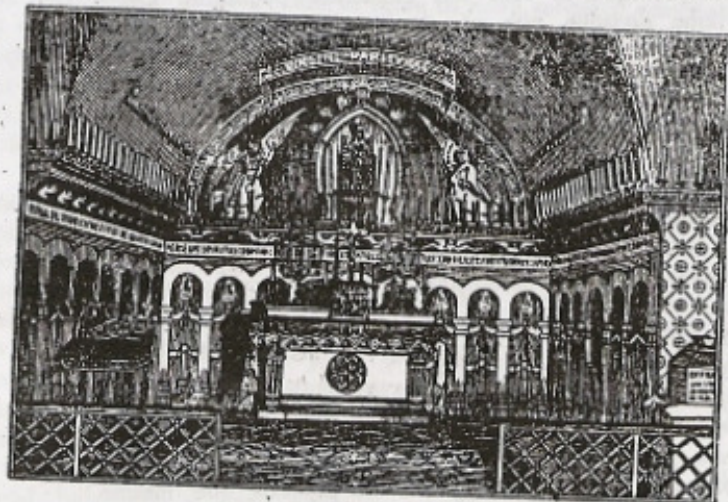
Começo a ser muito incrédula e penso que só Deus é que sabe a hora e o momento: os outros pensam que vêem alguma coisa, mas não vêem nada". (2) Resignava-se a esperar pela "ponta da meada" para formar uma ideia dos acontecimentos, mas desejando, ainda assim, que ela não demorasse muito a desenrolar.

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 29 de Maio de 1871.

(2) Carta da Senhora Martin ao irmão e à cunhada, de 21 de Julho de 1872.

Aqui e além deixava perceber as suas aspirações monárquicas e indignava-se por haver quem se atrevesse a afirmar que Henrique V tinha "transigido com as suas convicções para aderir aos princípios da revolução". Todavia muito mais do que a questão do regime político era a dos interesses de Cristo e da Igreja que apaixonavam as conversas familiares, à noite, ao serão.

Em Maio de 1873 o Senhor Martin escrevia à filha Paulina: "Minha querida filha, reza muito pelo resultado da peregrinação de Chartres, em que vou tomar parte e que vai reunir muitos



A capela de Nossa Senhora subterrânea, em Chartres.

peregrinos da nossa bela França aos pés da Santíssima Virgem, afim de alcançarmos as graças de que a nossa Pátria tem tanta necessidade, para se mostrar digna do seu passado". Foram vinte mil os que atravessaram o plaino da Beauce, para atingirem o berço da devoção marial da França, onde os druidas ergueram um altar "à Virgem que daria à luz".

Como a afluência ultrapassou todas as previsões, faltaram as camas e não houve remédio senão dormir em cima de palha ou ficar na igreja. O Senhor Martin passou a noite na capela subterrânea onde as missas se sucediam desde a meia noite até ao meio dia. Regressou a casa com o coração cheio de esperança.

Ao lado das mãos que se erguiam havia aquelas aves de mau agoiro que na expectativa da "Grande Noite" disfarçavam o medo nos divertimentos e se atordoavam nos prazeres. Numa carta de 19 de Março de 1873, para a cunhada, a Senhora Martin fustigava-as a seu modo:

"Quero diverti-la com a descrição de um baile de máscaras dado pela Senhora Y... e que tanto ruído causou em Alençon. Era magnífico, admirável, sem igual! Toda a gente fala dele. Desde que Alençon é Alençon nunca se viu coisa igual. A Senhora Y... era Rainha e tinha uma coroa de ouro, com um véu cintilante de estrelas. A Senhora O... representava a Loucura. Levava um vestido de chita amarela tão apertado que a tornava completamente ridícula. Quando se viu naquele preparo e notou a riqueza dos fatos das outras senhoras, não sabia onde havia de se meter.

Eu sei todos estes pormenores por pessoas que assistiram ao famoso baile, que acabou às cinco horas da manhã. Para o encerrar houve uma ceia esplêndida em seguida à qual todos os convidados se foram deitar.

Foi preciso escorar o soalho dos salões, para os dansarinos não virem ter à sala de baixo. Esquecia-me de lhe dizer que os salões estavam enfeitados com grinaldas de flores e ramos de hera. É pena ter tanto trabalho e gastar tanto dinheiro para no fim se ver chasqueado".

Aqui está agora e não menos lindamente desenhada, a outra táboa do diptico, que representa a luta de classes. É da época em que a família emigrou para a rua de S. Brás:

"Aconteceu ultimamente uma aventura extraordinária a uma senhora cuja carruagem estacionava em frente da nossa casa, defronte da Prefeitura. O cocheiro tinha uma farda magnífica, toda guarnecida de peles. Nisto passa um individuo mal vestido, com um saco de linhagem na mão. Parou um momento a contemplar o cocheiro, depois a senhora e a carruagem; dirigiu-se para a portinhola aberta, desatou o saco e despejou-o no regaço da senhora.

Ela desatou numa gritaria medonha; acudiu muito depressa o cocheiro e gente que passava. Viram a senhora a contorcer-se com um ataque de nervos e sobre ela umas vinte rãs. Estas cobriam-na toda: até na cabeça tinha rãs!

O maroto do homem contemplava o espectáculo. Quando chegou a polícia e lhe perguntou porque tinha feito aquilo, respondeu tranquilamente: "Eu vinha de pescar aquelas rãs para vender, mas quando vi aquela aristocrata com o cocheiro todo forrado de peles, antes quis pregar-lhe um ataque de nervos do que vender as

minhas rãs". Levaram-no para o posto da polícia — porque não roubara nada!" (1)

Querem saber qual era a opinião profunda do casal Martin ante este antagonismo crescente que criava entre abastados e pobres um fosso armado de barricadas? Podemos deduzi-la das entrelinhas deste relato em que a crítica humorística é temperada pela meiga filosofia do Evangelho. Trata-se duma récita de gala que o Senhor de Cissay devia honrar com um discurso:

"Tinham distribuído duzentas cartas de convite para as "belas senhoras" e cartões para as senhoras "menos belas", tendo o cuidado de estabelecer uma separação entre as duas categorias:

Ora uma mulher, mãe de um dos principais actores, que tinha só um cartão, afirmou: "Se não me quiserem deixar passar com as que têm cartas vou buscar o meu filho e não o deixo representar".

Embora não a tivessem deixado passar não se atreveu a levar o filho, mas o facto provocou um descontentamento geral do lado dos cartões.

Para evitar uma insurreição deram hoje outra festa em que não houve separações. Na verdade estes senhores sentem-se muito embaraçados para contentar a todos. É certo que as senhoras de sociedade não iriam à festa se não lhes reservassem os primeiros lugares; ao passo que as mães que cedem os filhos se aborrecem por se verem colocadas nas últimas filas. Por mais que façam só no Céu é que os pobres poderão ser "os primeiros"; cá em baixo é escusado pensar nisso". (2)

O que mais preocupava estes esposos cristãos era verem os progressos da impiedade em todos os meios. Em Roma o Papa, prisioneiro, sofria as injúrias da maçonaria no poder. A Senhora Martin que em 5 de Setembro de 1871 escrevia: "Creio firmemente no próximo triunfo e na rápida reintegração do Santo Padre nos seus Estados", verificava de ano para ano a agonia das suas ilusões. Observava, em Alençon, os sintomas de anticlericalismo. Por ocasião da festa de 15 de Agosto de 1873, grupos de

(1) Carta da Senhora Martin a Maria e a Paulina, de 30 de Novembro de 1873.

(2) Carta da Senhora Martin a Paulina, de 29 de Abril de 1877.

energúmenos proferindo ameaças, empurravam os que desfilavam a rezar pelas ruas. Viu-se o escândalo de um enterro civil em que as autoridades superiores acompanhavam a uma, o administrador segurava uma das borlas e o deputado pronunciou um discurso. Depois à chegada dos peregrinos de Lourdes fez-se uma espécie de contra-manifestação. O Senhor Martin que voltava radiante, trazendo como um tesouro dois pedaços de pedra arrancados por ele do rochedo de Massabielle, foi o primeiro a sair da gare com a cruzinha vermelha no peito. Recebido com dichotes e risos atravessou corajosamente a barreira; mas logo a seguir, outros peregrinos com menos sorte eram levados ao posto da polícia pelo delito de tomarem parte em procissões. Ante a iminência da guerra social e da perseguição não deveriam os crentes cónscios do perigo ir "ter com o povo?"

Um ardoroso oficial da guerra de 70, o Conde de Mun, dizia isto a todas as facções da opinião, na Cruzada que mantinha, através da França, em favor dos Círculos Católicos. Seria sob o impulso da sua eloquência vibrante que Alençon despertou também? A verdade é que em breve se organizou um Círculo na paróquia de Nossa Senhora, na rua da Estação, 34. Aberta a 25 de Novembro de 1875 com o nome do brilhante orador, esta obra, cuja direcção foi assumida pelo Padre Dupuy, Capelão do Liceu, teve a princípio um carácter urbano. Entre os fundadores e membros activos contava-se o Senhor Luís Martin, cujo nome aparece, nos poeirentos cadernos de arquivos, nas listas dos primeiros accionistas da sociedade civil.

* * *

Através de tantos altos e baixos de toda a espécie, ao lado do pai de família, em cuja imagem serena e grave nos havemos de fixar mais tarde, aparece-nos, crescendo e impondo-se cada vez mais, a ideal figura da mãe.

Como não admirar aquela mulher de saúde débil, precoce-mente atacada de um mal implacável, atreita às nevralgias, às enxaquecas, à febre, e cujo rosto, como ela mesmo confessava, metia medo em certas ocasiões; que em quatorze anos teve nove filhos, em sessenta e quatro meses seis lutos, sem falar das doenças de que era a enfermeira efectiva; que juntava aos cuidados da casa a direcção de uma manufactura de rendas e que em momentos de afluência de trabalho "estava a pé desde as quatro e meia da manhã até às onze da noite"; que suportou o saque da sua casa e os abalos de uma crise económica, sem nunca deixar diminuir a confiança nem alterar o bom humor?

Confessava, é certo, a sua fadiga e de quando em quando lançava um olhar nostálgico para o claustro onde, certo dia, sonhara entrar. Mas a tentação era de pouca duração. Já que embarcava iria até ao fim, fiel aos sentimentos que manifestava ao irmão algumas semanas antes da morte do primeiro filho:

"Muito soffro eu com este maldito Ponto de Alençon que me afflige mais que tudo. Se bem ganho algum dinheiro, bem o amargo!... É à custa da minha vida, porque estou convencida de que me abrevia os dias; e se Nosso Senhor não me proteger de modo particular, parece-me que não viverei muito tempo. Se não tivesse filhos para criar pouco se me dava, saudaria a morte com alegria, como se sauda a suave e pura aurora dum belo dia. Penso muitas vezes na minha santa irmã, na sua vida calma e tranqüila: ela trabalha, mas só para o Céu, que é o alvo de todos os seus anseios e não para amontoar riquezas perecíveis. E eu então, curvada para a terra, ralo-me extraordinariamente para juntar dinheiro que não hei-de levar, nem desejaria levar comigo. Para que o queria eu lá em cima?!

Às vezes ponho-me a lamentar não ter feito como ela, mas logo penso: "Não teria as minhas quatro meninas, nem o meu lindo Josézinho!... Não, mais vale estar onde estou, a sofrer, e tê-los comigo. Contanto que chegue ao Paraíso com o meu querido Luís e que os veja lá todos em melhores lugares do que eu, já me sentirei bem contente e não peço mais nada". (1)

A frase final define-a perfeitamente. Vivia sacrificada à felicidade dos seus. Só no caso de o marido a preceder no Céu e de ver as filhas todas bem encaminhadas na vida é que poderia acariciar o projecto de acabar os seus dias na Visitação, segundo confiava à Paulina. De momento era a escrava do Lar, "lutz de case", "a luz da casa", como se diz no país do sol. Sacrificava a esse dever primordial o que lhe seria mais agradável — as longas horas de oração — e o que lisonjearia o zelo da sua natureza ardente — as tarefas absorventes do apostolado exterior. A sua vida tinha como centro de apoio a confiança e o

abandono. As fórmulas em que o exprimia poderiam parecer traçadas pela sua Teresinha:

"Quando comecei o meu negócio do Ponto de Alençon até adoeci; agora estou muito mais calma, preocupou-me muito menos e resigno-me com todos os acontecimentos desagradáveis que me acontecem e podem acontecer. Digo para comigo que é Nosso Senhor que assim o permite e não penso mais no caso". (1) "Há dores para todos; os mais felizes pode-se dizer que são simplesmente os menos infelizes: o mais prudente e mais simples em tudo isto é resignarmo-nos com a vontade de Deus e prepararmo-nos antecipadamente para levar a cruz com quanta coragem pudermos". — Nosso Senhor concede-me a graça de não me affligir e sinto-me muito tranqüila". — "Nosso Senhor, que é bom pai, não manda nunca às suas criaturas mais do que elas podem suportar".

O espectáculo quotidiano duma tal magnanimidade levaria a Maria e a Paulina a afirmar, quando chamadas a depor no Processo de Beatificação e de Canonização da irmã:

"A nossa mãe era dotada de inteligência superior e de energia extraordinária. As dificuldades não eram nada para ela". Quanto à Visitandina, depois de ter confessado ao irmão o receio de que a sua querida Zélia sucumbisse, fisicamente, sob os choques repetidos da provação, acrescentou: "Ainda assim o que me tranqüiliza um pouco é aquele espírito de fé e aquella coragem verdadeiramente incrível e prodigiosa. Que mulher forte! A adversidade não a abate, a prosperidade não a eleva; é admirável!". A Senhora Martin não se preocupava com todas estas questões. Interiormente tinha o pressentimento do fim próximo.

Não lhe passavam despercebidas as preocupações da família por causa dela; mas sobrepunha-se-lhes enérgicamente:

"A minha gente acredita que não terei muita vida, escrevia. Faço votos por que se enganem, porque não tenho tempo de morrer. tenho, por agora, muito em que pensar". E além disso não convinha que, antes da alvorada eterna, se realizasse a intenção profética da irmã Maria Dositeia, i. é, que surgisse, finalmente, "o grande Santo", prémio do martírio e obra-prima do amor de tal mãe?

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 23 de Dezembro de 1866.

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 14 de Fevereiro de 1868.

CAPÍTULO VI

A FLORINHA DO LAR

INSTALAÇÃO NA RUA DE S. BRÁS—À ESPERA DA TERESINHA
NASCIMENTO E DOENÇA DA TERESINHA
DOENÇA DA MARIA—PRIMEIRO DESPERTAR DA TERESINHA

Há muitos anos que o Senhor Martin desejava poupar à esposa a fadiga provocada pela administração de um grande armazém e os embaraços de um duplo negócio. Nos princípios de Abril de 1870, o seu sobrinho, o Senhor Adolfo Leriche, que recebera uma bela herança, resolveu adquirir o estabelecimento da ourivesaria e o prédio da Ponte Nova. (1) Em vão procuraram outra moradia que tivesse um vasto jardim, onde as crianças brincassem como a mãe desejava. Veio a guerra e qualquer transferência era difícil. Tiveram de se contentar com a propriedade da rua de S. Brás, recebida em herança por morte do Senhor Guérin e que então estava livre.

Segundo o testemunho da esposa o Senhor Martin fez tudo como devia ser. Quis proporcionar à sua mulher um interior agradável e atendeu aos mais pequenos pormenores da instalação. Pois não é a casa uma espécie de relicário onde o passado fica embutido, ou antes engastado afim de vivificar o presente? Não é a casa a "indumentária de pedra do lar", o seu invólucro material, o "home" como dizem os ingleses, onde é indispensável poder usufruir, num mínimo de conforto, a doçura da vida em comum, em que tudo deve falar à vista: os retratos suspensos das paredes, os quadros evocadores de impressões de viagem, o crucifixo que recebeu o último beijo do avô, a estátua de Nossa Senhora oferecida como presente de casamento, uma tapeçaria que

(1) O Senhor Adolfo Leriche era o único filho de Francisco Leriche e de Fany Martin, segunda filha do Capitão Martin, morta aos vinte e sete anos.

exprime o bom gosto de uma pessoa querida, um certo móvel onde se guardam recordações de tempos idos? Se, por falta de uma política coerente e ousada de habitações para o povo, existem em França muitos pardieiros imundos que dão às nossas grandes cidades aspectos de leprosas, uma das mais honrosas tradições da burguesia é a de enfeitar, cuidar, amar a casa de habitação.

Foi só em Julho de 1871 que o senhor Martin emigrou da paróquia de S. Pedro de Montsort para a de Nossa Senhora, continuando entretanto sua mãe a residir nos aposentos que ocupava na joalheria onde ia instalar-se o neto. Penetremos na rua de



A Prefeitura de Alençon na rua de S. Brás

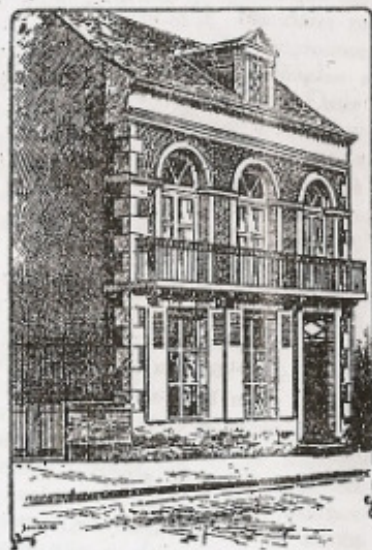
S. Brás, assim chamada devido a uma antiga devoção da cidade de Alençon ao glorioso mártir arménio. Uma vivenda histórica chama a atenção do turista. É a Sede da Prefeitura, palácio com um belo pátio à entrada, verdadeiramente real — espécime notável do estilo Luís XIII — foi outrora testemunha da piedade e das esmolas duma filha espiritual do Padre Rancé, a Duquesa de Guise, antes de servir de residência aos Intendentes da Monarquia e depois aos Administradores do departamento.

Mesmo em frente, no número 42 (dantes 36) uma lápide com uma inscrição aponta ao peregrino a morada onde nasceu Teresa do Menino Jesus. É modesta e discreta, na sua cor de vermelho-tijolo, com o rés-do-chão rasgado por duas janelas com portas por fora, com o primeiro andar comunicando para o exterior por três portas envidraçadas, de curvatura elegante, a darem por

sua vez para uma varanda comum de gradeamento de ferro, e com as águas-furtadas a respirarem por uma única janela. Noutro tempo estava desafiada à sua direita e à esquerda separada das moradias próximas por uma grade, e ficava junto de um edifício tão sossegado como ela.

A primeira vista logo se conhecia que era pequena demais para uma família numerosa, visto nunca se terem realizado os acrescentamentos previstos pelo Senhor Guérin. O rés-do-chão era ocupado por três compartimentos que comunicavam entre si: sala de visitas, sala de jantar e cozinha; o primeiro andar tinha três quartos, dando dois para a rua; no segundo havia um quarto e uma arrecadação. Um corredor ladrilhado conduzia ao pátio interior onde havia um rústico lavadouro de pedra. Este corredor prolonga-se por um estreito passadiço em desnível entre as paredes altas das casas adjacentes e ia dar a um quintal, pequeno demais, infelizmente, cujos canteiros de forma circular ou em meia lua e cujas pereiras em latadas alegam com os seus frutos e flores a paisagem. Tirando espaço ao jardim levanta-se uma construção onde ficava a rouparia com um quarto de ocasião e uma loja de arrumações. O espaço vital era limitado, mas como as mais velhas só ali viviam nas férias, apertavam-se um pouco e até era mais íntimo.

Quem transpõe o limiar da casa sente-se mergulhado numa atmosfera de silêncio e de recolhimento. De todos os lados afluem as recordações. Este compartimento da frente, ao mesmo tempo sala e escritório, era onde a Senhora Martin se instalava, como no tempo da sua mocidade, junto da segunda janela, a manejar a agulha sobre o debuxo e a receber as operárias. Ali está a escada de subida íngreme, donde a Teresinha, a cada degrau,



A casa natal de Santa Teresa do Menino Jesus, na rua de S. Brás, em frente da Prefeitura.

chamava pela mãe. Aqui o quarto onde ela nasceu, hoje transformado em oratório. Além, no jardim, dispôs o pai um pequeno baloiço para ela. Lá adiante está o caramanchão debaixo do qual ela contava os seus actos de virtude praticados; acolá a casa da lenha onde se guardavam as achas para o fogão, a capoeira onde a Celina, em gestos ágeis, agarrava as franguinhas brancas da mais nova, para ambas brincarem.

É o perfume encantador da família francesa que se aprecia nestes lugares.

Tudo calma, frescura, carinho. O pai mandou colocar por cima da porta uma placa de mármore onde estão gravadas estas palavras: "Luís Martin. Fabricante de Ponto de Alençon". Isto significava que, aliviado dos trabalhos de relojoaria, tomava desde então, parte mais activa na tarefa da esposa, para lhe aliviar o trabalho. Mas nenhuma oficina, nenhuma exposição chamava as atenções dos estranhos. A não ser as idas e vindas das operárias, à quinta feira, no mais estavam perfeitamente em família.

...

O berço estava pronto; podia vir o "grande Santo tão desejado": nova e derradeira estrofe no poema do lar onde clari- dades e sombras alternavam sem que o coração dos pais nada perdesse da sua frescura nem da sua capacidade de admiração. A sua volta murmuravam decerto os prudentes: oito filhos, quatro mortes precoces, a saúde da mãe tão abalada... não seria tempo de pôr ponto final? Até o Senhor Martin tinha os seus momentos de angústia. A mulher tranquilizava-o: "Não tenhas medo: Nosso Senhor está conosco". Era este o *leitmotiv* da sua espiritualidade: "Nosso Senhor nunca manda mais do que as nossas forças podem".

E depois, ela já passava dos quarenta, o marido estava nos cinquenta. Que rejuvenescimento para eles, este de reviverem em plena maturidade as emoções das primícias conjugais! Mal se fechou o caixão da primeira Teresa, já ela sentia necessidade de outra Teresa na qual encontrasse aquela. "Nosso Senhor enganou-se na porta — escrevia ela à cunhada que lhe confiava as suas esperanças — porque eu, que perdi a minha pequenina, gostava tanto de ter outra! Mas isso sim: não virei a ter mais nenhuma. Agora é escusado tal desejo. Nunca me hei-de consolar da morte da minha Teresinha: quantas noites deixo de dormir por causa dela".⁽¹⁾

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 29 de Maio de 1871.

Uma amiga procurava, com certa falta de tacto, chamá-la à realidade: "Nosso Senhor via, com certeza, que havia de lhe ser impossível criar tantos filhos e levou-lhe quatro para o Paraíso". Ela reagiu imediatamente e expressou a este respeito o seu protesto assim: "Não é essa a minha maneira de ver as coisas... Nosso Senhor é quem tudo ordena e não tinha que me pedir licença. Além disso até agora, confiando-me à sua Providência suportei sempre muito bem as fadigas da maternidade. E depois, que quer? nós não estamos na terra para ter grandes prazeres e os que esperam gozar fazem bem mal e sofrem valentes desilusões nas suas esperanças".⁽¹⁾ Ditosa coragem materna esplendidamente recompensada! Se o Senhor Martin e a esposa se tivessem limitado a ser "razoáveis", segundo o critério do mundo, faltaria, na sua coroa, o mais belo florão. E Deus nos seus desígnios insondáveis transtornando os pobres cálculos humanos, em compensação da fé cega destes pais admiráveis, deu-lhes já no entardecer da vida a nona filha, remate de facto da sua Coroa de glória.

Uma carta datada de 21 de Julho de 1872 anunciava a feliz nova:

"Quero participar-lhe um acontecimento que deve dar-se provavelmente no fim do ano, mas isto, por ora, só me interessa a mim. Que alegria seria a minha se soubesse que poderia criar este entezinho que vai instalar-se na nossa casa! mas este não há-de sair de cá enquanto ele e eu tivermos vida. Passo melhor que da última vez, como bem e ainda não tive febre. Espero que esta criança há-de nascer bem, porque a desgraça não está sempre atrás da porta. Mas seja feita a vontade de Deus!"

A 15 de Dezembro a Senhora Martin repetia à cunhada a sua alegria entrecortada de receios:

"Agora todos os dias estou à espera do meu anjinho sinto-me bem preocupada, porque ainda não encontrei ama. Falei a muitas, mas apenas convinham muito imperfeitamente e o meu marido não se resolveu a contratar nenhuma. Não foi pelo preço, mas porque receamos meter em casa gente que não seja conveniente admitir cá... Se Nosso Senhor me concedesse a graça de poder amamentar o meu filho, que prazer não seria para mim! Sou

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 16 de Janeiro de 1873.

doida por crianças e nasci para ter muitas, mas vai sendo tempo de isto acabar. Vou fazer quarenta e um anos a 23 do corrente e nesta idade já se é avó!"

Recolhia-se naquela expectativa deliciosa a que alguém deu a linda designação de "Advento"... e quando interrogava o futuro parecia-lhe ouvir uma voz que se unia à sua. "Enquanto eu a trazia no seio, escreveu ela mais tarde à Senhora Guérin; falando da filhinha, notei uma coisa que nunca me tinha acontecido com as outras crianças: quando eu cantava ela cantava também... Conto-lhe isto só a si, porque ninguém acreditaria". (1) Piedosa auto-sugestão feminina, dirão aqueles a quem só a sombra do maravilhoso já espanta. Os simples dirão: impressionante manifestação do Céu! Em todo o caso, símbolo delicioso da sintonização que se realizava, em segredo, no aconchego do seio materno, entre a alma harmoniosa em virtude e graça de Teresa e a alma vibrante da mãe.

*Exultou no teu seio o filho estremecido!
Um anjo as asas brancas desdobrou em ti!
O pequenino ser e a mãe, se não entenderam:
Espera-o nêvo berço e, no fundo garrido:
Do cortinado em flor, sua imagem sorri.*

O inferno tenta perturbar aquela paz. Uma tarde em que tinha ficado só no rés-do-chão da casa, para acabar uma leitura espiritual, a Senhora Martin pensava nos ataques diabólicos a que estão sujeitos os servos de Deus.

"Não é a mim que acontecerão tais percalços, pensou ela com uma espécie de alívio; só os santos é que podem receá-los". No mesmo instante sentiu pesar-lhe no ombro, como se fosse uma garra monstruosa, um peso enorme. Dir-se-ia a garra de um animal feroz. Aterrada por instantes, dominou-se logo e numa oração de confiança recuperou a pura serenidade da união divina. (2)

Teresa podia vir. Neste contacto misterioso, cuja grandeza íntima só as mães conhecem, tinha adquirido, com a vida do corpo,

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 3 de Maio de 1871.

(2) Não temos de nos pronunciar a respeito do carácter preternatural de tal fenómeno, nem sobre a autenticidade das vozes interiores que por várias vezes sugeriram à Senhora Martin certas decisões. Nem ela mesma andava a investigar isto; a tais fenómenos ligava importância secundária. E na conformidade com a vontade divina e não em manifestações, sempre sujeitas a caução, que consiste a verdadeira santidade.



Teresa aos 10 anos



Teresa aos 3 anos e mãe
fotografia de 1875

"Teresa meo do peito, diz a Mãe, e não
pode apresentar o seu sorriso habitual."

aquele contacto, aqueles instintos, aquelas predestinações, inefáveis que, ainda antes do nascimento, predispõem para o bem e orientam para Deus, como cantava Sully Prudhomme numa das suas melhores poesias :

*Bela, inteligente e mansa
Há-de ser esta criança,
Como não, se a alma da mãe
É terna brasa acendida
Donde alegre chispa a vida
Para os olhos do seu bem?
Como não, se a alma da mãe
Facho por divina graça
A outro facho a luz passa
Em ânsias do eterno Além?*

Foi numa quinta-feira, a 2 de Janeiro de 1873, às onze e meia da noite, que nasceu aquela que a si própria se havia de chamar "uma florinha de inverno".

A mãe formulou imediatamente a súplica com que saudava o nascimento de todos os filhos : "Senhor, concedei-me a graça de ela vos ser consagrada e de nada vir a manchar a pureza da sua alma. Se há-de perder-se um dia prefiro que ma leveis imediatamente". A Maria e a Paulina, então em férias, foram prevenidas alta noite pelo Senhor Martin, mas tiveram de esperar pelo amanhecer para terem a alegria de beijar a irmãzinha mais nova, cujo encanto as penetrou imediatamente.

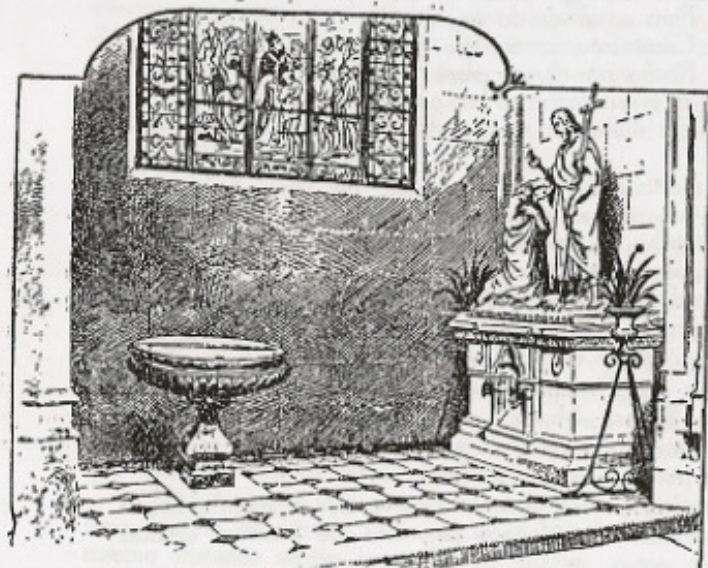
Apenas a notícia constou tocaram à porta. Um rapazito entregou timidamente um papel dirigido aos pais em que estavam escritas estas palavras :

*Cresce depressa, a sorrir!
Tudo te chama à alegria:
Doces cuidados, ternura...
Oh! sim, sorri à ventura,
Botão que acabas de abrir!
Hás-de ser rosa algum dia!*

Era um gesto delicado de um pai de família que o Senhor Martin encontrara um dia, com a mulher e o filho, com fome, desorientados, recolhidos num portal da Prefeitura. A Senhora Martin, comovida com uma miséria tão digna — tratava-se de pobres envergonhados — mandou-os entrar, deu-lhes de comer, conquistou-lhes a confiança, enquanto o marido se encarregava activamente de procurar uma situação conveniente para o infeliz

desempregado. A gratidão exprimia-se naquele dia por forma realmente enternecedora.

A madrinha da Maria Francisca Teresa foi a irmã mais velha, a Maria, que ia fazer treze anos; o padrinho foi um rapaz da mesma idade, filho dum amigo do Senhor Martin, Paulo Alberto Boul. A ausência deste fez adiar o baptizado para o sábado, 4 de Janeiro, o que não deixou de preocupar a mãe. Nos braços da criada fiel, Luisa Marais, foi a criança conduzida ao fundo da sumptuosa igreja de Nossa Senhora, cujo baptistério, à semelhança



O antigo baptistério da igreja de Nossa Senhora de Alençon no tempo de Santa Teresa do Menino Jesus

do de Poissy, tornado célebre pelo baptismo de S. Luis, viria a receber novo prestígio e novo brilho daquele facto. O sacramento foi administrado pelo Reverendo Padre Luciano Dumaine, que fazia parte das relações pessoais do pai e que viria a depor no processo da Beatificação. (1)

(1) A piedade dos devotos de Teresa rodeou de honras os lugares santificados pelo seu duplo nascimento para a vida natural e para a vida divina. A casa da rua de S. Brás foi isolada pelo lado esquerdo e ligada ao prédio vizinho por um gradeamento e um arco encimado pela cruz. À direita adicionaram-lhe uma capela-oratório que, devido a uma abertura feita na parede, comunicava lateralmente, por uma grade de ferro forjado, com

Foi a própria mãe que quis redigir a carta em que comunicava à família de Lisieux o feliz sucesso. Sentia-se ufana com o bom aspecto da pequenina, com o peso dela e com a fisionomia já tão expressiva: "Esta filha chama-se Teresa como a última que me morreu. Todos me dizem que é bela e já se ri para mim. A primeira vez que dei por isso foi terça-feira. Pensei que me enganava, mas não havia dúvida possível: olhou para mim com muita atenção e depois dirigiu-me um sorriso delicioso! (1) Mas aí! a carta seguinte já era menos optimista. Depois de ter tentado amamentar a menina o que considerava um dever e uma consolação, a Senhora Martin teve de interromper a experiência. Sinto-me muito aflita por causa de minha Teresinha, escrevia ela a 17 de Janeiro ao irmão. Receio que esteja doente dos intestinos, porque noto nela os mesmos sintomas alarmantes que nos outros filhos que me morreram. Terei de ficar também sem ela?... Estou numa verdadeira angústia... Pouco mais durmo que duas horas, porque estou quase constantemente ao pé da pequenina que, de há um tempo para cá, passa uma parte das noites muito agitada".

A situação agravava-se. Previo-se um desenlace fatal dentro de quarenta e oito horas. Um S. O. S. implorava as orações da religiosa de Mans. Levada por não sei que inspiração, a irmã Maria Dositeia lembrou-se de confiar a vida da sobrinha aos cuidados do Santo Doutor de Genebra. Fez a promessa de conseguir que ela fosse tratada habitualmente pelo segundo nome — Francisca — no caso de ele a curar; e convidou a Senhora Martin a ratificar o compromisso, inaugurando imediatamente a substituição de nomes. Desta vez a mãe repeliu as sugestões da irmã. Manteve-se fiel ao patronato da Reformadora do Carmelo

o quarto onde ela nasceu. Fica este no primeiro andar, por detrás do quarto dos hóspedes. Vê-se, por cima do leito conjugal, uma cópia da Virgem do Sorriso; no lado a cadeirinha de bebé da Santa; em frente, num armário envidraçado, os seus primeiros fatinhos. A casa é indicada aos peregrinos por uma dupla inscrição francesa e inglesa, designando esta a Teresinha pelo nome gracioso de *Little flower of Jesus* "a florinha de Jesus". O santuário do Berço, que foi ocupado desde 1912 por um ministro protestante da Escócia, o Rev. Alexandre James Grant que a influência teresiana convertia à ortodoxia e cuidado desde 1917 pela sua viúva, foi dotado em 1928 com uma capela confiada daí a pouco às religiosas do Carmelo de S. José.

Quanto ao baptistério da igreja de Nossa Senhora, foi ele entenebrecido com um altar e com uma estátua da Santa, com um vitral, figuração idealizada do rito Sacramental e com uma placa comemorativa por sobre a qual se encaixilhou numa espécie de relicário uma parte importante dos vestidos do baptismo de Teresa. Infelizmente o vitral foi destruído em 1914 por ocasião de um bombardeamento.

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 16 de Janeiro de 1873.

de que não desistiria senão no último extremo. E por outra parte, já antes de qualquer intervenção da Visitandina se haviam manifestado melhoras sensíveis. E depois que podia interessar ao bom S. Francisco de Sales que lhe mudassem o nome da menina? Resistiu, pois e, ao mesmo tempo, dotou a agiografia com um segundo capítulo teresiano. Após algumas semanas de acalmia a enterite reapareceu no princípio de Março. A febre subiu. Havia motivo para recear o pior. As cartas enchiam-se de gritos de angústia: "Penso muitas vezes nas mães que têm a alegria de amamentar os filhos; e eu tenho de os ver morrer uns atrás dos outros". (1) Vencendo a fadiga a admirável mulher conservava-se de pé dia e noite, disputando a sua Teresinha à morte. A opinião do médico era formal. Só a amamentação natural podia salvar a criança.

A mãe pensou na "Rosinha" a quem confiara outrora os dois José e cuja honestidade sólida merecia toda a confiança. Mas não podia sôzinha pôr-se a caminho àquela hora tardia.

"A noite pareceu-me comprida, escrevia ela. A Teresa quase que não queria beber. Todos os sintomas mais graves que precederam a morte dos meus outros anjinhos se manifestavam agora e eu sentia-me bem triste por me persuadir de que a pobrezinha, no estado de esgotamento em que se encontrava, já não podia receber socorro algum de mim. Ao romper do dia fui procurar a ama, que mora em Semallé, a duas léguas de Alençon. O meu marido estava ausente e eu não queria confiar a ninguém o êxito daquela tentativa. Nesse caminho isolado encontrei dois homens que me meteram certo medo, mas dizia para comigo: "Não me importava nada que me matassem". Levava a morte na alma". (2)

A Senhora Taillé pôs algumas dificuldades. Não podia deixar assim o marido, o "tio Moisés", os quatro filhos, o mais novo dos quais tinha apenas um ano, e o único tesouro da casa, a vaca, a que chamavam a "Ruça", por causa do pelo branco malhado de manchas escuras. Discutiram, combinaram; acabaram por entrar em acordo: a "Rosinha" viria passar oito dias a Alençon e depois levaria a Teresinha para sua casa. O chefe da família, que cedeu de má vontade, reconsiderou daí a pouco e mandou o filho intimar a mãe a voltar para trás. A decidida camponesa sacu-

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 1 de Março de 1873.

(2) Carta da Senhora Martin à cunhada, Março de 1873.

diu-o enérgicamente e prosseguiu o seu caminho até à rua de S. Brás.

A vista da Teresinha a ama abanou a cabeça. Não valia a pena ter-se incomodado. A criança estava perdida. Não queria tomar nada. Era o fim iminente. Mas demos a palavra à incomparável mãe:

"Eu subi muito depressa para o meu quarto, ajoelhei aos pés de S. José e implorei dele a graça de me curar a filha, resignando-me, contudo, à vontade de Deus, se ma quisesse levar. Não choro muitas vezes, mas desta vez as lágrimas corriam enquanto eu fazia esta oração. Não sabia se havia de descer... por fim lá me decidi e que vi eu? a criança a mamar com todas as suas forças. Não largou o seio senão pela uma hora da tarde; vomitou algumas goladas e caiu como morta para cima da cama. Estávamos cinco pessoas em volta dela. Sentíamos-nos paralisados. Uma operária chorava e eu sentia o sangue gelar-se-me nas veias. A pequenina, aparentemente, não respirava. Por mais que nos curvássemos, a procurar descobrir um sopro de vida, não se percebia nada, mas estava tão calma, tão serena que eu dava graças a Deus de a ter feito morrer assim tão suavemente.

Por fim, ao cabo de um quarto de hora, a minha Teresinha abriu os olhos e pôs-se a sorrir. Desde esse momento ficou absolutamente curada, voltou-lhe o bom aspecto e a alegria e vai o melhor possível.

Mas a minha filhinha teve de sair de casa. É muito triste ter criado uma filha durante dois meses e em seguida ser obrigada a entregá-la a mãos estranhas. O que me consola é saber que é Nosso Senhor que assim quer; não tenho nada de que me arrependo sob esse aspecto.

Gostaria mais de conservar a ama em casa e o meu marido também; outras não as queria ele, mas esta aceitava-a por saber que é uma excelente mulher.

Desejo-lhe de todo o coração que nunca tenha filhos neste estado: não sabe a gente o que lhes há-de fazer, tem medo de não lhes dar aquilo de que precisam, é uma angústia constante. Só quem passa por elas é que pode saber o que é um tormento destes: não sei se o Purgatório será pior, lá sofre-se, é verdade, mas ao menos sabe-se como se há-de proceder. Enfim por agora acabou-se esta provação". (1)

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, Março de 1873.

A pobre mãe não tinha chegado ao termo das suas penas. A honra de ser mãe de uma Santa compra-se cara... A Teresinha fora para Semallé, no Bocage normando. A casinha do tio Moisés era das mais rústicas: um réz-do-chão e o madeiramento do telhado, tudo construído à ligeira de pedras e de taipa e coberto de colmo. A vizinhança do curral, o inevitável monte de estrume, a liberdade dada aos moradores da capoeira envolviam a habitação num cheiro agreste que, no verão, era reforçado com as mil exalações dos campos e o perfume salubre que vem dos fenos ceifados e dos trigos loiros. Dentro de casa era tudo claro e asseado. A "Rosinha" sabia cuidar de uma casa. A pequenada era bem educada; as crianças recebidas em casa para criar eram adoptadas durante algum tempo e sujeitas ao mesmo regime e às mesmas carícias que os filhos do casal. Como não havia a Teresinha de reviver, num ambiente daqueles? Engordou, as faces ganharam cor, os pulmões enchiam-se de ar puro.

Três semanas não eram passadas, quando se declarou nova crise intestinal. A mãe, chamada a toda a pressa, correu, a marchas forçadas, acompanhada do médico. Pelo caminho entregava-se a melancólicas reflexões. "Ao avistar uma moradia elegante e propriedades magníficas dizia comigo: "Tudo aquilo não vale nada; só havemos de ser felizes, nós e os nossos filhos, quando estivermos reunidos no Céu"; e oferecia a Deus o sacrifício da minha filha". (1)

O perigo foi por então conjurado, mas persistia a ansiedade quanto ao futuro. A Senhora Martin concluía com a melga resignação dos humildes, habituados a dominar corajosamente os seus desgostos:

"Enfim, fiz tudo quanto estava na minha mão para salvar a vida da minha Teresa; agora, se Nosso Senhor quiser dispor as coisas de outro modo, procurarei suportar a prova o mais pacientemente que puder. Na verdade tenho sofrido muito na vida. Bem desejo, meus amigos, que sejam mais felizes do que eu". De Antígona a Ifigénia, de Epicteto a Marco Aurélio, todas as heroínas do drama antigo, todos os campeões do estoicismo ficam a perder de vista diante desta mulher de coração grande. Para encontrar mais simplicidade aliada a maior nobreza, nos mártires da alma, é preciso ir até à *Pietá*, subir à colina do Calvário, onde a mais terna das mães ofereceu a Deus o melhor dos filhos: foi aí que a Senhora Martin conheceu o segredo da sua força.

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 30 de Março de 1873.

* * *

A série trágica não se encerrou ainda. A Semana Santa de 1873 começava para o Senhor Martin e para sua esposa por uma cruz das mais inesperadas.

Até então era nos filhos mais novos que tinham sido atingidos; agora ei-los ameaçados na mais velha, aquela a quem o pai dedicava uma preferência particular e que era o seu vivo retrato, a Maria, que contava então treze anos. Na véspera do Domingo de Ramos tiveram de a trazer de Mans. Estava atacada de febre tifoide: tomava-se indispensável o isolamento. O médico de Alençon confirmou o diagnóstico.

Fúnebres pressentimentos atravessavam a imaginação da mãe que os transmitia à cunhada:

"Embora no sábado à noite, quando chegou, não estivesse muito mal, senti uma pancada no coração. Não posso afastar de mim a ideia de que me vai morrer. Há muito que me causa inquietação o futuro dela. É uma criança dotada de extraordinária sensibilidade de coração. Ainda não pôde habituar-se à vida de colégio e não suporta a ausência da família: contou-me coisas, a este respeito, que são de cortar o coração.

Faço tudo o que posso para a consolar e para lhe dar esperanças de cura rápida. Ontem disse-lhe que ela é que há-de governar a casa e criar as irmãzinhas quando eu morrer. Fui muito desastrada em lhe falar assim, porque ela não faz outra coisa senão chorar e não pode afazer-se à ideia de que eu morra antes dela. Tenho bastante receio de que Nosso Senhor lhe satisfaça os desejos.

...Enfim, esperamos que Ele não permitirá uma prova tão tamanha como seria a morte desta filha. O meu marido anda desolado: já não sai de casa e esta manhã fez de enfermeiro junto dela porque eu fui obrigada hoje, 5.ª feira, a receber as operárias toda a parte da manhã e ele substituiu-me. Mas fica doente só de a ouvir gemer e perde toda a coragem.

Adeus, minha querida amiga. Reze por nós, para termos coragem de suportar um sacrifício tamanho, no caso de o Senhor no-lo exigir.

A Maria fez a sua desobriga na terça-feira de manhã.

Comungou às cinco e meia, em perfeitas disposições e com uma expressão angélica". (1)

O gráfico da temperatura subia como uma seta. A Paulina teve de ficar a passar as férias na Visitação, por causa do contágio. Era uma separação cruel para duas irmãs, unidas pela mais íntima amizade, e também para a mãe que manifestara sempre uma certa predileção pela segunda filha e excogitava maravilhosamente maneiras de a consolar.

Pelos meados de Abril o mal atingiu o paroxismo: prostração de dia, delírio nocturno, febre ardente; e isto durante cinco semanas. Apesar do auxílio solícito das irmãs enfermeiras, a Senhora Martin sentia-se esmagada de cansaço. Na Sexta Feira Santa passou "uma noite terrível" a ouvir a sua pequenina murmurar frases incoerentes, em voz surda e misteriosa. Ela e o marido não abandonaram a filha e ficaram a pé vinte e quatro horas seguidas, a desafiar o cansaço. "Tenho a certeza de que em tais condições é necessário um favor especial de Deus para não sucumbir". (2) confessou ela.

A temperatura mantinha-se elevadíssima, a fraqueza aumentava, degenerando em consumpção. Maria atravessava crises de impressionabilidade, nas quais, dado o desgaste dos nervos, a doente não queria outros cuidados que não fossem os da mãe. Caprichos, dir-se-á; mas que em momentos destes uma mãe suporta sem se queixar, ainda que tenha de morrer no seu posto.

O Senhor Martin, impressionado até à angústia pelo perigo que a filha corria, quis arrancar ao Céu um despacho de salvação. Pegou no bordão de viagem e no alvorecer do lindo mês de Maio, fez seis léguas a pé, para ir ao santuário da colina de Chaumont invocar um taumaturgo que a devoção popular considerava como advogado contra as febres de qualquer espécie. Quis ir e voltar em jejum. Não era pagar caro demais a cura da filha. A sua fé obteve a intervenção do Céu: a convalescença não se fez esperar. Deu-se então novamente ao seu passatempo favorito e trouxe para casa uma fritada deliciosa que serviu para enganar a fome da pequenita que ele não podia deixar de encher de mimos, apesar dos ralhos maternos. A 13 de Maio enviou a Senhora Martin para Lisieux o derradeiro boletim sanitário que registava o restabelecimento rápido das forças. No dia da Ascensão a Maria

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 10 de Abril de 1873.

(2) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 13 de Abril de 1873.

saiu pela primeira vez. Pelo Pentecostes veio, finalmente, a Paulina. Toda a família se reuniu à Sagrada Mesa para agradecer a Deus... e preparou-se a alegre caravana para ir visitar a mais nova ao retiro da aldeia.

* * *

A Teresinha vivia fora de casa, mas era já o seu raio de luz. Semana a semana pode seguir-se, na correspondência da mãe, o primeiro despertar e o desenvolvimento da sua rica natureza. Triunfara da crise de 29 de Março e com a primavera toda ela renascia. O ar livre, a claridade diáfana, as emanações dos sulcos abertos, os aromas das searas em flor, a paisagem campestre, a vida sã e áspera das herdades da Normandia Inferior, tudo desenvolvia nela instintos rurais. Só a "Rosinha" e as pessoas humildes como ela lhe conseguiam as boas graças. Um dia em que a ama a deixou na rua de S. Brás para ir à igreja, fez uma tal cena de gritos e de lágrimas que a Luisa teve de pedir à boa da Senhora Taillé que voltasse logo depois da Missa. Esta, sem mais cerimónias, saiu ainda com a Missa em meio, o que não deixou de inquietar a Senhora Martin, cuja consciência era de uma delicadeza escrupulosa. A 15 de Maio, outra cena: a única maneira de sossegar a criança foi levá-la ao mercado de Alençon onde a camponesa tinha uma barraca.

"Assim que viu a ama riu-se para ela e não disse mais palavra; ficou ali com todas as mulherzinhas, a ver vender manteiga, até ao meio-dia!" (1)

Se chegava no meio da recepção das rendilheiras, a Senhora Martin entregava-a a uma e a outra. "Gostava muito de as ver, até mais do que a mim, e beijava-as repetidas vezes". (2) escrevia ela. Camponesas, operárias vestidas como a "Rosinha" era a companhia que lhe agradava. Para longe as senhoras elegantes, com os seus ricos enfeites e os seus atavios!

Um dia entrou uma no escritório. "Assim que a vi, continua a mãe com uma certa malícia, disse-lhe: 'Vamos ver se a menina gosta de estar junto da Senhora'. Ela surpreendida, perguntou: 'Mas porque não?' — Então vá, experimente!..." A Senhora estendeu-lhe os braços, mas ela escondeu-se, dando gritos que

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 22 de Maio de 1873.

(2) Carta da Senhora Martin à Maria e à Paulina, de 30 de Novembro de 1873.

parecia que a queimavam. Nem queria que a Senhora T. olhasse para ela. Rimo-nos muito com a história.

Tem realmente medo das pessoas vestidas à moda".

Em Semallé é que a Teresinha estava à vontade: "Está queimada do sol; a ama transporta-a no carro de mão pelo campo, em cima dos molhos de erva". (1) Levava-a no avental, quando ia mungir a vaca; e às vezes, para ter os braços mais livres, prendia-a em cima da "Ruça", cujo humor pacífico se acomodava bem com a delicada carga. Esta cura de oxigénio despertava-a e vivificava-a.

A Senhora Martin, que observava com alegria estes indícios de saúde recuperada, não vigiava com menos sagacidade as primeiras manifestações, em que a alma se revela. Um balbuciar, um gesto, um sorriso não conteem um mundo para a mãe que interroga um berço? A resposta era de optimismo sem reservas:

"A 'Rosinha' diz que nunca viu uma criança mais interessante". — Há-de ser muito engraçada e até muito linda". — Basta colocá-la de pé encostada a uma cadeira e já se segura muito bem, sem cair. Toma as suas precauções e parece muito inteligente". — "Parece-me que há-de ter um carácter excelente, porque sorri sem cessar, com uma expressão de predestinada". — "A minha Teresinha desde quinta-feira que começou a andar. É meiga e linda como um anjinho. Tem um carácter encantador. Já se nota bem: tem um sorriso tão meigo! Como me tarda vê-la em nossa casa!" — "É uma menina encantadora, muito meiga e muito adiantada para a idade". — "Para mim foi uma felicidade ter esta filha que, segundo creio, será a última. É bela e já muito graciosa. A boquinha é um encanto; a ama diz-me que é 'do tamanho de um olho'".

A 2 de Abril de 1874 a pequenita, que contava então quinze meses, voltou a iluminar com a sua presença a casa da família. Não era ainda a idade da educação propriamente dita, mas a dos primeiros hábitos, da orientação dos instintos, das tendências que uma firmeza suave impõe à vontade, ainda meio adormecida. Largar as rédeas à natureza é preparar uma criança amimalhada; mantê-la dominada é desenvolver nela os gérmenes da filiação divina. O Senhor Martin e a esposa não tencionavam furtar-se ao

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 20 de Julho de 1873.

dever desta formação em germen. Queriam exercê-la, os dois. Tudo parecia indicar que a tarefa havia de ser fácil. Este derradeiro fruto da sua união introduzia-lhes na existência como que uma segunda juventude. Era o selo supremo da sua dedicação mútua, a sua expressão comum, o claro espelho onde se reviam ambos. Se a Maria recordava de modo tão evidente, as feições paternas; se a Paulina reproduzia exactamente a fisionomia e a personalidade da mãe, a Teresinha parecia realmente sintetizar em si, no físico e no moral, a dupla contribuição de uma e outra ascendência. Gritava-lhes com toda a sua personalidade:

*Em mim vós ambos todos vos fundis:
Semblantes, vozes, almas, pensamentos.* (1)

A criança tinha meiguices originais que constituíam o assunto das cartas da mãe para as irmãs dela no Colégio:

"Ai vem a menina beijar-me e passar-me a mãozinha pela cara. Vejo que é por interesse, porque precisa de um 'pecam' i. é. de um alfinete. Este amorzinho nunca me deixa, está sempre ao pé de mim e regala-se de andar comigo, principalmente no quintal. Quando eu não estou lá ela também não quer estar e chora tanto que não têm remédio senão trazer-ma. Gosto muito de ver que é tão minha amiga, mas às vezes causa-me certos embarços". (2)

O Senhor Martin então era doido pela que tratava já por sua "Rainha" e não deixava de a amimalhar um bocadinho, de vez em quando. Ainda ela não tinha dezoito meses quando lhe instalou, à entrada do jardim, um baloiço minúsculo onde não receava sentá-la". Segura-se como uma menina crescida, escrevia a mãe, menos tranquila. Escusamos de ter medo de que largue a corda; e até quando não vai com muita força, reclama.

Atam-na pela frente, para não poder cair, mas, apesar disso, quando a vejo lá não estou sossegada". (3)

Uma Providência particular velava pela vida da criança, a julgar pelo seguinte successo que a pena materna conta complacente:

"Aconteceu-me ultimamente uma aventura extraordinária com a menina. Costumo ir todos os dias à missa

(1) *Vous vous mêlez en moi, je suis vous:*

vos figures, vos voix, vos âmes, vos pensées. (Lamartine).

(2) e (3) Carta da Senhora Martin a Maria e Paulina, de 25 de Junho de 1874.

das cinco e meia. A princípio não me atrevia a deixá-la só, mas como vi que não acordava nunca, acabei por me resolver a ir. Deito-a na minha cama e encosto tanto o berço que é impossível que ela caia:

Um dia destes esqueci-me de encostar o berço. Cheguei e não vi a minha Teresinha. No mesmo instante ouvi um grito. Olhei e vi-a sentada numa cadeira que estava ao pé da cama e com a cabeça em cima do travesseiro. Como estava mal deitada o sono era agitado.

Não pude compreender como ela tinha caído sentada na cadeira. Agradei a Nosso Senhor o facto de ela não se ter magoado. É verdadeiramente providencial, porque era caso para ter caído no chão. Foi o anjo da Guarda que tomou conta nela e as almas do Purgatório a quem todos os dias, rezo por ela, que a protegeram. Eu interpreto assim, as duas interpretem como quiserem". (1)

A Teresinha já aprendia a juntar as mãos a fitar o tabernáculo, a balbuciar uma saudação ao "bom Jesus". A Senhora Martin revivia com ela, numa intensa emoção, esta cena deveras sublime: a mãe, inclinada sobre a filha, abraçando-a, apertando-a a si, para a levar para Deus de uma vez, como se quisesse infundir a sua alma na alma da filha e mergulhar esta no seio de Deus.

(1) Carta da Senhora Martin a Maria e Paulina, de 25 de Junho de 1874.

CAPÍTULO VII

A ALMA DO LAR

EM QUE SENTIDO A FAMÍLIA MARTIN SE PODE DIZER BURGUESA? — A ESPIRITUALIDADE DO LAR
O ESPÍRITO DE MORTIFICAÇÃO — A PIEDADE COLECTIVA
O ESPÍRITO DE APOSTOLADO — O ESPÍRITO DE CARIDADE
AS CRIADAS — AS DISTRAÇÕES EM FAMÍLIA
A INTIMIDADE EM FAMÍLIA

A nossa narrativa tomou o carácter de monografia seguindo, dia a dia, os mil acontecimentos que servem de marcos notáveis na existência de uma família francesa ideal. É ocasião de examinar agora as molas ocultas, avaliar a ternura que palpita sob as aparências, a vida profunda das personagens, numa palavra, a alma do lar.

O torrão natal e o meio social, imprimiram no casal Martin características inconfundíveis. Com os seus dezasseis mil habitantes em que predominavam os fidalgos provincianos, funcionários superiores, comerciantes ricos e afastados do negócio, a pacífica Alençon, que tem a categoria de capital de "departamento", realiza excelentemente o tipo da cidade de província, conservadora e tradicional.

"Não se propõe como modelo, diz-nos um dos seus historiadores. (1) Não esconde os defeitos, mas não apregoa méritos. Se, por acaso, lá se confundem ainda a altivez distante com a verdadeira distinção, as aparências com a realidade, os rudimentos com a ciência; se o espírito de intolerância e de inveja lá florescem às vezes como macieiras em Malo, isso não são senão as verrugas orgânicas frequentes em todas as pequenas cidades a que nada de humano fica alheio e que não chegariam para encobrir as sólidas qualidades dos seus defeitos, a saber, a prudência calma e sensata que a afasta de inovações perigosas, uma louvável tendência para a poupança, um sã equilíbrio de todas as suas faculdades, garantia da ordem e da paz interior".

(1) René Jouanne, arquivista "departamental", na Prefeitura de Orne.

Se a intensidade do espírito cristão poupou aos nossos heróis a aplicação a eles da primeira parte desta descrição, não se pode deixar de lhe atribuir tudo o que de positivo se diz nas últimas linhas.

Pela origem, pela educação, pela situação de fortuna pertenciam ao que se convencionou chamar a burguesia, não a alta burguesia, que fornece ao capitalismo os seus chefes, que ocupa as alturas nas carreiras liberais e nos postos de comando, dirige os serviços do Estado, mas a pequena burguesia que constitui o coração das classes médias, por sua vez consideradas como centro de estabilidade da Nação, a reserva das suas virtudes profundas. Há quem atribua hoje à palavra "burguês" um sentido pejorativo a ponto de considerar "aburguesamento" a instalação numa vida fácil, sem originalidade, sem ideal.

Aqui só empregamos a palavra "burguesia" na acepção conveniente, isto é, para designar as coisas sãs e sólidas que figuraram outrora entre os elementos da grandeza francesa: simplicidade de costumes, culto do trabalho, espírito de economia, preocupação de regular o orçamento, de assegurar o futuro, de colocar os filhos; honrosa abastança, casa bem governada, probidade nos negócios, noção da medida, da disciplina, da organização, do método.

Será necessário acrescentar, que no Senhor Martin e na esposa o ideal evangélico dava asas ao que poderia ter sido apenas uma filosofia terra a terra? Nada se via neles do arrivista que faz alarde dos seus tesouros e procura deslumbrar com ouropéis adquiridos há pouco. Nada do fariseu confortavelmente ensimesmado no egoísmo do *Beati possidentes*. Apreciavam um bocadinho de rebuscada elegância nas crianças; apurava-se a ementa nos dias de festa e quando havia hóspedes; a roupa da casa era sempre limpa e o mobiliário escolhido ao gosto da época; mas fugiam das despesas inúteis e de tudo quanto era sumptuário. Ocuparam com modestia o seu lugar na sociedade. Nada mais.

Era de ver com que finura a mãe troçava das senhoras, a quem a próxima cavalcada transformava a cabecinha: "Há aí senhoras, — quer crer? — que mandam vir costureiras de Mans para lhes fazerem os vestidos, com medo que as de Alençon revelem o feitio antes do célebre dia das manifestações. Então não dá vontade de rir isto tudo?" (1)

A modo de consolação escrevia à cunhada que estava a passar por grandes provas: "A Senhora J. parece muito mais feliz do que a minha irmã; ela só vive para o prazer e para o luxo.

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 27 de Março de 1873.

dá bailes na *Mi-carême* e contudo prefiro sabê-la a si sujeita a tais adversidades a admitir que faça como ela, esquecendo o Céu pelos breves prazeres da terra". (1)

O bom senso da raça expressa-se lapidariamente nas seguintes palavras da Senhora Martin: "Em que ilusão vive a maior parte dos homens! Têm riquezas? Logo querem honras; e quando alcançam estas nem por isso se sentem felizes, porque nunca é feliz o coração que busca alguma coisa fora de Deus". Ao contacto com a chama cristã, o temperamento do habitante de Alençon e a cultura burguesa vão-se depurando, afinando e sobrenaturalizando. Para compreender tal vida de família é necessário conhecer a *espiritualidade do lar*.

Esta baseia-se em três princípios: *soberania de Deus, fé na Providência, confiança*. Fora de Deus tudo é mentira; dispensar a Deus na vida é loucura; tudo pois, deve ser organizado *sub specie aeternitatis*, em função da eternidade. Estas ideias repetem-se constantemente nas cartas da Senhora Martin. A respeito da mãe conta-nos Celina: "Tinha um grande desapego das coisas da terra e o desprezo do mundo. O seu espírito andava-lhe preso unicamente às coisas eternas. Parece que ainda a estou a ouvir recitar passagens poéticas das suas leituras e era sempre num tom cheio de melancolia, porque se sentia exilada neste mundo". "O meu pai e a minha mãe, declarou Maria no Processo de Beatificação, possuíam uma fé profunda e ouvindo-os falar da eternidade sentíamos-nos dispostas, por muito novas que fôssemos, a considerar as coisas do mundo como pura vaidade". "A verdadeira felicidade não é deste mundo, escrevia a Senhora Martin; e procurá-la nele é perder tempo". "Sim, tudo, tudo é vaidade fora de Deus" repetiria como que em eco a Santa do Carmelo. Não há que ver: temos aqui a chave da formação familiar. Como a Pucela de Domrémy, foi da mãe que Teresa recebeu a sua fé.

Foi também na escola do lar que ela aprendeu a acatar as disposições de Deus. A Providência dirige todas as coisas com sabedoria, com poder, com amor, para sua maior glória e nosso maior bem. É de boa política confiar nela cegamente. A Visitandina que se afligia com reveses sofridos pelo Senhor Guérin, dirigiu a Senhora Martin uma resposta digna de uma mestra de noviças, e que transmitiu ao irmão para que também aproveitasse:

"Disse-lhe que não cansasse a cabeça por causa de tudo isto e que apenas havia uma coisa a fazer: rezar a Nosso Senhor, pois nem ela nem eu podíamos ajudar-te

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 30 de Março de 1873.

doutra maneira. Mas Ele, para quem não há dificuldades, tirar-nos-á de embaraços quando achar que já sofremos bastante e então hás-de reconhecer que não foi às tuas capacidades nem à tua inteligência que deste o êxito, mas unicamente a Deus, como eu com o meu ponto de Alençon; esta convicção é muito salutar, sei-o por experiência própria. Bem sabes que somos todos muito inclinados ao orgulho e noto muitas vezes que aqueles que conseguiram fazer fortuna são, quase sempre, duma presunção insuportável. Não digo que eu tivesse chegado a este ponto, nem tu também, mas um pouco contaminados por este orgulho, é possível... E depois é bem certo que a prosperidade constante afasta de Deus. Nunca Ele conduziu os seus eleitos por esse caminho; passaram mas é pelo cadinho do sofrimento, para se purificarem. Vais dizer que estou a pregar um sermão, o que não está nas minhas intenções; o que é certo é que penso muitas vezes nestas coisas, e digo-tas. Agora, se quiseses, chama a isto sermão! (1)

Não, não se tratava dum sermão para uso externo. Era antes o grito duma alma, a síntese das suas meditações quotidianas ou melhor — porque neste ponto os dois esposos eram um só — a doutrina da casa: uma doutrina que se convertia em regra prática e chegava ao remate lógico — a entrega confiada nas mãos de Deus —.

A vida apresentava-se a estes cristãos intrépidos sob o aspecto daquelas rendas transparentes, cuja perfeição é o resultado dum longo e paciente ascetismo. Desde toda a eternidade o Artista Divino esboçou o desenho. A graça, como um fio invisível, com os seus apelos, lançou os alinhavos. Não restava mais que seguir todos os contornos, evitando o quebrar dos fios e as costuras salientes. O simples executante fabrica, dia a dia, a sua peça, resignando-se a cuidar do pormenor sem compreender o tema geral. O mestre faz as reparações, aperfeiçoa, acerta, junta e surge a maravilha, produto do trabalho obscuro todo penetrado de amor. Louco seria o que procurasse improvisar, substituindo o seu plano ao do Criador. A Senhora Martin tinha, a esse respeito, uma experiênciazinha pessoal que contava deliciosamente: "Eu tinha dito a Nosso Senhor: Bem sabeis que não tenho tempo de estar doente". Fui escutada além de toda a expectativa e comprazia-me

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, Julho de 1872.

um bocadinho nisso. Ele então parece ter-me respondido! "Visto não teres tempo de estar doente, talvez tenhas tempo para sofrer grandes desgostos". E garanto-lhe que não me poupou! Bem vê: neste mundo todos temos de levar a nossa cruz de um modo ou de outro. A gente diz a Nosso Senhor: "Essa não!" Somos às vezes atendidos, mas por nosso mal! Mais vale aceitar paciente-mente o que nos acontece: ao lado dos desgostos há sempre alegrias". (1)

Não é que se fosse de facto com toda a arrogância ao encontro da adversidade, que se afectasse indiferença ou sensibilidade estóica. O coração sangrava, as lágrimas saltavam dos olhos, a aflição provocava gemidos; mas quer se tratasse de separações, de doenças, de lutos, quer se tratasse de incerteza material ou de esmagamento da alma, sempre a vontade divina tinha a última palavra: *Fiat*.

Também não havia a presunção de altas virtudes. Na correspondência matema encontramos confissões deste género, que não representam falsa humildade, pois não havia mulher no mundo menos capaz de fingimento do que a Senhora Martin: "Meu Deus! estou farta de sofrer! já não tenho nem dez réis de coragem! Aborreço-me com toda a gente". "Antes de querer fazer dos outros, santos, mais valia que fosse eu por esse caminho, coisa que não faço". "Pelo dia adiante digo muitas vezes: Ó Senhor! como eu queria ser santa! Mas as obras é que não são disso".

* * *

Toda a existência do lar fora colocada à mercê da Providência. A Sua vontade fazia lei, sem apelo nem agravo. A observância dos domingos, da abstinência e dos jejuns eclesiásticos era levada ao escrupulo. Não só conservavam o armazém irrevogavelmente fechado, coisa insólita nessa época em que o Código era mudo sobre a matéria, mas, a não ser em caso de força maior, privavam-se de qualquer compra ou viagem no dia do Senhor. As criadas habituaram-se a comprar de véspera as provisões necessárias, incluindo o pão e o leite. Lá que as crianças durante a festa da cidade, sofressem o suplicio de Tântalo, contemplando, com olhos de cobiça as montras sedutoras, para elas inacessíveis, paciência! O pai dava o exemplo. Tentado numa barraca de fora da terra

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 1 de Outubro de 1871.

por uma pedra de afiar, limitou-se a dizer ao dono: "Conte com a venda duma pedra igual a essa para mim; venho cá amanhã, porque ao domingo não compro nada".

A mãe via nisto o penhor das graças divinas. Uma carta para os parentes de Lisieux, que atravessavam um período de pouca sorte nos negócios, manifestava-lhes a esperança de os ver restabelecidos sem demora:

"O que me dá esta confiança, que nada pode alterar, é ver sobretudo a maneira edificante como santificam o Domingo. Todos os fiéis observantes do dia do Senhor, perfeitos ou imperfeitos, alcançam êxitos nas empresas e finalmente, por um modo ou por outro, enriquecem. Tenho esta convicção tão arraigada que digo muitas vezes às pequenas: "O vosso tio há-de ser rico, mais tarde". E elas respondem-me: "Sabe lá, mamã?" Eu digo-lhes que sei, e elas ficam admiradas. A Maria responde-me: "Então a mamã é profetisa!" Enfim o futuro nos dirá se me enganei, mas não creio!". (1)

O futuro confirmou esta previsão por meio duma herança que colocou o Senhor Guérin, inesperadamente diante duma situação brilhante. A Senhora Martin, por seu lado, confessava com encantadora humildade, que, neste capítulo, era menos severa que o marido:

"Quando tenho necessidade, por exemplo, dum pãozinho para as pequenitas, mando-o comprar. Muitas vezes admiro os escrúpulos do Luís e digo para comigo: "Aqui está o homem que nunca tentou fazer fortuna; a abundância de que ele goza não se pode atribuir senão a uma bênção especial, fruto da sua fiel observância do Domingo". (2)

Ainda mais meritório era o inviolável respeito da abstinência e dos jejuns da Igreja. O pai, sobre este ponto, era severíssimo consigo; deixava que os convidados fizessem honra à sua mesa, mas para si, contentava-se com uma frugal colação. Para a dona da casa, era isto muito pouco prático!... Por isso é que ela

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 29 de Setembro de 1875.

(2) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 29 de Setembro de 1875.

empregava toda a sua diplomacia epistolar no sentido de conseguir que as visitas escolhessem dias isentos de restrições.

Ainda que a sua compleição fosse delicada, também ela manifestava uma intransigência quase feroz a respeito das prescrições da Igreja.

"Estamos em pleno tempo de penitência, escrevia no decorrer da quaresma de 1875. Felizmente que isto dura pouco; é que sefro tanto com o jejum e a abstinência! Ele não é lá uma grande mortificação, mas sinto-me tão fraco do estômago e sobretudo tão cobarde, que, a dar ouvidos à natureza, não a fazia com certeza". (1) É verdade que para alimentar a coragem há três sermões quotidianos de dois missionários mas, acrescentava ela com um à-vontade picante, "pregam qual deles pior"... o que representa ainda mais uma penitência".

No ano seguinte o conforto moral era mais eficaz, mas as forças físicas declinavam: "Até breve, minha querida Paulina, até muito breve: já não faltam senão vinte e um dias, mas vinte e um dias que vão custar a passar, porque são de jejum! Custa muito. A semana passada julguei que teria de desistir, porque me doia tanto o estômago que não podia suportar o vestido. Estive assim toda a tarde. Estava resolvida a por de parte o jejum, mas o Padre Capuchinho, à noite, pregou um sermão que me fez ganhar coragem". (2)

Em Dezembro de 1876, roída pelo cancro, dirigiu-se a Lisieux, para consultar uma celebridade médica que devia decidir da oportunidade de uma operação. Era na altura das témporas. Como o irmão lhe prometera um acolhimento caloroso, preveniu-o: "Bem sabes que é tempo de jejum e eu jejuo, porque não me considero bastante doente para me julgar dispensada". Chegava até, durante a quaresma, a impor restrições à sua correspondência — género de privação que lhe era infinitamente mais sensível. Rigorismo, dirão alguns. Mas não seremos antes nós, que somos laxistas ou relaxados?

A falar verdade, subsistia nestes cristãos uma tendência ascética que revelava a antiga atracção para o claustro. Na vida disciplinada do Senhor Martin havia algo de monástico. Privava-se de fumar, de cruzar as pernas, de beber fora das refeições, de se chegar ao lume sem necessidade.

Na Sexta-Feira Santa, só comia ao meio dia. Nos dias de jejum, quando andava a trabalhar no jardim, e as filhas lhe levavam algum refresco, para o fazerem aceitar esse alívio tinham

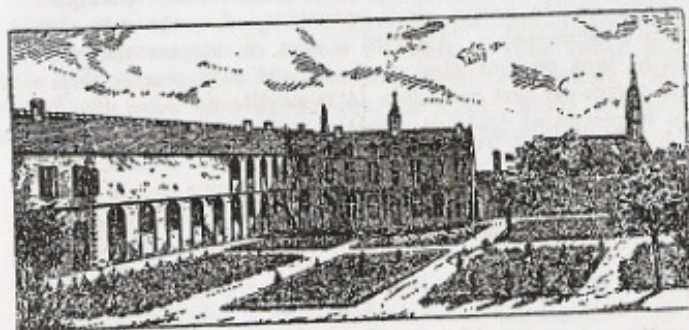
(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 14 de Março de 1875.

(2) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 26 de Março de 1876.

de lhe afirmar que o tomar líquidos não estava proibido pela lei. Era com a maior das consolações que se enterrava, durante três dias em retiro fechado, na Grande Trapa de Mortagne.

A Senhora Martin, então, acrescentava ao cilício dos deveres de estado voluntárias mortificações: "Ao voltar da Missa quotidiana, conta a Celina, eu reparava que ela, servindo aos outros um bom almoço, se contentava com uma sopa comida à pressa e às escondidas. Entregava-se aos seus trabalhos com uma energia extraordinária e à noite era a última a deitar-se".

Sob a direcção do pároco de Montsort, aspirava à vida perfeita. Pertencia a muitas associações de piedade. Inscreveu-se, nomeadamente, na Arquiconfraria do Coração Agonizante de Jesus.



Hospedaria da Grande Trapa de Mortagne, em 1875. À esquerda, a capela dos Seculares

afirmando, todavia, que isso não a podia tornar melhor, tão mal lhe cumpria as obrigações. Mas era tão humilde que esta confissão é suspeita.

Desde a adolescência que frequentava o convento das Clarissas, nas vizinhanças da Rua de S. Brás, n.º 3 da Rua da Meia-Lua. Ali se veneram as relíquias da boa Duquesa Margarida de Lorena que foi quem levou as Damas Pobres para Alençon. Fizera, nessa capela, a profissão da Ordem Terceira da Penitência, a cujas reuniões assistia com assiduidade. Foi por ter acompanhado ali a mãe muitas vezes que a Leônia pensou um dia em envergar o burel das filhas de Santa Clara. A mãe de Teresa estava mais preparada que ninguém para compreender e viver aquela Regra terceira que concede à vida secular os benefícios da vida religiosa; e, segundo a frase de Lacordaire, faz do quarto nupcial uma cela e do mundo uma Tebaida.

Penetremos no templo de Deus que era aquela casa de família. Nela veremos bem situada e bem marcada a *liturgia do lar* a regular o ritmo das expansões da piedade colectiva. É que se lembravam da promessa do Mestre: "Onde estiverem vários reunidos para orar em meu nome, no meio deles estarei eu". Era em comum, ou melhor "fundidos num" que invocavam o Senhor. A imagem de Nossa Senhora constituía o centro espiritual das reuniões e como o traço vivo da união. Diante dEla é que rezavam as orações da noite, diante dEla é que a Teresinha se ajoelhava todas as manhãs a desfiar as suas pequeninas orações. Com o seu olhar, dominava o quarto das mais velhas. A Maria achando-a muito grande e desproporcionada, pensou em a substituir por uma estatuazinha mais fina. Mas a mãe exclamou: "Depois da minha morte farás o que entenderes, minha filha; mas enquanto eu viver, esta Nossa Senhora não sai daqui!"

Ao começar o Mês de Maio, instalavam-na no meio dum verdadeiro oratório.

Faziam-lhe um fundo de folhas e flores cortadas de ramos de pilriteiro, que uma pobrezinha ia buscar ao campo a troco de generosa esmola. Aos pés da Virgem Santíssima, luzes e flores com abundância. Nada parecia digno da Senhora, por mais belo que fosse. A Senhora Martin queria vê-la emergir, por entre corolas e pétalas. Toda se comprazia na sua beleza e arranjo.

A filha mais velha a quem competia o privilégio de armar o altar no seu quarto, declarava sem cerimónias: "O meu mês de Maria é tão lindo que faz concorrência ao da igreja de Nossa Senhora. Organizar o mês de Maria em nossa casa tem que se lhe diga. A mamã é muito difícil de contentar, mais difícil do que a Virgem Santíssima! Quer muitos pilriteiros que cheguem ao tecto, verdura a cobrir as paredes, etc., etc." Com que alegria colhia a mais nova as mais belas rosas do Pavilhão, as centáureas e as margaridas nascidas à beira dos caminhos. Parte delas reservava-as para a imagem de S. José, diante da qual sua mãe gostava de se recolher. E era assim que muito espontaneamente se sentia envolvida em sentimentos celestiais.

Amei, da vida na aurora,
São José, Nossa Senhora.
Via então, de alma enlevada,
Reflectir, nos olhos meus,
O puro fulgor dos céus.

As festas da Igreja, essas encenações sagradas, inspiradas nos mistérios da vida do Salvador, cujo transcendente valor de emoção estética Chateaubriand cantou no *Génio do Cristianismo*, impregnavam de beleza as conversas ao serão. Para estes crentes de raça o calendário possuía uma alma. Viviam o ciclo litúrgico. Faziam da vida dos Santos a sua leitura preferida: e via-se em pleno século XIX este casal, fiel à prática, agora tão usada nas actividades da Acção Católica, de ler um ao outro alguma biografia edificante, para discutirem depois e se edificarem em comum.

Toda a existência da família girava à volta da vida paroquial. O dia dos pais começava pela missa das cinco e meia em S. Pedro de Montsort e depois em Nossa Senhora, a não ser que um exercício de missão ou alguma cerimónia extraordinária os chamasse a S. Leonardo ou às Clarissas. Por muito tarde que se tivessem deitado, por muito dura que fosse a Quaresma — e a mãe confessava que lhe custava muitas vezes — levantavam-se às cinco horas. Os vizinhos ao ouvirem na rua silenciosa o primeiro ruído de uma porta a bater, diziam: "São os Santos dos esposos Martin que vão para a igreja. Ainda temos tempo de dormir". Segundo as circunstâncias, comungavam uma ou mais vezes por semana e todas as primeiras sextas-feiras do mês. O Senhor Martin fazia parte da Confraria do Santíssimo Sacramento. No quarto dele um quadro, que muito estimava, representava o *Ecce Homo*. O receber a Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento, a contemplação de Nosso Senhor sofrendo ajudando-o a fazer do trabalho uma oblação e das provas um sacrifício.

Ao Domingo toda a família ia à missa solene, às vésperas e em tempo de missão ou de pregação, ao ofício da noite. Os fiéis relaxados — se é possível agrupar estas duas palavras — talvez se sintam inclinados a considerar tais hábitos como próprios de "beatos". Um regime destes não deveria resumir aborrecimento e inspirar horror pela devoção? Os pais de Teresa se voltassem a este mundo, responderiam decerto que, afinal de contas, essas devoções valiam bem a assistência obrigatória ao cinema ou a audição de rádio pela noite adiante, e que nem por isso se passava pior, com elas. Se não conheciam as canções frívolas, apreciavam a música religiosa, — a verdadeira, — que fala ao coração e inclina a orar. Quanto à boa música profana apreciavam-na no seu lugar, mas protestavam contra a sua intromissão no santuário. A Senhora Martin escrevia a propósito dum mês de Maria floreado com variações polifónicas de gosto duvidoso.

"No fundo esta cerimónia não é muito do meu gosto: ouvem-se cânticos impossíveis, gorgeios sem sentido. Poderíamos imaginar-nos num café-concerto o que me aborrece muito! Dantes

era tudo muito mais piedoso, mas então parece que estamos em pleno progresso!"

Possuíam a fé simples e cândida dos imaginários que esculpiram magistralmente no pórtico da igreja de Nossa Senhora uma página de Escritura e gravaram nos vitrais cintilantes capítulos bíblicos. A participação no culto não era uma obrigação nem uma rotina e ainda menos uma maçada, mas uma necessidade, um repouso e, para dizer tudo, uma festa. As vezes acrescentavam-lhes ainda alguma peregrinação a Nossa Senhora das Vitórias, a Séz, a Chartres, a Lourdes, donde regressavam enriquecidos de recordações que davam assunto, durante muito tempo, às conversas da família. Muitas vezes iam em acção de graças, ou para alcançar uma cura. O pai, acompanhado duma filha ou outra, desempenhava-se dessa missão como dum ministério. A mãe não se oferecia para o acompanhar. "Quanto a mim, as viagens não me tentam. Há só uma que me atrai muito, que é a viagem à Terra Santa. Mas parece-me que só hei-de lá ir no dia do Juízo Final, quando nos reunirmos no Vale de Josafat; quando lá estiver hei-de ver se vejo tudo bem!" (1) Mas esforçava-se, pelo menos, por participar espiritualmente em tão piedosas peregrinações e por associar a elas o seu rebanho infantil. E assim se forjava, pouco a pouco, a alma comum desta cristandade em miniatura que deve ser a família.

* * *

Um lar como este não podia deixar de irradiar as suas crenças. Não era ainda a era dos movimentos da Acção Católica. A fase das obras estava no início: já vimos a parte que tomou o Senhor Martin na fundação do Círculo Alberto de Mun. Contudo já se evolucionava numa atmosfera de combate; a polémica atingia o auge; respirava-se o cheiro da pólvora em volta da Igreja e da escola; as sociedades secretas preparavam a ofensiva que durante meio século havia de laicizar toda a vida pública e expulsar a Deus das consciências. A única resposta possível nesse tempo era o testemunho duma convicção profunda, leal, calorosa, a inspirar uma caridade delicada e desinteressada, ou, para melhor dizer, o testemunho duma fé integral a unificar a existência e a desenvolver esta para a glória de Deus e para o bem dos homens. O pai de Teresa desconhecia o respeito humano. Fosse qual fosse a companhia com quem estivesse descobria-se diante duma

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 7 de Setembro de 1875.

igreja, cumprimentava os sacerdotes e os religiosos, ajoelhava-se à passagem do Santíssimo Sacramento. A sua divisa era a de Ozanam: "Não procurar que nos vejam, mas deixar que nos vejam". Aconteceu-lhe muitas vezes impor silêncio aos blasfemadores por meio de uma simples observação cortês.

Não hesitou em obrigar a descobrir um certo folião, espírito forte ou cabeça quente, que, de boné enterrado na cabeça, parecia trocar da procissão e olhar desdenhosamente a Custódia. Não gostava de discussões, mas não se lhes furtava quando o bem das almas estava em jogo. As filhas recordavam-se da animação com que, em tais casos invocava a famosa frase de Napoleão em Santa Helena: "Sou conhecedor de homens, e vejo que Jesus Cristo não era apenas um homem".

Conspirava com a esposa, cujas liberalidades lhe davam entrada em muitas casas, para assegurar a recepção dos últimos sacramentos a todos os agonizantes do bairro. Considerava uma honra acompanhar o Viático a casa dos mais miseráveis. A Senhora Martin descreve uma cena ocorrida em casa de certa vizinha indiferente junto da qual conseguira, à custa de bondade, levar o padre:

"Assisti a uma cerimónia que nunca mais hei-de esquecer. Olhava para aquela pobre moribunda, que tem pouco mais ou menos a minha idade, e que deixava tantos filhos a quem fazia ainda tamanha falta. Encontravam-se todos à volta dela, lavados em lágrimas: só se ouviam soluços! Recebeu a Extrema-Unção; está a suportar dores terríveis e espera-se a cada instante vê-la acabar. Há quinze dias que não se deita, passando as noites a pé, por não poder suportar a cama mais que uns minutos. Os dois filhos mais novos, a Elisa e o Jorge, estão cá em casa: passam aqui a tarde a brincar tranquilamente. . . Meu Deus, muito triste é uma casa sem religião! Como a morte há-de afigurar-se medonha! No quarto da doente não se via uma imagem religiosa onde os olhos pudessem descansar. Há muitas imagens de todos os assuntos menos religiosos! Enfim, espero que Nosso Senhor há-de ter piedade desta pobre mulher: educaram-na tão mal que tem muita desculpa". (1)

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 7 de Novembro de 1873.

Enquanto a Senhora Martin se encarregava de rodear os órfãos de cuidados verdadeiramente maternos, o marido tomou a seu cargo todas as formalidades do enterro.

Quando um pecador obstinado se mostrava refractário a todas as sugestões, a família apaixonava-se pela difícil conquista. S. José era reclamado a intervir por meio de novenas. Muitas vitórias destas foram alcançadas à força de orações. Os pais não conheciam mais pura alegria. Persistiam mesmo em aplicar sufrágios pelos ímpios cuja impenitência final lhes tinha desiludido as esperanças.

A influência do Senhor Martin estendeu-se na cidade a um grupo de amigos reunidos em volta do Senhor Vital Romet, muitos dos quais, sem ele não teriam talvez apreciado outros prazeres senão os mundanos. Levou-os a frequentar as sessões do Círculo Católico, a realçar com a sua colaboração as cerimónias paroquiais, a visitar os pobres e a tomar parte, com ele, na Conferência de S. Vicente de Paulo. Foi entre estes que recrutou membros para a Obra da Adoração Nocturna, querida entre todas. Nem por um Império teria faltado àquela vigília mensal diante de Cristo exposto aos olhares de um punhado de consoladores. Na véspera do dia de Todos os Santos, em 1873, apesar de aniquilado de fadiga, quis ser fiel à Divina entrevista. Rezadas as orações do costume, encarregou um amigo de confiança de tomar conta do seu número de guarda e subiu para se deitar. Abençoada pressa! O dormitório estava cheio de fumo espesso e sufocante e duas camas envolvidas em chamas. Sem a sua intervenção o fogo teria devorado a sacristia e atingido talvez a igreja.

O que o Senhor Martin mais apreciava na Hora Santa era a acção de graças onde se expandia a sua sede de louvor a Deus. Em tudo via a mão da Providência. Ante as maravilhas do Criador a sua alma cantava, admirava, extasiava-se. O seu desejo seria fazer participar toda a terra no seu cântico de louvor. Era por isso que ele tanto desejava ter um filho missionário. Consolava-se desse sonho desfeito reservando todos os anos uma bela esmola para a Propagação da Fé.

o o o

O argumento principal do apostolado é o encanto contagioso da caridade, o "vede como eles se amam" que desde os primitivos tempos da Igreja, no seio dum mundo idólatra ou neo-pagão, subjugou sempre os corações rectos. O Senhor Martin era exemplar a este respeito: todo ele era doçura e benevolência, abstando-se

de julgar ou dando, sistematicamente, parecer favorável a respeito do próximo. Apreciava extremamente, como o seu patrono S. Luís, a bemaventurança prometida aos "pacificadores" e não receava por isso, aproveitar-se frequentemente da sua coragem física e intrepidez natural para separar malandrins que se atacavam à facada.

A Senhora Martin confessava ser-lhe muito mais difícil a ela reprimir a sua vivacidade e dominar os primeiros movimentos de um temperamento extraordinariamente rico e ardente. Censurava-se, sobretudo, por aquela agudeza de visão que lhe fazia descobrir, num relance, as fraquezas humanas: manias, ridículos, pontos fracos, e a levava a traçar deles, para os seus, um quadro divertido, o que, a bem dizer, nada tinha de malícia. Era antes uma inofensiva distração de sociedade. Contudo censurava-se e humilhava-se por causa disso, sem contemplações nenhuma:

"E eu que caí na cobardia de trocar da Senhora Y. — escrevia ela ao irmão — Lamento-o muito. Não sei porque é que não sinto simpatia por ela, que só me tem feito bem e prestado serviços. Eu, que detesto os ingratos, não tenho remédio senão detestar-me a mim, porque afinal o que eu sou é uma ingrata. É por isso que quero converter-me e até já comecei porque, de há um tempo para cá, aproveito todas as ocasiões de dizer bem desta Senhora. Isto é tanto mais fácil, quanto é certo tratar-se duma excelente pessoa que vale mais do que todas as pessoas que fazem troça dela, a começar por mim!" (1)

Ora aqui temos uma culpa confessada como em poucos capítulos conventuais!

Um facto, entre muitos, permitir-nos-á avaliar a longanimidade dos dois esposos. Um vizinho de má fé tinha mandado abrir uma vala profunda mesmo junto do muro de vedação que cercava a propriedade deles. Fizeram-lhe ver o perigo: o vizinho irritou-se todo. Por amor da paz, cederam e deu-se o desmoronamento fatal. Pois o nosso homem enfureceu-se e chamou as suas vítimas a contas, para as obrigar, por justiça a pagarem metade das despesas. A má fé era tão manifesta, que até o juiz se revoltou. Infelizmente faltavam uns centímetros à parede derrubada! teve de intervir um perito. A lei oferece muitos recursos a um rábula. Corriam o risco de cair nos sarilhos sem fim dos processos. Iria

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 25 de Dezembro de 1871.

esta aventura perturbar a paz dos nossos heróis odiosamente provocados?

Vejamos como a mãe comentava o incidente, escrevendo à Paulina:

"Estamos nisto e não sei quando acabará. Não me preocupo muito com o caso: só temos que aceitar as contradições com paciência, visto que na terra é preciso sofrer. Se isto nos poupar um pouco de purgatório ainda teremos de agradecer ao Senhor M., no outro mundo, por nos ter feito passar algum nesta vida. Mas antes quero que seja ele a causar-nos tais prejuízos, do que termos que nos censurar por lhe causarmos nós a ele uma quarta parte". (1)

Pode-se calcular, por aqui, com que paciência tratavam os seus devedores atrapalhados. Por mais duma vez acudiram com oportunos empréstimos de dinheiro a comerciantes ameaçados de falência.

A *História duma Alma* conta-nos em que honra era tida, naquela família, a beneficência para com os indigentes. "É preciso dar esmolas para ganhar o céu", repetia com frequência a mãe. A este respeito escrevia a Celina: "A semelhança do meu pai, ela era extremamente caridosa para com os pobres, fossem quais fossem as suas necessidades, sem nunca fugir aos trabalhos, nem pôr limites à generosidade. Vi, muitas vezes, em nossa casa, desgraçados que ela recolhia e a quem sustentava e vestia". A fiel Luisa atestou que a Senhora a mandava frequentemente a casa dos indigentes, levar sopa, garrafas de vinho e dinheiro: "e ninguém o sabia senão nós as duas", acrescentava. Por ocasião das inundações de Lisieux mandaram urgentemente uma boa soma para socorrer os sinistrados.

Não se contentava com gestos puramente financeiros, à razão duma certa percentagem sobre o orçamento familiar e destinada às obras de beneficência. Pagavam do seu esforço e por vezes com sacrifício de suas pessoas. Esta caridade teve as suas "fioretti" graciosas ou heróicas, através das quais passa um sopro renovado das primícias franciscanas. Teresa, cuja memória era prodigiosa, recordava-se que no dia 23 de Maio de 1875, tendo então dois anos e meio, por ocasião da primeira comunhão de Leônia, viu uma neo-comungante pobre, vestida de novo pela Senhora Martin, participar na festa de família e sentar-se no lugar principal à

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 26 de Março de 1876.

mesa do jantar. Nas viagens não procuravam pressurosamente a instalação mais confortável. A mãe, com toda a delicadeza, chamava à noção das conveniências uma vizinha de compartimento, que fizera caretas à entrada súbita duma mulher com dois petizes ao colo. Quando chegaram ao fim da viagem quis ainda acompanhar a mulher a casa e com a colaboração do marido ajudou-a a transportar até à sua residência crianças e embrulhos. Já tinha dado meia-noite, quando chegaram à rua de S. Brás.

Avistando um dia, na estação, um epilético absolutamente desprovido de recursos e a morrer de inanição, o Senhor Martin tirou o chapéu, lançou nele uma esmola generosa, e não hesitou em dar a volta à sala de espera, pedindo esmola. Cairam numerosas moedas nesta bandeja dum género original, e o doente, a chorar de alegria, pôde restaurar as forças e regressar à sua terra. Outra ainda mais meritória: O bom Samaritano, ao passar numa rua frequentada, encontrou, caído no chão, um operário completamente bêbado, com a caixa da ferramenta ao lado. Os transeuntes olhavam e desviavam-se com pouca vontade de se exporem aos vômitos do indivíduo. O Senhor Martin curvou-se para ele, deitou-lhe a mão, ergueu-o, apanhou a caixa, deu-lhe o braço e acompanhou-o a casa, com a tenção de no dia seguinte lhe pregar uma boa reprimenda!

Gostava de se prodigalizar assim, sem se preocupar com o que dirão nem com os riscos. Nadador emérito e com vários salvamentos no seu activo, armava em bombeiro assim que ouvia tocar a rebate. Foi deste modo que se lançou, completamente só, em socorro de uma pessoa de idade e a arrancou às chamas. A família, conhecendo-lhe a valentia e temeridade, temia pela sua vida; quando se demorava, logo receavam que lhe tivesse acontecido desastre.

Foi, decerto, para pagar algum eminente benefício que um rimador de ocasião lhe enviou um dia este acróstico, em que o reconhecimento supera, evidentemente, a poesia pura:

*Mais que este nobre e grande coração
Alguém soube ofrecer bondosa ajuda?
Resiste à prova a sua rectidão.
Tem por lema, na vida, a lealdade.
Igual p'ra toda a gente em caridade,
Ninguém o chama em vão, que não acuda.*

Não tinha menos gosto em percorrer as pacíficas, mas enfadonhas repartições públicas para conseguir internar no hospício ou no hospital os mendigos aleijados. A Senhora Martin contava à Paulina, comovidamente, um caso desta natureza:

"Tínhamos dado um grande passeio pelo campo. À volta encontrámos um pobre velhinho com muito bom aspecto. Mandei a Teresa levar-lhe uma esmolinha. Ficou tão comovido e agradeceu tanto, que bem se via que era muito infeliz. Disse-lhe que viesse conosco, que lhe ia dar uns sapatos. Ele veio. Demos-lhe um bom jantar porque estava a morrer de fome.

Nem te posso dizer quanta miséria lhe afligia a velhice. Este inverno teve os pés gelados; dorme num pardieiro abandonado; não tem nada; acachapa-se junto dos quartéis a ver se lhe dão um pouquinho de sopa. Enfim, disse-lhe que viesse todas as vezes que quisesse, que lhe daria pão. Gostava que o teu pai o metesse no asilo onde ele tanto desejava entrar. Vai-se tratar disso. Este encontro deixou-me triste: não faço outra coisa senão pensar no pobre homem apesar da cara alegre que ele fez por causa de umas moedazitas que lhe dei: "Com isto já posso ir amanhã às cozinhas económicas comprar sopa. Depois arranjo tabaco e mando fazer a barba". Enfim, estava alegre como uma criança. Mesmo a comer agarrava nos sapatos, contemplava-os radiante e ria-se para eles". (1)

A Senhora Martin não descansou até que o marido, depois de muitas tentativas inúteis, conseguiu a admissão nos Incuráveis, do pobre miserável que chorava de alegria.

A caridade ia obrigá-la a expor-se a aborrecimentos muito piores. Tendo confiado a educação da Leônia a duas antigas professoras, que usavam indevidamente o hábito religioso, verificou-se que exploravam e matavam à fome uma pequenita de 8 anos, Armandina V., de cuja educação se tinham querido encarregar. Depois de ter provido em segredo, durante algum tempo, à alimentação da pequenita, obrigou-a a falar e, armada com as suas declarações, resolveu actuar.

Como as duas megeras se mostrassem insensíveis, foi prevenida a mãe, depois o pároco de Banner e por fim a Polícia. As acusadas, com refinada hipocrisia, tentaram mover a opinião pública em seu favor. A Armandina, ameaçada com represálias e alucinada com o álcool, desmentiu-se. O negócio embrulhava-se. Deu-se, enfim, uma acareação geral, que resolveu o assunto da melhor forma. A criança foi restituída à família e o Comissário da Polícia concluiu dirigindo-se à Senhora Martin, até aí mais

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 4 de Maio de 1876.

morta que viva: "Minha Senhora, já que quer encarregar-se desta criança entrego-a à sua protecção e também me encarrego dela. É tão bom fazer bem!"

Era uma vitória, mas ganha à custa dum valente susto. As consequências haviam de ser desagradáveis. Continuaram as intrigas. Receava-se que a pequena recaísse no vício. A Senhora Martin que se oferecera, em vão, para a meter no refúgio, pagando-lhe a pensão, acabava a sua narrativa com estas expressões de melancolia pungente:

"Como vês, minha Paulina,

Nem tudo é róseo na vida!

Nem tudo é sonho encantado!

Quanta vez murcha, à notinha,

A flor na aurora colhida!

Mas para te falar com franqueza, não me aflijo muito com isto. Tenho sofrido tanto que o coração já me calejou. O teu ainda não, minha filhinha, e por isso é que sentes o mais pequeno espinho. Mas à força de receber picadas hás-de acabar por não sentir tanto a dor". (1)

Uma caridade assim desinteressada, não se aproxima, nas suas exigências da definição traçada por S. Paulo na primeira Epístola aos Coríntios?

* * *

Será necessário afirmar que o Senhor Martin e a esposa sabiam respeitar, neste domínio, a jerarquia dos valores? O círculo mais próximo, o dos *afectos de família*, era aquele que lhes merecia mais solicitude. Possuíam certo sentido patriarcal — hoje, meu Deus, esta palavra soa tão mal! — que os tomava extremamente sensíveis aos deveres criados pelos laços de sangue. Quantas vezes o pai foi em peregrinação a Athis-de-l'Orme para rezar sobre a campa dos antepassados e informar-se de todos os seus. Os avós eram, por direito, hóspedes do lar onde as crianças eram ensinadas a suportar as suas inocentes manias de velhos e a rodeá-los de respeito e de atenções. O facto de terem podido, durante muitos anos, coabitar ou fazer vida comum com os filhos sem o menor incidente, demonstra a excelência dessa piedade filial.

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 7 de Novembro de 1875.

Era com a família de Lisieux que este calor de intimidade mais se evidenciava. Ao contacto duma esposa excepcionalmente dotada de coração, Isidoro Guérin tinha-se tornado um protótipo magnífico de cristão e de apóstolo. Os múltiplos contratempos que sofreu à frente da farmácia e da drogaria anexa, nunca lhe abateram o ânimo. Tinha-se confiado a Nossa Senhora das Vitórias. Esperava e recebeu d'Elle, na altura necessária, útil auxílio. Nas horas sombrias de dúvida ou de desalento, bastavam as palavras da Escritura para o tranquilizar. Não tardou a entrar na comissão fabriqueira da Catedral de S. Pedro e a cooperar na fundação das Conferências de S. Vicente de Paulo e do Círculo Católico, em Lisieux. A seguir, promoveu e financiou a boa imprensa. A Senhora Martin alude, numa carta, ao trono-altar para a procissão do Santíssimo Sacramento, que o irmão edificou em 1876, em que se destacava, por forma algo sensacional, sobre um fundo de luzes e de verdura, uma grande cruz resplandecente, feita de vidros coloridos, aureolada por esta inscrição: "Quanto mais a ultrajam mais ela brilha". O gesto e a frase definem o homem.

Esta metamorfose do antigo estudante leviano e trocista em católico combatente parecia ter decuplicado a ternura que lhe votava a mãe de Teresa. Já não precisava de o orientar e ainda menos de o repreender. Mas continuava solícita em o auxiliar na sua instalação material. Informava-se a respeito dos seus negócios, interessava-se pelos seus balanços do fim do ano, e quando caía doente, ela, que nunca chorava, desfazia-se em lágrimas. Procurava para a cunhada criadas previamente ensinadas e experimentadas. Por seu lado o Senhor Martin liquidava com extraordinário tacto assuntos de herança e vendia valores com prejuízo para garantir créditos ao cunhado momentaneamente embaraçado. Fez várias tentativas para ajudar a drogaria a vogar. Quando esta foi destruída por um incêndio a 27 de Março de 1873, uma carta de Alençon exprimia a comum tristeza em que se fazia sentir a nota cristã da esperança, apesar de tudo:

"Sinto-me desolada — era a mãe que mais uma vez pegava na pena — por causa da notícia que me dá do incêndio. Quando penso em todas as dificuldades que o meu irmão teve em organizar a drogaria, para, ver tudo perdido num momento!... É preciso ter muita fé e resignação para suportar este revés sem murmurar e com inteira submissão à vontade de Deus. Eu também tomo grande parte nessa desgraça. Isso, junto às outras tribulações que já tinha, tirou-me toda a coragem. É verdade que cada um tem de levar a sua cruz, mas para alguns

é mais pesada e já deve ter começado a compreender, minha querida irmã, que na vida nem tudo são rosas. Nosso Senhor quer assim desprender-nos da terra e atrair os nossos pensamentos para o céu". (1)

Circunstâncias mais consoladoras provocavam as confidências mútuas. Em Fevereiro de 1868 era o nascimento de Joana Guérin e em Agosto de 1870, o da Mariazinha. Toda esta correspondência lembra uma roda sem descanso. A vinda das crianças era anunciada. Elas vinham, cresciam e às vezes desapareciam. Os gestos e palavras delas é que enchiam a cena deixando pouco lugar aos pais. "Duas mães novas à busca de filhos" era como se podia resumir o conteúdo daquelas centenas de cartas onde tudo o que se referia à casa tinha a sua ressonância profunda: as esperanças e as expectativas, as decepções e as angústias, o enxoval que se preparava, o baptismo em perspectiva, as funções de padrinho e de madrinha encaradas de um e de outro com toda a seriedade cristã, depois as lindas carinhas que iam desabrochando, as descobertas várias que comunicavam uma à outra, os presentes recíprocos e o entusiasmo que provocavam. Era um belo espectáculo ver estas nobres senhoras fazerem esforços por levar o seu fardo glorioso com um sorriso nos lábios. "Os filhos veem vindo, escrevia a de Alençon. Se vier a ter tantos como eu, precisa de muita abnegação e do desejo de enriquecer o céu com novos eleitos". De Lisieux onde residia a autoridade médica, respondiam com remessas de remédios apropriados e de conselhos oportunos à pobre mãe curvada sobre os seus doentes.

A comunicação das almas ralava pelo sublime quando a morte abria uma sepultura mesmo junto do berço. A Senhora Martin dirigia estas linhas ao irmão que tivera a dor de perder um filho recém-nascido:

"Tenho o coração tão apertado como quando morrem os meus. Imagino-vos a todos em pranto junto desse querido ente morto em condições tão deploráveis e contudo Nosso Senhor ainda vos concedeu uma grande graça, visto ter havido tempo de lhe ministrar o baptismo. Enfim, meu querido amigo, é preciso ter coragem e creio que não te há-de faltar, porque tens bastante energia e fé para suportar as aflições da vida.

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 30 de Março de 1873.

Recebi a tua carta no momento em que nos sentávamos à mesa para a qual tínhamos convidado gente de fora.

.....

Durante o almoço quando vi os convidados divertirem-se como se nada se tivesse passado de desagradável, sentia-me bem amargurada. Mas não acredites que fosse o Luís porque ele foi muito sensível ao teu desgosto e fala dele constantemente.

Recordamos todos os sofrimentos e todos os aborrecimentos que a tua pobre mulher teve de sofrer de há seis meses para cá e lamentamos o triste desenlace. Sim, é muito duro. Contudo não murmuremos, meu querido amigo; Deus é o Senhor, pode fazer-nos sofrer isto e ainda mais, para nosso bem, mas o seu socorro e a sua graça nunca nos hão-de faltar.

.....

Se puderes escrever uma vez antes que eu aí vá, muito te agradeceria e dize-me principalmente se o menino ainda estava vivo quando recebeu o baptismo. O médico bem podia tê-lo baptizado antes do nascimento. Quando se vê uma criança em perigo é por aí que se começa sempre". (1)

As visitas ainda mais que as cartas derramavam bálsamo nas feridas. Que pena ser tão longo o trajecto, o comboio tão incómodo e o comércio tão absorvente! A maior festa para os de Alençon era a chegada dos de Lisieux. O quarto mais belo era destinado para eles. As pequenas dançavam de alegria e a mãe comparilhava do seu júbilo infantil. Mas o grande acontecimento da vida da Senhora Martin era a viagem a Lisieux. Falava nela; vivia-a seis meses antes. Para estar livre no tempo marcado trabalhava até à meia noite oito dias a fio. O que a encantava em Lisieux não eram as recepções, o fogo de artifício no Jardim da Estrela e ainda menos as excursões a Tronville, mas sim o poder

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 17 de Outubro de 1871.

mergulhar alguns dias no puro repouso duma atmosfera absolutamente fraternal, longe dos papéis de negócios, das operárias e das rendas. O seu desejo predilecto era ver os dois lares aproximados na mesma cidade e formando apenas uma só comunidade familiar sob dois tectos diferentes. Este sonho havia de realizar-se depois da sua morte, com a mudança para os Buissonnets. Ela só lhe apreciaria o gracioso prelúdio por ocasião das suas brevíssimas passagens pela farmácia Guérin.

* * *

As relações com as criadas quase que têm de considerar-se no mesmo plano das afeições familiares. É a própria mãe que expõe as suas teorias sobre a matéria. A 2 de Março de 1868 escrevia ao irmão:

"Nem sempre é o grande ordenado que assegura a dedicação das criadas; o que é necessário é que sintam que se lhes quer bem; é necessário manifestar-lhes simpatia e não nos mostrarmos muito autoritários. Quando as pessoas têm bom fundo podemos ter a certeza de que nos servem com amizade e dedicação. Bem sabes que tenho génio e apesar disso todas as criadas que tenho tido eram minhas amigas e conservo-as o tempo que quero. A que tenho agora até adoecia se tivesse de se ir embora; tenho a certeza que não nos deixaria ainda que lhe oferecessem duzentos francos a mais. Também é certo que não trato pior as criadas do que as minhas filhas. Se te digo isto não é para me apresentar como modelo no trato das criadas, porque toda a gente me diz que não sei exigir o seu serviço".

A palavra "familiares" pela qual se designavam outrora as criadas tinha aqui pleno significado. As criadas eram da casa, "da família". A regra era escolher com cuidado para não se exporem ao contacto de pessoas taradas, e depois, confiar inteiramente. As crianças eram habituadas a manifestar deferência e submissão à criada. Houve até talvez algum excesso neste ponto. Os pais mostraram-se sem dúvida alguma condescendentes demais para com a Luisa Marais que passou onze anos debaixo das suas telhas. Fiel até à morte, mas de temperamento rígido e de feito irascível, pôs-lhes muitas vezes a paciência à prova com a sua liberdade de maneiras e com as suas repostadas e pouco a pouco

tomou uma autoridade quase tirânica sobre as pequenitas. Só a mais velha é que escapou a esta tirania. "Eu cá de mim sou livre" retorquia ela a qualquer ordem demasiado brutal. A respeito da Leônia havemos de ver quanto ela veio a sofrer com esta tutela da criada.

A Maria afirmava que a mãe era de uma condescendência extrema. Seria incapaz de dar os restos à criada; guardava-os para si. Totalmente incapaz de estar a calcular o emprego das próprias forças, tinha o maior cuidado em não sobrecarregar as criadas. Trabalhava mais do que elas, levantava-se mais cedo e deitava-se mais tarde. Se por acaso adoeciam tratava-as como a filhas. Durante três semanas não saiu da cabeceira da Luisa presa à cama por um terrível ataque de reumatismo articular. Só quando a crise passou, é que ela a mandou de carro para junto dos seus a acabar a convalescença. Consideraria uma indignidade desembaraçar-se dela mandando-a para o hospital ou obrigando os parentes pobres a tratar dela.

Quando era preciso ensinava-as e educava-as. Eis os termos em que ela mostrava o fracasso de uma das suas lições: "O nosso vizinho, Senhor C., foi ontem enterrado, o que causou muita impressão à Luisa. Não consegue compreender que se possa morrer, quando se vive tão feliz neste mundo!" Creio que era bem capaz de sacrificar a sua ida e estada no Paraíso para viver eternamente na terra, tão feliz como os ricos que ela supõe inteiramente venturosos. Por mais que lhe diga que não são mais felizes do que os outros não quer acreditar". (1) Só à custa de grandes esforços é que conseguiu que ela fosse chamar o sacerdote para ir assistir a seu pai velhinho. Se não fosse a indignação da Senhora Martin teria morrido inconsciente depois de uma vida de indiferença.

Como se vê, nada do que interessava às suas criadas era indiferente a esta mulher admirável. Naquela casa a criada não se considerava como uma mercenária nem como uma estranha. A própria Luisa Marais, e a Virginia Cousin que a serviu como criada durante três anos e depois de casada como rendilheira, choraram a sua morte e deram testemunho da sua grande bondade e da sua compreensão da justiça social. Foi de facto na escola dos pais que Teresinha aprendeu a compadecer-se dos sofrimentos dos humildes, a entemecer-se perante as suas desventuras e a apreciar a sua eminente dignidade de filhos de Deus.

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 16 de Julho de 1876.

* * *

Um lar destes impõe-se ao respeito. Mas irradia ele alegria? Não se sentirá nele o ar bafo e pesado exalado pelas tapeçarias e pelos móveis estofados num ambiente abafado? Não se sentirá nele a atmosfera soporífera e incolor de sacristia ou de algum museu de antiquilhas ou de sala de jantar de algum presbitério de antanho?... "Farrapos velhos, papéis velhos" — cochicham os marotos.

Entremos no número 36 da Rua de S. Brás. As cantigas e os gritos vindos de todos os lados, os rostos abertos e o movimento constante desfazem todas as apreensões sobre a soturnidade da casa. A alegria reina por toda a parte. Não era o estonteamento, a corrida às distrações fictícias, a evasão, a todo o custo, para fora de casa. O mundo não fora ainda lançado como pasto aos negociantes de prazeres que se dedicam à exploração comercial dos mais baixos instintos e degradam o homem com o pretexto de o divertir: suprema corrupção do "divertimento" de Pascal. O problema dos passa-tempos tem solução na família. Eles ocupam o seu lugar não demasiado mas proporcionado à necessidade de refazer as forças após os períodos de trabalho. Entrava neles espontaneamente o elemento educativo. Têm graça, descansam e tonificam as almas; aproximam-nas e fundem-nas. Era a recreação no sentido etimológico do termo em que toda a personalidade toma novo alento e como que se completa.

O pai nas horas livres entrega-se ao seu passa-tempo predilecto: posta-se nas margens do Sarthe ou do Briante e espreita as trutas e as solhas. Era um entusiasta do bilhar, o que levava a dizer às filhas, num tom meio a sério meio a rir, muito da sua predilecção: "Neste mundo temos uma boa bola para jogar!...". Quando se proporcionava a ocasião acompanhava os amigos às suas vivendas de Lanchal, de Grogny, de S. Dents. Nos primeiros tempos de casados participaram sem grande entusiasmo nalgumas recepções mundanas. O tom com que a Senhora Martin descrevia as personagens desses espectáculos, desde o anfitrião ao cãozinho de sala, representando cada um conscienciosamente o seu papel, a maneira irónica como se referia às canções e às *toilettes* revelam a evidência que o interesse por aquilo não era muito. Logo que vieram os filhos recolheram-se ao lar. Pois não é um privilégio das famílias numerosas a faculdade de suscitarem com os seus próprios recursos, o entusiasmo, a alegria e a vida, de se renovarem constantemente, enfim, numa palavra, de se bastarem a si próprias, contribuindo os pequenos com o imprevisto das suas revelações, os mais crescidos com a habilidade, os pais com a experiência da

organização e com a sua abnegação posta ao serviço de todos? A não ser que fossem assistir às sessões do Círculo Católico, era em família que passavam os Domingos e os dias feriados.

A mãe não hesitava em pôr a agulha de parte para distrair as filhas.

"Diverti-me como uma criança a fazer paciências, escrevia ela, mas paguei cara a brincadeira: tinha de satisfazer uma encomenda urgente de rendas e não tive remédio senão fazer serão até à uma hora da manhã para recuperar o tempo perdido". Houve exposição de brinquedos e um jantarzinho completo para estrear o lindo serviço de porcelana: durou perto de duas horas a festa. As pequenas nunca se divertiram tanto. A Paulina esta noite disse-me: "Que pena já ter acabado o dia!" "Só queria que tomasse a ser de manhã". Eu não era nada da mesma opinião, porque há três dias que estou sôzinha com esta pequenada e dão-me que fazer!" — "Prometi às pequenas que festejariamos Santa Catarina no Domingo à noite. A Maria quer filhós; outras, bolos, outras, castanhas; eu então o que queria era sossego".

O pai era também um animador incomparável. Ninguém sabia como ele pôr-se ao nível das mais pequenas. Expressava isto a seu modo: "Eu quando estou com as minhas filhas sou um faz-tudo". Em seguida a uma leitura séria pegava em grandes bolas douradas que fazia rolar sob os olhos maravilhados das pequenitas, fabricava brinquedos minúsculos, multiplicava sortes de prestidigitação, passeava "a sua Rainha" sentada numa das botas. Muito fino, muito engraçado, de feitio alegre, possuía a arte de entreter os serões e o dom da oportunidade nas saídas das anedotas, dos ditos engraçados, dos jogos de sociedade. Tinha uma voz quente, harmoniosa, com um timbre e uma plenitude que encantavam. Gostava de declamar belas poesias de antologia ou então trechos humorísticos salpicados de expressões do dialecto normando. Possuía um verdadeiro dom de imitação que legou a Maria e a Teresa; arremedava os jeitos e a maneira de falar, dos Auvemheses, reproduzia os cantares das aves, os ruídos do tambor e as notas do clarim a acompanhar as marchas militares. E tudo com uma segurança de tons, com uma cadência e com uma expressão que dava a ilusão da realidade. Acima de tudo apreciava com verdadeiro culto as velhas canções francesas. O seu repertório era enorme e constituía o atractivo mágico das noites de Natal, quando junto da lareira, diante do cepo flamejante e dos sapatos alinhados, esperavam todos pela hora da Missa. As filhas do

Senhor Martin conservaram piedosamente uma colecção manuscrita dessas canções que o pai lhes cantava: "O Compadre Guilleri" emparceira com "Os Companheiros da Mangerona", "O Judeu Errante" com "Os Montanhese", a "Triste Vida do Marujo" com "O fio de Nossa Senhora". ⁽¹⁾ É como que o testemunho venerável de uma época de saúde moral em que as criações da



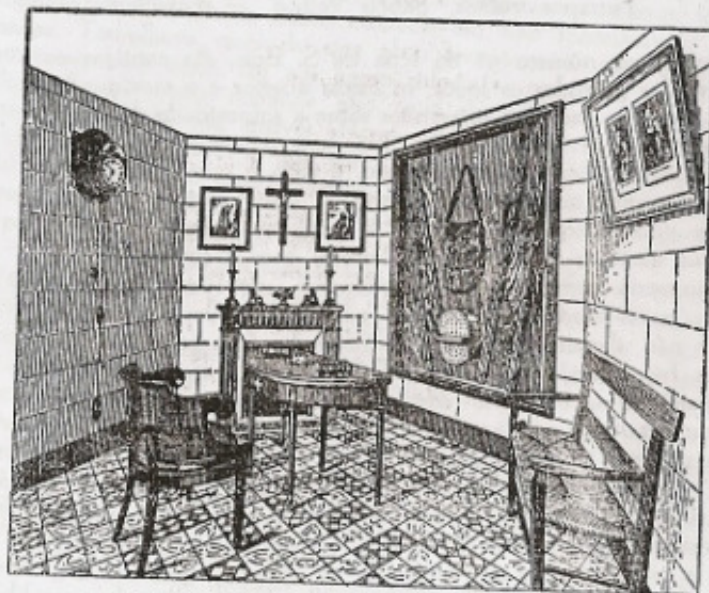
A estrada do «Pombalinho» que ia dar ao cemitério

velha França ainda não tinha cedido o lugar às cançonetas de music-hall e aos estribilhos equívocos.

Quando as moitas normandas verdejavam, era ao ar livre que a família se distraía. Ao Domingo, depois da Missa cantada ou à saída das vésperas, dirigiam-se para aquela fértil campina que Teresa descreveu tão bem: "Ainda me parece estar sentindo as impressões profundas e poéticas que me nasciam no coração, à vista dos campos de trigo esmaltados de papoilas, centáureas e

⁽¹⁾ Nomes das canções em francês: "Compère Guilleri", "Les Compagnons de la Marjolaine", "Le Juif Errant", "Les Montagnards", "La plainte du Mousse", "Le fil de la Vierge".

malmequeres. Já então me encantavam os horizontes distantes, o espaço, os arvoredos. Numa palavra, todas as belezas naturais me arrebatavam e transportavam a alma aos Céus". ⁽¹⁾ Durante o percurso ela tinha a missão, de que toda se ufanava, de levar aos pobres do caminho a esmola da família. Entravam a visitar o Santíssimo Sacramento nalguma igreja solitária e rezavam junto dos cruzeiros erguidos no centro dos cemitérios das aldeias. A mãe



O museu das lembranças no Pavilhão

preferia a qualquer outro sítio a alameda chamada "La Fuie" (o pombalinho) a qual por entre dois magníficos cortinados de árvores a levava ao cemitério e aos seus túmulos, até se perder entre as altas tapeçarias das sebes floridas de pilriteiros brancos ou róseos.

Nas férias o passeio mais apreciado pelas pequenas era ao Pavilhão, aquela vivenda de repouso que o Senhor Martin mobiliara na Rua dos Lavadoiros. Nenhum divertimento se comparava ao daquelas tardes em que pulavam à vontade em volta do velho pinheiro e da nogueira no meio de flores e de frutos. O pai se

⁽¹⁾ *História duma Alma*, Cap. I.

não tinha arvorado a sua aparelhagem de pesca, agarrava-se aos queridos livros e refugiava-se no réz-do-chão, cujo mobiliário rústico tanto apreciava: o relógio de parede, a cadeira de braços, a mesa de armar e talvez mais ainda as duas aquarelas ao lado da lareira devidas ao talento incipiente da Paulina. A mãe trazia qualquer trabalho e tomava parte nas conversas das filhas que se entretinham a apanhar morangos, a fazer ramalhetes ou a ajardinar a modesta leira de terra que tinha sido distribuída a cada uma das três mais velhas. Quando fatigadas da brincadeira, vinham sentar-se lado a lado no canapé de palha, abria-se então o cesto do famel e era outra explosão de risos e de gritos de alegria.

A simplicidade em se alegrarem com uma coisa de nada em família, sem necessidade de recorrer inutilmente aos falazes engodos com que a indústria dos passa-tempos procura enganar o incurável aborrecimento dos mundanos, não era já o resultado da verdadeira educação?

* * *

A chave do enigma estava em se amarem cristãmente. A *caridade era a alma do Lar*. Não há dúvida nenhuma, este Lar não dá matéria para as peripécias tempestuosas dum drama passionai. Esta clara limpidez de fonte será motivo de decepção para os cépticos, gulosos de romances eróticos. Fará encolher os ombros aos que já não acreditam no amor, de tanto que o viram profanado. São conhecidas as setas aceradas com que a piada gaulesa alvejou o casamento: "Não é um *duo* mas um *duelo*"; "Estudam-se três semanas; amam-se três meses; discutem três anos; suportam-se trinta anos... e os filhos recomeçam a mesma história". A colecção é abundante e as observações nem sempre são destituídas de realismo. Sinais de uma época decadente. As pessoas sérias que querem que a sua pátria viva, em vez de se rirem destas coisas sagradas irão receber lições ao lar da Rua de S. Brás.

Estes crentes a valer que começaram por se privar das relações conjugais lembram o frescor de temura que unia entre si a Rainha Margarida com o Rei Cavaleiro, Luis de Poissy. Entre os dois consortes havia um laço substancial, Jesus Cristo. As mãos deles não se estreitavam senão unidas às Suas. Sabiam que o sacramento do matrimónio é um sacramento de vivos de que eles mesmos eram os ministros, um sacramento permanente que lhes vivificaria com a sua graça todo o decurso da existência. A comunidade assim fundada encontra-se espiritualizada na sua essência. Assume uma modalidade quase sacerdotal. A santidade longe de esterilizar o

amor cria-o constantemente, produz uma obra-prima de compreensão mútua, de dedicação desinteressada, de dom total no esquecimento próprio. A vida em comum de ambos não era a exploração egoísta do matrimónio, coisa que lhes causava horror instintivo, nem uma evasão mística para fora do matrimónio, tentação subtil a que iam cedendo, mas sim uma ascensão colectiva no matrimónio e pelo matrimónio. E assim realizaram plenamente o plano do Criador.

O amor que estes cristãos dedicavam um ao outro não era subtilizado, sublimado, refinado, a ponto de parecer desincarnado. O seu amor aliava arroubos de noivos a todas as delicadezas da caridade, às sobrenaturais confidências da amizade. A esposa admirava o esposo. Depois de quatro anos de vida comum, escrevia ela referindo-se a ele: "Continuo a ser muito feliz com ele; torna-me a vida muito agradável. O meu marido é um santo e que todas as mulheres tenham um como ele são os votos que faço neste ano novo". (1) As suas ausências forçadas faziam-na sofrer e consolava-se pondo os negócios em ordem e contando-lhe por miúdo os assuntos domésticos. Ao pensar no regresso dele ficava tão contente que confessava nem poder trabalhar. Quando ele não a acompanhava até as viagens a Lisieux perdiam parte do seu encanto, como prova esta carta de 31 de Agosto de 1873, que reproduzimos por extenso como fiel testemunho da grande união de almas:

"Meu querido Luis,

Chegámos ontem às quatro e meia da tarde; o meu irmão que estava na estação à nossa espera, ficou radiante quando nos viu. Faz quanto pode assim como a mulher para nos arranjar distrações.

Hoje, Domingo, há uma bela recepção cá em casa, à noite, em nossa honra. Amanhã, Segunda-Feira, grande banquete em casa da Senhora Maudelonde e, possivelmente, um passeio de carro à casa de campo da Senhora Fournet. As pequenas andam encantadas; se o tempo estivesse bom seria para elas o cúmulo da felicidade.

Mas eu sou mais custosa de desarmar. Nada disto me interessa! Ando exactamente como os peixes que tu tiras para fora da água; já não estão no seu elemento, não lhes resta senão morrer! Creio que era o que me

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 1 de Janeiro de 1863.

aconteceria se a minha permanência aqui houvesse de se prolongar. Não me sinto à vontade, não estou nos meus hábitos, o que me influi no físico e me faz andar quase doente. Contudo faço por ser razoável e procuro dominar-me. Acompanho-te em espírito a toda a hora. Digo cá para comigo: "Neste momento está a fazer isto ou aquilo".

Quanto me tarda ver-me junto de ti, meu querido Luís! Amo-te de todo o meu coração e sinto que o meu affecto redobra com a privação da tua presença que tanto sinto; ser-me-ia impossível viver apartada de ti.

Esta manhã assisti a três missas; fui à das seis, fiz a acção de graças e rezei as minhas orações durante a das sete horas e voltei à missa cantada. O meu irmão não está descontente com os negócios que não vão mal.

Diz à Leônia e à Celina que lhes mando muitos beijos saudosos e que hei-de levar-lhes uma lembrança de Lisieux.

Hei-de ver se me é possível escrever-te amanhã mas não sei a que horas viremos de Tronville. Escrevo a toda a pressa porque estão à minha espera para ir fazer visitas. Regressamos na quarta-feira à tarde, às sete e meia. Como me parece distante!

Beijo-te com muito amor. As filhinhas recomendam-me que te diga que estão muito contentes por terem vindo a Lisieux e que te mandam muitos beijos".

J. Martin

Mais sóbrio, porque não gostava muito de escrever, o Senhor Martin dava mostras da mesma ternura. Citemos este bilhete seu de 8 de Outubro de 1863:

"Minha querida Amiga,

Só poderei chegar a Alençon na Segunda-Feira: o tempo parece-me bem comprido e tarda-me chegar ao pé de ti.

É inútil dizer-te que a tua carta me causou grande prazer, menos o ver que te cansas demais. Portanto recomendo-te muita calma e moderação, principalmente no

trabalho. Tenho algumas encomendas da Companhia Lionesa; mais uma vez te recomendo que não te aflijas tanto, que havemos de chegar a fazer uma boa casinha, se Deus quiser.

Esta manhã tive a felicidade de comungar em Nossa Senhora das Vitórias que é como um pequenino paraíso terrestre. E mandei acender uma vela por intenção de toda a família.

Enquanto não tenho a felicidade de estar junto de vós, beijo-vos a todos de todo o coração. Espero que a Maria e a Paulina tenham muito juízo.

Teu marido e verdadeiro amigo que te ama sempre".

Pauline Martin

Um amor destes não sabia o que eram inquietações e susceptibilidades. Não era desconfiado nem ciumento. Era uma força tranquila feita de confiança e de certeza. O marido deixava à mulher o ministério do interior, quer dizer, liberdade total no governo da casa e na direcção das coisas domésticas. O seu incontestável senso prático não era orientado para esse lado. Entregue a si próprio, indiferente ao conforto, nem se preocuparia consigo e viveria dum bocado de pão e de carnes frias. A esposa provia a tudo amorosamente. Nunca houve entre eles a menor nuvem, tão perfeita era a unidade de vistas. O Senhor Martin exercia a autoridade à maneira de um patriarca, cujo carácter só por si impunha respeito e submissão. Apenas num ponto — a repugnância em se separar dos seus — é que a mãe tinha de proceder com diplomacia para o levar a decisões que ela considerava sensatas: uma permanência, por exemplo, das pequenitas em casa do tio, um retiro fechado na Visitação de Mans. Uma psicologia penetrante dava-lhe tal intuição que o levava sem choques a concordar com as suas opiniões. Com certeza foi por ocasião de uma discussão deste género, um pouco mais acalorada que de costume, que a Paulinha, então de sete anos, fez esta observação ingénua à mãe: "Mãe, isto é que se chama um casal mal avindo?" Os felizes pais riram durante muito tempo por causa da pergunta: "Não temos remédio senão ter cuidado, meu bom Luís", exclamou a Senhora Martin contando-lhe a confidência.

As filhas por seu lado sentiam-se envolvidas numa tema e firme afeição acompanhada de verdadeiro respeito. A morte dos seus quatro anjinhos tinha firmado bem fundo, no coração dos pais, a convicção de que eram apenas os mandatários da autoridade de Deus e que só a Ele pertenciam os supremos direitos de autor. O seu amor purificado no cadinho do sofrimento, marcado com o sinal da cruz, tinha-se libertado de todo o interesse pessoal: não aspirava senão a servir.

O Senhor Martin que, segundo os costumes da época, tinha tratado sempre os pais na terceira pessoa, com todo o respeito, teria desejado, segundo conta a irmã Genoveva, ⁽¹⁾ que as filhas fizessem o mesmo para com os seus. Mas como a esposa tivesse objectado que com isso se julgaria menos querida, concordou de bom grado e habituaram-se ao tratamento por tu, o que em nada diminuiu a veneração de que ambos eram rodeados. No depoimento da Madre Inês de Jesus, no processo da Beatificação da sua angélica irmã, encontramos estas linhas pesadas maduramente: "Tive sempre a impressão de que os meus pais eram santos. Sentíamo-nos cheias de admiração e de respeito por eles. Quantas vezes pensei de mim para comigo se poderia haver na terra outros como eles. À minha volta não via ninguém assim". Era mais que piedade filial: era um verdadeiro culto. Desejosas de mostrar a mesma ternura ao pai e à mãe, a Maria e a Paulina quando eram pequenas, uniam ingenuamente os dois nomes nas suas orações. Rezavam assim: "Senhor, protegi o papá-mamã" ou invertendo a ordem: "Vinde em auxílio da mamã-papá". E assim estava perfeitamente salva a igualdade de tratamento.

Cada separação para entrar no colégio causava uma impressão cruel. Nunca puderam habituar-se a viver longe uns dos outros. Nas notas íntimas da Maria encontramos revelações a respeito do dia passado com os pais, logo a seguir ao da primeira comunhão, que nos esclarecem sobre este ponto:

"Eu que tanto sofria por estar separada do papá e da mamã, estive com eles. Parecia-me que estava no céu mas este céu foi muito curto, visto que nessa mesma tarde tinham que se ir embora. Por causa disso a minha felicidade estava longe de ser completa. Demos um passeio ao campo. Daí a pouco vi-me numa campina cheia de grandes malmequeres e de centáureas. Mas para as colher

(1) Celina tomara em religião o nome de irmã Genoveva da Santa Face, Paulina o de irmã Inês de Jesus.

seria necessário largar a mão do meu querido pai e preferi deixar-me ficar ao pé dele. Olhava para ele, olhava para a mamã... No meu coraçãozinho de nove anos havia abismos de ternura para com eles... Nem eu seria capaz de dizer até que ponto foi o meu sofrimento por estar separada dos meus pais; seria inútil tentar descrever esse martírio".

A vinda para férias dava ocasião a cenas delirantes. A Maria vivia esses momentos antecipadamente em todos os seus episódios. Ela imita para a irmã mais nova o toque da sineta a anunciar a chegada da mãe ao convento, o silvo da locomotiva, a partida do comboio, os pregões anunciando os nomes das estações, a chegada à estação de Alençon, os abraços, as efusões de ternura. Eram verdadeiros transportes de alegria. A Paulina confessou que uma vez em que certa pessoa amiga a reconduzia até junto da família, ao avistar a casa paterna sentiu que o coração lhe cessou de bater. Julgou que se lhe ia partir com a comoção e teve de parar um momento para não perder os sentidos.

Entre as pequenitas era a mesma afeição toda repassada de intimidade. As teimosias da Leônia provocavam tempestades por vezes, mas a intervenção do pai não tardava a recompor a atmosfera. Causavam-lhe horror as discussões e as brigas. "Sossego, filhas, sossego!" exclamava ele quando devido à excitação dos espíritos as vozes atingiam o cimo da escala; e dizia isto com tanta graça que os nervos acalmavam-se como por milagre. Por nada queriam causar-lhe desgosto.

Cristo era o rei do Lar. Não havia ainda entronização oficial. O Padre Mateo Crawley ainda não tinha pregado essa cruzada. Mas era já o espírito dela: Nazaré e Betânia revivendo naquela casa, onde o divino Coração firmava a união das almas, inspirava todos os actos. Deus não poderia preparar terreno mais propício para o desabrochar de uma santa. Foi por ter saboreado a doçura deste ambiente familiar que Teresa pôde cantar mais tarde:

*Oh! Como é doce relembrar os tempos
Da minha infância e juventude em flor!
Deus, da inocência com que mil carinhos
Me guardou sempre os cândidos arminhos,
Oh! Com que amor!*

CAPÍTULO VIII

O LAR ESCOLA DE EDUCAÇÃO

PRINCÍPIOS E MÉTODOS DE EDUCAÇÃO — FORMAÇÃO
DA MARIA E DA PAULINA — LEÓNIA OU AS CRUZES
DA EDUCAÇÃO — CELINA. UMA ALMA ABERTA

Nesta oficina familiar a formação da alma ia completar a formação do corpo. Dar a vida natural é o menos; o mais importante é desenvolver nos filhos a vida divina. Eis o objecto da educação, ciência suprema tantas vezes desconhecida, "arte das artes" que se esforça por esculpir a divina effigie, não em qualquer matéria plástica, mas em plena substância espiritual.

A correspondência da Senhora Martin revela, no mais alto grau, esta preocupação pedagógica. Nessa correspondência a criança não aparece como um brinquedo para servir de divertimento; nem como uma fera temível por ninguém a ter sabido domesticar. A criança é considerada como um depósito recebido das mãos do Criador: o serviço a prestar-lhe deve consistir em educá-la para altos ideais. A oração formulada por cada recém-nascido: "Senhor, os meus votos são que este Vos seja consagrado; levai-o para Vós antes que se perca", indica a altura do ideal visado.

O Senhor Martin e a esposa possuem a noção da autoridade, do seu fim e dos seus limites. Sabem que ela se desqualifica quando, a seu tempo, não exerce, e sabem que se desacredita quando dela se abusa; a dispersão dos objectivos torna-a a pouco e pouco inefficaz. Entendiam que, pelo poder do exemplo, podiam duplicar-lhe o valor. A criança é um ser intuitivo e terrivelmente lógico. Não sofre totalmente o ascendente dos pais se não puder admirá-los demoradamente, e reconhecer neles como que o génio do bem. Se o papá se atrevia — no sentido mais anódino do termo — a "amimar" um pouco as filhas, a fazer todas as vontades à Maria, "a sua bem querida Maria", a realizar os menores desejos da Teresinha, sem que as efusões de ternura algum dia alterassem a obediência ou o respeito que lhe era devido, era por causa da santidade da sua vida e da nobreza do seu carácter que

o rodeavam dum soberano prestígio. Prestava-se de boamente às vontades da sua "Rainha" mas diz-nos esta que um olhar, uma palavra do seu "Rei" eram para ela um imperativo indiscutível. A Celina declarava a este respeito: "Nunca em minha casa se ouviu uma de nós dizer aos pais uma única palavra menos respeitosa ou mesmo de demasiada familiaridade. Nunca discutíamos uma ordem recebida, a não ser a Leônia nos seus momentos de mau-humor. Nem pensar nisso; obedecíamos por amor".

Aqui estava o segredo dessa educação em que a uma delicadeza tão sensível se aliava uma tão admirável firmeza. A verdade era que o Senhor Martin sabia zangar-se quando se tratava, por acaso, de acalmar nervosismos despropositados; notava admiravelmente na filha mais velha as manifestações subitís da vaidade feminina e chamava à ordem a criada quando esta corria o perigo de dar mimo demais à Celinazinha gabando-a muito ou satisfazendo-lhe os caprichos. Nem avôzinho babado, nem pai ferrabrás, mas sim o pai, na sua augusta majestade sem recear rebaixar-se praticando, oportunamente, "a arte de ser avô".

A mãe secundava-o com a sua solicitude vigilante. Nesse lar modelo a frente única formada pelos pais nunca se dividia. Ambos procuravam estabelecer na própria casa — e no seu prolongamento natural, o Instituto de ensino cuidadosamente escolhido pelo seu carácter religioso — ambiente, costumes e clima que levassem espontaneamente à prática da virtude. E assim preveniam o mal, que é ainda a melhor maneira de o curar. As pessoas suspeitas eram mantidas rigorosamente à distância. Sem se mostrar niquenta nem desconfiada, pelo simples facto da sua presença, de ver tudo, de tomar parte nas brincadeiras e trabalhos das filhas, a Senhora Martin afastava delas todo o perigo. A irmã Genoveva refere dois casos que demonstram até que ponto ela levava a delicadeza neste capítulo. Pouco depois de nascer a Teresinha, as pequenitas lembraram-se de brincar aos baptizados. A Luisa para aumentar o interesse, lembrou-se de vestir de rapaz a Celina, que tinha então quatro anos, e havia de servir de padrinho na improvisada cerimónia. Isto parecia hoje coisa bem inocente. Mas estava-se em 1873. A moda ainda não decidira matar a modéstia. A mãe que não suportava caracterizações nem disfarces e queria em tudo a mais perfeita decência, exigindo que os vestidos das filhas descessem sempre abaixo dos joelhos, mostrou-se muito descontente com esta exibição masculina. Pôs-lhe termo imediatamente e repreendeu a valer a criada.

Por instinto adivinhava e desmascarava, sem dó nem piedade, tudo o que podia prejudicar a inocência e a pureza do coração. Tendo recebido em casa para brincar com as filhas, uma adoles-

cente alguns anos mais velha que elas, viu-a um dia chamar para o jardim uma das pequenitas, e falar com ela com modos misteriosos. Adivinhando, pelas atitudes suspeitas e pelos gestos censuráveis alguma intenção perversa, pregou-lhe uma grande repreensão e mandou-a embora sem mais contemplanções. Depois, com infinito cuidado, interrogou a filha, explicou-lhe o motivo daquela severidade e pô-la em guarda contra qualquer influência pernicioso. Passado tempo, sentando-a nos joelhos, preparou-a para fazer bem o exame de consciência antes da confissão. Quanto à culpada, sentiu-se tão abalada com a lição, que repudiou absolutamente as suas tendências viciosas e mais tarde fez-se religiosa.

A alma desta educação era a confiança. Pelo que sofrera na sua juventude com o regime de repressão, glacial e seco, que a mãe lhe aplicou, a Senhora Martin decidiu poupar as filhas, a todo o custo a uma tal provação. Queria-as expansivas, abertas, comunicativas. O mutismo em que a Leônia se encerrava em certas ocasiões, desconcertava-a e perturbava-a. Bem sabia ela, a que tentações está sujeita a alma herméticamente fechada, bem sabia ela o perigo da reconcentração. As suas cartas mostram-nos que se applicava com uma admirável lucidez a conhecer o seu rebanho, para aplicar a cada alma o tratamento próprio.

Era a força de amor que ela provocava a confidência ou a confissão. Para com as filhas mais velhas, esta mamã porta-se como a primeira das amigas. Para as mais novas era a temura incarnada. Nada tão encantador como o quadro das carícias da sua Celina.

"Não calcula como ela é meiga! Nunca tive outra tão amiga de andar sempre agarrada a mim. Por mais vivo desejo que sinto de fazer uma coisa, se lhe disser que me causa desgosto, pára no mesmo instante. Quando a visto para sair fica toda contente. O que mais a encanta é o lindo chapéu branco. Mas se no momento em que vai a sair, eu lhe disser com modo triste: "Vais-te embora e deixas-me?" larga logo a criada, vem ter comigo, e beija-me com toda a força. "Não, não deixar a mamã, vai-te embora..." diz ela à criada. Depois, quando eu lhe digo, com modo alegre, que vá passear, fita-me nos olhos, para ver se é certo eu já não ter pena e põe-se a saltar de contente". (1)

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 5 de Maio de 1871.

Apesar de ser sempre muito carinhosa, a Senhora Martin nunca era fraca: não suportava as birras nem os caprichos pueris.

"Não te aflijas com a vivacidade da tua Joaninha, escrevia ela ao irmão, nem por isso deixará de ser uma criança excelente e há-de dar-te mais tarde muitas consoações. Lembro-me de que a Paulina, até à idade de dois anos, era a mesma coisa e eu desconsolava-me muito. Pois agora é a melhor de todas. Devo dizer-te que não a amimei e que, desde muito pequenina, não lhe passava por nada; sem a martirizar, obrigava-a a submeter-se". (1)

O inimigo n.º 1, torpedeador de toda a formação e ladrão subtil dos dons divinos é o amor próprio. Falando da inteligência brilhante de uma das sobrinhas, acrescentava esta observação em que se insinua um conselho: "O único inconveniente que acho nisso é o orgulho que poderia advir-lhe. As crianças, que são os ídolos de toda a gente, têm mais necessidade de combater esse defeito, se os pais o não reprimem a tempo". (2)

O regime familiar incluía um mínimo de austeridade. A linguagem devia ser cuidada. As palavras grosseiras eram severamente proibidas, as boas maneiras consideradas como o revestimento da inocência, a polidez como a irradiação da caridade. O pai, pontual como um militar, insistia na regularidade. A mãe vigiava pela limpeza e pela ordem. A mesa tinham de se portar bem, e era proibido fazer caretas aos pratos menos apreciados. "Quem não come sopa, não tem sobremesa", exclamava o pai para pôr termo a qualquer objecção. Tinham de comer muito pão para não serem acusadas de lambareiras. Na quaresma, as ementas sofriam muitas restrições. Em resumo, a própria organização da vida comum incitava à energia e sugeria o espírito de mortificação.

A mãe possuía o dom de estimular a generosidade. A sua tática consistia em explorar os incidentes quotidianos para ensinar as filhas a vencerem-se. Nem as teorias nem os grandes motivos abstractos têm acção sobre imaginações essencialmente concretas:

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 3 de Fevereiro de 1869.

(2) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 8 de Fevereiro de 1870.

Vastos horizontes, amplos panoramas
Sejam para os homens de turgidas famas,
Que a tenra criança
Numa borboleta
Ou numa violeta
A vista descansa;
E ao mais belo lugar do mundo inteiro,
Prefere um simples, rústico carreiro. (1)

Para formar as filhas utilizava os meios singelos dos deveres de estado, propondo para lhes estimular a fidelidade, motivos essencialmente sobrenaturais: um pecador a converter, Jesus a consolar, o Céu a ganhar.

Era a isso que viriam a chamar à sua imitação, pois que a frase caiu muito bem na família, "enfeitar a própria coroa com pérolas". As contas de "actos" de virtude de que fala a *História duma Alma* tiveram origem nesta inspiração. Além de alcançar o paraíso para o avô Guérin, falecido recentemente, Maria acompanhada pela mãe, sujeitou-se à torquês do dentista, com uma valentia que não era para os seus nove anos; e chegou até a lamentar que adiassem a extracção dos dentes cariados: "Que pena! era a maneira do bom avôzinho estar menos tempo no Purgatório!" Quando a Teresinha catequista por seu alvedrio, começou a iniciar no caminho do bem, duas pequenitas, a mais velha das quais não chegava a ter seis anos, "em lugar de lhes prometer brinquedos e bombons" falava-lhes "das recompensas eternas que o Menino Jesus havia de dar às crianças boazinhas" no que não fazia mais do que repetir as lições aprendidas outrora no regaço materno.

Com as cartas da Senhora Martin, poderia compor-se um código completo sobre educação. As filhas deram disso testemunho no Processo de Beatificação.

"Nós não éramos amimadas. A nossa mãe vigiava com o maior cuidado a alma das filhas e nem a mais leve falta ficava sem reprimenda. Era uma educação boa e afectuosa, mas atenta e esmerada". Elogios destes parece que evocam a sombra de Isabel Romée no valezinho de Donrémy e pode bem aplicar-se à humilde flor do Carmelo o que Michelet dizia de Joana, a Santa Iorena: "Ela soube tudo quanto sabia sua mãe a respeito das coisas

(1) Jean Aicard.

santas. Aprendeu com ela a religião não como uma lição, uma cerimônia, mas à maneira popular e ingênua, como uma linda história que se conta ao serão, como a fé simples de uma mãe. O que se recebe assim com o sangue e o leite é alguma coisa viva e a própria vida".

* * *

Maria e Paulina foram as primeiras a aproveitar desta impregnação materna, desta transfusão de alma. Os seus caracteres ofereciam apreciáveis contrastes: a mais velha, independente, ciosa da sua liberdade, mas duma sensibilidade requintada, inimiga de todas as complicações, franca e recta, com saídas originais e por vezes com manifestações de timidez que a faziam passar por selvagem e enigmática; a mais nova, dotada duma vivacidade que necessitava de ser refreada, mas simpática e travessa como a mãe, apresentando como ela, aquele conjunto harmonioso de qualidades sólidas e brilhantes próprias para o exercício do mando: ambas ornadas de dons de inteligência e de coração, e unidas por uma amizade que as tornava inseparáveis.

Desde crianças foram postas no noviciado da renúncia. A Maria gostava de evocar o seu primeiro acto de virtude, uma tacinha maravilhosa, feita de casca de laranja, de que se privara em favor da irmã, "para ter mais uma pérola na sua coroa". "Mãe, exclamara imediatamente, por causa disto irei para o Céu?". O amor a Nosso Senhor e as afeições familiares absorviam-na por completo. Não se dignava cumprimentar as pessoas que encontrava, por não querer atrair as atenções à custa de reverências. Como a mãe a repreendesse, retorquia despachada: "Bem me importa a mim que não sejam meus amigos: contanto que tu gostes de mim, é quanto basta".

A Senhora Martin, como um pintor que esboça uma miniatura a leves pinceladas, traçou, por várias vezes, o retrato das filhas. "A minha filha mais velha está a ficar muito sensata: vê-se que faz esforços para se corrigir dos seus pequenos defeitos; e então é tão afectuosa! Quando vê que me desgosta, desfaz-se em lágrimas. A Paulina é muito gentil, e atrai todos os corações, mas é duma exuberância única!" (1)

Registemos esta recordação da sua rápida passagem pela escola das Irmãs, em Alençon, que a Maria nos fornece: "Havia na minha classe alunas dissipadas e mal educadas;... e pior ainda!!!

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, Outubro de 1869.

A professora não dava por coisa alguma. Como eu não queria esconder nada à mamã, dizia-lhe tudo o que tinha visto e ouvido". A Senhora Martin radiante por ver o horror que a menor indecência provocava na sua filhinha aproveitava o facto para lhe formar a consciência e para a animar a uma franqueza absoluta com o seu confessor.

"Contava-me, acrescenta o depoimento, esta história que me fazia pôr os cabelos em pé: Havia uma menina que não se atrevia a dizer os seus pecados e quando ia à confissão o Padre via a cabeça duma grande cobra a sair-lhe da boca. Mas logo a seguir desaparecia. Até que ela, um dia, teve coragem de confessar os pecados; então a cobra grande saiu de todo e atrás dela uma grande quantidade de cobras pequenitas, porque quando se deita fora o mais grave, o resto sai também, como que por encanto". Eu fixara bem isto e por nada deste mundo seria capaz de esconder um pecado".



Pátio de entrada da Visitação de Mans

Em Outubro de 1868 Maria e Paulina entraram no Colégio da Visitação de Mans. Então é que foram cenas de lágrimas. "Não pode imaginar quanto me custa separá-las de mim, confessava a Senhora Martin, mas é preciso saber fazer um sacrifício pela felicidade delas". Como num eco, Maria conta-nos que a separação foi para ela um tormento: "Ah! se não fosse por não querer dar desgosto a minha tia, não era capaz de me ter deixado estar sete anos por detrás das grades". Mas nem por isso, as nossas colegas deixavam de trabalhar a valer, como a mãe verificava com certo orgulho: "A Maria é uma aluna excelente; Paulina aprende quanto quer e é muito aplicada. De todas

as da sua idade é a que anda mais adiantada... Um dia a Maria falou-lhe durante o estudo e ela disse-lhe: "Não percamos o nosso tempo porque representa dinheiro do papá e da mamã". São duas crianças que nos honram". (1)

Isto não quer dizer que não houvesse sombras no quadro. As saídas da mais velha, a vivacidade da mais nova, atraíam-lhes as censuras da "Santinha", cuja influência havia de marcar profundamente as duas almas. Em Mans como em Alençon, era de regra a lealdade. A Maria acusava-se ingenuamente, nas cartas, da menor infracção. Se lhe davam em recompensa alguma fita murmurando-lhe ao ouvido — "por favor..." recusava-se a usá-la. "Não quero enfeitar-me, explicava, com aquilo que não mereci de facto".

Os pais colaboravam com o colégio; não eram dos que se imaginam livres das responsabilidades da educação dos filhos por os terem confiado ao colégio. Não. Viam o cartão das notas, aplaudiam os êxitos, recordavam-lhes como se estivessem em casa, as comunhões das festas solenes e as circunstâncias litúrgicas, sugeriam intenções às suas orações, e, acima de tudo, participavam às ausentes todos os acontecimentos da casa, a fim de conservarem o espírito de família e não se sentirem exiladas.

As cartas da mãe tinham tal encanto que as mestras passavam-nas de mão em mão.

Quando a mais velha, regressando a Mans, depois da febre tifoide, se ligou por estreita amizade com uma aluna nobre de nascimento, a ponto de perder a liberdade de coração e de começar a sentir-se ambiciosa de glória e riqueza, os pais orientaram-na com o mesmo tacto. O Senhor Martin não se iludira com o sentido de tal evolução. Um dia em que passeava com ela numa propriedade modesta a que chamavam a *Roulée*, viu que a filha se afadigava a arranjar um ramalhete de flores ao mesmo tempo que dizia com um ar misterioso: "Vou levar estas flores para a Visitação, como recordação da *Roulée*". — "Muito bem, respondeu ele com finura, e depois fazes-te importante com as tuas amigas, mostrando-lhes as flores da tua propriedade". Maria sentiu que era adivinhada. Cheia de vergonha atirou o ramo para o meio da erva... e falaram de outra coisa.

O melhor derivativo dos sonhos de grandeza é a permanente sujeição aos deveres de estado. Logo que a Maria saiu do colégio, aos quinze anos e meio, a mãe associou-a ao governo da casa. Preocupada com o pressentimento do fim próximo, exercitava com

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de 3 de Janeiro de 1872.

entusiasmo aquela que viria a herdar a pesada sucessão. A este respeito contava a rapariga: "A tarde trabalhava com a mamã. Quando ela via que eu falava sem mexer as mãos, dizia-me que era necessário falar e trabalhar ao mesmo tempo".

Sob um impulso assim, a Maria desenvolveu-se admiravelmente e depressa se libertou da crise sentimental que por um pouco lhe alterava a sua bela simplicidade. Foi sempre a alma espontânea que a Teresinha, sua afilhada, definiu um dia num retrato em verso:

*Vi-a outrora na sua independência
A Deus buscar em plena liberdade.*

O conformismo causava-lhe horror. Repelia do mesmo modo a tirania da moda, as exigências da etiqueta e certas formas tradicionais de piedade. Revoltava-se contra a perspectiva da vocação religiosa e negava-se a rezar a oração a "S. José, pai e protector das Virgens", porque a considerava reservada às que aspiram ao véu ou à touca de freira. O casamento também a não atraía. O que ela desejava era a sua autonomia: "Eu cá de mim sou livre".

Suavemente, a mãe amparava-a, limava-a e chamava-a à realidade:

"Pois não vai a Maria lembrar-se de querer ir morar para uma bela casa na rua da Meia-Lua, em frente das Clarissas? Não falou de outra coisa ontem durante o serão: dir-se-ia que é ali o Céu! Infelizmente não é possível realizar-lhe esses desejos: teremos de continuar onde estamos; não digo por toda a vida dela; mas eu pelo menos só sairei daqui por minha morte. Mas a tua irmã, apesar de tão pouco mundana, nunca se encontra bem senão onde não está; ambiciona mais, desejaria belos aposentos, vastos e bem mobilados. Quando tiver outra coisa, talvez que o vácuo se faça sentir ainda mais". (1)

Estas linhas, destinadas a arraigar as convicções da Paulina, desvendam-nos a tática usada pela Senhora Martin para com as filhas. Não lhes impunha silêncio, não lhes abafava as objecções, deixava-as falar, gostava que abrissem completamente o coração e depois, insensivelmente, rectificava os seus juízos precipitados ou errôneos, apelando para o seu espírito de fé.

(1) Carta da Senhora Martin a Paulina, de 16 de Janeiro de 1876.

A filha não iria a serões de festa em casas muito ricas: "Isso cria desejos e aspirações doentias". Mas em compensação consentia que tomasse parte em recepções mais modestas, que não poderiam transformar-lhe a cabeça. Se alguém se escandalizava, mesmo que fosse a tia Visitandina, paciência! "Terei então de a fechar numa clausura? No mundo não podemos viver como bichos do mato. No que nos diz aquela "Santinha", há coisas aproveitáveis e outras de que não se faz caso. E o que é certo é que não me desagrada nada que a Maria tenha algumas distrações, a ver se isso a torna um pouco menos selvagem do que é". (1)

O que a preocupou durante algum tempo foi o facto de ver que a filha se mantinha sistematicamente rebelde às manifestações ostensivas de fervor sobrenatural. Invocou os conselhos de Sôror Maria Dositeia, cujos "sermões de santidade" como lhes chamava a sobrinha se revelavam absolutamente ineficazes. A Maria, sendo, no fundo, piedosa — assistia diariamente à Missa — sentia repugnância em se exhibir, o que a induzia a mostrar-se original. A mãe não perdia a coragem. Em 1876 mandou-a fazer um retiro fechado com as antigas alunas da Visitação. Em 1877 renovou a experiência, apesar das hesitações do pai que não gostava de separações nem de viagens dispendiosas: "O dinheiro não vale nada à vista da santificação e do aperfeiçoamento duma alma. O ano passado a Maria voltou completamente modificada e os frutos ainda persistem, mas é tempo de a fazer renovar a provisão". O resultado, desta vez, foi definitivo. Pelas confidências da filha a mãe pôde adivinhar o que seria o futuro dela. "Estou muito contente com a Maria. As coisas deste mundo não impressionam tanto o seu coração como as espirituais. Está a ficar muito piedosa. Tenho a impressão de que virá a ser freira. O que eu queria é que ela fosse uma santa".

A respeito da que vinha a seguir, que era a sua preferida, aquela a quem o Senhor Martin tratava em família por "o Paulinho", era principalmente por correspondência que sofria a acção da mãe. Essas cartas são as mais ternas, as mais espontâneas e também as mais copiosas porque a filha reclamava as suas quatro páginas bem cheias a não ser na quaresma. Nelas a temura transborda em fórmulas encantadoras: "Nem te posso dizer a felicidade que me causou a tua última carta. Vi os esforços que tens feito para nos dar gosto a todos, apesar do teu carácter

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 12 de Novembro de 1876.

arrebatado. Sinto-me profundamente reconhecida e amo-te a tal ponto que é impossível satisfazer o meu amor". (1)

A mãe conhecia as felizes disposições da filha, a sua facilidade para o estudo, e por isso não feria essa nota. Receava a miragem da vaidade, desordenada complacência nos êxitos escolares. A piedade serviria de antídoto. Era a sua única preocupação. Falava dela no tom duma amiga que expandisse, na intimidade, os seus próprios sentimentos. Evocando aquela festa da Imaculada Conceição, em que pedira a Nossa Senhora a graça dum segundo nascimento, escrevia à filha:

"Não me esqueci do dia 8 de Dezembro de 1860, mas não posso pensar nele sem me rir, porque eu estava absolutamente como uma criança que pede uma boneca à mãe, e fazia como ela. Queria ter uma Paulina como a que tenho e punha os pontos nos *i i* com medo de que Nossa Senhora não compreendesse bem o que eu desejava. Era preciso, já se vê, que ela tivesse em primeiro lugar, uma alma nobre e bela, capaz de vir a ser uma santa, mas queria que fosse, também, muito linda. Quanto a isto, muito linda não é; mas para mim é bela, e muito bela, exactamente como eu a queria! Este ano hei-de ir ter com Nossa Senhora logo de manhã; quero ser a primeira a chegar. Dar-lhe-ei a minha vela na forma dos demais anos, mas não lhe pedirei mais meninas pequeninas; só lhe hei-de pedir que faça santas todas as que me deu e que eu não lhes fique muito atrás; mas é necessário que elas sejam muito melhores do que eu". (2)

Haverá algo mais encantador e mais poderosamente formativo do que estas confidências de mãe?

* * *

A missão de educador tem as suas cruzes. Depara, por vezes, com naturezas rebeldes, tão refractárias aos processos autoritários como insensíveis aos argumentos da persuasão. Leônia Martin era deste género. Uma certa debilidade intelectual, deficiências físicas motivadas por uma série ininterrupta de doenças tinham-lhe atra-

(1) Carta da Senhora Martin a Paulina, de 7 de Novembro de 1875.
(2) Carta da Senhora Martin a Paulina, de 5 de Dezembro de 1875.

sado o crescimento. E além de tudo isto um complexo de inferioridade contribuiria para a tornar refractária à correção e quase incompreensível. Quantas vezes a mãe manifestou a sua pena: "Esta pobre criança causa-me inquietação, porque tem um carácter indisciplinado e uma inteligência pouco desenvolvida". "Não consigo analisar este carácter; nem os mais agudos conseguiriam entendê-la; contudo espero que a boa semente há-de sair da terra um dia. Se chego a ver isto, cantarei o meu *Nunc Dimittis*". (1)

Para domar a pequenita contava ela com os talentos pedagógicos e com as virtudes da irmã de Mans. Uma primeira tentativa de internamento na Visitação, falhou lastimosamente. A criança era caprichosa demais para suportar um regulamento, excitável demais para se adaptar à vida comum e atrasada demais para seguir o curso normal dos estudos. Contudo a religiosa não se mostrava pessimista: sob a casca rugosa e grosseira adivinhara ela os germens de sólidas qualidades. A este respeito escrevia:

"É uma criança difícil de educar e cuja infância não dará nenhuma satisfação, mas creio que mais tarde há-de valer tanto como as irmãs. Tem um coração de ouro, a inteligência por desenvolver, e está atrasada para a idade. Contudo não lhe faltam qualidades e noto nela espírito judicioso; e além disso, um carácter admirável... Enfim, é uma natureza forte e generosa, absolutamente a meu gosto. Mas se não fosse a graça de Deus que acontecerá?"

A mãe acolheu a profecia com prazer; mas entremetidas, aquela a quem a tia chamava "a Predestinada" e que a certas horas, sonhava em ir fazer-lhe companhia no claustro, aparecia-lhe antes como um molho de espinhos. A morte da Helena, privara a Leônia da gentil companhia que poderia ter-lhe provocado a expansão. As lições particulares não davam resultado. Repreensões ou carícias não exerciam efeito durável naquele temperamento extravagante. Os momentos bons eram raros e os arrependimentos de pouca dura.

Em Janeiro de 1874, a fim de preparar a criança para a primeira comunhão, tentaram nova experiência na Visitação. Os princípios foram animadores. Sôror Maria Dositeia tomou a Leônia sob a sua tutela moral. Verificando ao cabo de poucos dias que as repreensões não faziam moza naquela alma irrequieta,

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão, de Julho de 1872.

mudou de tática e começou com o belo processo do carinho e da plena confiança. O efeito foi mágico. Durante algumas semanas chegou a acreditar que tinha ganho a partida; mas tudo depressa se transtomou. O seu natural distraído e turbulento, irrompeu de novo e a Leônia voltaria ao que ela mais tarde denominaria "a sua infância detestável". Logo no mês de Abril, foi necessário prevenir a pobre mãe para que viesse buscar a criança. Não tentou obter um novo prazo de experiência, pois achava que, "quando as crianças são difíceis é aos pais que compete aturá-las". Mas nem por isso foi menos cruel a decepção.

"Como pode calcular, isto contrariou-me a valer, escrevia ela à Senhora Guérin. Para dizer tudo, isto causou-me um desgosto profundo, que ainda persiste. Era só na minha irmã que eu confiava para modificar esta filha e estava persuadida que me deixariam lá ficar, mas, apesar de toda a boa vontade, não era possível, porque tinham de a separar das demais crianças. Logo que se encontra no meio de outras ninguém tem mão nela, e é duma turbulência sem igual. Enfim, já não conto senão com um milagre para modificar esta natureza. É certo que eu não mereço milagres, mas ainda assim espero contra toda a esperança. Quanto mais difícil a vejo, mais me convenço de que Nosso Senhor não há-de permitir que ela fique assim. Hei-de rezar tanto que Ele há-de deixar-se vencer. Aos dezóito meses curou-se duma doença que devia ser mortal; para que é que Nosso Senhor havia de a salvar da morte se não tivesse vistas de misericórdia a respeito dela?" (1)

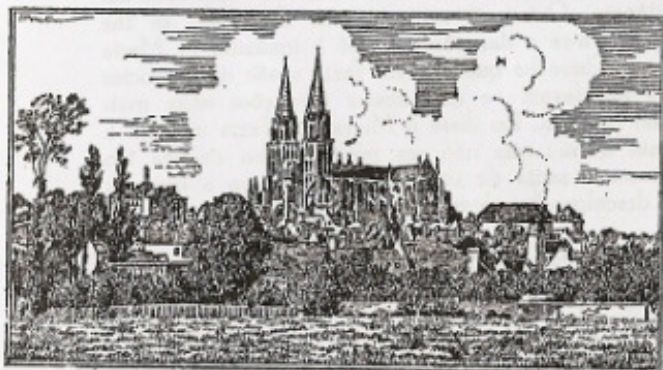
A filha rebelde tomou-se ao mesmo tempo — as mães é que podem compreender facilmente este paradoxo — o seu grande tormento, o seu pensamento constante e a sua maior ternura. Foi ela, que a preparou para a primeira comunhão, que a ajudou a estudar o catecismo, que a animou aos primeiros sacrificios, e que, para preparar a cerimónia, a levou em peregrinação ao santuário da Imaculada Conceição, em Séz. O esforço foi incontestável, a alegria do lindo dia foi sem nuvens.

Aquela natureza instável, nem mesmo assim se corrigiu. O espírito de contradição parecia inato nela. Por vezes dava a impressão de se fechar, de se aferrolhar nos amuos. Abstinha-se

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 1 de Junho de 1874.

dos recreios familiares que se seguiam às refeições, para ficar na cozinha com a Luisa que exercia sobre ela uma estranha fascinação. Apesar do tudo, tinha impulsos de submissão para com a mãe, actos de renúncia inesperados, como, por exemplo, o de corta viagem a Lisieux que repelia obstinadamente com receio de que a Celina ficasse privada de ir, como veio a saber-se muito depois.

A respeito da Leônia, parecia pairar um mistério que só mais tarde se esclareceu. Ela constituia para as pais um enigma permanente. A mãe não perdia a coragem. Registava os mínimos indícios de melhoras, confiava a pequenita à dedicação da Maria



São, vista panorâmica

que saíra recentemente do colégio e havia adquirido uma influência salutar sobre ela.

Apelava para o seu coração e apontava com esperança os êxitos que ela alcançava, por mais precários que fossem. Alguns extractos da sua correspondência mostram-nos, em fases diferentes, a arte da educadora a braços com aquela tarefa ingrata.

"Não estou nada descontente com a minha Leônia, observava ela; se chegássemos a triunfar daquela teimosia, a moldar-lhe um pouco o carácter, fariamos dela uma boa menina, dedicada, sem medo aos sacrifícios. Tem uma vontade de ferro; quando quer alguma coisa triunfa de todos os obstáculos, para alcançar os seus fins. Mas não é nada piedosa; só reza a Nosso Senhor quando não tem outro remédio. Esta tarde chamei-a para junto de mim, e obriguei-a a ler algumas orações, mas não tardou

que se enfastiasse e disse-me: "Mãe, conte-me a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo". Eu não estava resolvida a contar porque me canso muito e dói-me sempre a garganta. Afinal fiz um esforço e contei-lhe a vida de Nosso Senhor. Quando cheguei à Paixão, começou a chorar..."

"Veio agora a Leônia trazer-me o terço e perguntou-me: "Gostas de mim, mãe? Eu não torno a desobedecer-te". As vezes tem bons impulsos e boas resoluções, mas não é coisa que dure muito..."

"Ontem teve um dia destestável; ao meio dia disse-lhe que fizesse sacrifícios para vencer o seu mau humor e que, a cada vitória alcançada meteria uma avelã numa gaveta que lhe indiquei, para as contarmos à noite. Ela ficou toda contente, mas como não havia avelãs, mandei-lhe trazer uma rolha que parti em sete rodinhas.

A tarde perguntei-lhe quantos "actos" fizera. Nada, tinha corrido tudo o pior possível. Eu não fiquei contente e dirigi-lhe censuras severas, dizendo-lhe que valia lá agora a pena, nessas condições, pedir para ser religiosa. Começou a chorar banhando-me o rosto com lágrimas de sincero arrependimento e hoje já estão rodinhas de cortiça na gaveta".

Nesta tarefa sempre a recomençar, a Senhora Martin era animada por um pensamento. A filha de tantas lágrimas e tantas angústias não podia perder-se! E demais a mais não o afirmara a Irmã Maria Dositeia, cujas intuições sobrenaturais raíavam pela profecia: "Não posso deixar de acreditar que esta criança há-de vir a ser Visitandina mais tarde?"

* * *

A educação da Celina, essa foi mais fácil e consoladora. Foi logo no berço que a Senhora Martin a encetou. Ainda a pequenita contava só dois anos e já a mãe se afligia com as suas perrices e o seu ar caprichoso. "Amimaram-na demais". As constantes indisposições da criança não eram estranhas a isso, nem as familiaridades da criada, de quem era a preferida. "Palra como um papagaio, é encantadora e engraçada. Aprende tudo o que quer". Em quinze dias aprendeu todo o alfabeto. Se as irmãs repetiam várias vezes a mesma canção, logo ela reproduzia sem errar a melodia e as palavras. A artista tem de pegar no cinzel e

a golpes bem calculados, imprimir a Deus numa alma. Vejamos um desses golpes lindamente descrito:

"A Celina aprende muito bem a ler mas está má como um diabinho! É preciso ver que tem só quatro anos e que, graças a Deus, sou capaz de a dobrar... Ontem à noite disse-me: 'Eu cá não gosto dos pobres!' Respondi-lhe que o Jesus não estava contente e que também não gostava dela.

Ela continuou: 'Eu gosto muito de Jesus, mas não hei-de gostar nunca dos pobres, nunca na minha vida, porque não quero gostar deles, pronto! Que é que Jesus tem com isso? Ele é que manda, mas eu cá também mando'.

"Nem podes imaginar como ela estava exaltada; não houve meio de a convencer. É que havia uma explicação daquele ódio aos pobres. Há dias estava ela à entrada da porta com uma amiguinha, quando passou uma pequenita pobre que olhou para elas com um modo trocista e atrevido. A Celina não gostou daquilo e disse à pequenita: 'Vai-te embora, anda'. A outra furiosa, antes de se ir embora deu-lhe uma bofetada tão bem puxada, que uma hora depois ainda tinha a cara vermelha. Eu tinha-a animado a perdoar à pobrezita, mas ela não esqueceu o incidente e ontem declarou-me: 'Mamã, tu queres que eu goste dos pobres que me veem dar bofetadas, que até fica a minha cara inchada? Não hei-de gostar deles, não!' Mas a noite é boa conselheira; as primeiras palavras que ela me disse esta manhã foram para me anunciar 'que tinha um belo raminho para dar a Nossa Senhora e ao Jesus'; e depois acrescentou: 'Agora já gosto muito dos pobres!' (1)

Foi a própria Senhora Martin que se encarregou da instrução da Celina. Achava-a tão fraquinha, tão febril! Receava mandá-la para a escola e vê-la enfraquecer como a irmã dela, a Helena. Foi no regaço da mãe que a Celina se iniciou nos rudimentos do saber. Mas nem por isso se pode dizer que se tratasse duma formação mole, sem regra nem método. Os sacrifícios iam assinalando o caminho e galvanizando a vontade.

Quando a Maria saiu do colégio, foi encarregada de tratar da

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 9 de Julho de 1873.

irmãzinha. Consagrou-se-lhe totalmente. "Vinte alunas que eu tivesse não me teriam dado mais que fazer, declarava ela". Tinha trazido de Mans um rosário de contas móveis de que se serviam no colégio para contar os actos de virtude. A Celina entusiasmou-se com as continhas: nos dias bons chegou a contar vinte e sete vitórias. A mãe com tacto e medida ia orientando a filha mais velha na sua difícil missão. Moderava-lhe prudentemente as exigências para, com a pequenina discípula.

"A Celinazinha é muito engraçadinha e marca muitos 'actos' para alcançar a cura da tia mas às vezes falta-lhe a constância. Ontem à noite apesar de muito se lhe pedir recusava-se a dar não sei quê à irmãzinha. A Maria zangou-se e disse-lhe que ela não fazia senão os sacrifícios que lhe agradavam; e que nessas condições valia mais não fazer nenhum. Eu disse à Maria que fazia mal em a desanimar assim; que não era possível uma criança tão nova tornar-se santa de um dia para o outro e que era preciso desculpar-lhe alguma coisinha". (1)

Os resultados obtidos mostravam-se animadores sob todos os aspectos. A Senhora Martin referia-se a eles muitas vezes. "Estou muito contente com a Celina; é uma criança excelente que reza a Nosso Senhor como um anjinho, aprende bem e é muito dócil com a Maria; com a graça de Deus há-de-se fazer dela alguma coisa". É muito inclinada à virtude que é o sentimento íntimo de todo o seu ser; tem uma alma cândida e sente horror instintivo 'pelo mal'. "É uma natureza de eleição. Já procura muito a sério (a Celina tinha então sete anos) saber como há-de preparar-se para fazer bem a primeira comunhão".

Branca de Castela inclinada sobre a alma de Luís IX não revelava mais lucidez em vigiar nem mais ternura em animar nem mais virilidade em amparar esta ascensão para o alto, em que consiste a educação.

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 8 de Novembro de 1876.

CAPÍTULO IX

A PRIMEIRA FORMAÇÃO DE UMA SANTA

O TESTEMUNHO DA MÃE—A FISIONOMIA MORAL DE TERESA
A EDUCAÇÃO DA GENEROSIDADE—A PRECOCE VIRTUDE
DE TERESA—LEGÍTIMO ORGULHO DOS PAIS

Assim como um artista depois de muitas tentativas e trabalhos preparatórios, faz brotar da pedra a criação que há-de revelar o seu génio, assim o Senhor Martin e a esposa, ao atingirem o declínio da vida conjugal, iam cinzelar a obra de arte que os imortalizaria. A Teresinha contava quatro anos e meio quando morreu a mãe, mas conservou para sempre indelével a sua imagem.

"Nosso Senhor concedeu-me a graça de me abrir muito cedo a inteligência, escreveu ela no começo da *História duma Alma*, e de me gravar tão profundamente na memória as recordações de infância, que os acontecimentos há muito passados parecem-me de ontem. Jesus queria evidentemente fazer-me conhecer e apreciar a mãe incomparável que me tinha dado".

A sua autobiografia viria a pôr em pleno relevo a figura da mãe. E em retorno as cartas da Senhora Martin iluminarão adequadamente a fisionomia da Santa. Essa correspondência, rica em número e em valor, que compreende oitenta e duas cartas destinadas aos parentes de Lisieux e quarenta e sete às colegiais da Visitação, constitui a documentação por excelência sobre a infância teresiana. Não se nota nela o mínimo sinal de cegueira consciente ou de involuntária falta de visão nos juízos: Foi com clarividência, probidade e tacto perfectos que aquela mulher de alto valor, e que sabia manejar uma pena, analisou, nas suas tendências diversas, nos seus defeitos, nos seus progressos, os temperamentos, os caracteres que tinha o dever de orientar para o bem.

Para o Isidoro Guérin e esposa, o tom é mais sóbrio, mais grave. Para a Paulina, que reclamava cartas compridas, havia mais à-vontade, mais riqueza de pormenores, mais preocupação da anedota interessante, até mesmo um certo exagero de traços que poderia contribuir, se não nos precavêssemos — era a própria Teresinha quem o observava no fim da sua vida — para atribuir às suas saídas infantis um significado que elas não tinham. Mas, de um e outro lado, havia a mesma segurança de tons e a mesma sinceridade. E quando aquela mãe ao aproximar-se a morte, legava às que haviam de continuá-la junto das mais novas todo o seu pensamento e como que a marca delas bem definida há nisso também algo de patético e de solene. Insistimos: que testemunho pode comparar-se a este?

* * *

Teresa, a mais nova da família era o sorriso e o enfeite do lar. "Como me sinto feliz em a possuir! — exclamava a Senhora Martin. Creio que lhe quero mais do que a todas as outras, talvez por ser a mais nova". — "Meu Deus! que desgosto o meu se perdesse esta filha! E o meu marido é doido por ela!... É inacreditável o que ele se sacrifica por ela de dia e de noite". As irmãs mais velhas não estavam menos dominadas pelo encanto:

"Se soubesses, escrevia a Maria à Paulina, como ela é esperta e fina! Sinto-me cheia de admiração diante deste "ramalhete". Todos, cá em casa a comem com beijos. É uma mártirzinha! Mas está tão habituada aos carinhos que nem lhes dá grande importância. A Celina, então, quando vê aqueles ares de indiferença, diz-lhe em tom de censura: "E a menina pensa que tudo lhe é devido!" E é de ver a cara da Teresa!" (1)

Menina amimada no caso? Poderia ter vindo a sê-lo se não fora a vigilância dos pais e o feliz conjunto de faculdades que a predestinavam para o bem. Duma inteligência extraordinariamente precoce e desenvolvida, bastou uma explicação dada por acaso antes de ter feito os três anos, para aprender o alfabeto. Decorava fábulas e canções com facilidade pasmosa. Admitida a assistir às lições da Celina, de quem não conseguiam apartá-la sem choro.

(1) Carta da Maria à Paulina, de 10 de Maio de 1877.

conservava-se calada todo o tempo que fosse necessário, a enfiar pérolas; mas aquela cabecinha trabalhava, apanhava no ar muitos comentários, e não causava pouca admiração ouvi-la explicar, aos quatro anos, expressões como "Todo-Poderoso", "meu pobre bode expiatório", etc., e matizar, muito a propósito, os seus ditos com saborosas expressões normandas que faziam sorrir o Senhor Martin. "Sem o dar a perceber — contou ela mais tarde — reparava em



Entrada actual de Pauline

tudo o que se fazia ou dizia à minha volta; parece-me que já então apreciava as coisas como agora". Bem podia a mãe escrever à Paulina: "Ela tem um entendimento como nunca vi em nenhuma de vós".

A sensibilidade não era menos viva. Correspondia com delicadezas a todas as delicadezas. Ela mesma reconhecia ter um coração afectuoso. "Pode-se lá imaginar como eu queria ao papá e à mamã?", escreveu ela mais tarde. "Testemunhava-lhes a minha temura de mil maneiras, porque era muito expansiva". — "É uma criança que se comove com muita facilidade", sublinhava a Senhora Martin. Tinha as lágrimas perto dos olhos, bastava um nada para a fazer chorar: a separação momentânea

duma pessoa querida, uma sombra que passasse na fronte materna, o pesar de um pecadito recente ou então as repreensões da Celina acusando-a de "educar mal as bonecas" e de "as deixar fazer todas as vontadinhas".

Mas, por causa disto, não se julgue que tinha uma natureza mole e uma disposição melancólica, sempre pronta a desatar em soluços e desejosa de provocar compaixão.

Se a fotografia tirada aos três anos no-la mostra inquieta e pensativa, a mãe teve o cuidado de atribuir essa expressão ao receio da objectiva. "Ela que está sempre a sorrir, pôs-se a fazer beicinha". "Quem não gostará, ainda assim, desse retrato que a família considerou pouco feliz? Aquele olhar velado, mas tão puro, aqueles lábios apertados, aquele queixo voluntarioso, não revelam já uma fisionomia rica, incapaz de ser completamente representada quer em instantâneo quer em "pose", a aliança admirável da doçura e da força em que consiste a beleza teresiana? Aquela criança capaz de se conservar ali horas inteiras com a agulha desenhada, reprimindo as suas impaciências para não interromper as lições da Maria, era um carácter.

É também muito de aplaudir aquela cristalina lealdade que lhe fazia confessar, espontaneamente, os menores pecadinhos. A Senhora Martin narra, complacente, essas confissões espontâneas que Teresa continuou na *História duma Alma*, e que a mostraram a revelar aos pais, sem apelar para circunstâncias atenuantes, os maus modos e palavras ásperas, o vaso partido ou o tapete rasgado, e esperando a sentença como uma culpada desejosa de espiar, e certa, aliás, dum perdão que a entemecia tanto como o remorso das suas faltas. A mãe não se cansava de lhe pintar o retrato. "A pequenina não seria capaz de mentir nem por todo o dinheiro do mundo". — "A minha Teresa é uma criatura encantadora". "É fina como um coral, muito franca e muito viva".

Seria isenta de defeitos? Afirmá-lo seria presunção, mas cuidado, não vamos carregar o quadro. Trata-se de muito pouca coisa. A Senhora Martin que observava o despertar da sua filhinha nos menores incidentes, para o transmitir ao vivo à Paulina, em matéria de manifestações repreensíveis, não encontrava, para contar, senão coisas insignificantiíssimas, como, por exemplo, a discussão durante o jogo de cubos com a Celina. "Não tenho remédio senão chamar à razão esta pobre criança (a Teresinha ainda não contava três anos) que fica num estado lastimoso quando as coisas não correm à medida dos seus desejos. Parece julgar que está tudo perdido..." (1) É o episódio narrado pela própria Santa dos dois

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 5 de Dezembro de 1875.

anéis de açúcar que lhe deu a tia Visitandina por ocasião da sua visita a Mans e um dos quais se perdeu, como com dor verificou. "Vejam lá, concluía ela muito a propósito, como nós temos, desde crianças, o instinto de salvaguardar os nossos bens pessoais. Apesar do meu sincero desejo de repartir, atribui muito naturalmente à Celina o anel que se tinha perdido, para ficar com o outro para mim!" Era o primeiro movimento de pesar — exprimido aliás imediatamente — que experimentara quando a mãe lhe recomendou que vestisse o fato melhor, mas com mangas compridas. "Sempre havia de parecer bem melhor com os bracinhos à mostra!" É sobretudo a imagem gravada a água forte, de Teresa aos três anos e quatro meses:

"Quanto ao furãozinho não sei lá muito bem o que virá a ser; é tão pequenina, tão estouvada! É uma criança muito inteligente mas muito menos dócil que a irmã e sobretudo duma teimosia quase invencível. Quando diz "não", não há quem a faça voltar atrás; poderia metê-la um dia inteiro na cave que não lhe arrancava um "sim"; seria mais fácil dormir lá!" (1)

Os biógrafos pessimistas serviram-se desta passagem, como dum argumento esmagador para carregar as características da criança, atribuindo-lhe uma espécie de obstinação feroz e orgulhosa, cujo combate constituiria o drama da sua vida. Uma exegese que faz apelo, como convém, aos "lugares paralelos", quer dizer, que confronta o testemunho com o conjunto dos documentos da mesma ordem, uma crítica que o situa, além disso, no seu contexto tendo em conta, neste caso, como a própria Santa, um certo exagero de traços determinado pelo tom geral da correspondência destinada a interessar a Paulina, levam a uma interpretação muito mais comedida. De facto a nossa Teresa não foi nunca metida na cave. Abstraindo dos instintos inconscientes dos primeiros anos, se tinha teimas era porque o amor dos pais e o de Jesus não estavam em causa. Havia mais nobreza que teimosia na sua recusa de baixar a sua pequenina estatura para apanhar a moeda posta no chão, pela Senhora Martin. A mãe não se deixou iludir, e não a censurou por isso.

Há ainda a considerar que a criança era excessivamente emotiva, que não era insensível aos impulsos do amor próprio, que possuía uma dose de vontade nada comum e que era necessário esclarecê-la a respeito do uso que dela devia fazer para agradar

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 14 de Maio de 1876.

àqueles a quem amava ardentemente: o pai, a mãe, Nosso Senhor. De aí o ter podido dizer um dia, acentuando, com o emprego do condicional, que a hipótese nunca se realizara:

"Convenço-me absolutamente de que, com uma natureza destas, se tivesse sido educada por pais sem virtude, ter-me-ia tomado muito má e talvez até, quem sabe, pusesse em risco a minha salvação". (1) É uma evidência derivada do princípio que "a corrupção do óptimo é a pior", mas estamos no direito de acrescentar que ante a opulência dos dons concedidos a Teresa nunca uma educação se apresentou sob mais auspicioso aspecto.

Tal como no-la pinta a Senhora Martin, aquela loirinha ardente e risonha, com a auréola dos seus caracóis de cabelo sedoso, o brilho profundo dos seus olhos azuis, tinha motivos para seduzir e chamar atenção. Não era uma santa de nascença nem uma anémica amorfa e impassível. Podemos dizer que, sendo extraordinariamente dotada, estava talhada para o heroísmo; mas que, marcada pela mancha do pecado original, teria podido desperdiçar essa riqueza inutilizando-a ou degradando-a. A educação esclarecida que lhe deram os pais e as irmãs, impeliram-na para as alturas.

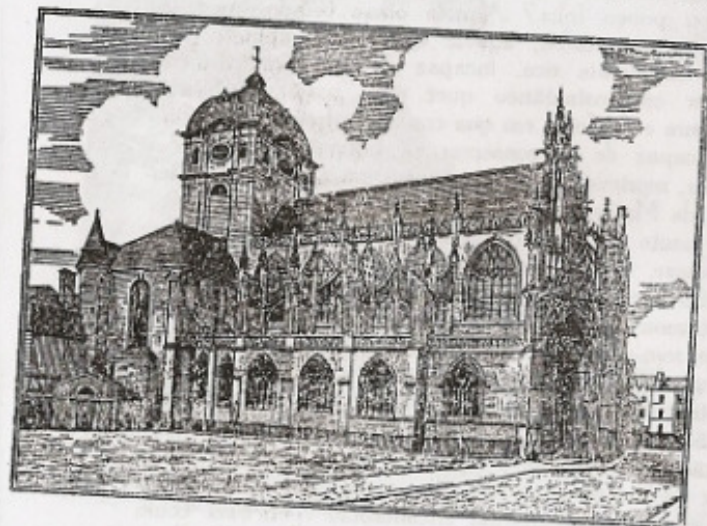
* * *

O Senhor Martin e a esposa exploraram a fundo a necessidade de amor tão admiravelmente manifestada na sua benjamina. Uma afeição tão absorvente era quase uma escravidão. A mãe de Teresa sujeitava-se a ela voluntariamente. Prestava-se com paciência aos seus interrogatórios pueris. Acolhia gentilmente os "excessos de amor" nos quais o inocente diabrete lhe desejava a morte. Não deixava de responder: "minha filhinha", de cada vez que ela a chamava, degrau a degrau, ao subir a escada. O pai, por seu lado, para divertir a sua "Rainha", brincava com ela à maneira de Henrique IV. (2) todo o tempo que apetecia à menina e partilhava do seu delicioso tagarelar. Naquela alma de criança havia um surpreendente desabrochar de temura. Chegava a não temer o inferno, convencida de que nem o próprio Deus seria capaz de a

(1) *História duma Alma*, Cap. 1.

(2) Alusão a um quadro de Ingres que representa o rei, Henrique IV a brincar com os seus filhos diante de Maria de Médicis: está o rei de gatas e leva um filho às costas. O embaixador de Espanha entra e parece admirado. "Tendes filhos, sr. embaixador? — Tenho, Majestade. — Então posso acabar de dar a volta à sala".

arrancar dos braços da mãe. Mas, em contrapartida, que irresistível poder o Senhor Martin e a esposa tinham sobre ela! Podiam pedir-lhe tudo, desde que apelassem para o seu coração. Era esse mesmo móbil, elevado à suprema potência, que ia dirigi-la para Deus. Ainda a sua consciência mal despertava e já lhe ensinavam a dar alegria ao Pai do Céu. Muitas vezes por dia, como ela confidenciou mais tarde, a mãe lhe fazia repetir esta bela fórmula: "Eu vos ofereço o meu coração, ó meu Deus, dignai-Vos tomá-lo, para que nenhuma criatura o possa possuir senão Vós, meu bom Jesus!" É conhecida a sua apreciação desolada naquela manhã



A Igreja da Nossa Senhora da Alençon

em que uma pessoa amiga a recebia em casa, mais à Celina, no final da doença da Senhora Martin: "Ah! não é como a mamã! Ela rezava sempre conosco!"

A Teresinha foi precocemente associada às cenas de piedade colectiva de que se honrava o lar. Essas cenas vivas de devoção inflamavam-lhe a imaginação e alimentavam-lhe o fervor. Não conseguiam que ela adornesse sem ter rezado as suas pequeninas orações. Era preciso recordar-lhas todas e não esquecer de pedir... "a graça". O Senhor Martin que não estava iniciado em todos os segredos daquela liturgia infantil, viu-se nelas certa noite em que presidiu aos ritos em substituição da esposa. Na devida oportunidade ele mesmo era chamado à ordem pela pequenita que não o vira

z Joelhar-se como de costume: "Porque é que não rezas as tuas orações, papá? Estiveste, então, na igreja com as senhoras?"

Todos os Domingos, sob pena duma crise de lágrimas, era preciso levá-la "prider" à la mette; entenda-se: assistir a uma parte das vésperas. Numa tarde quando, de volta dum passeio, a traziam para casa sem ter feito a habitual visita a Nossa Senhora, fugiu pela porta entre-aberta — tinha então dois anos e dois meses — e dirigiu-se debaixo de chuva torrencial, para a casa de Deus; e quando a Luisa a agarrou, chorou durante mais de uma hora. Com a idade, o gosto pelas cerimónias religiosas ainda veio a aumentar. O gosto pelos sermões só veio mais tarde. "É mais belo que de costume, mas ainda é muito comprido", suspirava ela, aos quatro anos, à saída duma prática das Quarenta Horas.

A mãe maravilhava-se com estas boas disposições. Aproveitava-as para sugerir à pequenita motivos sobrenaturais que lhe duplicassem o fervor: "A Teresa dizia-me esta manhã que queria ir para o Céu e que, para isso, havia de ser boazinha como um anjo". Nada mais fácil, em vista disso, do que descobrir e estirpar os menores defeitos dela. Nada mais sugestivo, neste capítulo, que a narrativa de Maria a respeito da criança que, incapaz de abrir a porta do quarto onde a Celina estava a dar lição, se deitou no chão, à entrada, para manifestar a sua pena. A mãe, prevenida, declarou que não devia consentir-se em tal.

"No dia seguinte renovou-se a cena, continua a irmã mais velha; eu então disse-lhe: "Tu estás a dar desgosto ao Menino Jesus, minha Teresinha". Ela olhou para mim com atenção. Tinha compreendido tão bem que nunca mais tornou a fazer". Vê-se o processo educativo e os seus resultados.

Não lhe deixavam passar nem o menor movimento de indisciplina. Gostava de recortar letras de papel ou de fazer pequeninos colares: era a sua distracção favorita. Permitiam-lho mas era preciso que de todas as vezes pedisse licença. Ela que se lembrasse de amuar ou de fazer carinha bonita para chamar as atenções! Nem mesmo o seu "Rei" lho permitiria. Convidou-a ele um dia a saltar do balouço para o vir abraçar: "Vem cá tu, papá!", replicou ela irreflectidamente. "Mal educadazinha!" — interveio a Maria. Aca-brunhada de remorsos, subiu a escada dum fôlego, para ir pedir perdão.

Uma vez em que a Senhora Martin veio dar-lhe o seu beijo matutino, fingiu-se adormecida e depois escondeu-se debaixo da roupa: "Não quero que me vejam!" Era uma brincadeira da parte dela; todavia, quando a mãe se afastou, revelando descontentamento, foi logo com o rosto inundado de lágrimas, reconciliar-se com ela e aninhar-se-lhe nos braços. O desenlace do incidente foi encantador.

"Quando se viu tão bem recebida, narra a pena materna, disse-me: "Oh! mamã! se tu quisesse enfaixar-me como quando eu era pequenina! Tomava aqui o meu chocolate, à mesa". Dei-me ao incómodo de lhe ir buscar uma coberta e embrulhei-a como quando ela era pequenina. Dava-me a impressão de estar a brincar às bonecas". (1)

Raras vezes se terá visto tamanha facilidade em confessar as suas maldades de criança, semelhante veemência em delas se arrepender.

"Quando disse uma palavra a mais, ou cometeu alguma tolice, adverte logo no que fez e para a reparar, recorre às lágrimas; depois nunca mais acaba de pedir perdão. Por mais que se lhe diga que está perdoada, continua a chorar. Como as criancinhas são inocentes! Não me admira nada que Nosso Senhor as prefira às pessoas crescidas: são bem mais amáveis". (2)

Haveria no caso uma sombra de diplomacia? Talvez, mas tratava-se de muito mais. No rigor da expressão, Teresa não suportava ter causado desgosto a alguém. O que a preocupava mais do que a reconciliação era a reparação a dar e o modo de curar as feridas que entendia ter causado. Escutemos o que diz a mãe numa carta à Paulina:

"Partiu um vasito, da grossura dum dedo que eu lhe tinha dado esta manhã. Como de costume sempre que lhe acontecia algum desastre, veio muito depressa mostrar-mo. Eu aparentei um pouco de descontentamento, e ela ficou com o coração apertado. Daí a pouco veio a correr, ter comigo e disse-me: "Não tenhas pena, mãezinha, quando eu ganhar dinheiro deixa estar que te compro outro". Estás a ver que ainda tenho que esperar!..." (3)

A mãe aproveitava-se com arte consumada desta sensibilidade vibrante. Aplicava-a toda a dar prazer a Jesus. Teresa foi iniciada, desde muito nova, na arte da renúncia e do vencimento próprio.

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 13 de Fevereiro de 1877.

(2) Carta de Maria a Paulina, de 10 de Maio de 1877.

(3) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 14 de Maio de 1876.

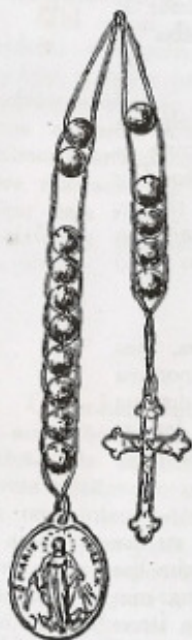
Neste ponto rivalizava em generosidade com a Celina. Era o tema de intermináveis conversas entre as duas irmãs. O eco dessas conversas, passando por cima do muro do jardim, chegava aos ouvidos de uma vizinha que, muito intrigada, se informava junto da Luisa do que significava aquela linguagem sibilina: "Práticas! Práticas!"

A mais nova foi mimoseada também, dentro em pouco, com o famoso rosário de grãos móveis e via-se a futura santa, que havia de expulsar o cálculo da espiritualidade iniciar-se nesta metendo cem vezes por dia a mão no bolso, para contar os sacrifícios. Pondo de parte a aritmética, era já o "caminho pequenino". Os grandes feitos não são daquela idade: tratava-se apenas daquelas mortificações ligeiras de que a vida pode ser juncada sem que nada transpareça no exterior. "Por exemplo, contou mais tarde a Carmelita, eu tinha adoptado o costume de nunca me queixar, quando me tiravam o que era meu, ou então, quando me acusavam injustamente, preferia calar-me a desculpar-me".

Durante certo passeio, colheira grande quantidade de flores campestres, e propunha-se alegremente dispô-las em ramalhetes. Mas aí! A avó Martin encantada com o maravilhoso ramo, reclamou-o para o seu altar. Teresa consentiu imediatamente no sacrifício e com tão bom modo que foi a Celina a única a adivinhar o combate íntimo e a notar as lágrimas que brilhavam nos olhos da irmã.

Teresa suportava já com paciência, os ligeiros aborrecimentos da vida: "Jesus tratou-me sempre como menina amimada... havia ela de vir a escrever pouco antes da morte. É certo que a Sua cruz me acompanhou desde o berço, mas fez com que eu amasse apaixonadamente essa cruz".

Sem penetrar ainda, a não ser por intuição, o mistério redentor, a futura religiosa obedecia aos impulsos daquela incomparável mestra de noviças que a Senhora Martin podia ter sido. Nos casos de indisposição, de sofrimento físico, evitava gemer ou mostrar-se impaciente, como se já pressentisse que a paciência é a obra-prima da fortaleza e o abandono, o cume do amor.



O rosário de "práticas"

* * *

Por muito admirável que isto pareça, a verdade obriga-nos a dizer que a Teresinha adquiriu desde a primeira infância um real domínio de si e que aquela educação toda de ternura a levou a um alto grau de equilíbrio. A mãe não tardou a tranquilizar-se a respeito da sua sorte: É "um anjo abençoado". "Ela é a felicidade e a glória da Maria. É inacreditável como a irmã se ufana dela. Com as qualidades que a Teresa tem, não vão ter trabalho nenhum para a educar, confiava às mais velhas. É uma natureza privilegiada". E, antes de morrer, esboçava um quadrozinho que tem a frescura de um dos pastéis de La Tour:

"Há-de ser boa; já se lhe vêem os germens. Só fala de Nosso Senhor. Por nada do mundo deixaria de rezar as suas orações. Gostava que a ouvissem recitar pequeninas poesias. Nunca vi nada tão interessante. Descobre por si própria a expressão e o tom a dar. Sobretudo quando diz:

Menino loiro, diz lá:

Deus, Deus, onde é que Ele está?

— No ar, na terra, e em todo o mundo

E no azul do Céu profundo.

"Quando chega a estas últimas palavras, volta o olhar para o alto, com uma expressão angélica. É tão lindo que nunca nos cansamos de lhe mandar dizer estes versos: o seu olhar tem qualquer coisa tão celestial que nos encanta". (1)

A opinião da Visitandina, baseada numa entrevista no locutório, na Segunda-Feira da Páscoa de 1875, não era menos animadora. "A Zélia trouxe-me a Teresinha. É uma criança muito interessante e duma obediência rara. Fez tudo o que lhe disseram sem se fazer rogar e esteve tão sossegada que podiam tê-la obrigado a ficar sentada, sem se mexer, toda a tarde. Muito contente fiquei por ver aquele querido Anjinho!"

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 4 de Março de 1877.

No Processo de Beatificação as irmãs afirmaram, sob juramento, quanto as impressionara aquela virtude nascente. Maria empregou fórmulas categóricas: "Sóror Teresa do Menino Jesus aligou-se-me desde a mais tenra infância, como que santificada no seio da mãe, ou então como um anjo que Nosso Senhor tivesse mandado à terra em corpo mortal. O que ela chamava as suas imperfeições ou as suas faltas, não o eram; nunca a vi cometer o mais leve pecado". E foi ela mesma que acrescentou ao elogio, que poderia parecer, à primeira vista exagerado, o correctivo necessário mostrando o esforço que a criança empregava, em se formar:

"Não era necessário ralhar-lhe quando estava em erro: bastava dizer-lhe que não estava bem ou que aquilo causava desgosto a Nosso Senhor; nunca mais repetia... As suas "práticas" ou "actos" de virtude consistiam em ceder às irmãs em muitas circunstâncias. Fazia grandes esforços sobre si própria para o conseguir, porque nessa altura tinha um carácter muito acentuado".

A Paulina descreve-no-la uma rapariguinha afectuosa e dócil na ingenuidade dos seus arrependimentos e das suas reparações. A Leônia mostrava-a rodeada das predilecções da família. "Era uma criança tão encantadora! A Teresa, pelo seu lado, não abusava nunca daquela afeição particular; era tão obediente como nós e até mais do que todas nós e nunca observei que assumisse alguma attitude de superioridade para conosco".

Quanto à Celina, companheira dos seus brinquedos e primeiros trabalhos, esta insistia principalmente sobre a firmeza da irmã: "Antes da morte da minha mãe a Teresa era uma criança cheia de vivacidade naturalmente orgulhosa e agarrada às suas opiniões, quando não se punha a questão de desagradar ao Menino Jesus; porque já nesse tempo, como ela própria confessa, tinha o maior cuidado em Lhe ser agradável em todos os seus actos e em nunca O ofender".

Temos melhor ainda que estes depoimentos: o testemunho que presta de si mesma a própria Santa, cuja memória infalível conservava a recordação precisa dos seus primeiros passos na vida. Depois de ter apresentado a escassa lista das suas travessuras de criança, e das suas perigosas tendências, é obrigada a concluir da forma mais optimista:

"Jesus velava pela sua noivazinha: fez com que Lhe aproveitassem todos os seus defeitos que, reprimidos desde muito cedo, Lhe serviriam para crescer em perfeição". "A virtude tinha encantos para mim. Parece-me que me encontrava nas mesmas disposições que hoje, pois que já tinha um grandíssimo domínio sobre todas as minhas acções. É certo que ainda antes da idade dos

três anos não era necessária a mais leve repreensão para me corrigir. Uma única palavra dita com meiguice, bastava-me e ter-me-ia bastado até ao fim da vida para me fazer compreender e detestar as minhas culpas".

E para concluir, esta prodigiosa declaração a que só uma humildade excepcional podia atrever-se: "Desde a idade de três anos que não recusei nada a Nosso Senhor".

É conhecido o episódio do açafate onde a Leônia tinha amontoado os vestidos das bonecas e que a Teresinha levou tódum uma vez sem mais cerimónias, dizendo despachada: "Eu escolho tudo". A fórmula pronunciada num tom de brincadeira e sem nenhum pensamento egoísta — afinal tratava-se apenas de alguns farrapos — havia, no futuro, de significar, para a nossa Santa, o absoluto do apelo divino, o radicalismo do sacrifício. Não viveria já o seu simbolismo aquela criança que apoiada na varanda da rua de S. Brás, olhava para o lado da estação, pensando no "Paulinito", e que, aos dois anos, pensava em imitar na sua vocação religiosa a filha segunda da família?

Por muito comprovada, por muito demonstrada que seja por um indiscutível conjunto de testemunhos concordes, esta precocidade na ascensão para Deus desconcerta alguns agiógrafos e deixa-os extraordinariamente contrafeitos.

Acham este estilo de ascese, muito adocicado e muito apologetico. Que valor tem uma santidade adquirida desde o seio materno e que não representa o resultado da luta patética entre a natureza e a graça? Não será a mais perigosa das falsificações históricas a que mina as próprias bases da espiritualidade e impede de ser imitada?

Podem tranquilizar-se. Não há talvez, em tudo isto, mais que um mal entendido, mas grávido, sobre a própria essência da perfeição. Se a santidade consentisse na ausência de defeitos exteriores, na eliminação ou completo domínio dos movimentos que traem exteriormente o fundo mau do "homem velho", Teresa teria sido Santa ou quase Santa desde a infância: Deus que é senhor dos seus dons, cumulou-a com eles esplendidamente e a educação teria feito o resto. Mas semelhante perspectiva é, na verdade, acanhada demais. Para além dessa *étape*, há a purificação profunda do ser decaído, aquela conversão, aquela revolução, aquela "penitência" no sentido evangélico do termo, que nos sentimentos, nas intenções, nos actos, dissocia do que é divino, o elemento perturbador, muitas vezes imperceptível, o fermento desagregador, o "eu" orgulhoso e sensual, toda essa miséria clandestina que anda dentro de nós em estado difuso e quantas vezes sem nós repararmos nisso, aquele odor de corrupção que o

Espírito Santo revela quando quer curar, aquelas rugosidades da natureza que não cedem senão ao cinzel do celeste Escultor, abrindo e cortando no vivo o coração que se tornou plástico à custa de abandono.

Um drama destes pelo facto de se desenrolar em segredo, não é menos pungente que as conversões fulminantes ou as evoluções das almas em peripécias angustiosas. Ora esse drama viveu-o a inocente Teresa em toda a plenitude. A sua "Vida" escrita por ela mesma narra os episódios de tal drama com uma precisão digna da teologia mística. Não são os gritos fulgurantes nem as austeras análises do autor de *A Noite Escura*. O estilo é florido, insinuante, embalador. Mas, para quem saiba ler, é a mesma espada afiada rasgando até a medula a vontade completamente entregue à vontade de Deus. A força de Teresa consistiu nisso. Que poderia acrescentar ao sublime destas operações desconcertantes um prelúdio feito de tempestades?

Nossa Senhora, a mais perfeita de todas as criaturas e a que mais mereceu perante Deus não passou pelas terríveis provas das purificações activas e passivas de que fala S. João da Cruz. A santidade consiste essencialmente na chama da caridade que numa alma completamente pacificada submete as menores acções ao domínio da vontade divina, conferindo-lhes o máximo de fervor, de entusiasmo e de intensidade sobrenatural. Mais. A insatisfação angustiosa de possuir a Deus num ser de capacidade limitada, o ardor vivíssimo de um amor que consome o coração humano no meio de uma angústia e de uma embriaguez indizíveis, é isto sobretudo o que conta a autobiografia de Teresa que atinge o seu ponto culminante no voo pelas alturas com que se encerra o capítulo XI.

Como se vê, para acentuar o seu mérito e sublinhar o seu vigor moral, não há necessidade de lhe complicar a infância, de lhe endurecer ou sombrear as feições, de lhe forjar defeitos apparentes. Não é aí que reside a sua grandeza, mas sim no despreendimento do sensível, no alheamento de tudo o que é terrestre, na rectificação essencial do interior, digamos a palavra, na cristificação da personalidade total. Há em tudo isto ampla ocasião de heroísmo. Criatura de eleição desde o nascimento, nem por isso Teresa é uma Santa já feita, uma Santa de água de Colónia. Não é descolorir-lhe a auréola, mas é colocá-la antes na verdadeira luz, defini-la com Pio XI "Obra-prima da natureza e da graça".

* * *

A dama patricia da Campânia que fazia exhibição das suas jóias respondia Cornélia designando os filhos: "São estas as minhas jóias e os meus adornos". Aspirava à história menos pelo facto de ser filha de Cipião o Africano do que por ser mãe dos Gracos.

Com a graça de Cristo a mais, e orgulho pagão a menos, é ou não um sentimento análogo o que inspira a Senhora Martin? A filha mais velha conta a este respeito um episódio significativo:

"Eu tinha então sete anos: um dia em que estreávamos vestidos de setim de lã azul-escuro, a minha mãe mandou-nos chamar todas quatro, às minhas irmãs e a mim, para nos ver antes do passeio que íamos dar. Olhou para nós demoradamente, com enternecida complacência, e depois disse-nos: "Vão agora, minhas filhas". Mas evitou fazer algum elogio aos nossos vestidos, que eu achava tão bonitos, para não nos provocar qualquer sentimento de vaidade".

Aquela mãe tão despreocupada de aparecer, que com grande desespero da Maria, detestava qualquer requinte no próprio trajar e troçava sem dó nem piedade do que ela denominava "a escravidão da moda", cuidava gostosamente do vestuário das filhas, sem todavia se afastar da simplicidade. As mães não serão insensíveis a este delicioso esboço da Celina aos dezasseis meses:

"Fi-la estrear no dia do Corpo de Deus, o vestido encantador que lhe deu a madrinha; se visse como lhe ficava bem! Toda a gente a admirava e affirmo-lhe que me sentia orgulhosa da minha filha! Levava também um lindo chapéu de pena branca; enfim era encantador, tudo. Habitúamo-nos a vesti-la de branco, e já não sei senão com vestidos brancos, muito simples; é tão bela assim! Nunca vesti as outras filhas tão bem". (1)

Fora também com todo o carinho que preparara o enxoval de Teresa na época em que esperava o seu próximo regresso a Alençon.

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 19 de Julho de 1870.

"Já tenho em vista para ela um vestido azul celeste, com sapatinhos azuis, um cinto azul e uma linda touca branca. Há-de ser um encanto. Já me alegro toda na expectativa de vestir aquela boneca". (1)

Teria faltado qualquer coisa ao feminismo ideal desta "mãe incomparável" se não tivesse dado mostras dum certo gosto pelo adorno das filhas. O Senhor Martin que gracejava agradavelmente a respeito das suas compras de vestuário partilhava, no fundo, desse orgulho. É que ambos eles, certos de terem o perfeito domínio do seu rebanho, entreviam, para além da beleza sensível, uma beleza mais alta, que a matrona romana não podia conceber. Sabiam que os filhos se tomam para os pais recompensa ou castigo, conforme a educação que receberam. Com esforços conjugados cultivavam para o Senhor aquelas almas que o Senhor lhes confiara. Era essa a sua suprema ambição e a sua única razão de viver.

(1) Carta da Senhora Martin à Marie e à Pauline, Março de 1874.

CAPÍTULO X

O CALVÁRIO DA MÃE

A ASCENSÃO DE UMA ALMA — O TERRÍVEL ASSALTO DA DOENÇA — A MORTE DA VISITANDINA — A REEDUCAÇÃO DA LEÓNIA — A PEREGRINAÇÃO A LOURDES — OS DERRADEIROS DIAS — A MORTE — ELOGIOS FÚNEBRES DA SENHORA MARTIN

Como dissemos, a Senhora Martin sentiu em Abril de 1865 as primeiras vertigens, adormecimentos e dores localizadas, provocadas por um caroço no seio, simples adenoma decerto ainda em princípio, e de que os médicos não julgaram oportuno fazer a ablação, mas que apresentava o risco de se cancerizar mais cedo ou mais tarde. Durante onze anos manteve-se o mal estacionário. Contudo as enxaquecas frequentes, os ataques de febre, estranhos abatimentos revelavam uma decadência cada vez mais acentuada na saúde. A mãe de Teresa dominava esses desfalecimentos com uma energia indomável. Aquela a quem a Madre Inês viria a chamar "a abnegação personificada" nunca poupou as forças.

Não era que a não dominasse o pressentimento do fim próximo. Quantas vezes as filhas a ouviram recitar a página de cadência musical, pungente como um lamento em que Lamennais evocava as imagens dos desaparecidos: "A abelha regressara à colmeia, a avezinha ao seu abrigo nocturno; as folhas imóveis dormiam nas hastes; um silêncio triste e suave envolvia a terra adormecida. Uma única voz, a voz distante do sino da aldeia, ecoava no ar calmo a dizer: Lembrai-vos dos mortos!" (1) Era com uma espécie de nostalgia divina, pensando em toda a família que tinha no céu que aquela mãe exclamava: "Oh! Falem-me dos mistérios desse mundo que os meus desejos pressentem, no seio do qual a minha alma fatigada das sombras da terra aspira

(1) Esta página é extraída do livro "Uma Voz de Prisão" que o visionário de La Chesnaie escreveu durante uma permanência forçada na prisão de Santa-Pelágia e que publicou em 1840. A Senhora Martin conheceu-a sem dúvida nalguma colecção de trechos selectos.

a entrar. Falem-me d'Aquele que o fez e o encheu de Si mesmo, o único que pode encher o vácuo imenso que em mim existe".

Não quer dizer com isto que pensasse em desertar da vida. Uma cobardia dessas nem sequer lhe afluía ao espírito. "Apesar do grande desejo que tenho de tomar a ver os meus quatro anjinhos, explicava ela a 5 de Novembro de 1871, prefiro estar privada deles mais tempo, visto que não têm necessidade de mim, para viver com os quatro que me restam e a quem ainda sou útil, julgo eu". Achava simplesmente que devia estar pronta para entrar segun naquela vida do Além que o seu grande espírito de fé lhe tomava como que familiar.

Entretanto não vivia nas nuvens. A sua espiritualidade estava solidamente firmada no solo. Acreditava que Deus era o Senhor, infinitamente bom, que a amava e que lhe traçara todo o plano da vida em ordem a fazê-la feliz. A única ciência consistia em fazer "a Sua vontade" que ela descobria nas obrigações da família e nas tarefas profissionais que tantas vezes assumiam, para ela a forma de cruz.

"Não é que me mova o desejo de amontoar uma fortuna maior, escrevia ela: o que possuo vai além de tudo o que alguma vez pude desejar; mas penso que seria insensatez abandonar esta indústria tendo cinco filhas a meu cargo. Por causa delas tenho de ir até ao fim... Mas se fosse eu sòzinha e tivesse de voltar atrás, antes queria morrer de fome do que tomar a sofrer tudo o que tenho sofrido de há vinte anos para cá. Só de pensar nisso estremeço!" (1)

A modéstia permitia-lhe acrescentar: "Digo de mim para mim, muitas vezes, que, se fizesse para ganhar o céu metade do que tenho feito chegava para ser uma santa de altar". Não nos deixemos iludir: foi realmente, a caridade sobrenatural e só ela que inspirou e sustentou aquela incessante crucificação ao dever de estado.

Entretanto horas havia — esta tentação foi bem conhecida do Cura d'Ars — em que ardia por se evadir para as arcadas de um claustro a acabar nele "a sua pobre vida". Acicatava-a a paixão do óptimo. Numa tarde do dia de Todos-os-Santos abriu-se a este respeito com as colegas de Mans:

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 6 de Fevereiro de 1876.

"Tenho de ir às Vésperas, minhas queridas filhinhas, para rezar por intenção dos nossos queridos parentes defuntos. Há-de vir um dia em que as minhas filhas lá irão por mim, mas tenho de proceder de modo que não haja de vir a ter uma grande necessidade das vossas orações. Queria ser uma santa; não há-de ser porém coisa fácil; há muito que desbastar e a madeira é dura como pedra. Era melhor ter começado mais cedo enquanto não em tão difícil, mas enfim, mais vale tarde do que nunca". (1)

Os voos para Deus seriam compatíveis com a servidão material de que sofria até à angústia? Perguntava ela, inquietava-se e sobre isso fazia as suas confidências à Paulina:

"Aspiro ao descanso. Conheço mesmo que me falta a coragem para continuar a luta e sinto necessidade de me recolher um pouco para pensar na minha salvação que os embaraços do mundo me fazem descurar. Eu devia lembrar-me, porém, daquelas palavras da Imitação: "Porque procurais o repouso quando nascesteis para o trabalho?" Mas quando esse trabalho nos absorve demasiado e a gente não possui já a energia da juventude, não é possível deixar de sentir o desejo de ser aliviada ao menos de uma parte dele. Enfim, cá vou vivendo nessa esperança... Parece-me que hei-de ser muito melhor quando já não fizer Ponto de Alençon, porque terei ao menos tempo de trabalhar na minha perfeição. Ah! que belo dia para mim esse em que me vir livre dele!" (2)

Quanto mais se aproximava da sepultura mai se acentuava dentro da Senhora Martin o combate interno entre Marta e Maria. Neste caso, a queixosa era sempre a dona de casa, activa, mas que, exausta pelo esforço, apenas aspirava a acompanhar a irmã contemplava, para usufruir, como ela, "a melhor parte":

"Esta manhã, na Missa, não podia rezar e dizia para comigo que, se fosse religiosa na Visitação, não teria remédio senão rezar; e então este pensamento ajudava-me a reagir. Parece-me que uma religiosa não pode

(1) Carta da Senhora Martin à Maria e à Paulina, de 1 de Novembro de 1873.

(2) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 8 de Novembro de 1876.

nunca estar assim triste: mesmo porque tem menos cuidados; e eu estou cheia deles até às pontas dos cabelos". (1)

A fascinação monástica revivia com uma estranha viveza. A Senhora Martin leu o primeiro tomo da biografia de Santa Joana de Chantal. "Estou arrebatada de admiração, escrevia ela. É ainda mais interessante para mim, que tanto gostava da Visitação; agora gosto mais que nunca. Como são felizes as pessoas que lá vivem!" (2)

Quando começou a ler o segundo volume a criada Luisa, com a sua liberdade de maneiras escangalhava-se de riso: "Lá vamos ter conversa para quinze dias..." E a pobre rapariga não se sentia à vontade naquele género de conversas. Iria aquela mãe postular o véu negro das Visitandinas?

"Não faço outra coisa senão sonhar com o claustro e com a solidão, confessava ela. Com as ideias que tenho não sei, na verdade, como é que a minha vocação não era fechar-me num convento ou ficar solteira. Agora queria chegar a ser muito velha para me refugiar na solidão quando todas as minhas filhas estiverem criadas". (3)

Era a sua miragem. E qual será a mulher, seja ela rainha ou religiosa, que neste mundo não tenha a sua? No fundo não se deixava iludir. Tinha uma cabeça muito sólida para se nutrir de quimeras. "Sinto que tudo isto são ideias inúteis, por isso não me detenho muito nelas; mais vale empregar bem o tempo presente do que pensar tanto no futuro". Aqui temos o prelúdio do cântico teresiano: "A cada dia o seu quinhão" — Herdica, sem se desviar nunca, a Senhora Martin obedecia à regra de ouro: "Floresce no lugar onde Deus te plantou". Era na vida de família que devia santificar-se e santificar os outros.

* * *

Em Outubro de 1876, novo alarme. O caroço do seio cresceu de um modo anormal provocando pontadas frequentes, uma dor surda, contínua e com adormecimento que apanhava todo o lado direito. Aquela mulher intrépida não se alarmou. "Se Nosso

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 16 de Julho de 1876.

(2) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 3 de Dezembro de 1875.

(3) Carta da Senhora Martin à Paulina de 16 de Janeiro de 1876.

Senhor permitir que eu morra disto farei por me resignar o melhor que puder e de suportar o meu mal com paciência, para ter menos tempo de purgatório. Mas espero que tudo há-de correr bem". (1)

Como os remédios sugeridos pelo Senhor Guérin se mostravam ineficazes, ela resignou-se finalmente, em virtude da insistência do marido, a consultar o Dr. X, de Alençon. Era um médico consciencioso, mas incrédulo e que não mastigava as palavras. O diagnóstico foi decidido como uma sentença de condenação. "O que tem é muito grave. É um tumor fibroso". Falou evasivamente de uma operação para logo a seguir a condenar; escreveu uma receita, mas, à pergunta da cliente: — Para que é que isto serve? — respondeu sem reticências: "Para nada, é só para contentar os doentes". Era realmente uma marretada e vibrada da maneira mais brutal. A Senhora Martin agradeceu ao médico a sua franqueza "ao menos uma vez me prestou serviços, escreveu ela depois: no dia em que me disse toda a verdade; esta consulta apreciei-a muito". (2)

A família mostrou menos serenidade. Ela própria o testemunhou quando a 17 de Dezembro de 1876, sob o choque da primeira impressão, dirigia à cunhada uma carta que tinha todo o carácter de documento testamentário:

"Não pude deixar de contar tudo em casa. Agora já estou arrependida porque foi uma cena de desolação... todos choravam; a pobre Leônia soluçava. Mas citei-lhes tantas pessoas que viveram assim dez e quinze anos e parecia tão pouco inquieta, fazendo os meus trabalhos tão alegremente como de costume, — ou talvez mais — que consegui acalmar um pouco a minha gente.

Contudo estou longe de me iludir e custa-me adormecer, à noite, quando me ponho a pensar no futuro. Contudo, resigno-me o melhor que posso, apesar de estar longe de esperar uma prova destas...

"O meu marido não pode consolar-se: abandonou o divertimento da pesca, arrumou as linhas no sótão e já não quer ir ao Círculo Vital: está aniquilado..."

Eu não queria que se atormentassem muito e queria que se resignassem com a vontade de Deus: se Ele achasse

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, em Outubro de 1876.

(2) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 14 de Junho de 1877.

que sou muito útil na terra certamente não permitiria que eu tivesse tal doença, visto ter-lhe pedido tanto que me não levasse deste mundo enquanto fosse necessária às minhas filhas.

Agora a Maria é já crescida, possui um carácter sério, e não tem nenhuma das ilusões da juventude. Tenho a certeza de que, depois de eu desaparecer, há-de ser uma boa dona de casa e fazer todos os esforços para educar bem as irmãs e por lhes dar bom exemplo. A Paulina também é encantadora, mas a Maria tem mais experiência e além disso um grande ascendente sobre as irmãs. A Celina mostra as melhores disposições: há-de ser uma criança muito piedosa; na idade dela é raro mostrar tanta inclinação para a piedade. A Teresa é um verdadeiro anjo. Quanto a Leônia só Nosso Senhor a pode mudar, e tenho a certeza de que o há-de fazer...

Quando eu já não existir não-de considerar-se muito felizes por a terem a si; há-de ajudá-las com os seus conselhos e, se tiverem a desgraça de perder o pai, leva-as para sua casa, não é verdade?

Consola-me muito pensar que tenho parentes que nos não-de substituir com vantagem em caso de infelicidade. Há pobres mães bem mais infelizes do que eu, porque não sabem o que vai ser dos filhos e que os deixam em dificuldades, sem qualquer auxílio. Eu por esse lado não tenho nada que recear. Enfim, não vejo as coisas muito negras, é uma grande graça que o Senhor me concede..."

Para anuir ao desejo dos seus, a Senhora Martin foi a Lisieux consultar um célebre cirurgião desse tempo, o Dr. Notta, aquele que tratou da Teresinha seis anos mais tarde. Foi ela que contou ao marido, com o máximo de precauções, o resultado negativo da visita.

"O médico acha que foi uma grande pena não ter feito a operação no princípio, mas que agora é tarde demais. Contudo dá-me a impressão de que posso viver ainda muito tempo mesmo assim. Por isso entreguemo-nos nas mãos de Nosso Senhor que sabe bem melhor do que nós o que nos é necessário: "Ele é que abriu a chaga, ele é que a cura". Na primeira peregrinação vou a Lourdes (o Senhor Martin havia insistido nisso desde o anúncio fatal) e espero que Nossa Senhora há-de curar-me, se for necessário. Entretanto sosseguemos.

Sinto uma grande alegria por vos ir tomar a ver: o tempo parece-me tão comprido! Tanto queria ter voltado hoje! Só contigo é que estou bem, meu querido Luis". (1)

Foi no decurso desta penosa viagem que a valorosa cristã, apesar da cor térrea, recusou obstinadamente dispensar-se do jejum e abstinência na vigília do Natal. Levou-se duma espécie de vaidade em alegrar o irmão e em desviar a atenção da ameaça que pairava sobre ela. "Muito gostava eu que não se falasse mais nisto! dizia. Para quê? Fez-se tudo o que era possível fazer, deixemos o resto nas mãos da Providência".

As cartas que escrevia à Paulina não eram nem menos numerosas nem menos recheadas de gracejo do que até então. Ilustrava-as com casos divertidos, como o do esfregão da loiça esquecido pela Leônia no fundo duma terrina, e que dava à sopa uma consistência insólita. "É como o sapatinho do Auvemhês, dizia o papá. Não é lá por estar sujo, mas é porque ocupa lugar!" Os recreios da família continuavam tão animados como dantes. A Senhora Martin levava as filhas à feira; na tarde de Carnaval, antes de ir para o sermão, fez-lhes filhós. Com muita graça tomava Adão e Eva responsáveis pelas suas misérias. A sua boa disposição não tardou a dissipar os receios e a despertar a esperança.

Contudo entendeu que devia pôr os negócios em ordem e procurou passar a sua indústria de Ponto de Alençon. Sem um escrupulo da última hora o negócio ter-se-ia realizado. Mas não teria ela apresentado as coisas sob um aspecto exageradamente vantajoso?

Um adiamento oportuno permitiria informar melhor os compradores. Em boa hora o fez. Uma informação inesperada revelou que os ditos amadores eram apenas ladrões manhosos e saltadores de bolsas. Lá se foi a venda pela água abaixo. Seria necessário trabalhar até ao fim para liquidar as encomendas.

"Sinto que tenho necessidade de repouso, gemia ela, mas parece-me que não o alcançarei antes do repouso eterno".

36, Rue St-Blaise, 36
A ALENÇON

LOUIS MARTIN

Fabricant

de la

POINT D'ALENÇON

*Pequeno cabedalho de impressões comerciais
do Sr. e da Sr.^a Martin
Rua de S. Brás (outrora n.º 36)*

(1) Carta da Senhora Martin ao marido, de 24 de Dezembro de 1876.

Seguia com olhares serenos os progressos do mal. Os sofrimentos tomaram-se lancinantes. Apareceu outro caroço junto do pescoço. Que importava?

"Nosso Senhor concedeu-me a graça de não me assustar; estou muito tranquila, sinto-me quase feliz e não trocaria a minha sorte por outra qualquer. Se Nosso Senhor me quisesse curar sentir-me-ei muito contente, porque, no fundo, desejo viver; custa-me deixar o meu marido e as minhas filhas. Mas, por outro lado, digo: "Se eu não me curar é que talvez seja melhor para eles que eu vá..." (1)

"Não tenho lá grandes motivos para me regozijar por ver avançar o tempo, mas estou como as crianças que não se incomodam com o dia seguinte: espero sempre a felicidade". (2)

Encarava o desenlace com um sangue frio admirável, mas sem pose, sem ares de bravura, sem armar ao heroísmo:

"Não, não tenho bastante virtude para desejar os grandes sofrimentos, até os receio". — "Procuo converter-me, mas não o posso conseguir; é bem certo que se morre como se viveu e que se não pode recuar contra a maré quando se quer. Afirmando-lhe que vejo isto bem e que, às vezes, desanimo. Dizem, contudo, que basta um momento para fazer dum réprobo um santo, mas parece-me que há-de ser um santo pequeno! Enfim, é preciso que haja de todos os géneros". (3)

Há-de ser mais do que uma Santa pequena, esta mulher a quem o abandono trouxe a paz, que havia de ser vista até ao fim arrastando-se para a primeira missa na igreja de Nossa Senhora, ou, de manhã e à noite, nos exercícios de retiro em S. Leonardo, que nunca deixaria de puxar pela agulha, de educar as filhas, de animar os seus, escondendo num sorriso a horrível destruição do cancro e as suas torturas, dia a dia mais intoleráveis. Sob este aspecto não merecia ser colocada à frente da fila dos humildes a quem a sua Teresinha daí a tempo ensinaria a doutrina da Infância Espiritual?

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 20 de Fevereiro de 1877.

(2) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 31 de Dezembro de 1876.

(3) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 31 de Dezembro de 1876.

* * *

Em Janeiro de 1877 fez a última viagem a Mans. Gostava do locutório da Visitação: respirava-se ali um ar do Céu. "Nada me encanta como isso", escrevia ela: é a minha maior felicidade". Desta vez era para as despedidas. Não que tivesse revelado à irmã a gravidade do seu estado. Para quê? A religiosa estava também no ocaso e devia, com certeza, precedê-la na sepultura. Havia dois anos que a tísica ultimava a desagregação das suas forças físicas. A inchação de um pé tinha-a imobilizado. Ainda assim, tendo conseguido o privilégio, notável para esse tempo, de comungar todos os dias em que pudesse levantar-se, dominava a sua enfermidade por um prodígio de energia, "para ir ter com Nosso Senhor" todas as manhãs, como ela dizia. Continuava a ser aquela religiosa perfeita que Dom Guéranger gostava de citar como exemplo, por ter convivido frequentemente com ela por ocasião das suas idas à Visitação a que o ligava afecto profundo.

Na festa de Natal de 1876 administraram à doente o Sacramento da Extrema-Unção. Estas vésperas de eternidade tinham para ela o encanto de paz duma bela tarde. Porque se havia de afligir? Pelo passado? Confessava que lhe parecia não ter nunca, em toda a sua vida, cometido um pecado mesmo leve, com propósito deliberado. Pelo futuro? Monsenhor de Outremont, Bispo de Mans, ao trazer-lhe a bênção suprema, tranquilizou-a plenamente a esse respeito: "Não tenha o menor receio, minha filha: onde a árvore cai, aí fica: Vai cair no Coração de Jesus para lá ficar eternamente". — "Nem sequer me preocupo, declarou ela, com os últimos sofrimentos ou com a agonia, estou tão persuadida de que Nosso Senhor me há-de dar a Sua graça, que não receio nada". — "Nada me assusta. Nosso Senhor ampara-me. Tenho a graça do momento e tê-la-ei até ao fim".

A Senhora Martin que intuitivamente se punha também a fazer a aprendizagem da morte, teve oportunidade de se edificar com estas admiráveis disposições. Ela que nada tinha escondido para a mais velha na qual depositava toda a confiança que se tem com um director de consciência, ocupou-se pela última vez do que era a alma da sua alma. Todavia quis ocultar o pesado segredo que a oprimia. Para quê pôr sombras inútilmente naquela pura preparação para a partida? Limitou-se a encarregá-la dos seus "recados para o Céu". Escutemos como ela própria descreve em termos graciosos o mais instante dos seus pedidos àquela que ia antes dela lá para cima:

"Disse-lhe assim: logo que chegares ao Paraíso vais ter com Nossa Senhora e dizes-lhe: Minha boa Mãe, foi uma grande partida a que pregastes à minha irmã dando-lhe aquela pobre Leônia; não era uma filha assim a que ela vos tinha pedido; é preciso remediar o caso". A seguir vais ter com a Bemaventurada Margarida Maria e dizes-lhe: Para que foi que a curaste milagrosamente? Mais valia tê-la deixado morrer. Em consciência estais obrigada a reparar a desgraça". (1)

A Irmã Maria Dositeia ralhou à sua Zélia por causa desta linguagem um pouquinho irreverente, mas desempenhou-se do duplo pedido: não tardaremos a ver a prova disso.

Seria um sinal precursor do prodígio? Eis que a própria Leônia se lembra de pôr em acção a diplomacia da religiosa. Apesar do sorriso céptico da Maria, escreveu com a mais linda letra: "Quando estiver no Céu, faça favor de pedir a Nosso Senhor que me conceda a graça de me converter e também que me dê vocação de vir a ser uma verdadeira religiosa, porque eu penso nisso todos os dias". A mãe não cabia em si. Quem é que lhe teria metido tais ideias na cabeça? — "Ponho-me a esperar, escrevia ela à cunhada, que Deus terá talvez, vistas de misericórdia sobre esta criança. Se só fosse preciso o sacrifício da minha vida para ela vir a ser uma santa, fazia-o de todo o coração". (2)

Foi num sábado, a 24 de Fevereiro de 1877, no décimo oitavo ano da tomada de hábito e aos Quarenta e nove anos de idade, que a Irmã Maria Dositeia se extinguiu suavemente. Acompanhou-a até ao fim uma certeza sobrenatural. "Oh minha madre, dizia ela à Superiora, já não sei senão amar, confiar e abandonar-me. Ajude-me a agradecer a Nosso Senhor".

Na noite que precedeu a sua morte abençoou de longe comovidamente a sua dupla família de Alençon e de Lisieux. Três semanas antes dirigia ao irmão e à irmã uma carta testamentária onde dizia nomeadamente:

"Tenho muito que agradecer a Deus por me ter dado uma família tão boa. Obrigada, meu bom irmão; obrigada, minha querida irmã. Só Deus vos dará a recompensa; entreguel-vos aos Seus cuidados e estou tranqüila a vosso respeito, porque sei que haveis de ter sorte. Mas depois,

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada de 31 de Dezembro de 1876.

(2) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 8 de Janeiro de 1877.

na prosperidade, não vos ensoberbeçais: que os vossos gostos e o vosso viver, sejam modestos; partilhai da vossa abundância com os pobres e vereis com rosto sereno chegar o vosso derradeiro dia. Agora, meu querido irmão, perdoa-me!... Peço-te o mesmo, minha querida Zélia. As minhas forças não me permitem escrever-te uma carta pessoal; mas perdão e obrigada. Quis-te sempre muito... Seja o Sagrado Coração o lugar onde nos reunamos. Encontrar-nos-emos aí sempre, porque é aí que eu morrerei e aí ficarei por toda a eternidade".

Esta perda foi cruelmente sentida pela Senhora Martin. Foi com piedosa avidez que recebeu as reliquias "daquela Santinha", a cruz "que recebeu o seu último beijo", o *Ecco Homo* que estava na sua cela, o rosário por onde contava rezar quando se visse "doente a valer". Cada vez mais minada pelo terrível mal não seria o dobre do seu último fim o que estava tocando a sineta aguda da Visitação? Quando se curvava para os vestidos negros das filhas, quando desdobrava o véu de crepe, tinha a acre sensação de estar preparando o seu próprio luto.

* * *

la prendê-la à vida um acontecimento imprevisto. A Leônia continuava a ser para ela "uma cruz bem difícil de suportar". Afectuosa e indisciplinada, obedecendo cegamente à criada e resmungando sistematicamente ante as ordens maternas, destoava na intimidade familiar. Quantas vezes a Senhora Martin a convidou inutilmente a sair com ela ou a tomar parte nos divertimentos das irmãs, depois das refeições! Teria de se desesperar daquela alma?

A Irmã Maria Dositeia, que tinha recebido o encargo dela, não tardou a fazer sentir a sua influência. Ainda não eram passados vinte dias depois da sua morte, já se esclarecia o mistério que pesava sobre aquela existência. Intrigada por algumas frases soltas de conversas, a Maria começou a vigiar cada vez mais as relações entre a irmã e a criada. Espiou, interrogou, arrancou as confissões, enfim, descobriu o segredo. Fiel até à morte, mas de carácter violento e totalmente desprovida de senso educativo, a Luisa orgulhava-se de submeter aquela que ninguém fazia vergar. Usou de processos violentos e aterrou, literalmente, a pequenita que veio a ser sua serva "batida e contente". Mas o que era ainda mais grave era que aquela mulher, esforçou-se mais ou menos conscientemente por minar a autoridade dos pais: Leônia tinha de lhe obedecer sem réplica, e só a ela sob pena duma correcção que lhe lembrasse

bem. Conseguiu fazer tudo tão disfarçadamente que a mãe não pôde desmascará-la. Era em vão que tentava abrir a alma da filha. Esta recebera ordem de se calar. Pode calcular-se o que um regime destes podia ter feito duma natureza difícil. Dentro em pouco a Leônia ter-se-ia tomado uma hipócrita e uma revoltada.

Imagina-se a indignação da Senhora Martin quando recebeu esta revelação brusca. Não tinha por que se censurar. Assoberbada como estava por trabalhos e aborrecimentos não tivera remédio senão deixar uma larga iniciativa à criada que era, aliás, a dedicação personificada e parecia digna de toda a confiança. A reacção nem por isso foi menos violenta. Aquela mãe tão terna repeliu com náusea uma tática de constrangimento que, sob pretexto de dominar a resistência, convidava à rebeldia. "A brutalidade nunca melhorou ninguém, dizia ela; só faz escravos e foi o que aconteceu a esta pobre criança".

A reviravolta foi total. A Senhora Martin explicou-se a este respeito numa carta de 12 de Março de 1877, para a Paulina:

"Julgo ter conseguido uma grande graça por intermédio das orações da tua tia: tinha-lhe recomendado tanto que se lembrasse da minha pobre Leônia logo que chegasse ao Céu, que penso sentir-lhe os efeitos.

Tu bem sabes como era a tua irmã; um modelo de insubordinação. Nunca era capaz de obedecer senão à força; fazia, por espírito de contradição, exactamente o contrário do que eu desejava, mesmo quando fosse também o seu desejo; enfim só obedecia à criada.

Eu tinha tentado todos os meios ao meu alcance para a atrair a mim; tudo tinha falhado até hoje e era este o maior desgosto que tenho tido na minha vida. Depois que a tua tia morreu supliquei-lhe que me restituisse o coração daquela pobre criança e no domingo de manhã fui escutada. Agora possuo-a tão completamente quanto possível: não quer sair de ao pé de mim nem um instante, abraça-me a ponto de me sufocar, faz tudo o que lhe mando sem uma réplica e trabalha ao meu lado todo o dia.

A criada perdeu inteiramente a autoridade e é certo que nunca mais terá influência sobre a Leônia, pela maneira como as coisas se passaram. Achou o golpe duro e chorou e gemeu quando lhe disse que se fosse embora imediatamente, porque não queria pôr-lhe mais os olhos em cima.

Ela suplicou-me tanto que a deixasse ficar que vou esperar ainda algum tempo; mas está proibida de dirigir a palavra à Leônia. Agora trato esta criança com tanta

doçura que espero chegar a corrigi-la pouco a pouco dos seus defeitos.

Ontem foi passear comigo e dirigimo-nos ambas às Clarissas. E disse-me baixinho: "Mamã, pede às que estão na clausura que rezem por mim para eu vir a ser religiosa". Enfim, vai tudo bem: esperemos que isto continue".

Levantado o obstáculo que impedia o acesso àquela alma, era necessário reeducá-la. A Senhora Martin empreendeu esta tarefa com ardor juvenil.

Todos os princípios que a guiavam na formação das outras filhas os empregava agora com pleno êxito. Nunca mostrou tanta paciência nem tanta doçura. Algumas pessoas acusavam-na de se exceder. Mas não se importava: tanto ela como o marido tinham ideias bem nítidas a esse respeito. A criança continuava turbulenta, caprichosa; acontecia mostrar-se importante com as irmãs e exaltar-se ainda. Passemos por esses pecadilhos. Era a escória. O essencial era que se abrisse, que realizasse sacrifícios, que quisesse ser agradável aos pais e primeiro ainda a Deus. Reencontrara o rumo. O resto viria a seu tempo. Foi um triunfo para a mãe quando pôde escrever da filha:

"É tão minha amiga quanto se pode ser e com esse amor penetra-lhe a pouco e pouco no coração o amor de Deus. Deposita em mim uma confiança ilimitada que vai até ao ponto de me revelar as menores faltas; quer realmente mudar de vida e faz muitos esforços que ninguém pode apreciar como eu.

"Não posso tirar da minha ideia que essa transformação é devida às orações da minha santa irmã pois que tudo mudou duas ou três semanas depois da sua morte. Foi também ela que me alcançou a graça de saber como havia de proceder para conquistar aquele coração e espero que Nosso Senhor me quer deixar acabar a minha tarefa que estou longe de dar por terminada. É preciso tempo para vencer uma natureza destas e vejo que tal missão me foi confiada e que ninguém poderia cumpri-la, nem mesmo as religiosas da Visitação; mandariam a criança embora como fizeram da outra vez". (1)

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 18 de Janeiro de 1877.

Para cultivar aquele "terreno difícil de arrotear", como a definiu algures a Senhora Martin, cuja saúde declinava de dia para dia, determinou pedir ao Céu a graça de uma dilação da sentença. Ninguém compreendeu como ela o papel da "mãe". Ora essa tarefa gloriosa entre todas na sua humildade, sentia ela que devia continuá-la junto da pequenita, vítima de um engano inicial.

"É por isso que agora, declarava ela, tenho um desejo de viver que antes não sentia. Sou muito necessária a esta filha; quando eu lhe faltar, há-de ser muito infeliz e ninguém será capaz de a fazer obedecer senão aquela que a martirizou. Mas não; ela não... porque assim que eu morrer é indispensável que a mandem embora imediatamente. Creio que não hão-de recusar-se a executar as minhas últimas vontades. Mas tenho confiança em Deus e agora o que Lhe peço é a graça de me deixar viver. Não quero que Ele me tire o meu mal; quero morrer dele, mas que me conceda o tempo necessário para que a Leônia já não precise de mim". (1)

* * *

Como devemos recordar-nos, a heróica doente acolhera com simpatia o projecto de uma peregrinação a Lourdes. A doença agravava-se. O tumor no seio tomara-se cada vez mais doloroso. As gretas azuladas estendiam-se às costas e ao pescoço, acusando o desenvolvimento das massas ganglionares. Temia o derramamento e a hemorragia. Os momentos de crise multiplicavam-se; a partir de Maio o sofrimento tomou-se contínuo, com fases de paroxismo. Não seria a ocasião de lançar o brado de socorro à Virgem de Massabielle?

Ao contrário do marido, a Senhora Martin tinha horror pelas viagens. Estas não constituíam nessa época uma distracção; e no seu estado seria uma dura penitência. Para alcançar a cura valia a pena sujeitar-se àquela provação. Não iria só; acompanhá-la-iam as três filhas mais velhas, cujas orações alcançariam o milagre. Além disso, juntar-se-ia a um grupo de peregrinos: era talvez menos confortável, mas incomparavelmente mais piedoso. Como não estava anunciada nenhuma peregrinação dos lados de Alençon

(1) Carta da Senhora Martin à cunhada, de 10 de Maio de 1877.

ou de Mans, informou-se nas dioceses de Oeste e acabou por obter os últimos bilhetes para o comboio que havia de partir de Angers na 2.ª feira, 18 de Junho às 5 horas e 50 minutos da manhã.

Toda a família ajudou a preparar esta expedição com uma verdadeira cruzada de orações e sacrifícios. Animavam-se mutuamente.

"É impossível que a Santíssima Virgem não se deixe comover, escrevia a mãe. Se visses a carta da Paulina! enche-me de confiança. Não! o Céu nunca ouviu nem ouvirá orações mais fervorosas, nem fé mais viva. E depois, tenho a minha irmã no Céu e há-de interessar-se por mim; tenho também os meus quatro anjinhos que hão-de pedir; todos eles estarão conosco em Lourdes". (1)

A prudente educadora esforçava-se por manter este entusiasmo nos limites do abandono. "Nós devemos estar na disposição de aceitar generosamente a vontade de Nosso Senhor, qualquer que seja, escrevia à Paulina, porque ela representará sempre o que pode ser melhor para nós". (2)

Pelo que lhe dizia respeito, o coração oscilava entre a esperança da cura e o pressentimento do fim e filosofava sobre esse tema:

"Tinha um belo jantarinho, escrevia ela a 12 de Abril, à cunhada, e enquanto o andava a fazer dizia para comigo: "O que havia de ser delas se não fosse eu? Afigura-se-me impossível ter de partir; portanto, julgo que devo continuar e que continuarei a viver. Sou como todas as pessoas que tenho conhecido e que não compreendiam o seu estado: os outros é que viam bem e a gente ficava admirada de ver o tempo indefinido de que julgavam dispor, quando os seus dias estavam contados".

Decerto que o Todo-Poderoso podia fazer um milagre. A este respeito escreveu ela até um lindo pensamento de estilo bem teresiano destinado ao irmão que afirmava que Deus a curaria "apenas para sua glória".

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de 22 de Março de 1877.

(2) Carta da Senhora Martin ao irmão e à cunhada, de 7 de Junho de 1877.

"Eu então digo que tudo serve para a glória de Deus, mas que não pense absolutamente senão nele; Nosso Senhor far-me-ia um milagre mesmo que ninguém no momento viesse a saber". (1)

O mais prudente era confiar-lhe tudo inteiramente.

"Espero muito, mas estou perfeitamente resignada a aceitar o que Nosso Senhor quiser; desse modo, no caso de nada obter, a decepção será menor".

O que ela pedia de modo mais absoluto era a transformação da Leônia. Queria levá-la a todo o custo. — "Se Nossa Senhora não me curar ao menos pedir-lhe-ei que cure a minha filha, que lhe abra a inteligência e a faça uma santa".

Foi num Domingo — com grande pesar da Senhora Martin que nunca viajava nesse dia — que a Leônia e a mãe partiram de Alençon. Tomaram o comboio da tarde para poderem reservar a manhã aos deveres religiosos. Depois de uma paragem na Visitação de Mans para se juntarem a Maria e a Paulina, depois de um segundo descanso na Visitação de Angers, onde receberam um acolhimento enternecedor e a promessa do apoio espiritual da comunidade, embarcaram a 8 de Junho à hora marcada, para as margens do Gave. Uma invencível esperança dilatava os corações.

A peregrinação não foi mais do que uma série de decepções. A doente sentiu cruelmente os balanços e trepidação do comboio, o que não a impediu de recusar obstinadamente um lugar melhor a um canto da carruagem. Teve de tratar de uma ou outra das filhas que subitamente se sentia mal. Alguns erros de horários complicaram o trajecto. Vizinhos de compartimento que pretenderam tomar uma chávena de café, no comboio, acenderam uma lâmpada e entomaram-na por cima das provisões e dos fatos das nossas peregrinas. Como iam com uma diocese que não era a sua desconheciam os cânticos que entoavam pelo caminho e isso prejudicou um tanto a intimidade e o fervor colectivos.

Em Lourdes ainda houve mais. Como o alojamento era reles demais tiveram de se pôr à procura de um quarto. A comida deixava muito a desejar. A Maria perdeu o terço da tia Visitandina. A mãe rasgou o vestido, ia ficando esmagada e deu uma queda tão desastrosa que sofreu uma violenta torsão no pescoço, causa de dores agudas que nunca mais passaram.

(1) Carta da Senhora Martin à Paulina, de Maio de 1877.

Através destes contratempos dolorosos iria Nossa Senhora sorrir e recompensar finalmente a expectativa angustiosa da doente? Não; o Céu parecia fechado. Na alma da pobre mãe ia um nevocero frio. Ainda que exausta de forças, quis conservar-se em jejum e apenas chegou à estação dirigiu-se logo para o lugar das aparições.

"Quando cheguei à gruta, escreveu ela, tinha o coração tão apertado que nem conseguia rezar; durante a missa conservei-me mesmo junto do altar, mas estava tão prostrada, que não pude dar atenção a nada. Saí num estado de completo aniquilamento e dali dirigi-me para a piscina. Olhei, aterrada, para aquela água frigidíssima e para aquele mármore frio como a morte. Mas não houve remédio senão decidir-me e lancei-me com coragem. Sim, mas... quase que sufoquei: tive de me retirar logo; devia ter entrado mais devagarinho". (1)

Apesar das orações cada vez mais instantes, as demais experiências foram também desoladoras:

"Mergulhei por quatro vezes na piscina, a última vez, duas horas antes de me vir embora. Tinha água gelada até ao pescoço mas não estava tão fria como pela manhã. Conservei-me ali mais de um quarto de hora esperando sempre que Nossa Senhora ia curar-me. Enquanto lá estava não sentia dores, mas logo que saía começavam outra vez a atormentar-me, como de costume". (2)

Consolava-se implorando a protecção da Mãe de Deus para Leônia. Banhava-lhe a testa com água santa, pedindo que a criança se deservolvesse e expandisse. A sua fé nesse ponto era tão profunda que tinha como que a intuição de ser escutada. Para desprender os olhos da sua própria miséria compenetrava-se da alheia. Pensava nos casos mais lamentáveis que se encontravam neste pátio dos milagres que é a cidade de Maria:

"A Santíssima Virgem não me deixou só a mim nestes transe" concluía ela.

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão e à cunhada, de 7 de Junho de 1877.

(2) Carta da Senhora Martin ao irmão e à cunhada, de 24 de Junho de 1877.

A Senhora Martin tinha trocado correspondência com Monsenhor Peyramale, o venerado pároco de Lourdes que recebera as mensagens e as confidências da vidente. Quis fazer-lhe uma visita. Como não estivesse em casa, foi recebida por uma pessoa de modéstia angelical a quem transmitiu as impressões profundas que sentira naquela abençoada terra:

"Oh! Minha Senhora — respondeu ela — afirmo-lhe que a água não é nada. Quem viu, como eu, Bernadette em êxtase, tem para toda a vida. A criada enxugou uma lágrima e pôs-se a contar como tinha visto, não havia muito, a filha dos Soubirous de joelhos, no declive abrupto do rochedo, com o rosto iluminado, pelo brilho luminoso que irradiava da bela Senhora e a chama da vela a lamber-lhe os dedos sem os queimar. Esta evocação comovente na sua simplicidade, ficou a ser uma das mais puras recordações da peregrinação.

Quando tiveram que partir de Lourdes, ao som dos Ave, a Maria, a Paulina e a Leônia ficaram como que esmagadas pelo peso da enorme decepção. A Senhora Martin tomou a peito reanimar-lhes a confiança. Mostrou-se transbordante de entusiasmo, participou, com toda a sua voz, nos cânticos que iam marcando as fases do itinerário do regresso, enfim, dominou tão corajosamente o seu esgotamento que iludiu os outros a respeito do seu estado. Não perdera completamente a esperança da cura, mas era mais para cima que olhava agora. Relatando à cunhada os episódios daquela agitada semana escrevia:

"Diga-me se é possível fazer uma viagem mais infeliz. Por certo que não-de existir no fundo de tudo isto, muitas graças escondidas que me compensarão amplamente destas misérias... A Santíssima Virgem disse-nos como a Bernadette:

"Hei-de tornar-vos felizes não neste mundo, mas no outro". (1)

Era isto o que ela repetia ao marido que viera esperá-la à estação de Alençon com as filhas e que mostrava no rosto o vestígio dos dias de ansiedade que levava aguardando o telegrama a anunciar o milagre esperado. A decepção do Senhor Martin causava pena. Admirava-se de ver chegar a esposa "tão alegre como se tivesse alcançado a graça desejada". Aquela mulher

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão e à cunhada, de 24 de Junho de 1877.

intrépida não tardou a desvanecer todas as dúvidas com o seu bom humor. A vida tinha de retomar o seu curso anterior. Recomeçaram as novenas e as aplicações da água de Lourdes. Talvez que a Virgem quisesse impor um desmentido àqueles espíritos cépticos que durante as visitas à rua de S. Brás deixavam perceber o seu espanto diante de tamanha credulidade.

Uma carta matema ia repreender afectuosamente a Paulina que voltara para o colégio, por se ter zangado com Nossa Senhora que a não quisera fazer "pular de alegria": "Não deves esperar nunca muitas alegrias na terra porque terias grandes decepções; pelo meu lado sei por experiência até onde nos podemos fiar nas alegrias da terra; e se não contasse com as do Céu havia de me julgar muito desgraçada". (1)

Ah! Se não fosse a família, a Senhora Martin encararia com entusiasmo o lançar-se do filho nos braços paternos, que isto é a morte do cristão. Sentia tão intensamente o tormento do exílio, a nostalgia da pátria! Mas o pior era o marido que já atravessava horas de agonia à ideia de a perder; e junto dele a carinhosa Teresa e a Celina tão fraquinha e principalmente a Leônia, enfermeira e complicada. Era pensando em tudo isso que escrevia à sua colegial:

"Pois bem! eu continuo a esperar aquele milagre da bondade e da onipotência de Deus por intercessão de sua Mãe Santíssima. Não lhe peço que me cure absolutamente do meu mal, mas sim que me deixe viver alguns anos, para ter tempo de criar as minhas filhas e principalmente aquela pobre Leônia que tanto precisa de mim e que tanta pena me faz.

É menos prendada de dons naturais do que vós, mas, apesar disso, tem um coração que precisa de amar e de ser amado e ninguém senão a mãe lhe pode testemunhar a todo o momento a afeição por que tanto suspira e acompanhá-la tão de perto quanto é necessário para lhe fazer bem. Esta pobre criança manifesta-me uma ternura sem limites: corre ao encontro dos meus desejos, nada lhe custa; fita-me nos olhos para adivinhar o que me poderia causar prazer e quase que se esforça demais.

Mas, apenas os outros lhe pedem alguma coisa,

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão e à cunhada, de 24 de Junho de 1877.

carrega o rosto, a expressão muda instantaneamente. Pouco a pouco chego a conseguir que isto lhe passe, apesar de se esquecer ainda muitas vezes".⁽¹⁾

Foi esta mesma Leônia que tendo lido na *Semana Religiosa* o testemunho de uma alma vítima se sentiu trespassada pela centelha que inspirou o *eureka* de Arquimedes: oferecer-se-ia para morrer em vez da mãe. Dito e feito. "Vou morrer, afirmava ela. Nosso Senhor escutou-me: Sinto-me doente". Riram-se dela, pôs-se a chorar e em seguida, depois de enxugadas as lágrimas, lembrou-se de reclamar umas pantufas bordadas. E a mãe replicava àquela filha inconsiderada: "Mas então, se queres morrer, é dinheiro perdido".

Por aqui se vê com que domínio de si mesma, mantendo todas as responsabilidades, apesar dos sofrimentos, a Senhora Martin continuou, até ao fim, a ser a alma do seu lar admirável.

* * *

De aí a pouco não teve remédio senão confessar os aflitivos progressos do mal que a viagem a Lourdes só tinha agravado. Pedira ao irmão que a prevenisse em devido tempo da iminência do seu fim. O Senhor Guérin que lhe conhecia a coragem, julgou dever tomar o pedido à letra. Por ocasião de uma viagem a Alençon disse-lhe à queima-roupa em pleno jantar: "Minha pobre irmã, não te deixes iludir: põe os teus negócios em ordem porque não duras mais de um mês". Após uma censura afectuosa do Senhor Martin que ficara aterrado, tentou, a sós com ela atenuar a brutalidade que nessa declaração tivesse havido: "Lamento o que te disse porque afinal eu não conheço o futuro; Nosso Senhor ainda te pode curar". A doente, com admirável sangue-frio respondeu que lhe estava muito grata pela sua franqueza e que não temia a morte. Depois de um momento de silêncio suspirou apenas: "Que há-de ser deste pobre Luís com cinco filhas? Enfim, confio-as todas a Nosso Senhor". O Senhor Guérin, muito comovido, pediu-lhe que convencesse o marido a ir instalar a sua residência em Lisieux onde as crianças encontrariam na tia uma segunda mãe. "Isso não!" exclamou a Senhora Martin. Se lhe falasse em tal ele não hesitaria, para me ser agradável mas a sua vida sofria

(1) Carta da Senhora Martin ao irmão e à cunhada, de 24 de Junho de 1877.

uma grande alteração. E tenho medo de que ele venha a ser muito infeliz".

Como a cunhada lhe renovasse a proposta por escrito, respondeu-lhe a 15 de Julho:

"A sua carta é na verdade muito enternecedora assim como a do meu irmão. O meu marido ao lê-las tinha lágrimas nos olhos; ele admira a sua dedicação e eu afianço-lhes que me consola imenso pensar no socorro que as minhas queridas filhas hão-de encontrar em si quando eu partir deste mundo. Quanto a ir viver para Lisieux, o meu marido não diz que sim nem que não: temos de deixar passar o tempo".

As últimas oito semanas foram atroz. O pescoço estava como que torcido e atravessado por um estilete. O menor movimento era uma tortura para a doente que se via perante a perspectiva assustadora da imobilidade completa. Os nervos crispavam-se ou eram abalados por descargas que lhe provocavam gritos estridentes. Para cúmulo de desgraça sofreu dores de dentes em dias consecutivos enquanto a febre a consumia. Nem por isso se mostrava menos corajosa. Como ela dizia "estava a aprender o seu ofício" e a maneira de mudar de posição sem ter de recorrer aos que a cercavam. Ao mesmo tempo que conservava a sensibilidade, os membros paralisavam cada vez mais. Não teve remédio senão reconhecer dentro em pouco que já não se podia vestir nem despir sôzinha. "O braço do lado doente negava-se a qualquer serviço mas a mão direita (admiremos de relance este gesto de magnífica coragem) ainda quer segurar a agulha". Só no fim é que delegou na filha mais velha o encargo de receber as rendeiças. Sustentavam-na os pensamentos da fé. Sabia que a provação vivificada pelo amor tem um papel primacial no plano da Redenção. Comprava por tal preço a felicidade da outra vida e a bênção do lar. Refugiava-se em Deus e saboreava junto dele "a felicidade das lágrimas".

Para não incomodar ninguém durante as noites, que eram um verdadeiro martírio, aquela mãe que só pensava nos outros, recusou-se a ficar acompanhada e instalou-se sôzinha no quarto da Leônia. A Maria ouvia-a gemer durante as insónias: "Vós que me criastes, tende piedade de mim!" Quando se levantavam para vir ajudá-la, estranhava-lhes assim: "Para que se hão-de incomodar se não podem fazer-me nada?" O Senhor Martin foi obrigado a empregar toda a sua autoridade para lhe fazer aceitar uma enfermeira religiosa. E foi com uma certa tristeza que ela a viu aparecer certa noite.

A 27 de Julho foi um verdadeiro S. O. S. que dirigiu ao irmão no fim de uma crise aguda:

"Ontem chamei-te a grandes gritos, julgando que só tu me podias aliviar. Durante vinte e quatro horas sofri mais do que sofri em toda a vida e por isso passei essas horas a gemer e a gritar. Invocava os santos do Céu uns atrás dos outros mas ninguém respondia.

Finalmente, como não podia alcançar outra coisa, pedi ao menos que fosse possível passar a noite na cama; durante a tarde não tinha conseguido conservar-me deitada, estava numa posição medonha; é impossível encostar a cabeça seja onde for. Tinha tentado tudo mas a minha pobre cabeça não podia tocar em nada, nem eu fazer o menor movimento nem sequer para engolir líquido. O pescoço estava tomado por todos os lados e por muito pouco que me mexesse causava-me dores atrozes.

Enfim, pude conservar-me na cama, com a condição de estar como que sentada. Quando o sono queria chegar, o movimento imperceptível que eu decerto fazia despertava todos os sofrimentos. Toda a noite gemi: o Luís, a Maria e a criada ficaram ao pé de mim. Aquele pobre Luís de tempos a tempos tomava-me ao colo como se eu fosse uma criança... Não posso escrever mais longamente, já não vejo nada e sinto-me com uma fraqueza incompreensível..."

Era "o caminho real da santa cruz" — caminho da ascensão. A Senhora Martin desligava-se da terra a pouco e pouco. Ainda se uniu às repetidas novenas pela sua cura; nos fugazes momentos de sono sonhava com Lourdes, com a piscina, com o milagre; aplicavam-lhe com frequência nas chagas água da fonte da Virgem. Mas ela já tomava pé na eternidade...

A 15 de Julho escrevera à cunhada:

"Diz-me que não perca a confiança e é o que eu faço. Sei muito bem que a Santíssima Virgem me pode curar mas não posso deixar de temer que Ela não o queira e devo dizer-lhe com franqueza que um milagre agora me parece muito pouco provável. Já me resignei e procuro proceder como se tivesse de morrer. É indispensável não desperdiçar o pouco tempo que me resta para viver: são dias de salvação que não tomarão a vir e de que eu desejo aproveitar-me. Terei duplo mérito: sofrerei menos sofrendo resignada e passarei uma parte do meu Purga-

tório na terra. Peço-lhe que implore para mim resignação e paciência de que tenho muita necessidade; bem sabe que não sou muito paciente".

O confessor, o Padre Crété, pároco de Montsort, maravilha-se de tanta serenidade. Veio a contar mais tarde a emoção que se apoderou dele quando a Senhora Martin lhe fez as suas despedidas no confessionário, predizendo-lhe o momento em que havia de morrer. Como a visitasse pouco depois no seu escritório da rua de S. Brás, falou-lhe do seu próprio fim com tanta simplicidade, que ele não pôde deixar de lhe dizer: "Tenho visto mulheres fortes, minha Senhora, mas igual a si nunca vi outra". — Aquele bom Padre, acrescentou a Luisa, testemunha ocular da cena, não estava tão calmo como a Senhora!"

Era em Deus que ela se refugiava. Para ela seria Ele sempre "o primeiro a ser servido". No Domingo, 22 de Julho ainda se levantou às cinco horas para assistir à missa da aurora. A Maria que a acompanhava por não ter sido capaz de conseguir impedi-la, dá-nos comoventes pormenores sobre essa perigosa aventura:

"Foi precisa coragem e esforços ináuditos para chegar à igreja. Cada passo que dava sentia-o no pescoço; às vezes tinha de parar para recuperar um pouco as forças. Quando a vi tão enfraquecida supliquei-lhe que voltasse para casa, mas ela quis ir até ao fim, julgando que a dor passaria; mas não passou; pelo contrário: custou-lhe muito a voltar da igreja... Pensei que a não traria viva para casa. Ah! Que angústias eu passei durante a missa!... Muitas pessoas olhavam para nós admiradas, decerto perguntando aos seus botões como é que podiam ter deixado sair uma doente em tão deplorável estado. Mas ela quisera ir custasse o que custasse por não se achar tão mal que pudesse faltar à missa um Domingo".

A Senhora Martin concordou em que houvera temeridade da sua parte. Mas nem por isso deixava de se dispor a reincidir, oito dias mais tarde, aprontando-se para a missa solene. Incapaz de a dissuadir, a filha mais velha teve de usar de manha: demorou-se propositadamente a vesti-la e assim passou a hora da missa.

No dia 3 de Agosto não houve nada que pudesse impedi-la de ir pela última vez à igreja de Nossa Senhora. Era quase uma loucura. O declive da rua, o choque de uma pedra saliente, provocavam em todo o organismo um abalo tal que a faziam gritar. Por várias vezes teve de fingir que olhava para uma montra a fim

de poder chegar ao cimo daquela subida para o Calvário, sem cair. A Maria escreveu a este respeito à tia:

"Na sexta-feira, foi à missa das sete horas, por ser a primeira sexta-feira do mês. O papá acompanhou-a porque lhe teria sido impossível ir sem ele. Contou-nos ela que ao chegar à igreja, se não tivesse havido quem lhe abrisse as portas não teria conseguido entrar". (1)

Como não podia sair de casa consolava-se prolongando as suas devoções a Nossa Senhora e a S. José. A oração era de facto a respiração da sua alma. A filha ia encontrá-la ofegante, desmaiada, quase lívida, de joelhos, a rezar o terço diante da estátua da Santíssima Virgem. Queria obrigá-la a sentar-se. Respondia-lhe um sorriso velado. Para que havia de poupar aquela vida que se extinguia? Era tão doce consumi-la ao serviço da Mãe do Céu!... Nas horas de crise ouviam-na conversar em voz alta com o divino amigo: "Ó meu Deus, Vós bem conheceis que já não tenho forças para sofrer. Tende piedade de mim! Visto que tenho de estar aqui neste leito de dores sem que possam aliviar-me, suplico-vos que não me abandonéis!"

Logo nos primeiros dias de Agosto, aproveitando umas horas melhores, prepararam uma surpresa à doente: fez-se a distribuição dos prémios na "Visitação de Santa Maria de Alençon" (era assim que pomposamente designavam as lições dadas à Celina e à Teresa pela mais velha). Foi a própria pseudo-Directora que numa carta à Senhora Guérin, em 9 de Agosto de 1877 descreveu a cena:

"Pode ter a certeza de que foi muito lindo. Eu tinha enfeitado o meu quarto com grinaldas de pervincas entrelaçadas com ramos de rosas. De espaço a espaço pendiam coroas de flores. No chão estendia-se um tapete e duas cadeiras de braços esperavam os Presidentes da solene cerimónia: o Senhor Martin e a Senhora Martin. Sim, minha tia, a mamã também quis assistir à nossa distribuição. Que pena a tia não estar cá! As nossas duas meninas estavam vestidas de branco e era de ver o modo triunfante com que vinham buscar as suas coroas. O papá e a mamã distribuíam os prémios e eu é que chamava as alunas. Até fiz um discurso que eu e a Paulina tínhamos escrito na véspera".

(1) Carta da Maria à Senhora Guérin, de 9 de Agosto de 1877.

Esta encantadora festa de família foi a última consolação da doente neste mundo. As alegrias da terra não eram já para ela. A Paulina voltara para casa e tomava parte activa nos trabalhos domésticos. Noutros tempos teria sido tão apreciada pela mãe a doçura de ter a sua gente ali reunida! Depois da saída da Luísa desejaria tanto não contratar mais criadas! Viveriam assim deliciosamente em família com as mais velhas a cuidar da casa e das mais novas. "Ter de ver desvanecido o sonho de toda a minha vida no momento em que ia tomar-se realidade!", suspirava a moribunda. Aquela visão enternecia-a. Às vezes punha-se a contemplar as filhas uma após outra e começava a chorar. "Ah! Minhas filhas! Não poder levar-vos a passear, eu que queria tomar-vos tão felizes!" Para lhe dar prazer o marido não teve outro remédio senão recalcar o seu desgosto e organizar um passeio de barco. Mas quem poderia distrair-se quando morria uma mãe daquelas?

De tempos a tempos no rosto contraído pelo sofrimento passava uma sombra. Não era em si que pensava. Inquietava-se pela filha atrasada que tinha mais necessidade que qualquer outra de ser compreendida e guiada com ternura. "Se tivesse de lamentar-me por morrer era apenas por causa daquela pobre Leônia... Quem há-de tratar dela quando eu já não existir? Por muito bom que seja um pai não é a ele que compete esse papel. Quem lhe há-de querer como a mãe?" A Maria num impulso respondeu: "Prometo-lhe que hei-de ser eu, mamã!" E havia de cumprir a sua palavra com o auxílio da querida ausente, que iria acabar no Céu a tarefa de reeducação inaugurada com tanto fervor na terra.

A Senhora Martin não pensava menos nas duas mais pequenas. Encarregou a Maria e a Paulina de as educarem cristãmente e encomendou-as ainda ao irmão e à cunhada que tinham vindo visitá-la no princípio de Agosto. A *História duma Alma* descreve as impressões dolorosas das pequenitas afastadas propositadamente do quarto da agonia e que todas as manhãs partiam como exiladas para uma casa amiga. Todos os seus pensamentos iam para a mãe doente. Para ela reservavam um belo pêssego recebido com toda a gratidão pela Senhora Martin apesar de não poder tocar-lhe. A Celina conta-nos que a mãe pouco antes de morrer quis que ela visse as chagas violáceas que lhe corroíam o ombro e o pescoço. A criança retirou-se com a morte na alma...

Na vida da Senhora Martin a Paulina ocupava um lugar de predilecção. Teria a mãe pressentido a futura missão da sua segunda filha? Seria o orgulho de ver nela o seu retrato, seria a intuição da sua próxima consagração a Deus? Nenhuma das outras obtivera da sua parte sinais de uma confiança que raíava pelo respeito. Vendo-a à sua cabeceira quando o fim estava

próximo, agarrou-lhe as mãos, beijou-lhas e disse: "Pobre criança! Que férias que tu tens! E eu que me sentia tão alegre com a ideia de te ter sempre junto de mim! Ó minha Paulina, tu és o meu tesouro. Sei bem que hás-de ser religiosa!..."

Quando a família se tomou a reunir mais tarde à sombra do claustro, regozijavam-se atribuindo a estas palavras a significação simbólica de uma espécie de investidura espiritual conferida pela moribunda à que havia de ser a "Mãezinha" de Teresa e a Priora do Carmelo de Lisieux.

Todas as suas oblações, despedidas e recomendações testamentárias estavam feitas. A Senhora Martin via com calma aproximar-se a morte. Na quinta-feira, 16 de Agosto, depois de ter celebrado entre sofrimentos a festa da Assunção escreveu ao irmão uma derradeira carta que acabava com um pensamento sublime de abandono à Providência:

"Já não posso ter-me em pé. Desço da cama a muito custo; vou até à cadeira de braços e da cadeira para a cama. As últimas duas noites foram atrozes. Há dois dias lavei-me com água de Lourdes e desde então sofri muito, principalmente debaixo do braço. Nossa Senhora não quer curar-me.

Não posso escrever mais porque estou exausta. Fizeste bem em vir a Alençon enquanto eu posso estar contigo.

Que queres? Se Nossa Senhora não me cura é porque o meu tempo está cumprido e Nosso Senhor quer que eu descanse noutro lugar que não na terra..."

No decorrer dos dias que se seguiram as dores subiram cada vez mais, num crescendo trágico. As noites eram medonhas, os remédios quase inoperantes. A Maria escrevia à tia:

"Tem de se levantar de quarto em quarto de hora, por não poder conservar-se na cama com tantas dores. O menor ruído provoca-lhe crises terríveis; por mais baixinho que se fale, e mesmo que andemos descalças para não fazer barulho nenhum, ouve tudo. Tem um sono tão leve que o mais ligeiro ruído a acorda".

As consolações da fé continuavam a ser o seu único conforto. Como a Superiora da Visitação de Mans numa carta a Paulina tivesse recordado este pensamento de S. Francisco de Sales — "uma onça de virtude praticada na tribulação vale mais que mil em tempo de repouso e alegria" — citaram-na à doente que a saboreou

demoradamente, fê-la repetir muitas vezes e repetia-a frequentemente em horas de crise.

O dia 25 de Agosto era consagrado em casa a uma festa tradicional: o Senhor Martin recebia cumprimentos em honra do seu padroeiro, S. Luis. Desta vez o pobre pai passou todo o dia na mais viva ansiedade. Levava toda a noite a pé, alarmado por uma hemorragia que esgotou as derradeiras forças da moribunda. "Estava tão aflito que não podia sair de ao pé dela" — declarou a filha. Na noite de 26 foi à igreja de Nossa Senhora chamar o padre e quis acompanhar o Sagrado Viático. Estava toda a família reunida em volta do leito de agonia. Os corações fundiam-se na mesma oração. Teresa registou esta fúnebre recordação: "A cerimónia da Extrema-Unção gravou-se-me profundamente na alma. Parece que estou ainda a ver o sítio onde me mandaram ajoelhar a ouvir os soluços do nosso pobre pai". (1)

Devido à acção lenificante do Sacramento, os sofrimentos abrandaram um pouco. A Senhora Martin caiu numa espécie de prostração. Estava como que aniquilada, as pernas e os braços inchados, impossibilitada de fazer qualquer movimento, incapaz de se fazer ouvir. Tinham de lhe adivinhar o pensamento no imperceptível mover dos lábios. Mas os olhos ainda falavam. Quando o Senhor e a Senhora Guérin, chamados por telegrama, entraram no quarto no dia seguinte, acolheu-os com um sorriso e depois fitou demoradamente a cunhada, com um olhar profundo e suplicante que queria exprimir toda a esperança que nela punha e o seu infinito reconhecimento.

Foi no limiar do dia 28 de Agosto de 1877, numa quarta-feira, exactamente à meia noite e trinta, que a Senhora Martin se extinguiu suavemente, após uma breve agonia. O marido e o irmão prevenidos pela Irmã Enfermeira, acudiram a tempo de lhe receber o último suspiro. Preveniram logo as filhas mais velhas que, tranquilizadas pela enfermeira, tinham deixado a doente às nove horas. A Paulina que se refugiara no quatinho do jardim, por cima da rouparia, dirigiu-se também em lágrimas, para junto das duas pequenitas, mas não quis perturbar-lhes o sono. Reservou para o dia seguinte a dilacerante notícia. O Senhor Martin levou a Teresa junto do leito mortuário. Foi ela mesma que contou a cena: "Pegou em mim ao colo e disse-me: Veni beijar pela última vez a tua querida mãezinha. E eu sem proferir uma palavra, aproximei os lábios da fronte gelada da minha querida mãe". (2)

(1) *História duma Alma*, Cap. II.

(2) *História duma Alma*, Cap. II.

Parecia dormir. Ainda que tivesse chegado quase aos quarenta e sete anos dir-se-ia que morrera mais nova. O rosto macerado e como que insculpido pelo sofrimento tinha agora depois da morte uma expressão impressionante de majestade e de juventude. Uma atmosfera de profundo recolhimento e de paz sobrenatural envolvia a capela ardente. O Senhor Martin e as filhas não se cansavam de contemplar a fisionomia serena daquela que, depois de tanto ter lidado, conhecia finalmente o repouso.

A filha mais nova — que tinha então quatro anos e meio — deixou na autobiografia o seu depoimento sobre aqueles dias sombrios:

"Não me lembro de ter chorado muito. Não falava a ninguém dos sentimentos profundos que me enchiam o coração; olhava e escutava em silêncio. Via também muitas coisas que teriam querido esconder-me: em certa altura encontrei-me sôzinha em frente do caixão colocado de pé no corredor. Parei um pedaço a olhar para ele. Nunca vira nenhum e contudo percebia! Era tão pequenina nesse tempo que tinha de erguer a cabeça para o ver todo e parecia-me muito grande e muito triste..." (1)

As exéquias celebraram-se na quarta-feira a 29 de Agosto, às nove horas, na igreja paroquial onde parentes e amigos se tinham reunido. Foi enterrada no cemitério de Nossa Senhora de Alençon. Só em Outubro de 1894, depois da morte do Senhor Martin, é que o Senhor Guérin querendo reunir no túmulo aqueles cuja vida comum fora modelo de união conjugal promoveu a trasladação do corpo da imã para o jazigo da família em Lisieux. A lousa de granito com a inscrição funerária foi colocada então num terreno livre das proximidades. Encontraram-na lá intacta, cinquenta anos mais tarde, e instalaram-na convenientemente no jardim do Pavilhão onde os peregrinos gostam de encontrar a recordação da mãe de Teresa.

Não faltaram elogios à memória da extinta. O pároco de Montsort declarou sem hesitações "que havia mais uma santa no Céu".

A Senhora Guérin que recebera também as confidências da cunhada e tantas vezes se aproveitara da sua experiência e dos seus delicados serviços havia de evocar-lhe os méritos eminentes,

(1) *História duma Alma*, Cap. II.

numa carta dirigida catorze anos mais tarde a 16 de Novembro de 1891, à sobrinha que fora para Carmelita, Teresa do Menino Jesus:

"Que fiz eu para que Deus me rodeasse de corações tão affectuosos? Não fiz mais do que responder ao último olhar de uma mãe a quem eu queria muito, muito. Pareceu-me ter compreendido esse olhar que nada me poderá fazer esquecer: gravou-se-me no coração. Desde esse dia procurei fazer as vezes daquela que Deus vos levava, mas, ah! nada pode substituir uma mãe assim! Contudo Deus abençoou os meus fracos esforços e hoje permite que eu recolha o affecto dos vossos corações juvenis. Quis Ele que essa mãe que havia guiado a tua primeira infância fosse elevada a uma glória mais sublime e gozasse das alegrias celestes. Ah! é que os teus pais, minha querida Teresa, bem podem ser considerados santos e dignos de ter filhos santos".

Não menos impressionante era a apreciação que fazia da sua ama aquela que viveu durante onze anos com a família Martin, Luisa Marais. Esta criada, fiel como as que o são, sabemos em que condições fora despedida. Mas pediu, como grande favor, e conseguiu que a deixassem ficar até à morte da ama, por ter a certeza de que ninguém a trataria como ela. De facto cercou a doente da dedicação mais absoluta, até ao fim. Depois foi-se embora porque assim o exigia a reeducação da Leônia mas não deixou de conservar a saudade indelével daquela que lhe mostrara tanta condescendência e doçura. Em 1923 alguns meses antes de morrer, ainda escrevia para o Carmelo de Lisieux:

"Nos meus sofrimentos agudos invoco a minha Teresinha e ao mesmo tempo a sua boa e santa mãe, pois se a Teresinha é uma santa, em meu entender a mãe também o é e grande. Foi bem provada durante a vida e tudo aceitou com resignação. E como ela sabia sacrificar-se! Para ela tudo estava bem, mas para os outros já não era a mesma coisa... Tinha muito que lhe dizer a respeito da bondade dela e da sua submissão à vontade de Deus".

Mais alto do que todos os testemunhos eleva-se a voz das filhas da Senhora Martin, que, sob juramento afirmaram as suas virtudes quando depuseram no Processo de Beatificação de Teresa.

E mais alto ainda fala a última cuja glória crescente constituirá o mais autêntico título de glória da desaparecida. Existiria por ventura mais belo retrato de uma mãe do que o cinzelado por Teresa nesta estrofe?

Ai! O lindo sorriso da mamã!
E o seu olhar profundo como o mar!
Que parecia dizer a murmurar:
"Oh! Como a terra me aparece vã!
Já só a eternidade me extasia
E ver nos céus a Deus eu só queria!"



CAPÍTULO XI

A INTIMIDADE DOS BUISSONNETS

A INSTALAÇÃO NOS BUISSONNETS — LISIEUX
A ORGANIZAÇÃO DO LAR — A EDUCAÇÃO DAS FILHAS
AS DISTRAÇÕES EM FAMÍLIA — A VIDA ESPIRITUAL
O SR. MARTIN NO BELVEDERE

Teresa deixou escrito que na tarde do enterro da Senhora Martin, enquanto Celina adoptava por mãe a Maria, tomava ela Paulina por sua "Mãezinha". Na idade respectivamente de dezasseis anos e meio e dezasseis anos, as duas mais velhas encontravam-se admiravelmente preparadas para desempenhar esse papel. Correspondendo ao pensamento supremo da extinta, a Senhora Guérin ofereceu-se para as guiar e convidou o cunhado a transferir o seu lar para Lisieux. A farmácia, agora em plena prosperidade seria para as órfãs um segundo lar, onde a Joana, já ajuizada apesar de ter nove anos, e a imediata, a Maria, encantadora traquina de cabelo castanho, de olhos de azeviche, lhes reservavam o mais fraternal dos acolhimentos. A intimidade que unia as duas famílias ainda aumentaria. De um e outro lado havia as mesmas tradições de simplicidade, de labor, de rectidão. A família Tournet venerava a memória de um dos seus, o P. Tomas João Monsaint, antigo pároco de Orbec-en-Auge, depois de S. Roque, em Paris, martirizado na Abadia, por ocasião do massacre de 2 de Setembro de 1792. No velho e sólido edifício que dominava o cruzamento da praça Thiers e da rua Larga, à sombra das altas torres da Catedral de S. Pedro, respirava-se em toda a sua pureza, o ar vivificante da fé.

Para o Senhor Martin, a mudança de residência equivalia a um desenraizamento. Tudo o prendia a Alençon: as paisagens queridas, a poesia das recordações, as distrações da pesca, as múltiplas relações, o recolhimento do Pavilhão, a sua velha mãe que não podia pensar em levar, e mais ainda a vizinhança das sepulturas dos seus. O confessor e os numerosos amigos que tinha na terra opunham-se enérgicamente a um éxodo pago por tal preço. Insistiam para que pusesse as filhas mais novas no colégio e que

levasse as mais velhas a frequentar a sociedade onde a Senhora Tiffenne ou a Senhora Paulina Remet exerceriam sobre elas uma benéfica tutela moral. Esta perspectiva duma vida mais mundana desagradava àquele grande cristão assim como o pensamento de aumentar as tristezas do luto com as de novas separações. Preferia para as filhas a séria e alegre educação do lar. Quanto aos argumentos que pessoalmente lhe diziam respeito, recusava-se a pensar neles. O que mantinha a sua decisão, era o facto de a esposa, por delicadeza, lhe ter ocultado até ao fim o seu desejo da mudança para Lisieux. Sondada pelo Pai, a Maria, pelas mesmas razões da mãe, recusava-se a tomar uma atitude. Nessa indecisão o Senhor Martin consultava as mais velhas a respeito da eventualidade da partida: "Peço-vos a opinião, minhas queridas filhas, porque é só por vós que faço este sacrifício e não queria forçar-vos a fazê-lo". As filhas por seu lado, protestavam que a felicidade do pai, era a única coisa que as preocupava, mas ele depressa lhes adivinhou as inclinações e logo tomou uma resolução. No princípio de Setembro escrevia a Maria à tia: "Ele disse-me que faria todos os sacrifícios possíveis por nós, que sacrificaria a sua felicidade, a sua vida, se fosse necessário. Para nos tornar felizes, nada o faz recuar, não hesita nem um instante, julga que é o seu dever e o bem de nós todas e isso basta-lhe".

O Senhor Guérin que apenas esperava um sinal, pôs-se logo em campo para descobrir na região de Lisieux, não longe da sua própria casa, a habitação capaz de alojar sete pessoas, sem esquecer a última recomendação da Senhora Martin que queria um jardim vasto, por causa da saúde das pequenas e para recreio da família. Fortalecido com o auxílio invisível da irmã a quem pedira que o orientasse, passava em revista as vinte e cinco moradias vagas na localidade, e descobriu enfim, na freguesia de Santiago, no lugar chamado "Aldeia do Novo Mundo" a propriedade sonhada, cuja descrição metódica fez por carta ao cunhado, em 10 de Setembro, com uma precisão de notário.

Ficava a setecentos e sessenta e quatro passos da sua farmácia, e a setecentos da Igreja. Da estrada da Ponte-do-Bispo ladeando à esquerda o sumptuoso Parque da Estrela, desde então destinado a ser dividido em lotes para serem vendidos, sobe-se para lá por uma ladeira aberta na rocha, que trepa ágilmente a escalar a colina. Esse carreiro estreito e encaixado, se carecia de conforto nesse tempo, e hoje de estética, facilita a evasão para longe do ruído, da poeira e do movimento tumultuoso, produzidos pela vaga de turistas que se precipitam para Deauville.

Trilhados alguns meandros, vai dar-se a um lindo chalet normando, situado a meia encosta numa ilhazinha de verdura de nome deliciosamente simbólico cantado outrora pelo Cardial



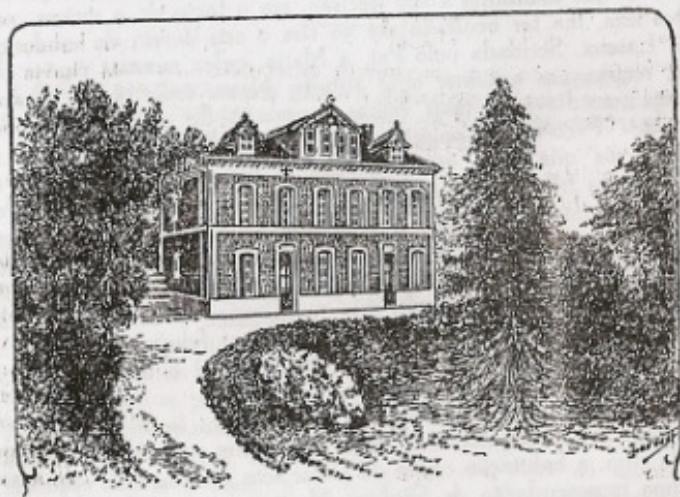
Nessa altura os irmãos do Sorriso
«Oh! como eu amo a minha Mãe, tia e o meu Pai»
São Teresa do Menino Jesus



Teresa dos Anjos e os irmãos «Colinas»
Família de pai

Touchet: "Os Buissonnets" ⁽¹⁾ — nem sequer os Buissons ⁽²⁾ — um nome evocador que indica um tufo de rosas bravas, de pilriteiros, de aveleira, de giestas, de qualquer coisa onde se esconda o frouxel de um ninho. ⁽³⁾

Entremos pela porta aberta no muro, subamos alguns degraus. A casa ergue-se elegante, com a sua fachada revestida de tijolos



Os Buissonnets. A + indica o quarto de milagre

vermelhos com filetes brancos, com os seus pilares e cornijas de pedra esculpida, com as suas janelas altas, enfeitadas com aplicações de madeira em talha. As árvores, os canteiros, e os cortinados de hera, envolvem-na em frescura e fazem passar sobre ela as carícias do vento e os mil cantos das aves. À entrada, um relvado à inglesa com canteiros de flores, uma moldura feita de tufos de arvoredos e a sombra dum túnelzinho natural onde havia

(1) e (2) "Buissonnets" é o diminutivo de Buissons que significa Molhas.

(3) Para dizer a verdade a casa não tinha em 1877, nem designação, nem número. Estava situada "no Bairro dos Buissonnets". As meninas Martin, como achassem o vocábulo pouco elegante, substituíram-no, na intimidade, pelo outro, mais harmonioso de "Buissonnets". A designação passou por simplificação, do lugar e do caminho, para a própria morada. A *História dum Alma* consagrou-o definitivamente e deu-lhe uma publicidade mundial. As palavras têm, também, o seu destino.

de se estar bem, nos dias de verão, para trabalhar. Um caramanchão rústico resguarda o poço e a bomba à moda antiga. Por detrás do chalet um jardim em sucalcos, cuja relva se prestava para os brinquedos infantis enquanto a horta e o pomar reservavam ao chefe de família úteis e sadias ocupações. Aqui e além recantos misteriosos, debaixo dos loureiros e dos evónimos, corredores sinuosos por entre os pinheiros e ao longo das tuias; tudo isto era para Teresa um mundo de mistérios, de sonho e de encanto. Mesmo ao fundo, o alpendre onde se erguia o seu baloiço, a lavandaria, precedida do minúsculo talhão que ela havia de atapetar de fetos e pervincas, a estufa para as espécies mais raras, a porta cocheira que dava para um caminho de serviço, por onde entrariam as pipas de cidra e as cargas pesadas.

O edifício apesar do seu aspecto elegante, era relativamente velho. As divisões da casa, de tectos baixos, mal feitas. Todavia o conjunto era agradável e vasto. No rez-do-chão excavado do lado do jardim havia uma sala de jantar com lambris de carvalho, uma cozinha com lareira de tijolos vermelhos, um exíguo escritório e um quarto de arrumações. No primeiro andar, dois quartinhos de toilette, quatro quartos, ficando os das traseiras quase ao nível do caminho de saibro. No segundo andar, três quartos de águas furtadas bem forrados e a coroar a casa, com a sua empena aguçada e as suas vidraças azuis e brancas, pináculo propício ao estudo e à contemplação, o miradoiro donde se domina um imenso panorama, o Belvedere, que correspondia bem ao Pavilhão de Alençon.

Entusiasmado com a descoberta, o Senhor Guérin, que nem dormia de noite, insistia com o cunhado para que fosse ver com os seus olhos e resolver com urgência. O Senhor Martin foi sem demora e, conquistado imediatamente, fez logo o arrendamento. Enquanto ele se conservava mais algum tempo em Alençon para pôr os negócios em ordem e liquidar a empresa das rendas, as filhas deixavam a rua de S. Brás depois de uma comovedora visita de despedida ao cemitério de Nossa Senhora. A mudança fez-se a 14 de Novembro de 1877. As órfãs passaram a primeira noite debaixo do tecto do tio que as tinha ido buscar e desejava fazer-lhes as honras da sua cidade adoptiva. Foi preciso nada menos que a recepção maternal da Senhora Guérin e as carícias de Joana e de Maria para contrabalançar o primeiro abalo causado por um exílio daqueles. Só a Teresinha conservou a fronte calma.

"Não senti o menor desgosto ao sair de Alençon, escreveu ela. As crianças gostam das mudanças e do que sai do habitual; por isso foi com prazer que vim para Lisleux". (1)

(1) *História duma alma*, Cap. II.

No dia seguinte fez-se a inspecção da nova residência que pareceu ideal a todas; depois, foi a colocação dos móveis, feita alegremente e com arte. A sala de jantar de soalho encerado com perfeição, era ornada com nobreza por antigos móveis de carvalho autêntico: um aparador emoldurado por colunelos em espiral e adornado com figuras de caça, uma mesa redonda de eixo fixo, cadeiras austeras a que viriam juntar-se mais tarde, para o caso de raras recepções, duas cadeiras de braços, altas, do mesmo estilo. Sobre a lareira um relógio de bronze com a assinatura do joalheiro Martin. Cortinados espessos coavam a luz dando um ar grave ao quadro do Nascimento colocado por cima do espelho e aos divertidos quadros de crianças pendurados nas paredes. A cozinha foi provida com sólidas baterias das que honravam os lares antigos. O escritório contíguo transformou-se em gabinete íntimo onde, à noite, se faria o serão.

No primeiro andar, do lado da rua, instalou-se com cuidados especiais, o quarto de dormir do pai de família. Ali dominava o acajú adequado e elegante, na secretária, na cadeira, na mesinha de cabeceira e no vasto leito de docel, envolvido por cortinados de clássicas pregas onde parecia ver-se flutuar uma suave melancolia. Os dois candieiros de azeite — que serviam na mesa de jantar da primeira comunhão de Teresinha — ladeavam a imagem de Nosso Senhor Crucificado para quem subiriam tantas preces. A decoração era burguesa, mas campeava o espírito monástico nos motivos piedosos que incitavam à oração: o *Ecce Homo*, Nosso Senhor na Cruz, a que se juntaria em 1888, o quadro de Nossa Senhora das Dores, pintado por Celina. Através das janelas religiosamente veladas filtrava-se uma meia luz misteriosa. O compartimento contíguo reservado à Maria e à Paulina, onde se daria o milagre da Virgem do Sorriso, contrastava com aquela quase-cela, pela nota clara das madeiras, pela leveza das cambraias a revestirem com graça a alcova. Os quartos que davam para as traseiras do jardim foram destinados à Celina e à Teresa, o mais vasto; à Leônia, o outro. E não deixaram esquecido o Mirante, que correspondia tão oportunamente — e as filhas bem o pressentiam — ao desejo de solidão, inato no Senhor Martin, e que a viuvez ainda acentuara.

Logo a 16 de Novembro, a Maria podia escrever ao pai:

"Já estamos instaladas nos Buissonnets. É uma casa encantadora, alegre e risonha, com este grande jardim onde a Celina e a Teresa, poderão pular à vontade. Só a escada é que deixa a desejar e também o caminho de serviço, "caminho do Paraíso" como tu lhe chamas, pois, na verdade, é estreito, não é "a via larga e espaçosa". Que importa? Tudo isso é coisa pouca, pois nós apenas

acampamos na terra: hoje temos cá as nossas tendas, mas a nossa morada verdadeira é o Céu, onde um dia nos iremos juntar a nossa querida Mãe.

Entretanto, meu querido Paizinho, desejávamos muito ver-te no meio de nós; a tua ausência já nos parece muito longa. Quando é que os teus negócios em Alençon estarão terminados? Penso em ti constantemente. Parece-me que hás-de ser feliz aqui, rodeado de toda a tua famíliazinha. Oh! sim! nós havemos de fazer por ser muito boas, por tomar a tua vida suave, para te agradecer o grande sacrifício que fazes pela nossa felicidade. Esta felicidade hás-de senti-la igualmente porque tudo faremos para te fazer feliz".

O Senhor Martin respondeu que incitava as rendeiras a acabarem depressa as suas tiras de rendas. Também ele tinha pressa em tomar posse do seu novo reino. Entretanto exortava de longe o seu rebanho:

"Atendei a todas as recomendações dos vossos tios: bem sabeis os grandes sacrifícios que tive de fazer, para vos conseguir o auxílio dos seus bons conselhos, por isso não deixei fugir uma única ocasião de os aproveitar.

Tu, minha Maria, a mais crescida, a minha primogénita, sabes como te quero. Pois bem! continua a dedicar-te cada vez mais às tuas irmãs, faze com que elas, vendo-te, tenham diante dos olhos um bom modelo a imitar... Adeus, minhas queridas filhas, aperto-vos todas ao coração com o maior amor e confio-vos à vossa santa Mãe". (1)

Quando as operárias que reuniam as "tiras" terminaram o trabalho, o Senhor Martin entregou as últimas encomendas e cedeu a empresa do Ponto de Alençon. Tendo a mãe já velhinha testemunhado o desejo de acabar os seus dias, em qualquer afastado cantinho aldeão, levou-a para perto de ali, para Valf Lambert, e confiou-a aos cuidados da Senhora Moyse Taillé, a "Rosinha" de Semallé. Ai a visitaria frequentemente até 8 de Abril de 1883, em que se extinguiu em paz, na idade de 83 anos. Foi por contar com estas frequentes visitas à região que conservou, à maneira de pousada a propriedade do Pavilhão, onde um quatinho do primeiro andar lhe serviria para passar a noite. No fim de Novembro abandonou definitivamente, não sem pesar, a querida casa da rua de S. Brás, e foi ter aos Buissonnets onde o festejaram como a um rei.

(1) Carta do Senhor Martin às filhas, de 25 de Novembro de 1877.

Lisieux, onde os nossos amigos entravam como desconhecidos e que havia de adquirir tamanho renome por causa da sua permanência ali, ofereceu aos seus hóspedes, um aspecto carregado devido aos nevoeiros do outono. Já não era a cidade limpinha e distinta, cingida de campinas luminosas. O vale onde confluem as ribeiras de Touques e de Orbiquet toldava-se de neblina e de pesados vapores. Os prados que enfeitam as vertentes das colinas pareciam arripiados e ensopados das chuvas. As chaminés altas das fábricas traçavam no céu baixo volutas de fuligem negra. As ribeiras que serpenteiam em meandros inverosímeis, tomavam tons de ardósia e por vezes rolavam rolos de tinta. Em algumas daquelas vielas estreitas, as lavadeiras batiam e torciam a roupa nessas águas sujas. Aqui e além notava-se a presença da indústria. Ouviam-se remexer tonéis e pipas. Em certos momentos o cheiro acre da cidra fermentada fazia tossir.



A rua dos Caldeiros, em Lisieux, nos s. XIV e XVI

Há outra característica do aspecto de Lisieux que a guerra implacável devastou e quase aniquilou. Ao lado de muitas deficiências havia nela autênticos esplendores. A antiga galo-romana, *Noviomagus Lexoviarum* que, antes da invasão de César, servia de capital à importante tribo dos Lixoves, conservava prestigiosas recordações desse tempo agitado. Ao passo que o Museu de arqueologia frequentado pelos amadores de história, se enriquecia com vasos, utensílios arcaicos e pedras esculpidas, testemunhas dessas épocas primitivas, a Idade Média revivia nesse prodigioso Museu ao ar livre que era o centro da cidade. A rua da Paz, a Casa Carrey, a Praça dos Matadoiros, a rua de Fèvres ofereciam os mais variados espécimes da habitação normanda desde o século catorze até ao século dezasseis.

As casas com lanços de madeira e telhados pontiagudos inclinavam-se curiosamente umas para as outras como para murmurar segredos ou padre-nossos. Das construções vetustas, de ombreiras carunchosas, destacavam-se carrancas de monstros, figuras bizarras.

Mais além, uma fachada imprevista assinala a época do Renascimento. O estilo de Versalhes nota-se nas linhas clássicas do antigo paço episcopal que contém, como num escritório, o "Aposento do Rei", o maravilhoso Quarto Dourado. A tradição de Le Nôtre anima o Jardim Público com bem ordenados renques de árvores e com sebes vivas como que a engastar nobres talhões de terreno. A alma dos grandes prelados desertou desses lugares, mas resta a Catedral de S. Pedro, com torres desiguais, onde o gótico se mistura, sem colisão, com o românico. Maurício Barrès exaltou como artista, este *ex-voto* de pedra, de austeridade forte. A profunda espiritualidade normanda do fim do século treze, brilha na extensão impressionante da nave. Para encher um recinto daqueles era necessário o concurso unânime duma população inteira. Era ali, na linda capela da ábside, a que preside a imagem da Santíssima Virgem e que tendo sido demolida "por causa da guerra" foi reconstruída por Pedro Cauchon, era ali que a família Martin havia de se ajoelhar todos os dias, para assistir à missa, e frequentemente para receber o seu Deus. Era ali, no lado sul da charola, quase na ábside, na capela outrora dedicada a S. José de Cupertino, hoje a S.º António de Pádua, que o pai de Teresa a instalava todos os Domingos para ela assistir à missa solene, com os olhos fixos no altar-mor. Ao Evangelho vê-lo-iam pegar na criança pela mão e levá-la para junto do púlpito, a fim de não perder uma palavra do sermão, apesar da amplidão do templo. Sentado no banco dos membros fabriqueiros da Igreja, o Senhor Guérin estremecia de prazer quando surgia da penumbra aquela a quem ele chamava "o seu raiozinho de sol".

Por ocasião dos passeios da semana era de preferência a S. Tiago e a S. Desidério ou ao humilde santuário do Carmelo que o pai e a filha faziam as suas visitas. A Igreja de S. Desidério, apesar do portal elegante, duma "glória" impressionante e dum coro histórico, pouco pábulo fornecia à inspiração estética; mas S. Tiago com a sua escadaria monumental, com o seu campanário atarracado estranhamente toucado, com os seus contrafortes arruinados de tão quebradiças que eram as suas pedras, deslocadas ainda pelo vento, impunha-se pelo seu perfil e incitava à oração. ⁽¹⁾

(1) De S. Desidério não resta hoje senão um montão de ruínas. S. Tiago, muito duramente atingida não escapou senão por um triz à destruição total e não poderá ser restaurada senão com dificuldade.

Em resumo, por muito apreciadores dos mil reflexos da beleza que fossem os recém-vindos, não era o prazer artístico que eles procuravam nessas paredes. A Teresinha, mesmo, faria apenas menção, das maravilhas acumuladas na pitoresca cidade pelos marceneiros e mestres de obras. Preferia-lhes as corridas sem destino, pelos carreiros, através dos prados, em direcção aos horizontes envolvidos num cendal de bruma ou em direcção às colinas de verdes pastagens. O que esperavam encontrar em Lisieux era muito menos a distração que o esquecimento do mundo: era a vizinhança dos parentes Guérin e, com ela, a perspectiva duma vida pacífica, piedosa e recolhida, na intimidade da família. O cantinho dos Buissonnets parecia feito de propósito para abrigar um sonho destes.



A igreja de S. Tiago

* * *

A vida organizou-se logo. O Senhor Martin dirigia superiormente. Marcava o tom, o espírito, a linha geral. Queria ordem e asseio em tudo e mostrava-se desgostoso quando por descuido ou negligência havia desperdícios, extravios ou estragos. Era de parecer que as filhas tivessem ocupações próprias e se iniciassem na maneira de governar bem uma casa. Não toleraria sombra de modos arrapazados e entendia que os trabalhos domésticos deviam ser honroso apanágio dos talentos femininos. Quanto ao mais confiava nas filhas e não se intrometia fosse no que fosse das minúcias caseiras. Durante nove anos foi a Maria que assumiu o governo da casa e, depois que entrou no convento, coube esse papel à Celina. A acção póstuma da mãe dava-lhe amparo. A sua invisível presença reinava no lar. Pois não sentira a mais velha, junto do leito fúnebre como que num choque físico a certeza invencível de que a defunta não morrera de todo e que voltaria para a ajudar na sua missão?

A organização da vida nos Buissonnets poderia parecer austera a um observador frívolo. O conforto moderno era ali desconhecido. Não existia, evidentemente, gaz, electricidade ou água canalizada. Não havia aquecimento nos quartos. As refeições preparavam-se à antiga, na fomalha de carvão de lenha, na lareira onde a panela de sopa pendia da cremalheira de ferro, na velha assadeira onde girava o espeto para os assados. Nas noites de inverno, com grande espanto da Teresinha, o Senhor Martin assava batatas em cima duma lage. Encantava-os a poesia da chama viva, dos ramos a tostarem-se e a crepitarem ao contacto ardente do fogo. A ementa era simples, com excepção das solenidades litúrgicas que até o "Irmão Burro" tinha o direito de festejar. A comida era abundante e sã; não se admitiam nem gulosos, nem glutões. O chocolate que as mais novas tomavam na primeira refeição da manhã, apenas elas cresciam, era substituído por uma boa sopa de cebola. O café só aparecia à refeição do meio-dia nos dias de festas importantes.

Com excepção da família Guérin, os convidados eram raros. Não conheciam ninguém e ninguém os conhecia. Não tinham sala de visitas. Recebiam na sala de jantar ou no quarto do pai, quando aquela estava ocupada pelos preparativos de algum grande jantar. Bastavam quatro visitas, na manhã do dia de Ano Novo, para dar as boas festas aos parentes e íntimos. Cumpridas as formalidades rituais, punham-se a lastimar, maliciosamente, o pobre tio e a querida tia obrigados, pela situação social ao tremendo encargo dumas sessenta recepções e outras tantas visitas. A ociosidade era implacavelmente banida. O estudo, os labores femininos e as artes decorativas, absorviam todos os momentos livres do dia. O Senhor Martin que tinha grande admiração pelas delicadas miniaturas e pelos retratos em pergaminho ou marfim, nascidos do pincel de Paulina, encarregava-se de lhe comprar, nas suas viagens a Paris, os casulinhos de ouro de que ela tirava efeitos admiráveis. Mandou a Celina receber lições de desenho e pintura. E procurou para a segunda filha as meadas de linho fino próprias para renda de *guipure* com que ela bordou ao cabo de dois anos de constante labor, uma alva, verdadeira obra-prima, para oferecer ao seu director o P. Ducellier coadjutor da Sé, e que, depois da morte deste, voltou para o Carmelo e serviu ao Cardeal Pacelli por ocasião do Congresso Eucarístico de 1937.

Em Lisieux como em Alençon as criadas faziam parte da família. Eram fiéis e saíam nas melhores relações: a Vitória, depois de sete anos de serviço, para se estabelecer como lavadeira em sua casa; a Felicidade, ao cabo de três anos, para se casar. O Senhor Martin era duma bondade encantadora para com as

criadas. A 30 de Agosto de 1885, por ocasião da viagem que fez à Europa Central, escreveu de Viena à Maria, que dirigia a barca em seu lugar, recomendando que tratasse bem a criada e não se esquecesse de lhe pagar o ordenado. Mais tarde, como uma criada pedisse para sair no dia primeiro de Janeiro, intercedeu por ela junto da Celina que hesitava: "Deixa-a sair, sê bondosa, dispensa-a hoje". E parece até que a experiência deu mau resultado, pois que a interessada teve um mau encontro e regressou num estado de semi-embriaguez, que os fez arrepender daquela benevolência. Se alguma discórdia surgia entre as criadas e as filhas, eram estas, em princípio, que tinham de ceder. O pai não consentiria que lhes faltassem ao respeito. Teresinha, a quem a Vitória arrelhiava às vezes, — é prova disso a narrativa do "*Lembrai-vos*" dito com as velas acesas que eram fósforas, — (1) teve de lhe pedir desculpa em circunstâncias em que, sem dúvida alguma, as culpas não estavam do lado da criança.

Poderá haver coisa mais encantadora do que a homenagem prestada por estas criadas dedicadas aos seus antigos amos? A velha Vitória Pasquier, indignada com certas insinuações maliciosas que diziam respeito aos Buissonnets, protestava de Paris, em 25 de Maio de 1926, com esta admirável veemência:

"Aqueles meninas não saíam nunca sôzinhas e quando o pai não as acompanhava, acompanhava-as eu. Bem via como elas eram reservadas e modelo de bom comportamento. Não há muitas famílias que se pareçam com aquela. Eu que andei por todos os lados a servir tanta gente, não encontrei senão uma que se poderia comparar com ela".

Quase na mesma altura a Felicidade Saffray reforçava ainda este testemunho, numa carta para as Irmãs Carmelitas: "O Senhor Martin é que era um Santo e tão corajoso! Não tinha medo de nada. Era realmente uma família como há poucas". Se é certo que nenhum homem é grande aos olhos do seu criado de quarto, esta canonização do amo feita espontaneamente pela criada, não será um documento de valor?

(1) Ver *História duma Alma*, Cap. II.

* * *

O Pai conservava a suprema autoridade na educação das filhas. O amor confiante era a alma dessa educação. "Quanto era duro para si próprio, tanto para nós era amoroso, afirmou a Celina. O coração dele era duma ternura excepcional para conosco: vivia só para nós: não há coração de mãe que o exceda. E sem fraquezas". A Teresinha, por seu lado, dizia em termos quase equivalentes: "O coração do meu pai, já de si tão afectuoso, parecia enriquecido com um amor verdadeiramente maternal".



A igreja de S. Desidério

Não pôde consentir em sujeitar as mais novas ao regime de internato. Como dissemos, sofria quando a sua pequena tribo se dispersava. Se a irmã Maria Dositeia ainda vivesse, talvez escolhesse para as filhas o colégio da Visitação de Mans. Mas como a morte da "Santinha" o deixara livre, procurou e encontrou mesmo em Lisieux.

No extremo ocidental da cidade, depois de passar a ribeira de Touques, ao chegar à estrada nacional para Caen, avistava-se um conjunto de edifícios bastante extravagantes, dominados pela frontaria e pelo campanário de S. Desidério. Era uma relíquia histórica aquele pedaço de terra onde, na noite de 6 para 7 de Junho de 1944, um bombardeamento aéreo semeou a ruína e o incêndio, fazendo morrer nas chamas 20 religiosas e destruindo as recordações da Primeira Comunhão de Santa Teresa do Menino Jesus. No ano de 1046 Lescelina, viúva de Guilherme, Conde de Exmes, transferia para uma propriedade cedida por Guilherme o Conquistador, as religiosas Beneditinas que viviam desde 1011 em S. Pierre-sur-Dives. A abadia de Nossa Senhora do Prado tinha-se perpetuado ali. Se bem que as agitações de perto de mil anos se manifestavam nas pedras,

sas e destruindo as recordações da Primeira Comunhão de Santa Teresa do Menino Jesus. No ano de 1046 Lescelina, viúva de Guilherme, Conde de Exmes, transferia para uma propriedade cedida por Guilherme o Conquistador, as religiosas Beneditinas que viviam desde 1011 em S. Pierre-sur-Dives. A abadia de Nossa Senhora do Prado tinha-se perpetuado ali. Se bem que as agitações de perto de mil anos se manifestavam nas pedras,

só o entreacto sangrento da Revolução pudera interromper, e por muito pouco tempo, a recitação do Ofício Divino, missão essencial das filhas de S. Bento.

Não aconteceu o mesmo à escola anexa à Abadia, pelo menos desde o século XVI. Dispersa pelo Terror, reaberta em 1808, aquela brilhante instituição viria a ser envolvida na proscrição de 1904 e substituída por um Lar para residência de senhoras e raparigas. Como a tradição abacial se houvesse interrompido no tempo da Restauração, em 1877 era uma Priora, a Reverenda Madre S.^{ta} Exupério, que governava o mosteiro. O ensino estava a cargo da Madre S.^{ta} Arsénio, aparentada com a família Martin. Em 1880 foi indicada para substituir uma religiosa de grande coração, hábil pedagoga e educadora perfeita, a Madre S. Plácido. Umas sessenta alunas da melhor sociedade formavam cinco classes, cada uma com duas ou três turmas, que se distinguiam pelas cores diferentes, vermelha, verde, violeta, alaranjada e azul dos cintos do uniforme. A casa, sob uma aparência austera, recomendava-se pelo espírito de família. A sua reputação estava sólidamente estabelecida. Joana e Maria Guérin frequentavam-na como externas. No começo do ano lectivo de 1878 o Senhor Martin resolveu que a Leônia e a Celina as acompanhariam. A Teresinha, que era convidada, de quando em quando, para alguma sessão ou festa, só ali entraria como aluna em Outubro de 1881.

Ao passo que a Leônia passava a ser interna, a Celina e mais tarde a Teresinha chegavam de manhã, um pouco depois das oito horas, e saíam à tarde por volta das seis. No regresso vinham muitas vezes com as primas, acompanhadas pela criada da farmácia, a fiel Marcelina, que havia de vir a tomar o Véu nas Beneditinas de Bayeux. Era o Senhor Martin que frequentemente as ia acompanhar e buscar ao colégio, o que lhe proporcionava ocasião de se informar dos progressos e dos esforços delas. Por debaixo do seu aspecto afável ocultava-se uma firmeza real. Quando as notas não eram satisfatórias manifestava claramente a sua contrariedade. O pensamento de o afligir, entristecia então o regresso aos Buissonnets. Por nada consentiria em deixar discutir a autoridade das mestras. Nenhuma diplomacia poderia levá-lo a negar-lhes razão. Exigia também exactidão e regularidade. Não gostava que se quixassem de ligeiros incómodos ou que os tomassem como pretexto para faltar. A Celina declarou que, durante os seus oito anos de colégio, apesar duma saúde muito frágil, só faltou dois dias. Sentia fortes dores de ouvidos? Levava um agasalho que lhos abrigasse. Em caso de indisposição levava um bocadinho de chocolate à maneira de mata-bicho... Não se faltava às aulas por tão pouco. Criadas com rigor pelas irmãs mais

velhas, habituadas a não discutir nunca uma ordem, as pequenitas obtinham sem dificuldade o prêmio de bom comportamento e arranjo. Tinham de cuidar do material escolar, empregar com parcimónia o número determinado de aparos que lhes cabia todos os meses. Recebiam igualmente para a refeição do meio dia, uma certa quantidade de doce que devia durar um tempo marcado. Se não chegava lá, pior para elas. Na refeição habitual, ao meio dia as suas condiscipulas tiravam de um taboleiro que passava pelas aulas, fortificantes e biscoitos abundantemente oferecidos pelas famílias. Elas contentavam-se, embora com grande mortificação do amor próprio, se é que não do apetite — com um pedaço de pão seco. Também não se obedecia à moda quando esta favorecia a vaidade: a Celina, que tinha uma testa alta, sentia desejos de arranjar o cabelo "à la chienne", moda então muito em voga. Havia neste desejo um bocadinho de vaidade. Não se consentiu na fraqueza.

Uma austeridade assim havia de produzir os seus frutos. Até a Leônia se modificou rapidamente, com grande alegria do pai que lhe prodigalizava paciência e incentivos. Não tardou a ser evidente que a influência materna a seguia de além túmulo com eficácia comovente. A Maria que a tomara à sua conta, manifestava o júbilo que isto lhe causava. Ela que escrevera: "Espero mais da protecção da minha santa mãe para acabar, lá do Céu, a transformação da minha irmã, do que dos meus fracos esforços..." pôde enviar, assim que chegaram a Lisieux, um primeiro cartão de triunfo:

"Noto — escrevia ela a respeito da Leônia — que, de há um tempo a esta data, muda dia a dia. Não reparaste, querido paizinho? Tenho a certeza de que é a mãezinha que nos alcança esta graça e estou persuadida de que a nossa Leônia há-de vir a dar-nos consolação".

Efectivamente, se os estudos da rapariga ficavam incompletos devido aos atrasos sucessivos, os dons de coração desenvolviam-se maravilhosamente. Segundo o testemunho da Madre S. Francisco de Sales que conviveu muito com ela durante os seus quatro anos de permanência nas Benedictinas, as composições dela brilhavam pela delicadeza de sentimentos. Em família, se não se desprendia completamente dos acessos de selvajaria primitiva alimentados em parte pelas frequentes enxaquecas, expandia-se ainda assim, e deixava-se levar pela corrente da intimidade que constituía o encanto dos Buissonnets. As insinuações malignas que a representam como uma Gata Borralheira desprezada pela família, exprimem exactamente o contrário da verdade.

Quanto à Celina que se tomara, segundo a expressão da Teresinha, "uma traquinas endiabrada" adaptou-se rapidamente ao regulamento do colégio.

Com um fervor que transparece na alusão feita ao caso na *História duma Alma*, preparou-se para a primeira Comunhão com um retiro de muitos dias passados inteiramente com as religiosas. A satisfação dela foi completa quando, terminados os estudos da Leônia, foi a vez da mais nova entrar na Abadia.

* * *

Após os dias de estudo, o repouso dos Buissonnets parecia mais aprazível. O espírito do mundo não transpunha os muros da casa. O pai vivia retirado dos negócios, mergulhado no seu luto. Estranho à cidade, não travou relações. Frequentavam as sessões dramáticas e os concertos do Círculo Católico: apreciavam a tema amizade do Senhor Guérin e da esposa, a casa de quem ia uma por cada vez passar a tarde de Domingo; mas não conheceram nunca os salões de Lisieux.

Guardião nato da tradição familiar, o pai afastava cuidadosamente o que a podia alterar. Não admitia nenhum jornal senão *La Croix*, cuja leitura era reservada às mais velhas. Não gostava de divertimentos mixtos e dos excessos de familiaridade entre raparigas e rapazes, daí resultantes. Delicado até ao escrúpulo, escolhia os lugares para passear, de modo a fugir de certos pontos de má nomeada e acautelava a família contra as exhibições suspeitas e os encontros perturbadores. Umas com as outras é que se divertiam. A autonomia e suficiência doméstica nas recreações garantia a independência moral do lar.

Todas as noites de inverno, depois de levantada a mesa, lavada e arrumada a loiça, erguia-se na escada a voz clara da Teresinha: "Papá, papá, o candieiro está aceso". Ouvia-se então o arrastar duma cadeira no Belvedere e um passo grave abalava o soalho. O Senhor Martin, com rosto sorridente, descia para uma espécie de gabinete, encostado à cozinha. ⁽¹⁾ Era ali que as mais velhas passavam o dia. Ali faziam serão. Começava-se por uma partida de damas em que o pai se revelava jogador quase invencível. Quando, por acaso, se descuidava um pouco e estava a dois

⁽¹⁾ Quando foram restaurados os Buissonnets, em 1915, esse gabinete foi reduzido, no sentido do comprimento, pela introdução duma passagem de serviço para o jardim.

passos da derrota, a Maria, sua parceira predilecta, ainda achava meio de fazer mudar a sorte, por efeito de qualquer manobra disfarçada. A seguir iam buscar o *Ano Litúrgico*, aquela obra-prima de D. Guéranger, oferecido por ele, de presente, à Paulina, quando saiu do colégio. ⁽¹⁾ O volume referente à estação, estava marcado com um sinalzinho, que indicava a data do dia. Liam-se algumas páginas, que provocavam, às vezes, piedosos comentários. Depois pegavam num livro instrutivo ou num romance escolhido na biblioteca paroquial: e era uma nova ocasião de comungarem, entre si, no pensamento dum mestre.

Era então que se abria o último acto do serão, o mais delicioso para a Teresinha, que viera aninhar-se nos braços do pai e o cobria de beijos. A alma cantante do Senhor Martin ia embalar a sua "Rainhazinha". Ela fixava cuidadosamente as melodias e mais tarde, no Carmelo, empregando versos e estribilhos novos, compunha com eles os cânticos em que exprimia o seu ideal. Ouvia, com igual encanto, o seu "Rei" declamar alguma fábula de La Fontaine, o *Anticristo* de Victor Hugo, *Reflexão*, de Lamartine. Apenas tinha o trabalho de escolher no seu imenso repertório. Queria alegrar o programa? Recorria então às saídas do Senhor de La Palisse ou, armado em fabricante de brinquedos, numa casca de melão talhava carrinhos minúsculos, que a criança, extasiada, fazia rodar. Recortava em medula de sabugueiro pequenos cones e metia-lhes um pouco de chumbo na base. A Teresinha divertia-se a deitá-los abaixo, para os ver erguerem-se de um pulo e a voz paterna tirava daí uma agradável lição: "Nas adversidades e nos choques da vida temos de fazer como os bonecos *Tombi-Carabi*: levantar-mo-nos logo a seguir à queda e olhar sempre para cima!" Quando se aproximava o dia 25 de Dezembro, o Senhor Martin, escolhia entre mil um cepo de formas pitorescas, cuja agonia lenta na lareira, acompanhada pelas notas dalguma canção bretã, deslumbrava todos os olhares, enquanto as castanhas se assavam debaixo da cinza. Mais tarde, evocando esta cena, a Santa do Carmelo escrevia:

*Com que alvoroço do Natal à noite
O sapatinho eu ia pôr no lar!
Ao despertar, como ia ansiosa, lesta
De Deus Mentiro com ingénua festa
Os doces buscar!*

(1) A Maria e a Paulina, por ocasião do seu internato na Visitação de Mons, tiveram ocasião de conhecer D. Guéranger que ali ia frequentes vezes de visita.

No estio, depois do trabalho debaixo do caramanchão, vinham as refeições tomadas ao ar livre, entre o perfume das rosas, e a seguir vinha a iniciação na jardinagem ou as brincadeiras mais imprevisíveis. De que havia de se lembrar o pai! Tendo recebido uma pequena herança, quis entregar cem francos a cada filha! Enterrou aqui e além rolinhos de preciosas moedas e depois ajudou as "pesquisadoras de ouro" a buscá-las acompanhando-as com as indicações usuais: Quente... Frio... Muito frio...

Os já embotados de prazeres, poderão rir-se de tais processos, mas feliz na verdade o lar onde os corações se conservam bastante simples para apreciarem estes ingénuos divertimentos.

Ao partir de Alençon o Senhor Martin não enterrou a cana de pesca. Os visitantes dos Buissonnets haviam de admirar as varas cujas pontas se encaixavam umas nas outras, as linhas entrançadas, a provisão de crina de Florença. Em S. Martin-de-la-Lieue, onde um proprietário complacente lhe concedeu uma autorização que o punha ao abrigo das cominações dos guardas rurais, arrelivava ele os lúcios. Em Saint-Ouen-le-Pin, em casa de uma parenta, pescava trutas em dois viveiros. Não longe de Deauville, na ribeira de Touques a maré trazia-lhe patruças e peixes de mar. Citavam-se no seu activo pescas memoráveis; nomeadamente uma carpa com 60 centímetros de comprimento. A Paulina fazia os retratos fiéis das vítimas, que iriam figurar no Belvedere como troféus, ao passo que o melhor na fritada servia para melhorar a diária do Carmelo.

Certo dia a pacífica expedição acabou em corrida de toiros. Encoberto pela erva no côncavo de um prado, um toiro, que ali andava a pastar precipitou-se na direcção do intruso que ousava violar-lhe os domínios. A caixa de pesca fez-se em pedaços. O Senhor Martin, que caminhava, lentamente, ao longo do fio de água, esboçou uma retirada estratégica para o lado da sebe. Perseguido de perto pelo animal furioso, fez-lhe frente com sangue frio e por várias vezes atacou-o com as suas canas de pesca. Um salto *in extremis* livrou-o de ser atravessado. "Estiveram quase para não me tornar a ver vivo, minhas filhas", confessou ele à noite, quando voltou para casa.

As filhas acompanhavam-no frequentemente. Sentavam-se na erva, faziam algum trabalho ou manejavam os pincéis. Viu-se mesmo o Padre Lepelletier, primeiro Coadjutor da Catedral de Lisieux, fazer parte do rancho, para aprender a lançar o anzol. Em compensação aproveitou o ensejo para dar à Celinazinha uma lição de perspectiva traçando no seu album o croquis de Teresa a colher flores.

Quando a frescura do tempo convidava a caminhar, o

Senhor Martin levava toda a sua gente a passeio. Irradiavam pelas vizinhanças: Quilly-le-Vicomte, a floresta de Rocques, Beuvilliers, estrada de Rouen, estrada de Paris. Iam rezar a Petit Bon Dieu onde se ergue o cruzeiro de S. Pedro. Dirigiam-se para o lindo cemitério de Lisieux, cujas cruzes e sebes cobrem os socalcos da colina. No caminho paravam a descansar junto da barreira, de onde se domina o horizonte, demoravam-se a observar as colinas e vales, cujas linhas se entrecruzavam e sobrepunham indefinidamente, sob o halo da neblina azulada.

Em Setembro organizaram uma autêntica excursão. Um *break* transportou a família toda a Saint-Ouen-le-Pin, a dez kilómetros dali, à casinha modesta que pertencia à Senhora Fournet, mãe da Senhora Guérin. E então era apanhar avelãs, passear pelo campo semeado de lindas vivendas, de campanários, de ruínas apreciadas pelos arqueólogos, depois eram as merendas no prado, com a louça rústica, de pitorescos desenhos normandos. Como por acaso, ao Senhor Martin era sempre atribuído um certo prato com uma pintura, onde, se via, em frente de um casal ético e dum cão esquelético, uma criada majestosamente alentada que vinha a ajustar-se. Por baixo, esta inscrição: "Cem francos de soldada, sem gorjetas, mas tratamento exactamente igual ao meu". Foi ali, entre flores e árvores altas que a Teresinha pasou a convalescença, a seguir à coqueluche.

As vilegiaturas na praia não eram menos apreciadas. Em 1878, 1885, 1886, 1887, na estação própria, a Senhora Guérin alugava casa por um ou dois meses. O Chalet Colombe, em Deauville, a vila Maria Rosa, o chalet dos Lilases em Trouville, recebiam familiarmente os visitantes. O pai ia, de tempos a tempos, passar lá um dia. As filhas acompanhavam-no e ficavam uma após outra, ou duas a duas. Estas praias não tinham ainda a sua fama mundial. Os artistas precederam ali a turba multa das cidades. Se já então as *toilettes* excêntricas obrigavam a evitar o Passeio das Pranchas, em face da "imensidade azul", existiam pendentes sobre os molhes a formar dique na foz da Touques, dominando os solares provincianos aninhados nas moitas solidões penhascosas, verdadeiros ninhos de silêncio, onde a alma de oração do Senhor Martin devia embriagar-se de recolhimento no liquor divino. Quando a Teresinha não o acompanhava, ele tinha o cuidado de lhe reservar qualquer recordação, conchinha ou peixe escolhido. Em 1880 a criança, que tinha então sete anos, escreveu no caderno de exercícios: "O Papá foi a Trouville; talvez traga caranguejos, e eu gosto muito, é tão divertido ver aqueles bichinhos negros fazerem-se encarnados quando se cozem".



segundo um desenho de «Chêne»

segundo um desenho de «Chêne»

As viagens a Alençon eram mais raras. O pai ia todos os trimestres passar lá dois ou três dias. Instalava-se no Pavilhão e tomava as refeições em casa dos amigos íntimos que tanto haviam sentido a sua partida. As mais velhas iam pouco mais ou menos de dois em dois anos visitar a sepultura da mãe. A Celina e a Teresa, esperaram até 1883 para ver o cemitério de Nossa Senhora. Estas visitas que duravam às vezes mais de uma semana, eram animadas com recepções amigáveis, e às vezes brilhantes, em casa de velhos amigos. A Senhora Paulina Romet, solteira, levava os seus convidados a casa do irmão, ao solar de S. Denis-sur-Sarthon; a Senhora Tifenne levava-os a Grogni no Sarthe, ao solar da irmã, a Senhora Monnier. A família Rabinel recebeu-os em certas ocasiões, na sua casa de Lanchal, em Semallé.

O Senhor Martin, fazendo estas concessões às conveniências mundanas, preferia, ainda assim, a tais saídas, as peregrinações em família. Gostava de levar as filhas a Nossa Senhora do Livramento. Em 1883, por ocasião da viagem tão trágicamente interrompida pela doença da Teresinha, passou a Semana Santa em Paris com a Maria e a Leônia, levou-as a visitar os santuários e assistir com elas às cerimônias litúrgicas, coroadas, segundo as suas próprias palavras, por um "ágape esplêndido" em Notre Dame, na manhã do Domingo de Páscoa: "pelo menos oito mil comungantes, todos homens. Era Monsenhor Guibert que dava a Comunhão; o R. P. Monsabré fez-nos uma prática". Em Julho de 1887, como acompanhasse a Leônia, a Celina e a Teresa à exposição do Havre, quis ajoelhar-se primeiro em Honfleur, diante do altar de Nossa Senhora da Graça. Este digno cristão, cuja vida era toda impregnada pelo espírito de fé, não pretendia reservar só uma parte dela para



A catedral de S. Pedro,
de Lincoln.

Deus. Lealmente, dava-lhe tudo. No seu lar, tanto os recreios como o trabalho e a própria oração, eram marcados com o selo do Eterno. Era a evasão para as alturas, onde a alma se refaz, tornando-se melhor.

* * *

Nos Buissonnets, como em Alençon, era nas fontes divinas que se retemperava a vida comum. Ignorava-se aquele medo sem razão, respeito humano ou falso pudor, que impede as confidências de ordem sobrenatural entre íntimos e condena à mediocridade as conversas quotidianas. A leitura em voz alta de *O Ano Litúrgico* favorecia as conversas espirituais e punha a uníssono com a alma da Igreja. O recolhimento do serão parecia às vezes uma prece colectiva. Terminava pela oração em comum durante a qual a Teresinha ficava junto do seu bom pai "bastando-lhe olhar para ele para ver como rezam os santos". Este último acto, que encerrava os trabalhos do dia, passava-se no quarto das mais velhas. Em lugar de honra tinham instalado a estátua de Nossa Senhora. O Senhor Martin, receando que se partisse na viagem, pensara, a princípio, em a restituir ao seu ambiente primitivo, no Pavilhão, mas a Maria alegando o culto que a mãe votava a essa imagem venerável insistira para que a levassem e a mudança fez-se sem percalço. Assim pôde perpetuar-se a rica tradição marial.

Logo que chegaram a Lisieux o pai foi visitar o presbitério de S. Tiago, a sua nova igreja e tratar do aluguer de cadeiras reservadas para os seus. Era tal então a afluência nessa paróquia populosa, que não foi possível encontrar o número necessário de lugares livres. Teriam de ficar separadas. Entretanto tinham-se habituado a ir a S. Pedro, que ficava mais perto e onde ia também a família Guérin: conservaram-se fiéis a essa igreja.

A semana, as raparigas reuniam-se às 6 horas, na capela da ábside da Catedral, lindo santuário gótico presidido pela imagem da Mãe de Deus. Acompanhava-as o pai indiferente às tempestades, à neve e ao granizo. Esta primeira missa era a que ele preferia: "É a única a que podem assistir os criados e os operários. Estou assim em companhia dos pobres". Não foi sem pesar que a trocou mais tarde pela das sete, para evitar às filhas o madrugarem demais. A sua comunhão, frequente a princípio, tomou-se quotidiana. A Eucaristia, "acção de graças" por definição, correspondia tão perfeitamente à necessidade que sentia de louvar a Deus! Quando voltava a caminho dos Buissonnets conservava-se absorto, silencioso, alheio às conversas das filhas. Quando lho estranhavam defendia-se com dizer: "Continuo a conversar com Nosso Senhor".

Durante o dia o Senhor Martin era assíduo em rezar o terço e em visitar o Santíssimo Sacramento. Nas procissões do Corpo de Deus caminhava recolhido, com os olhos fitos na Custódia e nunca se considerava tão feliz como quando um dos mesários que levava uma das varas do púlpito lhe cedia o seu lugar junto da Hóstia. Contudo era para ele um verdadeiro martírio, devido à calvície, caminhar de cabeça descoberta sob um sol ardente.

Só lhe faltava uma coisa: a Adoração Nocturna, de que fora o principal animador em Alençon. Tanto fez que o cunhado que pertencia à Confraria da Sé entendeu-se com o clero local e estabeleceu a obra em Lisieux. Inscreveu-se também nas várias associações de piedade da paróquia.

As suas relações com os sacerdotes eram impregnadas de atenções que maiavam pela veneração. Não consentia a menor palavra de crítica ou de troça a seu respeito. As filhas, segundo o testemunho da Celina, tinham um tal culto por eles que os consideravam "como deuses". Isto explica certa surpresa da Teresinha, quando conviveu com eles mais de perto, por ocasião da Peregrinação a Roma e as observações que a esse respeito registaria na *História duma Alma*.

O Senhor Martin fazia a visita anual de cortesia ao seu Pároco. Uma vez por ano, e na altura duma primeira comunhão, recebia à mesa o seu confessor, o R. P. Lepelletier, o confessor das filhas mais velhas, o R. P. Ducellier, coadjutor também da Sé e que viria mais tarde a ser o seu Arcipreste, o Cônego Delatroette, Pároco de S. Tiago, e o R. P. Domin, capelão da Abadia. Fora destes casos, nenhum eclesiástico frequentava os Buissonnets pois que os seus habitantes se consideravam sinceramente indignos de tal honra, e os Sacerdotes respeitavam este sentimento de delicada reserva. Aconteceu até que o Reverendo Ducellier, indo ali agradecer a alva maravilhosa bordada pela Paulina para ele, hesitou um instante à porta da casa e por fim retirou-se.

É forçoso fazer menção especial do R. P. Pichon que, mais tarde, garantiu à Teresinha não ter ela perdido nunca a sua inocência baptismal. Este santo religioso, durante várias pregações em Lisieux contribuiu poderosamente para orientar a vocação da Maria, pelo que, o pai lhe ficou sempre imensamente reconhecido. Por isso lhe chamava graciosamente "o amigo e director da família Martin".

Em 1886, sabendo a Maria que o Jesuíta, depois de uma permanência no Canadá, voltava à Europa, moveu o pai a ir com ela esperá-lo. — "Nada posso recusar-te, minha filha", respondeu ele imediatamente. Esperaram dois dias em Calais e depois

em Douvres o famoso pacote que nunca mais chegou. Foi em Paris que encontraram o P. Pichon, depois de muitos aborrecimentos. Como a viajante se queixasse, qual magoada Filoteia, das falsas informações que a meteram numa pista errada: o Senhor Martin repreendeu-a com a sua bela serenidade: "Não deves murmurar, minha Maria. Foi Nosso Senhor quem julgou que tinhas necessidade desta prova".

Por aqui se verifica a serena caridade que havia de ser sempre mais e mais, a nota característica do santo velho. Ele que não seria Normando se não possuísse o sentido da economia na administração dos seus bens, mostrava-se cada vez mais desejoso de dar. Todas as segundas-feiras se via afluir aos Buissonnets a clientela dos pobres habituais. Tinham o seu dia marcado: era uma tradição venerável do tempo dos antepassados. Isto não impedia que o pedinte de passagem viesse a qualquer hora procurar abrigo ou refeição. A Teresa é que tinha o ofício de esmolar, fora ela própria que solicitara o título. Com uma carícia sossegava o Tom que todo se encrespava diante daquele desfile de maltrapilhos. Sentia pena das mãos de faces encovadas, dos pequeninos descorados e de aspecto doentio. Constituiu-se gentilmente sua advogada, para aumentar a esmola. Que emoção quando alguma mendiga lhe dizia: "Deus a abençoe, minha menina", ou quando um peregrino albergado e cumulado de benefícios pelo Senhor Martin, traçava, com modos acanhados, sobre ela e a Celina, ajoelhadas diante dele, um grande sinal da cruz, penhor das graças divinas!

Quando, no decurso dos passeios, algum miserável, sob um portal ou à sombra dum campanário, lhe estendia a mão, era também ela quem mobilizava em seu favor a carteira do pai que, diga-se a verdade, a abria sempre de bom grado. É conhecido o episódio do velho doente que recusou a moeda oferecida pela Teresinha e como esta recebeu tê-lo magoado. Mais tarde era no próprio domicílio dos doentes, que ela descobria e aliviava as misérias. "Nada a afugentava: beijava e acariciava as crianças pobres, mesmo quando estavam sujas". A Leônia, que apresenta este testemunho, poderia ter acrescentado que toda a família obedecia aos impulsos da caridade. Viram-na a ela mesma, visitar uma mulher que agonizava no meio de bicharia, e dominando as suas repugnâncias, limpar-lhe o casebre, mudar-lhe a roupa, e animá-la com os seus conselhos e, logo que morreu, amortalhá-la.

O Senhor Martin dava o exemplo em empreender tarefas que exigiam sacrifício pessoal. Logo que chegou a Lisieux, inscreveu-se nas Conferências de S. Vicente de Paulo. Tinha os seus protegidos de quem se ocupava activamente. A Celina viu-o entrar

numa casa dos arredores da cidade, onde vivia uma pobre, cercada de numerosos filhos. Entregou-lhe uma esmola avultada, informou-se, familiarmente, da saúde de todos e a propósito misturou na conversa considerações referentes à paciência cristã e ao perdão das injúrias. Era, evidentemente, o benfeitor de quem tudo se esperava: apoio material e conforto moral. Perguntando-lhe a filha: "Então conhece esta criatura?" limitou-se a responder: "É uma mulher muito infeliz que o marido abandona durante longos períodos e a quem trato de fazer algum bem".

Na sua requintada indulgência condescendia por vezes em se prestar a pedidos indiscretos. A gente do bairro sentia-se impressionada com a sua profunda piedade e com a chama sobrenatural que lhe alumia a fisionomia. Com a fronte ampla, com os cabelos precocemente branqueados nas fontes, com a barba grisalha e sobretudo com aquele ar venerável que aliava tão bem a dignidade e a alegria, infundia respeito. Um miniaturista da Idade Média ter-lhe-ia cercado a fronte de uma auréola. Sem chegarem a canonizá-lo em vida, muitos comerciantes do bairro julgavam-no como portador de boa sorte. Não o deixavam sem ele lhes fazer alguma compra para inaugurar bem o dia. E ele consentia boamente, troçando delicadamente daquela confiança supersticiosa e enchendo o bomal com um presentinho ou com alguns frutos que não tardariam a ser apreciados.

Com os anos, tornou-se ainda mais liberal. Escrevendo de Constantinopla a 16 de Setembro de 1885, acrescentou um *Post-Scriptum* à carta, para confirmar as liberalidades da Maria. "Dá, dá sempre e procura espalhar felicidade". A Teresinha colhia nessa escola aquela generosidade ilimitada que a havia de fazer afirmar mais tarde: "Se eu tivesse podido dispor dos meus bens arruinava-me, com certeza, porque não poderia ver alguém na miséria sem lhe dar logo tudo aquilo que necessitasse".

* * *

O Senhor Martin preferia a caridade que consistia em restituir Deus aos descrentes. Não havia para ele alegria maior do que a conversão dum pecador. Ao ter conhecimento de que um amigo querido dera o passo decisivo, manifestou-lhe logo o seu entusiasmo:

"Sinto necessidade de te felicitar ou antes, de dar graças contigo ao Senhor e de todo o meu coração, pelo grande favor que se dignou conceder-te em Dezembro passado, época para sempre memorável!... O valor real

dessa graça só virá a ser conhecido mais tarde... A tua família vai por muito bom caminho; esperemos que o vento não mude antes de terem todos atingido o porto".

Cada vez se sentia mais dominado do zelo da glória divina. A morte da esposa e o exodo para longe de Alençon, deixaram-no, aos cinquenta e quatro anos, livre de toda a preocupação comercial, afastado das suas velhas relações, mais faminto ainda de contactos sobrenaturais.

"Já não vivo senão de recordações, escrevia ele a esse mesmo companheiro de infância. Essas recordações da minha vida inteira, são tão doces que, apesar das provações por que passei, há momentos em que o meu coração transborda de alegria... Ultimamente falei-te das minhas cinco filhas, mas esqueci-me de te dizer que tenho também quatro filhos que estão com sua santa mãe lá no Céu, onde esperamos ir ter com eles um dia". (1)

Tinha de cuidar da administração dos seus bens e desempenhava-se desse trabalho com evidente senso prático, mas desviando-se instintivamente das manobras de bolsa em que podiam imiscuir-se especulações ilícitas e agiotagem. "Sinto que facilmente me interessaria pela administração hábil da minha fortuna, segredava ele à Celina; mas o terreno é escorregadio e não quero seguir muito de perto, as diversas avaliações desses valores terrenos". Confiava, aliás, na Providência, quer neste assunto, quer em todos os demais, e ela não lhe faltava. Não era capaz de tomar uma decisão sem consultar a Deus na oração. Um dia em que se dispunha a seguir de comboio para Bordéus, a fim de empregar uma grande parte dos seus valores numa empresa que parecia muito segura, uma entorse imprevista reteve-o no quarto. Viu nisso uma indicação dos seus conselheiros do Céu e imediatamente participou o desastre ao notário que o devia acompanhar. Foi uma sorte. O negócio faliu dentro em pouco. Teria sido a ruína quase total da família.

Todo o tempo que não dedicava à administração dos bens, ou às viagens, à educação das filhas ou às obras de caridade, aos trabalhos de jardinagem, à pesca ou aos passeios, passava-os o Senhor Martin no Belvedere. Aí estabelecera o seu quartel

(1) Carta do Senhor Martin ao Senhor Nogrux, de 1883.

general. Das janelas multicolores, para além dos espinheiros cor de rosa, das flores de ouro dos codessos e da cortina verde dos sabugueiros e dos pinheiros, estendia o olhar até Lisieux, e abraçava, numa perspectiva imensa, as suas altas torres a elevarem-se para o céu, os seus solares endomingados, o penacho de ferro das suas chaminés, e descobria lá ao fundo, no seio duma vegetação luxuriante que vestia colinas e vales, o Refúgio de Nossa Senhora da Misericórdia, aquela casa de reeducação onde a Teresa teria gostado de se enterrar entre as crianças taradas ou abandonadas. Nenhum estranho penetrava naquele templo do silêncio. O Senhor Martin fez dele um claustro, uma cela, um deserto onde, a certas horas, tinha a ilusão de viver como eremita independente do mundo, perdido em Deus.

Que fazia ali durante os seus longos retiros? Rezava, meditava, contemplava, de olhos fitos no Céu ou na copa das árvores que ondulavam com o vento. Entoava algum cântico onde toda a sua juventude revivia. Acolhia as filhas e escutava-lhes as confidências. Em cima da mesa, ao alcance da mão, alguns livros de cabeceira: O Evangelho, a Imitação, o Relógio da Paixão de Santo Afonso Maria de Ligório, o Pensai-o bem, o Livro de Ouro ou a Humildade em exercício. Nas estantes, tratados de espiritualidade, obras de mestres, a História do Povo de Deus, a História do Império, a da Trappa, a biografia do Padre de Rancé, os quatro tomos dos Estudos filosóficos sobre o Cristianismo de Augusto Nicolau, volumes escritos por santos ou que contavam a vida dos santos. Lia, comentava, anotava. Não foi pequena a surpresa ao encontrarem-se, nos seus papéis, citações escolhidas do Concílio de Kiersy denunciando os erros de Gotescalc. O erudito e o homem culto revelavam-se naquela preocupação de investigar em todos os campos e de só aproveitar o suco das coisas.

Quanto mais adiantava na vida, mais a curiosidade do investigador se apagava diante da santa avidez do crente. "A grandeza rui, a beleza apaga-se, a alegria desvanece-se. Conhece-te a ti mesmo". Esta máxima preciosamente coligida, resume toda a sua filosofia... ou então esta, tirada do Padre Ponlevoy:

"Deixai lá o porquê e o como curiosos; a esse respeito nunca haveis de ter a última palavra. Mas procurai conhecer o como e o porquê úteis: Porque é que se vive na terra? Como é que se vai para o Céu?" Naquele lugar elevado onde se refugiava e onde a imagem do Grande S. Bernardo voltava a visitá-lo, o Senhor Martin entregava-se à inspiração do Espírito Santo. Libertava-se das contingências, reunia-se à sua esposa e aos seus mortos e, por vezes, embriagado de inefável alegria, punha-se a chorar, glorificando a Deus.

CAPÍTULO XII

A RAINHAZINHA E O SEU REI

UM DIA DE TERESA — TERESA NO COLÉGIO DA ABADIA
A PRIMEIRA COMUNHÃO — VIAGEM DO SR. MARTIN
AOS BALCÁS — A «CONVERSÃO» DE TERESA
O SEU VERDADEIRO CARÁCTER — A UNIÃO
DOS CORAÇÕES NOS BUISSONNETS

Teresa havia de representar um papel de primeira plana na vida do Senhor Martin nos Buissonnets. O seu carácter evoluiu subitamente: a exuberância deu lugar à reserva, a confiança à timidez. Aquela sensibilidade que o luto apurara excitava-se ao menor choque. Viria definir-se a si própria: "Uma rapariguita muito meiga, mas excessivamente chorona", que só no calor do lar se expandia e em todos os outros lugares se sentia acanhada, exilada e com o coração confrangido. Para lhe dirigir a educação, havia a alma terna do pai e a mão firme duma irmã mais velha. Não lhe passavam por nenhuma imperfeição; nunca se voltava atrás numa coisa já decidida.

"Não me lembro de que me tinha desobedecido uma única vez, declarou a Paulina; pedia licença para tudo. Quando o nosso pai a convidava a sair com ele respondia: "Vou pedir licença à Paulina". O meu pai era o primeiro a levá-la a esta submissão; e quando eu não lhe dava licença, ela chorava, às vezes por causa do pai que teria sentido alegria em sair com ela, mas obedecia sem insistir".

Que frescura de água de fonte neste prelúdio de santidade! Vejamos o quadro de um dia de Teresa traçado ao vivo na *História duma Alma*. Logo que despertava oferecia o seu coração a Jesus, vestia-se rapidamente e saltava para os braços do Senhor Martin que esperava o aparecimento da sua benjamina com mais avidez do que um cortesão esperaria o do Rei Sol. Terminado o primeiro almoço o quarto transformava-se em sala de aulas. Um perfume sobrenatural impregnava aquelas horas de estudo, desde

o alfabeto ornado de imagens piedosas, — a palavra Céu foi a primeira que a criança leu sôzinha — até às leituras correntes feitas de preferência nos Evangelhos, e aos ditados e composições francesas sobre temas formativos a exaltarem a vida de família e as glórias da fé. No caderno amarelado onde ficaram registados esses ingênuos ensaios lemos estas frases edificantes: "A Santíssima Virgem foi para o Templo na idade de três anos. Tomou-se notada entre as companheiras pela piedade e angélica doçura; todos lhe queriam e a admiravam, principalmente os Anjos que a consideravam como sua irmãzinha. Eu quero ser muito boa menina. A Virgem Santíssima é minha Mãe querida e as crianças parecem-se quase sempre com as mães".



Nos «Buissonnets». O jardimzinho de Teresa em frente da lavanderia; à direita, o tufo de abetos.

Terminada a lição, a Teresinha subia dum pulo ao Belvedere, para contar os seus êxitos e se divertir à vontade. Quando, por acaso, as notas eram menos satisfatórias, os arrependimentos não tinham fim. O mais castigado dos dois era o pai, que tinha de dar o seu passeio da tarde sem ela. E ao vê-lo assim desconsolado a pequenita sentia no coração um desgosto, que relegava para segundo plano a sua própria amargura.

Exceptuando essas raras circunstâncias, viam-se os dois passeadores descer alegremente o carreiro dos Buissonnets, depois da refeição do meio-dia, percorrer o jardim da Estrêla, sentar-se à beira do Touques, e acabar finalmente, por uma visita ao Santís-

simo Sacramento num ou noutro santuário. Durante o caminho conversavam sobre os mais diversos assuntos. O pai respondia sem se cansar aos mil porquês da criança, não hesitando em abordar temas muito superiores à sua idade. Modelava aquela alminha, iniciando-a em todas as delicadezas da consciência cristã. Aproveitava os incidentes do caminho, um cruceiro saudado de passagem, um pobre a quem a criança levava esmola, para despertar nela a caridade. Era no termo destas conversas que a Teresinha exclamava:

"O papá, se tu falasses desse modo aos grandes homens do Governo, eles chamavam-te para te fazer rei e então a França seria feliz como nunca foi; mas tu é que serias desgraçado, visto ser essa a sorte de todos os reis; e como já não podias ser o meu rei, só para mim, antes quero que não te conheçam". (1)

Dai a algum tempo acompanhava-os com as suas cabriolas um alegre camarada. Não se contentando com a cria de coelhos de pelo sedoso, a Teresinha pediu ao pai um "animal de pelo" que saltasse e pulasse à volta dela. O Senhor Martin adquiriu um magnífico cão que, com o nome de Tom, ocupou o seu lugar no cenário dos Buissonnets. A pequenita cobria-o de carícias; enquanto estudava as lições ele deitava-se-lhe aos pés. Uma vez em que o animal esteve em risco de morrer, salvou-o metendo-lhe na boca às colheres, uma papa da sua autoria. Aquele bom cão, apumado como um groom e fiel como um cavaleiro, fez a greve da fome durante a viagem do dono à Europa Central. Quando a dona entrou para o Carmelo não se esqueceu dela. Em 1889, certo dia em que a Irmã Teresa do Menino Jesus, então porteira, abria a porta do mosteiro a uns operários, apareceu ele, por acaso, à porta da clausura e correu a aninhar-se no hábito da querida Santa que chorou de comoção. Mas nesta altura acompanhava, vigilante, os nossos dois heróis, ficava de guarda da Igreja em que eles rezavam, e participava a seu modo, nas conversas deles.

Quando dava um mergulho na lagoa adornada de nenúfares e maculava o seu belo pelo branco rebolando-se no pó da estrada, servia de exemplo ao Senhor Martin para figurar a alma virginal súbitamente caída no vício. O Tom rosnavia facilmente e os transeuntes, prevenidos pela sua voz, contemplavam com simpatia o grupo. Não podiam deixar de admirar aquele velho levando pela mão uma criança deliciosa, cujo rosto, aureolado de caracóis dourados parecia completamente absorvido pelo brilho radiante de dois olhos de luz.

(1) História duma Alma, Cap. II.

Chegavam a casa fatigados do caminho, ressequidos de calor. A pequenita sentia sede. Era para a Paulina a ocasião de lhe sugerir, por vezes, um sacrifício que ela aceitava logo, sem hesitar. Pois não havia uma multidão de pecadores a salvar? Não se privou Cristo, por eles, de tomar o narcótico que lhe devia acalmar as dores? Em seguida a Teresinha dedicava-se com energia decidida à preparação das aulas. Terminava conscienciosamente, os seus exercícios. Depois, era o recreio no jardim, onde gostava de se distrair. Corria atrás das borboletas, interessava-se pelo crescimento da macieira plantada pela Maria, colhia flores, não sem hesitação, perguntando à Celina "se isto não as faria sofrer". As vezes interrompia as leituras do pai para lhe ministrar as suas saborosas tisanas ou fazer admirar os seus "maravilhosos altares", ou para o levar ao fundo do telheiro onde a instalava no balouço e a impelia num movimento rítmico, para cima, cada vez mais para cima, até avistar, para além do muro, na propriedade vizinha, a touca de algodão da tia Godet.

Depois da refeição da noite e do serão, encerrava-se o dia com o exame de consciência orientado pela Paulina e que servia para preparar aquela primeira confissão feita ao Padre Ducellier, que havia de deixar à criança tão doces recordações. Com a alma apaziguada, Teresa ficava sôzinha e adormecia às escuras: tinham-na habituado a não ter medo de nada. O medo era coisa que ela ignorava, como desconhecia o que era o capricho.

Os domingos e dias santos introduziam naquela existência calma uma nota de doçura ideal, cuja parte mais importante era constituída pelo serviço do Senhor. Não havia necessidade de excursões nem de espectáculos aliciantes. Apesar do desejo intenso de acompanhar os seus à Sagrada Mesa, a pequenita via-se presa pelos regulamentos da época. Com que santa inveja ela viu a sua querida Celina aproximar-se de Jesus, pela primeira vez, a 13 de Maio de 1880! Consolava-se assistindo à Missa cantada na Catedral. Uma vez, no sermão, o pregador nomeara Santa Teresa de Ávila e o Senhor Martin, inclinando-se para a filha murmurou-lhe ao ouvido:

"Ouve bem, minha rainhazinha, fala-se da Santa do teu nome".

"Na verdade eu ouvia bem, dizia mais tarde a Carmelita na sua autobiografia, mas confesso que olhava mais vezes para o papá que para o pregador. O seu belo rosto dizia-me tantas coisas! Por vezes os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas que em vão se esforçava por conter. Ao escutar as verdades eternas, parecia não ser já da terra: a sua alma afigurava-se-me embebida em outro mundo".

A seguir às Vésperas, o poético ofício de Completas, em que a serenidade do abandono se envolve na augusta melancolia do poente, encerrava o programa religioso. Depois vinha o serão em família.

Quando era a vez da Teresa ir passar a casa dos tios Guérin, o pai, que, aliás sofria sempre vendo um lugar vazio à mesa dos Buissonnets, mas que não se atrevia a declinar um convite daqueles, experimentava uma grande alegria para ir buscar a filha e vir com ela sob um céu estrelado. Ele levava-a pela mão. Ela de frente erguida, observava o firmamento e, descobrindo, lá em cima o Talabarte de Orion, sob a forma de um T ligeiramente inflectido, exclamava ingenuamente: "Olha, papá, o meu nome está escrito no Céu". Palavras de criança que o futuro devia ratificar, mas que significavam então, unicamente, a observação ingénua duma alma já aberta às belezas da criação e cândida demais para fazer de si própria não sei que horoscópio.

Ao findar o ano escolar fazia-se a distribuição dos prémios. Enfeitavam o telheiro com verdura e colchas. Diante de um estrado improvisado agrupavam-se parentes e amigos, formando círculo. As meninas representavam uma comédia apropriada, mas o cúmulo da festa era a proclamação dos méritos.

"Apesar de ser eu a única a concorrer, declarou um dia a Teresinha, a justiça era respeitada como sempre: só me davam os prémios realmente merecidos. Sentia o coração a bater com força quando ouvia a minha sentença e, diante de toda a família reunida, recebia do meu "Rei" os prémios e as coroas. Era para mim como que uma imagem do juízo final". (1)

As férias multiplicavam as ocasiões de sair para brincar no Parque da Estréla com a Celina e a Maria Guérin, para sessões de pesca durante as quais o pai ensinava a filha a deitar a linha, para uma excursão em Agosto de 1878 a Trouville em que, pela primeira vez, contemplou a majestade do Oceano, obra do Onnipotente; e da ponta deserta das Rochas Negras admirou, à hora do crepúsculo, o sulco de ouro a empurpurar o horizonte. "Imagem da graça a iluminar neste mundo o caminho das almas fiéis". Foi durante um desses passeios que o Senhor Martin recomendou discrição a uns passeantes que gabavam em voz alta "aquela

(1) *História duma Alma*, Cap. II.

linda menina". O seu senso inato da educação fazia-lhe afastar cuidadosamente tudo o que pudesse perturbar a simplicidade, alimentando o amor próprio.

Nos Buissonnets organizavam-se os brinquedos. A Teresinha não gostava de pegar em bonecas. Divertia-se a ouvir a Celina ralar com as dela e chorava de riso quando a irmã lhas levava "para beijarem a tia". Também não se entregava a exercícios violentos. A irmã Genoveva recordava-se duma certa pistola que lhe ofereceu no dia da festa do seu nome e que deixou a Teresinha embaraçada e admirada, tão afastada ela estava do génio belicoso da sua "intrépida" companheira. O Senhor Martin resolveu o caso com a sua habitual complacência, oferecendo a arma a um pequenito do catecismo e adquirindo uma prenda mais adequada aos gostos da sua "Rainha".

É um prazer evocar os encantadores passatempos duma Santa, na actual sala dos brinquedos dos Buissonnets. Aqui, o pão de buxo, a cometa de pau, o carrinho de mão envenizado e a corda de saltar. Ali, o aquário onde viviam os peixes vermelhos, cujas evoluções ela seguia com olhos interessados, a gaiola onde deitava o grão aos seus passarinhos, o caleidoscópio que a intrigava extraordinariamente e lhe sugeria uma graciosa comparação com a santificação dos deveres de estado no foco de amor da SS.^{ma} Trindade. Em cima de uma mesa pequenina estão dispostos o bule e as chávenas onde preparava as infusões de ervas e plantas. O cabaz dos passeios de pesca, em que dispunha as fatias com doce, encostado ao mobiliário da minúscula sacristia. Estas coisas humildes têm a sua eloquência. Fazem reviver sob o aspecto mais amável e mais acessível, a criança predestinada que ali se desenvolveu.

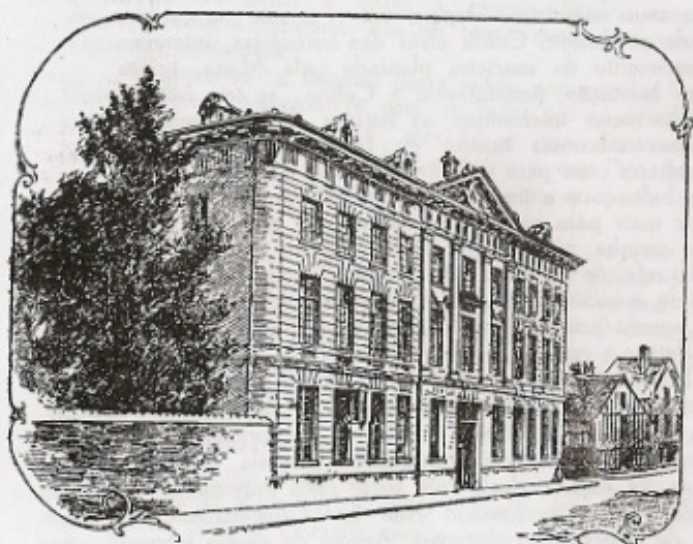
Imaginamo-la neste ambiente, saltando com agilidade no meio dos arbustos, admirando tudo, alegrando-se com qualquer insignificância e misturando a todos os seus prazeres a temura pelo pai e o amor a Nosso Senhor, nosso Pai. "Nós não estávamos embotadas", poderia ela dizer um dia. Era ela, na verdade, a alma dos Buissonnets. Ouvia-se tantas vezes o nome dela por entre as ramarias que até o papagaio duma vizinha se habituara também a gritar: "Teresa! Teresa!" carregando muito nos rr.

Ela, tão inadaptada sempre que a forçavam ao convívio social, tomava a reconhecer-se viva, espontânea, à vontade, quando estava no meio dos seus.

Mal a sombra do chefe da casa assomava à entrada da porta, corria para ele batendo palmas de alegria. "Ah! exclamava ela, como poderei dizer todos os carinhos que o meu incomparável pai prodigalizava à sua rainhazinha?"

Pode imaginar-se a angústia pungente que a esmagou quando,

certo dia em que o Senhor Martin partira para Alençon, estando ela à janela dum quarto das águas furtadas, que dava para o jardim, teve, brutalmente, "a visão profética" de um velho caminhando, fatigado, curvado, com a fronte velada, sob a humilhação da cruz. A imagem nunca mais a deixaria: ficaria como um trágico ponto de interrogação no meio da graça amável do



O collegio das Benedictinas de Lisieux.

elegante *chalet* normando. Sob o encanto dos Buissonnets ocultava-se desde esse dia, um mistério de dor. A "Rainha" temia pelo seu "Rei".

* * *

Foi em Outubro de 1881 que Teresa substituiu a Leônia nas Benedictinas, onde ficaria como semi-interna até ao Natal de 1886. Ainda que só tivesse oito anos e meio recebeu o cinto verde, insignia da 4.^a classe, de que passou a ser a aluna mais nova, com grande diferença das outras. Nem por isso os seus êxitos foram menos brilhantes. Superiormente dotada, tendo grande facilidade em tudo, excepto em ortografia e aritmética, ainda para mais, atenta e aplicada, conquistou facilmente os primeiros lugares. A madre S. Francisco de Sales, deu dela este testemunho:

"Acompanhei a Teresa durante quase todo o tempo que ela passou no colégio. Como professora, notei que, nas aulas, estava sempre entregue aos seus trabalhos, e nunca tive de lhe dirigir uma censura formal.

O pensamento de Deus era-lhe familiar e tudo, nos estudos, lho recordava; isso era evidente sobretudo nas pequenas composições de estilo em que introduzia sempre uma nota sobrenatural, apesar da ingenuidade infantil da narrativa".

A Directora do Colégio, a Madre S. Plácido, que teve de comum com Teresa o facto de entrar em religião aos quinze anos, parece ter discernido, debaixo de uma reserva um pouco acanhada, fruto de sensibilidade excessiva, as profundas e brilhantes qualidades da sua aluna. Cercou-a de dedicação e ternura. Nem por isso foi menos penosa para a criança a adaptação ao meio escolar.

Fora de casa, apesar dos fraternais incitamentos da Celina, não era a mesma pessoa. Havia tantas coisas em que se sentia desajeitada! Na capela, apesar da sua formação litúrgica, tinha dificuldade em seguir a Missa pelo livro; o Espírito de Deus já a atraía para a pura contemplação. No recreio não gostava de saltar, correr, manejar a raquete ou o maço. Preferia contar histórias, apresentar charadas, enterrar "honrosamente" os passarinhos, interessar-se pelas evoluções das mais pequeninas. Nas raras vezes em que, por ocasião de feriados extraordinários, foi ao Monte-Cassino, terreno ondulado anexo à Abadia, e que se prestava maravilhosamente para jogar as escondidas, ficava-se a interrogar a natureza ou a contemplar, do cimo da colina, a paisagem urbana. As quintas-feiras passadas com as meninas Guérin e as suas primas Maudelonde sujeitavam-na a mortificações do mesmo género. Apesar de toda a sua boa vontade não conseguiu tomar gosto pelas rodas e quadrilhas. "A única coisa que me agradava era ir ao jardim da Estrela, dizia ela. Ali era eu a primeira em tudo, colhendo flores em grande quantidade e sabendo escolher as mais lindas, pelo quê excitava a inveja das minhas companheiras". (1)

Sentia necessidade do Pai e do horizonte calmo dos Buissonnets. Que suspiro de alegria quando, acabadas as aulas, a porteira lhe respondia afirmativamente à pergunta: "Foi o Papá que veio esta tarde?" Ainda antes de acabar de se arranjar

(1) Memórias inéditas.

pulava para fora do vestiário. "Anda, vem depressa, minha Rainhazinha!" gritava lá de fora o Senhor Martin que a via pelo postigo. Era um encontro encantador, que afastava para longe todos os cuidados. A criança contava os resultados dos seus trabalhos, mostrava orgulhosamente as condecorações, a medalha de prata quando havia alcançado o primeiro lugar em composição, a fita vermelha quando tinha atingido as notas mais altas. Uma moedazinha branca que iria daí a pouco entrar no mealheiro dos pobres, coroava-lhe os esforços, mas a verdadeira recompensa era a alegria que alumia a fronte paterna. Ah! como em tudo o mais, o amor é que presidia à educação.

As distrações no lar é que constituíam as suas delícias. Tinha o seu aviário onde pombas, periquitos, canários, piscos, pintaroxos acamradavam lindamente. Esteve um dia para juntar a estes pássaros, uns tentilhões encontrados no ninho durante um passeio; mas teve escrúpulo de os tirar à mão. Em compensação não tardou em receber uma pega que instalou numa gaiola grande, de esquivo, oferta do Senhor Martin. Palradora e ladra como todos os animais da sua espécie, aquela cega-rega tomou-se-lhe insupportável. As vezes também tentava pronunciar o nome de Teresa. De quando em quando, soltavam-na. Ela tratava logo de roubar a torto e a direito e de perseguir, às bicadas, as duas irmãs que, armadas com um pau para se defenderem das suas familiaridades excessivas, davam, de parceria, as quarenta voltas do jardim que perfaziam uma légua. O pobre bicho tinha de acabar mal; encontravam-no afogado no fundo duma celha.

Uma das distrações predilectas da pequenita, consistia em examinar a colecção de santinhos da Paulina. O mérito artístico dessas gravuras era insignificante, mas o seu simbolismo gracioso bastava para seduzir uma sensibilidade vibrante de frescura líria.

Os bons livros escolhidos judiciosamente para a sua idade, completavam-lhe a instrução. Entre os que se conservam nos Arquivos do Carmelo, mencionemos a *Fabiola*, do Cardinal Wiseman, *La Tirelire aux Histoires*, cujo capítulo intitulado "O carreiro de ouro" impressionou a criança, as obras da Condessa de Ségur, os três tomos de *La Mosaique, nouveau magasin pittoresque universel*, e o *Journal de la Jeunesse*, herdado cada ano de Joana e de Maria Guérin. Teresa era apaixonada pela leitura, mas só lhe podia dedicar um tempo muito limitado. "E era isso muitas vezes a causa de grandes sacrificios, precisava ele; porque apenas acabava a hora, era para mim um dever parar imediatamente, mesmo no meio da passagem mais interessante". (1)

(1) *História duma Alma*, Cap. IV.

O pai tinha vontade de lhe mandar ensinar desenho, ao mesmo tempo que orientava a Celina para a pintura. Uma objecção da Maria afastou a proposta. A Teresinha, que ansiava, com todo o ardor dos seus dez anos por se iniciar nos trabalhos de arte, limitou-se a oferecer a Deus, em silêncio, o seu sonho desfeito. Este facto prova a evidência como ela soube, apesar de muito amimada, evitar as deformações que caracterizam a criança mimalha.

Era nisto que consistia o delicado abandono das horas de intimidade que ela havia de cantar mais tarde nos versos em que repetia a seu Rei "a oração da filha de um Santo":

*Lembra-te que além no miradouro,
Tanta vez no teu colo a acarinhavas;
E teus lábios movendo em doce reza
A cantar docemente a embalavas!
Ao mergulhar o olhar na imensidade,
Via em ti um clarão da divindade!
Cantavas a frescura
Da eterna formosura...
Recorda-te, meu Pai!*

Quantas provações iam perturbar esta ventura juvenil! Primeiro em Outubro de 1882, foi a partida da Paulina para o Carmelo de Lisieux. Apesar da temura da Maria que se encarregou da educação directa de Teresa, a partida da sua "mãezinha" abateu tão violentamente a criança, que lhe provocou súbitas perturbações de saúde. As dores de cabeça, intermitentes a princípio, tornaram-se continuas. Não a impediam contudo de manter corajosamente o seu lugar na classe cor de violeta, a terceira, onde ingressara ao entrar para a 2.ª divisão. Em Março de 1883, durante uma ausência do Senhor Martin, desencadeou-se a terrível crise, acompanhada de tremuras convulsivas, de alucinações e de palavras incoerentes, que teve a criança a dois passos da morte. A desolação do pai, ao regressar, não tinha limites. Acontecia, por vezes, a sua Rainha não o reconhecer, voltar-se para a parede aos gritos de terror, quando ele se lhe aproximava do leito, de chapéu na mão. O dr. Notta, chamado, nada pôde fazer senão confessar a sua incompetência. "Diante de fenómenos destes, a ciência reconhece-se impotente". Uma força oculta parecia perseguir a doente com a sua misteriosa obsessão. Mercê de umas leves melhoras, pôde visitar a Paulina no dia da tomada de hábito. Mas no dia seguinte, recava sob o implacável domínio do mal.

Durante esta prova que o atingiu em pleno coração o Senhor

Martin mostrou, segundo nos diz a *História duma Alma*, "uma resignação admirável". Encontrava no cunhado inapreciável auxílio. "Lembra-vos sempre, dizia às filhas, de que os tios teem por vós uma dedicação invulgar". Era ao Céu, sobretudo, que a sua esperança se apegava. Nunca deixara de testemunhar uma devoção filial por Nossa Senhora das Vitórias; muitas vezes recorrera à sua "Omnipotência Suplicante". Nos primeiros dias de Maio de 1883, mandou celebrar uma novena de missas no célebre santuário parisiense. A sua fé e a de toda a família desencadearam-se por esta ocasião com tal ímpeto que arrancaram o milagre... e a 13 de Maio, no majestoso brilho duma festa de Pentecostes no quarto da Maria, para onde a doente fora transferida, a estátua da Virgem que a família rodeava de verdadeiro culto, havia vinte e cinco anos, animou-se, sorriu à criança, dominou a força inimiga que se encarniçou contra ela e, finalmente, restituiu-lhe a saúde. O pai, radiante, dirigiu a um amigo da juventude, este cartão de triunfo: "Quero dizer-te que a Teresa, a minha Rainhazinha, — é assim que eu a trato, porque é na verdade, um amor de criança, acredita — está absolutamente curada. As preces sem número levaram o Céu de assalto e Deus, tão bom, dignou-se capitular". (1)



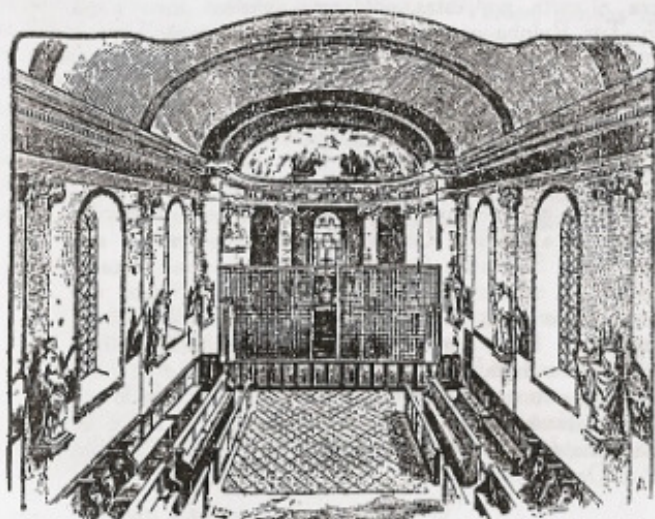
*Nossa Senhora do Milagre do Sorriso.

Teresinha não retomou imediatamente o caminho do colégio, a não ser para efectuar visitas amigas. O ano lectivo ia terminar. A criança tinha necessidade de refazer as forças. Esperava-a uma nova provação. Por permissão divina as breves confidências que fez no Carmelo sobre o favor que recebera do Céu, a impressão que teve de se ter explicado mal e de ter talvez induzido em erro as suas interlocutoras, mergulharam-na, por momentos, em verdadeira ansiedade. O Senhor Martin julgou oportuno consolidar-lhe o restabelecimento proporcionando-lhe algumas distrações. Em

(1) Carta do Senhor Martin ao Senhor Nogrè, em 1883.

Agosto levou-a com as irmãs a Alençon, onde a Senhora Tifenne e a Senhora Romet a passearam de festa em festa, de casa em casa, entre os esplendores estivais dos bosquezinhos normandos.

Em Outubro de 1885 vamos encontrá-la outra vez, na terceira classe. Era o ano em que havia de fazer a primeira Comunhão. Pode adivinhar-se com que paixão a criança se preparava para receber a Nosso Senhor. Ao Domingo, dirigia-se para a Abadia e lá ficava, com as companheiras, até depois da Bênção. Devido ao estado de saúde foi dispensada do internato completo durante o mês que precedeu o lindo dia, mas a irmã



A capela da Abadia, onde Teresa fez a sua primeira Comunhão a 8 de Maio de 1884.

ocupava-se, todos os dias, da sua preparação remota. "Parece-me, declarou ela na autobiografia, que todo aquele coração tão grande, tão generoso, passou para mim".

Na *História duma Alma* contou, com encanto inigualável, o recolhimento dos oito dias de retiro, durante os quais a Teresa, então interna, via a Madre S. Plácido aproximar-se, da sua alcovazinha de lanterna na mão, para lhe beijar a fronte. O dia oito de Maio de 1884 foi despido de todo o brilho exterior, em razão da morte recente da Priora, a Madre Santo Exupério. Esse perfume de intimidade deve ter sabido bem à criança, encantada até às lágrimas, do Divino Banquete a quem ousava chamar "uma fusão". Fez participar todos os seus daquela alegria

que transbordava. "Visto que o Céu habitava na minha alma, escrevia ela, ao receber a visita de Jesus recebia também a da minha querida mãe". (1) Depois da cerimónia da tarde, em que a Teresinha recitou o acto de consagração à Santíssima Virgem, o Senhor Martin levou-a ao locutório do Carmelo onde a esperava a Paulina (em religião Irmã Inês de Jesus) que por impressionante coincidência, ou antes por delicada decisão dos Superiores, fizera, nesse mesmo dia a sua Profissão. A festa acabou com a refeição de família, na sala de jantar dos Buissonnets. O Senhor Martin, tão comovido como a sua Rainha, ofereceu-lhe como lembrança um lindo relógio, e a criança adormeceu a pensar no dia sem o caso da eterna Comunhão.

A 14 de Junho, com um entusiasmo e uma espécie de embriaguez, que mal continha, tão veemente era o seu desejo de Espírito de Amor, recebeu o Sacramento da Confirmação das mãos de Monsenhor Hugonin, que fora à Abadia celebrar a Missa.

Em Outubro de 1884, Teresa entrou na classe cor de laranja, a segunda. Foi então, no decorrer do retiro para a segunda comunhão que a assaltou uma terrível crise de escrúpulos que a haviam de torturar moralmente durante dezassete meses, provocando-lhe dores de cabeça lancinantes. Este "martírio", como ela o qualifica, não lhe alterava a coragem. A tia, para que ela repousasse um pouco, chamou-a no fim de Maio de 1885, para a vila que ocupava, durante cinco semanas, em Deauville e que denominavam *chalet Colombe*, por causa do nome do proprietário. A pequena dominava as próprias dores para alegrar a prima, Maria Guérin, cujo estado doentio facilmente degenerava em languidez e melancolia. Apesar das objecções da criada Marcelina, que alegava a distância e a necessidade de dormir, Teresa persistia em ir todos os dias a uma missa cedo e ao mês de Maria na Igreja de Nossa Senhora das Vitórias, cuja frontaria elegante e esbelto campanário se avistava ao longe, na outra margem do Touques dominando a casaria da velha Trouville.

* * *

Em Setembro de 1885, Teresa passou outra vez uns quinze dias na praia com a Celina, desta vez em Trouville, na rua Carlos Magno, *villa Maria Rosa*. A Senhora Guérin, aproveitara uma viagem do Senhor Martin aos Bálcãs para oferecer às sobrinhas as mil distrações da praia.

(1) *História duma Alma*, Cap. IV.

Estas férias tiveram para Teresa medíocre atractivo. O pai estava ausente. O Padre J. Maria, coadjutor de S. Tiago, tanto fizera que conseguira levá-lo como companheiro de viagem numa vasta digressão pela Europa Central, pelas margens do Bósforo e pela Itália. O Senhor Martin, como já dissemos, tinha a paixão das viagens, cujos imprevistos e pitorescos amava, e até mesmo o desconforto. Era com uma alegria quase infantil que, por ocasião da partida, cantava o velho estribilho da sua mocidade:

*Roda, roda, diligência
Que a estrada é boa e larga!*

Desta vez, para o decidir à viagem, e vencer, ainda por cima, a repugnância de Maria em deixar que ele se afastasse, foram necessários os estímulos formais de Paulina e a perspectiva, que o futuro desmentiria, de prolongar a digressão até aos Lugares Santos. A 22 de Agosto, ainda não saíra de Paris e já a nostalgia dos Buissonnets o atacava. "Se te vires muito embaraçada, escrevevi ele à filha mais velha, manda-mo dizer com franqueza, dirigindo a carta para a posta restante de Munique e eu largo logo o nosso bom Padre J. Maria".

De Munique onde escalou a rampa da Bavaria e explorou os tesouros dos museus, enviou muitas descrições em que deixou escapar esta confidência: "Bem queria ter-vos aqui todas cinco; sem vós falta-me a maior parte da minha felicidade. Entretanto continuai a rezar por mim".

Em Viena foi outra coisa. Recebeu os parabéns no dia de S. Luís. Todos os anos esse dia era muito festejado, em casa. O Belvedere enfeitava-se de flores e grinaldas. As cinco irmãs subiam em pontas de pés, para ir surpreender o pai no meio dos seus livros. A mais nova dizia uma pequena saudação; a Maria entregava a sua prenda tradicional: um esplêndido lenço de seda negra, para o pescoço, que fazia serviço nas quatro estações. Ao meio dia comiam o bolo folhado e recheado de doce de groselha. Tudo eram atenções e gratidão. Desta vez foi na capital austríaca que recebeu a epístola da sua Teresa: "Meu querido paizinho, a Paulina tinha feito uma linda poesia para eu te recitar, mas, como não é possível, vou escrevê-la". A composição intitula-se: "Votos duma Rainhazinha na festa do seu Papá-Rei". Acaba com as estrofes seguintes:

*Ao crescer sinto a tua alma
Chetna do Deus de Amor
Bendito exemplo a animar-me
A amar também com ardor.*

*Eu quero ser cá na terra
Do meu Rei a mór ventura,
Quero imitar-te, paizinho,
Amar a Deus com ternura.*

*Teria mais que dizer,
Mas é tempo de acabar.
Papá, dá-me o teu sorriso,
Vem minha fronte beijar.*

Terminava a carta por estas palavras: "Adeus meu Papá muito querido. Tua Rainha que te ama de todo o coração".

"Teresa".

O Senhor Martin leu e releu a terna mensagem, enxugou uma lágrima e, entregando-se às lembranças saudosas, deixou, por sua vez, correr a pena:

"Parecia-me ver-vos todas em volta de mim, no Belvedere e a minha Rainhazinha a chilrear-me a sua saudaçãozita. Sentia-me tão comovido que o meu desejo era estar em Lisieux, mas estar lá de facto, para vos beijar a todas com todo o meu amor... Enfim, minha Maria, minha filha, minha Primogénita, continua a dirigir o teu pequeno batalhão o melhor que puderes e sê mais razoável que o teu velho pai que já está cansado de todas as belezas que o cercam e que aspira ao Céu e ao infinito. Vaidade das vaidades, tudo é vaidade, excepto amar a Deus e servi-Lo!..."

"O que vos ama a todas e vos
leva no coração". (1)

• • •

Constantinopla, onde chegou antes dos meados de Setembro, deslumbrou-o pela imensidade dos horizontes, pelo prestígio arcaico das suas mesquitas, pelo exotismo dos seus bazares, pelo marulhar das suas turbas, na atmosfera subtil e no brilho mágico do sol do Oriente. O espectáculo magnífico da cidade atraía-o para a oração.

"Se pudesse fazer-vos sentir tudo o que experimento ao

(1) Carta do Senhor Martin às filhas, de 30 de Agosto de 1885.

admirar as grandes e belas coisas que se desenrolam diante dos meus olhos! Meu Deus! como as vossas obras são admiráveis!... O meu desejo era exclamar: É demais, Senhor, sois excessivamente bom para mim!..." Através de tantas maravilhas que descrevia com complacência, seguia-o a recordação dos Buissonnets: "Daqui a algumas semanas deixará de ser um sonho e estaremos outra vez reunidos durante o tempo que Deus, na sua bondade, quiser conceder-nos".

Depois de uma escala em Atenas e duma meditação melancólica entre as ruínas da Acrópole, ei-lo em Nápoles, "a cidade encantadora", donde escreveu este bilhete: "Vamos, minhas queridas filhas, sede sempre a minha alegria e a minha consolação na terra, continuai a servir bem o Senhor; Ele é tão grande e admirável nas Suas obras!" Enfim, no Domingo, 27 de Setembro, chegava a Roma. Era um dos últimos estádios do itinerário e, certamente, o ponto culminante para o Senhor Martin. Naquelas alturas espirituais onde palpita o coração da cristandade, o seu espírito de louvor, cortado por momentos por uma estranha previsão do calvário que o esperava, glorificava o Criador.

"S. Pedro é na verdade para mim o que há de mais belo no mundo... É aqui realmente que sinto o maior prazer. Dize à minha Pérola fina (era assim que tratava a Paulina) que me sinto muito feliz e já vou esperando pelo que há-de vir, porque isto não pode continuar assim. Confio-vos todas à graça de Deus, e rezo todos os dias por vós, em S. Pedro. A lembrança da vossa mãe, segue-me constantemente. Até breve... breve... breve..." (1)

O cativo do Santo Padre enluta as suas reflexões. "É o que sombreia o quadro, confiava ele à Maria, esta sombra entristece-nos o espírito no meio de tudo".

Quando partiu da Cidade Eterna sem ter podido gozar o favor duma audiência Pontifícia, confessou graciosamente achar-se "como um gato veso e negro que fizesse o seu ron-ron aninhado a um canto em tempo de chuva". No fundo, estava saturado dos espectáculos deste mundo. A sua alma visava mais alto e melhor. Foi num frêmito de felicidade que ele escreveu de Milão a 6 de Outubro, na véspera de regressar a Lisieux, passando por Alençon: "Tudo o que vejo é esplêndido, mas é sempre uma

(1) Carta do Senhor Martin à Maria, de 27 de Setembro de 1885.

beleza terrestre e o nosso coração não se sacia enquanto não vir a beleza infinita, que é Deus. Daqui a pouco o prazer íntimo da família e esta beleza é que mais nos aproxima daquela".

* * *

Teresa retomara o caminho da Abadia. Como a sua inseparável Celina tivesse acabado o curso, agora ia sôzinha. O isolamento de coração, as dores de cabeça cada vez mais fortes, o suplicio íntimo dos escrúpulos minaram a pouco e pouco a adolescente, sem aliás lhe alterarem a energia, ou diminuírem os êxitos escolares.

No Natal de 1885, o Senhor Martin, alegando o estado de saúde da filha, tirou-a do Colégio. Decisão providencial se tivermos em conta que o ciclo regular dos estudos, que a devia reter até Julho de 1888, não teria permitido a sua entrada no Carmelo aos quinze anos.

A aluna conservou uma profunda gratidão pelas mestras. Apesar de ter saído do Colégio, admitiram-na à recepção solene da medalha e da fita azul das Filhas de Maria, mediante a condição de participar, duas vezes por semana, na sessão de costura e assistir à conferência do primeiro Domingo do mês.

O Senhor Martin acompanhava a sua filha nas suas idas e vindas. Ela era, cada vez mais, para ele, uma confidente. Fisicamente sentia-se envelhecer, mas o coração rejuvenesceia quando conversava familiarmente com a sua Rainha e caminhava junto dela, dando-lhe o braço. De aí em diante leva-a regularmente a tomar lições particulares em casa duma professora respeitável, a Senhora Papineau. Nas suas recordações inéditas, Teresa faz dela e do seu meio, uma descrição um tudo-nada humorística.

"Era uma excelente pessoa, muito instruída, mas com uns certos ares de solteirona. Vivía com a mãe, e era encantador ver a pequena sociedade formada pelas três porque a gata era da família e eu tinha de consentir que ela fizesse o seu ron-ron em cima dos meus cadernos, e até de admirar os seus lindos ares. Eu tinha o privilégio de viver na intimidade da família. Como os Buissonnets estivessem muito distantes para as pernas um pouco velhas da minha Mestra, ela pedira que viesse eu a casa dela receber as lições. À chegada, em geral, encontrava só a velha Senhora Cochain que olhava para mim com os grandes olhos claros e depois chamava em voz calma e sentenciosa: "Senhora Papineau, está aqui a menina Te...resa!" E a filha respondia logo numa voz infantil: "Lá vou, mamã". E a lição começava daí a nada".

A Maria, por seu lado, com grande talento de educadora, junto a uma ponta de originalidade, orientava a afilhada para o domínio da vontade e no sentido do espírito de doação sobrenatural. Comparações amáveis, a desvanecerem a austeridade das exigências divinas, inclinavam-na a acolhê-las sem receio. Por ocasião duma passagem por Trouville, evocando o deslizar ligeiro das quilhas e as evoluções silenciosas das velas brancas do oceano, iniciava a sua Teresa nas conquistas espirituais. "Vamos com a nossa barquinha à pesca das pérolas, que as há tão lindas no fundo deste mar que atravessamos. Quando te surgir um sacrifício, deita depressa a tua rede". Outras vezes, pintava-lhe a sofreguidão dos homens no assalto a uma fortuna que é só metal ordinário e ferrugem. "E nós, concluía ela, a todo o instante e sem tanto trabalho podemos adquirir tesouros para o Céu; podemos apanhar diamantes como se fosse com um ancinho! Para isso basta praticar todas as nossas acções por amor de Deus". Mas a frente da jovem tomava a ensombrar-se. A vocação pressentida outrora pela Senhora Martin precisou-se: a Maria aspirava por sua vez à honra do claustro. Toda a família a acompanhou a Alençon, onde reviveu, desde o Pavilhão ao cemitério de Nossa Senhora, as emoções do passado, enquanto a Leônia com uma precipitação que aterrou todos os seus, tentava, subitamente, uma primeira experiência monástica, sob o burel das Clarissas. A 15 de Outubro de 1886, a mais velha que fazia o papel de segunda mãe, enterrou-se com a sua Paulina, por detrás das grades do Carmelo.

Sob a carinhosa direcção paterna, a Celina assumiu com autoridade a direcção dos Buissonnets. A Teresa só ocasionalmente a ajudaria, "para agradar a Nosso Senhor": "Eu não estava habituada a servir-me", confessou ela depois. Ainda tinha só treze anos e meio. De saúde frágil e obrigada frequentemente a interromper os cursos, deixaram-na muito de propósito, entregue aos seus estudos, às suas orações, aos seus recreios infantis. Quase que nada sabia das coisas de casa. A partida da sua querida madrinha causou-lhe a impressão de uma verdadeira derrocada. Quem se encarregaria de aí em diante de lhe sossegar a consciência?

Transtornada, sentindo no coração como que um vácuo, voltou-se para a sua família do Céu, os quatro anjinhos que a precederam na Pátria. Lembrou-lhes que, se vivessem neste mundo, a teriam rodeado de mimos, por ser a mais nova, e que o gozo da bem-aventurança não podia torná-los indiferentes ao amor fraterno. Enfim, solicitou, por seu intermédio, o fim daquele tormento moral. "A resposta não se fez esperar, declarou ela; não tardou que a paz inundasse a minha alma com as suas ondas deliciosas".

Faltava libertar a sua sensibilidade da excessiva impressio-

bilidade que pelos mais fúteis motivos a levava a desfazer-se em soluços. Jesus encarregou-se do milagre "no dia inolvidável de 25 de Dezembro de 1886". É conhecida pela *História duma Alma* a cena que a Teresinha chama "a sua conversão" e que marcou um verdadeiro golpe de estado naquela psicologia. Como o Senhor Martin manifestasse certa contrariedade por ver dar ainda a uma menina de quatoze anos o tradicional sapatinho do Natal, a pequenita dominou a comoção e entregou-se com alegria à descoberta do tesouro escondido: "A Teresinha acabava de encontrar outra vez a sua força de alma, perdida outrora na idade de quatro anos e meio".

Foi então, com o equilíbrio interior plenamente assegurado, que se aticou nela o desejo de aprender. Instalou a mesa de trabalho nas águas furtadas, em frente das grandes árvores do Parque da Estrela, na antiga sala de pintura da Paulina, de que fez, segundo as suas expressões, "um autêntico bazar, uma miscelânea de piedade e de curiosidade, um jardim e uma gaiola".

"Na verdade, acrescentava, aquelas águas furtadas eram para mim um mundo e, como de Maistre poderia escrever um livro intitulado:

"Passeio em volta do meu quarto". Era nesse quarto que eu gostava de permanecer horas seguidas, para estudar e meditar diante da bela paisagem que se oferecia aos meus olhos." (1) Ali, entre o chilrear das aves, aborrecido para outros, para ela melodia, applicava-se a certas ciências. Pelo esforço pessoal alcançou, como ela própria confessava, mais conhecimentos em alguns



A porta do transepto da Catedral, chamada, de nome da rua, «Porta do Paraíso» pela qual a família Martin vinha todos os dias à Missa.

(1) Recordações inéditas.

meses, que durante todos os anos precedentes. Esta curiosidade livresca, que se manifestou sobretudo em matéria de ciências e de história, tinha seus perigos. A sua piedade livrou-a de qualquer desvio: nessa época tomou ela um incremento prodigioso. Havia muito que a *imitação de Cristo* lhe servia de alimento. Trazia-a sempre consigo, de verão no bolso, de inverno no regalo. Era capaz de recitar de cor, o texto integral. Devorou com avidez uma obra do Padre



Na catedral de S. Pedro, Teresa e seu pai em oração nos lugares ocupados nos Domingos pela família Martin.

Um pouco mais longe, a capela da ábside onde ela assistia todas as manhãs à Missa.

Arminjon, emprestada ao Senhor Martin pelas suas queridas Carmelitas. Estas "Conferências sobre o fim do mundo presente e os mistérios da vida futura", marcaram uma data na sua espiritualidade. "Copiei muitas passagens, declarou ela, sobre o perfeito amor e sobre a recepção que Nosso Senhor há-de fazer aos seus eleitos no momento em que Ele mesmo há-de tomar-se para eles a grande e eterna recompensa e repetia sem cessar as palavras de amor que me haviam abrasado o coração".

Todas as manhãs ia ajoelhar-se, na ábside da Catedral na Capela de Nossa Senhora, onde se rezavam as missas diárias. Muitos dias da semana, aproximava-se da Sagrada Mesa, por um favor especial, cuja iniciativa apesar dos seus ardentes desejos, deixava ao confessor. Não tar-

dou, que diante da imagem de Nosso Senhor Crucificado, desprezado, se acendesse nela a sede inextinguível das almas. O primeiro beneficiado seria Pranzini. Esse forasteiro poliglota, vindo de Alexandria que para assaltar um cofre, acabava de assassinar três pessoas, entre as quais uma rapariga de onze anos, na rua Montaigu, encaminhou-se para a guilhotina com um cinismo aflitivo. Passara os ócios da prisão a traduzir livros obscenos. Só a devoção a Maria, sobrevivera ao naufrágio das suas crenças. Nos Buissonnets, o Senhor Martin falou à mesa daquele monstro, da sua próxima execução, do seu incrível endu-

recimento. Teresa entremece-se. Aquele havia de ser "o seu primeiro filho!" Rogou ao Céu a sua conversão, esperou-a exigi-a, pediu um penhor, por muito humilde que fosse, apenas um simples beijo no crucifixo. E a 31 de Agosto de 1887, ao alvorecer o condenado, até então rebelde à graça, e já atado à báculo fatal, fez um sinal ao Padre e, antes de se entregar ao cutelo de Deibler, beijou repetidas vezes o crucifixo que lhe foi apresentado.

Este episódio arrancou Teresa ao "círculo estreito" em que vivia, para a lançar na amplidão das conquistas apostólicas. Até no Carmelo havia de lembrar-se de Pranzini e de mandar dizer Missas por sua intenção. De momento catequizava umas pequenitas, cuja mãe estava doente, esforçava-se por convencer uma mulher a dias a abraçar a fé perdida, metia medalhas de Nossa Senhora nos fatos dos operários, interessava-se pelos agonizantes do Bairro, esclarecia e animava o fervor sobrenatural da Marcelina, a criada fiel da família Guérin.

* * *

Temperado pela adversidade, o carácter amadureceu-lhe cedo. A fotografia tirada aos treze anos deixa entrever uma graça ingénua e tímida com um vinco de doce melancolia nos lábios. A que a representa com os cabelos levantados, poucos dias antes da entrada para o Carmelo, manifesta sobretudo vivacidade e decisão. Mas quer numa quer noutra, o brilho límpido dos grandes olhos verde-gaio, o olhar dirigido para o interior, revelam a profundidade duma alma colocada directamente sob a acção divina.

Algumas pessoas empregaram a respeito dela as palavras mal soantes de "choramingas" e orgulhosa". A verdade, e não o vão propósito de embelezar a todo o custo uma fisionomia que não tem necessidade disso, leva-nos a afirmar que se trata de uma caricatura. Teresa tinha, efectivamente um ponto fraco: a emotividade excessiva que a morte da mãe despertara bruscamente e que ela nem sempre conseguia dominar. Mas essa "enfermidade" — no sentido paulino do termo — deu-lhe até ocasião de afirmar a sua força. Ninguém a viu nunca desagradável ou amuada, tristonha ou egoistamente concentrada sobre os seus desgostos. Caíam sobre ela provações de toda a espécie, perplexidades morais, doenças e escrúpulos, sem a levarem, por pouco que fosse, a cair no desânimo ou na indiferença. Celina disse, a este respeito, palavras definitivas:

"É importante notar que, mesmo nesses anos da sua adolescência, apesar da aparente fraqueza, foi no fundo, verdadeiramente forte. Essa força notável consistia no facto de as suas tristezas nunca a desviarem da mínima obrigação. Pelo meu lado nunca percebi nela, nessa época, um desvio de carácter, uma palavra viva, um desfalecimento na virtude. Mortificava-se a todos os momentos e nas mais pequenas coisas. Parece-me que nunca deixava fugir uma ocasião de oferecer sacrifícios a Deus".

Quanto ao tal apetite de domínio que alguns julgavam descobrir nela, confesso que não encontrei vestígios dele na imensa documentação em que se acumulam testemunhos que esmerilham os seus menores actos e gestos. Ela fala realmente, em alguns pontos, do seu "orgulho"; declara à maneira de hipótese, — e este pormenor não é destituído de interesse —: "Eu tinha tanto maior necessidade de tão austera formação, quanto mais sensível eu era aos louvores". Podemos concluir que ela experimentava interiormente numa natureza não completamente pacificada, aquelas revoltas, aqueles impulsos do "eu" de que se acusava Bernadette ao expirar. O importante consiste em saber se esse personalismo instintivo explodia para o exterior ou se ela lhe reprimia implacavelmente as menores exigências.

Interrogue-mos a esse respeito as que viveram na intimidade dela. A Paulina declarou sem reticências: "Procurava, atentamente, adquirir domínio sobre os seus actos e tinha tomado o hábito de nunca se queixar ou desculpar, desde a primeira meninice". A Leônia não foi menos categórica: "Tudo na pessoa da Teresa respirava a paz, a bondade e a condescendência. Esquecia-se constantemente de si para dar alegria aos outros; fazer felizes todos os corações era o seu natural. A igualdade de humor era tão simples e parecia tão espontânea que se poderia ser levado a crer que nas suas perpétuas renúncias nada lhe custava. Era amável e graciosa. Toda a sua pessoa atraía os corações; o orgulho e a vaidade não tinham entrada naquela alma inocente. Era muito linda, mas só ela é que parecia não o saber; naquela época em que vivemos juntas em casa nunca a vi mirar-se ao espelho. Punha uma atenção delicadíssima em nunca humilhar ou magoar alguém".

A Celina, que foi a sua companheira predilecta, afirmou com a mesma nitidez: "A Teresa, não só não impunha a sua vontade, como nem sequer a dava a conhecer. Em casa, como no colégio, via-a sempre submissa em tudo; ninguém a ouvia nunca objectar, discutir ou murmurar, nem mesmo por brincadeira. A Maria disse,

por sua vez: "Nunca a vi praticar a mais leve desobediência". Era uma alma profunda e muito reflectida, e eu achava-a séria demais e avançada demais para a idade". Joana Guérin confirma esta apreciação: "Teresa era uma criança ideal, muito dócil, tímida e extremamente reservada".

Eis, na verdade, um feixe de testemunhos, que não deixam de impressionar. Poderá negar-se-lhes autoridade, devido a razões de parentesco que podem impedir a imparcialidade e perturbar o juízo. Continuemos então o nosso inquérito. A Madre S. Francisco de Sales, da Abadia, fez este depoimento:

"Mesmo no tempo em que a serva de Deus era minha aluna, reconhecia nela uma inocência e uma piedade que me inspiravam um sentimento de respeito. Sob o ponto de vista da docilidade e do comportamento, era perfeita. Nas relações com as companheiras manifestou sempre bom carácter, e nunca mostrou animosidade mesmo para com aquelas de quem poderia ter razão de queixa. Via-a sempre simples e humilde".

O R. P. Pichon, amigo íntimo do Senhor Martin, e que muitas vezes o visitou em sua casa, reforçava ainda esta nota, com toda a sua autoridade de sacerdote-religioso:

"O que muito me impressionou nesta criança foi a ingenuidade e a inocência. O pai e as irmãs queriam-lhe muito, mas nunca vi neles qualquer fraqueza. Porém, o que era mais particularmente notável numa criança desta idade é que ela não atribuía absolutamente nada a si, e de si se esquecia por completo, não se aproveitando de nenhuma das suas superioridades. Era tímida e reservada e nunca se punha em evidência. O Senhor Martin nutria uma afeição especialmente carinhosa pela Teresa a quem chamava a sua "Rainhazinha". Uma criança menos dotada que ela poderia ter sentido algum amor próprio, e sofrido na sua formação moral, mas nunca vi que a serva de Deus se aproveitasse disso".

E se quisermos ouvir vozes mais humildes, aqui temos a velha Vitória Pasquier que foi criada nos Buissonnets durante sete anos: "A Teresinha era muito bem educada e causava-me admiração, pela sua meiguice e pelo seu ar angélico. Era sempre obediente e parecia um anjinho de docilidade". Agora a Felicidade Saffray: "Soube que certas pessoas mal intencionadas censuravam a nossa Santinha, que era tão dócil e tão amável, sempre com

medo de desgostar os outros. Estive três anos em casa do Senhor Martin e posso dizer que nunca me contrariou". Agora a Marcelina, criada do Senhor Guérin, que veio a ser Irmã Maria José da Cruz, no convento das Benedictinas do Santíssimo Sacramento em Bayeux: "Nessa época o carácter dela mostrou-se dócil e meigo. Era caritativa e afectuosa para com as outras pessoas".

Queixe-se quem quiser duma perfeição tão precoce; a verdade é que é difícil fugir a tal rede de testemunhos. A própria Teresa vem corroborar nisto, com o peso da sua palavra serena e incontestada. Pois, não afirma ela, no Cap. V da *História duma Alma*, que a graça divina a ajudou a dominar até os primeiros movimentos? "A prática da virtude tornou-se fácil e natural para mim. Ao princípio o rosto denunciava a luta; mas pouco a pouco a renúncia foi-se-me afigurando fácil, mesmo no primeiro instante". Pode preferir-se pelo seu aspecto épico, uma fórmula mais acidentada do itinerário da alma para Deus. Mas temos de nos inclinar perante os factos e não pretender impor ao Altíssimo o quadro das nossas concepções estreitas. Não se pode negar que nos encontramos diante dum verdadeiro prodígio da graça antecipada. Não é a santidade infusa; é um capital de dons e de virtudes que, numa medida extraordinária, predispõem para alcançar a santidade. ⁽¹⁾

* * *

O leitor pensará certamente, que nos desviamos em longa digressão e que a exactidão no que diz respeito à "verdadeira fisionomia" de Teresa adolescente interessava mais a história da Santa que a biografia dos pais. "O tesouro da mãe pertence ao filho" cantava a Carmelita no seu derradeiro poema, consagrado a Maria. Não poderemos, modificando a fórmula, alegrar à maneira de justificação:

O tesouro da Rainha pertence ao seu Rei?

Restituir àquela a sua fisionomia autêntica, não será contribuir para colocar este em pleno relevo?

(1) Para esta análise do carácter da Santa aproveitámos frequentemente o forte estudo psicológico publicado pelo Senhor Cônego Moreau, Superior do Seminário Maior de Bayeux: *Santa Teresa do Menino Jesus: o seu temperamento moral* — Sainte Thérèse de L'Enfant Jésus: son tempérament moral — (Editions Spes).

Com a casa da rua de S. Brás os Buissonnets constituem o santuário ideal da família francesa. Desde Nazaré e Betânia há muitos lugares onde existisse mais amor mútuo? Este pai que aceitou heróicamente dar ao Céu, além da esposa, quatro dos filhos e depois ofertar as outras cinco à vida religiosa, nunca se sentia tão feliz como na própria casa, cercado pela bela coroa de todas as filhas. Com o seu quê de preciosismo, dava a cada uma apelido a que a sua temura comunicava cunho particular. Teresa fez disso o tema duma poesia comovedora. ⁽¹⁾. A frente encontrava-se Maria, o seu "diamante", a "primeira", a "primogénita", a que ele tratava também por a "boémia", devido a certas tendências do temperamento. Vinha em seguida a Paulina, a sua "pérola fina", depois a boa Leônia e Celina, a "corajosa", a "intrépida". Quanto à mais nova, usava para ela de uma abundância de vocábulos e de diminutivos familiares que se recordam com prazer, por tanto fazerem reviver no seu aspecto mais humano, a educação da nossa Santa. Cabia-lhe o título de "Rainhazinha de França e de Navarra". Chegada a ocasião era, "a órfã da Berezina", a "carochinha loira", a "pobrezinha"... e quando a embalava, à noite, no colo, gostava de lhe dizer, arrastando muito as sílabas: "Minha rica Rainhazinha que deu sorte a toda a Auvérnia!" Evocando as recordações da primeira Comunhão, a Carmelita escreveu: "Tive muitas vezes a prova de que bem poucas crianças, privadas de mãe como eu, eram tão acarinhadas com eu fui nessa idade".

As filhas daquele "pai admirável" correspondiam bem ao afecto dele. Convém saborear nas cartas que a Maria lhe mandava do convento, aquela profundeza de sentimentos que em rigor, pode assemelhar-se a um culto. A 24 de Agosto de 1887, escrevia ela como parabéns pelo dia de S. Luís:

"Que Nosso Senhor te conserve ainda por muitos anos às tuas filhas que te querem tanto; pois não és tu, com Jesus, todo o seu paraíso nesta vida? Há um ano neste dia, éramos quatro que subíamos ao teu Belvedere, ornado antes por nós de grinaldas e flores. Lembras-te? De há um ano para cá, fugiram duas do ninho, mas ainda têm asas e se não se servem delas para regressar à "terra estrangeira" do mundo, como voam alegres para junto de ti! Ó meu querido Paizinho, que te dirão elas, as tuas pombas fugidas? Ah! todo o seu amor, todo o

(1) Vem no fim do livro a poesia intitulada: *Oração da filha de um Santo*.

seu reconhecimento. Tu que não lhes estorvaste o voo para Deus, tu que as deste com tanta generosidade, sê bendito para sempre. Que te seja dado o centuplo neste mundo e no outro. Que a nossa querida mãe, que partiu para o Céu antes de nós, se una a nós para te bendizer com os quatro anjos que também são teus. Cinco na Pátria e cinco no exílio! A família lá de cima e a de cá de baixo, hoje constituem uma só para te festejar".

Se bem que pai e filhas tivessem vivido em Lisieux quase desconhecidos, frequentando pouco o que se enfeitava com o nome de "sociedade", acontecia que a testemunhas atentas se revelava, de passagem, a qualidade rara daquela comunidade de almas.

"Gosto de recordar aquele bom Senhor Martin com a sua Rainhazinha, contava uma antiga Lisiense; sentia veneração por ele; estou ainda a vê-lo com o seu porte cavalheiresco, com a sua fisionomia de santo, e a Teresinha tão simples e tão linda, pelo braço daquele pai incomparável. Até conservei a lembrança do seu vestido azul marinho e dos seus lindos cabelos. Aquele quadro admirável conservou-se-me de tal modo no espírito que me parece que era ontem".

As relações entre as irmãs eram caracterizadas pela mesma nota de caridade sobrenatural. Insinuou-se em vão que a Leônia, como a heroína do conto de Perrault, havia suportado um regime de excepção feito de antipatia e talvez de ostracismo. Todos os que participaram na vida dos Buissonnets, desde os parentes Guérin, às criadas, Vitória e Felicidade, se insurgiram com indignação, contra tais calúnias. Desde a morte da mãe, o temperamento da Leônia amansara. Sem se despojar completamente de certa inclinação para o isolamento, vivia cada vez mais em uníssono a vida familiar. A Teresa, principalmente, esforçava-se por lhe poupar por todos os modos o que uma certa inferioridade intelectual poderia ter de humilhante para ela.

"Por mim sentia-me profundamente comovida, declarou a Leônia, pela grande delicadeza com que ela procedia para comigo. Eu tinha então vinte e três anos, e ela só treze, mas eu estava muito atrasada nos estudos; a minha irmãzinha prestou-se a ensinar-me com uma grande caridade e um tacto invulgar, para eu não me sentir humilhada".

Quando a "Solitária" se fechava no quarto, onde, daí a pouco, sucumbia ao sono, as traquinas das duas irmãs, metiam-se gentilmente com ela. Um dia, na ausência da Leônia transformaram-lhe o quarto em cela, e colocaram nas paredes grandes cartazes, com pensamentos austeros dentre os quais sobressaía este: "Os meus olhos fecham-se à luz do dia, quando não dou uma volta depois do jantar!"

Vê-se que o espírito francês tinha direitos de cidade em casa da futura Santa.

A amizade fraterna subia mais ainda. Atingia as alturas na amizade espiritual que unia as duas irmãs mais novas. Haviam crescido lado a lado numa intimidade sem nuvens. Era de ver com que entusiasmo faziam troca de presentes por ocasião do ano novo e das festas das Santas dos seus nomes. A Teresa recusava sistematicamente qualquer calendário que não incluísse o nome de Santa Celina no dia 21 de Outubro. Como a festa da sua padroeira, a fundadora do Carmelo, era celebrada a 15 de Outubro, poucos dias antes, o pai levava-as a um armazém do centro da cidade, e passeava na rua, de um lado para outro, enquanto as filhas, cada uma de seu lado, com todo o mistério, gastavam cinquenta céntimos — era no tempo do franco oiro — em múltiplas aquisições destinadas às suas recíprocas surpresas. No fim de Dezembro repetia-se a cena que a Santa descreve com a sua franqueza habitual:

"O mais engraçado era ver-nos as duas a comprar as prendas no bazar. Tendo dez soldos para gastar, tínhamos de comprar pelo menos cinco ou seis objectos diferentes. Cada qual procurava comprar coisas "mais lindas". Encantadas com as nossas compras esperávamos com impaciência o primeiro dia do ano, a fim de podermos fazer permuta dos nossos "magníficos presentes". A que acordava primeiro, apressava-se a dar as boas festas à outra e em seguida ofereciam-se as prendas e cada uma de nós se extasiava com os tesouros adquiridos por dez soldos.

Aqueles presentinhos davam-nos quase tanto prazer, como os belos presentes do tio. Mas isto representava apenas o começo das alegrias. Nesse dia, vestiam-nos depressa e púnhamo-nos à espreita do Papá para lhe saltar ao pescoço. Logo que ele saía do quarto ouviam-se os gritos de alegria em toda a casa e aquele bom paizinho parecia feliz por nos ver tão contentes.

As prendas que a Maria e a Paulina davam às

suas filhinhas não tinham grande valor, mas causavam-lhes também grande alegria". (1)

Com os anos as trocas de presentes mudaram-se em comunicações sobrenaturais. No dia seguinte ao da sua "conversão" Teresa notava:

"Sobretudo desde o Natal a Celina tomara-se a íntima confidente dos meus pensamentos. Jesus, que queria fazer-nos avançar juntas, formou, nos nossos corações, laços mais fortes que os do sangue. Tornou-nos "almas irmãs"... Com que doçura eu recordo as nossas conversas desse tempo! Todas as noites, no mirante, mergulhávamos o olhar no azul profundo semeado de estrelas de ouro. Parece-me que recebíamos graças bem grandes". (2)

Essa ascensão espiritual a que a Santa alude nas suas recordações inéditas, evoca o voo poderoso que nas praias de Óstia, elevava até à essência divina o espírito de Agostinho e de Mônica; era já a ascensão, a par, da beleza sensível para o Bem Increado, o único que pode apaziguar a inquietação humana. O pai sentia também esse êxtase. Atingia agora o termo do caminho ascensional, rematado pela Cruz. Não tardaria a conhecer a humilhante nudez desta. A sua alma musical saboreava por instantes, as mil alegrias profundas da vida familiar como quem se encanta com uma sinfonia de temas indefinidamente renovados. O seu lar pode servir de modelo a todos. Os modernos acha-lo-ão talvez um pouco fechado, calafetado demais, excessivamente concentrado sobre a sua riqueza escondida. Não-de, preferir a fórmula "aberta", mais exteriorizada, do lar conquistador, cujos membros, sem sacrificarem a essencial unidade colectiva, irradiam para o exterior e trabalham incansavelmente na transformação cristã do meio ambiente.

Livremo-nos de pecar por anacronismo. Reportemo-nos à época de 1880. As obras estavam então no princípio das suas tentativas. Transposta subitamente para a nossa época, que atitude assumiria a calma existência dos Buissonnets? Pergunta ociosa. A história desenrola-se sobre realidades e detesta as ficções. Uma coisa é certa: com os meios do seu tempo e no espírito da sua época,

(1) *Recordações inéditas.*

(2) *História duma Alma, Cap. V.*

sabendo, por outra parte, combinar a sua vida interior com a prática das obras de misericórdia, do apostolado episódico, da participação na actividade paroquial, o lar do Senhor Martin ofereceu aos seus contemporâneos, e ainda às gerações seguintes o "testemunho" perfeito e por isso mesmo, irradiante, duma família cem por cento cristã, onde o Evangelho plenamente vivido levou à perfeição do amor.



CAPÍTULO XIII

A OFERTA DAS FILHAS

A ALMA RELIGIOSA DOS PAIS — PAULINA E MARIA
NO CARMELO — VOCAÇÃO DE TERESA — A PEREGRINAÇÃO
A ROMA — A AUDIÊNCIA PONTIFÍCIA — A ENTRADA DE
TERESA NO CARMELO — A VOCAÇÃO DE CELINA.

René Bazin falou de certas mães que têm "uma alma sacerdotal" e que a transmitem com a vida aos filhos. Pode dizer-se, falando do Senhor Martin e da esposa, que tinham "alma monástica". O seu lar demonstrou por forma concreta, a influência da atmosfera familiar na eclosão da grande vocação. Esta tese, preferida do P. Viollet, o entusiasta animador da Associação do Casamento Cristão, foi a origem desta obra: Vale a pena determo-nos a examinar-lhe o alcance, à luz dum exemplo essencialmente impressionante. Não é que haja de se subordinar a eleição divina às contingências da hereditariedade e da educação. A graça transtorna-nos os cálculos com as suas intervenções tão desconcertantes como decisivas. Por vezes é em pleno lodaçal que o apelo do Mestre vai buscar os discípulos. Mas nem por isso deixa de ser certo que como regra geral, o selo prestigioso que marca o pescador de homens ou a esposa de Cristo, é o remate duma ascensão colectiva. Há poucos campos onde mais brilhe a misteriosa lei de solidariedade que preside à evolução da ordem quer natural, quer sobrenatural.

O Senhor Martin e a esposa conceberam, na juventude, a ambição de se darem todos a Deus. Mensageiros da Providência, os acontecimentos ou os homens, estorvaram-lhes os designios. Conservariam por isso, como às vezes acontece, um secreto rancor e como que uma hostilidade disfarçada contra a vida sacerdotal e religiosa? Tinham sentimentos nobres demais, para que assim fosse. Era antes um culto, impregnado de certa nostalgia, o que sentiam por ela. O prelúdio virginal com que iniciaram a sua união deu-lhes a respeito desse estado, uma compreensão que se aproxima da experiência pessoal. A castidade perfeita continuou a ser para eles objecto de cobiça. Como não tinham

podido consagrar-se ao serviço do Senhor, aspiravam a oferecer-Lhe toda a sua posteridade.

Falámos das orações veementes que solicitaram a vinda dum futuro sacerdote consagrado às Missões em terras de infiéis e contámos que a morte dos dois pequeninos com o nome de José ceifou tais esperanças. Os valorosos cristãos curvaram-se, mas, tendo já contribuído para povoar o Céu, aspiravam agora a povoar o claustro.

A cada nascimento era esse o seu primeiro pedido que se repercutia em todas as suas orações. Não eram daqueles pais pusilânimes que receiam sacrificar a Deus o que entregam, sem hesitação, a uma criatura.

Lendo, na biografia de M.^{me} Acarie, que esta fundadora do Carmelo em França, entrara no convento com as três filhas, a Senhora Martin exclamou: "As filhas todas Carmelitas! Será possível que uma mãe receba tamanha honra?" A Madre Inês de Jesus que contou este episódio, pôde declarar, sob juramento, no Processo de Beatificação: "Os meus pais desejaram que nós fôssemos todas consagradas a Deus: a sua vontade era dar-Lhe padres e missionários".

Não vamos julgar, porém, que fizessem da casa uma estufa quente onde as vocações se cultivassem em série. A pressão imprudente, a intervenção indiscreta criam hipócritas ou falhados, quando não originam apóstatas. Aqueles genuínos educadores tinham demasiado respeito das consciências e grande submissão à vontade divina para poderem tomar tal atitude que encarariam como uma violação da alma e ao mesmo tempo como uma espécie de atentado contra os livres designios de Deus. É livremente e não por constrangimento ou violência que se deve penetrar no Santuário. A Senhora Martin não hesitava em dissuadir a Leônia que associava caprichos e fantasias com veleidades de envogar o hábito: "Quando nos diz todos os dias que há-de ser Clarissa acredito tanto nisso como se fosse a Teresinha (que tinha então dois anos e meio) que mo dissesse".

Foi com um tacto extraordinário que esta mãe seguiu passo a passo, na alma de Paulina a germinação da semente divina. Não queria precipitar nada, receando provocar cedo demais, uma confidência que havia de dar consistência a pensamentos ainda flutuantes. Procedeu também assim para com a Maria, como escrevia à sua segunda filha a 5 de Dezembro de 1875:

"Não me admirava nada que ela entrasse um dia para religiosa da Visitação: não tem gostos mundanos; pelo contrário: ainda faço mais empenho do que ela, em que ande bem vestida. Uma noite destas, quando rezava

as minhas orações, depois de ter lido Santa Joana Francisca de Chantal, lembrou-me, de repente, que a Maria havia de ser religiosa; mas não me demorei neste pensamento, porque já notei que acontece sempre o contrário do que eu prevejo. Não lhe falei nisto: ela ficava convencida de que seria a minha vontade, e afinal eu só quero o que for a vontade de Deus. Desde que ela siga a vocação que Ele lhe der ficarei satisfeita".

O papel dos pais é preparar o terreno onde a semente possa germinar, constituir a atmosfera que lhe favoreça o crescimento. Contámos como o Senhor Martin e a esposa, afastavam das filhas, com uma vigilância providente, as influências perniciosas, como lhes orientavam a piedade e as dispunham a querer em tudo a vontade de Deus, finalmente, como as estimulavam ao sacrificio. Uma disciplina destas predispõe eminentemente a alma para qualquer exigência da graça. As almas habituadas a dizer "sim", eo dever, não são capazes de fechar os ouvidos ao soberano convite, quando este se faz sentir.

Será necessário acrescentar que naquela família tudo dispunha a considerar a vocação como uma honra? As crianças aprenderam a venerar a tia Visitandina. Os locutórios em Mans, nas Clarissas de Alençon, no Carmelo de Lisieux povoavam de frescas visões monásticas aquelas imaginações moças. Na rua cumprimentavam os padres e os religiosos e só falavam deles com respeito. Não se podia criticar um sermão, sem que o pai intervisse para exaltar a palavra de Deus. A mãe, que nem sempre se furtava a notar, com o seu espírito de observação, alguns senões dos oradores, mesmo eclesiásticos, nem por isso deixava de manifestar uma deferência absolutamente sobrenatural pelos pregadores de missões, e sujeitava-se a duros acréscimos de fadigas para os ouvir.

Aqui temos contado pela pena de Paulina, um episódio encantador que revela a profunda influência materna neste campo:

"Quando eu era pequenina a mamã contava-me nos joelhos e contava-me histórias das vidas dos Santos. Um dia disse-me que no Céu, só as Virgens acompanhariam sempre o Cordeiro Imaculado, o Bom Jesus, que haviam de andar coroadas de rosas brancas e cantar um hino que mais ninguém poderia cantar. Eu disse logo que queria ser virgem para usar uma linda coroa branca e perguntei-lhe de que cor havia de ser a dela, visto haver-me observado que as pessoas casadas não podiam ter coroa branca. Ela respondeu-me que a sua coroa, com certeza, havia de ser de rosas vermelhas. E eu exclamei:

"Ó mamã, eu nunca me hei-de casar, para não usar uma coroa vermelha no Céu!"

Foi por ter vivido em um ambiente assim que a Teresa sentiu germinar nela um misterioso atractivo, "pelo Esposo das Virgens".

"As vezes ouvia dizer que a Paulina ia ser religiosa; e eu, sem saber muito bem o que tal queria exprimir, pensava: eu também hei-de ser religiosa!" Em Lisieux foi o Senhor Martin que com a sua piedade ardente mantinha a chama. A Santa conta que ele lhe sussurrava ao ouvido quando ela entrou pela primeira vez na Capela do Carmelo: "Vês, minha "Rainhazinha", por detrás daquelas grades vivem santas religiosas que estão sempre a rezar a Nosso Senhor". Pode-se imaginar a torrente de perguntas que se seguiu e como seria que o pai, invocando a Seráfica Teresa, procedeu à primeira iniciação monástica da filhita. O apelo divino nunca é tão insinuante, tão imperioso como quando se serve da voz amada dum pai ou duma mãe, até sem que eles o saibam.

Não era porque o Senhor Martin e a esposa encarassem o golpe da separação sem um certo abalo sensível. Ante uma tal perspectiva nem a natureza mais submissa deixa de estremecer. A mãe, que exprimiu por vezes o seu orgulho pela vocação presentida em Paulina e Maria, e que no leito de morte falava abertamente à segunda filha, não pôde deixar de fazer esta confissão à cunhada a 9 de Julho de 1876: "Apesar do meu vivo desejo de as dar a Nosso Senhor, se Ele me pedisse agora esses dois sacrificios, embora os fizesse com todo o gosto, não deixaria de me custar". Mas foi a sua própria oblação que o grande coração desta mulher consumou. Morreu levando para a sepultura o sonho que a fizera estremecer com a mais pura ambição: "as filhas todas Carmelitas!" Coube ao Senhor Martin ir até ao fim do holocausto e imolar por suas mãos, ao Senhor, todo o futuro da sua raça com uma generosidade que nos faz lembrar as horas mais belas da Idade-Média.

* * *

Desde a instalação nos Buissonnets o nome do Carmelo de Lisieux fez parte de muitas conversas familiares. Era um conjunto de construções geométricas, de tijolos de cor vermelho-escuro, com telhado de ardósia, aberto por clarabóias e ficava na rua de Livarot. O quadrado do convento era constituído por duas alas de edificios ligados dum lado por todo o comprimento da capela

e do outro pelas arcadas em abóbada dum claustro do estilo mais singelo. O pátio interior do claustro era dominado por uma imponente cruz de granito. Um jardim acanhado oferecia às solitárias a sua vegetação reduzida, onde se destacava, calmanete e discreta aquela linda avenida de castanheiros que havia de ver a Teresinha nos seus últimos dias escrever serenamente as derradeiras páginas da *História duma Alma*. Muros altos, banhados pelas águas do Ourbiquet, escondiam aos profanos o severo recolhimento destes lugares. O mosteiro tivera origens heróicas, dignas de figurar no livro das fundações da Santa de Ávila. Duas jovens de Pont-Audemer, Atalia e Desidéria Gosselin, haviam decidido consagrar os modestos bens à abertura dum Carmelo onde seguissem os seus desejos de perfeição. Monsenhor Dancel, Bispo de Bayeux, orientou-as para Lisieux e deu-lhes por futuro Superior o Padre Pedro Sauvage, Sulpiciano, primeiro vigário de S. Tiago. Este zeloso sacerdote veio a descobrir em Poitiers um antigo e fervoroso mosteiro de Carmelitas que se prontificou a auxiliar o projecto formando as postulantes e cedendo duas das melhores religiosas para as guiar nos primeiros passos.

Foi assim que no dia 16 de Março de 1858 descenderam da diligência no posto de muda de Lisieux, quatro noviças da Normandia e duas do Poitou, professoras de Veu preto, a Irmã Isabel de S. Luís, que seria a priora, e a Irmã Genoveva de S.ª Teresa, Sub-Priora e Mestra de Noviças. Uma carripana coberta com um toldo, conduziu-as, debaixo de chuva torrencial, à calçada de Beauvillers, onde a Senhora Le Boucher se oferecia para as abrigar, enquanto não se pudesse descobrir lugar mais conveniente, nos escombros encantadores de uma casa arruinada, que em tudo se assemelhava à de Belém.

No dia 3 de Setembro seguinte mudaram para uma casa vetusta, mas um pouco mais ampla da rua de Livarot. O incipiente mosteiro foi dedicado a "Maria Concebida sem pecado". Mais tarde veio a receber também por padroeiros, o Sagrado Coração e Santa Teresa do Menino Jesus. Sobre a reduzida família religiosa pairavam, como uma protecção, as orações do "Santo homem de Groswarden" o Príncipe de Hohenlohe, que lhe enviara todos os seus episcopais incitamentos e que havia de anunciar, com verdadeiro instinto profético, "a entrada duma numerosa família no Carmelo de Lisieux" donde viriam para ele todas as bênçãos.

Sob o governo da Irmã Isabel de S. Luís e, depois da sua morte, sob o impulso da Irmã Genoveva de Santa Teresa, que seria durante quarenta e nove anos, quase sempre com o título de Priora, a regra viva e a alma das suas Irmãs, a comunidade desenvolveu-se rapidamente. As provas sucederam-se. A indigência

acompanhou-lhe os passos. Foram necessários quarenta anos para dar ao mosteiro o espaço vital e bases materiais suficientes. O plano primitivo estava realizado, quando, em 1877 o Senhor Martin se instalou em Lisieux. As habitantes dos Buissonnets conceberam, por muito tempo, uma espécie de temor reverencial pelo Carmelo. As urnas mortuárias esculpidas na frontaria, tinham o condão de as gelar. Todos os sonhos de Paulina orientavam-se para a Visitação. Já tinha sondado a Superiora de



Exterior da capela do Carmelo, no tempo de Santa Teresa do Menino Jesus.

Mans, quando, a 16 de Fevereiro de 1882, ao assistir à Missa na Igreja de S. Tiago, junto da Imagem de N.ª S.ª do Carmo, compreendeu subitamente e de modo irrefutável, que a Virgem a queria Religiosa Carmelita. Iria substituir, na rua de Livarot, uma rapariga de Lisieux, falecida na véspera de entrar para o Convento. Esta solução, permitia-lhe, além do mais, manter junto de Teresa, o seu papel maternal. Paulina abriu-se com o pai a esse respeito. Encontrava-se ele no Mirante, absorvido por aqueles estudos matinais em que frequentemente derivava pelo caminho da meditação. Acolheu-a com grande bondade, objectou-lhe apenas que a sua saúde frágil, sujeita a enxaquecas frequentes, talvez não resistisse

à austeridade duma Ordem daquelas; mas, perante o tom decidido e confiante da filha concordou de bom grado com a sua opinião. Nessa tarde encontrando-se a sós com ela na escada, disse-lhe com emoção: "Autorizei-te a entrar para o Carmelo para felicidade tua, minha Paulina, mas não penses que seja sem sacrifício, porque te quero muito". E beijou-a com ternura.

A História duma Alma conta o abalo de Teresa com esta notícia e como as consolações e explicações que a sua "mãezinha" lhe prodigalizou, definiram nela bruscamente o apelo divino. "Senti que o Carmelo era o deserto onde Nosso Senhor queria esconder-me também". Depois da admissão de Paulina, a Priora, Madre Maria de Gonzaga, posta ao facto destas aspirações duma

criança de nove anos, não pensou em a dissuadir. Havia naqueles olhos profundos uma tal claridade virginal! Mas nem por isso seria menos cruel a espera.

A 2 de Outubro de 1882 o Senhor Martin, acompanhado pelo Senhor Guérin e de Maria, conduziu a Paulina à sua nova família. Com a alma penetrada pela recordação da esposa, cujas esperanças seriam realizadas naquele dia, oferecia alegremente a Deus a primeira das suas oblações. A Rainhazinha não assistiu àquela separação. Também não esteve na cerimónia da tomada de hábito que se realizou a 6 de Abril de 1883. Entretanto ao princípio da tarde, aquela que se chamaria dali em diante Imã Inês de Jesus, saiu da clausura segundo o cerimonial da época, e veio, envolvida no vestido branco de noviça, receber os últimos beijos da família num locutório exterior. Graças a uma providencial acalmia do misterioso mal que, havia muitos dias, a torturava, Teresa pôde então visitar a sua "mãe querida", sentar-se-lhe nos joelhos, esconder-se debaixo do seu véu, e entregar-se às suas carícias. Depois deixou-a enquanto a Paulina penetrava no santuário pelo braço do pai, e depois da cerimónia exterior, transpunha a porta da clausura, para revestir o hábito monástico, no coro das religiosas. Treze meses depois, a 8 de Maio de 1884, na tarde da sua primeira Comunhão, a criança voltava, com o seu "Rei", radiante sob os seus "flocos de neve" a expandir as suas impressões junto da sua "mãezinha" que fizera a profissão nesse mesmo dia. A 16 de Julho seguinte a família toda assistia à tomada do véu.

Entretanto os encontros eram rápidos. A criança tinha apenas uns minutos para as suas pequeninas confidências, o que era para ela um verdadeiro tormento. Onde iam as longas efusões dos Buissonnets? Quanto ao Senhor Martin, cada vez apreciava mais aquelas conversas profundas. A sua alma sedenta do dom total, aderiu às fulgurantes fórmulas dos heróis da mística. Com S. João da Cruz compreendia melhor que nunca a vaidade, o "nada" das criaturas. Entre aquelas quatro paredes frias e nuas do locutório, em frente daquela grade assestada como um desafio lançado ao mundo, sentia em si uma alma de monge. Na correspondência que de Roma e Constantinopla, trocou com Maria, não esquecia a sua "pérola fina".

"Diz ao meu querido "Paulinho" que também penso nela muitas vezes e dou graças a Nosso Senhor por lhe ter dado uma vocação tão alta... — Que consolação a minha quando vejo que ela é tão feliz e que Jesus, mesmo cá no mundo, quer visitá-la como só Ele sabe fazê-lo! Agradecemos a Nosso Senhor, minha filha,

e peçamos-Lhe de todo o coração, que cumule também das Suas graças a nossa pobre e querida Leónia". (1)

As últimas palavras fazem alusão aos novos sacrifícios que despontaram no horizonte. A Leónia, orientava-se pouco a pouco para o claustro. A Maria dava a impressão de sofrer também uma atracção irresistível para lá. Realmente quem a observasse com olhar superficial encolheria os ombros diante de tal perspectiva. Pura como um lírio mas duma independência feroz, aquela rapariga não tinha nada de uma "freira". Era ciosa da sua liberdade. Sim, mas havia que contar com a influência profunda da mãe que soubera disciplinar aquela natureza original e generosa e que do outro mundo, prolongava a sua missão, com a acção espiritual carinhosa do pai, que tanto queria à sua primogénita, com o exemplo contagioso de Paulina e com as confidências trocadas entre as duas. Em resumo, certo dia de 1882 (tinha então a Maria 22 anos) tomou como director de consciência ao R. P. Almiro Pichon, (2) Jesuita eminente, natural de Carrouges, perto de Alençon, especialista na pregação de retiros e na direcção de almas. Bem quis resistir; mas a palavra incisiva tocava-lhe o coração, demasiado recto para se furtar. Fez a sua eleição em oito páginas bem cheias. A conclusão foi fulminante. Sentiu-se presa nas redes da misericórdia: "Jesus lançou, pois, sobre mim um olhar de amor de predilecção", exclama ela.

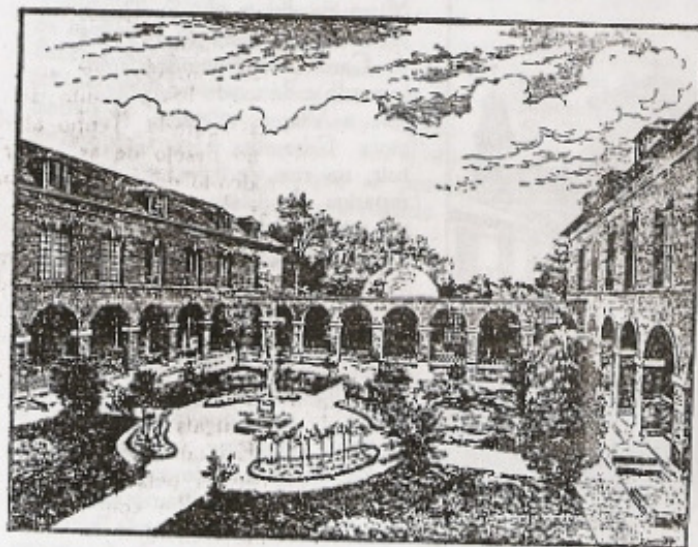
Antes de passar aos factos, tinha de se desobrigar da sua missão na família. Passaram os anos. Estava-se em 1886. A Leónia por sua vez queria lançar-se ao largo: como tivesse assistido noutros tempos com a mãe, às reuniões da Ordem Terceira nas Clarissas de Alençon, ansiava por se reunir às Damas Pobres; mas a Celina tinha 17 anos feitos e a educação de Teresa aproximava-se do termo. O P. Pichon que havia regressado por algum tempo do Canadá, para onde partira dois anos antes, cortou as últimas incertezas de Maria.

"Ia soar para mim a hora do sacrifício, escreveu ela. Mas não hesitei um só instante e fiz aquela grande confidência ao papá! Ao ouvir tal revelação, que estava

(1) Carta do Senhor Martin à Maria, de 27 de Setembro de 1885.

(2) O Rev. do P. Pichon S. J. tinha pedido a Deus, por intercessão da sua "Teresinha" para celebrar a Santa Missa até ao último dia da sua vida e morreu em Paris na manhã do dia 15 de Novembro de 1919, aos 77 anos de idade, quando se preparava para dizer a Santa Missa. Desejoso de entrar na "legião das Vítimas do Amor Misericordioso" fizera o acto de oblação aconselhado pela Santa.

longe de esperar, visto nada dar a entender que eu quisesse ser religiosa, suspirou, abafou um soluço, e disse-me: "Ah!... Ah!... Mas... sem ti!" Não pôde continuar. E eu para não o enternecer, respondi com segurança: "A Celina já está bastante crescida para me substituir. Verás que tudo há-de correr bem, papá!" Ele continuou: "Nosso Senhor não podia pedir-me sacrifício maior! Pensava que tu nunca me havias de deixar!" E beijou-me para me esconder a comoção".



O claustro do Carmelo de Lisieux

Fixou-se para 15 de Outubro de 1886 a entrada no Carmelo. Como a Paulina, também a Maria quis ajoelhar-se pela última vez junto da sepultura da mãe. Foi toda a família a Alençon a 7 de Outubro. Durante esta viagem é que a Leónia, com uma precipitação que nada fazia prever e cuja imprudência o futuro demonstraria, solicitou e realizou imediatamente a entrada nas Clarissas. Colocado, pode dizer-se, perante um facto consumado, o Senhor Martin curvou-se com grandeza de ânimo. Esforçou-se até por acalmar, com argumentos sobrenaturais, a filha mais velha que não escondia o seu descontentamento perante aquela pressa insólita que nada justificava. De facto, logo no dia 1.º de Dezembro do mesmo ano, a Leónia regressava ao lar paterno.

O seu temperamento era débil demais para suportar as mortificações duma regra particularmente austera. O pai, com muita caridade e tacto, procurou adoçar aquela decepção.

Quanto à "sua primogénita", acompanhou-a ao Carmelo no dia da festa de S.^{ta} Teresa. A 19 de Março de 1887, na manhã do dia de S. José, com uma emoção mal contida, imolava-a a Deus, sob o nome de Irmã Maria do Sagrado Coração, na pungente cerimónia da tomada de hábito, em que o P. Pichon regressando pela segunda vez do Canadá, exaltou a vocação religiosa.

Valentemente suportou o despedaçar do coração. No decurso do jantar oferecido ao clero e que, segundo tradição, se tomava em casa do pároco de S. Tiago, Superior do Carmelo, fez ao P.^e Godefroy Madelaine (1) esta confidência: "Sou muito feliz. Tenho já duas filhas cuja salvação está assegurada. Tenho ainda uma só com catorze anos mas que arde no desejo de as seguir".

É verdade que as suas filhas sabem rodeá-lo de carinho. Numa série de cartas que são puras obras-primas de afeição delicada, a noviça esforçou-se por atenuar a seu pai a dor da separação.

Para com as freiras testemunhava o Senhor Martin uma verdadeira munificência. Por ocasião da tomada de hábito da Paulina, fez-lhes presente de dois soberbos candelabros de bronze dourado, omados de cristais e de velas. Quando chegou a vez da Maria, enriqueceu o tesouro conventual com dois grandes relicários em forma de custódias. Abastecia frequentemente, com algum prato escolhido, as refeições de ordinário frugais da Comunidade. Era para ela que com amor ia à pesca. E quando as suas linhas eram obrigadas a repousar, contratava com o peixeiro, ou abastecia-se no mercado. A mais velha chamava-lhe com razão, "o provedor do Bom Jesus". Ela agradecia-lhe com finura de espírito dizendo-lhe que depois de ter entregado a Deus "todo o tesouro da sua barca, as filhas", lhe entregava na pessoa das suas esposas, todo o produto das pescarias. Mas, acima de tudo, ela bendizia-o pelo *Fiat* tão nobremente dado que decidira da felicidade das suas queridas Carmelitas: "A ti, o melhor dos pais, que dás a Deus, sem contar, toda a esperança da tua velhice, a ti cabe a glória, essa glória que não passa; sim, pai bem amado, havemos de glorificar-te como tu mereces ser glorificado, santificando-nos. Outra coisa seria indigna de ti".

(1) Foi este religioso Premonstratense, futuro abade de Mondaye no Calvados, que mais tarde foi encarregado de aprear como teólogo o manuscrito da *História duma Alma* e que animou vivamente a que se publicasse.



Paulina aos 21 anos
Foto de 1892



Paulina aos 13 anos
Foto de 1884



Paulina aos 20 anos
Foto de 1889

Paulina aos 20 anos
Foto de 1889

* * *

Friamente deliberada e realizada com toda a calma, a vocação da Maria desenrolara-se à maneira dum casamento de conveniência em que o amor conservasse todos os seus direitos. Em contraste com essa a de Teresa teve o aspecto dum irresistível impulso de paixão. Levava-a no coração, como uma ferida. O Carmelo constituía o seu grande pensamento; imolar-se pela Igreja e pelos sacerdotes era a sua única ambição. As congregações activas não deixavam de a atrair; o apostolado seria para ela uma festa. Considerava, porém, mais mortificante actuar directamente na *Causa Primeira*, no silêncio da contemplação. Foi por isso que depois de ter aceitado com entusiasmo, das mãos dum peregrino, durante a viagem a Roma, alguns números dos *Annals Missionários*, se absteve de os ler: "Tenho um desejo excessivo de me consagrar às obras de zelo, confessou ela, e quero esconder-me num convento para me dar mais totalmente a Nosso Senhor".

Tinha-se dirigido com excelentes confesores: — o P. Ducellier, coadjutor em S. Pedro e que havia de voltar para lá como arcebispo depois de ter estado a paróquiar em S. Mateus e em Trévières; — o Cônego Domin, Capelão da Abadia; — o P. Lepelletier, também coadjutor na Catedral, donde só saiu em 1888 para Luc-sur-Mer e mais tarde para S.^{to} Estêvão de Caen. Todos ignoravam em absoluto a decisão dela. Só o P. Pichon, director de Maria e de Celina, é que na ocasião de uma passagem por Lisieux, foi posto ao facto de todos os seus projectos que aprovou sem reserva, inclusive a súplica a Leão XIII. "Eu pensava, confessou mais tarde a Carmelita, que Nosso Senhor não se servia de intermediários para mim, mas actuava directamente". Ora eis que Ele lhe inspirava que solicitasse a entrada no mosteiro pelo Natal de 1887, no aniversário da sua "conversão" justamente na véspera de fazer quinze anos! Era uma ideia fixa: a Maria repeliu-a em nome do bom senso. A Paulina, que conhecia melhor a alma da sua filha, apoiava-a com todas as forças. A Celina, que adivinhava tudo, e que também acariciava o sonho de um dia tomar o Véu, resignava-se a deixar-se preceder pela querida irmã. As conversas no Mirante assumiam por causa disto, um indizível fervor que Teresa cantaria mais tarde:

*Entrelaçadas nossas mãos de neve,
E unindo as vozes numa só também
Das sacras núpcias o cantar singelo
Subia pela encosta do Carmelo...
Até Salém!*

Faltava só à jovem postulante abrir-se com o seu "Rei". Não tinha ainda sessenta e quatro anos, conservava o ar marcial e o porte erecto, mas era já um velho, de saúde gravemente abalada. No dia 1 de Maio de 1887, no momento de se preparar, segundo o seu costume, para a Missa das 7, um ataque de congestão cerebral, com forma hemiplégica, releve-o no leito. A paralisia tomou-lhe um lado todo, mas poupando-lhe as faculdades intellectuais. Prevenidas imediatamente, as filhas do Senhor Martin ajudaram-no a levantar-se. Apesar de tudo quis arrastar-se, amparado por elas, até à Catedral, para santificar a todo o custo aquele primeiro dia do mês de Maria. A perna estava presa, a língua um pouco embaraçada. Filosofando como cristão a respeito daquele aviso do Alto, no caminho para casa afirmou: "Minhas queridas filhas, nós somos tão frágeis como as flores das árvores; uma tarde temos como elas um aspecto magnífico e pela manhã uma hora de geada queimou-nos e abateu-nos".

O Senhor Guérin, prevenido, interveio enérgicamente. Forçou o doente a deitar-se e applicou-lhe sanguessugas. "A mesa do festim é muito pequena para tantos convivas", observava o paciente com alegria. O perigo parecia conjurado. Durante o ano deram-se mais dois acessos da mesma natureza, embora mais benignos e logo atalhados. O Senhor Martin não perdeu nada da sua boa disposição, nem do seu belo humor, mas encerrou-se cada vez mais nas reflexões solitárias e, por vezes, a cor pálida e os lábios violáceos inspiravam legítimos receios às filhas.

Seria boa ocasião para lhe apresentar bruscamente a perspectiva do sacrifício mais doloroso, o da sua "Rainhazinha"? Com certeza ele contava oferecê-la mais tarde ao Senhor; tinha adivinhado o esplendor daquele coração virginal; mas era ainda, para ela, a primavera. Servia-lhe de companhia favorita quando, no seu passo que se tomava mais lento depois do último acidente, dava o passeio quotidiano em Lisieux. Poderia perturbar-se esta doce serenidade? Teresa hesitou por muito tempo, rezou, consultou a Deus e sentiu força para falar. Era no dia de Pentecostes, depois das Vésperas. Mergulhado na paz duma bela tarde o Senhor Martin repousava no jardim das traseiras dos Buissonnets, de mãos juntas, contemplando a folhagem das altas árvores banhadas pelos clarões do sol poente. A filha aproximou-se. Nos seus olhos húmidos adivinhou ele algum segredo difícil de levar. "Que tens tu, minha Rainhazinha? Conta-me lá". Talvez tivesse algum pressentimento, porque se levantou logo como para dissimular a sua própria emoção e começou a andar com ela apertada contra si. Mas só Teresa é que pode contar uma coisa destas.

"Entre lágrimas falei do Carmelo, dos meus desejos de lá entrar depressa; e então ele chorou também! Contudo não me disse nada que pudesse desviar-me da minha vocação; só me fez notar que era ainda muito nova, para tomar uma decisão tão grave. E como eu insistisse, defendendo bem a minha causa, o meu incomparável pai, com aquela natureza recta e generosa, depressa se convenceu. Continuámos a passear durante muito tempo: eu tinha aliviado o coração e o papá já não chorava. Falou-me como um santo. Aproximando-se de um muro um pouco elevado, mostrou-me umas floritas brancas, parecidas com lírios em miniatura; e pegando numa dessas flores, deu-ma explicando o cuidado com que o Senhor a fizera abrir e conservara até àquele dia.

"Eu julgava ouvir a minha história, tão flagrante era a semelhança entre a florinha e Teresinha. Aceitei a florinha como uma reliquia; e vi que, ao pretender colhê-la, o papá a arrancara com todas as raízes, sem as partir: parecia destinada a viver ainda em terra mais fértil. Era o que o meu querido pai acabava de fazer comigo, ao permitir-me trocar pela montanha do Carmelo, o doce vale que fora testemunha dos meus primeiros passos no caminho da vida". (1)

A aceitação do pai, raiava pelo heroísmo; o mundo classificava-a de loucura.

Em Lisieux então não se falava doutra coisa senão das violentas recriminações e até dos ataques caluniosos feitos ao Superior do Carmelo, o pároco de S. Tiago, Rev. P.^e Delatroitte, por parte de um cidadão rico, cuja filha pensava em ser religiosa. Em tais circunstâncias que pensaria o Senhor Guérin do projecto da sua sobrinha? Consentiria ele em dar o seu "placet" necessário de tutor a uma aventura que encorajaria as más línguas e destruiria a sua fama de cristão sólido e bem assente, no qual a razão tinha sempre a última palavra?

É coisa já averiguada que Teresa diferiu o mais possível o tratar pessoalmente com o temível farmacêutico. (2) Com certeza

(1) *História duma Alma*, Cap. V.

(2) Nesta nova edição restabelecemos neste ponto o curso dos acontecimentos, tal como se deduz de certas cartas recentemente exumadas e da inteligente interpretação que delas deu o Rev.^{do} P.^e Combes no seu artigo de *Mélanges* F. Cavallera intitulado *Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus, du jardin des Buissonnets aux pieds de Léon XIII* (29 Mai - 20 Novembre 1887). — (Santa Teresa do

ela esperava uma mudança de ambiente ou preferia esperar pelo completo restabelecimento da saúde do pai.

Alguns acontecimentos de família contribuíram também para atrasar o encontro. No princípio de Julho, o Senhor Martin levou as três filhas à Exposição do Havre. Mais tarde fez nova estadia, a quarta, na praia no Chalet dos Lilases em Trouville, porque a de Julho de 1886 foi muito breve.

No intervalo, a 16 de Julho de 1887, Leônia tentara, com o consentimento paterno uma nova experiência da vida religiosa. A preocupação de poupar uma saúde precária, a lembrança também de Sôror Maria Dositeia e a gratidão para com a Vidente de Paray-le-Monial, que curara na sua infância, levaram-na para a Visitação de Caen. Não permanecerá lá senão uns meses, o que a impedirá de participar na peregrinação a Roma. Antes do fim do ano estava de volta aos Buissonnets.

Contudo as semanas passavam. O prazo do Natal aproximava-se. Antes de ir para Roma era necessário abordar oficialmente o Senhor Guérin e obter dele a autorização indispensável. Depois de quatro dias de aproximações em vão, Teresa falou finalmente com ele na sua farmácia, num sábado, 8 de Outubro. Recebeu-a paternalmente mas a negativa foi categórica. Impossível dar um consentimento de sangue frio a uma saída que corria o risco de prejudicar a religião. Quinze dias se passaram cheios de angústia para a Santa que via ruir todos os seus sonhos e se sentia como que esmagada por uma torquês entre a vontade divina e este obstáculo insuperável. A Irmã Inês de Jesus recebeu as suas confidências e chamou a atenção do tio sobre o estado de espírito da Teresinha; mas já antes de a carta chegar à Praça de S. Pedro, uma mudança de sentimentos se operara no coração do Senhor Guérin, devido a orações: a sua oposição cessara.

Outra surgiu, mais cortante, mais irredutível, a do Superior do Carmelo, o pároco de S. Tiago, o Padre Delatroëtte. Este Padre, austero e digno, tinha tomado a peito com feroz intransigência, fazer triunfar no seio da Comunidade, a mais rígida observância.

Entendia ele, aliás sem atender nisso às Constituições, que não se devia admitir ninguém com menos de 21 anos feitos. O seu trato era destituído de amenidade. A fisionomia, de feições rígidas.

Menino Jesus, do jardim dos Buissonnets até aos pés de Leão XIII (29 de Maio a 20 de Novembro de 1877). A *História duma Alma* segue uma ordem um pouco diferente, mas é claro que a narração que lá se faz só se preocupa com o encaimento lógico dos factos e não com a sua exacta cronologia.

de lábios contraídos, cercados de vincos profundos, traía um carácter imperioso. Quando a Madre Superiora lhe falou de postulante tão nova, ele interrompeu-a com secura. A intervenção da venerada Madre Genoveva no mesmo sentido, apenas conseguiu uma tempestade. Quem sabe se aquele pastor autoritário não conservava má vontade contra paroquianos culpados de não virem nunca à "sua igreja"? Teresa, acompanhada de seu pai, enfrentou contudo o terrível personagem. Argumentou com calor. Trabalho perdido. A recusa foi imediata, definitiva. Só uma decisão do Bispo podia fazê-lo ceder. O Senhor Martin, que se constituiu, nesta oportunidade, com admirável desinteresse, em advogado e apoio da filha e quis acompanhá-la em todos os seus esforços, não sabia como a havia de consolar. Quando saíam, no fim da conversa, uma chuva torrencial sublinhou aquele primeiro choque entre a prudência administrativa e o impulso místico duma vocação extraordinária.

Decidiram recorrer a Bayeux. A conselho do P.^e Youf, capelão do Carmelo, o pai de Teresa interveio junto do Vigário Geral, Monsenhor Révérony para conseguir à postulante uma audiência do Senhor Bispo no paço episcopal.

Acompanhada pelo pai para lá se dirigiu, depois de tomar a precaução de "levantar os cabelos" para parecer mais velha. Monsenhor Hugonin ocupava a cadeira episcopal de Bayeux havia mais de vinte anos. Era um homem de estudo, bondoso de carácter, inclinado a soluções conciliadoras. O pedido da jovem Lisense pareceu-lhe decerto tão imprudente quanto generoso. Ateve-se à decisão do Superior, o que, a despeito do protocolo e das recomendações do Senhor Cônego Révérony, desencadeou logo uma crise de lágrimas. O Senhor Martin deixara, propositadamente, que a filha falasse, pensando decerto que ela afirmaria assim melhor a sua precocidade de juízo. Mas teria o Prelado julgado ver nele alguma reticência? Sentir-se-ia impressionado com o seu ar venerável, comovido com a nobreza da imolação que ia consentir? O certo é que tentou fazer compreender à filha, que o dever dela era estar ainda algum tempo com o pai. "Qual não foi a surpresa e a edificação de Sua Excelência Reverendíssima, declarou Teresa, ao ver que ele tomava o meu partido, acrescentando, num tom cheio de bondade, que contávamos ir a Roma com a peregrinação Diocesana, e que eu não hesitaria em falar com o Santo Padre, se não conseguisse antes a autorização solicitada?" (1).

Esta intervenção do Senhor Martin, conseguiu, certamente

(1) *História duma Alma*, Cap. V.

suspender uma decisão que, segundo todas as previsões, devia ser negativa. Teve até a vantagem de conseguir que o Senhor Bispo aceitasse com gosto o recurso à instância suprema e de preparar assim a solução definitiva. "Hei-de falar de si ao Superior do Camelo, concluiu Monsenhor Hugonin, e com certeza receberá a minha resposta na Itália". A candura e as lágrimas da rapariguinha, haviam-no comovido. Insistiu em acompanhar os visitantes até ao jardim e escutou com interesse a narrativa feita pelo pai a respeito dos caracóis loiros sacrificados essa manhã... Quanto ao Senhor Vigário Geral, dizia em voz alta que "nunca se vira uma coisa assim: um pai tão interessado em oferecer a filha a Deus, como essa filha interessada em se consagrar ela mesma".

• • •

A única esperança que restava era Roma. O Senhor Martin tinha-se inscrito com as duas filhas na peregrinação presidida por Monsenhor Germain, Bispo de Coutances e organizada graças ao zelo engenhoso do seu Vigário Geral, Monsenhor Legoux. A Diocese de Bayeux inscrever-se-ia com um importante contingente presidido pelo Senhor Cônego Révérony. O comboio especial levaria cento e noventa e sete passageiros, entre os quais um certo número de eclesiásticos: a maior parte dos leigos pertenciam à aristocracia normanda. A Agência Lubin tinha organizado a viagem de modo a unir o máximo de conforto com as mais altas emoções artísticas e religiosas. Não se viajava de noite, abrangendo o itinerário os lugares históricos e os sítios mais esplêndidos, paragens marcadas em estâncias de renome e nos hotéis mais luxuosos contribuíam para que este circuito de um mês fosse um encanto para os olhos e para o coração. Sob o aspecto católico era um acontecimento. Estava-se no princípio das espoliações anti-clericais na Itália. O mundo cristão tremia com receio de ver o Papa cativo e escarnecido. As bodas de ouro sacerdotais de Leão XIII faziam subir para Ele, uma vaga de entusiasmo. Aquela peregrinação — a segunda organizada na França — seria uma vibrante manifestação de fé francesa.

Antes de partir, o Senhor Martin, sempre delicado, lembrou-se das suas religiosas, a quem a reclusão voluntária privaria de tantas belezas. Copiou e enviou-lhes à maneira de despedida, estes versículos da *Imitação*:

"Que podeis ver noutra parte que não vejais onde estais? Tendes diante dos olhos o Céu, a terra e todos os elementos. Não é deles que se compõem todas as coisas

do mundo? Que podeis ver, seja em que lugar for, que se conserve estável, por muito tempo, debaixo do sol? Jugais talvez que essas coisas podem satisfazer-vos plenamente; mas nunca conseguireis isso. Se tudo o que há no mundo, estivesse presente aos vossos olhos, que outra coisa seria senão uma vã representação?"

Para os nossos amigos, esta viagem foi uma verdadeira cruzada. Os finórios segredavam que levando a filha à Itália, numa companhia tão requintadamente sedutora, o pai tinha o pensamento reservado de lhe abalar a vocação. Estes não conheciam bem o Senhor Martin. A verdade era que o fim principal da viagem era precisamente alcançar do Santo Padre a ratificação do projecto de Teresa. Quanto a esta, sabendo os perigos que a sua virtude corria nestas semanas agitadas, confiava-se à guarda da sua Mãe do Céu e a S. José, "Pai e Protector das Virgens". E nunca a sua serenidade de criança foi abalada.

A concentração geral era em Paris. Três dias antes, numa sexta-feira, 4 de Novembro, às três horas da manhã, o Senhor Martin partiu de Lisieux com as duas filhas. "Chegando a Paris pela manhã, começámos logo a visitar a cidade, escreveu Teresa. Este querido Paizinho, fatigou-se muito para nos dar prazer. Deste modo não tardou que tivéssemos visto todas as maravilhas da capital". (1) Sabe-se que de todas a que a Santa mais apreciou, a que mais lhe falou ao coração foi a Igreja de N.ª S.ª das Vitórias. Nela puderam rezar com todo o vagar porque o Senhor Martin escolhera propositadamente, um hotel nas vizinhanças do celebre Santuário. Foi lá, que se desvaneceram definitivamente as angústias que velavam por momentos, no espírito de Teresa, a lembrança da visão da *Virgem do Sorriso*.

No domingo, 6 de Novembro, Monsenhor Germain presidiu, na Cripta do Sagrado Coração em Montmartre, à cerimónia do início da peregrinação. Assistiram à Missa na capela de S. Pedro e comungaram; depois, ao som do *Magnificat*, a procissão dirigiu-se à ábside superior, então descoberta, onde o Bispo benzeu a arquivolta duma arcada erigida em frente do altar marial.

O comboio de Roma partiu da estação do Este na segunda-feira, 7, às 6 e 55 da manhã. Cada compartimento recebeu a designação dum santo. Os nossos amigos não ficaram pouco surpreendidos ao ouvirem atribuir ao seu por Monsenhor Legoux, em pessoa, a invocação de S. Martinho, o que valeu, de aí em

(1) Recordações inéditas.

diante, ao pai de Teresa, ser tratado muitas vezes pelo nome de "Senhor S. Martinho". Dos oito lugares da carruagem, só sete estavam ocupados, todos por pessoas de Liscieux, incluindo o vigário de S. Desidério, o P. Moulin. De quando em quando, o P. Lecomte, vigário de S. Pedro, ia tomar parte nas conversas do grupo, sem que, aliás, o pai lhe tivesse confiado de maneira nenhuma o mandato de vigiar as filhas, como algumas pessoas vieram a inventar mais tarde. O Senhor Martin não teria confiado essa incumbência a ninguém. Era muito vigilante e também muito orgulhoso da sua Celina e da sua Rainhazinha, para se separar delas voluntariamente. Nas raras ocasiões em que se resignou a não as acompanhar, era à família Besnard que as confiava.

O meio era selecto. Poderiam julgar-se transportados a qualquer palácio normando. Uns ostentavam os seus títulos de nobreza. Outros preparavam alianças brilhantes. Corriam de vagon em vagon os ditinhos de salão. Havia horas marcadas para a oração, mas bastante comedidas. Não há como as longas peregrinações — o autor da *Imitação* emprega acerca delas uma frase céptica — para fazer revelar os pequenos defeitos de cada um. E ver quem há-de procurar o melhor canto, a situação mais confortável. Pois não é preciso orientar as coisas de modo a poupar as forças e a manter-se em boa forma até ao fim? E há também o senhor que se queixa constantemente, aquele que é necessário informar e rebocar a cada instante, aquele que não pensa senão nas refeições e nos divertimentos. Todas estas paixões humanas não impedem de conviver, de viver em família, e de vibrar a uníssono, mas à custa de certos choques e em vigilante observação dos defeitos do próximo.

Os nossos três amigos atravessaram essas misérias indolentes. Não tinham nome com particula, ⁽¹⁾ mas fornavam um trio tão encantador e de tal distinção, que os criados de hotel iludiam-se por vezes e pretendiam destinar-lhes a eles os lugares principais. Era com a mais bela simplicidade junta a uma requintada delicadeza que o Senhor Martin se movia no meio daquela sociedade fidalga. A *História duma Alma* conta-nos como ele se apagava para oferecer aos outros um lugar melhor ou um quarto de mais fácil acesso, como se dedicou a distrair um vizinho hipocondríaco mais inclinado por natureza a criticar do que a admirar. Apesar do cansaço que a certas horas se lhe lia no rosto, mostrava sempre uma perfeita igualdade de humor e expunha-se corajosamente a

(1) Os nomes de famílias nobres francesas são em geral precedidos da preposição *de*.

todas as fadigas para dar prazer. Nenhum incidente de jornada lhe pôde alterar a paz.

A partida instalara as filhas junto das janelas, para que pudessem admirar à vontade a paisagem. Convidadas a tomar parte nas continuas partidas de cartas, alegaram a sua pouca aptidão no assunto e declinaram delicadamente o convite.

"Não tardou que se manifestasse descontentamento, declarou Teresa na sua narrativa; o nosso querido pai, tomando a palavra com calma, defendeu-nos, dando a entender que para uma peregrinação, se não reservava tempo suficiente às práticas de piedade. Um dos jogadores, esquecendo então o respeito devido aos cabelos brancos, exclamou irreflectidamente: "Ainda bem que são raros os fariseus!" O Papá não respondeu uma palavra e pareceu até, santamente alegre; um pouco mais tarde achou meio de apertar a mão àquele senhor, acompanhando essa bela acção com algumas palavras amáveis que podiam deixar crer que a invectiva não tinha sido escutada ou, pelo menos, que estava esquecida". ⁽¹⁾

Para ele aquele mês de peregrinações através dos encantos fantásticos da natureza e da arte foi um cântico de louvor a Deus. Ao atravessar a Suíça, lançou um olhar para o lado do Grande S. Bernardo, onde se aninhara, por instantes, o mais belo sonho da sua vida. A noite passada em Lucerna, o panorama do Lago dos Quatro Cantões, a passagem do S. Gothardo, incitaram-no a cantar a Deus nas alturas. Em Milão assistiu à Missa de Monsenhor Germain, mesmo ao pé do altar, piedosamente encostado à urna que contém o corpo de S. Carlos Borromeu. As suas devoções prolongaram-se, enquanto Celina e Teresa subiam os quatrocentos e oitenta e quatro degraus que levam ao cimo do Zimbório. Em Veneza deixou-as subir sôzinhas ao campanário-Zimbório, e ficou a admirar os tesouros de S. Marcos. Em Pádua foi a recordação de S. António que o comoveu e o dominou.

A 11 de Novembro à noite desembarcaram em Bolonha. Toda a mocidade escolar daquela cidade universitária, estava preparada para acolher os franceses. A recepção foi calorosa, mesmo um pouco ruidosa, como é próprio da juventude. O jornal local, *Il Resto del Carlino* fez, no dia seguinte, uma narrativa simpática.

(1) *História duma Alma*, Cap. VII.

A saída da estação, no aperto provocado pelas manifestações, o Senhor Martin viu-se apartado das filhas. Quando apareceu Teresa, ostentando ao peito a fita de seda branca com rosas azuis e medalha com a effigie de Leão XIII, insígnia da peregrinação, de que ela era a benjamina, um atrevido gracioso agarrou nela, num impeto, e levou-a em triunfo até que, intimidado pelo seu olhar tão puro, a pôs no chão no meio da multidão. Garotice sem importância que seria pueril dramatizar. Nem por isso a adolescente deixou de conceber certa repulsa por uma cidade onde era impossível circular sem provocar aglomerações de papalvos ou filas de admiradores. Até as pequenas vendedoras italianas a perseguiram com os seus apelos oferecendo-lhe ramos de flores: "Bella signorina! Bella signorina!" E que a Rainha dos Buissonnets ia encantadora no seu vestido preto, casaquinho de fazenda grossa, cor de tabaco, de pelo encaracolado, a imitar pele, com o gorro de feltro guarnecido com o mesmo pano e enfeitado com uma asa. A toalha sedosa dos seus cabelos loiros, atados no meio com uma fita emoldurava à maravilha o seu rosto delicado de criança. O Senhor Martin consolava-se de olhar para ela. "Quando não iam de carruagem, conta ela, se eu me afastava dele, chamava-me para eu lhe dar o braço, como em Lisieux".⁽¹⁾

De Bolonha dirigiram-se para a Santa Casa de Loreto onde o pai "com a sua doçura habitual" segundo as expressões de

(1) Certos escritores à cata de novidades sensacionais escreveram que a jovem postulante espantara com as suas audácias os eclesiásticos que iam na peregrinação. O P.^e Ubald d'Alençon, ordinariamente melhor inspirado e que devia no fim da vida lamentar a sua publicação tão inconsiderada como cheia de erros, invoca a este propósito no seu artigo de Julho de 1926 dos *Etudes Françaises*, o testemunho de dois sacerdotes, dos quais um, o P.^e Bodin por ter morrido em 1913 já nada podia dizer mas o outro, o P.^e Lebrech opôs-lhe um desmentido cáustico, enquanto os Cônegos Huet e Delamarre denunciavam também como falsas tais alegações.

A expressão de "cavalinho à solta" que ousa empregar o religioso capuchinho, mesmo suavizada por um sorriso, choca o bom senso e violenta a realidade. É certo que Teresa declarou que a sua timidez costumada se foi embora logo no princípio da peregrinação e que pudera andar à vontade durante várias semanas entre tanta gente de distinção. Mas nunca deixou de ser a menina reservada e submissa que a presença divina envolvia num halo virginal. Certo dia em que escalava uma altura donde poderia disfrutar de um panorama magnífico, bastou que seu pai, preocupado demais com a exactidão nos horários, a chamasse, para ela parar a dois passos do cimo. Em Roma mesmo, a ousadia que mostrou ao dirigir-se ao Santo Padre será essencialmente um acto de obediência ao Camelo de Lisieux a quem ela submeteu a ideia da iniciativa e que lhe ditara a fórmula. A autobiografia — digamo-lo de uma vez para sempre — deforma os seus heróis quando, sob pretexto de corrigir a história, arma, com todas as peças, processos tendenciosos.

Teresa na *História duma Alma*, participou na Comunhão Geral na Basilica, ao passo que "as filhas menos submissas", preferindo o "diamante" ao "estojo" quiseram receber Jesus na sua própria casa. A 15 de Novembro, à noite, estremeceam de alegria ao ouvir, no meio das trevas, o grito: *Roma! Roma!* Os nossos viajantes dirigiram-se para a Via Capo le Case, ao Hotel do Sul, hoje destinado a outros usos, e no qual o quarto ocupado por Teresa, foi transformado em oratório. A não ser em caso de cerimónia especial, assistiam à Missa na igreja vizinha de S.^{to} André delle Fratte, aquele santuário tomado célebre pela aparição, em 20 de Janeiro de 1842, de N.^a S.^a da Medalha Milagrosa ao judeu Afonso de Ratisbona.

A visita de Roma fizera-se sob um céu pardacento. Durante seis dias, a chuva caiu quase ininterruptamente. Teresa narrou na sua autobiografia o passeio à campina romana, a oração nas catacumbas de S. Calixto na Via Appia, a estação na Basilica de S.^{ta} Inês extra-muros, a descida ao Coliseu, onde, apesar do perigo e das interdições oficiais ela desceu com a Celina pelos montes de escombros que levavam ao "empedradozinho em forma de cruz" testemunha dos combates dos mártires. Pelo caminho a Santa ria-se com as explicações dos guias cujo tom, fraseado, e plácida grandiloquência ela imitava à maravilha. Notava, com graça, as inversões de sílabas dum intérprete pouco feliz que convidava a admirar no frontão dum templo antigo, as cornijas e os Cupidos colocados sobre elas".⁽¹⁾

Os múltiplos avisos que impedem a entrada nos lugares sagrados ao sexo fraco, arrancaram-lhe um protesto veemente:

"Diziam-me a todo o instante: "Não entrem aqui porque ficam excomungadas!" Ah! como as pobres mulheres são desprezadas! E contudo elas amam a Nosso Senhor em muito maior número que os homens e, durante a Paixão de Nosso Senhor, as mulheres tiveram muito mais coragem que os Apóstolos, porque expuseram-se aos insultos dos soldados e atreveram-se a limpar a Face Adorável de Jesus... Com certeza foi por isso que Ele permitiu que o desprezo lhes coubesse a elas, visto que o

(1) O explicador queria exprimir as aleias acima ditas mas ao querer dizer cornijas (em francês *corniche*) empregava a palavra "*corniche*" que em francês significa uma espécie de obóbora, e ao querer dizer Cupido (em francês *Cupidon*, deus do Amor), empregava a palavra *cupide* que significa cubitoso, cúpidio.

escolheu para Si... Mas no Céu há-de mostrar que as Suas opiniões não são iguais às dos homens, porque então "as últimas serão as primeiras". (1)

Ora aqui está uma verdadeira canção que, pelo facto de não ser no estilo incandescente das sufragistas de outrora, nem por isso deixa de erigir inesperadamente a nossa Teresa em advogada do feminismo de bom tom.

O Senhor Martin sorria desta indignação. Apreciava a espontaneidade, a coragem. A intrepidez das filhas, dirigindo-se audaciosamente à arena do Circo pagão para beijarem o solo avermelhado pelo sangue dos primeiros fiéis, fizera-o estremecer de nobre orgulho, após um instante de surpresa. Deixou, pela mesma razão, que subissem ao Zimbório de S. Pedro e até ao globo que encima a cúpula colocada por Miguel Ângelo, como uma tiara gigante sobre o Túmulo dos Apóstolos.

...

O ponto culminante da viagem era a audiência Pontifícia. Teresa desejava-a e receava-a ao mesmo tempo. Acabara ela de receber uma carta da Irmã Inês de Jesus a qual, hostil ao princípio a uma súplica directa ao Santo Padre, mudara de parecer por conselho da sua Priora, a Madre Maria Gonzaga e da Fundadora, a Madre Genoveva. A carta chegava mesmo a marcar os termos da súplica e a prever as objecções possíveis. Com isto a menina Teresa não ficava menos atrapalhada perante a perspectiva de fazer publicamente um acto tão insólito.

A 14 de Novembro escrevia à tia: "Não sei como hei-de arranjar-me para falar ao Papa; realmente se Nosso Senhor não se encarregar de tudo, não sei o que hei-de fazer. Mas tenho tanta confiança n'Ele que não poderá abandonar-me e entrego tudo nas Suas mãos".

No domingo, 20 de Novembro, colocou sobre os ombros a protocolar mantilha negra e, pelo braço do pai, transpôs a porta de bronze, subiu a *Scala Regia* e tomou lugar na Sala do Consistório, onde se erguia um altar para Leão XIII celebrar Missa. Ainda que estivesse apenas na primeira metade do seu pontificado, era já um velho profundamente curvado, mas de admirável e juvenil vivacidade. Com a sua elevada estatura, com as compridas

(1) Recordações inéditas.

mãos diáfanas de aristocrática brancura, com a amplidão magnífica da fronte, o belo nariz aquilino, os olhos penetrantes a iluminarem um perfil de asceta de palidez translúcida e de extraordinário poder de expressão, era, na verdade, grande. Da sua pessoa desprendia-se como um magnetismo. Dir-se-ia a síntese incarnada do génio e da santidade. Celebrou com uma unção e um recolhimento impressionantes, assistiu à missa de acção de graças dita por um prelado, depois dirigiu-se para o seu trono, na Sala dos *Palafrenieri*. Em seguida ao Bispo de Coutances, o Cônego Révérony apresentou ao Santo Padre as homenagens da diocese de Bayeux e ofereceu-lhe como dom jubilar, um roquete de renda de estilo Luis XIV, em que se viam as armas Papais e o brasão de muitas cidades normandas. Aquela obra-prima de finura tinha levado a fazer oito mil dias de trabalho. Em seguida começou o desfile dos peregrinos que se ajoelhavam um a um diante do Pontífice, beijavam-lhe o pé e recebiam a bênção. O Vigário Geral tivera o cuidado de prevenir bem alto "que proibia absolutamente de se falar com o Santo Padre". Ele mesmo também se limitou a indicar a Leão XIII os personagens principais. O Senhor Martin foi apresentado como pai de duas Carmelitas. O Sumo Pontífice "em sinal de particular benevolência", pôs-lhe a mão sobre a cabeça, demoradamente, "parecendo assim, como diz a *História duma Alma*, marcá-lo com um selo misterioso em nome do próprio Cristo".

Ao sair da cerimónia ainda todo comovido com esse gesto, qual não foi a surpresa do Senhor Martin, quando a sua Teresa lhe chegou, desfeita em lágrimas! Desobedecendo a todas as ordens, ousara falar ao Papa que, por um instante, curvando sobre ela o rosto chegara a tocar-lhe na fronte. "Santíssimo Padre, em honra do vosso jubileu, permiti-me que entre no Carmelo aos quinze anos". A intervenção ríspida do Senhor Cônego Révérony, afirmando que os Superiores estavam examinando o caso, ditou, em certo modo, o sentido evasivo da resposta. A criança tentou insistir. O Chefe da Igreja tomou num tom penetrante, acentuando bem cada sílaba: "Está bem... Está bem... há-de entrar se Nosso Senhor assim quiser". E ergueu a mão para a abençoar, os olhos para a fitar demoradamente, enquanto os guardas nobres a levavam, toda lacrimosa. A dor de Teresa era lancinante. Uma carta escrita à sua "mãezinha", no próprio dia contava tudo:

"Ó Paulina, não posso dizer-te o que senti, estava como que aniquilada, sentia-me abandonada e, para mais, estou tão longe, tão longe!... Bem me apeteceia chorar ao escrever esta carta: tenho o coração oprimido. Mas Nosso Senhor deu-me coragem para suportar esta prova.

Bem grande que ela é, Paulina, mas eu sou a pèlazinha do Menino Jesus e se Ele quiser despedaçar o seu brinquedo, tem todo o direito; sim eu quero tudo o que Ele quiser... Não escrevi nada do que desejaria escrever, não posso exprimir estas coisas, precisava de falar; e pensar que só daqui a três dias é que vais ler esta carta! Oh! Paulina, só me resta Nosso Senhor, só, só Ele! Adeus, querida Paulina; não posso dizer mais nada; tenho medo que o Papá venha e peça para ler a minha carta e isso é impossível". (1)

Com efeito, o Senhor Martin compartilhava da aflição da sua Rainha e constituía-se seu activo advogado nos bastidores da peregrinação. Tendo ficado só em Roma durante a excursão que o grupo de viajantes fez a Nápoles e Pompeia, a 21 e 22 de Novembro, aproveitou para visitar um venerável Irmão das Escolas Cristãs, que o acolheu paternalmente dois anos antes, por ocasião da sua primeira visita à Cidade Eterna. O Irmão Simeão, fundador e director do Colégio de S. José, era daqueles franceses eminentes que, pelas suas relações nos meios do Vaticano, trabalhava com desinteresse pelo bem espiritual dos seus compatriotas. O Senhor Martin advogou a causa da filha junto dele. Contou-lhe tudo: a vocação da Maria, os projectos de Teresa, as suas decepções, a famosa audiência e os seus deploráveis resultados. O religioso, enternecido e entusiasmado, tomava notas. "Na Itália, não se vê disto!", exclamava ele.

E já se oferecia para sondar o Senhor Cônego Révérony quando — inesperada cena teatral! — introduziram no locutório o Vigário Geral em pessoa. Mas demos a palavra à Celina que, apenas informada da conversa, logo a transmitiu às suas queridas Carmelitas:

"O Senhor Cônego Révérony foi encantador para o Papá! Parecia arrependido e, para receber o perdão recordou-lhe a bênção particular que recebera do Papa, por ter sido apresentado por ele como pai de duas Carmelitas.

O Papá perguntou-lhe se tinha recebido alguma resposta do Senhor Bispo de Bayeux a respeito de Teresa, e acrescentou: "V.ª Rev.ª prometera-me uma ajudazita!". Que bom Pai!

(1) Teresa temia que o Senhor Martin sofresse ao saber que o caso lhe custava tanto.

O Senhor Cônego Révérony ficou impressionado, julgou eu, e começa a acreditar que a vocação da Teresa é extraordinária. Chegou a dizer: "Pois então hei-de assistir à cerimónia da tomada de hábito, sou eu que me convido". O Papá afirmou-lhe o seu reconhecimento e trocaram toda a espécie de palavras amáveis...

"Penso que o Senhor Cônego Révérony teve pena de nós. A Teresa estava tão linda aos pés do Santo Padre! ajoelhada, com as mãos juntas sobre os joelhos do Papa e os olhos tão suplicantes, era espectáculo digno de ver-se!" (1).

É possível que o Vigário Geral de Bayeux fosse convidado pelo próprio Leão XIII a facilitar a concessão do *placet* episcopal ao pedido da jovem. Os círculos Romanos afirmaram depois que aquele Papa nunca deixava passar uma súplica sem se interessar por ela pessoalmente. Haja o que houver de verdade nesta hipótese, a promessa do terrível Cônego era uma luz nas trevas. Enquanto durou a viagem, Teresa sentira passar sobre ela o seu olhar perscrutador. O exame devia ter sido favorável, pois que daí em diante a atitude do imponente personagem, seria sempre de simpatia para com ela. O mesmo aconteceria com Monsenhor Legoux e com muitas outras notabilidades, cuja benévola curiosidade fora provocada pela sua pretensão que logo se espalhou.

Acontece até que o *Univers* de 24 de Novembro, sob a rubrica: "Carta de Roma de 20 de Novembro", refere eventualmente o facto aos católicos de França: "Entre os peregrinos estava uma rapariga de quinze anos, que pediu ao Santo Padre autorização de entrar imediatamente no convento, para ser religiosa". A imprensa normanda, espalhou e precisou a notícia, dando-lhe uma publicidade que a Rainhazinha, certamente, não previra nem desejaria. Em Lisieux, no meio eclesiástico sobretudo, não se iludiram: tratava-se inegavelmente de Teresa Martin. O confessor da adolescente, a quem ela não comunicara a sua decisão, pensando que Deus e a sua "mãezinha" chegavam para a dirigir, correu ao Carmelo, ávido de explicações. Deram-lhe por certo todas as satisfações, pois que a Irmã Inês escreveu ao seu tio Guérin: "O Senhor Padre Lepelletier, veio cá no sábado. Já sabe tudo. Está admiradíssimo e diz que esta criança é privilegiada e predestinada para grandes coisas".

(1) Cartas inéditas — Arquivos do Mosteiro.

De Lisleux partiam para Roma consoladoras cartas que constituíam as delícias do Senhor Martin.

Sentia-se comovido ao ler estas linhas da Maria:

"Sinto-me toda envolvida em perfume com a bênção do Santo Padre. Ah! não me admiro de que ele te olhasse com particular predilecção. O Representante de Nosso Senhor na terra devia sentir-se inspirado para te compreender, meu venerado Pai! Abençoou os teus cabelos brancos, abençoou a tua velhice!... Afigura-se-me que foi o próprio Jesus que te abençoou, que te fitou! Nada mais resta a ver e a gozar neste mundo. Acho que depois disso não há mais nada senão o Céu. E o que se passou não foi um pouco do Céu? Até breve, meu querido Pai".

Teresa, por seu lado, recebia da madrinha, estas palavras de reconforto que o futuro confirmaria bem depressa:

"Reparaste nas palavras que o Santo Padre te disse? Há-de entrar se Nosso Senhor assim quiser". São muito profundas, minha Teresinha. Ah! se tu soubesses quantos mistérios contém! Entrarás se Nosso Senhor quiser. É como se Ele te dissesse: "Minha filha, se Eu quiser, hás-de entrar; se Eu quiser, apesar de todas as contradições, apesar de todos os 'nãos', hás-de entrar; se Eu quiser, estarão mudados amanhã todos os corações, porque os tenho todos nas minhas mãos!... Não, minha Teresa, não há nada a temer, só há que bendizer Jesus. A pelazinha que descanse docemente nas mãos do Menino Jesus. Se ela soubesse como Ele lhe quer, como a desça só para Si, e como há-de tê-la bem depressa se quiser! Sim, minha Teresa, o Santo Padre inclinou-se para te escutar e Jesus também. Como se inclina com amor para o seu brinquedozinho! Bem sabes que eu, até agora, não dei grande atenção aos teus desejos. Perguntava para comigo mesma se não estávamos a antecipar a hora de Deus. Mas agora sei que não! Deus já bastantes provas e tenho a certeza de que a Sua vontade se fará".

Os nossos peregrinos vinham já de volta. Tinham saído de Roma a 23 de Novembro; visitaram no dia seguinte, em Assis, "os lugares embalsamados pelas virtudes de S. Francisco e de S.^{ta} Clara"; saudaram, na passagem, Florença e a uma de

S.^{ta} Maria Madalena de Pazzi, Pisa e a sua Torre inclinada, cuja ascensão as duas irmãs quiseram realizar. Depois de terem contemplado, do caminho de ferro os feéricos esplendores da Riviera, os viajantes transpuseram a fronteira, seguiram ao longo da Côte d'Azur com as suas falésias avermelhadas, as ruas de palmeiras e as massas escuras dos pinhais recortando-se no fundo azul do mar.

É no decurso desta última parte da viagem que vamos encontrar Teresa junto do Senhor Cônego Révérony. Em Assis, onde ela se perdera no dedalo dos claustros do Sacro Convento, acolhera-a ele na sua carruagem "como um esquilo apanhado numa ratoeira" e conversara com ela, muito amavelmente, a respeito da sua bela vocação. À partida de Nice o Senhor Martin, sempre desejoso de acalmar o desgosto da filha, murmurou discretamente ao ouvido do Vigário Geral: "Se dissesse alguma coisa à Teresa! Quer crer que continua a pensar no seu Menino Jesus do Natal?"... Um sorriso de entendimento foi a única resposta. Como ficasse ao lado da postulante, no omnibus, o Cônego, tão receado ainda ontem, inclinou-se para ela com bondade e interrogou: "Então, onde é que nós iremos quando estivermos em Lisleux?" — "Vou ao Carmelo ver as minhas irmãs", respondeu a jovem, corando. — "E faremos tudo o que pudermos, não é verdade?... Sim, prometo-lhe fazer tudo o que eu puder". Não era preciso mais para despertar todas as esperanças. "Oh! muito obrigada!" exclamou Teresa com toda a espontaneidade.

Fizeram uma visita a Nossa Senhora de la Garde, cantaram o *Magnificat* de acção de graças no cimo da colina de Fourvière e separaram-se da peregrinação logo que chegaram a Paris, na noite de 1 para 2 de Dezembro. A viagem acabava, afinal, numa quase incerteza do futuro. Para consolar a sua Benjamina, o Senhor Martin propôs-lhe um périplo muito mais vasto, o que ele sempre ambicionara realizar, pela Terra Santa, aqueles divinos lugares onde tudo fala do Evangelho. A adolescente estava saciada das belezas da terra. Não queria outro horizonte que não fossem as paredes frias do Carmelo. Apenas chegou, ali se dirigiu a partilhar as mágoas com a sua "mãezinha". Esta recordou-lhe a propósito a promessa de Monsenhor Hugonin de decidir sem demora a respeito do pedido dela e convidou-a a tomar a escrever-lhe imediatamente.

Por seu lado o Senhor Martin contou confidencialmente à Paulina que as duas filhas não ficaram deslocadas naquele meio aristocrático: "Afinno-te, declarou ele, que figuravam entre as mais apreciadas". A Teresa escrevia por sua vez: "Parece-me que todos gostavam de nós, e o Papá mostrava-se orgulhoso das suas filhas; mas se ele se orgulhava de nós, também nós nos

orgulhávamos dele, porque aos nossos olhos não havia em toda a peregrinação um cavalheiro mais belo e mais distinto do que o meu querido Rei".

As semanas seguintes pareceram intermináveis à generosa criança. O pai, que dominava o próprio coração para partilhar os desejos da sua Rainha, levava-a todos os dias ao correio, esperar, ansiosamente, a resposta tão ambicionada.

Só chegou no dia 1 de Janeiro de 1888, por intermédio da Madre Maria de Gonzaga. O Prelado deixava pura e simplesmente o caso à decisão da Priora. Esta, para poupar as susceptibilidades do P. Delatroëtte e também para evitar a postulante, os rigores duma imediata quaresma conventual, decidiu adiar a entrada para o dia imediato ao da Páscoa, quer dizer, para a altura do quinquagésimo aniversário da fundação do mosteiro.

Este novo adiamento, pareceu particularmente cruel à jovem que sentiu, por instantes, a subtil tentação de o aproveitar para abrandar o seu fervor e gozar as legítimas alegrias daquele mundo que ia deixar. As luzes do Espírito Santo depressa lhe denunciaram aquela armadilha do demónio. O Senhor Martin, por seu lado, suportou corajosamente aqueles três meses de espera, em que, dia a dia, se acentuava a aproximação da data implacável. Nunca apreciara tanto a companhia da sua Teresa. Não sabia que mais lhe havia de fazer. De que se lembraria ele nos fins de Fevereiro? De lhe trazer um cordeirinho recém-nascido, muito branco e encaçolado, que fez as delícias das duas irmãs. Mas infelizmente o encanto pouco durou. O pobrezito morreu nessa mesma tarde.

A data fatídica fixou-se, enfim, para a segunda-feira de Quasimodo, 9 de Abril, dia em que se celebraria a festa da Anunciação, transferida. A última refeição realizou-se na véspera à noite, na sala de jantar dos Buissonnets. Em volta da mesa de carvalho alumada pelos lustres de cristal, tomaram lugar o Senhor Martin, as três filhas e a família Guérin. A Leónia estava também, porque uma crise de saúde interrompera recentemente a sua experiência na Visitação de Caen. Magoada com esta segunda decepção, tinha julgado do seu dever pôr em guarda a irmã contra as possíveis consequências duma decisão repentina. Teresa agradecera docemente; a sua resolução não fora tomada no ar. Não tinha ilusões: era um desejo de holocausto que a impelia. Fortificada com o auxílio divino, não recuaria.

Nem por isso deixava de sentir em plena carne o gume acerado dessas horas em que de tudo se despedia. "Como são

(1) Recordações inéditas.

dilacerantes estas separações! — havia ela de escrever. Quando a gente queria ver-se esquecida, ouviam-se de todos os lábios as mais ternas palavras, como que a fazer sentir mais o sacrifício da separação". E noutra parte: "O Papá não dizia quase nada, mas o seu olhar fitava-se em mim com ternura... A minha Tia chorava e o meu Tio dizia-me mil coisas affectuosas". Todos os olhos se enchiam de lágrimas. Só ela se conservava calma e perfeitamente senhora de si. "Partir é morrer um pouco". Que emoção naquela revista derradeira das coisas mais familiares!

*Objectos sem alma, que alma podes ter?
Que a minha alma à vossa enleada creio ver!...*

Teresa percorreu pela derradeira vez as ruas do jardim, contemplou as flores predilectas, fez uma última carícia ao Tom e, depois de ter dado um olhar ao "ninho gracioso da sua infância", desceu o pedregoso "caminho do paraíso". Aquela que era a alma dos Buissonnets ia partir para sempre.

Acompanhavam-na todos os seus. Penetraram com ela, silenciosamente, na austera capela.

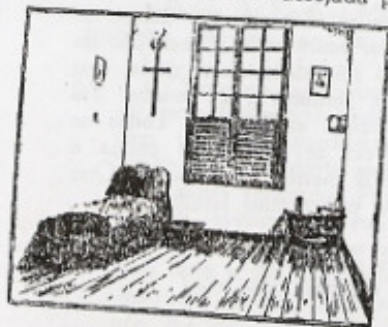
"No momento da comunhão, contou ela na sua autobiografia, apenas se ouviam soluços. Por mim não deitei nem uma lágrima; porém, ao encaminhar-me adiante de todos, para a porta da clausura, o coração batia-me com tal violência que julguei que morria. Que instante! que agonia aquela! Só quem passou por ela é que a pode avaliar. Abracei todos os meus e pus-me de joelhos diante de meu pai para receber a sua bênção. Ele ajoelhou também e abençoou-me a chorar.

Os anjos deviam regozijar-se com aquele espectáculo dum ancião que entregava ao Senhor a sua filha em plena primavera da vida. As portas do Carmelo fecharam-se finalmente atrás de mim". (1)

O que Teresa não se lembrou de dizer foi que o Padre Delatroëtte, que presenciara a cena, achou que devia lançar no cálix a sua gota de fel. Em tom bastante alto para que a jovem e o pai, o pudessem ouvir, disse com secura: "Pois muito bem, minhas Reverendas Madres, podem cantar um *Te-Deum*! Como

(1) *História duma Alma*, Cap. VII.

delegado do Senhor Bispo, apresento-lhes uma criança de quinze anos, cuja admissão foi desejada pelas Madres. Faço votos porque as suas esperanças não sejam desmentidas, mas lembro-lhes que, se tal acontecer, não terão de que se queixar".



Cela de carmelita

O Superior do Carmelo carecia evidentemente do dom de profecia. Mais tarde modificaram-se-lhe os sentimentos.

Quando regressou aos Buissonnets o Senhor Martin encontrou, dentro do Missal uma estampa muito querida, que a Maria lhe deixara como recordação.

Denomina-se "Vocação" e representa a Virgem eleita do Senhor no momento em que sai da casa paterna e se dispõe a transpor a ladeira que leva ao Calvário, por entre dois renques de cruzes, sempre com os olhos fitos em Cristo. Na parte inferior da gravura lê-se o seguinte comentário:

*A tão caro penhor tudo seja imolado!...
E no dia final desta minha viagem
Possa a morte, ao ferir-me, achar em mim a imagem
Dum Deus Crucificado!*

No verso estão impressos largos extractos das páginas imortais inseridas por Montalembert no livro quinto dos "Monges do Ocidente", no dia em que voltou, abalado, mas orgulhoso, por ter imolado ao Pai dos Céus, a sua filha Catarina. O trecho é conhecido e o seu pungente fecho:

"Mas quem será esse amante invisível, morto num madeiro há dezanove séculos e que assim atrai a si a juventude, a beleza e o amor? que se mostra às almas com um brilho e um atractivo a que elas não podem resistir? que, de súbito, cai sobre elas e as arrebatava como uma presa? que se apodera da carne da nossa carne a palpitar, e se sacia com o nosso mais puro sangue? Será um homem? Não; é um Deus. Eis o grande segredo, a chave deste sublime e doloroso mistério".

Nunca a fé cristã inspirou nada mais emocionante.

Logo no dia imediato ao da sua oblação, o Senhor Martin, recolhendo-se no Mirante ainda cheio do sorriso e das confidências de Teresa, escrevia a um amigo: "A minha Rainhazinha entrou ontem para o Carmelo. Só Deus pode exigir um sacrificio assim, mas ampara-me a tal ponto que, no meio das minhas lágrimas, o meu coração transborda de alegria". Nem por isso o abalo era menor. Alguém se admirava com o seu estoicismo aparente e lhe dizia: "Não fies a dever nada a Abraão: se Nosso Senhor lhe tivera pedido que sacrificasse a sua Rainha, faria o mesmo que ele fez". Ao que respondeu com vivacidade: "Decerto, mas confesso que teria erguido a espada, devagar, à espera que aparescesse o anjo e o camelo".

Um bilhete da Celina, escrito para o mosteiro, na noite de 6 de Abril, comunicou esta grandeza de alma do nobre cristão. As três irmãs, agora reunidas, podiam tranquilizar-se. Ele suportava heróicamente o choque. A Maria exprimiu-lhe imediatamente a sua admiração e reconhecimento:

"Meu incomparável pai,

"O que a Celina nos manda dizer é bem digno de ti! Ah! que pai nós temos! Por isso não me admiro de que Nosso Senhor lhe tome todas as filhas a este pai admirável. Ama-te a ponto de olhar para ti e para os teus com um olhar de predilecção. Como a nossa ditosa mãe deve sorrir-te lá do Céu, como deve alegrar-se por ver a sua querida barca tão bem dirigida por ti, para o porto celeste! A emoção não me deixa escrever mais. Até a nossa Madre chorou ao ler o que a Celina escreveu".

* * *

As conversas no locutório do Carmelo passaram a representar, mais ainda que até aí, o repouso e o banquete espiritual do Senhor Martin. Encontrava ali a sua Teresa, com a touquinha tradicional e com a romeira preta de postulante por cima do seu vestido azul. Uma espécie de majestade reveste a sua graça infantil. Parecia radiante. Das provas de toda a espécie que já constituíam a sua sorte, nada transparecia. Apenas se notava que não pretendia iludir a regra nem fazer as coisas a meias. As pessoas do mundo julgavam-na talvez "o miminho da comunidade". Mas o Esposo

Divino sujeitara-a sem contemplanções, ao regime austero que forma os santos.

Na quarta-feira de Pentecostes, 22 de Maio, foi escolhida para coroar de rosas a Maria, sua madrinha, que acabava de professar. Dois dias depois, o Senhor Martin assistia à tomada de véu da sua primogénita e pôde ouvir pela última vez a palavra forte do P. Pichon que exaltava, por forma admirável, o estado religioso.

O mês do Sagrado Coração reservava-lhe um novo abalo. A Leônia, que não se sentia desanimada com as duas tentativas frustradas, estava decidida a entrar, mais tarde ou mais cedo, na



*Vista geral do Mosteiro haviendo do jardim.
A janela próxima do Anjo é a da enfermaria onde devia expirar
Santa Teresa do Menino Jesus.*

Visitação, objecto dos seus pensamentos. Mas a Celina? Que seria dela quando o velho pai não existisse? Acabava de rejeitar sem discussão, um projecto de casamento brilhante. A sua piedade parecia incliná-la também para o convento. Só as irmãs é que conheciam os projectos dela a esse respeito. Não dissera palavra sobre o assunto ao Senhor Martin, pois que estava decidida a rodeá-lo de cuidados até à morte. Porém, um incidente fortuído levou-a a contar-lhe tudo.

A 16 de Junho de 1888 — tinha então dezanove anos — tendo acabado um quadro que hoje se encontra no quarto paterno, nos Buissonnets, e que representa Maria Madalena aos pés de N.º S.º das Dores subiu ao Mirante. Ali se encontrava o pai, sentado à mesa de trabalho. Apreciou o quadro, cujo tema patético o impressionou profundamente.

Considerando o trabalho, propôs à filha levá-la para a Capital, a fim de aperfeiçoar o seu talento na escola de algum grande mestre. Foi então que a Celina revelou o seu segredo. Confessou que não desejava expor a sua virtude nos meios muito confusos que frequentam os ateliers de arte, visto que tencionava, a seu tempo, reunir-se às irmãs no Carmelo. A esta revelação que punha o selo final nas suas oferendas, e realizava à letra o último desejo da mãe, o Senhor Martin, estremeceu de santo orgulho. "Vem, disse ele imediatamente, vamos ambos, junto do Santíssimo Sacramento, agradecer ao Senhor as graças que concede à nossa família, e a honra que me faz, escolhendo em minha casa as suas esposas. Sim, Nosso Senhor honra-me extraordinariamente pedindo-me as filhas todas. Se eu possuísse coisa melhor apressar-me-ia a oferecer-lha".

Era tão vivo o júbilo que sentia, que quis fazer partilhar imediatamente dele o seu querido mosteiro da rua de Livarot. "Tenho o maior empenho em vos afirmar que sinto urgente necessidade de darmos graças, eu e vós, a Nosso Senhor, pois reconheço que a nossa família, apesar de muito humilde, tem a honra de ser incluída no número das privilegiadas do nosso adorável Criador".

Havia quem o lastimasse pelos lugares que ficavam vagos à sua volta e quem acoimasse de desumanos, sacrifícios tão frequentes. Ele sabia por experiência que a sua velhice não recebia daí tristeza. Nunca sentira tão contente, tão palpitante a temura das filhas como ao ler essas humildes mensagens vindas do Carmelo, escritas em bocadinhos de papel metidos em pobres sobrescritos voltados do avesso.

Teresa escrevia-lhe:

"Que bondade a tua, para a tua Rainhazinha! Não se passa um dia, sem ela receber algum presente do seu Rei! Agradeço-te de todo o coração, meu paizinho. Se pudesses avaliar o amor da tua Órfãzinha da Bérézina! Mas não é possível: só no Céu é que hás-de saber!..." (1)

Quando penso que daqui a oito dias faz quatro meses que estou no Carmelo, nem quero acreditar. Parece-me que estive cá sempre e por outra parte parece-me que foi ontem a minha entrada. Como tudo passa!...

(1) Carta ao Senhor Martin de 29 de Abril de 1888.

"...Quando penso em ti, meu querido paizinho, penso naturalmente em Nosso Senhor, pois me parece impossível haver na terra alguém mais santo que tu. Sim, tu és certamente santo como o próprio S. Luís e eu tenho necessidade de te repetir que te amo, como se tu o não soubesses ainda. Oh! quanto me sinto orgulhosa por ser tua Rainha... Espero merecer bem este título.

Jesus, o Rei do Céu, ao tomar-me para Si, não me roubou ao meu santo Rei da terra, oh! não! Se o meu querido paizinho quizer e não me julgar muito indigna, conservar-me-ei para sempre "a Rainha do Papá!" Sim, ficarei sempre a tua "Rainhazinha" e procurarei dar-te glória fazendo-me uma grande santa". (1)

As cartas da Maria e da Paulina revelam a mesma sensibilidade vibrante, realçada, transfigurada e como que sublimada pela mesma chama sobrenatural. O amor filial, neste caso, era, verdadeiramente "piedade" ou, para melhor dizer, culminava na Caridade. Depois de ter escrito a respeito de Teresa que "a Rainha é verdadeiramente digna deste título", que "é uma perfeição digna do seu Rei" a mais velha dirige-se a este: "Não creio que haja muitos pais tão amados e venerados como tu. Por mim sinto que o meu coração se entenece cada vez mais por ti. Se eu pudesse dava-te a minha felicidade toda!"

A 31 de Dezembro de 1888 dizia-lhe mais:

"O teu diamante desejava coroar-te já neste mundo. E afinal não estará a tua coroa já começada? Não há já no Carmelo três florões na mão do Divino Operário? Oh! como Ele é hábil! que maravilhoso trabalho realizará nas nossas almas se nós não pusermos obstáculos. E não haverá que contar também com as duas pérolas que cintilam nos Buissonnets? E a nossa querida mãe que está no Céu e os quatro anjinhos que para lá subiram! Que bela coroa para o velho Patriarca de cabelos brancos! É caso para ele se sentir rejuvenescer".

Tantas solitudes divinas fazem-na estremecer, por vezes, em obscuros pressentimentos: "Ó meu querido pai, quando penso no

(1) Carta ao Senhor Martin, de 31 de Julho de 1888.

tesouro que tens ajuntado, quase que sinto medo. Ah! que Nosso Senhor não se lembre de to fazer gozar imediatamente!

As vezes tem a gente a impressão de que ele não pode conter o desejo de coroar os seus santos. Mas esperai, meu Deus, tendes para isso a eternidade".

Deus ta esperar. Ele só coroa os seus santos depois de os ter dessedentado no seu cálix.

Por então o Senhor Martin estava gozando o repouso no cimo do Tabor. Descanso breve.

Antes de atingir a glória, teria de subir ainda, e bem cedo, o mais doloroso dos calvários.

CAPÍTULO XIV

O SACRIFÍCIO DO PAI

A VISÃO PROFÉTICA — A OBLAÇÃO DO CHEFE
A GRANDE PROVAÇÃO — A TOMADA DE HÁBITO DE TERESA
O SENHOR MARTIN NO «BOM SALVADOR» — O QUERIDO
SOFRIMENTO — A «DESCOBERTA» DA SAGRADA FACE
PROFISSÃO E TOMADA DE VÉU DE TERESA — O REGRESSO
DO SR. MARTIN A LISIEUX — A SUA MORTE EM MUSSE
TESTEMUNHOS A RESPEITO DO EXTINTO

Até este momento, na vida do Senhor Martin tudo fora luminoso, mesmo o sofrimento. Ia entrar agora na fase da obscuridade. Ia conhecer as trevas interiores em que a fé se purifica. Ia experimentar o declínio progressivo das faculdades intelectuais, a incerteza crescente do livre arbitrio, o que constitui a mais deprimente das torturas. Havia de conservar ainda por muito tempo lucidez suficiente para santificar a amargura daquele aniquilamento da personalidade, ao passo que as filhas encontrariam nela a prova capital destinada a fazê-las avançar "no caminho real da santa Cruz".

Este doloroso capítulo tem um prólogo shakespeariano. Digamos antes — pois que a alusão ao drama profano é aqui pouco oportuna — que se iniciou, oito anos antes do acontecimento, por um prelúdio profético de forte colorido e impressionante como as mais trágicas visões de Isaías ou de Ezequiel.

Teresa contava sete anos. Era ao princípio da tarde e fazia um sol esplêndido. O Senhor Martin fora a Alençon em viagem de negócios. Como se via privada do passeio habitual, consolava-se contemplando, da janela do quarto das águas-furtadas situado detrás do Belvedere, o despertar da natureza normanda.

"Eu estava sôzinha a uma janela que dá para o jardim, escreveu ela, com o espírito ocupado em pensamentos risonhos, quando avistei, em frente da lavandaria, um homem vestido exactamente como o Papá, com a mesma estatura elevada e o mesmo andar, mas muito curvado e envelhecido. Quando digo envelhecido refiro-me ao aspecto geral da sua pessoa; pois como levava a cabeça com um véu espesso, não se lhe via o rosto.

Caminhava lentamente, num passo regular, percorrendo o meu jardimzinho. Senti-me imediatamente dominada por um sentimento de terror sobrenatural e chamei muito alto, em voz trémula: "Papá! Papá!"... Mas a misteriosa personagem não deu mostras de ouvir, continuou o seu caminho, sem se voltar sequer e dirigiu-se para um pequeno maciço de pinheiros que ficavam no caminho principal



Fachada posterior dos "Buissonnets". Foi da janela direita das águas-furtadas que Teresa, ainda criança, teve visão profética do pai doente.

do jardim. Fiquei à espera de o ver aparecer do outro lado das árvores; mas a visão profética havia-se desvanecido!" (1)

Aos gritos de terror da criança, a Maria e a Celina acorreram logo. Pensavam que houvesse sido partida da criada Vitória, mas ela negou. Deram uma batida nos maciços de árvores e arbustos: nem vestígios de presença insólita. Finalmente julgaram mais sensato encerrar o incidente convidando a criança a não tornar a pensar no caso.

(1) *História duma Alma*, Cap. II.

"Ah! isso não estava nas minhas forças, declara Teresa. Quantas vezes a imaginação me representava aquela visão misteriosa! Quantas vezes procurei descortinar o véu que me ocultava o seu significado, conservando no fundo do coração a convicção íntima de que um dia me havia de ser revelado completamente. E a minha querida Mãe, agora conhece tudo. Era sem dúvida o nosso pai que Nosso Senhor me mostrava, caminhando curvado pela idade e levando impresso no seu rosto venerável e na cabeça encanecida o sinal da grande provação".

* * *

O Senhor Martin entregava-se agora cada vez mais aos pensamentos do além. Possuía uma linda fortuna que hábilmente administrava, mas de modo desprendido e desinteressado, sem nenhuma das preocupações naturais ao espírito normando. Com uma pontinha de gracejo, Teresa do Menino Jesus, recordava-lhe por carta as afirmações em que ele encarava sem medo a perspectiva duma possível ruína.

"Em tais disposições, acentuava ela, nenhuma adversidade pode meter medo". (1) Era com delícia que ela recordava esta passagem descoberta outrora no livro da Sabedoria e que se tomara o tema das suas frequentes meditações: "O que torna venerável a velhice não é a duração da vida nem o número dos anos. A prudência do homem faz as vezes de cabelos brancos e a vida sem mancha é uma velhice feliz. Visto que o justo agradeceu a Deus, também dele é amado, e por isso transferiu-o Deus..." Os que se aproximavam dele, sentiam uma indefinível impressão de grandeza. Emanava da sua pessoa uma paz sobrenatural, uma augusta serenidade que enternecia e impunha respeito. "É um verdadeiro Patriarca", diziam ao vê-lo passar. Até fisicamente dava essa impressão. As Religiosas da Abadia notavam nele também "um ar de S. José" e as fotografias que se conservam, justificam amplamente essa apreciação. "Effectivamente era o homem justo por excelência, acrescenta a Celina, que foi quem nos revelou este pomenor, e quando quero imaginar a figura de S. José lembro-me imediatamente de meu pai".

(1) Em 1894, o activo total da herança ascendia a duzentos e oitenta mil francos, livres de quaisquer encargos. Tendo em conta os dotes constituídos às filhas e importantes baixas de valores, foi um capital de trezentos e sessenta mil francos que o Senhor Martin adquiriu, com o auxílio da esposa. A bênção de Deus acompanhou-o até nos negócios.

Durante a peregrinação a Roma, Teresa verificou a nobreza da ascensão moral do seu "Rei". "O que me impressionava, escreveu ela, eram os seus admiráveis progressos no caminho da santidade: tinha conseguido dominar a sua vivacidade natural e as coisas da terra parecia que mal roçavam por ele". E, como prova, cita a sua condescendência para com vizinhos impertinentes ou conflituosos. "Segundo o testemunho da mamã e de todos os que o conheceram, não pronunciou nunca uma palavra que ofendesse a caridade". (1) A Irmã Genoveva exprime-se de modo igualmente categórico: "Era tão admirável a caridade que exercia para aliviar os males do próximo como a caridade nas palavras: desculpava sempre os defeitos dos outros". Um dia em que fora obrigado a fazer legítimas observações a uma locatária recalcitrante que apesar da sua situação desafogada se recusava a pagar a renda, esta perseguiu-o até à rua com um vocabulário de peixeira e gestos de possessa. A Celina fremia de indignação. Ele mantinha perfeita serenidade. Cavalo desenfreado, não se domina. Com toda a calma, voltou-lhe as costas e afastou-se sem dizer palavra.

O Senhor Martin lera a vida de S. Francisco de Assis. À maneira dele, aspirava a tratar o corpo como inimigo ou, segundo as palavras do Poverello, a pôr o "Irmão Burro" nos eixos. O asceta que nele existia, nunca desarmou. Até aos sessenta e sete anos manteve-se rigorosamente fiel a todos os jejuns eclesiásticos. Saboreava em segredo a *História dos Padres do Deserto* e a ela recorria constantemente para buscar novos planos de combate contra si próprio. A Maria, que lhe oferecera aquela obra, acabou por lhe tirar, para impedir as consequências do que ela considerava "uma imprudência".

Não vão imaginá-lo contudo, um beato encarquilhado, metido em devoçõeszinhas adocicadas. O Senhor Martin continuava a ser a alma das reuniões de família. Apreciava, como artista, as emoções estéticas. Quando chegava a sua afilhada Maria Guérin a quem por causa dos grandes olhos negros tão expressivos chamava "a Grega", e que o pai tratava por "meu Rouxinolzinho", tinha sempre de lhe cantar alguma canção, com a sua voz melodiosa e pura. Continuava sensível às belezas da criação, mostrando-se, porém, mais pronto que nunca a servir-se delas para prestar homenagem a Deus. Com a idade, a sua devoção parecia que se tomava mais tema. Na quadra do Natal a Irmã Inês de Jesus ouviu-o exclamar no locutório: "Menino! Ah! como não nos sentiremos atraídos para Nosso Senhor assim humilhado! Uma

(1) *História duma Alma*, Cap. VII.

criancinha é sempre tão amável!" Copiou atentamente uma oração de S. Francisco Xavier às Cinco Chagas de Nosso Senhor e uma oração à Sagrada Face, composta pela Irmã Maria de S. Pedro, morta em odor de santidade no Carmelo de Tours, a 8 de Junho de 1848 e cuja influência havia de repercutir-se tão fortemente no mosteiro da rua de Livarot, em Lisieux. Se acrescentarmos que o Senhor Martin, no ocaso da vida, se sentiu invencivelmente atraído para a Sagrada Hóstia, a ponto de comungar quotidianamente, só nos resta admirar a disposição da Providência que prefigura na alma do pai os três aspectos essenciais da espiritualidade teresiana. Desde a juventude, o Senhor Martin à medida que ia lendo gostava de coligir algumas citações tiradas dos autores místicos.

Temos assim formada por sua mão uma antologia onde vemos Santo Anselmo ao lado de Santo Agostinho, S. Francisco de Assis e S. Boaventura ao lado de Santo Inácio e de Santa Joana de Chantal. Uma folha manuscrita encontrada nas suas notas íntimas parece contemporânea do período final em que fizera ao Senhor todas as suas orações. Reproduzimo-la por extenso. Nela se pode verificar bem claramente a orientação da sua piedade antes do choque supremo da cruz:

"Os homens atormentam-se e esforçam-se tanto por conservar a vida, mesmo à beira da morte, como se tivessem ainda muitos séculos diante de si; e assim procedem com todas as coisas do mundo: não há nada que não façam para as tomarem imortais.

Entretanto, perante Deus nada vale essa diligência, pois conhece desde toda a eternidade o instante que determinou para que elas pereçam.

Isso não exclui toda a espécie de cuidados nossos, mas sim as inquietações, as perturbações extraordinárias e demasiadas.

O Padre de Rancé dizia bem: é em vão que o mar ruga e espuma raivoso, que as ondas se encapelmam bramindo, que o barco baloiça; se o sopro da Providência lhe encher de vento as velas não haverá perigo de naufrágio e nada o impedirá de chegar ao porto".

.....

"Ó Santa Igreja Romana, mãe das igrejas e de todos os fiéis. Igreja escolhida por Deus para unir os seus filhos na mesma fé e na mesma caridade! Acreditamos sempre, entranhavelmente na tua unidade e procurá-la-emos".

(Bossuet, *Sermão sobre a unidade da Igreja*).

.....
 "Ó meu bem amado Salvador! quando o prometi pela primeira vez, ignorava a felicidade que representa pertencer-Vos; mas hoje sei tudo o que Vós sois para mim. E por isso, com conhecimento de causa, é que eu quero declarar-Vos que prefiro a honra e a alegria do Vosso serviço a todas as satisfações do mundo".

"Amai, pois, a Deus, não vos dediqueis senão a Ele e morrei de dor no caso de não viverdes de amor".
 (Madre Barat).

Com os anos cada vez se desenvolvera mais a tendência do Senhor Martin para a contemplação. Apegava-se mais que nunca à sua cela do Belvedere, onde durante horas seguidas o viam extasiar-se ante os esplendores estivais ou a ternura íntima da paisagem de outono. Nos últimos meses passados nos Buissonnets, Teresa notou esse gosto crescente do pai pelo recolhimento e pela oração: "Dominava facilmente as contrariedades da vida. Nosso Senhor enchia-o de consolação. Durante as visitas quotidianas ao Santíssimo Sacramento os olhos arrasavam-se-lhe de lágrimas e o rosto respirava uma beatitude celeste". (1)

Por vezes o *Magnificat* terminava no *Nunc Dimittis*. Da sua passagem pelas terras de Armor conservava o Senhor Martin um fundo de melancolia contida habitualmente, mas que por instantes se denunciava em breves reflexões. "Meu pobre Reizinho, dizia ele então, quem toma o gosto à vida, toma o gosto à morte". Quantas vezes não recitava ele os líricos lamentos: "Para o exilado não há senão o pranto e tristes pensamentos... Oh! a Pátria! a Pátria!" Com que sentida entoação declamava o belo poema de Lamartine, chamado "Reflexão!":

Homem que vives, imortalromeiro,
 Choras o tempo?! Não te vale a pena!
 O tempo é barco que, veloz, ligeiro,
 Te há-de levar para a amplidão serena.
 Calca aos teus pés o mundo feiticeiro!
 Calca o saber, o amor, a própria vida.
 Vive já do momento derradeiro,
 Como quem anda sempre de partida.
 E desse sacrifício o tenro grão,
 Na eternidade, germe de ventura,
 Há-de ser messe em plena floração!

(1) Recordações inéditas.



Encantava-o sobretudo um texto que não se cansava de repetir, aquelas palavras de Deus a Abraão: "Eu serei a tua recompensa e com superabundância".

Partiria ele então para a casa do Pai, embriagado com o perfume dos seus holocaustos, embalado pela ternura de suas filhas aureolado com as virtudes delas?

Na plenitude dos vinte anos fixara esta passagem de uma bela oração de Fénelon: "Senhor, quando considero o Vosso jugo, parece-me suave demais: será esta a cruz que tenho de levar, seguindo-Vos durante a minha vida inteira? Não tereis na Vossa Paixão outro cálix mais amargo, que eu beba até às fezes?"

Esta perspectiva duma grande provação nunca o abandonou. Mais tarde tomava este apontamento: "Deus traçou apenas um caminho para conduzir todos os homens à felicidade que lhes destina: é o das contradições e das cruzes. Tanto há-de servir para os príncipes como para os pastores e a fé diz-nos que ninguém está isento dele". Soube, evidentemente, o que era o sofrimento, mas tão inundado de caridade! Jamais a garra do príncipe das trevas conseguiu atingi-lo. A humilhação poupou-o sempre. Perante tal destino assalta-o um escrúpulo. Depois de ter assistido ao sacrifício da sua esposa, à imolação das filhas, não havia de partilhar a sua sede de aperfeiçoamento, participar do seu ardor apostólico, tomar sobre si como elas o peso da redenção?

Este problema de consciência resolveu-se em Maio de 1888, com a cena descrita por Teresa no sétimo capítulo da *História duma Alma*:

"Ó minha Mãe, recorda-se daquele dia em que ele nos disse no locutório: "Minhas filhas, venho de Alençon e recebi lá tamanhas graças, tantas consolações, na Igreja de Nossa Senhora, que fiz este pedido: Ó meu Deus, já é demais! sim, eu sou feliz



Interior da igreja de Nossa Senhora em Alençon. Na parte dianteira da nave, à esquerda, os lugares ocupados outrora pela família Martin.

demais; assim não é possível ir para o Céu! quero sofrer alguma coisa por Vós! E ofereci-me..." A palavra vítima acabou por expirar nos seus lábios; não se atreveu a pronunciar-lá diante de nós, mas tínhamos compreendido!"

Fora durante muito tempo, alma de louvor, ei-lo no momento presente feito também hóstia de louvor. A consagração foi feita no próprio santuário onde se baptizara a sua Rainhazinha. Foi também durante uma viagem a Alençon que a filha tivera a "visão profética" do seu Rei, trágicamente velado. "Estaria próxima a explicação do mistério?" — punha-se a Maria a pensar de si para si. "A miúdo ao pensar no Papá, escreveu ela, perguntara a mim própria: Como acabará a sua vida tão bela? Tinha um pressentimento secreto de que havia de findar no sofrimento mas estava muito longe de supor que sofrimento seria". Vejamos como Teresa interpretou a frase com que o Senhor Martin aprovou entusiasticamente a vocação da Celina: "Se eu possuísse alguma coisa melhor apressar-me-ia a oferecê-la". Essa coisa melhor era ele próprio. E o Senhor recebeu-o como uma hóstia de holocausto, provou-o no fogo, como o outro e achou-o digno de Si".

Até aos sessenta e quatro anos, a saúde do Senhor Martin mostrara-se resistente. A fadiga que o forcara na mocidade a renunciar à vocação religiosa por certa crise de cansaço intelectual, passara sem deixar vestígios, logo que interrompeu os estudos. Desde então não tomou a consultar um médico senão por ocasião de um incidente de pesca, sucedido nos últimos tempos da sua permanência em Alençon. Como fosse picado por uma mosca carbunculosa e não fizesse caso, a picadela infectou-se, formando-se-lhe por detrás da orelha esquerda uma chaga dolorosa. Dez anos depois, devido a um tratamento tão bárbaro como inepto, cresceu, a ponto de atingir o tamanho da palma da mão e demorou muito a sarar. A não ser neste caso, o Senhor Martin nunca precisou de remédios nem de médicos. Conservava boa vista, andar decidido, vivacidade de espírito e manifestava uma notável resistência a todo o género de fadiga. Podia-se augurar que chegaria à idade do Pai, o Capitão, prostrado por um ataque aos oitenta e oito anos, ou da Mãe que morrera a oito de Abril de 1883 em Valf Lambert, com tantos anos como os do século em que se estava.

Vimos como o abalo do primeiro de Maio de 1887, logo seguido de dois espasmos mais anódinos, veio desmentir essa esperança. Tratava-se do que se chama vulgarmente uma congestão cerebral pelo facto de ser um acidente atribuído à artério-esclerose que tomando os tecidos vasculares friáveis desorganiza a irrigação sanguínea do cérebro. Estas perturbações são essencialmente móveis e variáveis nos seus efeitos, conforme a localização do mal, sua extensão e duração. O Senhor Martin havia de experimentar

toda a escala do sofrimento desta doença. Atingido momentaneamente pela hemiplegia, achou-se em seguida com os movimentos dos membros livres para tomar a sentir-se imóvel e sem forças quando as lesões se tornaram definitivas. As suas faculdades intelectuais, poupadas a princípio, foram acusando um declínio progressivo à medida que mais vastas porções do cérebro iam sendo atingidas. (1)

O período de alívio que se seguiu ao primeiro abalo, permitiu a peregrinação a Roma. Todavia, logo no princípio do ano de 1888 se manifestaram os pródromos de nova fase mórbida: fadiga mais acentuada, falhas de memória. Apesar de todas as precauções da piedade filial, o Pai de Teresa teve a revelação brutal do seu estado, certo dia em que por negligência deixou morrer o seu periquito predilecto. Este facto banal affligiu-o e inquietou-o como primeiro sintoma da diminuição das suas forças mentais. Nos últimos tempos de vida, Teresa nunca falava disso sem se comover.

Foi porém, só em Junho de 1888 que o mal latente, se revelou de súbito. O Senhor Martin tinha feito, havia pouco, a sua

(1) Um mestre psiquiatra a quem submetemos na íntegra todos os elementos relativos à doença do Senhor Martin e com um desenvolvimento impróprio duma simples biografia, depois de um exame cuidadoso do assunto, teve a amabilidade de nos dar, na seguinte nota, a sua apreciação particularmente autorizada.

"A partir dos sessenta e quatro anos o Senhor Martin apresentou vários ictus cerebrais, deixando sequelas do tipo hemiplégico, a princípio transitórias, depois definitivas. A idade do doente, o estudo dos seus antecedentes, a evolução clínica das perturbações permitem admitir como quase certo o diagnóstico retrospectivo de artério-esclerose cerebral. Após uma série de espasmos ou de obliterações vasculares gerados pelo ateroma e pela esclerose dos vasos cerebrais, as paralisias e os outros sintomas neurológicos não retrocedem nunca, instalam-se definitivamente, reduzindo o doente a uma quase imobilidade.

Paralelamente às perturbações orgânicas evoluem as perturbações psíquicas, primeiro com fases de regressão, mais tarde implacavelmente, no sentido de um definitivo enfraquecimento cerebral. A princípio foram leves perturbações da memória, esquecimentos, alheamentos; em seguida, manifestações delirantes e alucinatórias, baseadas nas tendências afectivas profundas da personalidade do doente.

Em presença do carácter típico das perturbações referidas, por um lado, e, por outro, da frequência da afecção, não parece possível discutir outro diagnóstico.

Para dizer tudo, acrescentemos que o sincronismo nitidamente verificado entre os accidentes cerebrais e os sofrimentos intoleráveis provocados pelos reagentes aplicados à chaga da cabeça, de que acima falámos, levou os que rodeavam o Senhor Martin à convicção de que aquelas dores não eram estranhas ao ataque da congestão.

oblação em Alençon. Havia pouco também ratificado a de Celina. As confidências em que a sua Rainha lhe contava as descobertas que fazia no Carmelo, transportavam-no de alegria. Mas eis que, de repente, as manifestações de amnésia se tornaram mais frequentes. Produziam-se determinados fenómenos alucinatorios, com origem no fundo místico de todo o passado do santo velho. Preocupado com o perigo anti-clerical que começava a revelar-se na França, receava pela vida das filhas, pela segurança dos padres. A paixão de viajar apoderava-se dele de novo com acuidade inquietadora. Dominava-o o desejo de vida eremítica. A sua aspiração era fugir, furtar-se aos rumores do mundo, alcançar algum retiro longínquo onde pudesse esconder-se a todos os olhares, meditar sossegadamente e preparar-se para a morte.

Sob o império dessas ideias fixas, a 23 de Junho de 1888 saiu de casa sem prevenir ninguém, e conservou-se assim durante quatro dias sem dar sinal de vida. Pode imaginar-se a angústia das filhas que se perdiam em buscas infructíferas, julgando-o vítima de algum acidente ou de algum atentado. Foi durante essas horas de ansiedade, que a Madre Genoveva de Santa Teresa, que o Céu favorecia com revelações sobrenaturais, revelou a Teresa e às Irmãs, para as tranquilizar, uma palavra apaziguadora, ouvida durante a oração, a Nosso Senhor, e que se confirmou no dia seguinte. De facto, a 27 de Junho, um telegrama expedido do Havre permitiu à Celina e ao Sr. Guérin ir encontrar ali o doente, um tanto confuso por ver o seu projecto descoberto tão depressa, mas visivelmente feliz por se ver restituído ao affecto dos seus. Entrementes um incêndio que devorou o prédio vizinho dos Buissonnets, ameaçou, com enorme susto de Leônia, aniquilar a querida morada.

Quando se encontraram outra vez reunidos ali depois do duplo alarme, retomaram o fio da existência, como antes; mas o receio sempre latente de nova fuga, mais decisiva, constrangia todos os corações. Primeiro, a 12 de Agosto, depois a 3 de Novembro, no Havre, onde fora acompanhar o P.^e Pichon de viagem para o Canadá, o Sr. Martin sofreu novos ataques de paralisia que lhe affectaram especialmente o uso da palavra e o mergulharam por momentos num verdadeiro desarranjo mental. Foi nesta ocasião que, num gesto instintivo, — deveremos ver nisto como a Irmã Maria do Sagrado Coração afirmava na Deposição do Processo, um dos pormenores pre-figurados na "visão profética"? — se esforçava constantemente por cobrir a cabeça com um véu.

Passada a crise, experimentava, por vezes, o indizível tormento de sentir ameaçada a sua lucidez. "Só a morte tem para mim atracção invencível", exclamava ele, empregando uma remiscência poética. Tanto queria tomar as filhas felizes! Projectava

a compra dos Buissonnets para elas, e chegou mesmo a fazer a aquisição dum terreno contíguo. Tornou-se, também, locatário dum chalet em Auteuil onde passou breves temporadas com a Leônia e a Celina. Era tão doce a perspectiva duma velhice calma, cercada de ternura! Voltava-lhe então à memória o gesto da oblação feita ao Senhor. Conservando-se egoistamente no lar, não traía a sua vocação? E depois, aquele enfraquecimento das suas energias, aqueles terrores mórbidos não significariam o prelúdio duma renúncia mais total ainda, aquela que nenhuma ser humano encara sem estremecer, porque fere em pleno coração a personalidade, humilhando-a, diminuindo-a, votando-a a um aniquilamento aparente? O Sr. Martin conheceu esses paroxismos de agonia. Mas procurava acalmar-se por meio da aceitação da Cruz. "Tudo para maior glória de Deus", gostava ele de repetir. E para as suas religiosas que o aconselhavam a poupar-se: "Não receiem nada por mim, minhas filhas, porque eu sou o amigo de Nosso Senhor". Isto disse ele no locutório do Carmelo sem sombra de exaltação, na plena serenidade da sua fé.

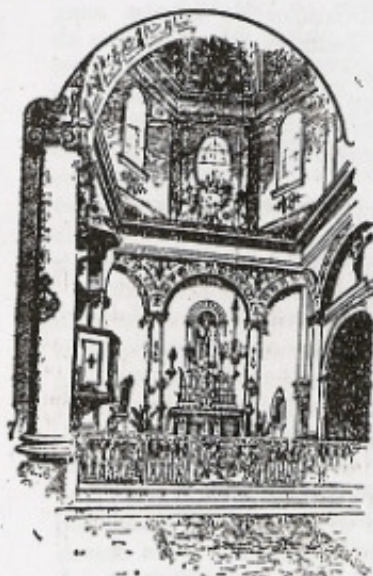
O doente entregava-se, como outrora, a todos os seus exercícios de piedade. O pensamento da eternidade absorvia-o frequentemente. Conservou, até ao fim, um culto delicado da virtude da castidade, com um cuidado extremo em se mortificar.

Um facto insignificante revela o seu desejo de despreendimento. A Maria, antes de entrar para o convento, havia-lhe deixado, como recordação, um crucifixo de cobre que ele colocou no seu quarto como objecto de muita estima. Ignorando-lhe a proveniência Celina exprimiu o desejo de possuir aquele crucifixo para o ter consigo de noite. A princípio, o pai hesitou: tudo o que provinha da sua primogenita lhe era particularmente caro; mas durante a missa, quando estava a reler a oração do General de Sonis que a Celina lhe passara, inclinou-se para a filha e murmurou-lhe a meia voz: "Dou-te o meu crucifixo". Aplicava-se sistematicamente a renunciar aos bens da terra, não hesitando em consagrar dez mil francos à erecção dum altar-mor novo na Catedral de Lisieux. Comovido com tamanha abnegação no meio de tantas provações, o clero de S. Pedro cercava de veneração aquele a quem chamavam familiarmente nos círculos religiosos da cidade, "o santo patriarca".

* * *

Estava reservada ao Sr. Martin uma suprema consolação. Seguiu com interesse apaixonado a vocação da sua Teresa. Saboreava, comovido, os deliciosos bilhetes em que ela lhe prodigalizava ternura e ânimo.

"A tua Rainha pensa em ti constantemente e reza todo o dia pelo seu querido Rei. escrevia ela a 25 de Novembro de 1888. Sinto-me muito feliz no doce ninho do Carmelo e nada mais desejo no mundo senão ver-te completamente curado; mas eu bem sei porque é que Nosso Senhor permite esta cruz, é para nos fazer ganhar o Céu tão lindo. Ele sabe que o nosso Pai é o que nós mais amamos na terra, mas sabe também que é preciso sofrer para merecer a vida eterna e é por isso que Ele nos prova no que temos de mais caro".



Altar-mor da capela do Carmelo
no tempo de Santa Teresa
do Menino Jesus

família pela última vez, recebia a bênção do celebrante e transpunha para sempre a porta interior do mosteiro. Precedida por todas as freiras que levavam círios acesos, era introduzida pela mão da Priora, no coro das religiosas, onde se desenrolavam as cerimónias propriamente ditas da vestição. Os fiéis dirigiam-se então para junto da reixa, rodeavam o celebrante que recitava as fórmulas litúrgicas, enquanto a Superiora procedia à imposição do burel e do manto branco. Pode imaginar-se o que tem de pungente essa festa em que tudo é simbólico. O Sr. Martin viveu-a com santo

Não tardaria a chegar a hora tão desejada. A 10 de Janeiro de 1889 Teresa recebia o hábito. O postulante que era habitualmente de seis meses, fora prolongado para ela, visto Monsenhor Delatroëtte não ter desarmado ainda. Umas melhoras providenciais, permitiram a presença do pai. Foi uma festa cheia de luz. A cerimónia da profissão que mais tarde foi simplificada, celebrava-se então com um luxo de cerimonial particularmente impressionante. A postulante, vestida de noiva, saía da clausura. Penetrava na capela com o pai, seguindo-se os parentes a dois e dois, como nos cortejos nupciais. Depois de terem assistido na capela-mor à cerimónia exterior, Vésperas ou Missa com sermão, dirigiam-se, novamente em cortejo, para a sacristia. A noiva de Cristo beijava a

entusiasmo, conscientemente, na plena posse das suas forças. Lembrando-se da arte delicada da esposa tão querida quisera para a sua Rainha um vestido de veludo branco, guarnecido de cisne e de Ponto de Alençon. Com a coroa de açucenas, o véu à judia e os compridos caracóis louros fluindo nos ombros, Teresa parecia mesmo a imagem de Santa Inês.

"O Papá esperava-me à porta da clausura, conta ela na autobiografia.

Dirigindo-se para mim com os olhos cheios de lágrimas e apertando-me ao coração, exclamou: "Ah! cá está a minha Rainhazinha!" Depois, dando-me o braço, entrámos com toda a solenidade na capela" (1).

Nada faltou ao júbilo daquele dia. A imolação teve como prelúdio o sacrificio eucarístico, quadro ideal para um gesto de oblação. O Bispo de Bayeux, Monsenhor Hugonin, atraído pelo encanto sobrenatural da angélica menina, quisera assistir pessoalmente. Esquecendo o cerimonial entocou o *Te-Deum* que exprimiu magnificamente os sentimentos de gratidão de Teresa. Depois houve o "milagrezinho" da neve, aquele desejo ingénuo da humilde "flor de inverno", divinamente realizado, apesar duma temperatura excepcionalmente suave.

O Sr. Bispo entrou a seguir à cerimónia, conta ainda a Santa, e cumulo-me de toda a espécie de amabilidades paternas. Diante de todos os padres que o rodeavam recordou-me a visita que lhe fiz em Bayeux, a minha viagem a Roma, sem esquecer os cabelos levantados. Depois, tomando-me a cabeça entre as mãos, Sua Ex.^a Rev.^{ma} acariciou-me demoradamente. Nosso Senhor fez-me pensar então, com infável doçura, nas carícias que me prodigalizará dentro em breve diante da assembleia dos Santos e essa consolação foi para mim como que um gosto antecipado da glória celeste" (2).

O Sr. Martin tomou a ver a filha no locutório. Encantado contemplou-a nas suas vestes de Carmelita. A sua alma estava como que saturada de felicidade. "Foi o seu triunfo, a sua última festa na terra", escreveu Teresa que, mais adiante, compara este dia à entrada de Jesus em Jerusalém, no domingo de Ramos. Mas aí não tardou a cair o pano sobre esta cena de delícias. A Santa conclui a descrição com estas melancólicas reflexões:

(1) e (2) *História duma Alma*, Cap. VII.

"A semelhança da glória do divino Mestre, à sua glória dum dia seguiu-se a paixão dolorosa; e assim como os sofrimentos de Jesus atravessaram o Coração de sua divina Mãe, assim os nossos corações sentiram muito profundamente as feridas e humilhações daquele a quem amávamos acima de tudo, na terra".

* * *

As melhoras verificadas na saúde do Sr. Martin, prolongaram-se por todo o mês de Janeiro. Por ocasião duma viagem a Alençon, confiava à Celina: "Estou a prender-me à vida; não é por mim, é pelas minhas filhas. Quero comprar os Buissonnets e arranjá-los o melhor possível. Quero dar-vos gosto em tudo".

Uma recaída brusca aniquilou estes sonhos. Um novo acidente de congestão que, deixando os membros livres, obliterou a memória e aumentou perigosamente o místico desejo de evasão, levou o Sr. Guérin a encarar o recurso do internamento do cunhado numa casa de saúde. Na impossibilidade de vigiar constantemente o enfermo, que conservava plena liberdade de movimentos, era o único meio de lhe evitar algum acidente desastroso e de impedir talvez a delapidação dos seus bens. Para o paciente, que conservara bastante consciência do seu estado e a possibilidade de se analisar, a cruz seria duma pungente dureza. Tempos antes, quando, em conversa com a Celina, encarava tal perspectiva a propósito dum Lisiense condenado a essa reclusão, afirmara, com um estremecimento de angústia: "É a maior prova por que um homem pode passar". O seu espírito de abandono inclinava-o a aceitar. O amargo sacrifício não lhe foi poupado.

Imagine-se o que seria para o pai e para as filhas, nesse cruel dia 12 de Fevereiro de 1889, a angústia do supremo adeus aos Buissonnets, a tristeza duma curta visita ao Carmelo em que o Sr. Martin não viu as suas religiosas — porque a emoção teria sido demasiada — mas entregou na portaria, como fizera tantas vezes, a encomenda de peixe destinado à Comunidade. À Irmã do Bom Salvador, de Caen, que, ao recebê-lo, lhe afirmara que ele ainda poderia ali fazer bem entre tantos incrédulos, respondeu: "Isso é verdade, mas antes queria fazer apostolado noutra parte, do que aqui. Mas enfim, visto ser a vontade de Deus... Penso que será para abater o meu orgulho". E ao médico: "Eu estava sempre habituado a mandar e agora vejo-me reduzido a obedecer: é duro. Mas eu sei porque é que Nosso Senhor me manda esta provação: nunca sofrera humilhações na vida; era-me indispensável uma". "Pois olhe que esta chega bem!" — não pôde deixar de dizer o médico.

A casa do Bom Salvador de Caen, que Barbey d'Aurevilly

introduzira na literatura, com a história do Cavaleiro Des Touches, constituía uma verdadeira cidadezinha habitada por mil e setecentas almas distribuídas por uma imponente Comunidade, por um pensionato, por um extermato, por uma escola de surdos-mudos, por um dispensário e por pavilhões destinados ao tratamento das afecções mentais: gloriava-se com justa razão de estar na vanguarda em matéria de conforto e terapêutica. Tudo estava preparado para garantir aos doentes os tratamentos mais modernos com o máximo de liberdade que o seu estado permitia. Dava alma ao edifício uma espaçosa capela que atraía os olhares com a sua fachada elegante e com o seu campanário esguio. A filantropia era ali ultrapassada em larga escala. A Rainha daqueles lugares era a divina Caridade.

O Sr. Martin havia de viver ali mais de três anos. Recusara os aposentos separados que lhe ofereciam, preferindo, movido pelo zelo, viver junto com os demais pensionistas, com os quais partilhava obstinadamente todos os mimos que lhe traziam, o que desesperava a enfermeira encarregada dele. Nenhum hóspede do Bom Salvador foi mais fácil de tratar. Nunca teve uma palavra de recriminação. Habitado desde sempre a uma certa austeridade de vida, entendia que havia de observar ainda as leis da penitência eclesiástica. As religiosas rodeavam-no de respeito e atenção. "Pode estar convencida de que o seu querido doente, que inspira a todos uma veneração profunda, é objecto das mais delicadas atenções", escrevia à Celina a Madre Assistente. A Madre Costard, que dirigia a parte da instituição reservada aos quinhentos homens, testemunhava-lhe uma verdadeira piedade filial, em recordação do seu próprio pai, atacado da mesma enfermidade: "Está aqui há tão pouco tempo e já conquistou afeições", escrevia ela. E depois há nele qualquer coisa que provoca veneração; dá a impressão de ser vítima de uma provação misteriosa".

O Sr. Martin viera a ser o mais assíduo visitante da Capela. Comungava muitas vezes por semana e, nos períodos bons, todos os dias. A privação da Eucaristia constituía para ele o mais duro dos sacrifícios. Fora das raras crises em que um receio instintivo, acompanhado de delírio, o mergulhava em uma espécie de noite, encarava com calma a sua situação, sob o aspecto sobrenatural e resignava-se corajosamente. Como as filhas o convidassem a associar-se à novena que andavam a fazer a S. José, pedindo a cura dele, respondeu: "Não, não se deve pedir isso, mas só a vontade de Deus". A manha dum advogado que interpretara ao contrário as instruções do Sr. Guérin e que foi procurar o doente para o obrigar a assinar um documento absolutamente desnecessário, de renúncia à gerência dos bens, ocasionou uma cena dolorosa que também acabou pela aceitação total da vontade divina.

"Estou absolutamente convencida, escrevia a Celina às irmãs, que quanto mais tempo passa, mais a expressão do seu rosto se torna calma e santa".

Depois da recepção da Sagrada Comunhão, a maior consolação do Sr. Martin, eram as visitas dos seus. Ao saírem dos Buissonnets, que tiveram de abandonar no termo do arrendamento, Celina e Leônia, a 10 de Fevereiro de 1889, resolveram hospedar-se nas vizinhanças do Bom Salvador, no orfanato de S. Vicente de Paulo. Apesar da oposição do tio, conservaram-se ali enquanto lhes foi possível, mediante uma autorização especial, para verem frequentemente aquele pobre pai que era tudo para elas.

Para o espírito de família, a doença dos seus membros constitui a prova da sua solidez e do seu desinteresse. Neste caso a prova saiu certa. Recordaram os conselhos do Eclesiástico: "Ampara teu pai na velhice... Se o seu espírito fraquejar sê indulgente e, na plenitude das tuas forças não o desprezes. O bem feito a um pai, não será votado ao esquecimento". (1)

Com a humilhação a ternura cresceu sempre e tornou-se mais delicada.

Só quando tiveram de se sujeitar ao regulamento geral que permitia apenas uma visita por semana é que as duas raparigas regressaram a Lisleux. A 7 de Junho de 1889 instalaram-se em casa do tio. Por essa data já o Sr. Guérin não vivia na Praça de Thiers. A 22 de Agosto do ano anterior, tendo herdado com os seus parentes Maudelonde, a avultada fortuna de um primo, o Sr. Augusto David, antigo notário em Evreux, acabara com a farmácia e fora viver para a rua Paulo Banaston. Era aqui — ou na quinta da Musse, no Eure, durante a quadra estival — que ele repartia o seu tempo pelo estudo, pelas boas obras e por deveres de sociedade. Celina e Leônia foram recebidas pelo Sr. Guérin exactamente como as suas filhas.

O Sr. Martin aprovou esta decisão. A 17 de Julho a Irmã Enfermeira enviava estes comoventes pormenores à Madre Priora do Carmelo:

"Falámos demoradamente de todas as suas bem-amas filhas e quando lhe disse que a menina Leônia e a menina Celina estavam no campo, em Musse, exclamou: "Ainda bem! Diga-lhes que se deixem lá estar todo o tempo que o seu bom tio julgar necessário. Não quero que elas venham de lá por minha causa. Estou

aqui muito bem, muito bem..." Este venerável ancião, não prega senão a maior glória de Deus. É verdadeiramente admirável. Não só nunca se queixa, mas ainda acha excelente tudo o que se lhe dá... É impressionante ver a afeição deste Patriarca pela família".

As cartas das suas Carmelitas, possuíam o condão de o acalmar nos dias mais sombrios. Continuava a ser o grande cristão, a cuja fé bastava um simples apelo para ele mergulhar logo em Deus.

O seu estado evolucionava lentamente, para dizer a verdade. Chegou mesmo a ter muitos períodos de alívio que permitiram encarar a ideia do regresso para junto dos seus. Assim se ia andando por entre alternativas de esperança e de desilusão. Porém o ciclo das congestões foi-se apertando implacavelmente, até reduzir de modo sensível as faculdades intelectuais e atacar, em seguida, o sistema locomotor.

O Sr. Martin conservou durante muito tempo, pelo menos por intermitências, lucidez suficiente para sentir, aceitar e santificar a mais trágica das provações, a que mergulha pouco a pouco a personalidade na penumbra e no caos. Levado pela corrente duma vida inteira de generosidade, aderiu sem hesitações à humilhação e não voltou atrás na oferenda. Mesmo nas horas de delírio, vinham-lhe constantemente aos lábios as fórmulas de abandono como uma espécie de homenagem instintiva prestada ao plano divino por uma natureza dominada pela força do hábito.

Mas às filhas é que o golpe atingiu em pleno coração. Já vimos a admiração que votavam ao pai. Assistir impotentes ao declinar das suas faculdades, suportar, a propósito dele, as fultas de tacto a que, em tais casos as pessoas das relações raramente escapam, foi para elas um suplício indizível, a par do qual teria parecido suave a morte. O mundo lançava à socapa os seus dardos envenenados. Para ele o Sr. Martin apresentava-se como um grande vencido que sossobrava nas divagações do misticismo, abandonado pelos seus. "Com uma virtude menos austera, teria escapado ao naufrágio. Via-se ali a prova de que Deus não exigia tanto!"

Os espíritos fortes triunfavam. (1)

(1) Será necessário dizer que tão malévolas insinuações eram totalmente errôneas? Nas sucessivas separações das filhas, para entrarem no convento, o Senhor Martin só encontrara tranquilidade e razão para esperar ainda mais em Deus. Pretender estabelecer uma ligação de causa e efeito entre estes sacrifícios nobremente aceites e a doença que affligiu o santo velho, seria atribuir as linhas mestras da sua fisionomia moral e violentar os factos. Também não há o

(1) Livro do Eclesiástico III, 12, 15.

Adivinha-se esse ambiente lancinante através das linhas em que Teresa exprime a desolação comum e a comum resignação:

"Recordo-me que no mês de Junho de 1888 eu causei surpresa à nossa Mestra, ao dizer-lhe: "Sofro muito, minha Madre, mas sinto que ainda posso sofrer mais". Não pensava então na prova que nos esperava. Não sabia que a 12 de Fevereiro, um mês depois da minha tomada de hábito, o nosso venerado pai esgotaria um cálix tão amargo!... Ah! então já não disse que podia sofrer mais! As palavras não podem exprimir as nossas angústias e não tentarei escrevê-las..." (1)

Um golpe daqueles iria deixá-las abaladas e amarfanhadas em plena desorientação interior? Continuemos a citação:

"Os três anos de martírio do nosso pai afiguram-se-me os mais amáveis, os mais frutuosos da nossa vida; não os trocaria pelos êxtases mais sublimes... Como foi preciosa e doce a nossa cruz tão amarga, visto que de todos os nossos corações, apenas saíram suspiros de amor e de gratidão! Não andávamos, não coríamos, voávamos nos caminhos da perfeição".

Para penetrar tal mistério teria sido necessário assistir às conversações no locutório, onde Leônia e Celina recebiam das suas Carmelitas, o conforto sobrenatural; seria necessário examinar toda a correspondência que então trocaram entre si! Toda ela é um grito fervoroso de resignação, ou antes, visto que "a resignação ainda é distinta da vontade de Deus" como observa Teresa, depois da Senhora Swetchine, é toda ela um hino de reconhecimento banhado de lágrimas. Na intenção do Cirurgião divino, a prova, à maneira do choque operatório, amputa as alegrias, mesmo legítimas; força a olhar só para o lado do Céu; imprime a efígie do Divino Agonizante; faz comungar na sua missão redentora.

direito de se fazer intervir neste campo, não sei que excesso de devoção. A piedade do pai de Teresa era dum equilíbrio admirável. Nenhuma exaltação. Nenhuma tendência para a pieguice ou para a ilusão. Se depois da sua falha de saúde, continuou a reagir e a falar como cristão e como apóstolo, foi porque os sulcos da fé estavam nele tão profundamente vinculados que tinham passado, por assim dizer, ao estado de segunda natureza e sobreviviam à obnubilação parcial da sua lucidez.

(1) *História duma alma*, Cap. VII.

Tal era o *leitmotiv* daquelas comunicações de almas em que a querida Santa dava o tom com uma esperança que atingia o heroísmo.

Ao evocar esses cânticos não convirá transcrever algumas das suas estrofes inéditas? Escutemos a voz dos Buissonnets dirigindo-se ao Carmelo em fins de Janeiro de 1889:

"Queridas irmãs, recordo-me daquelas palavras da "Imitação": "Darei uma glória infinita por uma humilhação passageira..." Oh! as humilhações! são o nosso pão de cada dia, mas se soubessem tudo o que eu vejo escondido nelas... Isto é para mim um mistério de amor.

O minhas irmãs! peço-lhes que não se aflijam; pois, seria em vão que a Teresa rezou? Seria em vão que pus, com tanta confiança, azeite da lâmpada da Sagrada Face na frente do papá? Não, mil vezes não! Tenho a certeza de que há designios admiráveis que não podemos compreender. Sinto que Nosso Senhor está satisfeito quando se tem confiança ilimitada n'Ele, concordando com todas as suas disposições...

Não, não vou pedir a Deus que me livre das humilhações, dos desgostos, dos desprezos, das aflições, das angústias, das amarguras... Mas vou suplicar a Nosso Senhor que poupe tudo isso ao nosso querido paizinho. Ele pode conceder-nos isso e tenho a certeza de que o fará".

Aqui temos a mesma voz, falando agora de Caen, com a data de 1 de Março de 1889, depois da entrada do Senhor Martin para o Bom Salvador:

"Irmãs, quero felicitar-me pelas nossas tribulações, mais ainda, dar graças a Deus pela amargura das nossas humilhações. Não sei porquê, mas em lugar de receber estas provas com azedume e de me queixar delas, vejo no procedimento de Nosso Senhor para conosco alguma coisa divina e misteriosa. Não passou Ele, aliás, por todas as humilhações?... Confesso que a opinião do mundo, não me interessa nada. Ah! se soubessem como vejo Nosso Senhor em todas as nossas provas! Sim, tudo está visivelmente marcado pela Sua divina mão".

Seis semanas mais tarde, como a cruz se prolongasse, o lamento fez-se mais veemente. Percebem-se as tentações de desânimo que se infiltram por momentos para se resolverem num *fiat*.

"Minhas queridas irmãzinhas, que pena sente a minha alma neste momento! Como o meu coração está despedaçado! Não posso habituar-me a ver o nosso querido paizinho tão doente. Recordo-me sempre como ele entrava em nossa casa, tão bom, falando-nos como um verdadeiro Patriarca! Oh! como Nosso Senhor deve amar-nos vendo-nos tão atribuladas! Pergunto a mim mesma como é que Ele não está impaciente por chamar para si o nosso tão querido pai; afigura-se-me que faz um grande esforço para o deixar continuar ainda na terra; é necessário que resulte disso uma grande vantagem para a sua glória, para o papá, e para nós, pois sem isso não poderia esperar... Que momento feliz, queridas irmãzinhas, quando estivermos todos reunidos lá em cima!

Como estas provações nos fazem suspirar pela Pátria!..."

Nesta escola do sofrimento as almas elevam-se. "Irmãs queridas, escreve Celina, com certeza o papá não há-de ter Purgatório no outro mundo, mas estes desgostos são tão vivos para nós que são de molde, julgo eu, a revolucionar as nossas almas e a tornar-nos santas".

Leônia faz eco a todos estes sentimentos:

"O melhor para nós é escondermo-nos no Coração de Jesus e confiarmos-Lhe tudo o que nos interessa. Só ali é que recuperaremos coragem para suportar as dores da vida que não nos faltam, realmente. Mas não nos lamentemos, nós que somos as amigas de Jesus, mais ainda, Suas esposas, ao menos de desejo. O nosso querido pai, agora tão humilhado na terra, havemos de o ver cumulado de glória, por toda a eternidade, no Céu! Sejamos nós a sua coroa, tornemo-nos dignas dum tal pai!"

As vozes do Carmelo completam o diálogo. A Irmã Inês de Jesus enviava, à Celina, em Março de 1889, esta carta toda impregnada duma paz sobrenatural:

"Sejamos santas, é o que Jesus nos pede... São-lhe precisas almas inteiramente dedicadas, inteiramente abandonadas, todas entregues aos seus divinos caprichos... Abramos as nossas de par em par, deixemo-lo penetrar até ao santuário mais íntimo ou antes forcemo-lo a demorar-se ali. Digamos como os discípulos de Emaus: Ficai connosco, Senhor, porque se faz tarde! Anoitece, não

andeis pelas estradas por onde andam os maus... Mas... porque Vos fazeis rogar tanto? A vossa companhia seria assim tão onerosa?" E Jesus há-de sorrir mostrando-nos a Cruz que nunca O deixa... "Minhas filhas, muitas pessoas Me convidam como vós, mas poucas Me conservam, porque são muitas as que Me amam sem a minha Cruz, e muito poucas na deixam cravar sobre o seu coração. Contudo só fundada nela é que Eu estabeleço a Minha morada definitiva. Se o amor Me encontra, só o sofrimento Me conserva".

"Ó Jesus, nós queremos, sim, queremos a Vossa Cruz! Entrai e deixai-Vos estar. Estais, aqui, em Vossa casa. É outra Betânia onde encontrareis corações fieis. É um ancião de cabelos brancos, torturado pela doença e que, contudo, se afirma Vosso amigo, é um grupo de Virgens de quem Vós sois o Esposo, Esposo cruento, mas sempre adorado..."

Adeus, minha querida, alegremo-nos por sofrer".

A Irmã Maria do Sagrado Coração resumia nestes termos as suas impressões relativas à provação paterna outrora pressentida por ela:

"Quando ela se apresentou, um dia, durante a Missa, reconheci-lhe tão claramente o valor que não teria querido trocá-la por todos os tesouros da terra. E que méritos o nosso querido pai deve ter adquirido!... Nesse tempo vinha-me à lembrança a história de Job, afigurando-se-me que era a dele e a nossa e que Satanás, apresentando-se como então diante do Senhor lhe dissera: "Não é para admirar que o Vosso servo Vos louve, visto que o cumulais de bens! Feri-o na sua própria pessoa e vereis se não maldiz o vosso nome!" Mas o nome do Senhor não foi amaldiçoado, pelo contrário, foi sempre bendito".

Quanto aos sentimentos de Teresa, encontramos-os expressos na correspondência dirigida à Celina. Registemos nela algumas fórmulas particularmente sugestivas:

"Que privilégio Jesus nos concede! Como Ele deve amar-nos para nos mandar uma dor tão grande! Ah! nem toda a Eternidade chegará para O bendizer! Cumula-nos dos Seus favores, como fazia aos maiores Santos. Porquê uma tão grande predilecção? Agora já nada mais temos a esperar na terra, nada senão o sofrimento e ainda o

sofrimento. Oh! que sorte digna de inveja! Os querubins no Céu, invejam a nossa felicidade" (1).

"Como é que Jesus procedeu para desprender assim as nossas almas de todo o criado? Ah! Ele descarregou uma grande pancada, mas foi uma pancada de amor" (2).

"Oh! Não desperdicemos a prova que Jesus nos envia; é uma mina de ouro para explorar, iremos perder esta ocasião?" (3).

Confidente de Celina, Teresa mantém-lhe o ânimo e apazigua-lhe os temores. No seu caminho de infância, encontra ela magníficas intuições. Podem correr as lágrimas, pode a natureza ranger os dentes e estremecer. Tudo está em deixar a Deus a última palavra: "Dizer paz não quer dizer alegria, pelo menos alegria sentida; para sofrer em paz basta querer a valer tudo o que Jesus quer...." (4). Nós gostaríamos de sofrer generosamente, com grandeza de ânimo... Celina!... Que ilusão! Quereríamos não cair jamais? Que importa meu Jesus se cair a cada instante! Vejo desse modo a minha fraqueza e isto é para mim um grande lucro". (5)

Quando a dor atinge o paroxismo a recordação do Céu lança bálsamo na ferida: "Celina querida, a figura deste mundo passa, (6) as sombras dissipam-se; (7) em breve estaremos na nossa terra natal, em breve as alegrias da nossa infância, os serões do Domingo, as conversas íntimas... tudo isso nos será dado para sempre e com usura. Jesus restituir-nos-á as alegrias de que nos privou por instantes!... E então da cabeça radiante do nosso querido Pai veremos partir ondas de luz e cada um dos seus cabelos brancos será como um sol que nos cumulará de alegria e de felicidade!..." (8).

Do Canadá o P.^e Pichon prodigaliza também à dedicada enfermeira as suas sobrenaturais consolações:

"Bebo a largos tragos o vosso cálice amargo. O querido Patriarca está presente ao meu pensamento no santo altar e em toda a parte. Sim, sim! Foi escolhido como vítima e isso explica tudo. Tende honra nisso e agradecei a Nosso Senhor" (9).

(1) Carta à Celina, de Janeiro de 1889. — (2) *Idem*, de 14 de Julho de 1889. — (3) *Idem* de 28 de Fevereiro de 1889. — (4) *Idem*, de 4 de Abril de 1889. — (5) *Idem*, de 26 de Abril de 1889. — (6) I Cor. VII, 31. — (7) Cant. IV, 6. — (8) 23 de Julho de 1891. — (9) Carta à Celina de 15 de Setembro de 1890.

* * *

Esta ascensão em comum, sob o agulhão da tortura moral, permitia a Teresa inscrever o dia 12 de Fevereiro de 1889 entre os "dias de graças concedidos pelo Senhor à sua esposazinha" e denominá-lo "a nossa grande riqueza". A Madre Inês de Jesus convida-nos, porém, a aprofundar mais o sentido dessa felicidade quando diz, referindo-se à Serva de Deus: "Foi no Carmelo, no momento das nossas grandes provas relativas à doença cerebral do nosso pai, que ela se tornou mais devota do mistério da Paixão, foi então que ela obteve licença para acrescentar ao seu nome, o da Sagrada Face".

Esta devoção era muito querida na rua de Livarot. A comunidade de Lisieux tinha-a recebido em herança do Carmelo de Poitiers, que a recebera por sua vez do de Tours. Em 1847 a Madre Genoveva de Santa Teresa, em relações directas com o mosteiro de Tours, tivera conhecimento de revelações feitas por Nosso Senhor à Imã Maria de S. Pedro. Registara esta, carinhosamente, "as promessas a favor das pessoas devotas da Sagrada Face". A sexta, sobretudo, atraía as contemplativas: "Elas enxugam, como a Verónica, a minha Face adorável que o pecado ultraja e desfigura, e, em troca, gravarei nas suas almas as minhas feições". A Fundadora, com os seus esforços junto da cúria episcopal, apressou a erecção em Lisieux da Arquiconfraria reparadora.

Colocou na capela a impressionante imagem que propagava por essa ocasião o Santo Homem de Tours, o Senhor Dupont.

Foi no início da sua vida religiosa que Teresa se sentiu atraída para esse culto. "Até então, escreveu ela, não sondara a profundidade dos tesouros contidos na Sagrada Face; foi a minha Mãezinha que me ensinou a conhecê-los. Assim como outrora precedera as suas três irmãs no Carmelo, assim fora ela a primeira a penetrar os mistérios de amor ocultos na Face do nosso Esposo. Foi ela que nos descobriu e eu compreendi então..." (1).

Era ainda só uma primeira iniciação. A esmagadora aflicção de 1888-1889 projectou sobre esta compaixão incipiente, precisões fulgurantes. No dia imediato ao da "visão profética" do fantasma paterno atravessando o jardim dos Buissonnets, envelhecido, trôpego, com o rosto escondido sob um tecido opaco, Teresa tivera o pressentimento de que a inquietação assim exacerbada

(1) *História duma Alma*, Cap. VII.

havia de ter, cedo ou tarde a sua resposta. No dia em que o Sr. Martin foi atingido, ela reviveu, dessa vez com atroz realismo, a imagem outrora entrevista. Depois, ao alargar-se a perspectiva, impôs-se-lhe, imperiosa, obsediante, a semelhança entre aquele pai tão bom, tão digno, tão santo, caminhando curvado sob o fardo e o Justo por excelência, destituído da sua glória, com as faces tumefactas, a fronte maculada, podendo comparar-se a um leproso: "Assim como a Face adorável de Jesus foi velada durante a Paixão, assim a Face do Seu servo fiel tinha de ser velada nos dias da sua humilhação, a fim de irradiar maior brilho nos Céus" (1).

Da provação surgia uma claridade a iluminar a espiritualidade de Teresa. Pegou em Isaias. Copiou, para enviar a Celina, o admirável princípio do Cap. LIII:

Quem acreditou na nossa palavra? e a quem foi revelada a força do Senhor?

O Cristo subirá diante do Senhor como um frágil arbusto, e como um rebento que sai dum tronco seco; não tem forma nem beleza. Vimo-lo e não tinha nada que atraísse os nossos olhares e desprezámo-lo. Pareceu-nos um objecto de desprezo, o último dos homens, um homem de dores que sabe o que é sofrer...

O seu rosto estava como que escondido.

Parecia desprezível e nós não o reconhecemos. Realmente tomou sobre si os nossos males e sobre si tomou as nossas dores; e nós considerámo-lo como um leproso, como um homem ferido por Deus e humilhado.

Mas Ele foi trespassado de chagas por causa das nossas iniquidades. Foi despedaçado por causa dos nossos pecados; o castigo que devia dar a paz caiu sobre Ele e foi pelas suas pisaduras que nós fomos sarados.

Ela meditava estes dramáticos versículos; alimentava-se e vivia deles. Tinha sempre presente o Filho do Homem na abjecção infinita. Compreendia que o Seu antiquilamento é o preço da nossa salvação. Em seguida o pensamento fugia-lhe para o querido doente do Bom Salvador. Revia-o, através de Cristo, dócil, recolhido, diminuído aos olhos dos homens, mas tão querido do Coração de Jesus; e o sofrimento dele tomava outro aspecto: aparecia-lhe agora apenas como um capítulo da redenção. O abaiçamento é condição de fecundidade sobrenatural. Que importa o

(1) *História duma Alma*, Cap. II.

desfazer da temura ferida? Que importa o que diz o mundo? A Face coroada de espinhos é a chave do mistério.

Nunca se acentuará demais, na existência de Teresa, a importância capital desta "descoberta", no sentido em que a palavra indica uma acção incisiva do Espírito Santo, para gravar no íntimo do coração, em traços de fogo, como um princípio vital, uma verdade conhecida ontem, mas não totalmente explorada ou aproveitada. "Estas palavras de Isaias, declarou a própria Santa, formaram o fundo da minha devoção pela Sagrada Face ou, para melhor dizer, o fundo de toda a minha piedade". "A devoção à Sagrada Face, testemunhou a Madre Inês na sua Deposição, foi o principal atractivo da Serva de Deus. Por muito tema que fosse a sua devoção ao Menino Jesus, não pode ser comparada à que teve pela Sagrada Face". "Esta Sagrada Face foi o livro de meditação onde ela bebia a ciência do amor... Foi na meditação da Sagrada Face que ela estudou a humildade".

Este tema encontra-se constantemente nas suas poesias. Consagrou-lhe um cântico. Inscreveu-o no seu brasão. Fez dele o objecto duma consagração para as noviças, duma oração para ela. Pintou a sua imagem em casulas. Trazia sempre a Sagrada Face no breviário, contemplava-a na oração, prendia-a nas cortinas do leito durante a doença. Com que convicção partilhou da iniciativa das irmãs que, apesar de certos movimentos de espanto causados por um tal gesto de fé audaciosa, depois das horas mais graves da sua provação mandaram colocar uma lápide de mármore branco na capela do Carmelo, por debaixo da imagem da Sagrada Face — hoje encaixada por detrás do Altar-mor — onde se via gravado em letras de ouro, este grito de reconhecimento e de filial abandono:

SIT NOMEN DOMINI BENEDICTUM

F. M.

1888

Foi na escola da sua companheira de infância que a Celina, a quem ela gostava de chamar a sua "Verõnicazinha", aprendeu a contemplar a Face Macerada. Quando entrou em religião colocaram-na sob o patrocínio da Sagrada Face. Quando, logo a seguir à morte de Teresa, o Santo Sudário revelou o seu segredo por meio do negativo da fotografia, ela concebeu e realizou o desígnio de avivar, por meio da pintura, e de espalhar pelo mundo a augusta efigie que tanto comovia Pio X. Quem não admiraria nesta cadeia

de graças, a mão da Providência desenrolando o seu plano através das vicissitudes humanas e fazendo servir os infortúnios mais cruciantes para santificar os que A amam? (1).

* * *

Foi nestas disposições que Teresa se preparou para a sua Profissão a 8 de Setembro de 1890. Na véspera, recebera de Leão XIII uma bênção especial, por intermédio de Frei Simeão, que conservava viva a recordação da dupla passagem do Sr. Martin pela cidade de Roma.

A emissão dos Votos, nas mãos da Superiora, fez-se no Capítulo, sem nenhuma intervenção do clero, fora da presença dos parentes. Nem por isso a lembrança do pai doente deixou de impregnar toda a cerimónia. Teresa exprimira o desejo de que o pai doente abençoasse a coroa a ela destinada e que esta fosse colocada sobre a sua veneranda cabeça, querendo indicar com este gesto simbólico quanto ele participava na oblação da filha. Celina cumpriu religiosamente este duplo rito. Ao ornamentar para a festa a imagem do Menino Jesus, confiada aos seus cuidados, a Santa colocou junto dela umas pobres velas envelhecidas, desbotadas. Estas "falavam-lhe mais à alma" que as novas, explicava ela num bilhete à Imã Maria do Sagrado Coração, porque começaram a arder no dia da minha tomada de hábito e então eram viçosas e rosadas. O Papá, que mas dera, estava junto de nós e tudo era alegria! Mas agora acabaram-se as cores rosadas. Haverá ainda neste mundo alegrias cor de rosa para a sua Rainhazinha? Oh! não! para ela já não há senão alegrias celestes".

"Estendida no tapete de burel para a grande prostração que se segue à oblação, confiou a Deus todos os seus pedidos. Em obediência à ordem da Madre Maria de Gonzaga, pediu ao Céu o restabelecimento do pai, mas em termos cuidadosamente pesados, que salvaguardavam o mais possível a vontade divina. "Meu Deus, já que a minha Madre me ordenou que Vo-lo pedisse, fazei que o Papá se cure, se for a Vossa Vontade". Mas quanto aos interesses espirituais da sua madrinha de Crisma é de forma absoluta que ela se exprime: "Quanto a Leônia fazei com que seja da Vossa vontade que ela seja Visitandina; e se ela não tiver vocação, peço-Vos que lha deis; não podeis

(1) Pode encontrar-se o desenvolvimento destes pensamentos na primeira parte da obra admirável do R. P. Petitot O. P. — *Santa Teresa de Lisieux: Um Renascimento Espiritual*, Desclée e C.^{ia}, 30, Rua de S. Sulpício, Paris, VI.

recusar-me isto". Depois solicitou ainda para si "o Amor sem fim, sem limites" e "o martírio do coração" e "o martírio do corpo".

Seria já a primeira resposta do alto? A tomada de véu de Teresa, estava fixada para 24 de Setembro. Tratava-se dum rito complementar, próprio do cerimonial Carmelita. O Bispo benze o véu no altar e impõe-no à nova professa pela grade da comunhão. A saída do officio o pai aproxima-se então para abençoar a filha. Com uma confiança infantil Teresa contava com a presença do seu "Rei". Umas melhores passageiras verificadas recentemente no seu estado pareciam permitir essa deslocação. A última hora o Senhor Guérin opôs-se receando dar ao ancião um choque superior às suas forças. Foi duro o golpe para a "Rainhazinha" que se abriu sem refolhos à sua confidente de sempre:

"Jesus tinha colocado muitas jóias na minha *corbeille*, mas faltava-lhe com certeza uma de beleza incomparável e esse diamante precioso deu-mo Jesus hoje mesmo... Celina, ao recebê-lo, correram-me as lágrimas e correm ainda... e quase me arrependeria de as chorar se não soubesse "que existe um amor cujo único penhor são as lágrimas". (1) Foi só Jesus que fez tudo isto, foi Ele e eu reconheci bem o seu toque de amor...

Bem sabes quanto eu desejava tomar a ver esta manhã o nosso querido pai; pois bem, agora vejo claramente que a vontade de Deus é que não venha à festa. Permitiu isto simplesmente para experimentar o nosso amor... Jesus quer que eu seja órfã, que eu esteja só com Ele só para se unir mais intimamente a mim, e quer também dar-me na Pátria as alegrias tão legítimas que recusou no exílio". (2)

Para cúmulo de decepção, o Bispo de Bayeux, que devia presidir à festa, achando-se impedido de ir, enviou em seu lugar o próprio irmão, o Cônego João Baptista Hugonin, que havia de vir a suceder, daí a pouco, no cargo de Vigário Geral, ao Cônego Révérory. Estas circunstâncias e muitas outras que Teresa, delicadamente, omitiu, fizeram desse dia de graças um dia de lágrimas. "Contudo, continua ela ainda, no fundo do cálice eu encontrava a paz, sempre a paz". (3)

(1) Citação dum ensaio poético de Celina.

(2) Carta à Celina, de 23 de Setembro de 1890.

(3) *História dum Alma*, Cap. VIII.

* * *

Como ataques recentes lhe houvessem paralisado os membros inferiores, tomou-se inútil a permanência do Sr. Martin no Bom Salvador. Já não havia a temer a sua mania de viajar. A Leônia e a Celina suspiravam por tratar dele. O Sr. Guérin, cedendo aos seus rogos, trouxe o doente para Lisieux a 10 de Maio de 1892. Dois dias depois levaram-no ao Carmelo. Nessa altura manifestou perfeita compreensão das ideias da conversa, sofrendo apenas por não poder exprimir o que sentia. Teresa descreveu este encontro comovente, o único que ele teve com as suas filhas religiosas durante a doença: "Ah! que entrevista! Recorda-se, minha Mãe? No momento de se separar de nós, quando lhe dizíamos adeus, ergueu os olhos e, apontando com o dedo para o Céu, ficou assim muito tempo, não tendo outra maneira de traduzir o que sentia senão esta palavra pronunciada com voz afogada em lágrimas: no Céu!" (1)

Celina e Leônia viviam então na hospitaleira morada da Rua Paulo Banaston, que Joana Guérin deixara dezoito meses antes, para acompanhar o marido, o Dr. La Néelle, que mudara para Caen. O ancião passou ali alguns dias e depois alugaram outra ali perto, na Rua Labbey. Bastava atravessar a rua para entrar no jardim da casa Guérin, pelo portão de serviço. O criado Desidério, cuja mulher se encarregava de todos os trabalhos domésticos, estava ao serviço exclusivo do enfermo. Era um belo rapaz jovial e dedicado, que tinha duas irmãs religiosas na Providência de Lisieux e que entremeava sem dificuldade os cânticos religiosos com brincadeiras divertidas.

O Sr. Martin ocupava um quarto no rez-do-chão. Tinha as pernas inertes e como que grudadas. Conservava livres, ainda que com alguma dificuldade, os movimentos dos braços. Emagrecera muito e estava sempre encolhido com frio; além disso sofria de nefrite. Quanto às faculdades intelectuais estavam como que adormecidas, tendo momentos fugazes de lucidez que confirmavam a sua faculdade de observação e o interesse que tomava por tudo. O olhar era ainda realmente expressivo. Falava pouco, mas não divagava nunca.

A Celina escrevia a 25 de Julho: "O papá vai regularmente, não tenho coragem de dizer muito bem, porque tem tido muitos dias tristes, com angústias pungentes e crises de lágrimas que me

despedaçavam o coração. Hoje está alegre e eu sinto-me aliviada. Ontem dizia-me: "Ó minhas filhas, peçam muito por mim!" Depois disse-me também que rezasse a S. José para que ele morresse como um santo. Quando lhe comunicaram em 20 de Fevereiro de 1893, a eleição da Irmã Inês de Jesus para o cargo de Priora, respondeu com evidente alegria: "Não podiam escolher melhor!" Manifestou igualmente grande contentamento pela aquisição dum carrinho, o mesmo que havia de servir mais tarde a Teresa, durante a derradeira doença. Passava nele dias inteiros, no tempo bom, sob a folhagem das árvores robustas, a escutar o chilrear das aves.

Visitantes e transeuntes gostavam de ver aquele belo ancião, cuja doçura e docilidade eram inalteráveis e que na sua provação conservava uma espécie de majestade. Quando a procissão do Corpo de Deus de 1892 parou diante do trono erguido no vestíbulo da casa da família Guérin, o arcebispo de S. Pedro, em seguida à bênção do Santíssimo Sacramento, entrou no escritório contíguo onde a família se reunia e manteve a custódia durante muito tempo sobre a cabeça do venerando enfermo. Nos olhos daquele que vivera tanto da Eucaristia brilhavam lágrimas de emoção.

No verão de 1893 e no ano de 1894 o Sr. Martin acompanhou a família à Quinta da Musse. Ficava a duas léguas de Évreux, na comuna de Arnières, mais para os lados de S. Sebastião de Morsent, antiga propriedade senhorial, que englobava mais de quarenta hectares inteiramente murados. O Sr. Augusto David, que reconhecia ter feito "uma loucura", havia restaurado o solar com magnificência. A suruba foi levada a cabo com decisão e assim aos mistérios dos densos bosques associaram-se os encantos dum parque espaçoso. A Villa de ar arrogante, erguia-se no cimo da colina, dominando abruptamente o curso pitoresco do Iton. Lá no alto a vista é incomparável. O olhar perde-se para a direita, até ao lugar de Conches que dista mais de sete léguas; para a esquerda estende-se um imenso horizonte de depressões, de montículos, de socacos, escalonando-se até Évreux; em frente, do outro lado do vale, a espessa floresta, cuja ramaria escura lança aos ecos quando os caçadores perseguem os veados, latidos de matilhas, sonoridades de cometas e à tarde, na hora do crepúsculo

As árias longinquoas duma buzina suave e melancólica.

Após a morte do antigo notário que fizera desta Vila a residência predilecta — ao passo que a mulher, mais mundana, preferia àquela solidão a sua moradia de Évreux, carruagem com criados de libré e recepções faustosas — a Musse coube aos filhos

(1) *História dum Alma*, Cap. VIII.

da Senhora Fournet que a deixaram como estava, sem a partirem usufruindo-a alternadamente: os herdeiros Guérin, de Maio a 15 de Agosto; os herdeiros Maudelonde durante o período da caça, até Outubro. Foi esta a razão por que a partir de 1890 a Leônia e a Celina ali residiam, ora uma ora outra, com a tia, e em Junho de 1893 se resolveram a levar também para lá o pai. A Senhora Guérin não se tinha esquecido do último olhar da Senhora Martin, ao confiar-lhe o seu lar desfeito. No Sr. Guérin o espírito familiar era tão arraigado como a fé ancestral. Esforçaram-se ambos por suavizar os últimos dias do cunhado. Este exprimia-lhes a seu modo a imensa gratidão que sentia: "No Céu é que vos hei-de pagar!"

A Celina estava junto dele como um anjo consolador. A Leônia, cujas aspirações a ser religiosa haviam despertado depois duma viagem a Paray-Le-Monial, apesar de frustradas as duas anteriores tentativas, resolvera fazer nova experiência monástica. A 23 de Junho de 1893 transpunha os umbrais da Visitação de Caen. No dia 6 de Abril de 1897 recebia o hábito, na presença da irmã e dos tios Guérin e tomava o nome de Irmã Teresa-Dositeia.

Celina, com nobre desinteresse, ficara só no seu posto. Na sua alma despertara algo de maternal por aquele enfermo que tudo esperava da protecção dela. Teresa interpreta admiravelmente os sentimentos da irmã nesta estrofe que lhe põe nos lábios:

*A meu pai na fatal decrepitude
Dava o amparo da minha juventude.
Era p'ra mim riqueza, dita, amor.
E por isso o abraçava com ardor.*

A ocasião não era para devoções demoradas. Era necessário evitar ao doente as mais pequenas emoções. Já não era capaz de fazer um esforço de atenção. Não julgavam necessário obrigá-lo a exercícios religiosos. Contudo, umas vezes só, outras ajudado pelo seu fiel Desidério, entoava hinos ou cânticos religiosos com a sua bela voz, um pouco velada. A ruína das suas recordações e das antigas aquisições psicológicas sobrevivia um fundo contemplativo. O talento musical da sobrinha Maria exercia ainda sobre ele toda a influência. Nunca se cansava de a ouvir tocar a *Réverie* de Rosellen. Ficava frequentemente de mãos postas, numa espécie de êxtase, a contemplar uma linda paisagem ou a escutar aqueles confusos rumores que sobem da terra ao pôr do sol.

Celina enviou às suas Carmelitas uma pintura ao natural de um desses quadros amenos:

"Toda a vida hei-de lembrar-me da beleza do seu rosto, quando, à tardinha já ao cair da noite, parámos ao fundo da mata a escutar o rouxinol. Que expressão tinha o seu olhar enquanto escutava! Era como um êxtase, um não sei quê da Pátria que se lhe reflectia nas feições. Depois de um momento de silêncio continuámos a ouvir e vi que as lágrimas lhe corriam pelas faces. Oh! que belo dia!"

Desde então não passa tão bem. Aquela consolação extraordinária não podia durar, mas ainda assim, apesar de tudo, os seus últimos dias são muito suaves. Quem o havia de pensar? Nosso Senhor tem para nós bondades inefáveis!"

* * *

O Sr. Martin viria a morrer na Musse. Já por várias vezes sofrera o clássico acidente cardíaco que abrevia as doenças deste género. A 27 de Maio de 1894 julgaram conveniente sacramentá-lo. Na sexta-feira, 27 de Julho, a crise repetia-se com mais gravidade. O Sr. Guérin estava a passar um tempo em Lisieux onde costumava, por essa data, presidir à distribuição dos prémios na escola dos Irmãos. A esposa cuidou do moribundo com a Celina e o Dr. La Néelle. Na noite do dia 28 mandaram chamar o Pároco de S. Sebastião, o P. Chillard, antigo capelão militar, muito popular no Solar pelas suas originalidades e pelas saborosas narrativas de inúmeras campanhas. Repetiu o Sacramento da Extrema-Unção.

No dia 29, de manhã, começou a agonia. Era Domingo. O pessoal da casa dividia-se em dois turnos para assistir à missa. O primeiro grupo dirigiu-se a Évreux de carro com o Doutor e com o Desidério. A Celina ficou sôzinha com a tia à cabeceira do Sr. Martin. A opressão aumentava metendo-se de permoio um estertor aflitivo. Os membros iam gelando progressivamente. Os olhos permaneciam fechados. Um pouco antes das oito horas a filha interrompeu o silêncio para recitar em voz alta a tríplice invocação: "Jesus, Maria, José". Qual não foi o seu espanto ao vê-lo erguer as pálpebras e fixá-las demoradamente, com um olhar em que perpassava com toda a vivacidade de outros tempos, uma intensa impressão de reconhecimento e ternura! Seria uma daquelas iluminações fulgurantes de consciência que se dão às vezes nas proximidades do além? Permitiria Deus aquela consolação da última hora como que para adoçar a terrível provação?

O facto é que a Celina julgou encontrar o pai exactamente como dantes. Claro fugaz. Instantes depois a respiração tomava-se ofegante e a seguir declinava. O Sr. Guérin, chamado a toda a

pressa colocou-lhe o crucifixo sobre os lábios já frios. As oito horas e um quarto, sem esforço, como uma criança que adormece em paz, o Senhor Martin entregava a alma a Deus. Tinha quase setenta e um anos. O intrépido observador da lei dominical partia ao alvorecer dum Domingo, a gozar o eterno repouso, a principiar a sua Missa eterna.

Aludindo aos monumentos funerários das igrejas medievais, Montalembert, na *História de Santa Isabel*, fala "daquelas estátuas tão graves, tão piedosas, tão impressionantes, repassadas da placidez da morte cristã". É um sentimento semelhante que se experimenta ante a fotografia que fixou as feições do Sr. Martin no leito de morte. A máscara emagrecida e vincada pelo sofrimento parece como que aureolada de doçura e de majestade sobrenatural.

O corpo foi transferido para Lisieux, onde se realizou o enterro a 2 de Agosto, no dia da festa de Nossa Senhora dos Anjos, após um comovido officio na catedral. Mais comovido ainda foi a cerimónia que reuniu os íntimos em volta de Teresa e das irmãs, na Capelinha do Carmelo. Nunca, talvez, pai algum fosse tão chorado nem com tanta esperança.

A memória mortuária que a piedade filial consagrou ao desaparecido foi a expressão exacta da sua alma e da sua vida, segundo o testemunho do Arcipreste de S. Pedro que o conheceu bem. Na frente, dominando a sóbria notícia biográfica, a Sagrada Face, enquadrada em textos particularmente sugestivos: "Não era necessário que Cristo sofresse e que assim entrasse na glória?" — "Ó Face adorável que cumulareis de alegria os justos na glória, baixai sobre nós os vossos olhares divinos!" — "Senhor, escondei-o no segredo da Vossa Face".

O reverso cobria-se de citações da Escritura a sublinhar o valor do sofrimento e a fecundidade espiritual de um lar onde reinava a noção do dever e a simplicidade do coração. Uma frase atribuída ao falecido recordava a alegria com que imolou a Deus todos os seus antes de se oferecer a si. Outra, sugerida pelos amigos, definia a virtude essencial que lhe pacificara a existência e o rodeara até ao túmulo, dum hálito unânime de simpatias e de pesar: "Era admirável a sua caridade: não julgava nunca os outros e achava sempre desculpa aos defeitos do próximo".

* * *

Foi em Alençon que a notícia da morte provocou mais viva emoção. O Sr. Martin conservava ali profundas amizades. A Senhora Coulombe, a castelã de Lanchal, escrevia às filhas do extinto: "Apesar da diferença de idades, o convívio com o vosso venerando Pai tinha tanto atractivo para mim! É que os Santos como ele,

têm qualquer coisa que atrai os outros e que agrada aos que os rodeiam: são amados e admirados".

O pároco de Nossa Senhora, que baptizara Teresa, havia de testemunhar, no seu Processo de Beatificação, a fama de fervor, de zelo, de rectidão de que o Sr. Martin gozava em toda a cidade. O P. Pichon que conviveu com ele intimamente a partir de 1882, declarou por seu lado: "O pai da Serva de Deus era um verdadeiro patriarca, sempre sobrenatural, um cristão à antiga: o espírito moderno não o contaminou". Ao receber o telegrama que lhe annunciava a morte do seu venerável amigo, dirigiu o P. Pichon à Celina uma carta em que lhe canta o hino da esperança: "Contemple a alegria de toda a sua família do Paraíso, o triunfo que advém depois de uma vida cristã. Pode-se chamar morte o que é com certeza um nascimento para o Céu? Junto desse túmulo há-de respirar um perfume de vida e há-de cantar a libertação da alma cativa". O Cônego Lepelletier escreverá por sua vez: "Gosto de recordar muitas vezes os momentos passados nos Buissonnets com o pai tão santo e com as suas tão queridas filhas". Em Junho de 1930, no seu leito de morte a Senhora Tiffenne ainda evocou a recordação do santo velho: "Recomendo-me ao Sr. Martin: era tão bom! Eu era muito amiga dele".

A Irmã Maria Gertrudes Bigot, uma religiosa de idade, natural de Alençon que entrara na Visitação de Mans, enviava para o Carmelo as suas condolências nestes termos: "Que santos pais os vossos! A Senhora Martin, enérgica, heróica, era bem digna irmã da nossa sempre chorada Irmã Maria Dositeia: e o marido, um santo como já se não vêem muitos! Que modelo de casal, que assiduidade no trabalho e na oração!"

A família Guérin sentiu profundamente o golpe. O Sr. Guérin exprimia o seu pensamento, sob o véu da alegoria, nesta passagem duma carta dirigida à Irmã Maria do Sagrado Coração:

"Deus mostrou-me um dia uma velha árvore ornada de cinco belos frutos que estavam a amadurecer e ordenou-me que a transplantasse para o meu jardim. Obedeci. Os frutos amadureceram sucessivamente. O Menino Jesus, como se conta em uma lenda da fuga para o Egipto, passou cinco vezes e fez um sinal; a velha árvore curvou-se amorosamente e de cada vez, sem murmurar, deixou cair, um dos frutos nas mãos do Deus Menino. Que espectáculo admirável o daquele moderno Abraão! Que grandeza de alma! Ao lado desse homem somos apenas pigmeus!"

Ao voltar à Quinta da Musse, em Maio de 1895, Maria Guérin escreveu à prima Celina que também já tinha entrado no Carmelo:

"Apenas desci da carruagem fiz a minha peregrinaçãozinha ao quarto do meu tio, e lá foi uma abundância de recordações. Tomei a ver tudo... Embebi-me na ideia de que ali, naquele aposento, se realizara uma coisa tão alta. Que ali o meu tio vira Nosso Senhor e fora tão bem recebido por Ele. Parecia-me que também ia ver alguma coisa do Céu e meditando no juízo particular, o meu tio inspirou-me este pensamento: "Não julgueis e não sereis julgados".

No aniversário da morte terá as mesmas impressões:

"Não posso passar diante deste aposento que não me sinto dominada, sem intervenção minha, por um sentimento sério, calmo, que me fala do outro mundo e me enche a alma. Acontece-me isto muitas vezes e sem qualquer preparação da minha parte; sinto-me apanhada, é o termo exacto. Não sei porquê, mas este aniversário, triste em si mesmo, não me causa nada esse efeito. É tão evidente que o meu tio entrou nesse dia no Céu, que é antes um sentimento de felicidade que experimento ao pensar na sua libertação. Como ele é feliz agora, mas que bem o mereceu!... Tenho tenção de lhe pedir amanhã muitas graças e tenho a certeza de as alcançar nesse dia.

Se nos recordamos dele, tendo bem gravado no espírito o seu belo rosto calmo que exprimia uma felicidade tão serena, é impossível não sermos levados a amar a Deus" (1).

Mas era à querida Santa que competia fazer o supremo elogio do extinto. Escreveu ela à Leônia: "Não pensas, como eu, que a morte do nosso pai bem amado nos aproximou do Céu? E à Celina:

(1) Não conviria comemorar, no próprio lugar onde acabara os seus dias, a memória daquele que Bento XV, no seu discurso de 14 de Agosto de 1921, para a promulgação do decreto sobre a heroicidade das virtudes de Santa Teresa chamaria um "verdadeiro modelo dos pais cristãos"? A 11 de Maio de 1899 as famílias Maudelonde e Guérin, como tivessem todos os filhos colocados, venderam, de comum acordo, a propriedade da Musée que passou por várias mãos e veio a tornar-se, em 1932, um grande sanatório aberto às vítimas da tuberculose. Com autorização da Direcção do Estabelecimento, em Julho de 1938 foi erigido ao lado do Solar, dominando de costas o vale do Iton, um busto representando o Senhor Martin tendo junto de si a Teresinha, com o rosto suavemente inclinado para ele.



O Sr. Martin no leito de morte (29 de Julho de 1874)

"A tua pesca milagrosa comoveu-nos docemente. Como estas pequenas delicadezas nos dão a impressão de que o nosso querido pai está junto de nós! (1) Após uma morte de cinco anos, que alegria encontrá-lo sempre o mesmo, procurando como antes meios de nos ser agradável. Oh como retribuir à sua Celina os cuidados de que ela o rodeou! Foi ela que em tão pouco tempo facilitou a tua vocação; agora que é puro espírito é-lhe coisa fácil ir ter com os sacerdotes e com os bispos, e por isso teve menos dificuldades para a sua Celina do que para a sua Rainhazinha". (2)

É no capítulo oitavo da *História duma Alma* que Teresa conta em termos deliciosos a acção póstuma do Sr. Martin a favor da sua valorosa enfermeira que, liberta de todos os laços, apenas aspirava a voar para o Carmelo:

"Meus Deus! As dificuldades pareciam invencíveis. Um dia, como as coisas se embrulhavam cada vez mais, disse a Nosso Senhor depois da Sagrada Comunhão: "Ó meu Jesus, Vós sabeis quanto desejei que a provação de meu pai, lhe servisse de purgatório. Oh! como eu queria saber se os meus desejos foram atendidos! Não Vos peço que me faleis!, peço apenas um sinal: Vós sabeis a oposição que faz a Irmã X... à entrada de Celina; pois bem: se ela deixar de pôr obstáculos será essa a Vossa resposta, por meio da qual me direis que o meu pai foi direito para o Céu".

"Ó misericórdia infinita! Ó condescendência inefável! Nosso Senhor, que tem na mão os corações das criaturas, e os inclina como quer, mudou as disposições daquela Irmã. A primeira pessoa que encontrei logo depois da acção de graças foi ela mesma; ela é que me falou, com as lágrimas nos olhos, da entrada da Celina, manifestando-me o mais vivo desejo de a ver entre nós! E não tardou que o Senhor Bispo, cortando as últimas dificuldades, vos permitisse, minha Madre, abrir, sem a menor hesitação as nossas portas à pombinha exilada".

Para quê enriquecer com novos testemunhos o elogio fúnebre do Sr. Martin? Haverá mais alta prova de predestinação do que esta misteriosa sobrevivência atestada pela voz de uma Santa?

(1) Celina passou o dia em Luc-sur-Mer com a família Guérin e trouxera peixe ao Carmelo, como fazia o Senhor Martin.

(2) Carta à Celina de 19 de Agosto de 1894.

CAPÍTULO XV

A GLORIFICAÇÃO DE UM LAR ABENÇOADO

O DESTINO DA FAMÍLIA
A HERANÇA ESPIRITUAL CONFERIDA A TERESA
A SOLIDARIEDADE FAMILIAR NA BUSCA DE DEUS
NO APOSTOLADO - NO SACRIFÍCIO
A COMUNHÃO NA GLÓRIA

A glória póstuma dos pais consiste na expansão sobrenatural da descendência. Sob este aspecto onde há aí lar mais abençoado que o do Sr. Martin e esposa? "Todo o ninho foi abençoado por causa deles, dizia-nos Celina. De tantas avezinhas, não deixaram perder nenhuma".

Como vimos, ela própria fez a experiência da mediação paterna quando, terminada a sua missão filial, quis juntar-se às irmãs, no Carmelo. O intransigente Cônego Delacroix que havia jurado impedir a todo o custo aquele "escândalo" de uma família inteira reunida no mesmo convento, súbitamente mudou de sentimentos. O mesmo se deu com certas religiosas, cuja oposição parecia dever ser irredutível. Em resumo, a 14 de Setembro de 1894, a jovem inaugurava o seu postulante; no dia 5 de Fevereiro do ano imediato recebia o hábito, com o nome de Irmã Genoveva da Sagrada Face e de Santa Teresa; a 24 de Fevereiro de 1896 fazia a Profissão e a 17 de Março do mesmo ano, estando presente Monsenhor Hugonin, o P. Ducellier, Deão de Trévières, pregava na cerimónia da sua tomada de Vêu.

Teria sido atendido o desejo da Senhora Martin? "Todas as suas filhas religiosas!". Leônia continuava no mundo, aflita pelo terceiro insucesso. O regime de excessiva autoridade imposto por uma Superiora demasiadamente apegada à estrita observância, dera em resultado fazê-la sair da Visitação de Caen, em Setembro de 1895, com todas as companheiras de noviciado. Paternalmente recebida pelo seu tio Guérin, que acabava de consagrar a Deus a sua filha, Maria, ela dominara a primeira impressão de espanto e organizara à margem das obrigações de sociedade, uma vida quase conventual, esperando a ocasião propícia de retomar o voo para o mosteiro. As cartas em que exprime as suas decepções e

esperanças, têm qualquer coisa de pungente. Quando pensamos no que fora outrora a alma dominada agora por uma nostalgia divina, não podemos deixar de ver nela, a obra-prima da educação dos pais Martin. Formar um coração de santo constitui para os pais um êxito de prestígio que lhes conquista as homenagens da posteridade. Aos olhos de Deus não será um resultado ainda mais definitivo, uma vitória mais autêntica, ter orientado um carácter rebelde e despertado o fervor num terreno juncado de ervas bravas? Leônia foi, na verdade, a conquista colectiva da família. Tudo concorreu para a sua conversão: a oblação suprema da mãe, a paciência do pai, as orações de toda a casa: como se o facto de a saberem "atrasada" no caminho da perfeição representasse para todos uma espécie de mal-estar. No declinar da vida, Teresa segredava à Irmã Maria do Sagrado Coração: "Depois da minha morte hei-de fazer com que a Leônia tome a entrar para a Visitação e fique lá para sempre". A profecia não demorou a cumprir-se. A 28 de Janeiro de 1899 a obstinada postulante transpunha outra vez os umbrais da Visitação de Caen. Caindo nos braços da Superiora, exclamava: "Estou aqui para sempre". A 30 de Junho recebia o hábito e tomava o nome de Irmã Francisca Teresa, em recordação da querida Santa recentemente desaparecida. A 2 de Julho de 1900 pronunciava os Votos.

A sua vida religiosa que se prolongaria por quarenta e dois anos viria a ser uma ardente ascensão na via da Infância Espiritual. "Teresa cultiva muito a minha alma no caminho da humildade, escrevia ela. Quanto mais elevada a vejo na glória, maior necessidade sinto de me abater. Tenho sede de desaparecer, de ser tida em conta de nada". Que poderosa graça! Quando as doenças a reduziram a um verdadeiro cadáver ambulante, foi com uma calma serenidade que ela arrostou, durante muitos anos, com esse fardo. A sua longa fidelidade foi coroada por um fim de predestinada. "Tomei-me tão pequenina, confessava ela às Irmãs Camélias, que tenho a audácia de crer que não irei ao purgatório". "É a minha extrema miséria que me dá esta confiança e penso com alegria que ao deixar os braços queridos e tão maternos da nossa estimadíssima Madre irei cair naturalissimamente nos de Jesus e da Santíssima Virgem, minha Mãe do Céu". A 16 de Junho de 1941, num derradeiro impulso de ternura, Leônia partia a juntar-se à sua família lá de cima. As religiosas do seu mosteiro veneram-na e invocam-na como uma santa.

A Irmã Maria do Sagrado Coração já a havia precedido na partida para a reunião à família do Céu. O germe da sua vocação, não cessara de crescer, com indefectível generosidade. O seu apetite de liberdade, transformara-se em amorosa servidão. "Encontrei



Imagem da Santa Teresa, Irmã Francisca Teresa, Irmã Maria do Sagrado Coração, Irmã Camélias, Irmã Maria do Sagrado Coração, Irmã Maria do Sagrado Coração, Irmã Maria do Sagrado Coração, Irmã Maria do Sagrado Coração.

Jesus entre estas quatro paredes, escrevia ela, e encontrando-o encontrei o Céu". Deslumbrada com a doutrinzinha da sua Teresa, que escrevera para ela, dum jacto, as páginas que viriam a constituir o maravilhoso capítulo onze da Autobiografia, esforçava-se por se simplificar cada vez mais. A gente pobre, os operários manuais eram os seus preferidos. Pois não se lhe metera na cabeça, — e o mais interessante é que o conseguiu — iniciar nos esplendores da doação ao Amor Misericordioso a própria Vitória, a velha e dedicada criada dos Buissonnets?

Alquebrada pelo reumatismo e tolhida de dores "a querida madrinha" conservou até ao fim, a paz da originalidade das suas saídas, a coragem sem affectação e a paixão pelas almas. Preparou-se com calma para o divino encontro a que gostava de chamar "o dia da grande misericórdia".

A 19 de Janeiro de 1940 partiu para Deus, como outrora a afilhada, beijando o crucifixo com um derradeiro: "Amo-Vos".

Será necessário alargar ainda mais este exame retrospectivo aos destinos familiares? Quantas vezes o pai doente prometera ao cunhado desforra de gratidão logo que chegasse lá acima. Cumpriu a promessa. Um selo de bênção parece ter marcado o lar do Senhor Guérin. Chamada para a vida religiosa logo na altura da primeira Comunhão, Maria, a segunda filha, ouvira o apelo do Carmelo quando Teresa recebeu o Véu. Entrou no Convento cinco anos depois e foi no dia da tomada de Véu da Celina que recebeu o hábito e o nome de Maria da Eucaristia. A 13 de Agosto de 1893 foi colocada, como postulante, sob a direcção da prima encarregada do Noviciado a título de adjunta. A paciência inalterável com que suportou crises de escrúpulos e os mais agudos sofrimentos físicos viria a consumá-la em virtude dentro de pouco tempo. Expirou a 14 de Abril de 1905, na idade de 34 anos, à maneira de uma "alma pequenina", deixando estas palavras como despedida: "Não receio a morte! Oh! que paz!... Não se deve ter medo do sofrimento... Ele dá sempre força... Meu Jesus, eu Vos amo!"

A morte da Senhora Guérin, a 13 de Fevereiro de 1900, dera a mesma impressão de suavidade. O Senhor P. Ducellier que lhe assistiu aos últimos momentos afirmava: "Sou padre há vinte e cinco anos e nunca vi receber os supremos socorros da religião com piedade tão angélica. Aquela nobre mulher quando sentiu chegar a morte apertou a si com uma das mãos o crucifixo do retiro da Primeira Comunhão da Santa sobrinha e com a outra a vela da profissão da sua filha Maria. "Meus Deus, murmurou ela num derradeiro suspiro, amo-Vos e ofereço-Vos a minha vida pelos Sacerdotes como a minha Teresinha do Menino Jesus".

Quanto ao Senhor Guérin inscrevera-se entre os terceiros do Carmo e ficara a fazer as vezes e ocupar o lugar do Senhor Martin,

Jesus entre estas quatro paredes, escrevia ela, e encontrando-o encontrei o Céu". Deslumbrada com a doutrinzinha da sua Teresa, que escrevera para ela, dum jacto, as páginas que viriam a constituir o maravilhoso capítulo onze da Autobiografia, esforçara-se por se simplificar cada vez mais. A gente pobre, os operários manuais eram os seus preferidos. Pois não se lhe metera na cabeça, — e o mais interessante é que o conseguiu — iniciar nos esplendores da doação ao Amor Misericordioso a própria Vitória, a velha e dedicada criada dos Buissonnets?

Alquebrada pelo reumatismo e tolhida de dores "a querida madrinha" conservou até ao fim, a paz da originalidade das suas saídas, a coragem sem affectação e a paixão pelas almas. Preparou-se com calma para o divino encontro a que gostava de chamar "o dia da grande misericórdia".

A 19 de Janeiro de 1940 partiu para Deus, como outrora a afilhada, beijando o crucifixo com um derradeiro: "Amo-Vos".

Será necessário alargar ainda mais este exame retrospectivo aos destinos familiares? Quantas vezes o pai doente prometera ao cunhado desforra de gratidão logo que chegasse lá acima. Cumpriu a promessa. Um selo de bênção parece ter marcado o lar do Senhor Guérin. Chamada para a vida religiosa logo na altura da primeira Comunhão, Maria, a segunda filha, ouvira o apelo do Carmelo quando Teresa recebeu o Véu. Entrou no Convento cinco anos depois e foi no dia da tomada de Véu da Celina que recebeu o hábito e o nome de Maria da Eucaristia. A 15 de Agosto de 1895 foi colocada, como postulante, sob a direcção da prima encarregada do Noviciado a título de adjunta. A paciência inalterável com que suportou crises de escrúpulos e os mais agudos sofrimentos físicos viria a consumá-la em virtude dentro de pouco tempo. Expirou a 14 de Abril de 1905, na idade de 34 anos, à maneira de uma "alma pequenina", deixando estas palavras como despedida: "Não receio a morte! Oh! que paz!... Não se deve ter medo do sofrimento... Ele dá sempre força... Meu Jesus, eu Vos amo!"

A morte da Senhora Guérin, a 15 de Fevereiro de 1900, dera a mesma impressão de suavidade. O Senhor P. Ducellier que lhe assistiu aos últimos momentos afirmava: "Sou padre há vinte e cinco anos e nunca vi receber os supremos socorros da religião com piedade tão angélica. Aquela nobre mulher quando sentiu chegar a morte apertou a si com uma das mãos o crucifixo do retiro da Primeira Comunhão da Santa sobrinha e com a outra a vela da profissão da sua filha Maria. "Meus Deus, murmurou ela num derradeiro suspiro, amo-Vos e ofereço-Vos a minha vida pelos Sacerdotes como a minha Teresinha do Menino Jesus".

Quanto ao Senhor Guérin inscrevera-se entre os terceiros do Carmo e ficara a fazer as vezes e ocupar o lugar do Senhor Martin,

como grande benfeitor da Comunidade. Tendo abandonado os negócios e encontrando-se de posse duma grande fortuna, o corajoso lutador sustentava escolas livres, aguentava o jornal católico da região e, auxiliado pelo genro, contribuía com o esforço da sua pessoa, com a palavra e com a pena, para sustentar os primeiros assaltos dados às ideias religiosas pelo anticlericalismo. Também ele veio a morrer santamente, a 28 de Setembro de 1909, aos sessenta e nove anos.

Depois do desaparecimento do Dr. La Néele, em 1916, e da esposa Joana Guérin, em 1938, não restavam outros sobreviventes do círculo íntimo dos Buissonnets e da Praça Thiers senão a Madre Inês de Jesus e a Irmã Genoveva da Sagrada Face, as duas mais preciosas testemunhas da existência de Teresa, Paulina, a "Mãezinha", Celina, "o eco fiel da sua alma".

* * *

Aos múltiplos capítulos desta história duma família, com tantas páginas dramáticas ou sorridentes, era indispensável um epílogo que assumisse carácter de apoteose. Este adveio-lhe envolvido nas cambras do derradeiro berço.

Dá vontade de sorrir ver os esforços realizados por um grupo atrasado de volterianos para apresentarem a taumaturga do Carmelo como uma criação artificial de publicidade ultra-moderna. A dar-se-lhes crédito, foi lançada uma "mística" em Lisieux, como quem lança uma estrela em Hollywood ou uma vedeta nos estúdios da Côte d'Azur. Nem vale a pena aludir a tais misérias. Mas não é menos necessário desconfiar de certas explicações demasiadamente simplistas, embora respeitadas e de evidente boa fé, que apresentam a santidade como uma improvisação da Providência. Verificar-se-ia aqui a "geração espontânea" com todas as suas maravilhas?

Os factos pesados objectivamente, depõem todos contra tais asserções. Na ordem da graça, como na ordem natural, embora mais livremente, visto pertencer, em suma, a última palavra ao livre arbitrio, a lei de solidariedade manifesta os seus misteriosos encadeamentos. . . Atinge o cume na imensa comunhão dos Santos. Quantos canteiros cultivados esmeradamente, para virem a produzir a flor de eleição! Para que uma alma triunfe na ascensão da montanha, quantos prelúdios de tentativas fracassadas a meia encosta! A não ser por uma excepção em que a soberania da intervenção divina se faça sentir, é em grupos que se atingem os cimos; digamos mais exactamente: é em família.

Teresa não é uma criatura de lenda emergida subitamente da bruma para alumiar os caminhos dos homens. É uma rapariga da nossa terra. O fruto é tanto mais apurado quanto mais robusta e sã fôr a árvore. Ela mesma o declara com graça neste comentário

do seu brasão: "A árvore verdejante é a família bendita no seio da qual a florinha cresceu" ou nesta apreciação a respeito dos pais: "Deu-me Nosso Senhor um pai e uma mãe mais dignos do Céu que da terra". Como não evocar, a propósito, o aviso profético renovado outrora pela Irmã Maria Dositeia, por ocasião de cada um dos lutos da Senhora Martin? "A medida das tuas penas há-de ser a medida das consolações que te estão reservadas; porque enfim, se Nosso Senhor, contente contigo, quizer dar-te aquele grande Santo que tanto desejava para glória Sua, não ficarás bem recompensada?".

A santidade de Teresa é o apogeu duma geração inteira, num esforço contínuo de aperfeiçoamento. A hereditariedade conferiu-lhe, com a chama espiritual e o instinto cavalheiresco que brilhavam nos olhos paternos, o perfeito equilíbrio, a solidez de juízo, a prudência nunca desmentida que caracterizavam a Senhora Martin e que foram tão necessários à "Doutora" do caminho da infância.

Nascida em nono lugar numa família que a provação visitara já muitas vezes, encontrou ali, no estado de tradição inata, o espírito de dedicação e de sacrifício. Tem-se acentuado frequentemente que não é devido ao puro acaso o facto de os santos nascerem, as mais das vezes, no seio de famílias numerosas. Não há escola melhor para temperar a coragem e para fomentar o espírito de dedicação.

A educação completou os dotes que vinham de nascença. Para aperfeiçoar-lhe a fisionomia moral a educação concorreu maravilhosamente. Eram todos à porfia. A mãe concorreu com a exactidão de "toques", com a firmeza de traços, com a admirável utilização das potências afectivas. Teresa para ser um dia mestra de novicas excepcional não necessitava senão de lembrar-se das qualidades de educadora da mãe.

O pai instruiu a sua "Rainha" nos segredos da união com Deus. Paulina dirigiu-lhe a infância antes de orientar o seu voo para o convento. Maria preparou-a com respeito para a primeira comunhão, acalmou-lhe as angústias da adolescência, provocou-lhe as confidências no princípio da vida religiosa. Leônia incitou-a à suprema generosidade, quando, em plena crise de vocação, chamou em seu socorro o apoio espiritual da Irmã. A Celina participou nos seus ímpetos de amor e, também desejosa de imolação total, sujeitou-se a tudo para lhe permitir a entrada no Carmelo, aos quinze anos. Até mesmo os quatro anjinhos a ajudaram com os seus esforços, libertando-a, a seu pedido, da crise de escrúpulos que havia muito vinha atravessando. As lições do Breviário traduzem a realidade exacta, quando, exaltando-lhe o heroísmo das virtudes, associam no elogio toda a família em cujo seio se lhe desenvolveu a alma.

* * *

Quem poderá admirar-se, então, de encontrar na doutrina da nossa Santa os princípios que regulavam a vida do lar, sintetizados, aprofundados, amadurecidos pela contemplação interior? É verdade que ela pôde afirmar a respeito do seu caminho de amor: "Foi só Jesus que me instruiu; nenhum livro, nenhum teólogo me ensinou... Não recebi incentivo de ninguém a não ser da Madre Inês de Jesus". Continua porém a ser exacto que Deus utilizou as causas segundas no cumprimento dos Seus designios e que a vida ideal de família que a cercara predispuera Teresa para realizar plenamente aquela transcendente vida de família que, na companhia das três Pessoas Divinas, banha a alma fiel. Mostrar a preparação longínqua que o seu pensamento recebeu no colo de um pai e de uma mãe que foram verdadeiramente santos, não é atenuar a originalidade divina desse pensamento.

Aquela que havia de revelar-nos "o ascetismo da pequenez" sentiu a doçura de ser em casa a nona filha, a última, a benjamina. Sem a estragarem enchiam-na de mimos; devoravam-na com beijos; acorriam em socorro da sua fragilidade; entemeciam-se com aquela graça delicada. Sentiu profundamente o prestígio de tal fraqueza. A lição não foi desaproveitada. Transposta para o plano sobrenatural ensinou-a a reconhecer a própria incapacidade e a amar o seu nada. Foi porque o viveu pessoalmente que Teresa compreendeu, por intuição, através dos versículos do Evangelho, o soberano poder da infância.

Para se abrir à confiança, que é o âmago profundo da sua doutrina, ela não precisou de fazer mais nada do que elevar à potência infinita do Coração do Pai Celeste o que ela via de bondade no coração dos pais. Francisco de Assis foi lançado para os braços de Deus pela maldição que lhe impediu o acesso à casa da família. Perseguido, deserdado, repellido pelos seus, procurou asilo mais alto: "Até aqui chamei pai a Pedro Bernardote; de agora em diante direi: Pai nosso que estais no Céu". Teresa atingiu as mesmas alturas, por uma experiência diametralmente oposta. O Senhor Martin era, para ela, a encarnação viva da condescendência. Tudo esperava dele: perdão, apoio, impulso. Saboreia com delícias os extremos de carinho que lhe prodigava. Se a temura dum homem é assim, que será a caridade sem limites d'Aquele de quem Tertuliano dizia: *Nemo tam Pater*: "Ninguém é tão pai como Ele?".

Esta indução do coração é duma lógica invencível. Viria a fazer da "Rainhazinha" a teóloga e a mártir do Amor Misericordioso. A Carmelita havia de exclaimar: "Deus, meu bom pai".

com a mesma expressão com que, pequenita, se dirigia ao seu "querido Rei". Para ela a oração não seria uma coisa muito complicada, um jacto de belas frases ou de grandes pensamentos. Entretinha-se com Nosso Senhor como outrora conversava com o Senhor Martin na solidão do Mirante ou nos prados ao longo da ribeira de Touques. "Digo a Nosso Senhor, muito simplesmente, tudo o que Lhe quero dizer e Ele compreende-me sempre". Chorava de emoção quando meditava o *Pater Noster*. "É tão doce chamar Pai a Nosso Senhor!" Celina afirmou em depoimento que "ela amou Nosso Senhor como uma criança ama o Pai, com requintes de temura inacreditáveis". Serviu-se até da provação que obscureceu a fronte paterna para se perder cada vez mais no abismo do Eterno Amor. "Nosso Senhor roubou-nos aquele a quem amávamos com tamanha temura; não será para que possamos dizer verdadeiramente: "Pai Nosso, que estais no Céu?" Muito consoladoras são estas divinas palavras! Que horizontes elas abrem aos nossos olhos!" (1)

O abandono é o fruto espontâneo desta confiança sem limites. Teresa exercitou-se nele sob a direcção dos seus. A primazia da Vontade Divina, a adesão alegre aos seus desejos constituíam, como acentuámos na devida altura, o próprio fundamento da espiritualidade da rua de S. Brás e dos Buissonnets. Esta serenidade na provação, esta recusa a discutir os direitos de Deus, este horror da crítica e do azedume, numa palavra, este propósito de adorar em tudo o plano providencial e de se curvar, sem compreender, ante as suas mais árduas exigências, que preparação para a obediência tratando-se de uma alma maleável e dócil!

Juntamos a esta lição directa as reflexões inspiradas à criança pela absoluta dedicação que os pais lhe consagravam. Revia-se em lembranças ao fundo da escada, tentando em vão subir o primeiro degrau, ou em frente do baloiço onde pretendia instalar-se depressa. O pai e a mãe, acorrendo ao apelo dela, comoviam-se diante do seu pesar e, pegando-lhe ao colo, faziam-na transpor imediatamente o obstáculo. Que felicidade ser pequenina para merecer assim tanta solicitude! Não consistirá a prudência na entrega sem resistência ao amplexo dos entes queridos? E foi este o ponto de partida da parábola do ascensor divino, agora clássica. O abandono, entrega da personalidade total ao Amor Soberano, conduz, tarde ou cedo, à santidade eminente. Jesus atrai a Si a alma já toda entregue que n'Ele confia.

Em troca desta intervenção decisiva Jesus exige apenas uma coisa: é que a criancinha se engene toda em Lhe agradar.

(1) Carta à Celina, de 26 de Abril de 1891.

Não é que seja necessário buscar anoso sacrifícios eminentes, formar sonhos heróicos e gastar-se em penitências. Teresa tinha ideias bem assentes a este respeito. A filosofia dela era já muito antiga: remontava aos seus primeiros passos. Desde a idade de três anos que lhe fizeram passar o seu "rosário de práticas" pelo dia fora. Ensinaram-na a proceder por amor e disseram-lhe que um "nada" rodeado de temura, cativa mais o Coração de Jesus do que um rasgo espectacular. Quantas vezes ela não viu o Senhor Martin afinar um relógio, a Senhora Martin "ligar" o seu Ponto de Alençon, com a precisão, a paciência, a preocupação do pormenor que fazem os trabalhos de arte! Esta amorosa aplicação em fazer de tudo uma obra-prima tinha-a ela, por assim dizer, no sangue, com a desconfiança instintiva do penacho, o horror da gabarolice, o desprezo da vaidadezinha.

O realismo cristão que doirava de luz divina os dias tranquilos da sua infância havia de impregnar um dia a sua existência de Carmelita, para a elevar até o heroísmo. No seio da família é que se forma aquela aptidão para fazer as coisas ordinárias de modo extraordinário. Ali é que lhe foi revelado aquele talismã a respeito do qual ela escrevia uma vez à prima Maria: "Pedes-me um meio para chegar à perfeição? Só conheço um: o amor". Foi na família que ela adquiriu aquela maneira encantadora de exprimir por imagens, por comparações concretas, em vocábulos regionais, os mais altos segredos da união divina. Assim como Paulina lhe explicava, por meio do confronto entre o dedal dela e o copo do pai, a desigual e plena saciedade dos eleitos, assim lhe bastaria uma bola, um pião, um kaleidoscópio para abordar e esclarecer, nos seus mais árduos aspectos a economia do reino de Deus. Até ao último suspiro sentir-se-ia pairar no seu espírito e na sua conduta como que uma projecção longínqua das cenas íntimas do lar.

A própria *História duma Alma* é a fotografia exacta da vida que levavam os nossos heróis. Uma noite de Dezembro de 1894, no decorrer dum recreio com a "mãezinha" e a madrinha, Teresa evocava as recordações do passado. A Irmã Maria do Sagrado Coração achou-lhes tanto encanto que insistiu com a Madre Inês de Jesus para que a mandasse pôr por escrito aquela narrativa. A Madre Priora deixou-se convencer e a 20 de Janeiro de 1896, dia da sua festa, a jovem entregou-lhe as humildes folhas manuscritas que constituiriam os oito primeiros capítulos da autobiografia. Quando a tuberculose minava já a pouco e pouco a Santa, a Madre Maria de Gonzaga, a instâncias da Madre Inês de Jesus, ordenou-lhe que retomasse a pena para contar as suas impressões do claustro; e escreveu os capítulos IX e X que comentariam, transposto para o ambiente conventual, o preceito mais querido do Senhor Martin, a caridade para com o próximo.

Em Setembro de 1896, vendo que a afilhada declinava dia a dia e pressentindo o seu destino glorioso, a Irmã Maria do Sagrado Coração, num bilhete enternecedor, solicitou-lhe as suas últimas palavras, *Ultima verba*:

Minha querida Irmãzinha:

"Escrevo-lhe, não porque tenha alguma coisa para lhe dizer, mas para ter alguma coisa de si, de si que está tão perto de Nosso Senhor, de si que é a Sua esposazinha privilegiada, a quem Ele confia todos os segredos... Os segredos que Jesus diz a Teresa são muito lindos e eu gostava de os tomar a ouvir. Escreva-me uma palavrinha. Talvez seja o seu último retiro, porque "o cacho dourado de Jesus" deve despertar-lhe o desejo de o colher; a Teresinha deve tentar a valer Jesus e Maria, o pai e a mãe, os quatro anjinhos e todos os Santos do Céu a quem tomou por parentes.

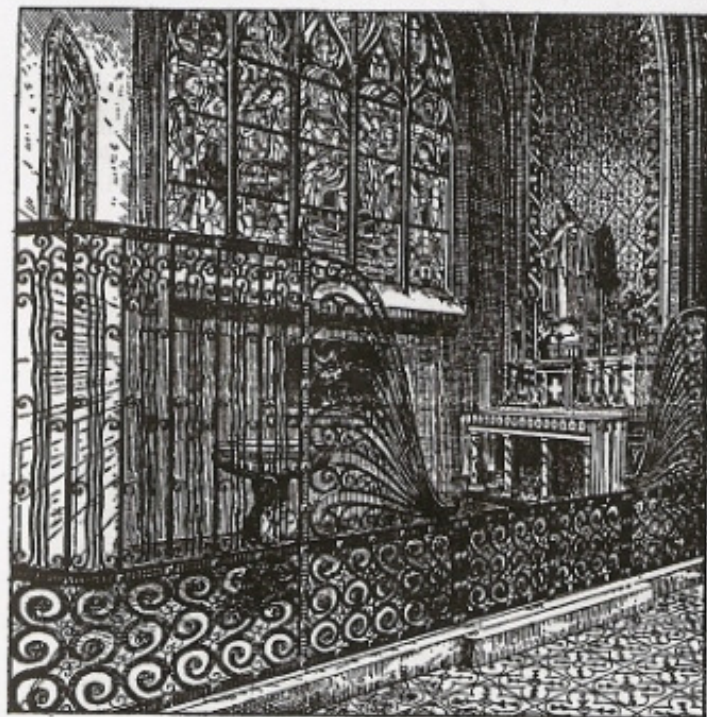
Peça a Jesus que me ame também como à sua Teresinha. Ah! a Teresinha! como ela cresceu tanto, apesar de ser sempre a pequenina, a mais nova, a amimada, que Jesus leva pela mão (como o pobre paizinho antigamente)..."

A resposta chegou na volta do correio, como a Madre Priora autorizara. Era a exposição do Caminho de Infância, jóia sem rival nos anais da santidade, que forma a sublime conclusão da autobiografia.

Ao ler essas páginas incandescentes, a irmã mais velha experimentou como que um sentimento doloroso, por se encontrar tão longe, tão longe de tais alturas. Poderia ela na sua pobreza, aspirar a subir tão alto? Uma carta de 16 de Setembro confiou a Teresa, em termos de profunda humildade, tais angústias e escrúpulos. Logo no dia seguinte outra carta levava-lhe a esplêndida confirmação, aquele grito de fé apaixonada na Infinita Misericórdia que tranquilizou a querida madrinha e havia de abrir às almas consciências da sua indigência os horizontes da perfeição: "O minha querida irmã, peço-lhe que compreenda a sua filhinha. Compreenda que para amar a Jesus, para ser a Sua vítima de amor, quanto mais fraco e miserável se é, sem desejos nem virtudes, tanto mais disposto se está para as operações do Amor que abrasa e que transforma". (1)

(1) Carta à Madre Maria do Sagrado Coração, 176.* na colecção das "Cartas de Santa Teresa do Menino Jesus" que serão brevemente editadas pela Livraria Apostolado da Imprensa.

A *História duma Alma* de que a carta de 17 de Setembro de 1896 é apenas um suplemento explicativo, constitui na verdade, como é evidente, um documento de carácter familiar. O livro prodigioso que suscitaria tantas conversões, que orientaria tantas vocações para Cristo e que havia de figurar entre os mais extraor-



Baptistério actual da Nossa Senhora de Alençon.

Abaixo do vitral que representa várias cenas da vida de Santa Teresa do Menino Jesus, vê-se através do contraforte da grade, o relicário com reliquias da santa e no muro, no alto, à esquerda, a vitrina com uma parte importante do seu vestido de Baptismo.

dinários êxitos de livraria, foi apenas, inicialmente, um punhado de confidências e de conselhos recolhidos à cabeceira duma enferma, pelas irmãs ávidas de a escutarem. Sonhou-se muitas vezes com pintar um quadro ideal da família francesa. Para quê procurar mais? As nossas avós de costumes simples e puros, responderiam sem hesitar: a *História duma Alma* é esse quadro.

Teresa não é apenas "doutora", é também "apóstola"; e foi no lar que ela recebeu a primeira inspiração para o apostolado. O Sr. Martin e a esposa tanto rezaram para obterem de Deus um padre, um missionário! A *Propagação da Fé* era a sua obra preferida. Assim como aprendeu na sua escola a aliviar os pobres e a "não julgar", a "Rainhazinha" instruiu-se junto deles naquela forma eminente de caridade que é a sede de irradiar a Cristo. Não esquecera os sacrifícios a que se sujeitavam em casa pela conversão dos pecadores. Disseram-lhe — e ela imitou o gesto — que a mãe fizera o acto heróico a favor da Igreja padecente do Purgatório. Recordava-se do seu entusiasmo juvenil quando obteve *in extremis* "a graça" para Pranzini. A sua Priora permitia-lhe que mandasse celebrar todos os anos uma missa pelo mais velho dos seus "resgatados". É o meu primeiro filho, dizia ela; depois das loucuras que fez, deve precisar bem dela!

Entrou para um daqueles mosteiros cheios de zelo, como os queria a Seráfica Teresa, onde o zelo da glória de Deus galvaniza, nas almas fervorosas, o espírito de oração. Havia mais de meio século que a tradição missionária estava em honra no mosteiro. Em 1849 Monsenhor Lefebvre, Vigário Apostólico na Cochinchina, da prisão de Hué, onde sofria a pena da canga e esperava a execução da sentença que o condenava ao "suplício das cem chagas" transmitiu à Comunidade de Lisieux a sua intenção de instaurar a vida contemplativa na cristandade incipiente. A Madre Genoveva de Santa Teresa, com magnanimidade sobrenatural, concordou com os seus planos. A perseguição que atingiu o paroxismo no tempo do Imperador Tu-Duc, estorvou, durante muito tempo, a execução do projecto. Mas agarraram-se a ele obstinadamente. No dia 1 de Julho de 1881 a Irmã Filomena da Imaculada Conceição, professa de Lisieux, embarcava em Marselha com três companheiras. Em 15 de Outubro fundava em Saigon o primeiro convento, donde saíam em seguida todos os Carmelos do Extremo Oriente.

Teresa, cuja imaginação tinha palpitado tantas vezes ante as narrativas dos "desbravadores do sertão" e dos mártires, e que se encerrara na clausura apenas para melhor os auxiliar nas conquistas, conservava no fundo do coração, uma espécie de anseio irrealizável, mas obsediante, o velho sonho de seus pais. Queria ter um irmão Padre e Missionário. A 8 de de Setembro de 1890, no momento de emitir os votos, suplicou ao Céu que lhe desse "uma vocação". Ora dois anos antes da sua morte a obediência entregou-lhe dois irmãos espirituais, o P. Roulland, das Missões Estran-

geiras, cujo ideal, indeciso por momentos, se sentira bruscamente fortalecido no próprio dia da Profissão da nossa Santa, e o P. Bellière, então seminarista de Bayeux, que se preparava para entrar no Instituto dos Padres Brancos. Foi para a nossa freira uma alegria estimulante. "Se, como creio, escrevia ela ao P. Rolland, o meu pai e a minha mãe estão no Céu, devem olhar e abençoar o "irmão" que Jesus me deu. Tinham desejado tanto um filho missionário! Se tivessem penetrado o véu do futuro, teriam visto que o seu desejo seria realizado por meio de mim".

A profecia havia de realizar-se num sentido ainda mais lato do que Teresa concebia nesse tempo. A sua vocação missionária, desenvolveu-se. Pregou o mapa de Su-Tchuen, na parede da sala onde trabalhava. Pintou, para mandar ao "irmão", uma imagem que representa o Sagrado Coração derramando da Sua Chaga, gota a gota, sobre o mundo culpado, o orvalho redentor, e acrescentou-lhe esta invocação em letras douradas: "Ó Sangue divino de Jesus! banhai a nossa Missão, fazei germinar os Eleitos". Devorou a vida do Padre Nempon. Leu a do Beato Teófilo Vénard e contraiu uma verdadeira amizade pelo doce mártir. Não tardou que pensassem em a mandar para o Carmelo de Hanoi. Esta perspectiva excitou-lhe o fervor durante algum tempo. Mas, escrevia com graça, "para isso era preciso que a bairra estivesse tão sólida como a lâmina e possivelmente a bairra teria de ser lançada ao mar antes de chegar ao Tonkin". Que importava? Deus cumulará sempre os seus "imensos desejos". "Se eu for depressa para o Céu, escrevia ela ao Padre Rolland, hei-de pedir licença a Nosso Senhor para o ir visitar ao Su-Tchuen e continuaremos juntos o nosso apostolado".

Um distrito era muito pouco para a sua ardente paixão. Dentro em pouco havia de "baixar" sobre todos os continentes e nas ilhas mais perdidas, deixando cair a sua "chuva de rosas". A Igreja encarregou-a, a par de Francisco Xavier, da guarda de todas as terras infieis. A este protectorado universal das Missões longínquas confiado por Pio XI, acrescentou S. S. Pio XII, a 5 de Maio de 1944, um patronato oficial sobre essa nova "Terra de Missão" que é hoje a França. (1) O Senhor Martin e a esposa

(1) Sabo-se que o Papa Pio XI havia já proclamado a Santíssima Virgem, sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção, padroeira principal da França, e Santa Joana de Arc padroeira secundária. O novo patronato conferido a Santa Teresa acentua a vocação missionária da "Filha mais velha da Igreja", que deve, segundo o voto de Pio X (alocução de 29-11-1911) "levar como outrora o nome de Cristo a todos os povos e a todos os reis da terra".

devem ter estremecido de ventura na eternidade. A sua expectativa não fora iludida. Dando todas as filhas ao Senhor, tinham renunciado à esperança duma posteridade segundo a carne. A Providência concedia-lhes, como gloriosa recompensa, uma posteridade segundo o espírito que faria abençoar a sua memória de geração em geração.

...

Abordamos nesta altura o aspecto mais elevado da estreita solidariedade que liga a irradiação de Teresa ao calvário dos pais. Evocando o testemunho das vítimas da guerra mundial e o peso que representa no destino da França. Tiago Debout, o poeta das *Mortes Fecundas*, exclamava:

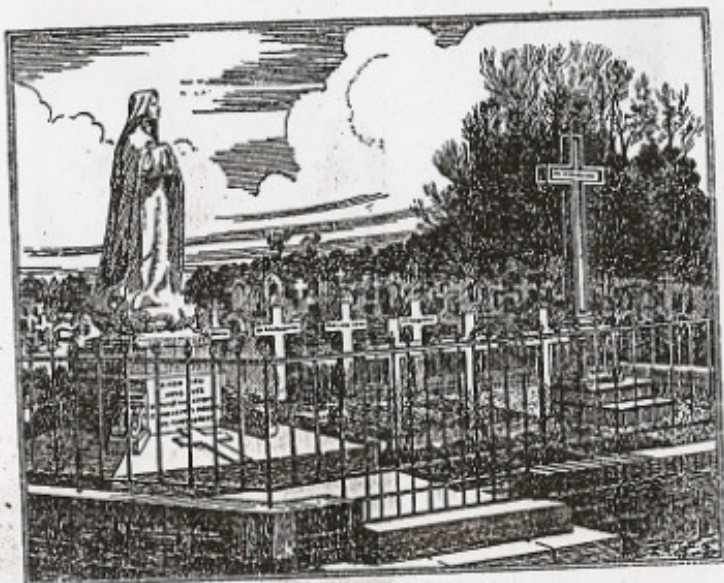
*Olhos cerrados... outros se hão-de abrir...
Como junto do carvalho derrubado
Novo rebento na terra hã-de florir.
Depois da noite é necessária a aurora,
E se a tumba reclama novo berço,
É porque a morte pela vida chora.*

A estrofe, visando apenas a necessidade de vivificar a raça após uma terrível hemorragia, limita-se a um patriótico apelo às responsabilidades familiares. No sentido sobrenatural a fórmula é exactíssima. Define uma lei intangível da economia da graça. Sem efusão de sangue, não há Redenção" escreveu o Doutor das Gentes! Para viver de Deus, para comunicar a vida divina é indispensável morrer a si. A seara das almas tem por prelúdio inevitável: O triste e longo sono da semente lançada à terra, e mais que isso, a destruição da semente, a sua corrupção, o seu aniquilamento. Foi o próprio Cristo que empregou esta imagem. Tornemos a observar a esta luz, o panorama grandioso do apostolado da "Rainhazinha". Ela teria de ensinar aos tempos modernos o Caminho da Infância espiritual, ela devia ser a mãe de uma legião de vítimas todas consagradas ao Amor, ela devia multiplicar as suas conquistas através de todos os povos, ela devia despertar a fé na Bondade Suma. Uma tão vasta missão exigia, logo de princípio, um prodigioso capital, uma soma de imolações proporcionada à amplitude do campo de acção.

É neste ponto que se reconhece a intervenção colectiva da família Martin. A mãe contribuiu para o tesouro com a angústia dos lutos repetidos, com o esgotamento das forças à cabeceira dos seus doentes, com a renúncia de uma vida inteira, com as horribes torturas dos últimos momentos no meio de uma serenidade nunca desmentida. O pai concorria com a coragem cristã dos cinco anos de

tativa e eu então quero cantar as Vossas misericórdias!" Num dia de triunfo, a 26 de Março de 1923, o corpo abandonou estes lugares mas parece que o seu espírito flutua ainda em volta da cruz de madeira à sombra da qual repousava outrora o caixão.

No outono de 1894 haviam-na precedido ali os pais. No dia imediato à morte do pai o Senhor Guérin procedeu à exumação e transladação dos despojos mortais da esposa, dos quatro filhos



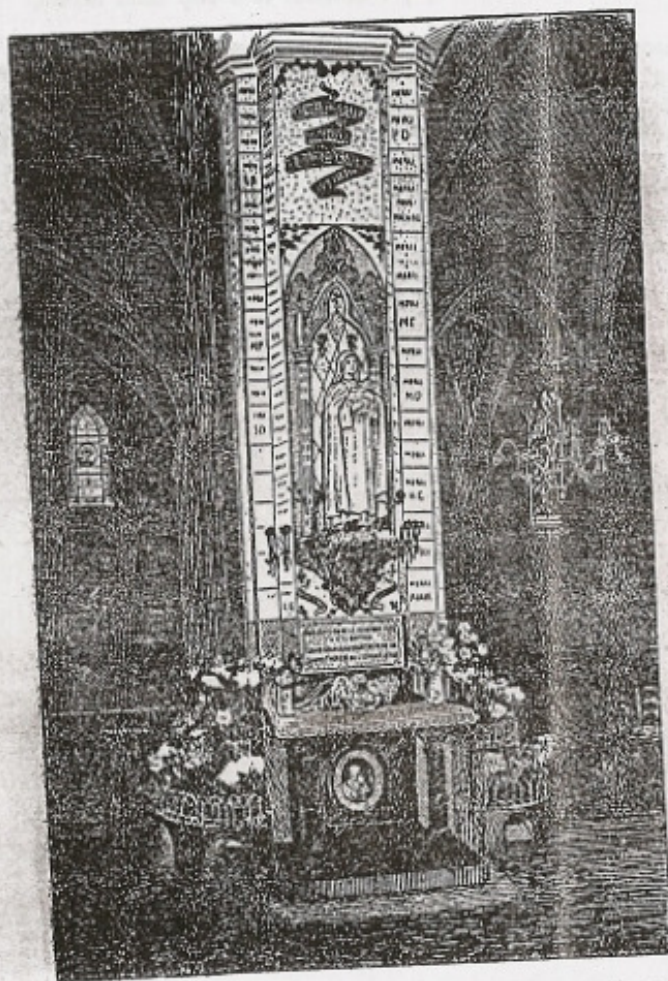
Recinto reservado das Carmelitas no cemitério de Lisieux

À direita: A humilde cruz de madeira agora encimada, que dominava neste mesmo lugar, a primeira sepultura de Santa Teresa do Menino Jesus.

À esquerda: O monumento levantado sobre o sepulcro onde repousaram as suas relíquias desde a inumação de 7 de Setembro de 1910 até à transladação das mesmas para a capela do Carmelo a 26 de Março de 1923.

desaparecidos prematuramente, da Avó Martin e do Avô Guérin, para os reunir aos do chefe da família. O monumento sepulcral que abriga a família acha-se a pouca distância do de Teresa, mas um pouco mais abaixo. É duma austeridade que infunde respeito. Sobre uma lage alteada, enquadrada por uma cadeia de ferro, ergue-se potente cruz de granito. Tuias esgulas formam-lhe grave decoração. Breves inscrições fixam o pensamento. "O Cruz Ave, Spes Unica — A Raça dos Justos será abençoada. — Aqui repousam os pais da Santa de Lisieux, Teresa do Menino Jesus".

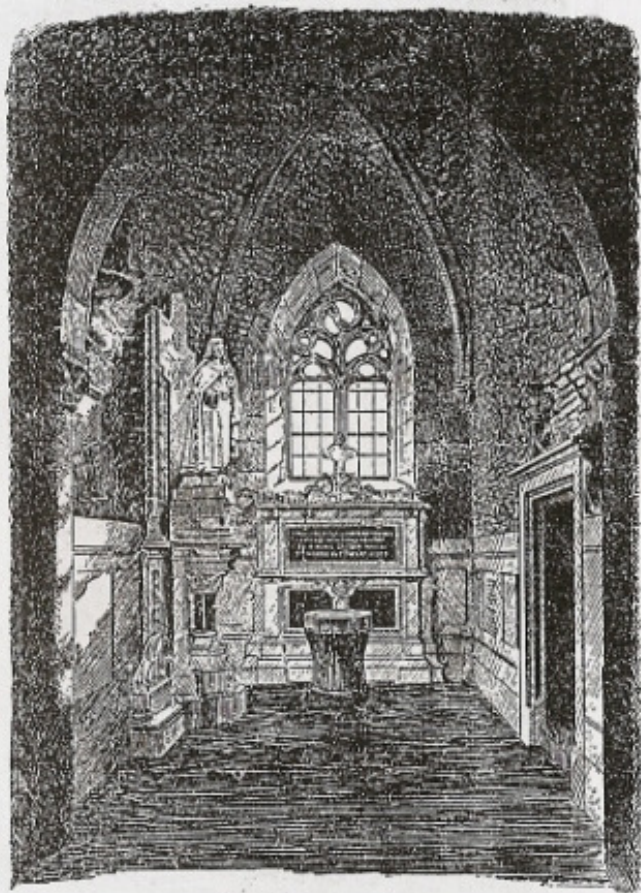
A proximidade das suas sepulturas tem algo de eloquente. É agradável associá-los numa peregrinação e meditar ali naquelas



O Sr. Martin associado à glória de sua filha santa na igreja de Santa Eulália de Bourdeus, onde fora baptizado.

linhas que Teresa enviou à prima Joana, para a consolar do seu desgosto pela entrada para a vida religiosa de uma irmã extremamente querida.

"Lembra-te de que Deus prometeu "o cêntuplo àquele-que, por seu amor, tiver deixado o pai ou a mãe ou a



Monumento de Santa Teresa do Menino Jesus no baptistério de Saint-Denis-sur-Sarthon e placa comemorativa do baptismo da Senhora Martin

irmã". Eu sei que estas palavras, habitualmente, são aplicadas às almas religiosas; contudo, no fundo do meu coração, sinto que foram dirigidas também aos pais gene-



Santa Teresa do Menino Jesus

quando em Roma, para a sua canonização, a 17 de Maio de 1725.

rosos que fazem a Deus o sacrifício de filhos a quem querem mais que a si mesmos". (1)

Depois de tantas e tão duras provas que esplêndida recompensa para o Senhor Martin e esposa! A vaga de glória que arrasta a sua benjamina submerge-os também com ela. Ao culto oficial que lhe confere a Igreja associa-se a homenagem prestada pela devoção particular aos autores dos seus dias.

O *Correio do Carmelo* atesta que a confiança dos humildes se vê atendida com frequência, como se Deus tivesse querido comunicar aos pais um raio do poder tão abundantemente concedido à filha.

A 17 de Maio de 1925, na tarde da canonização da "Rainhazinha", enquanto em Roma a fachada de Maderna e a Cúpula de Miguel Angelo, pela primeira vez desde 1870, se abrasavam com mil lumes, o mesmo ritmo de entusiasmo fez vibrar em uníssono o carrilhão de N.ª S.ª de Alençon, o sino grande de Santa Eulália de Bordéus e o tímido sino aldeão de S. Dinis-sur-Sarthon. Através destas vozes de bronze comunicavam, na alegria, a alma virginal da flor do Carmelo e as almas heróicamente fiéis dos que mereceram dá-la ao mundo.

(1) Carta à Senhora La Nécle, de Outubro de 1895.

CONCLUSÃO

AS NECESSIDADES ACTUAIS DA FAMÍLIA MODERNA AUXÍLIO QUE LHE VEM PRESTAR O CASAL MARTIN

A medida que tentávamos descrever o interior da rua da Ponte Nova, da rua de S. Brás e dos Buissonnets sentiamo-nos obcecados por uma ideia. Não se apresentaria este lar aos olhos dos nossos compatriotas como anacrónico? Não haveria quem se lembrasse de repetir a propósito dele a palavra "cárcere" que polemistas libertários ousaram aplicar outrora à união nupcial selada pelo sacramento? Um exemplo de tamanha elevação não causaria vertigens?

É um facto que os modemos julgaram libertar-se das suas cadeias atentando contra a divina architectura da família. A revolução francesa deu o primeiro golpe de picareta quando instituiu o casamento civil que nega praticamente o carácter religioso do contrato conjugal. Arrancado a Deus o edificio e entregue às mãos dos homens, não tardou que a vaga furiosa das paixões o conseguisse demolir. Até os alicerces foram atacados. Era lógico. Com que direito pretenderia um legislador humano disciplinar o mais imperioso dos instintos?

Servidão, a unidade do lar. Não será crueldade limitar a tal ponto as manifestações de sensibilidade de um coração imenso?

Servidão, a indissolubilidade do laço. Como recusar aos casais desunidos "a válvula de segurança" do divórcio?

Servidão, o próprio laço. O amor "filho da Boémia" pode admitir leis? "O teu corpo é teu", eis a fórmula do futuro.

Servidão, a prole, testemunha importuna que prejudica as evoluções sentimentais. Vamos lá, que ainda assim haja "o único" para perpetuar o nome. Mas para longe com os múltiplos nascimentos que impõem abnegação onde tudo deve ser licença!

Servidão, a educação. O Estado que a tome à sua conta. Não é ele desde João Tiago Rousseau, o pai universal encarregado da fiscalização da raça?

Servidão, a autoridade do marido. No entender de certo feminismo, as fronteiras dos sexos desapareceram. O tipo da "mulher perfeita" é doravante o do "homem falhado".

O prazer em comum, o egoísmo absoluto dos cônjuges, a aventura precária, eis o que a nova moral sem obrigação nem sanção põe no lugar do compromisso estável e do dom pessoal. Júlio Guesde dava disto a definição quando dizia impudentemente no seu *Catecismo Socialista* publicado em 1878: "Deverá conservar-se a Família? — Não, pois foi até agora uma das formas da propriedade e não a menos odiosa... Tanto o interesse da espécie como dos elementos que entram na composição da família, exigem que esse estado de coisas desapareça".

O que advém à humanidade em consequência de tais doutrinas, disseram-no os acontecimentos com brutal eloquência. Como evitar a guerra quando as riquezas amontoadas num solo despojado fazem dele simultaneamente uma tentação e uma presa inerme? Como fugir ao excesso de produção e à falta de trabalho quando o número de consumidores decresce de ano para ano? Como sustentar os velhos, os doentes, os mutilados, se não surgem os novos para garantir o render das armas? Como forjar caracteres, como encontrar chefes se o recuar perante a vida, generalizando-se, destrói a iniciativa, o gosto do risco e o espírito de empreendimento? Quando todas as pedras estão gastas e minadas por dentro pode o edifício conservar ainda durante algum tempo o equilíbrio e a fachada vistosa, mas caminha fatalmente para a ruína. Um país vale o que valerem as suas famílias. Vive da sua vitalidade e agoniza com elas. Quando estas cedem, os encarregados das estatísticas podem inscrever nos seus gráficos inexoráveis, nas suas previsões, o desmoronamento e finalmente o desaparecimento da nação.

Mas com o sacrifício da pátria, ter-se-ia ao menos conseguido a felicidade? Que é que se ganhou em aprender a arte de amar na escola das "estrelas" e vedetas que povoam o cinema, a rádio e o teatro? Na *crônica dos filmes*, nas páginas provocantes de romances de escândalos, anda o crime passionai ao lado do amor. Sobe, de todos os hospitais, a queixa lúgubre daqueles a quem um dramaturgo ousado chamava os "avariados". Regressa-se a passos largos ao paganismo em que a mulher se encontrava em situação desonrosa, escravizada à luxúria e aos grosseiros trabalhos manuais. A volúpia desenfreada devasta e obscurece o espírito. O humanismo desaparece ante a sensualidade. O sombrio destino do lar de Kark Marx não será um pálido símbolo desta desolação do lar? Das três filhas do mestre do socialismo, duas acabaram pelo suicídio, a primeira por ter suportado os maus tratos de um discípulo do seu próprio pai, para mais entusiasta de Darwin, a

segunda por ter ligado a sua sorte à de um militante francês, Paulo Lafargue que se envenenou com ela deixando estas palavras de explicação: "Morremos porque a vida já não tem alegrias para nos dar". A frase é significativa da desorientação das almas sem Deus. As alegrias expulsaram a alegria; os amores expulsaram o amor. Sob o aspecto elegante de uma civilização refinada, este mundo onde a gente se diverte, apenas serve para se morrer sufocado. Paulo Bureau reuniu no seu belo livro *A Indisciplina dos Costumes*, um dossier esmagador a este respeito. Publicou-o logo a seguir à outra guerra. Que diria ele, passados vinte e cinco anos?

Sobre os escombros do solar antigo instalou-se a estatolatria condenada por Pio XI. Fala-se hoje muito de cruzada em favor dos direitos da pessoa humana. Não será o lar o berço e o centro da vida pessoal? Arruinado o lar, ficou apenas frente a frente o indivíduo-átomo e o Estado-Moloch que o subjuga e o devora. Só a família pode resistir a esse poder totalitário que o próprio Nietzsche denominava um dia "o mais frio dos monstros frios". Ou "regresso à família" ou "Tudo para o Estado", não há outra alternativa. Pio XII afirma-o quando reivindica, nas suas mensagens "o espaço vital da família".

Depois de ter feito este balanço de falência que convida à modéstia os partidários do "amor livre", talvez haja motivo para apresentar como modelo aos nossos contemporâneos um lar onde reinou aquilo que chamam por vezes, com uma pontinha de ironia, a boa moral tradicional antiga.

* * *

Em casa dos nossos protagonistas tudo se dobrava perante a lei divina. Não se procuravam subterfúgios. O crucifixo que presidia à vida comum não era um ornamento de convenção. Recordava em cada compartimento da casa, além da presença do Mestre e da Sua Soberania, a exacta observância do Decálogo e do Evangelho. Nunca o amor ali foi artigo de contrabando ou desafogo dos instintos. Desde o começo dos esponsais reveste-se de um carácter quase religioso culminado pela graça do Sacramento do Matrimónio. A família é um santuário onde Deus reina, uma escola onde as almas se elevam, uma cidadela onde a raça se refugia e em caso de necessidade se intrincheiram com as suas reservas de virtude. Incômodos duros com certeza, mas que grandeza nessas servidões! Não afirmou alguém que os esposos são por vocação "duas mãos postas para uma eterna adoração ou dois pulsos ligados para uma eterna condenação?"

Acontece que essas elevadas perspectivas assustam a maioria

da gente. Disfarçada num pensamento reservado ou brutalmente explícita, a objecção brota insidiosa: "No fundo, os pais de Teresa privaram-se de toda a satisfação terrestre. Foram escravos do dever familiar. As provações caíram-lhes em cima por todas as formas. Podem agora conceder-lhes a glória póstuma; o que é certo é que a vida deles não deixou de ser um calvário. Talvez seja um ambiente para criar heróis e santos mas a massa média da humanidade não é de santos nem de heróis. Saudemos reverentes e passemos adiante".

O argumento é de respeito mas cai pela base. Interrogo a correspondência da Senhora Martin, as confidências do marido, as recordações das filhas. Em tudo e até nas lágrimas encontro o testemunho duma paz, duma alegria interior que revelam a verdadeira felicidade. O trabalho, a doença, a morte repetem os golpes. A alegria vem sempre ao de cima. É ela que predomina sem a menor dúvida. No balanço das contas é sempre ela que tem a última palavra. Encontrámo-nos perante um casal feliz como vulgarmente se diz.

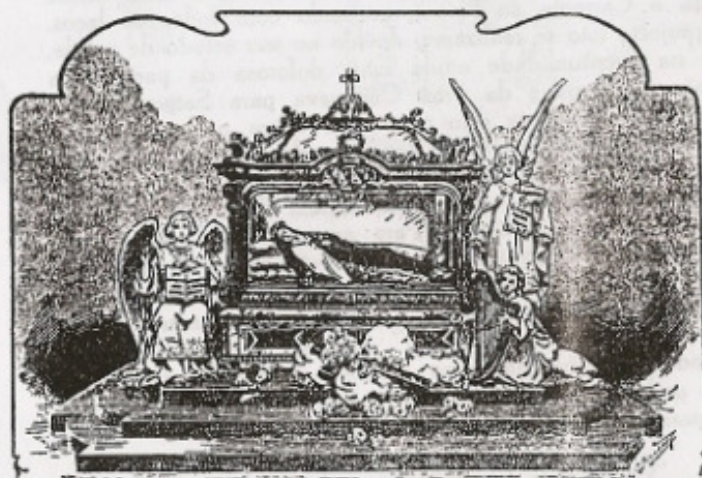
O segredo de tal felicidade? A serenidade da boa consciência, sem dúvida, a quietação da união com Deus, o auxílio todó poderoso da graça. Isto é evidente, mas há também a considerar — e vale a pena analisá-los porque impressionarão mais os espíritos dominados por prevenções — a manifestação do amor humano e as expansões dum lar onde a vida não teve medo de se multiplicar. A temura dos esposos, pelo facto de ser marcada com o selo do dever nem por isso foi menos sensível. A caridade longe de a enfraquecer tomava-a mais profunda e elevava-a a uma essência mais pura. Imunizava-a contra os caprichos e contra as inconstâncias da carne. Iniciava-se na tolerância mútua, na dedicação sem limites. Só o egoísmo é que atenta contra o amor conjugal.

Deus não é cioso deste amor visto que é Ele o seu primeiro autor. Deus só lhe exige que respeite o seu fim. Amar na ordem é expandir-se. Amar na violação do plano do Criador, é falsear a natureza, é rebaixar a dignidade e, passada a embriaguez fugaz, votar os sentidos e o coração ao desregramento, à corrupção e finalmente à impotência.

O mesmo se deve dizer do jugo das responsabilidades familiares que causam horror aos nossos contemporâneos. O Senhor Martin e sua esposa não se furtaram a ele. Foram-lhe ao encontro francamente, alegremente, sem cálculo. Tomaram-no tal qual é, com as suas obrigações inevitáveis e com as suas sublimes compensações. Se suportaram lutos, foi-lhes poupada todavia, devido à educação cristã levada com mãos de Mestre, a mais cruel das provas, a de assistir ao rebaixamento ou à queda de um ente amado. As filhas

vieram a ser para eles orgulho, consolação e apoio. Cada berço derramava neles uma força de renovação e como que um acréscimo de riqueza espiritual. Pode imaginar-se o poder de felicidade de tal contributo, a doçura de se sentirem tão poderosamente envolvidos pela gratidão e pela piedade filiais?

Esse lar foi uma bela realização, concordo, responder-nos-ão. Mas um dia a nau sossobrou. As afeições humanas extinguíram-se junto das grades do mosteiro onde todas as filhas se enterravam. E não disse alguém a respeito dos conventos — é o Padre Petitot



A urna de Santa Teresa de Menina Jesus em Lisieux

que cita este dito — que são um lugar onde as pessoas "se reúnem sem se escolherem, vivem sem se conhecerem, e morrem sem se chorarem?"

Concordamos com os filhos de Voltaire que se atreveram a proferir este dito espirituoso em que a Profissão monástica traz consigo uma real imolação do amor. Não só proíbe a perspectiva do casamento, como estabelece uma barreira pelo menos moral, entre os membros da mesma família. Pensemos na emoção do último beijo que deram neste mundo "a Rainhazinha" e o seu "Rei".

Mas há mais. No convento onde foi encontrar-se com as duas irmãs mais velhas, iria Teresa viver entre elas uma quente intimidade que fosse como que uma reacção ofensiva da sensibilidade recalçada? É ela própria que nos esclarece nesse ponto: "Não foi para viver com minhas irmãs que vim para este Carmelo

Era a alma da família que se concentrava para saborear em silêncio a doçura de pertencer inteiramente a Deus. Vivos e mortos participavam da auréola recente de Teresa. Claridade e sombras, trabalhos, penas e alegrias tudo se fundia numa única perspectiva de reconhecimento e de abandono.

As filhas reunidas cantavam com a glória de Deus o louvor dos pais que as tinham educado na escola da santidade.

Quem quer que houvesse penetrado o segredo daquela cena de intimidade, por mais imbuído que estivesse de modernismo, teria repetido espontaneamente o grito de admiração dos pagãos diante da primitiva Igreja: "Vede como eles se amam!"

É a lição legada ao mundo por aquele lar ideal: a arte suprema de encontrar a felicidade num amor sem egoísmo, todo impregnado da caridade de Cristo.



Santa Teresa, 1882
Paulista das Janelas, Museu de Arte
de Lourenço de 1923.



Santa Teresa do Menino, 1882
Paulista das Janelas, Museu de Arte
de Lourenço de 1923.

ORAÇÃO DA FILHA DE UM SANTO

A SEU BOM PAI, QUE DEUS CHAMOU A SI
A 29 DE JULHO DE 1894

Como remate desta *História duma Família* quisemos dar a palavra àquela que foi a sua mais lídima glória.

Para isso aqui reproduzimos a poesia onde Santa Teresa do Menino Jesus, dirigindo-se a seu pai, passa em revista todas as suas afeições. É a alma do lar que fulge em cada uma destas estrofes a evocarem lembranças tão queridas.

Tua maior ventura sobre a terra
Foi amar-nos... recorda-te, meu Pai!
Das filhas ouve a enternecida prece
E bênçãos sobre nós lançando vai!
Tens ao teu lado a nossa Mãe querida
Há tanto já gozando a eterna vida!
Agora lá dos Céus,
Ambos junto de Deus,
Velai! Velai por nós!

Lembra a vivacidade de Maria,
A tua predilecta na ternura,
Desfolhou como rosa, nos teus dias,
A mãos cheias, o encanto e a ventura.
Por Deus renunciaste aos seus cuidados...
Beijaste a mão por quem foram roubados...
Do teu lindo "diamante",
Sempre mais fulgurante,
Recorda-te, meu Pai!

Recorda a tua "joia preciosa"
Que tímido cordeiro fora outrora...
Hoje guia os rebanhos do Carmelo
Porque a força divina a fez pastora.
Das tuas outras filhas ela é mãe...
Protege-a lá do Céu!... ampara-a bem!
Desse trono tão belo,
Do teu doce Carmelo
Recorda-te, meu Pai!

Relembra a prece ardente e fervorosa
Que a terceira das filhas te custou.
Olhando a terra como triste exílio,
Também ela ao Senhor se consagrou!
Escondida do mundo, em seu mosteiro,
Ama a Jesus, divino Companheiro!
Dos seus vivos anelos,
Seus desejos singelos,
Recorda-te, meu Pai!

Recorda-te, meu Pai, da fiel Celina,
Teu anjo na tristeza e na aflição,
Quando um olhar da Face sacrosanta,
Te trouxe o sofrimento e a provação.
Reinas no Céu... eis findo o seu labor...
Agora a Deus imola todo o amor.
Protege a filha amada
Que repete, ajoelhada:
Recorda-te, meu Pai!

Recorda, Pai, a tua "Rainhazinha".
O amor que da sua alma trasbordava!
Lembra o seu andar, incerto ainda,
Que sempre a mão paterna encaminhava!
Da inocência seu lírio imaculado
Só para Deus, meu Pai, tu hás guardado!
Dos caracóis dotrados
Por ti idolatrados,
Recorda-te, meu Pai!

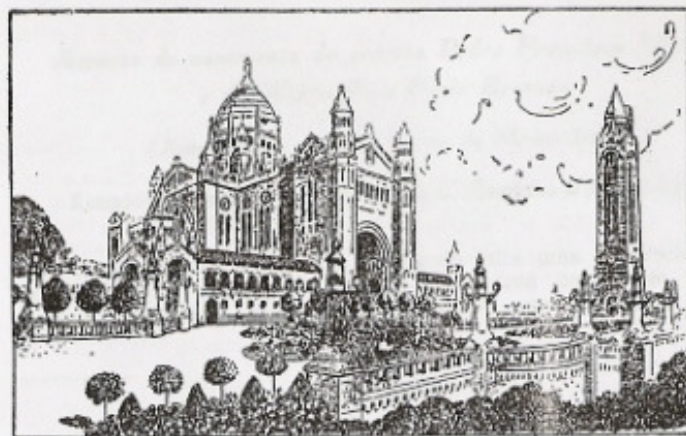
Recorda-te que além, no miradoiro,
Tanta vez no teu colo a acarinhavas
E teus lábios movendo em doce reza,
A cantar docemente a embalavas!
Ao mergulhar o olhar na imensidade,
Via em ti um clarão da divindade!
Cantavas a frescura
Da eterna formosura...
Recorda-te, meu Pai!

Relembra esse Domingo em que a estreitaste
Ao teu nobre e bondoso coração
E colhendo uma flor, lhe permitiste
Ir buscar no Carmelo a perfeição.
Recorda-te, meu Pai, que em toda a dor,
Lhe deste provas de sincero amor!
Em Bayeux, como em Roma,
Do Céu lhe deste o aroma!
Recorda-te, meu Pai!

Recorda-te que a mão do Santo Padre,
No Vaticano, sobre ti pousou.
Não conhecestes então todo o mistério
Do que essa mão na fronte te gravou!
Agora as tuas filhas... mãos erguidas,
Bendizem tuas horas doloridas!
Tens na fronte radiosa,
Na Pátria gloriosa,
Nove lírios em flor!

Agosto de 1894.

(Trad. de M.^o Maria Pinto Soares, R. S. D.)



A basílica de Santa Teresa do Menino Jesus em Lisieux

El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.
 El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.
 El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.
 El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.

El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.
 El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.
 El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.
 El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.

El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.

El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.



El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.

ORACIO DE ALBA DE LOS RIOS

El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.
 El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.
 El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.
 El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.

APÊNDICES

El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.
 El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.
 El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.
 El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.

El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.
 El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.
 El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.
 El mundo es un teatro y el hombre
 un actor en su parte.

Assento de baptismo de Santa Teresa do Menino Jesus

Extraído do registo paroquial de Nossa Senhora de Alençon (1)

No sábado, 4 de Janeiro de 1878 por mim, pároco abaixo assinado, foi baptizada Maria Francisca Teresa, nascida a 2 de Janeiro de legítimo matrimonio de Luís José Aloysio Estanislau Martin, e de Zélia Maria Guérin, ambos desta paróquia (rua de S. Brás, 36). O padrinho foi Paulo Alberto Boul e a madrinha Maria Luisa Martin, irmã da criança que assinaram comigo assim como o pai da menina.

Maria Martin, Paulo Boul, Luís Martin, P. Boul, F. Boul, Paulina Martin, Leônia Martin, Leontina Boul, Luisa Marais (2).

L. DUMAINE,

pároco de Nossa Senhora.

*Assento do casamento do capitão Pedro Francisco Martin
e de Maria Ana Fanie Boureau*

(*Avós paternos de Santa Teresa do Menino Jesus*)

Extraído do registo da paróquia de S. Martinho d'Ainay, Lyon

A sete de Abril de 1818, depois de feita uma só proclamação do casamento, e obtida dispensa das outras duas, sem que se tivesse descoberto qualquer impedimento nem opposição, com o

(1) Copiado do autógrafo do assento original.

(2) A criada que levava a menina.

consentimento respectivo das partes, cumpridas as formalidades civis como se vê do certificado da «Mairie» de Lião na data (1).

Eu, abaixo assinado, dei a bênção nupcial ao Sr. Pedro Francisco Martin, filho legítimo dos defuntos João Martin e Maria Ana Bohard, prop., em Atiús, capitão no activo no 42.º regimento de infantaria ligeira em Lião, esposo, duma parte.

E a menina Maria Francisca (2) Boureau, filha legítima do Sr. Nicolau Boureau e de Maria Ney (3), com os quais mora em Lião, na rua Vaubecourt, esposa, doutra parte. — Em presença do Sr. Conde de Labesse, coronel de Legião do Loire Inferior, do Sr. Averin (4), chefe de batalhão da mesma Legião, do Sr. Mayat, major, mesma Legião, do Sr. Larue, do Sr. Guord, que assinaram comigo, assim como os outros parentes e amigos.

Assinado: BOURGANEL,

pároco.

Está conforme o original.

P. VIGNON,

pároco de Ainay.

III

Assento de casamento de Isidoro Guérin e de Luisa Macé

(Avós maternos da Santa)

Extraído do registo da paróquia de Pré-en-Pail (Mayenne)

No ano de mil oito centos e vinte oito, no sexto dia de Setembro depois da publicação dos banhos do futuro casamento entre Isidoro Guérin, polícia, filho maior e legítimo de Pedro Guérin, defunto, e de Margarida Isabel Dupont, da paróquia de S. Dinis, da diocese de Séez, duma parte, e Luisa Joana Massé (5), filha maior e legítima de Luís Massé (5), defunto, e de Maria Lemarchand, desta paróquia, duma parte, feita a homilia da Missa paroquial e a homilia da Missa paroquial de S. Dinis, por três domingos seguidos sem que me tenha constado de algum impe-

(1) De 4 de Abril de 1818 (a data foi deixada em branco no original mas vem no assento do registo civil).

(2) Ler Fanie em lugar de Francisca.

(3) Ler Nay.

(4) Havendo no registo paroquial vários nomes próprios ilegíveis recomemos ao assento do registo civil.

(5) A ortografia do nome é Macé.

dimento ou opposição, eu sacerdote, pároco desta freguesia, abaixo assinado, recebi nesta Igreja o mútuo consentimento das subscritas partes e dei-lhes a bênção nupcial com as cerimónias prescritas pela Santa Igreja. Presentes e testemunhas Teodoro Guérin, irmão do esposo, Jacques Chénevière, cunhado do esposo; Isidoro Besnard-St-Marc, primo do esposo; Luís Massé (1), irmão da esposa; José Victor Besnard, amigos dos esposos, e vários outros.

Assinado: AOURY,

pároco.

Está conforme o original — 10 de Junho de 1926.

M. J. MENU,

Cura-deão de Pré-en-Pail.

IV

Assento de baptismo de Luis Martin

(Pai de Santa Teresa do Menino Jesus)

Extraído dos registos de baptismo da paróquia de Santa Eulália de Bordeaux

No ano de mil oito centos e vinte e três de Outubro foi baptizado por mim, sacerdote, abaixo assinado, Luis José Aloysio Stanislaw Martin nascido a vinte e três de Agosto último, filho legítimo do Senhor Pedro Francisco Martin, capitão do regimento de infantaria ligeira n.º 19, e da Senhora Maria Ana Fanny (2) Boureau, sua esposa que mora na rua Servandoni, n.º 3. Teve por padrinho Léonce de Lamothe, e por madrinha Ernestina Beyssac, que assinaram comigo.

J. ANT. MARTEGOUTE, sacerdote de licentia parochi.

Léonce de LAMOTHE

Ernestina BEYSSAC, Jules GUIBRE.

Fanie MARTIN, de nascimento BOUREAU.

Está conforme o original.

JAURE, pároco de Santa Eulália.

Segue a confirmação de Mons. d'Avian.

(1) A ortografia do nome é Macé.

(2) Ler Fanie.

V

*Assento de baptismo de Zélia Maria Guérin**(Mãe de Santa Teresa do Menino Jesus)*Extraído do registo de baptismo da paróquia
de Saint-Denis-sur-Sarthon

Hoje, aos vinte e quatro de Dezembro do ano de mil e oito centos e trinta e um foi por mim abaixo assinado baptizada Azélia (1) Maria, nascida ontem em e de legítimo matrimónio, de Isidoro Guérin, polícia e de Luisa Massey (2); o padrinho, Francisco Miguel Septier, brigadeiro da polícia; a madrinha Maria Berrier, prima da criança, que assinaram comigo assim como o pai presente.

Assinado: F. HUBERT, vigário.
MARIE BERRIER, SEPTIER GUÉRIN.

Está conforme o original.

St Denis-sur-Sarthon, dois de Julho de mil novecentos e quinze.

P. OERMAIN-BEAUPRÉ,
pároco de St-Denis.

VI

*Assento de casamento de Luis Martin e Zélia Guérin**(Pais de Santa Teresa do Menino Jesus)*

Extraído do registo da paróquia de Nossa Senhora de Alençon

Terça feira, a treze de Julho de mil e oito centos e cinquenta e oito, depois da publicação feita à homilia da Igreja de Nossa Senhora e da de Montsort, dos banhos do futuro casamento entre Luis Martin, relojoeiro, residente em Alençon, paróquia de Montsort, filho maior de Pedro Francisco Martin, capitão reformado, cavaleiro de S. Luís, e de Maria Ana Fanny (3) Boureau.

E Zélia Maria Guérin, fabricante de Ponto de Alençon, residente nesta paróquia de Nossa Senhora, filha maior de Isidoro Guérin e de Luisa Joanna Macé.

Sem que se tivesse encontrado impedimento nem opposição, —

(1) Chamavam-na correntemente Zélia.

(2) Ler Macé.

(3) Ler Fanny.

obtida a dispensa dos dois restantes banhos — cumpridas as formalidades civis, depois da cerimónia dos esponsais, eu, pároco — deão de S. Leonardo, com delegação do Sr. pároco Jamot, pároco — arcepreste de Nossa Senhora, recebi o seu mútuo consentimento de matrimónio e dei-lhes a bênção nupcial (1), em presença dos parentes e amigos que assinaram comigo.

Luis Martin, Azélia (2) Guérin, F. Martin, Guérin, F. F. Martin, Luisa Guérin, A. Leriche, Lefort, Tessier, I. Guérin.

F. HUREL,
pároco-deão de S. Leão.

Está conforme o original, 17 de Julho de 1922.

A. BOCAGE,
pároco-arcepreste de Nossa Senhora.

VII

*Folha de serviços do capitão Martin**(Avô de Santa Teresa do Menino Jesus)*

Entrou para o serviço militar no 65.º regimento de Infantaria de linha (em 1814 tornou-se o 61.º), a 26 de Agosto de 1799; cabo, a 22 de Dezembro de 1800; sargento, a 7 de Março de 1804; alferes, a 14 de Abril de 1813; tenente, a 25 de Outubro de 1813; Capitão (provisório), a 27 de Junho de 1815; confirmado a 21 de Agosto de 1816, mas incluído no posto de capitão a partir do 1.º de Janeiro precedente.

Passa em 1816 para a Legião departamental do Loire Inferior; em 1821 para o 19.º regimento de Infantaria Ligeira e encontra-se em 1828 no estado-maior das praças em Estrasburgo, onde se reforma a 12 de Dezembro de 1830.

Campanhas	1799-1801	Exército do Reno;
	1803	Belle-Ile en Mer;
	1804-1805	Sous-Brest;
	1806	Exército do Norte;
	1807	Prússia e Polónia;
	1814	Exército do Norte e Campanha de França;
	1815	Exército real de Morbihan;
	1823-1824	Espanha.

Condecorado com a Ordem real e militar de S. Luís a 20 de Agosto de 1824.

(1) O casamento foi celebrado à meia-noite em Alençon sem nenhum aparato. Assistiam só os membros da família que residiam em Alençon, assim como as testemunhas. O matrimónio civil fez-se na véspera, a 12 de Julho.

(2) A Senhora Martin usa aqui, por excepção, do seu nome de Azélia que figura nas actas oficiais. Todas as suas cartas são assinadas com o nome de Zélia.

VIII

Carta-diploma de Cavaleiro da Ordem Real e Militar de S. Luís
Em favor do Senhor MARTIN, Pedro Francisco, Capitão

Carlos, pela graça de Deus, Rei de França e de Navarra, Chefe Supremo, Grão Mestre e Fundador da Ordem real e militar de S. Luís, a todos aqueles que as presentes cartas lerem, muito saudar.

Tendo todo o gosto em dar ao Senhor Martin, Pedro Francisco, Capitão no 19.º Regimento de Infantaria Ligeira, provas de distinção, em consideração dos serviços que nos prestou, julgamos que o não podíamos fazer duma forma que lhe fosse mais honrosa do que admitindo-o no número dos Cavaleiros da Ordem real e militar de S. Luís, instituída pelo edito do mês de Abril de 1693, estando bem informado que ele professa a religião católica, apostólica e romana.

Por estes motivos fazemos, constituímos, ordenamos e estabelecemos pelas presentes letras assinadas por nossa mão, o Sr. Martin, Cavaleiro da dita Ordem de S. Luís para por meio dela gozar do dito título de Cavaleiro, com as honras e prerogativas a isso ligadas, com faculdade de ocupar o seu lugar entre os outros Cavaleiros da dita Ordem, a datar do vigésimo dia do mês de Agosto do ano da graça mil e oito centos e vinte e quatro.

O dito Senhor Martin tendo sido feito e recebido Cavaleiro da dita Ordem, em virtude do poder que delegamos no Senhor de la Boutelière, Coronel, é autorizado a levar sobre o peito uma cruz de ouro esmaltada, suspensa por uma fitazinha cor de fogo e sobre a qual haverá a imagem de S. Luís, com a condição de observar os estatutos da dita Ordem, sem os encontrar nem directa nem indirectamente e de vir à nossa Corte todas e quantas vezes lho ordenarmos para nosso serviço e para o bem e utilidade da dita Ordem. Outrossim ordenamos a vós, Grã-Cruzes, Comendadores e Cavaleiros da dita Ordem real e militar de S. Luís que façais reconhecer o Sr. Martin, Cavaleiro da dita Ordem por todos aqueles a quem pertencer.

Para testemunho do qual, assinámos da nossa mão as presentes que mandamos assinar a seguir pelo nosso Ministro Secretário de Estado no departamento da Guerra.

Dado em Paris, no décimo dia do mês de Fevereiro, no ano da graça mil e oito centos e vinte e cinco.

CARLOS.

Pelo Rei, Chefe Supremo, Grão-Mestre e Fundador da Ordem real e militar de S. Luís.

Marquês de CLERMONT-TONNERRE.

IX

Folha de serviços do Capitão Boureau
(Bisavô da Santa)

Notas sobre a sua família

O avô do Senhor Martin, João Nicolau Boureau, foi também um valente soldado. Aos 17 anos, em 1791, entra como sargento para o Exército do Norte; aí é promovido a alferes no ano seguinte. Aos 20 anos, é capitão e serve no exército da Costa de Brest. Demissionário em 1796, por motivo de saúde, retoma o serviço em 1812 no Exército de Napoleão. Prisioneiro dos Prussianos, na Silésia, a 19 de Agosto de 1813, vê morrer a 21 de Setembro do mesmo ano seu filho João Prosper, de idade só de doze anos e meio e prisioneiro como ele. Em 1816-1817, está em Lião ao serviço do Rei, ao mesmo tempo que o Capitão Martin. Reformado em Novembro de 1817 volta para o seu lar.

Por duas vezes, no decurso da sua vida militar, é vítima de acusações odiosas que o obrigam a reformar-se, mas que são refutadas, no processo, pelos testemunhos civis e militares mais honrosos.

Entre as muito numerosas testemunhas laudatórias, encontramos com o Marquês de Averin, par de França, o Senhor Degrandmaison (de Grandmaison), Capelão do Exército católico e real da Vendéia. Do seu lado, o pároco de Ainay, sua paróquia, em Lião testifica que «o Senhor Nicolau João Boureau, capitão, domiciliado nesta paróquia, na rua Vaubecourt, n.º 4, com sua esposa e duas filhas, teve um proceder ditado pelos princípios de honra, de sabedoria e de religião, e que esta família respeitável mereceu a estima e a admiração dos habitantes desta cidade, pelas suas virtudes». — Sua filha mais velha, Sofia, casou com o coronel do Estado Maior, de Lacauve (1), que foi governador de Pampelona e de S. Sebastião em 1823-1824. Sua segunda filha, Fannie, casou com o capitão Martin. O seu neto, Carlos Henrique de Lacauve, oficial da Legião de Honra, serviu também a França. Morreu em Versalhes, comandante de batalhão reformado a 20 de Maio de 1880.

(1) Cavaleiro das ordens de S. Luís e de S. Fernando de Espanha.



Extracto da alocução proferida pelo Senhor Cônego Ducellier, arcebispo de Tréviers (Calvados), na tomada de hábito de Sôror Geneveva da Santa Face, a 5 de Fevereiro de 1895

«Minha querida Irmã. No momento em que ides transpor os umbrais do Claustro, permiti que diga uma palavra sobre a vossa vocação. Essa palavra devo-a, segundo creio, à memória desse venerável Patriarca, que era o vosso querido Pai, cuja lembrança não poderia estar ausente desta solenidade. Essa palavra devo-a à edificação destes piedosos fiéis e à edificação de nós todos. Os caracteres desinteressados a ponto de se desprenderem do que mais apreciam e estimam, quando isso lhes é exigido por Deus, são tão raros que faz realmente bem falar deles quando os encontramos.

«Ainda há pouco o dizia—desde há muito tempo estava decidido entre vós e Deus que viríeis collocar-vos na fileira das Virgens esposas de Cristo. Há sete anos falastes nisto pela primeira vez àquele a quem amáveis, como ele merecia, com todo o vosso amor filial. Tratava-se duma viagem a Paris para vos aperfeiçoardes na arte da pintura. Mais desejoso ainda de vos aperfeiçoardes em reproduzir na vossa alma a imagem do modelo de toda a perfeição, do divino Salvador, Jesus, julgastes favorável a ocasião para manifestardes os vossos projectos do futuro. Sabíeis com certeza que o venerando Pai a quem fíeis fazer as confidências era digno de as receber, pela singular elevação dos seus sentimentos, pelo poder e viveza da sua fé. E de facto, apenas acabastes de falar—e que linguagem inesperada para ele!—tomou-vos nos braços e unindo-vos ao seu coração exclamou: «Quem sou eu para que Deus me cumule de tanta honra! Sou realmente um pai muito feliz». E convidou-vos logo a ir prostrar-vos com ele diante do Sacrário: «Vamos juntos agradecer à bondade de Deus tantos benefícios singulares que tem feito à nossa família». — Que acções de graças! O Sagrado Coração de Jesus deve ter estremecido de alegria, os Anjos do Santuário devem-se ter extasiado de admiração à vista desse Pai que, esquecido absolutamente de si mesmo, vinha com uma tão perfeita generosidade oferecer o que lhe restava de mais precioso no mundo, à vista desse Pai cuja fé pela sua espontaneidade e valentia recordava a fé dos Antigos Patriarcas.

«Era assim que essa alma, verdadeiramente iluminada, compreendia o grande negócio da vocação: «Deus, na sua bondade, faz-me a honra de me pedir todas as minhas filhas; dou-lhas com toda a alegria. E se possuísse algo mais precioso apressar-me-las a oferecer-lhas.

«Pois bem, se ele não tinha nada mais precioso nem nada, com certeza, mais amado, tinha no entanto algo mais íntimo: Ele mesmo. Dera tudo, nada mais podia oferecer senão a si mesmo: e assim fez: Deus, bondoso, dizia vosso Pai um dia a uma das

vossas irmãs com aquela simplicidade característica das almas elevadas, Deus, bondoso, inunda-me de demasiadas consolações. Isto é demais cá para este mundo. E por isso perguntei a Nosso Senhor quando é que ele deixaria de me cumular com tantos favores. Porque não se pode ir para o Céu, assim; não se pode ir para o Céu sem sofrer, e ofereci-me...»

«Quem não reconhecerá no tom destas palavras a linguagem das grandes vítimas do Amor Divino? — «Ofereci-me» — Ah! quando esta linguagem sai da boca de almas nobres, Deus às vezes, meus irmãos, pega-lhes pela palavra e, para glória eterna delas e para salvação do mundo também, ouve-as duma forma que desconcerta o pensar, sempre bem limitado, da sabedoria humana, mas que será um dia a admiração e a alegria dos eleitos; leva-as a essas almas pela via dolorosa, como levou a seu divino Filho para o Calvário, para aí as esmagar, como se esmagam as uvas no lagar, com provas incriveis.

«Minha querida Irmã, vosso venerando Pai, oferecera-se em sacrificio e Deus julgou a vítima digna de Si. — «O sofrimento recebido com a serenidade e heroísmo do cristão, que se entrega a Deus para tudo e antecipadamente tudo recebe da sua mão paternal, o sofrimento veio inexorável, coroar com o seu diadema os seus nobres cabelos brancos.

Mas, então, vós compreendestes onde era o vosso lugar, no posto da dedicação. Ai vos mantivestes anos inteiros, dia e noite, até ao último suspiro, até ao túmulo.

E foi assim que o Senhor, acabando de engrandecer diante d'Ele e dos seus Anjos esse Pai que vós rodeastes de todos os cuidados da mais terna piedade filial, vos acabava de preparar também a vós para a vida de dedicação e de sacrificio das filhas de Santa Teresa.



ÍNDICE

	Págs.
Carta-prefácio de S. Ex. ^a Rev. ^{ma} , D. Francisco Picaud, bispo de Bayeux e Lisieux	7
Introdução	11

CAPÍTULO I

ORIGENS E PRIMEIROS PASSOS	17
--------------------------------------	----

Alençon.
Os antepassados paternos.
Juventude de Luís Martin.
Os antepassados maternos.
Juventude de Zélia Guérin.

CAPÍTULO II

A BUSCA DO IDEAL	31
----------------------------	----

Luís Martin no grande S. Bernardo.
O Relojoeiro da rua da Ponte Nova.
Zélia Guérin rendilheira.
O encontro providencial.

CAPÍTULO III

A VOCAÇÃO PARA A VIDA DE FAMÍLIA	47
--	----

Prelúdio virginal.
Primeiros nascimentos.
Maria, Paulina, Leônia, Helena.
A Senhora Martin e a sua correspondência.
A amizade fraternal ao Senhor Guérin.

CAPÍTULO IV

NOBREZA E SERVIDÃO DA FAMÍLIA	65
---	----

O labor profissional.
Primeiros sintomas da doença da Senhora Martin.
Nascimento e morte de José Maria Luís e de José Maria João Baptista.
Doença e morte do pai de Zélia, o Senhor Guérin.
Doença da Visitandina.
Nascimento da Celina.
Morte da Helena.

CAPÍTULO V

A CASA SOB O TEMPORAL.	Págs. 87
--------------------------------	----------

Nascimento e morte de Maria Melânia Teresa.
Alençon durante a guerra de 1870.
Ameaças de crise social.
Coragem de uma mãe.

CAPÍTULO VI

A FLORINHA DO LAR	107
-----------------------------	-----

Instalação na rua de S. Brás.
A espera da Teresinha.
Nascimento e doença da Teresinha.
Doença da Maria.
Primeiro despertar da Teresinha.

CAPÍTULO VII

A ALMA DO LAR	125
-------------------------	-----

Em que sentido a família Martin se podia dizer burguesa?
A espiritualidade do lar.
O espírito de mortificação.
A piedade colectiva.
O espírito de apostolado.
O espírito de caridade.
As criadas.
As distrações em família.
A intimidade em família.

CAPÍTULO VIII

O LAR ESCOLA DE EDUCAÇÃO	159
------------------------------------	-----

Princípios e métodos de educação.
Formação da Maria e da Paulina.
Leônia ou as cruzes da educação.
Celina, uma alma aberta.

CAPÍTULO IX

A PRIMEIRA FORMAÇÃO DE UMA SANTA	177
--	-----

O testemunho da Mãe.
A fisionomia moral de Teresa.
A educação da generosidade.
A precosa virtude de Teresa.
Legítimo orgulho dos pais.

CAPÍTULO X

O CALVÁRIO DA MÃE	Págs. 193
-----------------------------	-----------

A ascensão de uma alma.
O terrível assalto da doença.
A morte da Visitandina.
A reeducação da Leônia.
A peregrinação a Lourdes.
Os derradeiros dias.
A morte.
Elogios fúnebres da Senhora Martin.

CAPÍTULO XI

A INTIMIDADE DOS BUISSONNETS	223
--	-----

A instalação nos Buissonnets.
Lisieux.
A organização do lar.
A educação das filhas.
As distrações em família.
A vida espiritual do Sr. Martin no Belvedere.

CAPÍTULO XII

A RAINHAZINHA E O SEU REI	249
-------------------------------------	-----

Um dia de Teresa.
Teresa no Colégio da Abadia.
A primeira comunhão.
Viagem do Sr. Martin aos Balcãs.
A «conversão» de Teresa.
O seu verdadeiro carácter.
A união dos corações nos Buissonnets.

CAPÍTULO XIII

A OFERTA DAS FILHAS.	279
------------------------------	-----

A alma religiosa dos pais.
Paulina e Maria no Carmelo.
Vocação de Teresa.
A peregrinação a Roma.
A audiência pontifícia.
A entrada de Teresa no Carmelo.
A vocação de Celina.

CAPÍTULO XIV

O SACRIFICIO DO PAI	Pags. 315
-------------------------------	--------------

A visão profética.
A oblação do chefe.
A grande provação.
A tomada de hábito de Teresa.
O Senhor Martin no «Bom Salvador».
O querido sofrimento.
A «descoberta» da sagrada Face.
Profissão e tomada de véu de Teresa.
O Regresso do Sr. Martin a Lisleux.
A sua morte em Musse.
Testemunhos a respeito do extinto.

CAPÍTULO XV

A GLORIFICAÇÃO DE UM LAR ABENÇOADO	351
--	-----

O destino da família.
A herança espiritual conferida a Teresa.
A solidariedade familiar na busca de Deus.
No apostolado.
No sacrifício.
A comunhão na glória.

CONCLUSÃO	371
---------------------	-----

As necessidades actuais da família moderna.
Auxílio que lhe vem prestar o casal Martin.

ORAÇÃO DA FILHA DE UM SANTO	379
---------------------------------------	-----

APÊNDICES	383
---------------------	-----

ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTA OBRA
NAS OFICINAS GRÁFICAS DA
SOCIEDADE DE PAPELARIA, Lda. - PORTO
AOS 25 DE MARÇO DE 1950